

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MÁRCIA CRISTINA PACITO FONSECA ALMEIDA

*Imagens em missão: colonialismo, visualidade e prática missionária
em Uganda (1870–1920)*

Versão corrigida

São Paulo

2024



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Anuência do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Márcia Cristina Pacito Fonseca Almeida

Data da defesa: 24/11/2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): Solange Ferraz de Lima

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 23/02/2024

PROFA. DRA. SOLANGE FERRAZ DE LIMA



MÁRCIA CRISTINA PACITO FONSECA ALMEIDA

*Imagens em missão: colonialismo, visualidade e prática missionária
em Uganda (1870–1920)*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Solange Ferraz de Lima

Versão corrigida

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A447i Almeida, Márcia Cristina Pacito Fonseca
Imagens em missão: colonialismo, visualidade e
prática missionária em Uganda (1870-1920) / Márcia
Cristina Pacito Fonseca Almeida; orientadora Solange
Ferraz de Lima - São Paulo, 2024.
370 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Social.

1. Cultura visual. 2. História da África. 3.
Colonialismo. 4. Missões religiosas. 5. Uganda. I.
Lima, Solange Ferraz de , orient. II. Título.

Nome: ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca.

Título: Imagens em missão: colonialismo, visualidade e prática missionária em Uganda (1870–1920)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para a obtenção do título de Doutora em História.

Aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

*Para meu avô Nico (in memoriam) e minha
avó Ivete (in memoriam).*

AGRADECIMENTOS

Do cerrado ao litoral, o percurso de elaboração desta pesquisa navegou por muitas águas. A escrita desta tese atravessou a pandemia, a ascensão de um (des)governo de extrema direita e a vitória da democracia sob o fascismo. Dentro do labirinto dos afetos, entre lutos e lutas, elaborar este trabalho também me permitiu reconciliar memórias, ressignificar presenças e ausências. Em muitos momentos, escrever foi a bússola que apontava para um senso de compromisso de que algo necessitava ser concluído. Foi necessário reaprender a pesquisar, gerenciar tempos, deslocamentos e distâncias. Ao longo dos anos em que cursei o doutorado, contei com o apoio de instituições e com a ajuda de muitas pessoas e seres queridos, aos quais agradeço imensamente.

À querida Solange Lima, minha orientadora, agradeço pelo acompanhamento durante todo o doutorado e pelo interesse em orientar uma pesquisa cujo recorte geográfico não era habitual dentro das pesquisas que havia orientado até então. Mesmo assim, sua reação ao ouvir a proposta inicial do tema de pesquisa foi: “Então, *vamos* para Uganda”. Além da orientação acadêmica, sempre rica e generosa, agradeço pela parceria e pelas reflexões que guardarei comigo sobre a importância de conciliar pesquisa e atuação no serviço público.

Agradeço aos professores Sílvio Corrêa e Leila Hernandez pelas contribuições feitas durante meu exame de qualificação. À querida professora Leila, por quem nutro profunda admiração por sua trajetória intelectual, agradeço não só pelas valiosas leituras e sugestões durante diferentes fases do desenvolvimento desta tese, mas por todo seu carinho e palavras de incentivo em momentos desafiadores que acompanharam a elaboração deste trabalho.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de pesquisa (Processo 17/04421-1), entre 2017 e 2019. Além dos recursos que permitiram o andamento do doutorado no país, a bolsa possibilitou viajar para a Inglaterra para visitar bibliotecas, arquivos e museus em Londres, Birmingham e Cambridge, atividades indispensáveis para a construção do percurso trilhado por este trabalho.

Agradeço à equipe de funcionários e arquivistas da British Library, Cadbury Research Library e Cambridge University Library pelo auxílio no acesso aos fundos documentais mobilizados por esta pesquisa, pela autorização e disponibilização de muitos documentos digitalizados em alta resolução que integram os capítulos. Faço um agradecimento especial à Ivana Frlan, arquivista da Cadbury Research Library que, além de ajudar na busca pelos documentos que eu havia previamente delimitado para consultar durante meu período de pesquisa em Birmingham, me apresentou o precioso material de Annie Allen. Também

agradeço a Ken Osborne (Church Mission Archives) por conceder a autorização de uso das imagens pertencentes ao arquivo da Church Missionary Society reproduzidas nesta tese.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa “A itinerância de atores e saberes e as resistências e estratégias políticas na África (séculos XIX-XX)”, coordenado por Leila Hernández e pelo querido Alexandre Marcussi: Angela Fileno, Amanda Carneiro, Caio Souza, Helena Moreno, Josilene Campos, Juliana Bevilacqua, Rosana Gonçalves, Rafael Cruz e Taciana Resende. Obrigada pelas ricas interlocuções.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Cultura Visual do Museu Paulista (USP), Bruno Roma, Eric Lemos, Giovanna Fontanelle, Letícia Fernandes, Lucas Neiva, Murilo Pires, agradeço pelos diálogos e contribuições.

Agradeço ao Valdir dos Santos pelas leituras e pelo estímulo na fase inicial da pesquisa.

Agradeço aos alunos e alunas do ensino fundamental II do Colégio Objetivo (Suzano), e aos alunos e alunas do curso de Pedagogia da Faculdade Piaget (Suzano) com quem tive a oportunidade de aprender a ser docente entre 2016 e 2019. Agradeço também à professora Sílvia Silva pela convivência durante o tempo em que atuei como professora no ensino superior.

Agradeço ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), do qual sou servidora desde 2019, pela concessão do período de licença na fase final de conclusão do doutorado. Aos colegas do Departamento de Articulação, Fomento e Educação (DAFE) da sede do Iphan que, desde o início de 2023, se reconfigurou como “departamenta”, agradeço pela convivência e pelos aprendizados diários. Agradeço especialmente à Desirée Tozi por autorizar a minha licença e aos bravos colegas da equipe de Educação Patrimonial pela parceria.

Ana Paula Gonçalves (Paulinha), Bruna Machado, Ethel Leon, Fernanda Pavanello, Flávio Martins, Geisi Dionísio, Giulia Barão, Luís Infante, Milene Santos, Mirian Patzlaff, Natália Leon e Simone Otsuka integram a lista de pessoas que, de diferentes maneiras (mais de perto ou, às vezes, mais de longe), teceram uma potente rede de apoio durante o tempo de escrita deste trabalho. Obrigada.

Aos amigos de focinho e quatro patas, Costelinha (que partiu em 2022), Fininho, Fifinha e Gertrudes, agradeço pela companhia que aqueceu meu coração e tornou mais leve as longas horas de estudo e de escrita.

Aos parceiros de História da África e da Diáspora, Cris Wissenbach, David Ribeiro, Rafael Galante, Thiago Araújo e Yaracê Morena, agradeço pelas trocas intelectuais e pelo compartilhamento de bons momentos.

À querida Lia Laranjeira que, desde o mestrado, sempre se demonstrou aberta e disponível ao diálogo, agradeço pelas conversas e pelas trocas sempre generosas.

Com a amiga Bruna Santiago, que está do outro lado do Atlântico, troquei longos áudios sobre a vida e os desafios do doutorado. A ela, agradeço pelo acolhimento e pela leitura de alguns dos capítulos desta tese.

À querida amiga Iamara Almeida, agradeço pelas conversas inspiradoras, pelas trocas de bibliografia e por me incentivar a “insistir e persistir”.

À Marília Amaral, colega de trabalho que se tornou amiga, parceira de ideias e de resistência durante tempos áridos no trabalho, agradeço, além do apoio, pela leitura e apontamentos sobre alguns dos capítulos desta tese.

Ao Rodolpho Gomes, amigo querido de longa data, agradeço pelo incentivo e pela torcida para que as coisas corresse bem.

À Nathalia Silveira, amiga-irmã desde 2003 e uma das pessoas mais especiais em minha vida, agradeço por toda a escuta, carinho e afeto. Nathy acompanhou diferentes momentos de elaboração desta tese, emprestou, com paciência e empatia, seu ombro e seu ouvido, ainda que à distância. Seu incentivo e apoio emocional foram muito importantes para que esta tese se concretizasse.

Ao Fábio Benites, meu companheiro, agradeço pela leitura, revisão, apontamentos técnicos musicais, auxílio na tradução dos trechos documentais em inglês e ajuda com a formatação das imagens que compõem este trabalho. Agradeço também pela escuta e pelo acolhimento. Obrigada pelos contrapontos, por trazer sopros de leveza ao nosso cotidiano e por me ensinar, com amor, humor e sensibilidade, que a música da vida não se encerra em uma única caixinha e pode tocar em diferentes compassos.

À minha tia Danda, minha avó Ivete (que partiu dias antes da conclusão deste trabalho) e meu avô Nico (*in memoriam*) agradeço por todo apoio, torcida, bons sentimentos, orações e compreensão durante meus períodos de ausência.

À minha mãe, Roseli, e à minha irmã, Ana, que são meu esteio, agradeço por me compreenderem e apoiarem as minhas escolhas. Em muitos momentos, foi o suporte amoroso e a confiança transmitida por vocês que me fizeram seguir em frente e conseguir concluir este trabalho. Muito obrigada por tudo.

Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Guimarães Rosa

RESUMO

ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. **Imagens em missão: colonialismo, visualidade e prática missionária em Uganda (1870–1920)**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta tese tem como principal objetivo analisar os processos envolvidos na construção da visualidade produzida a partir das interações sociais estabelecidas entre missionários britânicos anglicanos e as populações que habitavam o território de Uganda, interior da África Oriental, entre o final do século XIX e o início do XX. Para tanto, selecionamos um conjunto documental diversificado, composto por relatos de viajantes, narrativas missionárias, álbuns e periódicos ilustrados relacionados às ações empreendidas pela Church Missionary Society (CMS) na região dos Grandes Lagos africanos, entre as décadas de 1870 e 1920. Por meio do contato com tais fontes — ainda pouco exploradas sob a perspectiva da visualidade e da imagem enquanto produto e produtora de dinâmicas sociais — pretendemos compreender os múltiplos papéis que os registros visuais — fotografias, gravuras, desenhos, aquarelas e ilustrações — desempenharam na conformação de práticas, discursos e projeções europeias sobre o continente africano. Adotando como fios condutores tais pressupostos, também almejamos discutir como a produção dessa visualidade gerada no contexto de implantação do colonialismo britânico na África Oriental se deu a partir de diferentes agenciamentos sociais, transitou por variados circuitos e foi reapropriada em diferentes campos do conhecimento.

Palavras-chave: Uganda; Interações euro-africanas; Colonialismo Britânico; Church Missionary Society; Visualidade.

ABSTRACT

ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. **Images in mission: colonialism, visibility and missionary practice in Uganda (1870–1920)**. Doctoral Thesis - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This thesis' main objective is to analyze the construction of visual documents from the social interactions established between British Anglican missionaries and the populations that inhabited the territory of Uganda, in the interior of East Africa, between the years of 1870 and 1920. We selected a diverse set of documents, such as travelers' reports, missionary stories, picture and watercolor albums, and illustrated periodical articles related to the actions undertaken by the Church Missionary Society (CMS) in the African Great Lakes region. With these sources in hand — which have been little explored at the visual and image perspective, as a product and producer of social dynamics — we intend to understand the multiple roles that visual records — photographs, engravings, drawings, watercolors, and illustrations — played in shaping practices, European speeches, and projections on the African continent. Adopting these assumptions to guide our research, we also aim to discuss how the production of this visual material in the context of the implementation of British colonialism in East Africa took place from different social agencies, passed through different circuits, and was reappropriated in different fields of knowledge.

Keywords: Uganda; Euro-African interactions; British Colonialism; Church Missionary Society; Visibility.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	16
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	21
NOTAS ORTOGRÁFICA E DE TRADUÇÃO	22
MAPAS.....	25
INTRODUÇÃO	29
Fontes documentais	41
Referenciais teórico-metodológicos	48
Estrutura da tese	58
CAPÍTULO 1 - DA LITERATURA DE VIAGEM À EXPOSIÇÃO DE ARTE: ITINERÂNCIAS E REAPROPRIAÇÕES DAS IMAGENS DE MUTESA I.....	61
1.1. Visualizando o corpo do <i>kabaka</i> : a expedição de Speke e Grant e os primeiros registros visuais sobre Buganda	64
1.2. O retrato fotográfico do <i>kabaka</i> como aliança política?	80
1.3. Interrogar o passado e ressignificar os registros visuais coloniais: apropriações artísticas contemporâneas a partir do retrato de Mutesa I	89
CAPÍTULO 2 - OBSERVAR, DESENHAR E NARRAR: OS REGISTROS VISUAIS DOS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS DA CMS NO PERCURSO PARA UGANDA.....	95
2.1. De avanços, recuos e negociações: a incursão da “Victoria Nyanza Mission” ao território dos Grandes Lagos africanos.....	97
2.2. Inimigos ou aliados dos “mensageiros da paz”? Ambivalências nos usos das imagens e equipamentos ópticos nas instruções da CMS.....	101
2.3. Apropriar-se do território e demarcar a paisagem: as representações visuais de acampamentos, túmulos e bandeiras.....	107

CAPÍTULO 3 - A LITERATURA INFANTOJUVENIL MISSIONÁRIA E A CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: AS BIOGRAFIAS DE ALEXANDER MACKAY.....	130
3.1. Em busca de uma “ficção agradável e fácil”: a imagem do missionário e suas transformações na produção literária britânica.....	133
3.2. A visualidade das expedições nas gravuras publicadas em <i>The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister</i>	140
3.3. O missionário como herói: as representações de Mackay por Constance Padwick e Ernest Prater	158
CAPÍTULO 4 - O ARTISTA E O APÓSTOLO: IMBRICAÇÕES ENTRE O FAZER ARTÍSTICO E A PRÁTICA MISSIONÁRIA NOS TRABALHOS DE ALFRED TUCKER.....	179
4.1. Os “habilidosos trabalhos em pincel e lápis do Bispo Tucker” e sua circulação em periódicos e obras ilustradas.....	186
4.2. O pitoresco nas paisagens de <i>Eighteen Years in Uganda and East Africa</i>	195
4.3. Visões sobre arquitetura “nativa” e a formação do clero local	213
CAPÍTULO 5 - “AS IMAGENS CONTINUAM FAZENDO O SEU TRABALHO”: AS CARTAS E AS AQUARELAS DE ANNIE ALLEN.....	226
5.1. Dos registros feitos em trânsito às aquarelas reproduzidas no <i>The Gleaner</i>	235
5.2. Entrelaçando suportes e narrativas: o álbum e as cartas de Annie Allen	245
5.3. Entre lanças, leques e hospitais: recriando visualidades em torno de espaços públicos e privados	257
CAPÍTULO 6 - A ITINERÂNCIA DE REPERTÓRIOS FOTOGRÁFICOS NAS OBRAS DE CHARLES HATTERSLEY E JOHN ROSCOE	273
6.1. Fragmentos de um “ecossistema visual”: fotografias, álbuns e cartões-postais de um protetorado britânico no leste da África	282
6.2. O missionário, o <i>kabaka</i> e o <i>katikiro</i> : fotografias das elites políticas de Buganda, seus espaços e objetos de poder.....	291

6.3. De Buganda à Cambridge: produção e circulação de conhecimentos a partir dos intercâmbios entre Roscoe, Kaggwa e Frazer.....	309
6.4. A fotografia como ferramenta da etnografia: os usos dos registros visuais nos relatos de John Roscoe	315
CONSIDERAÇÕES FINAIS	331
FONTES.....	339
Arquivos consultados	339
Fontes impressas.....	340
BIBLIOGRAFIA.....	344
Sites	368
GLOSSÁRIO	370

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPAS.....	25
Mapa 1 - Estados e sociedades no século XIX.....	25
Mapa 2 - Etnias em Uganda	26
Mapa 3 - Administração colonial	27
Mapa 4 - Divisão política atual de Uganda	28
INTRODUÇÃO	29
CAPÍTULO 1.....	61
Figura 1 - <i>King of Uganda Retiring</i>	67
Figura 2 - <i>The King of Uganda Reviewing Troops</i>	69
Figura 3 - <i>Speke and Grant at King Mtesa’s Levee</i>	69
Figura 4 - <i>Mtesa King of Uganda in His Throne Room Preparing For a Blister</i>	72
Figura 5 - <i>Mtesa, King of Uganda</i>	76
Figura 6 - <i>King Mtesa’s Reception of Speke and Grant in 1862</i>	77
Figura 7 - <i>King Mtesa Reviewing His Troops in 1862</i>	78
Figura 8 - <i>King and Chiefs in Uganda in 1862 (Showing the National Dress)</i>	79
Figura 9 - <i>King Mtesa and His Chiefs</i>	81
Figura 10 - <i>Mtesa, the Emperor of Uganda, Prime Minister, and Chiefs. (From a Photograph)</i>	82
Figura 11 - <i>The Late King Mutesa and His Chiefs</i>	84
Figura 12 - <i>King Mutesa</i>	85
Figura 13 - <i>Stanley Tells Them of The White Man’s God</i>	87
Figura 14 - <i>Uganda Chiefs</i>	88
Figura 15 - <i>Matt Kayem’s Ekifananyi Kya Muteesa, or How to Sculpt a Photograph</i> 90	
Figura 16 - <i>Timothy Erau’s Contribution to ‘Ekifananyi Kya Muteesa’</i>	92

CAPÍTULO 2.....	95
Figura 1 - <i>Two Natives (Man x Woman)</i>	108
Figura 2 - <i>East End of Speke Gulf. Canoe - Two huts</i>	109
Figura 3 - <i>The Baragi Hut</i>	110
Figura 4 - <i>Lukonge's Palace</i>	110
Figura 5 - <i>Graves of John Smith an F. B 1875 at Kagei</i>	113
Figura 6 - <i>Dr. Smith's Grave at Kagei</i>	114
Figura 7 - <i>Panoramic View From the CMS Camp, Mkundi River, Usagara Looking West</i>	116
Figura 8 - <i>Repairing the Daisy at Kagei</i>	117
Figura 9 - <i>Grave of Dr. John Smith at Kagei</i>	118
Figura 10 - <i>The Exterior of Mtesa's Tomb (From a Sketch by Bishop Tucker)</i>	120
Figura 11 - <i>The Interior of Mtesa's Tomb (From a Sketch by Bishop Tucker)</i>	121
Figura 12 - <i>Mutesa's Tomb, Uganda</i>	123
Figura 13 - <i>Mutesa's Tomb</i>	124
Figura 14 - <i>Village of Rosako</i>	126
Figura 15 - <i>CMS Camp in Western Ugogo</i>	127
 CAPÍTULO 3.....	 130
Figura 1 - <i>Bridge Over the Wami</i>	145
Figura 2 - <i>The Ripon Falls, Victoria Nyanza</i>	146
Figura 3 - <i>Mission Caravan Starting for the Victoria Nyanza</i>	148
Figura 4 - <i>First Mission Camp Beyond Uyui</i>	149
Figura 5 - <i>The Ripon Falls — The Nile Flowing out of Victoria Nyanza</i>	151
Figura 6 - <i>View of Ripon Falls From the Uganda Side (From a Photography by the</i> <i>Author)</i>	151
Figura 7 - <i>View of the king Mtésa's Palace From My Hut — Uganda</i>	153

Figura 8 - <i>Mtesa's Palace</i>	154
Figura 9 - <i>Rubaga, the New Capital of the Emperor Mutesa</i>	155
Figura 10 - <i>The Capital of Uganda</i>	156
Figura 11 - <i>The Men Came Down to Gaze at Strange Guests</i>	163
Figura 12 - <i>Mackay Was Glad to Make Friends by Means of His Clever Hands</i>	166
Figura 13 - <i>'I'll Teach You to Read' and Mwanga Gashed the Boy With His Spear</i> .	168
Figura 14 - <i>Specimens of Mackay's Wood-carving. (I) Candlestick; (a) Letter Blocks for Printing Reading Sheet</i>	170
Figura 15 - <i>Early Efforts of the Baganda</i>	171
Figura 16 - <i>The Soldiers Snatched Away the White Men's Sticks</i>	173
Figura 17 - <i>They Opened a Deadly Volley Upon All the Christian Chiefs</i>	175
CAPÍTULO 4	179
Figura 1 - <i>The Storm on the Lake</i>	190
Figura 2 - <i>God's Acre at Usambiro (From a Sketch by Bishop Tucker)</i>	191
Figura 3 - <i>A Bit of the Old Fort, Mombasa</i>	201
Figura 4 - <i>The Fort, Mombasa</i>	202
Figura 5 - <i>A Bit of the Interior of the Old Fort, Mombasa</i>	202
Figura 6 - <i>A Well in the Old Fort, Mombasa</i>	203
Figura 7 - <i>Vasco da Gama's Pillar, Malindi</i>	204
Figura 8 - <i>Mengo, the Capital of Uganda</i>	208
Figura 9 - <i>Ripon Falls — The Birthplace of the Nile</i>	209
Figura 10 - <i>The Queen Mother of Mwanga</i>	210
Figura 11 - <i>A Muganda Porter</i>	211
Figura 12 - <i>The Old Cathedral, Uganda - 'A Forest of Poles'</i>	214
Figura 13 - <i>The Cathedral of St. Paul, Namirembe</i>	214
Figura 14 - <i>Anglican Cathedral Namirembe Interior</i>	216

Figura 15 - <i>The Cathedral of Uganda</i>	216
Figura 16 - <i>The Bishop's House, Namirembe</i>	221
Figura 17 - <i>Looking out From the Bishop's Study, Uganda</i>	222
CAPÍTULO 5	226
Figura 1 - <i>Aden, Coal Wharf. Feb 5. 1900</i>	236
Figura 2 - <i>Molo Camp. 8 March. 1900</i>	236
Figura 3 - <i>Second Landing on Lake Victoria</i>	237
Figura 4 - <i>Railway Camp, Kikuyu Escarpment</i>	238
Figura 5 - <i>Telegraph Station, Uganda Railway</i>	238
Figura 6 - <i>The Caravan Drummer</i>	241
Figura 7 - <i>A Masai Hunter</i>	244
Figura 8 - <i>Conjunto de aquarelas que compõe uma das folhas do álbum</i>	247
Figura 9 - <i>Conjunto de aquarelas que compõe uma das folhas do álbum</i>	248
Figura 10 - <i>The Office CMS. Nabumale 12x8ft. 13 May 1924</i>	251
Figura 11 - <i>A Writing-class, Mengo</i>	252
Figura 12 - <i>Gayaza 21 May 1900</i>	258
Figura 13 - <i>1902 Interior of Our Sitting Room. Kabarole Toro. 4 Aug 1902</i>	259
Figura 14 - <i>Flower Table & Spear. Corner Mission House. Toro 12.05.02</i>	261
Figura 15 - <i>Cotton Buying at the Market Store. Uganda</i>	264
Figura 16 - <i>Rolling in Wealth. Uganda Cotton</i>	264
Figura 17 - <i>Toro Hospital. 1904</i>	265
Figura 18 - <i>1903. Toro. Hospital-boy</i>	266
Figura 19 - <i>Temporary Dispensary (Built of Wattle and Daub)</i>	268
Figura 20 - <i>In the Doctor's Absence the Hospital Boys Turn to a Do Needle-work. 11-01-04. Toro</i>	269
CAPÍTULO 6	273

Figura 1 - <i>An Ivory Caravan</i>	288
Figura 2 - <i>Survey Caravan</i>	289
Figura 3 - <i>Uganda Co. Ltd. Part of Cotton Ginnery; Prizing Bark off Mutuba Tree; Beating out Barkcloth</i>	290
Figura 4 - <i>Labare instruments: magic wands, head-dress, shield, drums, horns and cards</i>	299
Figura 5 - <i>Suna's Tomb and Balongo</i>	300
Figura 6 - <i>King Daudi Chwa at the Tomb of His Grandfather Mtesa</i>	301
Figura 7 - <i>King's Sitting-room: Notice Portraits of King Edward and Queen Alexandra</i>	302
Figura 8 - <i>Ham Mukasa. Apolo Kagwa, the Katikiro Photo by Bassano, 25, New Bond Street, London</i>	306
Figura 9 - <i>Apolo Kagwa (Katikiro or Prime Minister), Lady Kagwa and Family</i>	307
Figura 10 - <i>Sir Apolo Kagwa, in a Governess Cart</i>	308
Figura 11 - <i>Barkcloth-making</i>	317
Figura 12 - <i>Harps and Fife</i>	319
Figura 13 - <i>Samples of Baganda Pottery</i>	320
Figura 14 - <i>Baganda Shields, Showing one in Process of Making</i>	320
Figura 15 - <i>Amulets</i>	321
Figura 16 - <i>Ankole: Sacred Drums in Their House</i>	325
Figura 17 - <i>Camp of the Expedition of Kigezi</i>	327
Figura 18 - <i>Bunyoro: Drums Used at New Moon Ceremonies</i>	328

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMG - Church Missionary Gleaner

CMS - Church Missionary Society

COVIC - Colonial Office Visual Instruction Committee

IBEAC - Imperial British East Africa Company

LMS - London Missionary Society

RCS - Royal Commonwealth Society

RGS - Royal Geographical Society

NOTAS ORTOGRÁFICA E DE TRADUÇÃO

Para a elaboração desta tese, optamos por adotar os registros apresentados nas fontes históricas analisadas a fim de estabelecermos uma padronização ortográfica para os termos empregados para designar as sociedades africanas, territórios, nomes de pessoas, organizações e títulos políticos, conforme a ortografia presente nas fontes examinadas. Justificamos nossa escolha por conta das muitas variações observadas na grafia dos grupos sociais africanos referidos na bibliografia dedicada ao tema.

Assim, utilizamos Buganda para nos referirmos ao território habitado pelas populações baganda (no singular, muganda). Empregamos o termo luganda para nos referirmos especificamente à língua. Com relação à descrição, de maneira mais ampla, de práticas culturais e exemplares da cultura material, optamos por manter o termo baganda (embora reconheçamos também a existência da expressão kiganda para os mesmos fins).

Também grafado como Mtesa, M'tesa, M'tessa, M'tesé, Muteesa, optamos por empregar a denominação Mutesa para nos referir ao *kabaka* (soberano) do reino de Buganda por esta se apresentar mais recorrente entre as fontes e a bibliografia pesquisada. Caminho semelhante optamos por seguir com relação às possibilidades de grafar o nome dos *kabakas* Mwangi (e não Muanga) e Daudi Cwa (cujas formas de grafar variam entre Chewa ou Chwa), e do *katikiro* (primeiro-ministro) Apollo Kagwa (ao invés de Apolo Kagwa ou Kaggawa).

Nesse sentido, a fim de evitarmos discrepâncias ortográficas que pudessem gerar dúvidas ao leitor e prejudicar a compreensão do texto, optamos por seguir os termos empregados nas fontes documentais exploradas, mesmo reconhecendo as implicações e os entraves presentes na aplicação desse critério. Ao longo desta tese, grafamos os nomes das sociedades que habitavam a porção interlacustre da África Oriental com letra minúscula, sem flexionar para o plural.

Com relação aos nomes de localizações geográficas e das unidades políticas que integravam o território de Uganda durante o recorte temporal preconizado por esta tese como, por exemplo, os reinos de Kitara, Buganda, Busoga, Ankole, Toro e Bunyoro, optamos por grafar os nomes adotando as designações mais recorrentes nas fontes e na bibliografia consultada e que também está em consonância com a grafia atualmente adotada em Uganda. Para países ou cidades cujas pronúncias dos nomes são as mesmas ou muito próximas das da língua portuguesa, optamos por empregar a sua denominação oficial, tal como utilizadas nos países de origem. Assim, optamos por grafar Kenya (e não Quênia, por exemplo).

No que se refere à utilização de citações extraídas das fontes documentais e da bibliografia, optamos por traduzi-las e adaptá-las do inglês para o português quando escritas no corpo do texto, mantendo a redação original na nota de rodapé para a conferência do leitor.

No que tange à tradução de termos e expressões em inglês, chamamos a atenção para alguns dos termos mais recorrentes ao longo desta tese. Com relação às palavras “drum” e “drummer”, tomamos como opção traduzi-las por “instrumento de percussão” e “tocador de instrumento de percussão”, respectivamente. Isso porque, a tradução considerada mais apropriada para “drum” é membranofone, categoria musical vasta que engloba instrumentos de percussão de distintas naturezas, como o tambor, a zabumba e a conga, entre tantos outros. Assim, a fim de evitar nomenclaturas equivocadas, julgamos pertinente adotar, sempre que possível, o nome específico do objeto mencionado, a partir da mobilização de estudos sobre instrumentos musicais em Uganda e da comparação visual entre os artefatos. Já na ausência de elementos consistentes ou de maiores detalhamentos apresentados pelas descrições dos objetos nas fontes textuais ou visuais, optamos por adotar a definição mais abrangente de “instrumento de percussão”.

No que diz respeito à tradução dos vocábulos “picture” e “image”, consideramos o contexto em que os termos foram utilizados, uma vez que as palavras, em português, são coincidentes. Partimos do entendimento de que “picture” é um termo amplo que pode se referir a uma gama variada de materiais visuais, como pinturas, fotografias, ilustrações, esboços e desenhos, entre outros. Já a palavra “image” possui uma acepção ainda mais abrangente, podendo ser mobilizada tanto para se referir a algum tipo de elemento visual, como a uma ideia ou um conceito, por exemplo. De acordo com a definição proposta pelo teórico William John Thomas Mitchell, “picture” trata-se da materialização da imagem em um suporte físico. Em outras palavras, é possível “(...) pendurar uma *picture*, mas não é possível pendurar uma *image*”.¹ No entanto, para não cairmos em contradição com as ideias sustentadas por esta tese, recuperamos as ponderações de Ulpiano Meneses, que alerta sobre a distinção entre a condição material e imaterial das imagens:

(...) a imagem mental precisa da mente-corpo do observador como suporte material, e a imagem material é vetor de uma imagem que pode

¹ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Puedes colgar una picture pero no puedes colgar una imagen”. MITCHELL, William John Thomas. *Qué quieren las imágenes? una crítica de la cultura visual*. Buenos Aires: Sans Soleil Ediciones, 2017, p. 117.

ser copiada em outro meio, como uma fotografia, uma descrição, uma memória. Ambas compartilham materialidade e imaterialidade.²

² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “História e imagem: iconografia/iconologia e além”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 243–262, p. 254.

MAPAS

Os mapas aqui apresentados foram traduzidos a partir dos mapas retirados de: REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.



Mapa 1 - Estados e sociedades no século XIX³

³ REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. xiv.



Mapa 2 - Etnias em Uganda⁴

⁴ *Ibidem*, p. xv.



Mapa 3 - Administração colonial⁵

⁵ *Ibidem*, p. xvii.



Mapa 4 - Divisão política atual de Uganda⁶

⁶ *Ibidem*, p. xviii.

INTRODUÇÃO

As reflexões propostas por esta tese tiveram como disparador o título *Uganda by Pen and Camera*,⁷ obra de Charles William Hattersley (1866–1934), missionário britânico que, entre as décadas de 1890 e 1910, atuou no interior da África Oriental como membro vinculado à Church Missionary Society (CMS). O interesse despertado pelo título que, de forma sintética, anuncia aos leitores discorrer sobre Uganda por intermédio da *caneta* e da *câmera*, me levou a folhear as páginas do livro datado de 1906. Para além da curiosidade inicial provocada pelo teor da narrativa, aliada à profusão de fotografias que estampam a publicação, o contato com a obra abriu frentes para uma série de questões mais amplas e instigantes, alicerçadas, entre outros aspectos, nas possibilidades de compreender as interfaces travadas entre sociedade e visualidade no campo da História Social.

Diante das múltiplas abordagens passíveis de serem desenvolvidas, percorrer os capítulos do referido livro trouxe à tona algumas indagações. Quais foram as condições sociais que permitiram a produção, a circulação e o consumo de imagens sobre Uganda? Quais foram as participações das populações africanas na construção de um repertório visual sobre o território e seus grupos sociais? Em que medida as imagens — e as negociações sociais necessárias para garantir a sua viabilização — absorveram e foram absorvidas pelos discursos e práticas imperiais e coloniais durante o final do século XIX e começo do XX? Suas distintas e ambivalentes instrumentalizações endossaram ou se contrapuseram ao projeto de implantação do paradigma civilizacional europeu? De que maneiras os “olhares missionários” contribuíram para a constituição de um arquivo visual sobre a África Oriental? Essas foram algumas das muitas perguntas que passaram a nortear o percurso de pesquisa de doutorado e da escrita da tese.

O desejo em me debruçar com maior profundidade sobre as tramas tecidas entre o visual e o social começou a ser gestado durante a pesquisa de mestrado. Ao longo da elaboração do trabalho, tive a oportunidade de analisar, em um dos capítulos que compõem a dissertação, a dimensão visual dos relatos da expedição portuguesa à Mussumba do Muatiânvua (1884–1888), por meio do significativo volume de fotografias e gravuras que integram as narrativas da viagem à Lunda e de suas múltiplas migrações de circuitos.⁸ Desse modo, indo ao encontro das

⁷ HATTERSLEY, Charles W. *Uganda by Pen and Camera*. Londres: The Religious Tract Society, 1906.

⁸ ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. *Comércio, bens de prestígios e insígnias de poder: as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884–1888)*. São Paulo: Intermeios, 2019, pp. 81–121.

inquietações intelectuais iniciadas durante o mestrado, as indagações suscitadas, em um primeiro momento, pela leitura de *Uganda by Pen and Camera*, iluminaram potenciais caminhos investigativos que foram adensados e refinados por meio de acessos a conjuntos documentais mais abrangentes e da bibliografia voltada para as interlocuções possíveis entre os estudos produzidos nos campos da Cultura Visual e da História da África.

Alimentada por essas questões, a presente tese analisa os processos envolvidos na construção da visualidade produzida a partir das interações sociais estabelecidas entre religiosos vinculados à CMS,⁹ instituição anglicana fundada em Londres em 1799, e as populações que habitavam o território pertencente à Uganda, zona interlacustre da África Oriental, entre o final do século XIX e o início do XX. Para tanto, selecionamos um conjunto documental diversificado, composto por relatos de viajantes, narrativas missionárias, cartões-postais, fotografias, álbuns e periódicos ilustrados editados entre as décadas de 1870 e 1920. A baliza temporal adotada por esta pesquisa corresponde não só a uma fase marcada pela incursão de potências imperiais em vários pontos da África, aliada à conformação de práticas e discursos coloniais que desencadearam variadas formas de respostas e resistências locais,¹⁰ como também a um período marcado pela produção e pela circulação das primeiras representações visuais, de que temos notícia, sobre Uganda e suas populações.

Considerando o impacto do imperialismo a partir da segunda metade do oitocentos e do recrudescimento das políticas coloniais encabeçadas pelos diferentes países europeus no continente africano durante as primeiras décadas do novecentos, o recorte temporal delimitado por esta tese se assenta na oportunidade de explorar, em maior profundidade, a constituição e a circulação de imagens produzidas *em e sobre* Uganda, por meio do entrecruzamento de experiências e de processos históricos tecidos entre África e Europa. Partimos do reconhecimento das complexidades e as ambivalências que permeiam os elos entre a expansão dos impérios coloniais e o desenvolvimento de tecnologias visuais,¹¹ tão bem potencializados,

⁹ A CMS encontra-se em atividade até os dias atuais com o nome de Church Mission Society. A extensão das atividades missionárias encampadas pela instituição pode ser atestada, com maior fôlego entre o século XIX e o início do XX, por meio de sua atuação em diversos continentes, como África, Ásia, Oceania e América. KEEN, Rosemary. “Editorial Introduction”. *Church Missionary Society Archive*. Disponível em: http://www.ampltd.co.uk/digital_guides/church_missionary_society_archive_general/editorial%20introduction%20by%20rosemary%20keen.aspx. Último acesso em: 10/04/2018.

¹⁰ COOPER, Frederick. “Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África”. *Anos 90*, Porto Alegre, vol. 15, nº. 27, pp. 21–73, jul. 2008.

¹¹ Percorrendo distintos contextos históricos, culturais e geográficos, os ensaios reunidos na coletânea editada por Jay e Ramaswamy discorrem sobre o papel constitutivo da visualidade na conformação (e na contestação) dos poderes coloniais entre os séculos XVI ao XX. JAY, Martin; RAMASWAMY, Sumathi (eds.). *Empires of Vision: A Reader*. Durham/Londres: Duke University Press, 2014.

a partir de meados do XIX, pelo advento da fotografia como um “empreendimento global”¹² e sua coexistência com a popularização de diversas técnicas, suportes, linguagens, modos de ver, consumir, produzir e de reproduzir imagens. Desse modo, esta pesquisa se volta para a compreensão de dinâmicas históricas interconectadas ou, nas palavras de Edward Said, no entendimento de “territórios sobrepostos” e “histórias entrelaçadas”,¹³ sob a perspectiva da dimensão visual do social.

Para isso, nos valem da ideia de visualidade. De acordo com Nicholas Mirzoeff, o termo possui uma genealogia complexa e desafiadora que remonta aos escritos de Thomas Carlyle (1795–1881) publicados entre 1837 e 1841. Originalmente, a expressão visualidade foi empregada para se referir à visualização da história sob o viés anti-emancipatório e autocrático da liderança heroica que, em última instância, buscava legitimar a hegemonia ocidental.¹⁴ De acordo com essa concepção, a capacidade de visualizar e produzir visualidade — prerrogativa do herói e não do homem comum — tornava processos da história perceptíveis à autoridade. Distanciando-se do teor autoritário e teleológico do termo em sua acepção original, visamos desnaturalizar os vínculos entre autoridade e poder nos quais se alicerçam a visualidade.

Abarcando um conjunto de práticas e discursos nos quais se entrelaçam os domínios da visão, do visual e do visível, conforme propõe Ulpiano Meneses,¹⁵ a visualidade se constitui como manancial para o entendimento de dinâmicas históricas que nos permite acessar múltiplas esferas da vida social. Ao adotarmos tal premissa de análise, buscamos nos deslocar de uma abordagem restrita ao estudo formal e semiótico de imagens, desvinculado de suas ressonâncias sociais. Como afirma Paulo Knauss:

¹² Segundo James Ryan: “A fotografia e o império têm uma relação próxima e complexa. Os primeiros processos fotográficos são de final da década de 30 do século XIX, e surgiram simultaneamente em França e na Grã-Bretanha, ambas grandes potências coloniais europeias. O refinamento técnico, a comercialização e a popularização da fotografia junto das massas, na segunda metade do século XIX, coincidiu com um período impressionante da expansão colonial europeia. Por isso, não nos deve surpreender que, no espaço de uma das décadas após o seu aparecimento, a fotografia, sob várias formas, se tenha tornado um empreendimento global.” RYAN, James. *Introdução. Fotografia colonial*. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 31–42, p. 33.

¹³ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 34–116

¹⁴ MIRZOEFF, Nicholas. “On Visuality”. *Journal of visual culture*, vol. 5, nº 1, 2006, pp. 53–79 e *Idem*, “O direito a olhar”. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, pp. 745–768, nov. 2016.

¹⁵ Na divisão proposta pelo historiador: “a) o visual, que engloba a ‘iconosfera’ e os sistemas de comunicação visual, os ambientes visuais, a produção / circulação / consumo / ação dos recursos e produtos visuais, as instituições visuais, etc.; b) o visível, que diz respeito à esfera do poder, aos sistemas de controle, à “ditadura do olho”, ao ver/ser visto e ao dar-se/não-se-dar a ver, aos objetos de observação e às prescrições sociais e culturais de ostentação e invisibilidade, etc.; c) a visão, os instrumentos e técnicas de observação, os papéis do observador, os modelos e modalidades do “olhar”. MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, pp. 11–36, pp. 30–31, 2003.

(...) pode-se afirmar que isto implica um estudo da imagem como um jogo complexo entre visualidade, aparatos, instituições, discursos, corpos e figuração. Cada um desses termos indica um complexo conjunto de práticas subjacentes que tornam possível a imagem e sua capacidade de conter significado.¹⁶

Dada a vasta extensão territorial da África Oriental,¹⁷ este estudo se centra predominantemente na zona que abrange os chamados reinos¹⁸ de Buganda (com particular destaque), Ankole, Bunyoro e Toro, que atualmente compõem a República de Uganda. A escassez de investigações no âmbito da produção acadêmica em língua portuguesa sobre a região dos Grandes Lagos africanos, detectada logo no começo da pesquisa, contrastava com o grande volume de publicações — em sua boa parte, ilustradas — derivadas das interações estabelecidas entre as sociedades africanas e os expedicionários e missionários europeus que circularam pelo interior da África Oriental a partir do final da segunda metade do século XIX.

Ainda pouco explorada pela historiografia brasileira dedicada aos estudos sobre os Grandes Lagos africanos, particularmente as regiões sob dominação britânica, a escassa bibliografia nacional¹⁹ sobre o território apontou para a necessidade de compreendermos com maior profundidade a produção visual gerada a partir das negociações e dos conflitos travados entre os representantes da coroa britânica e as sociedades locais que habitavam o interior do

¹⁶ KNAUSS, Paulo. “O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual”. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 8, nº 12, pp. 97–115, p.114, 2006.

¹⁷ “Geograficamente, a África Oriental é um conceito muito amplo. Abrange toda a costa ocidental do Oceano Índico, de Obock a East London (...). Em termos pré-coloniais, referia-se a uma região que se pode incluir na esfera de influência de Zanzibar sobre a África Oriental; em termos coloniais, fazia parte da África Oriental Britânica e Alemã; em termos pós-coloniais, compreende os estados atuais do Quênia, Uganda, Tanzânia, Ruanda e Burundi. Mesmo nesse sentido limitado, continua sendo uma área com dimensões equivalentes às da Europa Ocidental”. WESSELING, Henk L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880–1914)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, p. 149.

¹⁸ Termo amplamente empregado nas fontes documentais e na bibliografia dedicada aos Grandes Lagos africanos, a designação, até hoje vigente, corresponde às estruturas organizacionais dos tradicionais poderes políticos da região. Em 1967, por decisão do então presidente de Uganda Apollo Milton Obote (1925–2005), os reinos de Buganda, Toro, Bunyoro, Ankole e Busoga foram constitucionalmente abolidos. Tal decisão foi mantida até 1993, quando houve o processo de restauração dos referidos reinos (com exceção de Ankole), no sentido de manutenção da tradição cultural, mas não do exercício efetivo de autoridade política. REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 39, pp. 55-56 e p. 284.

¹⁹ Predominantemente estrangeira, as abordagens sobre as atividades britânicas nesta região da África Oriental no período mencionado entre pesquisadores brasileiros são relativamente recentes. Despontando nesse cenário, citamos as seguintes contribuições: DAMASCENO, Yuri Wicher. *Conversões e negociações: um estudo dos relatos de missionários protestantes da Church Missionary Society em Uganda-África (1876–1890)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015; SANTOS, Lúcia Helena Oliveira. “Religiosidade e colonialismo no protetorado no coração da África (1868–1956)”. Comunicação apresentada no âmbito do *XXII Encontro Estadual de História*. ANPUH, SANTOS, 2014 e SANTOS, Luis Frederico Lopes dos. “Entre Deus, a Coroa e os Kabakas: evangelização e colonização inglesas no reino de Buganda, 1885–1900”. In: *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. Natal, 2013, pp. 1–12 e *Idem*, “‘Two Kings of Uganda’: as relações entre a Church Missionary Society e o povo Baganda através do relato do Reverendo Robert Ashe, 1890”. *AFRICANA STUDIA*, nº 23, 2015, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, pp. 61–67.

leste africano. Desse modo, buscando se distanciar de uma análise unilateral e eurocêntrica, torna-se de fundamental importância considerarmos os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que regiam o interior da África Oriental na época analisada. Isso porque, condicionar o dinamismo histórico da região pesquisada unicamente a um desdobramento da expansão dos impérios coloniais nos territórios não europeus, seria perder de vista as especificidades das conjunturas dos Grandes Lagos africanos. Alvo de nosso estudo, a visualidade produzida a partir dos contatos travados em Uganda entre as populações africanas e os missionários britânicos vinculados à CMS se insere em uma complexa teia de conflitos políticos e tensões sociais vivenciadas pelas sociedades que habitavam o território em um período antecedente às primeiras incursões dos viajantes britânicos na porção interlacustre do continente africano.

Nesse ponto, convém fazer um breve comentário sobre a denominação da região pesquisada. Segundo Richard Reid, o nome Uganda seria uma variação da pronúncia de Buganda, Estado político que atraiu a atenção da maioria dos viajantes no final do século XIX. Comerciantes swahili, eliminando a letra ‘b’ da maioria dos nomes de regiões africanas situadas no interior, representavam Buganda desse modo, e os britânicos adotaram a mesma definição. Na língua luganda, Buganda significa “o lugar dos Ganda”. No entanto, todo o território que foi colocado sob o domínio britânico durante a última década do oitocentos, do qual o chamado reino de Buganda representava apenas uma parte – ainda que relevante – recebeu o nome desse Estado, embora o território abrangesse sociedades com línguas, culturas, economias e processos políticos muito distintos.²⁰

Como a própria designação do território estudado sugere, essa porção interlacustre da África Oriental revela-se como espaço heterogêneo, constituído por distintos grupos étnicos,²¹ formado por diversas unidades políticas que já se apresentavam, décadas antes da chegada dos europeus, marcadas pela constante presença de negociantes árabes e islâmicos provenientes de diferentes pontos do oceano Índico. Ao se debruçar sobre a historicidade da região dos Grandes Lagos, autores como Jean-Pierre Chrétien²² e o já citado Richard Reid²³ asseguram que, longe

²⁰ REID, *op. cit.*..., p. 2.

²¹ Polissêmica, a categoria etnia é pensada aqui não em uma chave rígida e imutável, mas sim, como um conceito construído historicamente a partir de sobreposições identitárias e contatos culturais. Sobre estudos que problematizam essa questão entre distintos grupos sociais da África, ler: AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (orgs.). *No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África*. Petrópolis: Vozes, 2017. Especificamente sobre a noção de etnia em Buganda no período pré-colonial, consultar: GREEN, Elliot. “Ethnicity and Nationhood in Precolonial Africa: The Case of Buganda”. *Nationalism and Ethnic Politics*, vol.16, 2010, pp. 1–21.

²² CHRÉTIEN, Jean-Pierre. *The Great Lakes of Africa: Two Thousand Years of History*. Nova Iorque: New Zone, 2003.

²³ REID, Richard. *Political Power in Pre-colonial Buganda: Economy, Society & Welfare in the Nineteenth Century*. Oxford: James Currey, 2002 e *Idem, A History of...*, *op. cit.*

de se configurar como um território isolado, ausente de conexões para além de suas fronteiras, esta zona do continente africano revelava-se como um espaço extremamente permeável sob o ponto de vista da circulação de agentes externos.

Vale lembrar que muito antes das primeiras incursões europeias na região, tal território integrava a rota comercial de mercadores provenientes da costa índica desde meados do setecentos.²⁴ Paralelamente à diversificada produção de gêneros agrícolas e artefatuais existente no referido espaço, a região dos Grandes Lagos constituía-se no século XIX como um espaço comercial articulado, conectado a outras redes comerciais da África Oriental, o que viabilizava uma ampla troca de produtos e dinamizava a circulação de pessoas, técnicas e saberes.²⁵ De acordo com Elikia M'Bokolo, os registros mais antigos, provenientes de fontes orais, fazem menção ao chamado reino de Kitara, identificado como a primeira formação política do território. Reconhecida como núcleo político mais poderoso da região a partir do século XVI, a conjunção entre Bunyoro e Kitara sofreu, entretanto, um progressivo esfacelamento ao longo do século XIX.²⁶ Nesse cenário, ganharam projeção outras unidades políticas, muitas delas oriundas de pequenos Estados, como Buganda, Rwanda, Ankole e Burundi. Dentre os Estados mencionados, será particularmente Buganda que alcançará maior projeção no quadro político dos Grandes Lagos no final do oitocentos. Antes de 1890, Bunyoro havia dominado toda a área ao norte e parte do oeste de Buganda. Beneficiada por uma poderosa frota de canoas, Buganda havia exercido um grande domínio sobre vários dos governos menores ao redor do oeste, sudoeste e até as margens sul do Lago Vitória, ao mesmo tempo em que exercia considerável autoridade sobre muitas das unidades políticas de Busoga a leste.²⁷

Consolidado principalmente em disputa com Bunyoro, o processo de conformação política de Buganda se amparou em campanhas de anexações territoriais e em uma estrutura de poder rigidamente hierarquizada e centralizada,²⁸ comandada por autoridades que detinham o título de *kabaka* e que regulavam as relações comerciais travadas entre diferentes poderes

²⁴ COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão, 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, pp. 703–715, p. 703.

²⁵ M'BOKOLO, Elikia (org.). *África negra. História e civilizações. Do século XIX aos nossos dias* (tomo II). Lisboa: Edições Colibri, 2011, p. 38.

²⁶ *Ibidem*, p. 34.

²⁷ LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890–1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 3.

²⁸ RICHARDS, Audrey I. “African Kings and Their Royal Relatives”. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 91, nº 2, 1961, pp. 135–150, pp. 148–149 e MÉDARD, Henri. *Royaume du Buganda au dix-neuvième siècle*. Paris/Nairobi: Karthala-IFRA Editions, 2007.

políticos.²⁹ Somando-se à diversidade dos grupos africanos, como os baganda, soga, banyankore, banyoro, kiga e gwere, que habitavam o território de Uganda,³⁰ chamamos a atenção para a presença de mercadores indianos e árabes provenientes de Zanzibar que também circulavam pela região desde 1840, contribuindo para a difusão da religião islâmica nesses espaços.³¹ Será diante desse mosaico cultural, perpassado por itinerâncias, conflitos e negociações, que se darão os primeiros contatos entre viajantes, missionários e as sociedades locais.

Embora esta tese adote como arco temporal as décadas de 1870 e 1920, é indispensável reforçar que as conexões estabelecidas entre África e Europa se deram ao longo de vários séculos, como demonstram relatos produzidos desde a Antiguidade.³² Alimentadas pela expansão do comércio de escravizados, iniciado durante toda a época moderna, as relações travadas entre os dois continentes se intensificaram nesse contexto. Foi ao longo do século XIX, entretanto, com as pressões para o fim do tráfico atlântico e a crescente demanda por matérias-primas oriundas de diferentes partes do continente africano, que tais interações sofreram profundas mudanças, assumindo novas tonalidades. De maneira mais específica, a partir de meados do oitocentos, diferentes regiões da África reavivaram os interesses manifestados por potências europeias com relação à exploração desses territórios.³³

Nesse cenário atravessado por intensas reconfigurações econômicas, disputas diplomáticas e militares, países como Alemanha, Bélgica, França, Grã-Bretanha e Portugal centraram suas atenções em distintas áreas do continente. No plano das relações internacionais, a realização da Conferência Geográfica de Bruxelas,³⁴ promovida pelo rei Leopoldo II (1835-1909) em 1876, juntamente com a criação da Associação Internacional Africana (AIA) e,

²⁹ FARRÉ, Albert. “Reinos y Ejércitos en la Formación de Uganda. El descontrol de la violencia (1877–1986)”. *Cadernos de Estudos Africanos*, vol. 16/17, 2009, pp. 53–70.

³⁰ De acordo com Richard Reid, há cerca de doze complexos culturais em Uganda atualmente. REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, pp. 10–11.

³¹ M’BOKOLO, *op. cit.*, p. 295 e KASOZI, A. B. K. “The Impact of Islam on Ganda Culture, 1844–1894”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 2, 1981, pp. 127–135.

³² Sobre o tema, consultar a compilação de trechos de narrativas produzidas por distintos autores na obra organizada por: COSTA E SILVA, Alberto da (org.). *Imagens da África: da Antiguidade ao século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

³³ Para uma abordagem mais pormenorizada sobre o período, consultar: HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios. 1875–1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

³⁴ Entre as principais pautas discutidas durante a Conferência, destacamos a implantação de bases de apoio nas regiões de Zanzibar e no estuário do rio Congo com a finalidade de abrigar viajantes e contribuir com o avanço da “civilização” dessas regiões por meio de trabalhos científicos e humanitários, a indicação de vias de acesso ao interior africano e a organização de um comitê internacional para coordenar tais ações. WESSELING, *op. cit.*, pp. 98–101.

posteriormente, a realização da Conferência de Berlim (1884–1885)³⁵ evidenciaram o lugar-chave que a África passou a ocupar na agenda imperialista de certos países a partir da segunda metade do século XIX. Para além das singularidades presentes nos planos sustentados pelas nações participantes desses eventos, podemos afirmar que as potências europeias empregaram variadas estratégias e recursos a fim de tentarem exercer o controle de distintas porções da África Ocidental, Central, Oriental e Austral.

Reconhecida como uma das principais potências imperiais do período,³⁶ a Grã-Bretanha possuía vasto interesse na exploração de certas áreas africanas sob sua influência. É importante frisar, no entanto, que as vinculações estabelecidas entre britânicos e africanos antecediam o século XIX. Iniciando-se no XVI,³⁷ tais relações adentraram os séculos seguintes fundamentando-se na criação de companhias de comércio atuantes em distintos pontos da costa ocidental africana e que estruturaram suas atividades, em grande medida, no controle do tráfico atlântico de escravizados. Conforme salientamos, o século XIX demarcou um período de inflexão nos contatos entre a coroa britânica e a África. De maneira resumida, a conjunção de fatores relacionados aos efeitos da revolução industrial e à difusão da campanha internacional contra o tráfico escravagista encabeçada pela própria Grã-Bretanha desde 1808³⁸ impulsionou uma profunda reorientação das ações britânicas no continente.

Sabemos que os interesses britânicos nos Grandes Lagos africanos repousavam em diversos fatores direcionados para a necessidade de efetivar a presença britânica frente ao avanço de outras potências europeias, como a Alemanha, além de garantir o acesso à grande oferta de recursos naturais presentes na região. A proximidade a uma das vias de navegação do rio Nilo — condição que facilitava o deslocamento para outras zonas da África Oriental e Central — também pode ser elencado como um dos aspectos que alimentaram os esforços britânicos para ocuparem o território. Proporcionada pelo acesso à Uganda, a facilidade de deslocamento pelo interior africano teve reverberações no que diz respeito ao processo de expansão britânica pelo continente. No norte da África, o avanço das forças coloniais foi

³⁵ A Ata Geral da Conferência, na qual se definiu, entre outras resoluções, os princípios do livre comércio e da livre navegação nas bacias do Níger e do Congo, encontra-se publicada em: BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006, pp. 78–101.

³⁶ De acordo com Henk Wesseling, a extensão do poderio britânico no XIX “abrangeia o Canadá e várias possessões nas Índias Ocidentais; entrepostos comerciais na África Ocidental e Oriental, e a grande colônia branca do Cabo; a Índia Britânica, a pérola da coroa britânica, na Ásia, junto com a Malásia e Singapura; na Oceania, as colônias brancas da Austrália e da Nova Zelândia; e, por fim, diversas bases navais ao longo das várias rotas marítimas”. WESSELING, *op. cit.*, p. 40.

³⁷ Segundo Catherine Coquery-Vidrovitch, data do ano de 1553 a primeira viagem inglesa de que se há memória na África Ocidental. COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (org.). *A descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004, p. 172.

³⁸ M'BOKOLO, *op. cit.*, pp. 117–119.

consolidado com a tomada do Egito pelas tropas britânicas, em 1882. No caso da costa oriental africana, é imprescindível ressaltarmos a ilha de Zanzibar³⁹ — declarada protetorado britânico em 1890 — como área de potencial relevância estratégica, não só pelo acesso ao interior do continente, como também pela vigorosa rede de comércio que de lá irradiava, alcançando vastas áreas, como Buganda e o Alto Congo.

A fim de consolidar seus projetos expansionistas e assegurar o acesso aos recursos naturais que alimentavam seu acelerado desenvolvimento econômico, a Grã-Bretanha, bem como outros países que também participavam da chamada “corrida imperialista”, financiou diversas expedições⁴⁰ que congregavam anseios científicos, militares e comerciais e apoiou inúmeras missões religiosas destinadas a diferentes regiões do continente africano. O conjunto de ações que visava demarcar a presença europeia nesses espaços alicerçava-se, por sua vez, em discursos de cunho racial e em teorias pautadas pela noção de uma suposta escala hierárquica na qual os povos não europeus ocupavam um degrau inferior entre os diferentes “níveis de civilização” da humanidade.⁴¹

A necessidade de se promover ações que viabilizassem o reconhecimento dessa porção dos Grandes Lagos africanos fundamentou uma série de expedições voltadas para a exploração do território, como a viagem liderada por John Hanning Speke (1827–1864), acompanhado de James Augustus Grant (1827–1892), à África Oriental, ocorrida no início dos anos 1860. Fruto dessa expedição, a obra *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*⁴², publicada em 1863, descreve de maneira detalhada Uganda, território no qual os membros da expedição britânica permaneceram longos meses abrigados na corte de Mutesa I (c.1835–1884), soberano de Buganda. As narrativas textuais e visuais presentes na publicação contribuíram para pôr o

³⁹ A acentuada disputa pelo controle da referida ilha resultou na assinatura do Tratado anglo-germânico de 1886, o qual “limitou as reivindicações territoriais de Zanzibar a uma faixa costeira de 16 km de largura e dividiu o interior até o lago Vitória numa zona alemã ao sul e numa zona inglesa ao norte”. FAGE, J.D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 378.

⁴⁰ Também conhecida como “Niger Expedition”, a primeira expedição promovida oficialmente pela coroa britânica ao continente africano destinou-se ao delta do rio Níger, África Ocidental, entre os anos de 1841 e 1842. Composta por mais de duzentos membros europeus e africanos em sua tripulação, incluindo James Frederick Schön e Samuel Ajayi Crowther, religiosos pertencentes à CMS, a expedição objetivava implementar a “civilização” entre as populações que habitavam o interior do território, por meio do enfraquecimento das práticas escravistas na região. DELGADO, Erika Melek. “As narrativas evangelizadoras da Niger Expedition: uma análise comparativa dos discursos de missionários da expedição britânica ao rio Níger – 1841”. *Transversos*, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 4, 2015, pp. 57–78.

⁴¹ Conferir, entre outros: COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. “O postulado da superioridade branca e da inferioridade negra”. In: FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 748–787 e STEPAN, Nancy. *The Idea of Race in Science: Great Britain, 1800–1960*. Londres: Macmillan; Hamden, Connecticut: Archon Books, 1982.

⁴² SPEKE, John H. *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1863.

território no radar dos projetos imperialistas britânicos, chamando a atenção de outros expedicionários e missionários que ambicionavam atingir a região. Ainda que a expedição de Speke e Grant tivesse obtido grande visibilidade no período, foi com a viagem liderada pelo expedicionário e jornalista Henry Morton Stanley (1841–1904) pela África Central e Oriental que os olhares expansionistas britânicos se voltaram com maior atenção ao território de Uganda. Não seria exagero afirmar que os contatos travados em 1875 entre o viajante britânico e as autoridades locais geraram profundos desdobramentos.

Após alguns meses de permanência em Buganda, Stanley enviou uma carta — a pedido de Mutesa I — aos jornais *Daily Telegraph* e *New York Herald* fazendo um apelo para o envio de missionários para a região.⁴³ O episódio, que ficou popularmente conhecido como “o chamado de Stanley”, gerou ampla repercussão social. Obviamente, ainda que a solicitação feita por Mutesa I a Stanley necessite ser relativizada e problematizada em termos historiográficos,⁴⁴ acreditamos que tal evento também pode ser tomado como uma espécie de disparador para nossa análise. Isso porque, tal convocação, reforçada pela divulgação de narrativas e imagens sobre a região, mobilizou a opinião pública britânica e impulsionou os esforços da CMS para o envio de religiosos para Uganda, o que se concretizou em 1877 com a chegada do primeiro grupo missionário à região.⁴⁵

Considerada uma das peças fundamentais frente ao desafio de garantir o avanço da presença britânica nesses territórios, a dinâmica das atividades missionárias empreendidas no referido contexto revela-se como tema de considerável importância para a construção de um entendimento mais aprofundado acerca das relações sociais tecidas entre os representantes britânicos e as populações africanas. As estreitas conexões mantidas entre os planos imperiais britânicos e as ações evangelizadoras em diversos pontos da África podem ser nitidamente

⁴³ O conteúdo da carta elaborada por Stanley encontra-se também publicado no primeiro volume de *Through the Dark Continent*. STANLEY, Henry M. *Through the Dark Continent* (vol. I) Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1878, pp. 209–210.

⁴⁴ Na interpretação de diversos autores, a introdução do cristianismo de vertente anglicana em Buganda e sua coexistência quase sempre conflituosa com o islamismo, as práticas religiosas tradicionais e, posteriormente, com o catolicismo representaria, na visão das autoridades africanas, um mecanismo de fortalecimento político propiciado pelo acesso a recursos econômicos e a múltiplas alianças diplomáticas. M'BOKOLO, *op. cit.*, p. 295; FAGE, *op. cit.*, pp. 354–355 e MWANZI, *op. cit.*, pp. 179–180.

⁴⁵ Em 27 de abril, um grupo de oito homens ligados à CMS partiu de Southampton com destino a Uganda e chegaram em 30 de maio em Zanzibar. No entanto, apenas dois, o Reverendo Charles Wilson e Shergold Smith, conseguiram chegar em Uganda em junho de 1877. Smith foi morto em dezembro daquele ano e Wilson ficou sozinho por um ano até Alexander Mackay juntar-se a ele. STOCK, Eugene. “Uganda: the Call and the Response”. *The History of the Church Missionary Society: Its Environment, its Men and its Work* (vol.III). Londres: Church Missionary Society, 1899, pp. 94–112, p. 99.

observadas a partir da crescente projeção que as sociedades missionárias adquiriram nesse quadro histórico.⁴⁶

Como afirma Albert Adu Boahen, se no começo do século XIX apenas três sociedades missionárias trabalhavam em toda a África Ocidental (Society for the Propagation of the Gospel, a Wesleyan Missionary Society e a Glasgow and Scottish Missionary Society) em 1840, elas já eram mais de quinze. Panorama semelhante podemos notar na África Central e Oriental, áreas que até a década de 1850 só contavam com uma congregação religiosa mas que, ao longo dos anos 1870, particularmente após o reconhecimento do território, propiciado pelas viagens europeias por terras africanas, e a morte do missionário escocês David Livingstone (1813–1873), assistiram a um substancial aumento da presença de missões religiosas. Além da já citada CMS, entre as principais sociedades missionárias atuantes no contexto citado, podemos destacar a Universities Mission to Central Africa, a Livingstone Mission, a Blantyre Mission, a London Missionary Society e a missão católica dos Padres Brancos.⁴⁷ Assim, este estudo parte do entendimento de que a atuação das instituições religiosas e dos missionários não deve ser interpretada de maneira isolada, mas sim, articulada aos projetos imperiais e coloniais da coroa britânica.

Como mencionamos, desde a década de 1860, os contatos entre representantes da coroa britânica e as autoridades políticas do reino de Buganda de certa forma, abriram caminho para aproximações que inicialmente correspondiam a interesses bilaterais. Na visão de Donald Anthony Low, a construção de alianças mutuamente vantajosas entre poderes locais e a administração britânica, ia não só ao encontro das pretensões coloniais europeias na África Oriental, como também contribuía para a manutenção da hegemonia de Buganda perante os demais reinos da região.⁴⁸ Entretanto, ao longo do tempo, o recrudescimento da intervenção britânica em Uganda, manifestado por meio do tratado com a Imperial British East Africa

⁴⁶ Para reflexões em torno dessas aproximações, ver: ETHERINGTON, Norman (org.). *Missions and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2005; PORTER, Andrew. “‘Cultural Imperialism’ and Protestant Missionary Enterprise, 1780–1914”. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol. 25, nº 3, 1997, pp.367–391, *Idem*, *Religion versus Empire?: British Protestant Missionaries and Overseas Expansion, 1700–1914*. Manchester: Manchester University Press, 2004 e *Idem*, (ed.). *The Imperial Horizons of British Protestant Missions, 1880–1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans publishing company, 2003.

⁴⁷ BOAHEN, Albert Adu. “Tendências e processos novos na África do século XIX”. In: AJAYI, J. F. Ade (org.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880* (vol. VI). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 47–75, p. 52–53.

⁴⁸ LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890–1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 5.

Company (IBEAC) no início da década de 1890,⁴⁹ e a assinatura do “Uganda Agreement” em 1900,⁵⁰ precipitou sucessivos confrontos políticos.

Na esteira desses acontecimentos, ressaltamos que os trabalhos de evangelização realizados pelos membros da CMS não foram aceitos de forma unívoca pelas populações que habitavam Uganda. A conflituosa coexistência entre o islamismo, as práticas religiosas tradicionais locais, o protestantismo e o catolicismo desencadeou uma série de perseguições religiosas⁵¹ que atingiram seu ápice com o assassinato em 1885 — à mando do *kabaka* Mwanga II (1868–1903), filho de Mutesa I — de James Hannington (1847–1885), primeiro bispo anglicano da África Oriental Equatorial ordenado pela CMS.⁵² Mobilizada ora como elemento de distinção social entre a elite política de Buganda, ora como instrumento de contestação com relação ao controle britânico, a incorporação do cristianismo por parte das autoridades locais que, em determinadas circunstâncias, aceitaram ou rejeitaram as práticas missionárias de acordo com seus interesses, é reveladora das múltiplas respostas africanas nesse contexto.

É na confluência, portanto, entre as conjunturas da política empreendida pelos poderes locais existentes em Uganda e a agenda imperial britânica que se torna possível apreendermos nosso objeto de estudo. Perpassada por ambivalências, a análise da presença de religiosos anglicanos ligados à CMS nessa porção interlacustre da África Oriental nos auxilia a compreender, especialmente a partir do campo da visualidade, como as práticas de elaboração e replicação de imagens geradas a partir destes encontros e embates imperiais podem ser lidas

⁴⁹ UZOIGWE, Godfrey N. “Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África (vol.VII). África sob dominação colonial, 1880–1935*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 21–50. pp. 36–37.

⁵⁰ Segundo Raphael Njoku, tal acordo firmado entre Harry Johnston, governador local representante dos interesses britânicos na região, e Apollo Kagawa, *katikiro* (primeiro-ministro) de Buganda, confirmou Buganda como uma monarquia constitucional ocidentalizada sob o controle e a proteção britânica. NJOKU, Raphael Chijioko. “Catholicism, Protestantism, and Imperial Claims in Kabaka’s Buganda, 1860–1907”. In: KORIEH, Chima; NJOKU, Raphael Chijioko (orgs.). *Missions, States, and European Expansion in Africa*. Nova Iorque/ Londres: Routledge, 2007, pp. 53–72, p. 68.

⁵¹ MWANZI, *op.cit.*, pp. 179–180. Em 1886, por ordem de Mwanga II, cerca de 45 africanos católicos e anglicanos foram executados. As pessoas assassinadas tornaram-se reconhecidas, na perspectiva cristã, como os “mártires de Uganda”, canonizados pelo Vaticano em 1964. KASSIMIR, Ronald. “The Politics of Popular Catholicism in Uganda”. In: SPEAR, Thomas; KIMAMBO, Isaria (orgs.). *East African Expressions of Christianity*. Oxford/ Dar Es Salaam/Nairobi/Athens: James Currey, Mkuki na Nyota, EAEP, Ohio University Press, 1999, pp. 248–274, p. 259.

⁵² Já do outro lado do continente, na costa atlântica, quem ocupou a posição de primeiro bispo anglicano dos territórios da África Equatorial Ocidental, em 1864, foi Samuel Ajayi Crowther (c.1806-1891). Segundo Mudimbe: “nascido em 1806, este antigo escravo e nativo de Yorubaland, na Nigéria, foi educado no Fouray Bay College (Serra Leoa) e em Inglaterra. (...) Missionário incansável, participou em diversas explorações, entre elas a viagem que relatou no seu *Journal of an Expedition up the Tshadda Rivers*, publicado em 1855”. MUDIMBE, V. Y. *A Invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013, p. 72.

como elementos constituintes e, ao mesmo tempo, constituidores de narrativas e processos sociais.

Fontes documentais

Publicadas por distintas casas editoriais entre o último quartel do XIX e as primeiras décadas do XX, as fontes elencadas por esta pesquisa são compostas por um amplo e diversificado repertório visual. Apresentando quantidade considerável de imagens reproduzidas em diferentes técnicas e linguagens — gravuras, desenhos, aquarelas e fotografias ainda pouquíssimo abordadas — as obras selecionadas se revelam como materiais privilegiados para explorarmos os processos de conformação de imagens produzidas a partir dos contatos estabelecidos entre missionários da CMS e as sociedades que habitavam Uganda.

Assim, para a elaboração desta tese elencamos como fontes documentais principais: *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*⁵³ (1863), as anotações de George Shergold Smith⁵⁴ (1876–1877), *Through the Dark Continent*⁵⁵ (1878), *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*⁵⁶ (1878), *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*⁵⁷ (1892), *Annie Emma Allen*⁵⁸ (1900–1903), *Album of Watercolours*⁵⁹ (1900–1928), *Uganda by Pen and Camera*⁶⁰ (1906), *The Baganda at Home*⁶¹ (1908), *Eighteen Years in Uganda and East Africa*⁶² (1908), *The Baganda: An Account of Their Native Customs and*

⁵³ SPEKE, John H. *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1863.

⁵⁴ CMS/B/OMS/C A6 O22, 22A/22B. Material disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁵⁵ STANLEY, Henry M. *Through the Dark Continent* (2 vols.) Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1878.

⁵⁶ O'NEILL, Thomas; SMITH, Shergold. *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*. Londres: Church Missionary House, 1878.

⁵⁷ HARRISON, Alexina M. *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*. Londres: Hodder and Stoughton, 1892.

⁵⁸ CMS/G/Y/A7/1/6. Material disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁵⁹ CMS/ACC321 F1. Material disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁶⁰ HATTERSLEY, Charles W. *Uganda by Pen and Camera*. Londres: The Religious Tract Society, 1906.

⁶¹ *Idem*. *The Baganda at Home*. Londres: The Religious Tract Society, 1908.

⁶² TUCKER, Alfred R. *Eighteen Years in Uganda and East Africa* (2 vols.). Londres: Edward Arnold, 1908.

*Beliefs*⁶³ (1911), *The Northern Bantu*⁶⁴ (1915), *Mackay of the Great Lake*⁶⁵ (1917), *Twenty-five Years in East Africa*⁶⁶ (1921) e *The Soul of Central Africa*⁶⁷ (1922).

Somando-se a esta lista documental, também incluímos materiais editados pela CMS, como o periódico mensal *The Church Missionary Gleaner*,⁶⁸ o primeiro volume do *The Gleaner Pictorial Album. Containing Pictures of Africa and the Mohammedan Lands of the East* (1887)⁶⁹ e os *Proceedings of the Church Missionary Society*,⁷⁰ compilação de registros oficiais que buscava fornecer, por meio de mapas, textos e tabelas com estatísticas, uma espécie de síntese anual das atividades empreendidas pela CMS em diferentes continentes.

Paralelamente ao *corpus* documental mencionado, também agregamos materiais pertencentes aos arquivos da CMS, localizados nas universidades de Birmingham e de Cambridge, acessados durante o período de realização da pesquisa de campo na Inglaterra, entre 2017 e 2018. Tais registros correspondem a uma extensa gama documental composta tanto por relatos textuais de caráter institucional e privado (como correspondências oficiais e particulares, diretrizes para as atividades missionárias e anotações, por exemplo)⁷¹ como por registros predominantemente imagéticos (como aquarelas, esboços de ilustrações e álbuns fotográficos, entre outros).⁷²

O entrecruzamento das leituras das obras publicadas e dos documentos mapeados nos arquivos britânicos — em sua boa parte ainda não publicados — contribuiu para um maior

⁶³ ROSCOE, John. *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*. Londres: Macmillan, 1911.

⁶⁴ *Idem*. *The Northern Bantu*. Cambridge: Cambridge University Press, 1915.

⁶⁵ PADWICK, Constance E. *Mackay of the Great Lake*. Londres/Nova Iorque/Toronto/Melbourne/Bombaim: Oxford University Press, 1917.

⁶⁶ ROSCOE, John. *Twenty-five Years in East Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

⁶⁷ *Idem*, *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition*. Cassell and Company Limited: Londres, Nova Iorque, Toronto and Melbourne, 1922.

⁶⁸ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, 1841–1921. Enfocamos, principalmente, os números editados entre as décadas de 1870 e 1920.

⁶⁹ *Idem*, *The Gleaner Pictorial Album. Containing Pictures of Africa and the Mohammedan Lands of the East*. Londres: Church Missionary House, 1887.

⁷⁰ *Idem*, *Proceedings of the Church Missionary Society*. Londres: Church Missionary House, 1876–1922.

⁷¹ CMS/ACC279 C1: *Letter from John Roscoe, CMS Missionary, Uganda, 1884–1909, to Rev. Stewart Gordon Ponsonby, Chaplain of Trinity College, Cambridge*; CMS/B/OMS/C A6 N: *Nyanza Sub-Committee* (1 vol., 1875–1880); CMS/B/OMS/C A6 O: *Original Papers* (1876–1880) e CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of Missionaries – Clerical, Lay & Female and Native Clergy from 1804 to 1904 (I–II)*. Londres: Church Missionary Society (printed for private circulation), 1895. Materiais disponíveis para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁷² *Miscellaneous Photographs of Uganda* (GBR/0115/Y3045O); *Papers of the COVIC* (GBR/0115/RCMS10/2); *Photographs of Uganda* (GBR/0115/Y3045F); *Postcard Collection* (PC Uganda); *Reverend Ernest Millar Collection* (GBR/0115/Y3045L); *Spooner Album of Uganda* (GBR/0115/Y3045D) e *Uganda (1906–1911) - Fisher photograph collection* (RCS/Fisher/Y3045C). Materiais disponíveis para consulta no arquivo Church Missionary Society Photograph Collection (Universidade de Cambridge).

adensamento das reflexões desenvolvidas ao longo desta tese. Isso porque, a oportunidade de realizar a pesquisa documental diretamente em acervos e coleções sob a guarda de diferentes instituições possibilitou não só o acesso a uma massa mais volumosa de fontes primárias que enriqueceram a abordagem do objeto, mas, sobretudo, permitiu problematizar a própria condição dos arquivos consultados. Reconhecidos como espaços de poder,⁷³ os arquivos visitados abrigam registros perpassados por relações de violência, opressão e resistência que operavam dentro da dinâmica das relações imperiais e coloniais.⁷⁴

Sobre os critérios que pautaram a seleção das fontes exploradas pela tese, torna-se relevante elucidarmos alguns pontos. Ainda que o enfoque recaia predominantemente na análise de publicações relacionadas às atividades empreendidas pela CMS na região de Uganda entre as últimas décadas do oitocentos e as primeiras décadas do novecentos, optamos também por incorporar fontes pertencentes a outras modalidades narrativas, como os relatos de viagem elaborados por expedicionários britânicos que circularam por Buganda durante a segunda metade do XIX. Enquadram-se nessa categoria, *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* (1863), de John Speke e os dois volumes de *Through the Dark Continent* (1878), de Henry Morton Stanley. Com obras profusamente ilustradas que continham apontamentos de ordem etnográfica, botânica e geográfica, tais expedicionários alcançaram grande visibilidade perante a opinião pública. As narrativas mencionadas e as imagens por elas veiculadas também desempenharam um papel fundamental enquanto peças publicitárias que visavam propagandear os feitos europeus na África, em um contexto de intensa disputa travada entre potências europeias.

Partindo dessa perspectiva, o contato com os relatos de Speke e Stanley permite visualizar um trânsito mais ampliado das imagens, na medida em que tais representações visuais contidas nas narrativas desses expedicionários serviram, em muitas ocasiões, como espécie de modelos para a elaboração de gravuras e ilustrações presentes nas publicações de membros da CMS, como pretendemos apresentar ao longo da tese. A mobilização das narrativas de viagem em nosso trabalho vai ao encontro, portanto, da necessidade de identificarmos os pontos de confluência e de tensão entre os escritos expedicionários e missionários alcançando, assim, uma análise mais abrangente sobre as representações visuais produzidas a partir das interações entre europeus e africanos na interior da África Oriental.

⁷³ MBEMBE, Achille. “The Power of the Archive and its Limits”. In: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REID, Graeme; SALEH, Razia (orgs). *Refiguring the Archive*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002, pp. 19–26.

⁷⁴ Entre trabalhos sobre o tema, ver: STOLER, Ann Laura. *Along the Archival Grain: Epistemic Anxieties and Colonial Common Sense*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2009.

Impulsionado pelas incursões de expedicionários britânicos que transitaram pela região dos Grandes Lagos africanos e estabeleceram contatos com suas populações locais desde a segunda metade do XIX, o envio de grupos religiosos pertencentes à CMS ao território deu vazão a um elevado número de publicações voltadas ao assunto. Embora o envio de aparelhos como a lanterna mágica⁷⁵ e demais equipamentos voltados para a prática fotográfica houvesse sido inicialmente pontuados, seu emprego não foi considerado um aspecto central durante a primeira incursão de missionários da CMS em Uganda no final da década de 1870. Alguns dos motivos apontados se relacionam ao excesso de peso carregado pelas caravanas e a necessidade de priorizar outros itens essenciais para o êxito do empreendimento missionário naquele momento.⁷⁶

A ausência de orientações sistematizadas, de recursos e equipamentos específicos voltados para a elaboração de registros imagéticos durante a primeira incursão missionária promovida pela CMS em Uganda não inviabilizou, entretanto, a produção de representações visuais acerca das experiências vividas pelos religiosos naquele contexto. Nesse sentido, em 1878, foi publicado *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*. A obra contém textos que acompanham dezenove placas ilustradas, produzidas em cromolitografia,⁷⁷ elaboradas a partir dos desenhos feitos em campo por Thomas O'Neill (1836–1877),⁷⁸ engenheiro e arquiteto de origem sul-africana⁷⁹ que se habilitou como um dos missionários da

⁷⁵ Inventada no século XVII, e considerada predecessora dos aparelhos de projeção, a lanterna mágica era composta por uma câmara escura com jogo de lentes que, por meio de um condensador que passava a luz de uma lâmpada de azeite incorporada, atravessava uma placa de vidro pintada com desenhos que eram projetados sobre uma tela. HUMPHRIES, Steve. *Victorian Britain Through the Magic Lantern*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1989 e SIMPSON, Donald. “Missions and the Magic Lantern”. *International Bulletin of Missionary Research*, vol. 21, nº 1, 1997, pp. 13–15.

⁷⁶ MATSON, A.T. “The Instructions Issued in 1876 and 1878 to the Pioneer C.M.S. Parties to Karagwe and Uganda (Part I)”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 3, 1981, pp. 192–237, p. 203.

⁷⁷ Criada em 1837 e popularizada durante a Era Vitoriana (1837–1901), a técnica da cromolitografia se baseia no método da litografia, mas se distingue desta última por possibilitar a feitura de impressões multicoloridas usando pedras ou placas de metal. GRIFFITHS, Antony. *Prints and Printmaking: An Introduction to the History and Techniques*. Londres: The British Museum Press, 2016, p. 120.

⁷⁸ Thomas O'Neill e Shergold Smith foram assassinados no ano de 1877 na região de Ukerewe pelo chefe Lukonge, após uma querela. STOCK, Eugene. “Uganda: the Call and the Response”. *The History of the Church Missionary Society: Its Environment, its Men and its Work* (vol.III). Londres: Church Missionary Society, 1899, pp. 94–112, p. 104. Tal acontecimento, que obteve significativa repercussão na imprensa missionária, torna explícita as profundas tensões entre as populações locais e os missionários europeus. Sobre esses conflitos, conferir: HARTWIG, Gerald W. “Bukerebe, The Church Missionary Society, and East African Politics, 1877–1878”. *African Historical Studies*, vol. 1, nº 2, 1968, pp. 211–232.

⁷⁹ Segundo Matson, entre os membros do primeiro grupo enviado pela CMS à região de Uganda no final da década de 1870, apenas Shergold Smith (líder da missão), era nascido na Inglaterra. Além de escoceses, como Alexander Mackay, havia missionários de origem sul-africana (Thomas O'Neill) e australiana (Charles Tomas Wilson), territórios pertencentes, naquele período, ao império britânico. MATSON, *op. cit.*, p. 197. Para informações mais detalhadas sobre os missionários citados, como local de nascimento, idade e profissão, conferir: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of Missionaries – Clerical, Lay & Female and Native Clergy from 1804 to 1904 (I–II)*, part. I, pp. 170–171.

primeira incursão promovida pela CMS no território dos Grandes Lagos africanos. Poucos anos depois, em 1882, *Uganda and the Egyptian Soudan*,⁸⁰ de autoria de Charles Thomas Wilson (1852–1917) e Robert William Felkin (1853–1926), também comportava em suas páginas reproduções de gravuras produzidas durante as viagens realizadas pelos membros da CMS na África Oriental.

Sobre as primeiras experiências de grupos missionários britânicos anglicanos na região, citamos também as obras *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* (1892), de Alexina Harrison (1853–1939), e *Mackay of the Great Lake* (1917), de Constance Evelyn Padwick (1866–1968). Destacando a figura de Alexander Mackay, jovem religioso que iniciou suas atividades evangelizadoras em Uganda em 1878, tais narrativas — ao entrelaçarem textos, mapas, reproduções de gravuras e ilustrações em sua estrutura discursiva — permitem observar não só como o modelo de representações visuais sobre as interações entre religiosos britânicos e as populações africanas locais modificou-se ao longo das décadas, como também possibilita visualizar um raio mais amplo de circulação dessas imagens. Sobre esse último aspecto, é interessante notar como determinadas representações visuais foram, muitas vezes, adaptadas, reelaboradas e instrumentalizadas em diferentes gêneros literários, como em livros dedicados ao público infantil e infantojuvenil,⁸¹ como podemos verificar na produção de narrativas ilustradas voltadas para crianças e jovens.

Já *Eighteen Years in Uganda and East Africa* (1908) discorre sobre as quase duas décadas de atividades missionárias empreendidas por Alfred Robert Tucker (1849–1914) em Uganda, Tanzania e Kenya. Graduado em artes pela Universidade de Oxford,⁸² Tucker ocupou a posição de bispo anglicano da África Equatorial Oriental entre 1890 e 1897, atuando como o primeiro bispo de Uganda até 1911. Longe de se restringir a aspectos religiosos, a narrativa de Tucker atravessa temas variados, como os impactos da construção da ferrovia em Uganda e a intensificação das tensões sociais a partir de 1894, momento em que Uganda se torna protetorado britânico. Composta por uma série de gravuras elaboradas a partir dos desenhos

⁸⁰ WILSON, Charles Thomas; FELKIN, Robert William. *Uganda and the Egyptian Soudan* (2 vols.). Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1882.

⁸¹ DUNAE, Patrick A. “Boys’ Literature and the Idea of Empire, 1870–1914”. *Victorian Studies*, vol. 24, n° 1, 1980, pp. 105–121. Conferir texto escrito por Constance Padwick sobre o assunto: PADWICK, Constance. “Children and Missionary Societies in Great Britain”. *International Review of Missions*, vol. 6, 1917, pp. 561–575.

⁸² Entre as pesquisas recentes que destacam as ações de Tucker na África Oriental, conferir: GRIFFITHS, Tudor. “Bishop Alfred Tucker and the Establishment of a British Protectorate in Uganda 1890–94”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 31, n° 1, 2001, pp. 92–114 e MATTIA, Joan Plubell. *Walking the Rift: Alfred Robert Tucker in East Africa. Idealism and Imperialism (1890–1911)*. Thesis submitted to the Department of Theology, School of Historical Studies, University of Birmingham, 2007.

feitos em campo por Alfred Tucker, a incorporação de *Eighteen Years in Uganda and East Africa* ao conjunto documental justifica-se pela possibilidade de avaliarmos de que maneira a articulação entre a formação artística e a prática missionária conformou os registros visuais produzidos por este membro da CMS.

As interlocuções entre as habilidades artísticas e a tarefa evangelizadora também adquiriu contornos expressivos a partir da análise conjugada do álbum de aquarelas⁸³ e das cartas escritas⁸⁴ por Annie Emma Allen (1853–1942), enviada pela CMS à Uganda em 1900. Os registros visuais e textuais legados por Allen sobre o cotidiano das missões permitem compreender não só como a missionária lançou mão da pintura e da escrita como meios de representação da realidade observada, como também entender, sob o ponto de vista ancorado na perspectiva dos estudos de gênero, assimetrias no modo como seu espólio documental foi abordado no âmbito das investigações sobre as movimentações missionárias em Uganda no início do século XX, comparativamente à visibilidade conferida a relatos produzidos por outros religiosos contemporâneos.

De autoria de Charles Hattersley (1866–1934), selecionamos as obras *Uganda by Pen and Camera* e *The Baganda at Home*, publicadas respectivamente em 1906 e 1908. A escolha de tais fontes justificou-se pela profusão de reproduções fotográficas contendo registros variados que abarcam grupos humanos (em sua boa parte, figuras que pertenciam às elites políticas de Buganda), paisagens naturais e urbanas, edificações, exemplares da cultura material africana e cenas do cotidiano. Ressaltamos que os registros visuais produzidos por Charles Hattersley ao longo de sua permanência em Uganda,⁸⁵ não se restringiram ao cenário missionário, como podemos notar no emprego de imagens de Hattersley em obras de outros religiosos, como John Roscoe (1861–1932) e Joseph Mullins, mas também foram incorporadas em trabalhos de natureza distinta, como o álbum de fotografias dedicado à Uganda produzido por Alfred Hugh Fisher (1867–1945), solicitado pelo Colonial Office Visual Instruction Committee (COVIC) no início do século XX.⁸⁶ O interesse despertado pelas obras de Hattersley se assenta nas possibilidades de investigarmos não apenas como tais registros fotográficos

⁸³ CMS/ACC321 F1. Material disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁸⁴ CMS/G/Y/A7/1/6. Material disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁸⁵ Para uma abordagem sintética, mas bem elucidativa sobre as experiências de Charles Hattersley em Uganda, consultar: BARRINGER, Terry. “The Drum, the Church, and the Camera: Ham Mukasa and C. W. Hattersley in Uganda”. *International Bulletin of Missionary Research* 20, n° 2, 1996, pp. 66–70.

⁸⁶ Pertencente ao acervo da Royal Commonwealth Society, alocado na universidade de Cambridge, o álbum fotográfico, datado entre 1906 e 1911, contém cerca de 155 fotografias sobre Uganda produzidas por distintos autores. *Fisher photograph collection: Uganda, 1906-1911, (RCS/Fisher/Y3045C)*.

atuaram na construção de uma determinada propaganda das atividades empreendidas pela CMS em Uganda, como também instiga a pensar como a prática fotográfica empreendida nesse contexto pode ser lida enquanto espaço mediador das interações estabelecidas entre Hattersley e as populações baganda.

Integrando a gama principal de fontes mobilizadas por esta pesquisa, chamamos a atenção ainda para os livros de John Roscoe: *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*, *The Northern Bantu* e *The Soul of Central Africa*, editadas entre as décadas de 1910 e 1920. Articulando a prática evangelizadora com as ambições de cunho científico, grande parte dos apontamentos feitos pelo engenheiro civil⁸⁷ que atuou como missionário anglicano no interior do leste africano, são frutos de uma série de incursões pela região de Uganda com o intuito de realizar um levantamento sobre as diferentes dimensões da vida social das populações africanas com quem estabeleceu contatos. Com relação à estrutura formal, tais narrativas também lançam mão de um número significativo de reproduções fotográficas em sua composição. Acreditamos que a especificidade da trajetória de Roscoe e, por consequência, a de seus livros, resida na forma como os materiais visuais se inserem na construção do discurso sustentado pelo autor. Em outras palavras, um dos muitos questionamentos suscitados pela leitura das obras e que se demonstram pertinentes ao nosso tema diz respeito às estreitas conexões entre as atividades missionárias e o desenvolvimento de estudos de caráter científico.⁸⁸ Desse modo, o contato com *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*, *The Northern Bantu* e *The Soul of Central Africa* nos auxilia compreender como determinadas imagens sobre a dinâmica social dos grupos que habitavam a porção leste do continente africano foram instrumentalizadas e divulgadas por Roscoe em seus apontamentos antropológicos e etnográficos sobre o território, servindo também como material de apoio para trabalhos de campo posteriores elaborados sobre os povos baganda, banyoro e banyankore.

⁸⁷ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of missionaries – clerical, lay & female and native clergy from 1804 to 1904 (I-II)*. Londres: Church Missionary Society (printed for private circulation), 1895, p. 206.

⁸⁸ É relevante assinalar que John Roscoe manteve grande aproximação com James Frazer, antropólogo escocês que lecionou na Universidade de Cambridge e se dedicou ao estudo das inter-relações entre o folclore, a mitologia e as religiões e a conformação da ideia de uma “realeza divina” existente em sociedades africanas. Sobre as correspondências trocadas entre Roscoe e Frazer, conferir: COOMBES, *op.cit.*, pp. 166–167; RAY, Benjamin. “James G. Frazer’s correspondence with John Roscoe, 1907–1924”. *History in Africa*, vol. 11, 1984, p. 397 e, mais recentemente, MICHAUD, *op. cit.*

Referenciais teórico-metodológicos

A análise das publicações elencadas nos convidou a selecionar diferentes instrumentos teórico-metodológicos capazes de auxiliar na tarefa de reconhecer tais narrativas como fontes historiográficas para o entendimento da dimensão visual construída a partir das interações estabelecidas entre representantes da CMS e as sociedades africanas. No plano das discussões teórico-metodológicas que norteiam o desenvolvimento desta tese, destacamos a profunda interlocução com os estudos do campo da cultura visual, o debate acerca dos lugares sociais ocupados pelos missionários e as populações locais na construção de saberes e discursos sobre o continente africano e o peso desempenhado pelas imagens e seus trânsitos na elaboração de representações sobre a África no contexto do imperialismo e do colonialismo britânico.

No que se refere à utilização de imagens como fontes para a pesquisa acadêmica, torna-se válido pontuarmos alguns fatores relativos à constituição do campo da cultura visual. Em linhas gerais, sabemos que as expressões visuais revelam-se como vestígios das atividades humanas desde a Pré-História, antes mesmo da invenção da escrita. Despertando interesses diversos, a mobilização de registros imagéticos enquanto fontes para estudos em diferentes áreas do saber deu vazão a investigações de múltiplas naturezas. Longe da pretensão de desenvolvermos um estudo exaustivo sobre as especificidades das incorporações das imagens nestes estudos, acreditamos ser relevante tecer breves considerações sobre a trajetória dos registros visuais na produção historiográfica contemporânea.

Reconhecidas atualmente como documentos imprescindíveis para a construção do conhecimento histórico, as fontes visuais nem sempre gozaram desse estatuto. O modelo científico, consagrado a partir de meados do XIX como forma predominante de se fazer historiografia, alçou as fontes escritas a um patamar privilegiado, conduzindo documentos pertencentes a outras categorias, como imagens e objetos, a posições subalternas. Ainda que o enfoque cientificista tenha impulsionado a hegemonia dos registros textuais no cenário historiográfico por um longo tempo, algumas abordagens buscaram relativizar tal predomínio por meio do emprego de documentos visuais em seus trabalhos. Na transição entre o final do século XIX e o início do XX, historiadores como Jacob Burckhardt e Johan Huizinga, por exemplo, procederam à análise de um conjunto de quadros para compreender, respectivamente, aspectos culturais do Renascimento e da Idade Média.⁸⁹ Assumindo um caráter mais sistematizado a partir das primeiras décadas do século passado, as imagens também serviram

⁸⁹ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: UNESP, 2017, p. 20.

como ponto de partida para autores como Aby Warburg, Erwin Panofsky, Fritz Saxl e Ernest Gombrich que, através de estudos de iconografia e iconologia, procuraram delimitar métodos mais consistentes para a análise de documentos visuais.⁹⁰

Décadas mais tarde, integrando-se ao movimento da “virada pictórica”⁹¹ iniciada no final da década de 1990, termo cunhado pelo crítico William Mitchell, uma série de teóricos avançou no debate sobre a relevância das imagens para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas. Para além das vertentes teóricas que marcaram as reflexões de autores como John Berger e Michael Baxandall, por exemplo, as críticas tecidas por estes intelectuais a uma história da arte tradicional trouxeram significativas contribuições para a conformação do campo da cultura visual na medida em que propunham olhares mais abrangentes para as fontes visuais. Adotando esse viés, os autores vinculados a essa perspectiva não se restringiram apenas a uma análise formal ou estética, mas contemplavam questões relacionadas ao contexto de produção das imagens, suas formas de apropriação, seus impactos sociais, suas mediações institucionais, entre outros.

Assim, ainda que o uso das imagens possa ser identificado na leitura de diversos estudos ao longo do tempo, podemos afirmar, de maneira muito sintética, que o conceito de cultura visual foi inicialmente formulado no seio dos estudos da história da arte e ganhou fôlego entre sociólogos e antropólogos antes de ser reconhecido no campo da história. Institucionalizado no início da década de 1990 no ambiente acadêmico norte-americano, os estudos de cultura visual apresentavam, desde o seu início, uma feição interdisciplinar extremamente flexível que permitia estabelecer pontes com diversas áreas do conhecimento.⁹² Nesse sentido, ainda que tal maleabilidade conceitual enriqueça a pesquisa proposta, sublinhamos nesta tese as abordagens que enfocam a função da visualidade no conjunto das relações sociais inseridas em uma perspectiva histórica.⁹³ Nas palavras do historiador britânico Peter Burke, é necessário compreender que as imagens “não são nem um reflexo da realidade social nem um sistema de

⁹⁰ Sobre a chamada Escola de Warburg, conferir: *Ibidem*, pp. 57–60. Para um balanço crítico sobre autores ligados a esta corrente, ver: MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “História e imagem: iconografia/iconologia e além”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 243-262.

⁹¹ SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. “A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 27, 2019, pp. 1–51.

⁹² Para um mapeamento sobre o processo de conformação do campo da cultura visual entre os anos 1990 e início dos anos 2000 contendo um apanhado dos principais autores e publicações voltadas ao tema, consultar: KNAUSS, *op.cit.*

⁹³ Sobre algumas questões de ordem conceitual e metodológica observadas na constituição dos estudos visuais e suas interseções com a história, conferir: SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco; COSTA, Eduardo Augusto (orgs.). *Cultura visual e História*. São Paulo: Alameda, 2016.

signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre esses extremos”.⁹⁴ Extrapolando a compreensão de que “ver” seria apenas uma capacidade biológica, consideramos os atos de *ver* e ser *visto* como atos políticos. Em outras palavras, tornar algo (in)visível implica, entre tantos fatores, processos de escolha, relações de poder e violência,⁹⁵ nos quais os usos de tecnologias foram indispensáveis. Partindo dessa concepção, as ideias de Jonathan Crary⁹⁶ são fundamentais para entender como a construção social do olhar do sujeito observador moderno, aliada a uma miríade de artefatos e dispositivos, foi indispensável para a constituição de um “arquivo visual” das relações imperiais e coloniais.

A fim de nos aprofundarmos sobre as implicações teórico-metodológicas envolvidas na mobilização de fontes visuais para o desenvolvimento da pesquisa historiográfica, além da produção acadêmica estrangeira,⁹⁷ também adotamos como pilares de nosso percurso as reflexões traçadas por importantes autores brasileiros como Ulpiano Bezerra de Meneses,⁹⁸ Annateresa Fabris,⁹⁹ Ana Maria Mauad,¹⁰⁰ Paulo Knauss,¹⁰¹ Iara Lis Schiavinatto,¹⁰² Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima.¹⁰³ Contemplando diferentes recortes temáticos acerca dos usos dos documentos visuais sob perspectiva histórica, as considerações feitas por tais autores convergem na medida em que explicitam as especificidades existentes no tratamento deste tipo documental e discorrem sobre as potencialidades e os limites presentes nos usos das fontes visuais para a compreensão de distintos fenômenos da sociedade.

Considerando que o *corpus documental* delimitado por esta pesquisa é composto por uma ampla gama de recursos visuais que abarcam gravuras, aquarelas e desenhos baseados, muitas vezes, em materiais fotográficos, a mobilização de autores que discutem as relações

⁹⁴ BURKE, *op. cit.*, p. 275.

⁹⁵ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁹⁶ CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

⁹⁷ Ver, por exemplo, importantes compilações de artigos produzidos por autores como Suzanne Preston-Blier, Paul Gilroy, Martin Jay, James Clifford e Mary Louise Pratt, entre outros, dedicados ao tema da visualidade. MIRZOEFF, Nicholas (org.). *The Visual Culture Reader*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998 e, mais recentemente: SCHWARTZ, Vanessa R.; PRZYBLYSKI, Jeannene M. (orgs.). *The Nineteenth Century Visual Culture Reader*. Londres/Nova York: Routledge, 2004.

⁹⁸ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, pp. 11–36, 2003.

⁹⁹ FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 2008.

¹⁰⁰ MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história, interfaces”. *Tempo*, vol. 1, nº 2, 1996, pp. 73–98

¹⁰¹ KNAUSS, *op. cit.*

¹⁰² SCHIAVINATTO, Iara Lis. *Visualidade e poder: Ensaio sobre o mundo lusófono (c. 1770 – c. 1840)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2023.

¹⁰³ CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Maria Cristina Rabelo de; RODRIGUES, Tânia Francisco. “Fotografia e História: ensaio bibliográfico”. *Anais do Museu Paulista*, vol.2, nº 1, 1994, pp.253-300.

entre história e imagem revela-se como aporte teórico-metodológico fundamental, pois nos auxilia a compreender o variado conjunto imagético que compõe as publicações que pretendemos explorar enquanto um repertório que institui um discurso. Discurso que se torna capaz de ser apreendido por meio do reconhecimento das dissonâncias e tensões que tais registros visuais evocam quando interpretados não de maneira estática, mas a partir de seus desdobramentos e efeitos sociais.¹⁰⁴

Aproximando-se ainda mais de nosso objeto de análise, também sinalizamos publicações centradas na análise das representações visuais europeias sobre o continente africano, especialmente a partir de meados do século XIX. Ainda que diversas narrativas e imagens sobre a África circulassem na Europa desde a Idade Média, foi durante o século XIX que a divulgação de informações sobre o referido continente adquiriu novos contornos e alcançou dimensões muito mais alargadas. Vale lembrar que os avanços técnicos assistidos no campo da impressão e da reprodução de imagens, o expressivo aumento de periódicos, acompanhado pelo crescimento do público consumidor desses materiais se apresentam como fatores que impulsionaram a difusão de obras de distintos perfis dedicados à África.

Alimentado por relatos e descrições de múltiplas naturezas elaboradas por viajantes, expedicionários, comerciantes, militares e missionários,¹⁰⁵ o universo das publicações direcionadas ao público europeu no referido período apostava, cada vez mais, na inserção de elementos imagéticos. Como aponta Leila Koivunen, as incursões europeias à África Central coincidem com o período em que a técnica da gravura em madeira, especificamente a xilogravura de topo,¹⁰⁶ criada no final do XVIII, dominava os meios de comunicação impressos. Viabilizada pelo advento de novos recursos técnicos, a mobilização de registros fotográficos na composição de ilustrações e gravuras em diversos livros, jornais e revistas, passou a ser aplicada com maior recorrência principalmente a partir da década de 1880, assinalando, por sua vez, novas formas de fruição desses produtos visuais por parte do público.¹⁰⁷

¹⁰⁴ MENESES, “Fontes visuais...”, *op. cit.*, p. 28.

¹⁰⁵ Na Inglaterra Vitoriana, por exemplo, a publicação de *Missionary Travels and Researches in South Africa* (1857) do missionário escocês David Livingstone atuou como importante peça do discurso antiescravista britânico alcançando grande êxito editorial no período. A obra chegou a vender setenta mil cópias e fez de Livingstone uma espécie de “herói nacional”. BRANTLINGER, Patrick. “Victorians and Africans: The Genealogy of the Myth of the Dark Continent”. *Critical Inquiry*, vol. 12, nº 1, 1985, pp. 166–203, p. 176.

¹⁰⁶ A xilografia de topo é produzida a partir de um disco de madeira obtido através de um corte transversal no tronco da árvore. O emprego do buril, instrumento utilizado para o entalhe da madeira, garantia uma matriz com traços mais finos e riqueza de detalhes. GRIFFITHS, *op. cit.*, pp. 22–28 e pp. 38–56.

¹⁰⁷ KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009, p. 12.

Empregada por figuras que adentravam diferentes regiões do continente africano, a prática fotográfica foi interpretada, principalmente a partir de meados do XIX, como poderoso instrumento capaz de imprimir legitimidade aos fatos observados, pois permitia captar com “veracidade” o ambiente explorado e suas especificidades. Assim, imbuídos do desejo de tentar retratar as novas realidades encontradas e os obstáculos que se impunham às tarefas religiosas, os missionários também lançaram mão de variados meios e artifícios que possibilitaram a produção e a reprodução de imagens, a fim de propagarem a um amplo público os progressos e os recuos enfrentados durante esse processo.¹⁰⁸

Amparadas em produções imagéticas procedentes de variadas técnicas e elaboradas para diversos fins, as representações visuais europeias referentes ao continente africano atuaram tanto como suportes dos projetos defendidos por potências imperialistas, como também, em certos contextos, como veículos de denúncia das ações coloniais,¹⁰⁹ contribuindo para perpetuar determinados imaginários e estereótipos europeus sobre esses espaços e suas populações. Longe de se configurarem como evidências, tais imagens, veiculadas em diferentes materiais impressos,¹¹⁰ devem ser analisadas a partir de uma cadeia de relações tecidas entre agentes sociais que transitavam, não ausente de ambivalências, entre diferentes esferas do conhecimento.¹¹¹

Embora se configurem como fontes valiosas para a compreensão das relações sociais e das práticas culturais estabelecidas entre a Europa e a África, o diversificado repertório imagético sobre o continente africano permaneceu, de certa maneira, relegado a um segundo plano ao longo de várias décadas. Nessa perspectiva, muitas vezes despida de uma atenção aos

¹⁰⁸ Embora aborde o papel da fotografia em regiões e períodos diferentes dos propostos por esta pesquisa, as considerações tecidas por Kathryn Long fornecem elementos para problematizar os usos das imagens fotográficas na construção de determinadas narrativas missionárias. LONG, Kathryn T. “Cameras ‘Never Lie’”: The Role of Photography in Telling the Story of American Evangelical Missions. *Church History*, vol. 72, nº 4, 2003, pp. 820–851.

¹⁰⁹ Mencionamos como exemplo o artigo de Christina Twomey que enfoca, entre outros aspectos, os impactos da divulgação de imagens de africanos mutilados durante o Estado Livre do Congo (1877–1908) e como estes registros visuais operaram no fortalecimento de campanhas anticoloniais. TWOMEY, Christina. “Framing Atrocity: Photography and Humanitarianism”. *History of Photography*, vol.36, nº 3, 2012, pp. 255–264.

¹¹⁰ Para estudos sobre a reprodução de imagens em diferentes meios impressos, como os cartões-postais, por exemplo, ver: GEARY, Christraud M; WEBB, Virginia-Lee (orgs.). *Delivering Views: Distant Cultures in Early Postcards*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1998 e VOKES, Richard. “Reflections on a Complex (and Cosmopolitan) Archive: Postcards and Photography in Early Colonial Uganda, c. 1904–1928”. *History and Anthropology*, vol. 21, nº 4, 2010, pp. 375–409. Para uma abordagem que enfoca a produção e a circulação de cartões-postais atribuídos a Edmond Fortier na África Ocidental, consultar: MOREAU, Daniela; PARÉS, Luis Nicolau (orgs.). *Imagens do Daomé: Edmond Fortier e o colonialismo francês na terra dos voduns (1908–1909)*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

¹¹¹ BRIDGES, Roy C. “Missionaries, Geography, and Imperialism in East Africa, c. 1844–1890”. *Position Paper*, nº 75, 1998, pp. 1–23 e GEEST, Sjaak Van der. “Anthropologists and Missionaries: Brothers under the Skin”. *Man New Series*, vol.25, nº 4, 1990, pp. 588–601.

processos de produção, circulação e recepção dos registros, as imagens eram interpretadas como meros complementos do texto escrito. Subordinada à linguagem textual e esvaziada de suas complexidades, as imagens, reproduzidas acriticamente, eram confinadas a um papel “ilustrativo” no estudo de muitas publicações referentes à África. Problematizando essas concepções, pesquisas produzidas nas últimas décadas têm reavaliado o lugar das representações visuais em distintas publicações sobre o continente africano.

Nesse cenário, destacamos principalmente as contribuições de Roy Bridges,¹¹² Leila Koivunen,¹¹³ Jack Thompson,¹¹⁴ Paul Jenkins,¹¹⁵ Richard Vokes¹¹⁶ e Christraud Geary¹¹⁷ como trabalhos norteadores para nossa pesquisa. Em língua portuguesa, sublinhamos *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*,¹¹⁸ coletânea de estudos publicada em 2014 organizada por Filipa Vicente. Explorando um conjunto visual composto por gravuras e fotografias produzidas durante incursões de expedicionários e missionários europeus na África entre o final do XIX e o início do XX, as análises construídas pelos autores citados são consideradas relevantes por deslindarem novas possibilidades investigativas a partir do contato com fontes desta natureza, sem perder de vista fatores relacionados às técnicas de produção, circulação e apropriações sociais.

Sobre os aspectos referentes às itinerâncias das imagens, pontuamos algumas obras publicadas nas últimas décadas que oferecem importantes bases teórico-metodológicas para a realização de nossa pesquisa, principalmente no que diz respeito aos registros visuais

¹¹² BRIDGES, Roy. “Images of Exploration in Africa: the Art of James Augustus Grant on the Nile Expedition of 1860–1863”, *Terrae Incognitae*, vol. 38, nº 1, 2006, pp. 55–74.

¹¹³ KOIVUNEN, *op. cit.*

¹¹⁴ THOMPSON, T. Jack. “Images of Africa: Missionary Photography in the Nineteenth Century: an Introduction”. *OCCASIONAL PAPER*. Centre of African Studies University of Copenhagen, 2004, pp. 1-24, *Idem*, *Light on Darkness? Missionary Photography of Africa in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. Michigan: Eerdmans, 2012.

¹¹⁵ JENKINS, Paul. “An Illustrated Look Back Over the First Ninety Years of the Church Missionary Society”. *Adam Matthew Digital*, 2016, pp. 1–16; *Idem*, “Much More Than Illustrations of What We Already Know: Experiences in the Rediscovery of Mission Photography”. *International Bulletin of Missionary Research*, 2002, vol. 26, nº 4, pp. 157–162; *Idem*, “The earliest generation of missionary photographers in West Africa: The portrayal of indigenous people and culture”. *Visual Anthropology*, vol. 7, nº 2, 1994, pp. 115–145.

¹¹⁶ VOKES, Richard. “Reflections on a Complex (and Cosmopolitan) Archive: Postcards and Photography in Early Colonial Uganda, c.1904–1928”. *History and Anthropology*, vol. 21, nº 4, 2010, pp. 375–409, *Idem* (org.). *Photography in Africa: Ethnographic Perspectives*. Londres, Rochester/Nova Iorque: James Currey, 2012 e *Idem*, “Photography, Exhibitions and Embodied Futures in Colonial Uganda, 1908–1960”. *Visual Studies*, vol. 33, nº 1, 2018, pp. 11–27.

¹¹⁷ GEARY, Christraud M. “Missionary Photography: Private and Public Readings”. *African Arts*, vol. 24, nº 4, 1991, pp. 48–59/98–100; *Idem*, “Nineteenth-century images of the Mangbetu”. KEIM, Curtis; SCHILDKROUT, Enid (orgs.). *The Scramble for Art in Central Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 133–168.

¹¹⁸ VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014.

produzidos em contextos coloniais e pós-coloniais.¹¹⁹ De acordo com esse ângulo interpretativo, as imagens — em suas variadas dimensões materiais — devem ser compreendidas à luz de suas múltiplas “biografias”,¹²⁰ ou seja, a partir de seus deslocamentos e apropriações sociais. Dentre os trabalhos mapeados que seguem essa perspectiva, sublinhamos as obras de Elizabeth Edwards,¹²¹ nome de relevo entre estudiosos que atualmente tem se dedicado a problematizar as tramas tecidas em torno dos campos da história, da antropologia, da cultura visual e da cultura material. As considerações traçadas por Edwards são inspiradoras, pois se distanciam de uma concepção a-histórica das representações visuais ao captarem as tensões que circundam as práticas fotográficas em variados ambientes e quadros históricos. Mobilizado pela autora em trabalhos mais recentes, o conceito de “ecossistema visual”,¹²² que propõe pensar as imagens não de maneira estanque, mas a partir da formação de redes de interdependência entre diferentes materialidades, instituições e significados, também revelou-se caro para as discussões desenvolvidas nesta tese.

Publicado em 1994, *Reinventing Africa: Museums, Material Culture, and Popular Imagination in Late Victorian and Edwardian England*,¹²³ de Annie Coombes, revela preciosos apontamentos sobre o papel da cultura material e visual na construção de conhecimentos sobre os territórios e as populações do continente africano, especialmente na Grã-Bretanha entre 1890 e 1913. Reunindo vasto conjunto documental composto por materiais de distintas procedências (catálogos de museus, revistas ilustradas, relatórios, documentação missionária e literatura de

¹¹⁹ Conferir os estudos publicados em: LANDAU, Paul S.; KASPIN, Deborah D. (orgs.). *Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 2002 e JAY, Martin; RAMASWAMY, Sumathi (orgs.), *op. cit.*

¹²⁰ Nas últimas décadas, uma série de estudos em diversas disciplinas vem retomando a importância de se reconhecer as imagens não apenas como fontes de informações, mas também como objetos cuja materialidade possui uma “biografia social” que não deve ser desprezada. Para diferentes visões teórico-metodológicas sobre a cultura material, especialmente nas áreas da Antropologia e da História, consultar: APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2010; MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2013 e PEARCE, Susan M. (org.). *Interpreting Objects and Collections*. Londres: Routledge, 1994.

¹²¹ Conferir, entre outros trabalhos da autora, os títulos: EDWARDS, Elizabeth. *Anthropology and Photography, 1860–1920*. New Haven: Yale University Press, 1992; *idem*, “Material Beings: Objecthood and Ethnographic Photographs”. *Visual Studies*, vol. 17, nº. 1, 2002, pp. 67–75; *idem*, *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums*. Nova York: Berg, 2001; *idem*, GOSDEN, Chris; PHILLIPS, Ruth B. (orgs.). *Sensible Objects: Colonialism, Museums and Material Culture* (Wenner-Gren International Symposium Series). Oxford; Nova York: Berg, 2006, *idem*; HART, Janice (orgs.). *Photographs, Objects, Histories: on the Materiality of Images*. Londres: Routledge, 2004 e *idem*, “Uncertain Knowledge: Photograph and the Turn-of-the Century Anthropological Document”. In: MITMAN, Gregg; WILDER, Kelley (orgs.). *Documenting the World: Film, Photography, and the Scientific Record*. Chicago/Londres: The University Chicago of Press, 2016, pp. 89–123.

¹²² *Idem*; LIEN, Sigrid. “Museums and the work of photographs”. In: *Idem* (eds.). *Uncertain Images: Museums and the Work of Photographs*. Farnham: Ashgate Publishing, 2014, p. 3–17

¹²³ COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: Museums, Material Culture, and Popular Imagination in Late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994.

viagens, entre outros), Annie Coombes chama a atenção para o papel que as coleções etnográficas e as representações visuais produzidas sobre o continente africano durante a Era Vitoriana (1837–1901) e Eduardiana (1901-1910) desempenharam na institucionalização de campos do conhecimento, como a antropologia¹²⁴ e a etnografia, por exemplo. O percurso analítico trilhado por Coombes revela-se de suma relevância para nosso estudo por examinar com minúcia como operaram as relações entre o então chamado conhecimento “científico” e o imaginário popular britânico¹²⁵ sobre a África na passagem do oitocentos para o novecentos.¹²⁶ O registro fotográfico foi um grande aliado nas operações que envolveram a tradução de um saber científico para o universo da cultura de massa, embora seu advento não tenha sido capaz de suplantiar outros meios de representação e de propagação sobre o continente africano. Coexistindo com distintas modalidades de suportes e linguagens visuais, sua popularização foi um fator fundamental para consolidar e difundir uma retórica visual sobre o império britânico direcionada para diferentes extratos sociais, como demonstra James Ryan em *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*.¹²⁷

Sabemos que a expansão imperial e a consolidação da dominação europeia nos espaços ultramarinos foram convencionalmente associadas aos ideais ocidentais de masculinidade e branquitude. Nesse sentido, o contato com as fontes documentais impôs a necessidade de observar como as interpenetrações entre raça, gênero e classe operaram na composição de políticas imperiais e coloniais e na construção de subjetividades. Em consonância com as abordagens que compreendem os nexos entre gênero, raça, classe, colonialismo e domesticidade, destacamos como referencial a obra de Anne McClintock, *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*.¹²⁸ Ao discutir como as interseções entre as referidas categorias foram fundamentais para moldar as práticas e discursos de dominação colonial, a autora zimbabuense se afasta de perspectivas estanques e polarizadas ao abordar como o projeto colonial reforçou categorias historicamente constituídas, associando a expansão europeia à noção masculina de virilidade em contraponto à feminização dos territórios não europeus. As discussões em torno do culto da domesticidade na Era Vitoriana e suas

¹²⁴ Para diferentes olhares sobre as teorias antropológicas desenvolvidas durante a Era Vitoriana, consultar: STOCKING, George W. *Victorian Anthropology*. Nova Iorque: The Free Press, 1987.

¹²⁵ BRANTLINGER, *op.cit.*

¹²⁶ COOMBES, *op. cit.*, p. 3.

¹²⁷ RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.

¹²⁸ McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

ressonâncias na reorganização das dinâmicas dos espaços metropolitanos e coloniais também se destacaram como pontos de atenção na obra de McClintock.

Considerando nosso interesse em investigar como os missionários ligados à CMS atuaram na construção de representações visuais sobre as populações que habitavam Uganda, chamamos a atenção para a importância de reflexões que examinaram como diferentes modalidades narrativas — produzidas a partir das interações entre “colonizadores” e “colonizados” — geraram discursos sobre o “outro” não europeu. A fim de explorar com maior profundidade tais questões, elencamos *A invenção de África*¹²⁹ e *A ideia de África*,¹³⁰ de Valentin-Yves Mudimbe, *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*,¹³¹ de Mary Louise Pratt, *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*¹³² e *Cultura e imperialismo*,¹³³ de Edward Said como obras basilares.

As reflexões construídas por Mudimbe situam-se como esteios para historicizar a constituição do “acervo colonial”.¹³⁴ Para o filósofo congolês, embora tal repertório tenha começado a ser sistematizado no XVIII, consolidando-se no XIX, a formação de um conhecimento ocidental sobre o continente africano tem raízes na antiguidade clássica. Ao esmiuçar textos e reconhecer a importância das esculturas, pinturas e gravuras pela “visibilidade das representações concretas”,¹³⁵ Mudimbe demonstra como o processo de distorção e redução de paisagens, povos e identidades africanas ao longo do tempo engendrou estereótipos e metáforas negativas, cristalizando imagens sobre o continente. Nessa direção, a antropologia, pensada como a “ciência da diferença”, segundo o autor, *inventa* uma *ideia* de África que será radicalmente aprofundada pelo regime colonial.¹³⁶ As considerações de Mudimbe sobre as imbricações entre a disciplina da antropologia, empreendimento missionário e colonialismo são, portanto, centrais para a compreensão do papel da visualidade como uma das engrenagens que operam nas interfaces entre esses campos.

Em *Os olhos do Império*, Mary Louise Pratt identifica o gênero da literatura de viagem como uma expressão mais ampla do imperialismo. Partindo dessa interpretação, a autora

¹²⁹ MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013.

¹³⁰ _____. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014.

¹³¹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

¹³² SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹³³ *Idem*. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹³⁴ Ver, entre diversas passagens, as menções: MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África... op. cit.*, p. 13, p. 41 e p. 54.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 54.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 55.

examina os relatos de diferentes viajantes sobre regiões americanas e africanas produzidos entre os séculos XVIII e XIX com o intuito de avaliar como tais narrativas auxiliaram na propagação de estereótipos, exotismos e construções imagéticas baseadas na ideia de subordinação dos povos não europeus. Entre as ideias discutidas por Pratt, destacamos como ferramentas de significativa relevância para as nossas análises documentais as considerações sobre a prática discursiva de estetização da natureza e as formas de apoderamento das paisagens (sintetizada pela expressão “monarca de tudo o que vê”¹³⁷) empregadas nos escritos de viajantes.

Abarcando narrativas de viagem e romances publicados na passagem entre o século XIX e início do XX, as considerações traçadas por Edward Said em *Orientalismo* e nos ensaios que compõem *Cultura e imperialismo* permitem vislumbrar, por meio de diferentes expressões artísticas e culturais produzidas pelo Ocidente, as tramas tecidas em torno das conexões entre conhecimento e poder. Acreditamos que as reflexões elaboradas por Said são pertinentes para nosso percurso investigativo, pois possibilitam entender como as observações legitimadas pela “autoridade” do olhar europeu, operaram como poderosos suportes culturais do imperialismo e contribuíram para imprimir e perpetuar, no imaginário ocidental, determinadas “geografias imaginativas”¹³⁸ e percepções sobre as populações que habitavam os espaços além das fronteiras europeias.

Prosseguindo no campo de reflexões estruturadas por Mudimbe, Pratt e Said, também adotamos como referências outros trabalhos que retomam as discussões teórico-metodológicas formuladas pelos referidos autores a partir de distintos vieses. Ao se debruçarem acerca da produção literária sobre diferentes porções do império britânico a partir de meados do oitocentos, autores como Tim Youngs,¹³⁹ Peter Hulme,¹⁴⁰ Laura Franey¹⁴¹ e Kate Hill¹⁴² problematizam a natureza desses escritos, demonstrando como as descrições europeias sobre o território africano e suas populações presentes em gêneros como a literatura de viagem e as publicações missionárias compartilham certos traços, constituindo-se como gêneros que operaram extensivamente na constituição de retóricas imperiais e coloniais. Desse modo,

¹³⁷ PRATT, *op. cit.*, pp. 23–38.

¹³⁸ SAID, *Orientalismo...*, *op. cit.*, pp. 69-96.

¹³⁹ YOUNGS, Tim. *Travellers in Africa: British Travelogues, 1850–1900*. Manchester: Manchester University Press, 1994

¹⁴⁰ HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

¹⁴¹ FRANEY, Laura. *Victorian Travel Writing and Imperial Violence: British Writing on Africa, 1855-1902*. Nova Iorque: Palgrave, 2003.

¹⁴² HILL, Kate (org.). *Britain and the Narration of Travel in the Nineteenth Century: Texts, Images, Objects*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2016.

permeadas por ambivalências, tensões discursivas e contrastes identitários, as narrativas derivadas da experiência de viajantes europeus na África revelam-se como fontes privilegiadas para entendermos como tais relatos contribuíram para a difusão de certas “imagens” sobre o continente africano.

Mesmo que se atenham a temas e a problemáticas específicas, as obras elencadas situam-se como pilares teórico-metodológicos imprescindíveis para nossa abordagem por trazerem à tona a importância de compreendermos a visualidade como plataforma de análise das dinâmicas sociais. Acreditamos, portanto, que o reconhecimento dos registros visuais produzidos por missionários anglicanos da CMS no contexto descrito possibilita entender o trânsito e a apropriação dessas imagens como partes de uma cadeia mais ampla de relações. Nesse sentido, reconhecemos a dimensão visual ao mesmo tempo como produto e produtora de processos sociais, capaz de evidenciar projeções de determinados discursos que procuravam engendrar categorias, identidades e saberes sobre os territórios não europeus ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira metade do XX.

Estrutura da tese

Esta tese é composta por seis capítulos. Com relação à sua estrutura, optamos por privilegiar eixos temáticos que nos permitem acompanhar o processo de formação da visualidade sobre Uganda entre o final do XIX e o início do XX. Como o(a) leitor(a) poderá notar, mais do que corresponder a uma narrativa contínua dos eventos históricos ocorridos entre 1870 e 1920 ou se nortear por uma pretensa cronologia do desenvolvimento das técnicas de produção ou reprodução das imagens, os capítulos foram delimitados, sobretudo, pelas problemáticas que emergiram dos conjuntos documentais analisados. Assim, ainda que os capítulos possuam autonomia e um caráter ensaístico, podendo ser lidos de maneira não sequencial, acreditamos que a organicidade deste trabalho repousa na leitura conjugada dos capítulos propostos.

Permeado pelo panorama das interações travadas entre o império britânico e a região dos Grandes Lagos africanos, a partir dos últimos decênios do oitocentos, no primeiro capítulo, dedicamos nossa atenção aos primeiros registros visuais sobre Mutesa I, monarca do reino de Buganda. Transitando por meio de diferentes técnicas e suportes materiais, como esboços, fotografias e gravuras, as diversas representações visuais sobre o *kabaka* ao longo do tempo, jogam luz nas múltiplas camadas de significados que vão sendo tecidos a partir das itinerâncias e apropriações sociais das imagens.

No capítulo dois, exploramos o lugar da imagem e dos aparatos ligados à sua produção e reprodução ao longo da incursão do primeiro grupo escalado pela CMS em 1876 para integrar a chamada “Victoria Nyanza Mission”, com destino à Buganda. A leitura das recomendações previstas nas diretrizes oficiais legadas pela instituição, em paralelo com a documentação produzida por parte dos integrantes da missão, nos permitiu verificar que mesmo que o registro visual não fosse priorizado em um primeiro momento nas instruções para a viagem, houve uma intensa produção imagética por parte dos missionários durante as primeiras incursões na região. A demarcação das paisagens por intermédio da inserção de marcadores simbólicos nos espaços visualmente representados configurou-se como uma das temáticas tratadas no capítulo.

No terceiro capítulo, examinamos as interseções entre literatura, imperialismo, colonialismo e gênero por meio da análise de duas biografias voltadas para o público infantojuvenil, que versam sobre Alexander Mackay, missionário que integrou o primeiro grupo da CMS a acessar o reino de Buganda no final dos anos 1870. A partir da comparação entre as gravuras presentes na obra de Alexina Harrison, irmã de Alexander Mackay, e as ilustrações contidas na publicação de Constance Padwick, produzidas por Ernest Prater (1864-1950), artista gráfico britânico que retratou a Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902), o capítulo aborda as transformações da figura do missionário no âmbito da literatura infantojuvenil, à luz de suas correspondências com os ideais de virilidade e masculinidade que permeavam o discurso colonial.

O foco do quarto capítulo recai na análise do conjunto de imagens produzidas pelo bispo Alfred Tucker e suas replicações em páginas de periódicos ilustrados. O capítulo visa compreender como tais imagens se articulam com as atividades missionárias e o pensamento imperial britânico no contexto abordado, identificando as tensões, no plano imagético, entre as expectativas pessoais, as convenções artísticas europeias e as experiências da atividade missionária no interior da África Oriental. Lançando mão de termos e metáforas que aludem ao campo da visualidade e das tecnologias visuais, as narrativas de Tucker também elucidam aspectos da formação do sujeito observador na passagem do XIX para o XX.

Intitulado “As imagens continuam fazendo o seu trabalho”: as cartas e as aquarelas de Annie Allen”, o capítulo cinco toma como ponto de partida a análise do álbum de aquarelas da missionária Annie Allen e o conjunto de cartas que corresponde às duas primeiras décadas do século XX. O espólio documental atribuído à Allen permite problematizar de que maneira olhares e subjetividades atribuídas ao gênero feminino – compreendido aqui como categoria historicamente construída – foram apreendidas pela historiografia dedicada à participação de mulheres no quadro de ocupação colonial dos territórios não europeus.

Já no último capítulo, enfocamos as itinerâncias dos repertórios visuais que integram as publicações de Charles William Hattersley e John Roscoe, missionários contemporâneos que atuaram em Uganda na passagem do oitocentos para o novecentos. Ao longo deste sexto capítulo, almejamos discutir como as imagens produzidas no âmbito do trabalho missionário foram arregimentadas não só para fortalecer o discurso colonial que exaltava a presença britânica na África Oriental, como também foram mobilizadas por parte das elites políticas de Buganda.

Partindo dessa perspectiva, nossas atenções trafegam pelos usos de registros visuais captados por Hattersley para a constituição do álbum de fotografias sobre o protetorado de Uganda, encomendado pelo Colonial Office Visual Instruction Committee (COVIC), abarcando as aproximações de Roscoe com a antropologia e os usos das fotografias como ferramenta do trabalho de campo etnográfico. A participação do *katikiro* (primeiro-ministro) Apollo Kagwa (1869–1927) como um dos principais mediadores no processo de construção de um conhecimento sobre as sociedades baganda também despontou como tema abordado no capítulo. As trajetórias dos dois missionários e as relações estabelecidas com representantes dos poderes locais são ilustrativas dos múltiplos deslocamentos e apropriações das imagens no processo de construção de narrativas visuais sobre Uganda.

Compõe ainda a estrutura deste trabalho um Glossário que reúne os principais termos e expressões citados ao longo da tese referente a determinados títulos políticos, vocabulários e designações locais africanas. Esperamos que a compilação — ainda que sintética — possa servir de apoio aos leitores na compreensão das ideias desenvolvidas ao longo da tese.

CAPÍTULO 1

DA LITERATURA DE VIAGEM À EXPOSIÇÃO DE ARTE:
ITINERÂNCIAS E REAPROPRIAÇÕES DAS IMAGENS DE
MUTESA I



Este capítulo visa traçar alguns apontamentos sobre os processos envolvidos na construção de registros imagéticos produzidos por expedicionários, missionários e artistas contemporâneos ugandenses acerca da figura de Mutesa I (c.1835–1884), soberano que detinha o título de *kabaka* e que governou o reino de Buganda entre as décadas de 1850 e 1880. A partir de considerações tecidas em torno das trajetórias sociais de determinadas imagens produzidas sobre este monarca que desempenhou relevante papel político na África Oriental no final do século XIX, pretendemos discutir como a imagem de Mutesa I adquiriu variados contornos e endossou distintos discursos ao longo tempo.

Representada inicialmente por expedicionários europeus que circularam pelo território durante a segunda metade do oitocentos, a figura de Mutesa I alcançou múltiplos circuitos, sendo mobilizada não apenas em narrativas de viagem, como também divulgada em distintos suportes impressos, como periódicos, escritos missionários e álbuns destinados ao grande público, por exemplo. Predominantemente europeias, tais representações visuais foram também recentemente ressignificadas nas obras de artistas plásticos contemporâneos ugandenses, o que nos possibilita identificar o amplo raio de circulação dessas imagens e problematizar suas apropriações.

Ainda que não tenhamos a intenção de elaborar um estudo de viés biográfico centrado na figura de Mutesa I,¹ acreditamos que a compreensão mais aprofundada acerca de sua trajetória política no contexto abordado e, conseqüentemente, das construções visuais derivadas de seu percurso enquanto *kabaka* de Buganda, ilumina aspectos das movimentações históricas observadas na região dos Grandes Lagos africanos, especialmente a partir da segunda metade do século XIX.

De acordo com a historiografia dedicada ao tema, as primeiras narrativas acerca dessa porção interlacustre da África Oriental derivam principalmente das descrições de expedicionários² e missionários. Atraindo os olhares imperiais europeus, ansiosos por novas possibilidades de rotas terrestres e fluviais pelo interior do continente, bem como o acesso às suas riquezas naturais, o interesse pela região dos Grandes Lagos impulsionou uma série de

¹ Para trabalhos que adotam tal linha analítica expressando distintas perspectivas, conferir, entre outros: KIWANUKA, M. Semakula. *Muteesa of Uganda*. Nairobi: East African Literature Bureau, 1967 e REID, Richard. “Images of an African Ruler: Kabaka Mutesa of Buganda, ca. 1857–1884”, *History in Africa*, vol. 26, 1999, pp. 269–298.

² BRIDGES, Roy. “The Historical Role of British Explorers in East Africa”, *Terrae Incognitae*, vol. 14, nº 1, 1982, pp.1–21; *Idem*, “Nineteenth-Century East African Travel Records with an Appendix on ‘Armchair Geographers’ and Cartography”. *Paideuma: Mitteilungen zur Kulturkunde, European Sources for Sub-Saharan Africa Before 1900: Use and Abuse*, vol. 33, 1987, pp. 179–196.

incursões pelo território, a começar pela expedição liderada por Richard Burton³ (1821–1890) e John Hanning Speke (1827–1864), realizada entre 1856 e 1859. Apropriando-se dos conhecimentos das sociedades locais, Burton e Speke percorreram a antiga rota das caravanas de marfim, atravessando a região de Bagamoyo à Ujiji, alcançando o lago Tanganyika em 1858.⁴

Em 1860, após divergências com Burton acerca do local preciso da nascente do Nilo, John Speke, dessa vez na companhia de James Augustus Grant (1827–1892), comandou uma expedição em busca da nascente do rio Nilo a serviço da coroa britânica e da Royal Geographical Society (RGS).⁵ Durante a viagem, Speke e Grant percorreram distintas áreas da África Central e Oriental, acessando o reino de Buganda em 1862 e produzindo aqueles que são considerados os primeiros relatos textuais e visuais detalhados sobre a região. O conjunto de apontamentos elaborados por Speke e Grant sobre a expedição empreendida no início da década de 1860 integram, respectivamente, as publicações *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* (1863)⁶ e *A Walk Across Africa or Domestic Scenes from my Nile Journey* (1864).⁷ Perpassadas por impressões subjetivas, os escritos versam sobre diversos aspectos relativos à viagem, como as dificuldades enfrentadas ao longo do percurso, as expectativas durante a expedição, as características físicas e climáticas do território, suas paisagens, populações, entre outros elementos. Evidenciado pelo significativo número de capítulos dedicados à descrição sobre o reino de Buganda,⁸ não seria exagero afirmar que Speke e Grant se impressionaram com o que viram ao longo da permanência de quase cinco meses na corte do *kabaka* Mutesa I.

Para além das minuciosas observações sobre o cotidiano da corte, o contato com tais narrativas nos possibilita notar como Speke e Grant canalizaram suas atenções para a figura de Mutesa I, monarca que havia subido ao trono de Buganda possivelmente entre o final de 1856 e o início de 1857, poucos anos antes da chegada dos viajantes britânicos ao reino. Nascido provavelmente entre os anos de 1835 e 1840, Mutesa I era filho de Suna II, soberano que

³ Uma abordagem sobre a trajetória de Richard Burton e as dinâmicas políticas e culturais travadas entre a Grã-Bretanha e a região da África Ocidental durante a segunda metade do século XIX, pode ser conferida em: GEBARA, Alexsander. *A África de Richard Francis Burton: antropologia, política e livre-comércio, 1861–1865*. São Paulo: Alameda, 2010.

⁴ CHRÉTIEN, Jean-Pierre. *The Great Lakes of Africa: Two Thousand Years of History*. Nova Iorque: New Zone, 2003, p. 203.

⁵ BARNETT, Clive. “Impure and Worldly Geography: The Africanist Discourse of the Royal Geographical Society, 1831–73”. *Royal Geographical Society*, 1998, pp. 239–251.

⁶ SPEKE, John H. *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1863.

⁷ GRANT, James A. *A Walk Across Africa or Domestic Scenes from my Nile Journey*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1864.

⁸ Ver, especialmente, as seguintes passagens: SPEKE, *op. cit.*, pp. 261–452.

governou Buganda partir da década de 1830.⁹ Assumindo o posto de *kabaka* relativamente jovem, com menos de vinte anos, o governo de Mutesa I foi marcado pela dinamização dos contatos com forças externas, viabilizado tanto pelo prosseguimento das negociações com os mercadores árabes e indianos, iniciado por seu pai na década de 1840, quanto pela política de aproximação com os agentes europeus.

1.1. Visualizando o corpo do *kabaka*: a expedição de Speke e Grant e os primeiros registros visuais sobre Buganda

Voltando nossos olhares para os registros imagéticos sobre o *kabaka* presentes em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*,¹⁰ é interessante reparar como as imagens, em suas variadas dimensões materiais, possuem, nas palavras de Elizabeth Edwards,¹¹ uma extensa “biografia social”, que pode ser apreendida a partir de aspectos relacionados aos seus contextos de produção, circulação e apropriação. Nesse sentido, sobre as gravuras publicadas na obra de Speke, é importante sublinhar como tais imagens foram concebidas e como foram posteriormente mobilizadas em outros materiais impressos, como pretendemos demonstrar ao longo do capítulo. Ainda que inicialmente possuísse o objetivo de registrar aspectos da expedição por meio do uso de equipamentos fotográficos — intenção que foi abandonada pela expedição pouco tempo depois da chegada à ilha de Zanzibar¹² — James Augustus Grant, lançou mão de suas habilidades enquanto desenhista a fim de registrar aspectos considerados relevantes para a viagem. Os esboços feitos em sua maioria por Grant e por Speke serviram, por sua vez, como modelos para a elaboração das gravuras que estampam a publicação, e que foram produzidas posteriormente por Johann Baptist Zwecker (1874–1876).¹³

⁹ REID, “Images of an African Ruler...”, *op. cit.*, p. 273.

¹⁰ Ainda que nossos apontamentos considerem os escritos de Speke e Grant relativos à expedição para a África Oriental entre 1860 e 1863, destacaremos as imagens presentes em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* de Speke, já que a obra de Grant não apresenta nenhuma gravura publicada referente ao reino de Buganda ou ao *kabaka* Mutesa I, foco de nossa abordagem neste capítulo.

¹¹ Conferir, entre outros trabalhos da autora, os títulos: EDWARDS, Elizabeth. *Anthropology and Photography, 1860–1920*. New Haven: Yale University Press, 1992; *idem*, “Material Beings: Objecthood and Ethnographic Photographs”. *Visual Studies*, vol. 17, nº. 1, 2002, pp. 67–75; *idem*, *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums*. Nova York: Berg, 2001 e *idem*; HART, Janice (orgs.). *Photographs, Objects, Histories: on the Materiality of Images*. Londres: Routledge, 2004.

¹² Segundo Roy Bridges: “Grant did take several photographs in Zanzibar, but he found the dark tent so unpleasantly enervating in tropical conditions that he decided to revert to sketching (...)”. BRIDGES, Roy. “Images of Exploration in Africa: the Art of James Augustus Grant on the Nile Expedition of 1860–1863”, *Terrae Incognitae*, vol. 38, nº 1, 2006, pp. 55–74, p.64.

¹³ Nascido em Frankfurt, Zwecker foi pintor, ilustrador e gravador em madeira. Estudou em Düsseldorf, mas trabalhou durante a maior parte de sua vida em Londres. Produziu inúmeras ilustrações para livros e revistas da época, dedicando-se com grande atenção a ilustrações de obras sobre história natural. KOIVUNEN, *op. cit.*, p. 290.

Ao buscarmos compreender tal conjunto imagético de maneira menos restrita, também partimos do pressuposto de que as produções de imagens agenciam inúmeros processos sociais, na medida em que possuem uma capacidade de mobilizar e catalisar uma série de ações para que sua elaboração se viabilize. Seguindo essa direção, torna-se fundamental pontuar que a constituição do repertório visual que ilustra a obra de Speke não se deu de maneira unilateral, pois, em muitas circunstâncias, a obtenção dos registros manteve-se condicionada a longas negociações travadas com os grupos retratados. Desse modo, é interessante notar como as populações locais pareciam entender a importância dessas representações visuais em múltiplos sentidos, interferindo, por diferentes vias, em sua produção.

Diversos trechos de *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* descrevem situações em que a produção de desenhos e aquarelas em campo desencadeou diferentes reações entre as pessoas com as quais Speke e Grant travaram contato. Mobilizada, muitas vezes, como artifício para facilitar a aproximação entre os expedicionários britânicos e as sociedades africanas,¹⁴ ou sendo alvo de frequentes inspeções por parte das autoridades locais,¹⁵ as imagens, em seus variados usos e espaços de inserção, desempenharam função de extrema relevância na dinâmica da expedição ao longo da permanência de Speke e Grant em Buganda.

Durante a passagem dos viajantes pelo interior da África Oriental, Speke e Grant tiveram seus cadernos de anotações e materiais para a produção de esboços e aquarelas temporariamente confiscados pelos membros das cortes de Buganda e Bunyoro a fim de barganharem a devolução de tais materiais por outros itens que despertaram o interesse das autoridades locais. Como descreve Speke em um dos muitos momentos de interação com Mutesa I:

Hoje, para divertir o rei, fiz um desenho dele em uma audiência e comecei a visitá-lo (...). Nós conversamos, a imagem foi mostrada para as mulheres; o rei gostaria de ter um pouco mais, e me deu permissão para desenhar no palácio a qualquer momento que eu quisesse. Ao mesmo tempo, ele pediu minha caixa de pintura, apenas para olhar para

¹⁴ Em várias passagens, Speke fala sobre a exibição de livros ilustrados contendo imagens de aves e outros animais, além de esboços feitos em campo como tentativa de estreitar os contatos entre os membros da expedição e as lideranças africanas. Conferir, por exemplo: SPEKE, *op. cit.*, p. 105, p. 119, p. 209, p. 307, p. 423, p. 433, p. 525, p. 565 e p. 583.

¹⁵ “In the evening, the king, accompanied by all his brothers, with iron chair and box, came to visit us, and inspected all Grant’s recently brought pictures of the natives, with great acclamation”. *Ibidem*, p. 422.

ela. Embora eu repetidamente o tenha cobrado por isso, nunca consegui recuperá-la até que eu estivesse me preparando para deixar Uganda.¹⁶

Conforme podemos depreender a partir da leitura do trecho acima, a construção do repertório visual apresentado na obra de Speke fundamentou-se em constantes trocas e negociações que, por sua vez, resultaram em restrições e autorizações conferidas pelas populações africanas no que diz respeito à prática do registro por parte dos viajantes britânicos. De acordo com Leila Koivunen, o grande volume de esboços produzidos em campo por Grant serviu como material base para a elaboração de gravuras que futuramente ilustrariam as páginas da obra de Speke que, na condição de líder da expedição, detinha os direitos editoriais dos usos dos materiais elaborados durante a viagem.¹⁷ Acreditamos que o acesso a tais informações referentes aos meandros da composição e edição dessas imagens se revelam essenciais para a compreensão de seus percursos sociais.

Considerados peças-chave para o bom andamento da expedição, os contatos estabelecidos entre os viajantes britânicos e Mutesa I deram vazão a longas descrições sobre o soberano de Buganda.¹⁸ De maneira geral, os registros feitos sobre Mutesa I parecem fornecer ao leitor interpretações um tanto quanto oscilantes sobre a personalidade do *kabaka* a partir de seu caráter juvenil. Aspecto central pontuado nas descrições de Speke, se a juventude de Mutesa I era por vezes interpretada como uma característica positiva – por sua pouca idade, o soberano apresentava boa disposição física e intelectual para governar o reino – na maior parte das vezes, sua mocidade era associada a posturas instáveis, volúveis e imaturas, comportamentos que, na visão dos viajantes, denotavam pouca habilidade política.¹⁹ Nesse sentido, é curioso notar como a primeira imagem do soberano apresentada em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*, intitulada “King of Uganda Retiring” (figura 1),²⁰ parece transpor, para o plano da representação visual, tais impressões.

¹⁶ Tradução e adaptação feita pela autora a partir do original: “To-day, to amuse the king, I drew a picture of himself holding a levee, and proceeded to visit him. (...) We had a chat; the picture was shown to the women; the king would like to have some more, and gave me leave to draw in the palace any time I liked. At the same time he asked for my paint-box, merely to look at it. Though I repeatedly dunned him for it, I could never get it back from him until I was preparing to leave Uganda.” SPEKE, *op. cit.*, p. 359. Comentários semelhantes também podem ser verificados em outras passagens da mesma obra: *Ibidem*, pp. 423, 539 e 547.

¹⁷ *Ibidem*, p. 150.

¹⁸ Conferir especialmente as descrições presentes nos trechos: *Ibidem*, pp. 285–452.

¹⁹ REID, “Images of an African ruler...”, *op. cit.*, p. 276.

²⁰ SPEKE, *op. cit.*, p. 292.



Figura 1 - *King of Uganda Retiring*

É certo que a compreensão da referida gravura se insere em uma trama mais vasta referente ao conjunto de convenções artísticas europeias adotadas por viajantes britânicos que

visavam retratar sociedades e paisagens para além de suas fronteiras.²¹ Afastando-se da noção de “espelho do real”, as imagens produzidas nessas condições buscavam contemplar a realidade observada *in loco* a partir do repertório visual construído previamente pelos viajantes. Particularmente sobre os retratos de autoridades políticas africanas no âmbito das expedições britânicas durante o final do XIX, é possível afirmar que grande parte dessas imagens retratam tais dignitários em pé ou sentados, embora não fosse incomum encontrar líderes africanos retratados de perfil, conforme o modelo da fotografia antropométrica, por exemplo.²²

A imagem do *kabaka* divulgada em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* parece se enquadrar nessa primeira categoria. No que diz respeito aos padrões estéticos atrelados à ideia de realeza na composição do retrato de Mutesa I, observamos alguns elementos que indicam sua condição enquanto soberano,²³ como os trajes, a lança e a posse de um cachorro, animal utilizado para as atividades de caça e, portanto, considerado símbolo de prestígio entre as sociedades locais.²⁴ Entretanto, para além dos elementos citados que denotam sua posição monárquica, Mutesa I é representado longe das tarefas políticas, em um momento de descanso, de maneira em que a ideia de jovialidade, não a de maturidade, parece ser um dos aspectos centrais que a imagem almeja transparecer.

²¹ Ainda que se debrucem sobre recortes temporais e geográficos distintos, os estudos de Tobin e Martins trazem instigantes contribuições sobre as acomodações e os embates envolvidos no processo de representação visual do “outro” sob a ótica britânica. TOBIN, Beth Fowkes. *Picturing Imperial Power: Colonial Subjects in Eighteenth-Century British Painting*. Durham/Londres: Duke University Press, 1999 e MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800–1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

²² KOIVUNEN, *op. cit.*, p. 93.

²³ É interessante notar como Speke, ao longo de diferentes passagens, chama a atenção para o emprego de um amplo repertório material mobilizado como insígnias de poder na corte de Buganda. Entre os objetos mencionados pelo expedicionário, destacam-se as sombrinhas, peles de felinos, lanças, escudos, ornamentos com contas de vidros e conchas, entre outros. SPEKE, *op. cit.*, pp. 291–292.

²⁴ De acordo com os levantamentos de Reid sobre os relatos de Richard Burton, há referências da presença de cães na corte de Buganda desde o reinado do *kabaka* Suna II, pai de Mutesa I. REID, “Images of an African ruler...”, *op. cit.*, p. 279. O expedicionário Henry Morton Stanley também relata o apreço de Suna por este tipo de animal. Segundo a narrativa de Stanley, o comportamento de Suna II contrastava com o de Mutesa I que, apesar de ser visto por viajantes na companhia de cães, chegou a proibir a presença dos mesmos na corte: “Suna is remembered for his extraordinary attachment to dogs, for the special subsistence of which he surrendered whole districts. Mtesa was also seen by Speke showing great fondness for a dog, but the present monarch has long ago abandoned this traditional predilection, and he now prohibits their 1875 presence in his court”. STANLEY, Henry M. *Through the Dark Continent* (vol.I). Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1878, pp. 348–349.

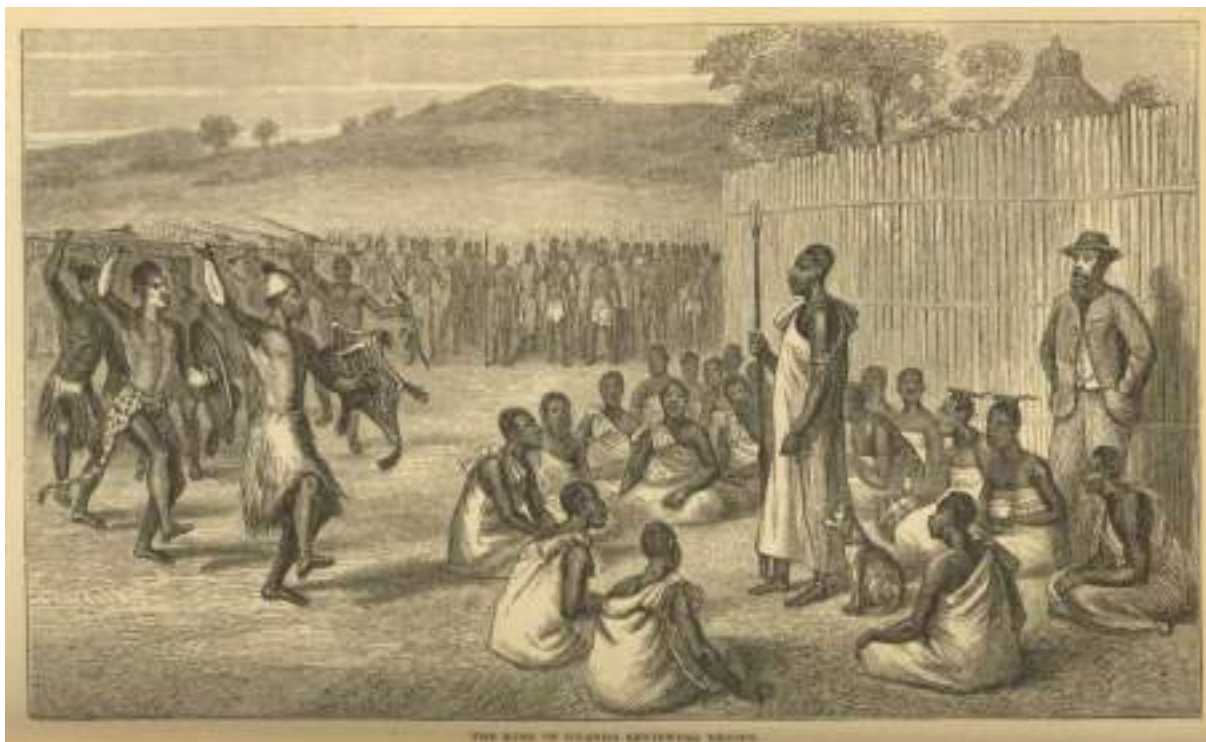


Figura 2 - *The King of Uganda Reviewing Troops*

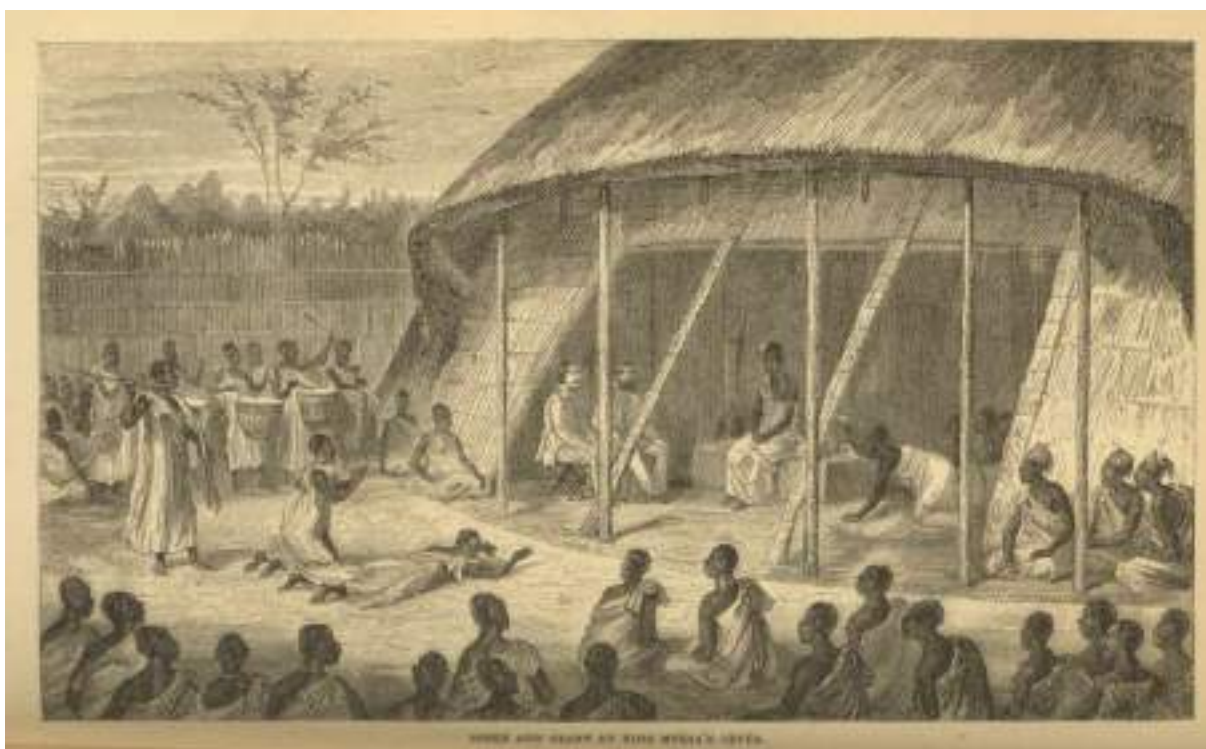


Figura 3 - *Speke and Grant at King Mtesa's Levee*

Já em outras representações visuais presentes na obra de Speke, como “The King of Uganda Reviewing Troops” (figura 2),²⁵ em que o *kabaka* é retratado passando a tropa em

²⁵ *Ibidem*, p. 415.

revista, acompanhado da população baganda e de “Speke and Grant at M’tesas’s Levee” (figura 3),²⁶ registro que narra uma das audiências do *kabaka* e sua corte com os expedicionários britânicos, Mutesa I é representado ocupando um dos planos centrais da imagem, desempenhando seu papel político enquanto soberano de Buganda.

Ainda sobre os registros, cabe também problematizar o quanto tais representações não se encontram, de certa maneira, imbuídas do repertório cultural ocidental.²⁷ Apartada da legenda “The King of Uganda Reviewing Troops” (figura 2), a imagem poderia adquirir outras interpretações, como a de uma dança ritual tradicional de guerra, por exemplo. Entretanto, na tentativa de estabelecer determinadas equivalências entre as dinâmicas locais e seus próprios referenciais, é interessante notar como o discurso produzido pelo viajante — por meio da associação entre o conteúdo da imagem e de sua legenda — se ampara na lógica da hierarquia militar monárquica europeia que, por sua vez, parece se sobrepor ao reconhecimento dos elementos que regem a organização política interna africana. Nesse sentido, longe de invalidar o caráter documental desses registros, torna-se imprescindível compreendê-los à luz das tensões que atravessam a produção das imagens, na medida em que aquele em que está sendo objeto da observação carregará, em maior ou menor grau, as marcas e o repertório prévio de seu observador.

Como já assinalamos, se nas descrições textuais e visuais a juventude de Mutesa I poderia ser vista como uma espécie de sinônimo de sua falta de vivência política, ao mesmo tempo, sua recente inserção na estrutura monárquica de Buganda poderia ser vantajosa aos interesses britânicos, já que tal inexperiência política poderia, aos olhos europeus, ser instrumentalizada a partir dos interesses imperiais na região. Sem ainda declarar um alinhamento pleno à religião islâmica no período (Mutesa I optaria por se converter ao islamismo de vertente swahili anos depois, entre 1865 e 1867),²⁸ o jovem *kabaka* poderia desempenhar, na ótica britânica, papel fundamental na disputa para a construção de alianças políticas entre europeus e as sociedades locais que habitavam a porção interlacustre da África Oriental.

²⁶ *Ibidem*, p. 421. Por meio do confronto com os esboços originais de Grant, Leila Koivunen sustenta que a referida imagem publicada na obra de Speke seria, na realidade, uma composição resultante da fusão de outros três desenhos produzidos por Grant em campo. KOIVUNEN, *op. cit.*, p. 183.

²⁷ STEINER, Christopher B. “Travel Engravings and the Construction of the Primitive”. In: BARKAN, Elazar; BUSH, Ronald (orgs.). *Prehistories of the Future: The Primitivist Project and the Culture of Modernism*. Stanford: Stanford University Press, 1995, pp. 202–225.

²⁸ M’BOKOLO, Elikia (org.). *África negra. História e civilizações. Do século XIX aos nossos dias* (tomo II). Lisboa: Edições Colibri, 2011, p. 295.

Ainda sobre os registros visuais derivados da permanência de Speke e Grant em Buganda, vale também mencionarmos um esboço de aquarela feito por Speke que não foi publicado em nenhuma de suas obras. Denominado “Mtesa King of Uganda in His Throne Room Preparing For a Blister” (figura 4),²⁹ o esboço revela a imagem do *kabaka* nu, provavelmente captado antes do tratamento medicinal aplicado por Speke ao soberano que, de acordo com os relatos da época, sofria possivelmente de uma doença venérea.³⁰

²⁹ A imagem, que atualmente pertence ao acervo da Royal Geographical Society de Londres, encontra-se também publicada em: JEAL, Tim. “David Livingstone: a brief biographical account”. In: MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996, p. 59 e KOIVUNEN, *op. cit.*, p. 129.

³⁰ TUCK, Michael W. “Kabaka Mutesa and Venereal Disease: An Essay on Medical History and Sources in Precolonial Buganda”. *History in Africa*, vol. 30, 2003, pp. 309–325.

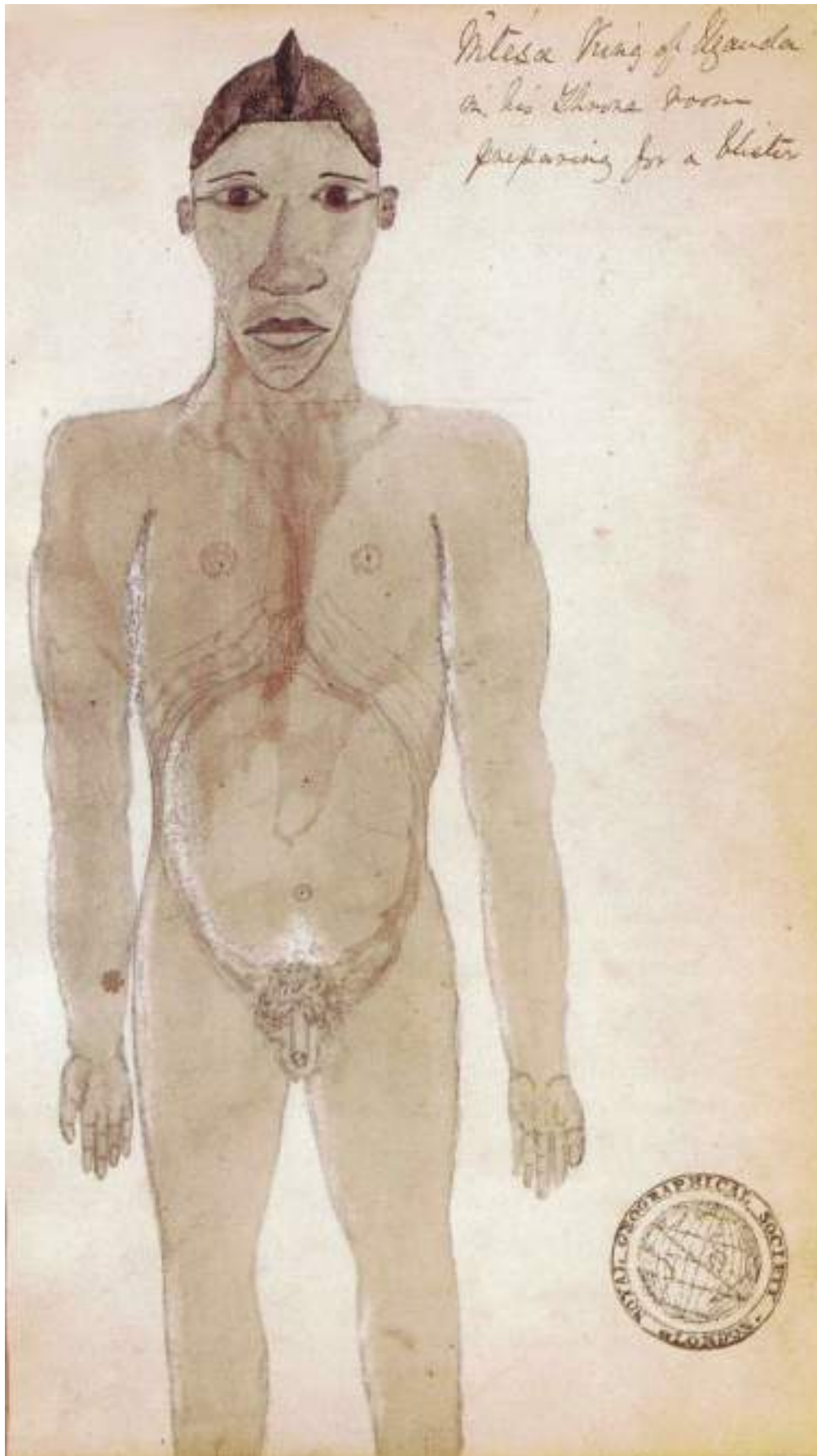


Figura 4 - Mtesa King of Uganda in His Throne Room Preparing For a Blister

Contrastando com o conjunto de registros visuais aqui elencados que enfocaram o *kabaka*, a representação do corpo de Mutesa I nu, despido de vestimentas e de quaisquer outros símbolos de poder em um momento de aparente vulnerabilidade física, também é passível de ser examinada a partir do acréscimo de outras camadas interpretativas. Partindo desse viés, a representação da nudez de Mutesa I poderia ter sido estimulada pela intenção de atender a outros anseios mais alinhados às expectativas de parcela da comunidade científica vitoriana, conectada às concepções raciais alicerçadas no modelo de hierarquização dos grupos humanos. Sobre esse aspecto, convém lembrarmos da exploração do corpo de Sarah Baartman (1789/1790–1815). Proveniente da África do Sul, a jovem ficou conhecida popularmente como “Vênus hotentote”, alcunha pejorativa que ironizava, tomando como referencial os ideais eurocêntricos de beleza, sua compleição física.³¹ Em nome do racismo científico e do público ávido por entretenimento que abarrotava casas de espetáculos das capitais europeias no início do século XIX, o corpo de Sarah Baartman foi exibido, objetificado, inferiorizado e sexualizado. Sem perder de vista as especificidades que regem os contextos de reprodução das imagens dos corpos de Mutesa I e de Sarah Baartman, é possível estabelecer pontos de contato a partir da exposição visual de corpos não-europeus, uma vez que essa prática ia ao encontro do pensamento de classificação e taxonomia das “raças” humanas que permeou retóricas e ações voltadas para a dominação de distintas sociedades.

Conforme ponderamos anteriormente, longe de ser pensada como “retrato fiel” da realidade, a narrativa visual que integra *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* é fruto de uma série de processos que envolveram escolhas, seleções e exclusões, evidenciando a densidade dessas fontes visuais e de sua inserção em obras textuais de distintas naturezas. Omitida das publicações da expedição de Speke e Grant (talvez por ser considerada ofensiva de acordo com os parâmetros da moralidade vitoriana), a decisão de não publicar a imagem de Mutesa I despido, evidencia como as narrativas visuais, bem como as textuais, também eram submetidas a determinados filtros, denotando um longo caminho editorial percorrido desde as observações feitas *in loco* até sua edição final.

Elaboradas a partir dos contatos travados entre Speke, Grant e Mutesa I, as fontes apresentadas nos permitem entrever como os olhares e projeções europeias sobre o *kabaka* de Buganda resultaram não só em produtos visuais diversificados que visavam descrever, sob o ponto de vista europeu, o soberano africano aos seus leitores, como também alcançaram

³¹ KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020, pp. 60–73.

distintos raios de circulação, extrapolando seu contexto inicial de uso. No que se refere a esse último fenômeno, é interessante notar como certas imagens produzidas ao longo da expedição liderada por Speke foram, anos mais tarde, incorporadas às páginas de periódicos missionários,³² como podemos observar em alguns números do *The Church Missionary Gleaner*.³³ Importante meio de difusão das atividades missionárias realizadas pela Church Missionary Society (CMS), a revista circulou com periodicidade mensal entre os anos de 1841 e 1921. Buscando oferecer ao seu público leitor um panorama das atuações da instituição em distintas partes do mundo, o periódico lançou mão de vários recursos imagéticos, como gravuras e fotografias, na composição de suas edições contribuindo para a construção de uma espécie de arquivo visual das missões encampadas pela CMS.³⁴

A mobilização de “King of Uganda Retiring” (figura 1), “The King of Uganda Reviewing Troops” (figura 2) e “Speke and Grant at King Mtesa’s Levee” (figura 3) como referências para as gravuras que estampam as páginas do *The Church Missionary Gleaner*, parecia ir ao encontro da necessidade de reforçar a primazia da presença britânica nessa porção interlacustre do continente. As imagens atuavam como peças da campanha missionária destinada à região, intensificada, sobretudo, após a passagem do viajante Henry Morton Stanley ao reino de Buganda e de seu apelo feito em 1875 para o envio de missões religiosas ao território.

Sem perder de vista a intenção propagandística dessas imagens transpostas para o universo das publicações missionárias, reforçamos que a presença de gravuras publicadas no relato de viagem de Speke que também estampam algumas das páginas do *The Church Missionary Gleaner* elucidam não só as constantes migrações de circuitos desse conjunto imagético por diferentes gêneros literários, como também tornam mais nítidas certas alterações verificadas na composição das imagens e de suas legendas, bem como as interações com os textos que as acompanham.

³² Por um longo tempo negligenciados pela historiografia, os periódicos missionários apresentam-se como fontes privilegiadas para a investigação das dinâmicas sociais estabelecidas entre europeus e africanos entre os séculos XIX e XX. Sobre as potencialidades desse tipo de fonte documental, ver: BARRINGER, Terry. “What Mrs Jellyby Might Have Read Missionary Periodicals: A Neglected Source”. *Victorian Periodicals Review*, vol. 37, n.4, 2004, pp. 46–74.

³³ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, 1841–1921.

³⁴ Para considerações sobre a constituição de uma iconografia missionária nos periódicos da CMS, conferir: JENKINS, Paul. “An Illustrated Look Back Over the First Ninety Years of the Church Missionary Society”. *Adam Matthew Digital*, 2016, pp. 1–16.

Estabelecendo referências diretas com a expedição liderada por Speke ao reino de Buganda no início de 1860 — tanto na descrição textual³⁵ que circunda as imagens como nas legendas — as gravuras “Mtesa, King of Uganda” (figura 5)³⁶ e “King Mtesa’s Reception of Speke and Grant in 1862” (figura 6)³⁷ apontam, mais uma vez, para as convergências de projetos estabelecidos entre as ações de expedicionários no interior da África Oriental e o movimento evangelizador encampado pela CMS. Tais correspondências sinalizam, a partir de múltiplos deslocamentos e apropriações, como os registros imagéticos produzidos durante as primeiras incursões britânicas na porção dos Grandes Lagos desempenharam relevante papel na consolidação desse processo.

³⁵ “But what kind of people are those to whom the gospel is now to be sent for the first time? In future numbers of the GLEANER we hope to give some account of them, gathered from the full descriptions in Captains Speke’s *Journey to the Source of the Nile*. By the kindness of Messrs. W. Blackwood & Sons we are enable to present to present our readers with some of the graphic illustrations in that work”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Church Missionary Gleaner...*, *op. cit.*, jan. 1876, p.3

³⁶ *Ibidem*, p.3.

³⁷ *Ibidem*, p. 3.



Figura 5 - *Mtesa, King of Uganda*



Figura 6 - King Mtesa's Reception of Speke and Grant in 1862

Ao ocuparem a mesma página da edição publicada em janeiro de 1876, as gravuras complementam o texto que discorre sobre os desafios impostos às ações evangelizadoras. Ainda que se refira às participações de outros personagens europeus que transitaram pelo interior da África Oriental, é a figura de Stanley que adquire maior vulto no texto, especialmente sua atuação no acordo firmado com Mutesa I autorizando o envio de missionários ao reino de Buganda. Em um tom semelhante às impressões registradas por Speke em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*, Mutesa I também é sucintamente descrito, nas páginas da referida edição do *The Church Missionary Gleaner*, como alguém de “caráter duvidoso” que aparenta ser “auto-indulgente” e “caprichoso”, embora “altamente inteligente”.³⁸ Na composição visual analisada, as imagens operam como peças de uma narrativa das pretensões missionárias britânicas que, por sua vez, se apoiam na linguagem textual e visual produzida por expedicionários que circularam por Buganda décadas antes.

Também proveniente de *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*, a gravura intitulada “The King of Uganda Reviewing Troops” (figura 2) figurou em duas edições do *The Church Missionary Gleaner*. Entretanto, se na publicação datada de fevereiro de 1876 não observamos praticamente nenhuma modificação formal na imagem reproduzida, apenas uma

³⁸ Somando-se aos diversos fatores que dificultavam o acesso de agentes europeus ao reino de Buganda, o autor do texto acrescenta: “Then there is the doubtful character of King Mutesa, from whom the invitation comes. He appears to be self-indulgent and capricious, though highly intelligent”. *Ibidem*, p.3.

ligeira alteração na legenda da gravura (“King Mtesa Reviewing His Troops in 1862” [figura 7]³⁹), na edição divulgada anos depois, em junho de 1880, reparamos um maior nível de intervenção nas composições da legenda e da imagem.

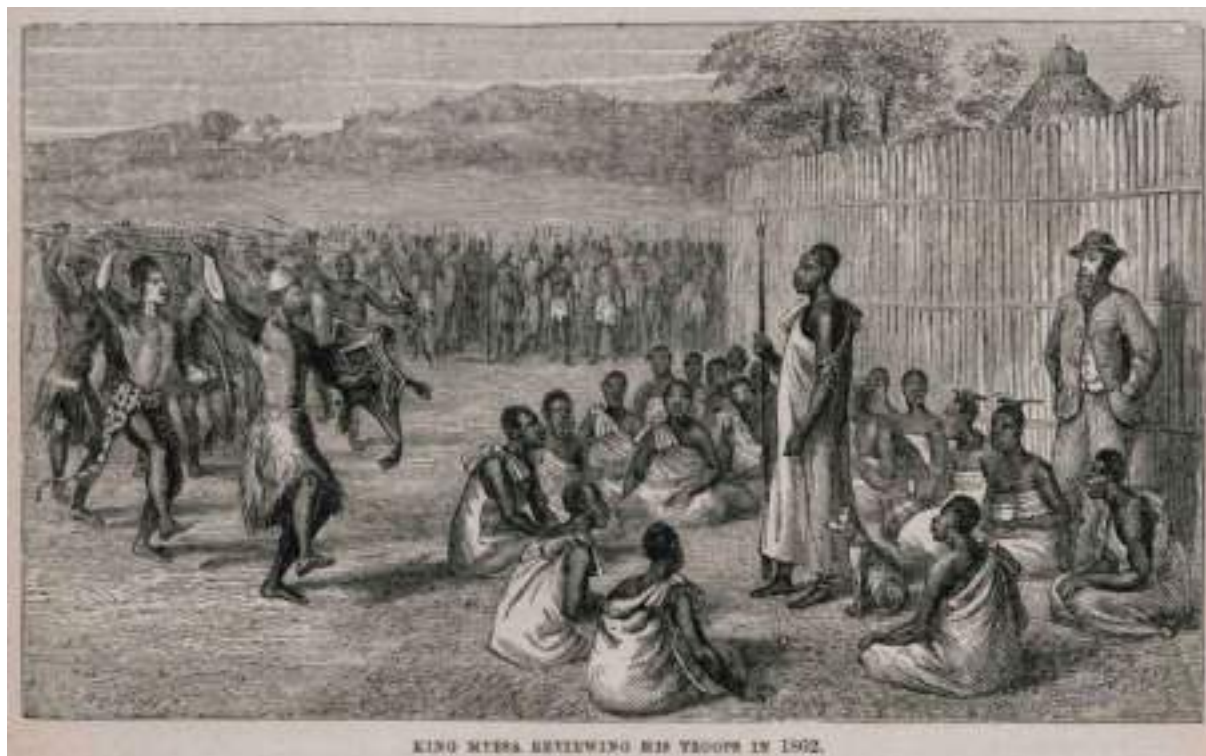


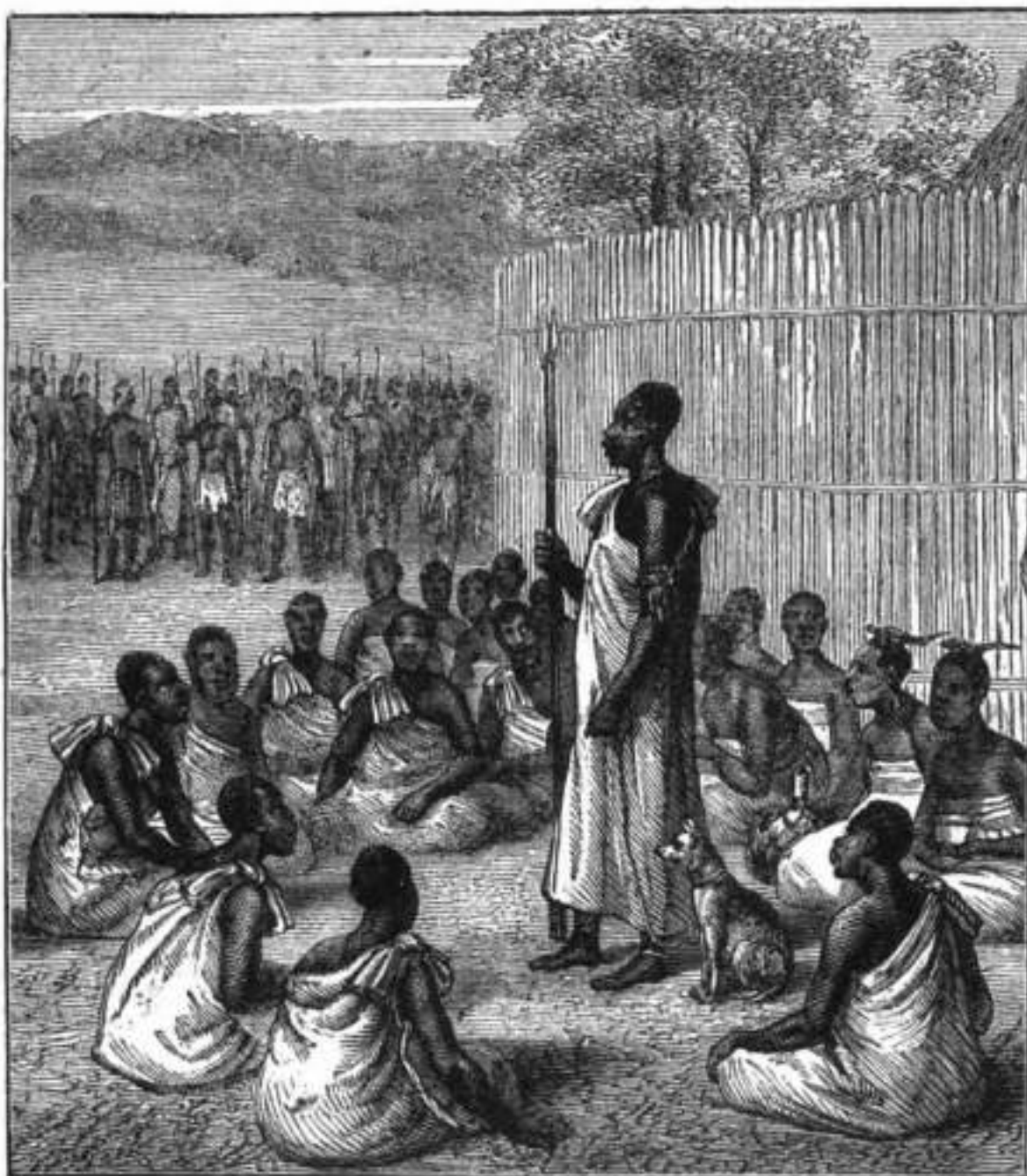
Figura 7 - King Mtesa Reviewing His Troops in 1862

Ao analisarmos a gravura intitulada “King and chiefs in Uganda in 1862 (showing the national dress)” (figura 8)⁴⁰ podemos notar significativas mudanças na imagem que havia sido inicialmente retratada na obra de Speke. Centrada na figura de Mutesa I acompanhado de seus chefes, a imagem divulgada no *The Church Missionary Gleaner* revela um trabalho de edição, na medida em que suprime tanto o grupo de homens que, segundo Speke, integravam a tropa militar do reino de Buganda, quanto a presença do expedicionário John Speke, presentes na gravura original.

Para além das diferenças verificadas na construção da imagem, também nos chama a atenção o destaque que é dado à informação sobre a vestimenta de Mutesa I, detalhe que até então não havia sido pontuado nas identificações das gravuras publicadas anteriormente.

³⁹ *Idem*, fev. 1876, p. 15.

⁴⁰ *Idem*, jun.1880, p. 63.



KING AND CHIEFS IN UGANDA IN 1862.
(*Showing the national dress.*)

Figura 8 - King and Chiefs in Uganda in 1862 (Showing the National Dress)

Como podemos deduzir, a partir da análise suscitada pela comparação entre as gravuras publicadas em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* e posteriormente em volumes do *The Church Missionary Gleaner*, o repertório visual apresentado na obra de Speke não se manteve restrito ao âmbito das narrativas de viagem, sendo reapropriada, em distintos contextos, por outros gêneros literários, como os periódicos missionários, por exemplo. Longe

de serem apenas “retiradas” de seu contexto original e “colocadas” em outro suporte impresso, as imagens selecionadas para ilustrar as páginas do periódico incitam novas leituras a partir do momento em que são acompanhadas de novas legendas e sofrem determinados processos de edição em sua estrutura formal, evidenciando como novos significados e linguagens são gerados a partir desses trânsitos.

1.2. O retrato fotográfico do *kabaka* como aliança política?

Percorrendo ainda a trilha das representações visuais de Mutesa I, torna-se indispensável chamarmos a atenção para as imagens produzidas a partir das interações estabelecidas entre o *kabaka* e a expedição liderada por Henry Morton Stanley, jornalista e expedicionário que havia alcançado grande notoriedade perante a opinião pública após ter localizado o missionário David Livingstone em Ujiji, no ano de 1871.⁴¹

Realizada entre 1874 e 1877, a expedição percorreu diferentes áreas da África Central e Oriental, alcançando o território de Buganda em 1875. Assim como Grant e Speke, Stanley também permaneceu por alguns meses na região, desenvolvendo grande proximidade com Mutesa I e sua corte, conforme podemos notar nas longas descrições feitas sobre Buganda contidas no primeiro volume da obra *Through the Dark Continent*.⁴² Paralelamente às anotações feitas ao longo da viagem, Stanley também empregou a técnica da placa seca⁴³ para obter registros fotográficos durante a expedição. Entre as diversas imagens captadas pelas lentes fotográficas de Stanley, destacamos àquela que é considerada a primeira fotografia de Mutesa I e sua corte⁴⁴ (figura 9).⁴⁵

⁴¹ Sobre as viagens de Stanley pelo continente africano e a construção de uma identidade enquanto “explorador” da África, consultar: YOUNGS, Tim. *Travellers in Africa: British Travelogues, 1850–1900*. Manchester: Manchester University Press, 1994, pp. 151–181 e NEWMAN, James. *Imperial Footprints: Henry Morton Stanley’s African Journeys*. Washington: Potomac Books, 2004.

⁴² STANLEY, Henry M. *Through the Dark Continent* (vol.I). Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1878, pps. 192–194; 202–203; 209, 222.

⁴³ Inventada em 1871, o uso da placa seca dependia de um menor tempo de exposição para se obterem os registros, agilizando o ato fotográfico. KOIVUNEN, *op. cit.*, p. 36.

⁴⁴ VOKES, Richard (org.). *Photography in Africa: Ethnographic Perspectives*. Londres, Rochester/Nova Iorque: James Currey, 2012, pp. 209–210.

⁴⁵ Disponível em: https://www.africamuseum.be/en/discover/focus_collections/display_object?objectid=32525
Último acesso: 01/03/2018.



Figura 9 - King Mtesa and His Chiefs

Formalmente, a composição da fotografia privilegia a figura de Mutesa I que, ao ocupar posição central no arranjo da imagem, é acompanhado por outras autoridades políticas de Buganda, presentes nos segundo e terceiro planos. Traçando uma breve comparação com o conjunto de imagens produzidas ao longo da expedição de Speke e Grant, a representação visual de Mutesa I construída por Stanley parece se distanciar das referências imagéticas sobre o *kabaka* contidas em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*.

Em nossa perspectiva, mais do que refletir o natural avanço de idade do *kabaka* que, durante a passagem do expedicionário por Buganda contava com entre trinta e cinco e quarenta anos de idade, a representação construída por Stanley assinala uma nova conduta do *kabaka* diante do exercício político e de suas conexões diplomáticas com o exterior. Nesse sentido, se as gravuras publicadas nos relatos de Speke associam Mutesa I ao posto de *kabaka* de maneira um tanto quanto oblíqua, a imagem produzida por Stanley, referente à autoridade africana e sua corte, parecem reiterar o lugar político de Mutesa I e sua maturidade enquanto soberano de Buganda. Distante da representação de um governante ainda iniciante, evidente nos relatos de Speke e Grant, a imagem divulgada na narrativa de Stanley evoca a figura de um monarca maduro que, de certa maneira, ao orquestrar seus projetos políticos em prol de uma hegemonia regional, estabeleceu estreitas relações com a coroa britânica. Em outras palavras, a fotografia

feita pela expedição de Stanley reitera uma espécie de aliança política que parece também ser selada no campo visual.

É preciso pontuar que o mencionado registro imagético produzido por Stanley durante sua permanência em Buganda não se restringiu ao material fotográfico, servindo de inspiração para a elaboração da gravura (figura 10) atribuída ao artista gráfico James Cooper (1823–1904)⁴⁶ que ilustra uma das páginas de *Through the Dark Continent*.⁴⁷ Isso porque, por conta das limitações técnicas da época que inviabilizavam a reprodução de fotografias nas publicações, a inclusão da imagem de Mutesa I e seus chefes na publicação só poderia se dar através da técnica de impressão em blocos de madeira (xilogravura de topo).⁴⁸

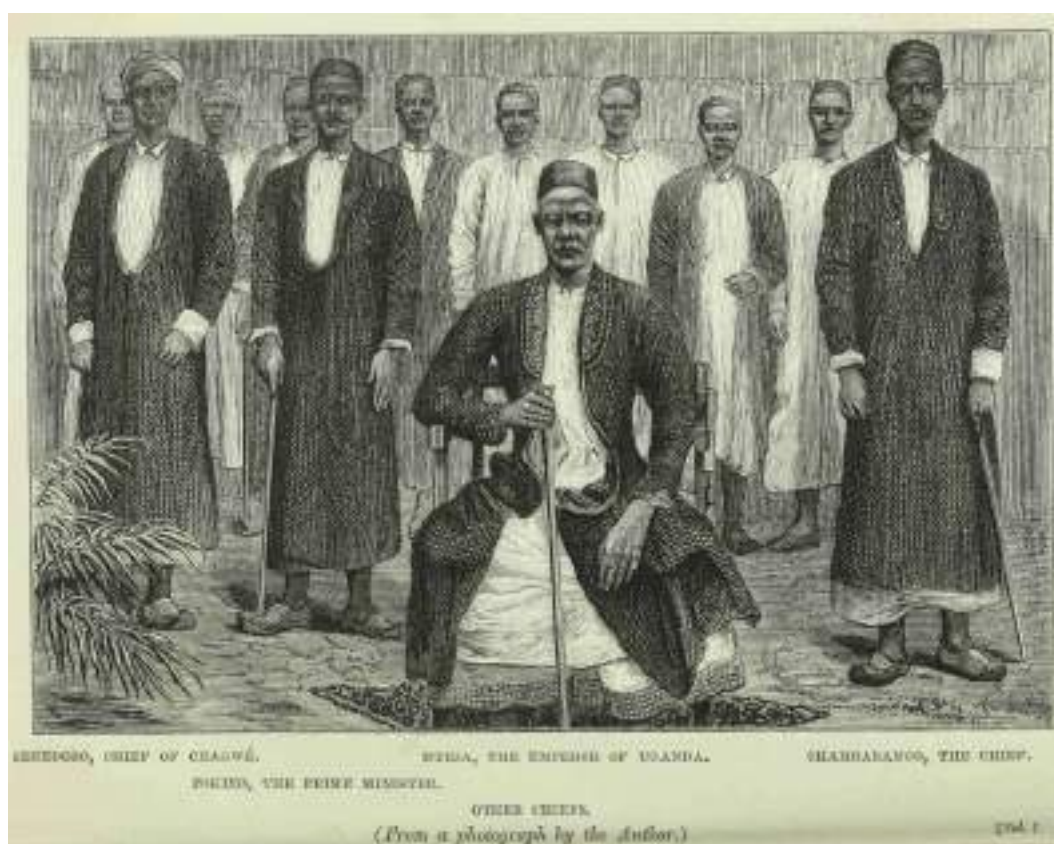


Figura 10 - Mutesa, the Emperor of Uganda, Prime Minister, and Chiefs. (From a Photograph)

⁴⁶ Popularmente conhecido como J.D. Cooper, o artista foi um dos principais nomes da gravura em madeira e do desenho no campo da produção gráfica vitoriana ao longo da segunda metade do século XIX. Além de atuar em diversos periódicos, como *Illustrated London News*, *Art Journal* e *English Illustrated Magazine*, produziu inúmeros trabalhos com Randolph Caldecot e gravou ilustrações de autores como Darwin, Huxley, Tyndall, Owen, Livingstone entre outros. ANDREWS, M.J. “Cooper, James Davis (1823–1904)”. *Oxford Dictionary of National Biography*.
 Verbete disponível em:

<http://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-32552>.

Último acesso em: 10/04/2018.

⁴⁷ STANLEY, *op. cit.*, vol. I, p. 192.

⁴⁸ KOIVUNEN, *op.cit.*, p.12.

Vale lembrar que mesmo que equipamentos fotográficos e recomendações para seu uso fossem muitas vezes incorporados à dinâmica das expedições europeias à África a partir de meados do XIX, sua mobilização enquanto potencial ferramenta de descrição da realidade não substituiu outras técnicas. A utilização de esboços feitos em campo como base para a elaboração de gravuras e ilustrações permaneceu recorrente. Prática comum entre viajantes durante o século XIX, a convivência entre diversos recursos viabilizava a reconstrução do registro fotográfico em outros suportes, permitindo recuperar detalhes não captados pelas lentes, realçar ou obliterar determinados elementos que compunham o registro original, por exemplo.

Um olhar mais atento para a representação do *kabaka* Mutesa I a partir de seus múltiplos trânsitos, também nos permite problematizar como o mesmo registro visual sofreu certas alterações ao longo do tempo e foi mobilizado por diferentes publicações. Assim como as gravuras presentes na obra de Speke, a imagem de Mutesa I e sua corte produzida ao longo da permanência de Stanley em Buganda também foi amplamente divulgada nas páginas de periódicos e narrativas missionárias, como notamos em “The Late King Mutesa and His Chiefs” (figura 11)⁴⁹ e “King Mutesa” (figura 12).⁵⁰

⁴⁹ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Gleaner Pictorial Album. Containing Pictures of Africa and the Mohammedan Lands of the East*. Londres: Church Missionary House, 1887, p. 48.

⁵⁰ HARRISON, Alexina Mackay. *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*. Londres: Hodder and Stoughton, 1892, p. 157. Esta obra será enfocada no terceiro capítulo.

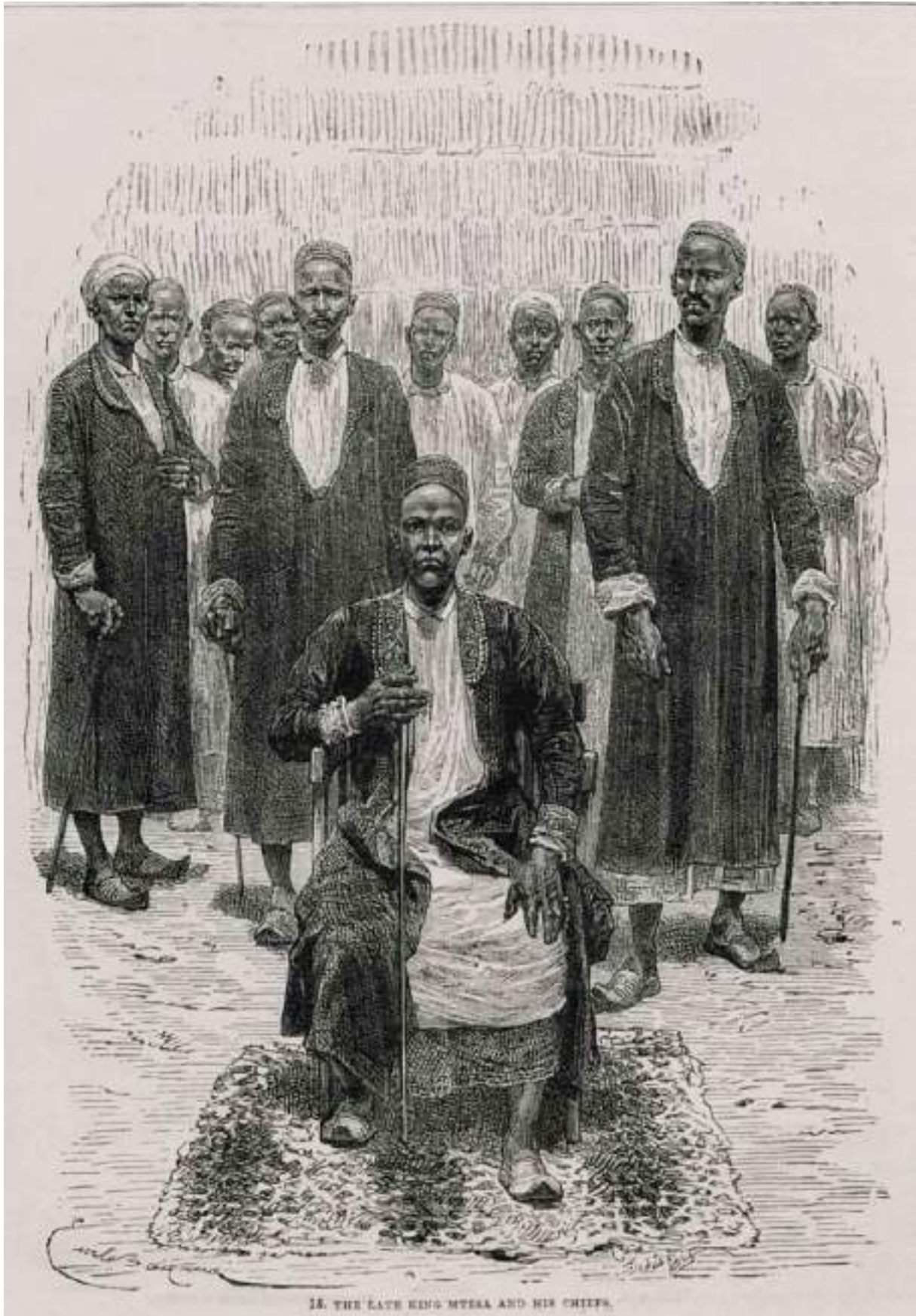


Figura 11 - *The Late King Mutesa and His Chiefs*



Figura 12 - King Mutesa

Apresentando algumas ligeiras modificações formais — como podemos notar pela supressão de um dos personagens situados ao fundo que compõe a matriz original, entre outros

detalhes⁵¹ — o retrato do soberano africano e seus chefes foi publicado no primeiro volume do *The Gleaner Pictorial Album* (1887) (figura 11), álbum ilustrado composto por uma compilação de ilustrações sobre a África publicadas em volumes anteriores do periódico *The Church Missionary Gleaner*.⁵² Outra modificação substantiva é possível de ser verificada por meio da constituição das legendas que identificam as imagens. Se na gravura apresentada em *Through the Dark Continent* temos acesso aos nomes e às funções políticas desempenhadas pelos três homens que se encontram no segundo plano da imagem, na gravura publicada no periódico missionário a única figura identificada é a do *kabaka* Mutesa I.

Ao tentarmos acompanhar a “vida social” das representações de Mutesa I e sua corte torna-se evidente o quanto sua imagem foi replicada e, muitas vezes, modificada ao longo do tempo, como podemos observar na apropriação que a obra escrita por Alexina Harrison (1853–1939), irmã de Alexander Mackay, faz da imagem do *kabaka* (figura 12). Destinada principalmente ao público infantojuvenil, *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* (1892) destaca a figura do jovem missionário pertencente ao primeiro grupo enviado pela Church Missionary Society à Buganda no final da década de 1870. Ainda que claramente inspirada na gravura divulgada na obra de Stanley, a representação visual de Mutesa I que integra a narrativa de Harrison revela, por sua vez, uma drástica obliteração em sua composição se comparada aos dois registros visuais anteriores.

Se nas gravuras publicadas em *Through the Dark Continent* e em *The Gleaner Pictorial Album* Mutesa I é retratado juntamente com outras autoridades locais, na representação contida em *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*, o soberano de Buganda é retratado sozinho. Em nossa perspectiva, ao centralizar as atenções unicamente em Mutesa I, a opção por tal tipo de representação visual parece sinalizar um paulatino processo de apagamento das demais identidades dos personagens africanos que compunham a hierarquia política de Buganda, diluindo, para o leitor, a complexidade desses arranjos políticos.

Como podemos depreender a partir dos exemplos elencados, a elaboração de gravuras se revela como terreno fértil para a remodelação de elementos voltados a diferentes narrativas. Um outro exemplo interessante que também elucida essas questões é a gravura intitulada “Stanley Tells Them of The White Man’s God” (figura 13), presente em *Uganda’s White Man*

⁵¹ Entre outras ligeiras diferenças entre a gravura publicada na narrativa de Stanley e a gravura divulgada no *The Gleaner Pictorial Album*, podemos apontar a ausência de uma folhagem presente no canto esquerdo da imagem original, bem como o destaque que é conferido, na representação presente no álbum missionário, da pelagem de felino, insígnia de poder real, na qual Mutesa I apoia seu trono.

⁵² Publicado em três volumes entre 1887 e 1888, além da edição dedicada à África e ao Oriente, o *The Gleaner Pictorial Album* também enfocou as ações da CMS em outros territórios, como Índia, Ceilão e as Ilhas Maurício (vol. 2), China, Nova Zelândia, América do Norte e o Pacífico (vol.3). BARRINGER, *op. cit.*, p. 51.

of Work (1907),⁵³ edição norte-americana destinada à promoção de atividades educacionais missionárias entre crianças e adolescentes, de autoria de Sophia Lyon Fahs (1876–1978).⁵⁴



Figura 13 - Stanley Tells Them of The White Man's God

Em termos de comparação formal, tal ilustração é a que mais destoa do conjunto das representações visuais do *kabaka* Mutesa I e sua corte, baseada na matriz fotográfica da década de 1870. Curiosamente, sua composição carrega muitas semelhanças com uma das fotografias reproduzidas, alguns anos antes, em *The Uganda Protectorate*⁵⁵ (1902), extensa obra de Harry Johnston (1858–1927), administrador colonial, geógrafo e naturalista que entre 1899 e 1901, atuou como Comissário Especial do Protetorado de Uganda.⁵⁶ Intitulada “Uganda Chiefs”

⁵³ FAHS, Sophia L. *Uganda's White Man of Work*. Nova Iorque: Young's People Missionary Movement, 1907, p. 14.

⁵⁴ Filha de missionários presbiterianos, Fahs foi professora, editora e autora de mais de quarenta livros e artigos de temática cristã.

⁵⁵ JOHNSTON, Harry Hamilton. *The Uganda Protectorate. An Attempt to Give Some Description of the Physical Geography, Botany, Zoology, Anthropology, Languages and History of the Territories under British Protection in East Central Africa, between the Congo Free State and the Rift Valley and Between the First Degree of South Latitude and the Fifth Degree of North Latitude* (2 vols.). Londres: Hutchinson and Co., 1902.

⁵⁶ RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997, p. 158.

(figura 14),⁵⁷ a imagem que estampa o segundo volume da obra de Harry Johnston retrata um grupo de seis regentes africanos, cujos nomes e funções políticas são pormenorizados na legenda.

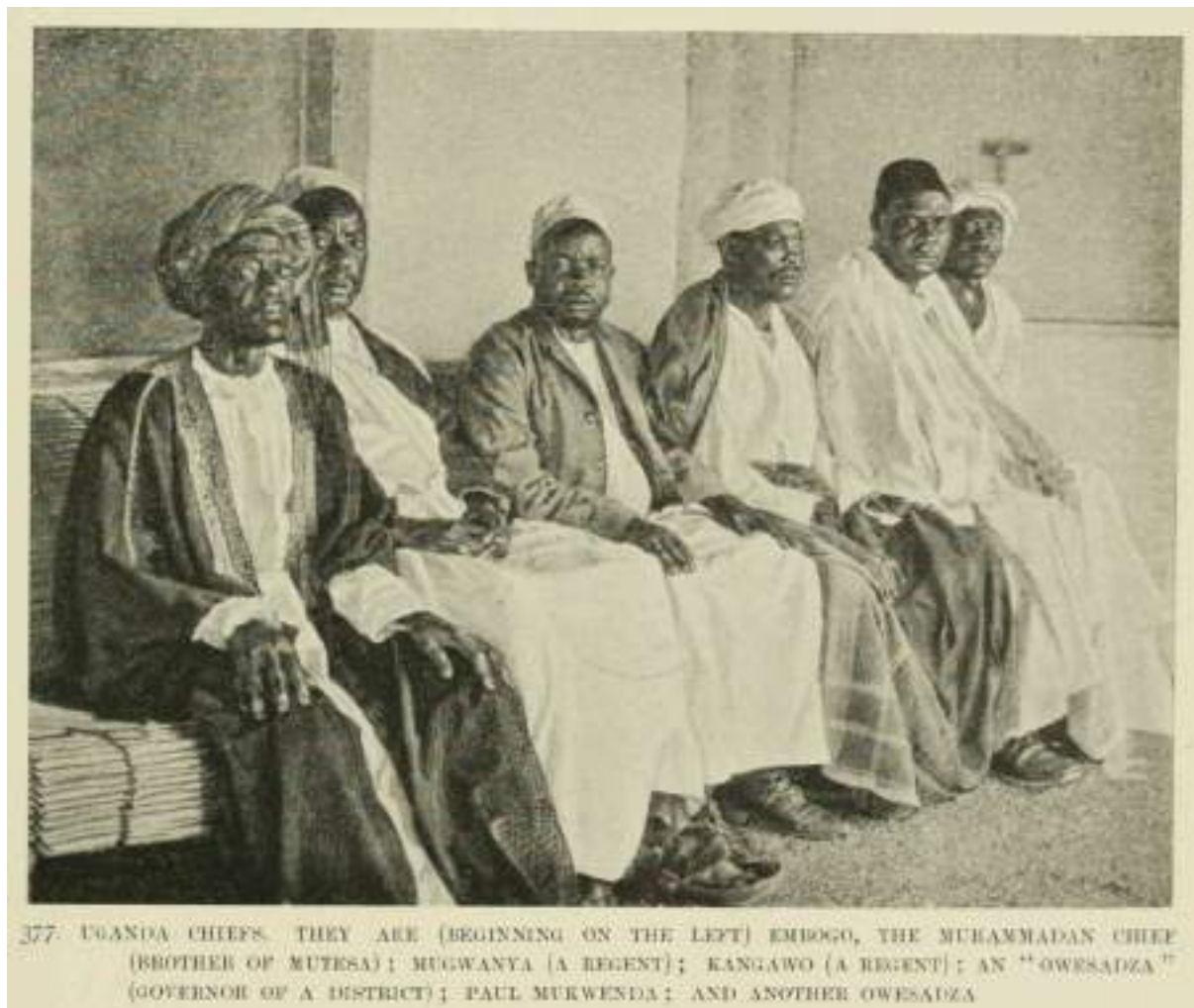


Figura 14 - Uganda Chiefs

Embora não tenhamos localizado indícios documentais, para além da semelhança formal, que comprovem a existência de uma vinculação direta entre “Stanley Tells Them of The White Man’s God” (figura 13) e “Uganda Chiefs” (figura 14), reproduzida alguns anos antes em *The Uganda Protectorate*, é perceptível a recuperação do enquadramento da fotografia publicada na obra de 1902, bem como das feições, posturas corporais e trajes das lideranças políticas retratadas na construção da gravura publicada em *Uganda’s White Man of Work*. Novamente, as similaridades entre as imagens dão pistas sobre o intenso deslocamento de materiais visuais e o compartilhamento de referências imagéticas no período.

⁵⁷ JOHNSTON, *op. cit.*, vol. II, p. 683.

Retomando a análise de “Stanley Tells Them of The White Man’s God” (figura 13), notamos que a gravura apresenta ao leitor o encontro entre Stanley e Mutesa I, mais especificamente o momento em que o expedicionário parece discorrer sobre os potenciais benefícios que a aceitação da religião cristã promoveria ao reino de Buganda. Diferentemente das imagens que já discutimos, a narrativa visual que nos é apresentada confere grande destaque à figura de Stanley. Representado de maneira confiante em um primeiro plano, a imagem do viajante parece se contrapor à representação do *kabaka* e sua corte. Revelando uma expressão facial que oscila entre a admiração e o espanto, Mutesa I ouve Stanley. O contraste entre a posição ativa de Stanley que “fala” e a postura receptiva do soberano africano que “escuta” com atenção torna-se evidente na composição da gravura. Nesse sentido, longe de privilegiar a noção de conflito, negociação e interdependência que constantemente pautaram as interações entre europeus e africanos, a referida imagem contribui para a construção de uma narrativa que endossa a ideia do potencial êxito das atividades missionárias na região, materializado na imagem do soberano que se demonstra aberto a tais ideias sem aparentemente oferecer objeções. Assim, é interessante perceber como a narrativa visual contida em “Stanley Tells Them of The White Man’s God” (figura 13) procura acomodar, adaptar e condensar distintos personagens e conjunturas históricas. Publicada no primeiro decênio do século XX, período em que Uganda já havia sido declarada protetorado britânico, o discurso presente na imagem confere, portanto, protagonismo ao agente europeu (personificado por Stanley) frente à passividade das lideranças políticas de Buganda (representadas por Mutesa I e demais chefe políticos).

1.3. Interrogar o passado e ressignificar os registros visuais coloniais: apropriações artísticas contemporâneas a partir do retrato de Mutesa I

Não seria equivocado afirmar, a partir do conjunto visual aqui mobilizado, que as representações de Mutesa I circularam por distintos suportes impressos, sobretudo a imagem do *kabaka* e sua corte publicada pela primeira vez na narrativa de Stanley. É relevante sublinharmos que a intensa utilização dessa imagem e de suas múltiplas variações chamaram recentemente a atenção da fotógrafa, artista plástica e pesquisadora holandesa Andrea Stultiens⁵⁸ que, através da licença poética, endereçou uma carta à Mutesa I com o intuito de

⁵⁸ Para mais informações sobre a trajetória artística de Stultiens, conferir: <http://www.andreastultiens.nl/>. Último acesso em: 01/03/2018.

tentar estabelecer um diálogo sobre os usos de sua imagem.⁵⁹ As indagações em torno das representações visuais do *kabaka* serviram de ponto de partida para a exposição “Ekifananyi Kya Muteesa”. Em cartaz entre os meses de abril e maio de 2017 na galeria de arte da Universidade de Makerere, em Kampala, capital de Uganda, a mostra reuniu a produção de dezenove artistas visuais locais⁶⁰ que se lançaram ao desafio de produzir, por meio de diferentes linguagens artísticas — esculturas, performances, instalações, pinturas, gravuras, entre outras — releituras da primeira fotografia de Muteesa I e seus chefes.

Entre as obras exibidas na mostra, destacamos o trabalho de Matt Kayem que, através da escultura (figura 15), reconstrói de maneira tridimensional a fotografia. Ao optar por esculpir apenas o que é visível na fotografia, Matt Kayem acaba por enfatizar determinadas ausências — como a indefinição das formas dos rostos de algumas das autoridades que acompanham Muteesa I, única peça a ter sua feição completamente retratada na obra.⁶¹



Figura 15 - Matt Kayem's *Ekifananyi Kya Muteesa, or How to Sculpt a Photograph*

⁵⁹ STULTIENS, Andrea. “How to have a conversation with the past: A letter to Ssekabaka Muteesa I”. Disponível em: <http://www.hipuganda.org/blog/a-letter-to-ssekabaka-muteesa-i-part-i>. Último acesso em: 01/03/2018.

⁶⁰ Além de Andrea Stultiens, a exposição reúne obras de: Canon Griffin, Daudi Karungi, Eria Nsubuga, Eva Dembe, Fred Ndaula, Henry Mzili Mujunga, Ian Mwesiga, Margaret Nagawa, Martha Namutosi, Matt Kayem, Migisha Boyd, Nathan Omiel, Odama Jacob, Papa Shabani, Piloya Irene, Ronex Ahimbisbwe, Sanaa Gateja, Timothy Erau, Violet Nantume e Wasswa Donald.

⁶¹ Para mais informações sobre o processo de criação do trabalho exibido: <http://www.hipuganda.org/blog/ekifananyi-kya-muteesa-the-show-is-on>. Último acesso em: 01/03/2018.

Revelando um ponto de vista diferente sobre a mesma fotografia, a obra de Timothy Erau, por sua vez, apresenta o soberano de Buganda com sua identidade facial obscurecida (figura 16). Empregando os contrastes entre o claro e o escuro, potencializados pelo uso de luzes de diferentes proveniências — como canetas laser, tochas, celulares, por exemplo — a obra de Erau imprime uma espécie de anonimato à figura de Mutesa I.⁶²

Oscilando entre as noções de identidade e anonimato, os resultados estéticos alcançados pelos artistas citados talvez nos induzam a questionar como as representações do *kabaka* de Buganda transitaram, ao longo do tempo, entre estes dois polos.

⁶² Considerações mais detalhadas sobre a obra em questão podem ser consultadas em: <http://www.hipuganda.org/blog/ekifananyi-kya-muteesa-the-show-is-almost-on>. Último acesso em: 01/03/2018.



Figura 16 - Timothy Erau's Contribution to 'Ekifananyi Kya Muteesa'

De maneira geral, para além das particularidades de materiais, técnicas e significados existentes em cada obra, ao se apropriarem e reinterpretarem a referida imagem a partir de suas próprias indagações, acreditamos que os trabalhos dos artistas abrem caminhos para refletirmos sobre como a arte contemporânea⁶³ é capaz de incitar novos olhares sobre determinados temas, como os contatos estabelecidos entre europeus e africanos, os desdobramentos do domínio colonial na África e a produção de um imaginário sobre esses processos e seus agentes sociais.⁶⁴

Ao longo do percurso reflexivo proposto por este capítulo, buscamos compreender como a imagem de Mutesa I, *kabaka* do reino de Buganda entre 1856 e 1884, foi representada visualmente ao longo de diferentes períodos desde meados do século XIX. Reconhecido como elemento central para a garantia da manutenção do equilíbrio político na região dos Grandes Lagos africanos, Mutesa I constituiu-se como foco de atenção dos primeiros viajantes britânicos que percorreram o reino de Buganda na década de 1860. Estampando páginas das narrativas de viagem de Speke, as imagens revelam os anos iniciais do reinado de Mutesa I, destacando o caráter jovial do soberano. Ainda que tais imagens tenham assistido a um considerável nível de circulação, ilustrando vários periódicos missionários publicados na época, será o retrato do *kabaka* e seus chefes, captado anos mais tarde pelas lentes fotográficas da expedição liderada por Stanley, que alcançará dimensões muito maiores de itinerância e ressignificação ao longo das décadas seguintes.

Perceptível no conjunto visual selecionado, a figura de Mutesa I — representada ao lado de outras lideranças políticas, sozinho ou compondo uma atenta plateia que escuta os “ensinamentos” de Stanley — parece ter operado, em grande medida, como uma espécie de repositório das expectativas e projeções imperiais britânicas sobre o território de Uganda durante o final do XIX e as primeiras décadas de XX. Da ideia de juventude à maturidade enquanto soberano, as representações do corpo de Mutesa I, em outras palavras, parecem materializar e reforçar, no âmbito da visualidade, a própria temporalidade da implantação do imperialismo britânico na região. Intensificada após o apelo de Stanley feito em 1875, a penetração cada vez maior de missionários cristãos e agentes coloniais na região de certa forma precipitou a construção de alianças, intervenções políticas e assinaturas de tratados econômicos que culminariam na transformação de Uganda em protetorado da Grã-Bretanha no final da

⁶³ Entre artistas contemporâneos que têm problematizado a questão colonial em suas obras, podemos mencionar Yinka Shonibare (Reino Unido/Nigéria), Gael Daavo (Benin), Eugene Gumira (Canadá/Rwanda), Lauro Munguambe (Moçambique) e Bruce Clark (África do Sul). Agradeço à Lia Laranjeira pela contribuição.

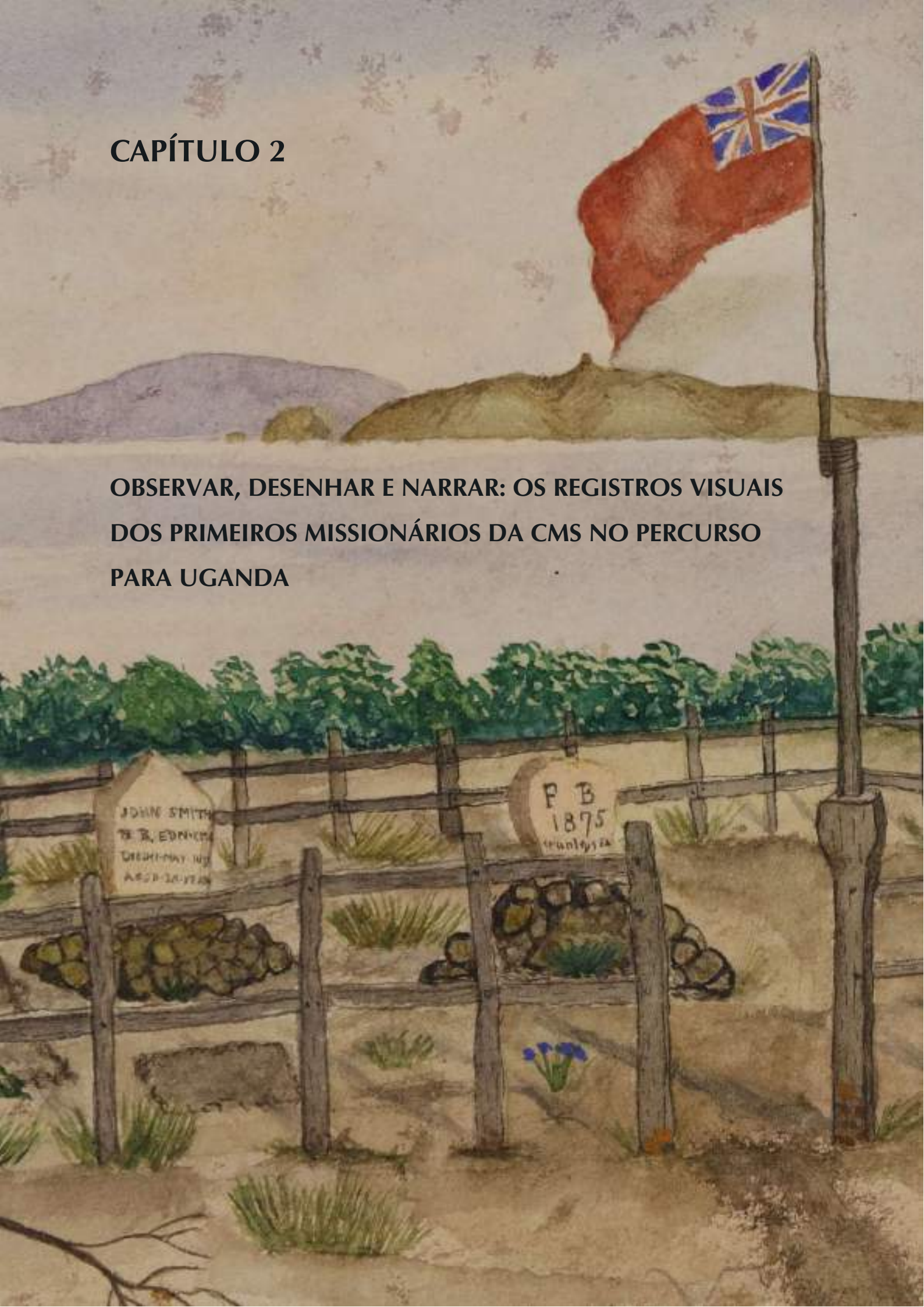
⁶⁴ LARANJEIRA, Lia Dias. *Mashinamu na Uhuru - arte makonde e história política de Moçambique (1950-1974)*. São Paulo: Intermeios, 2018.

década de 1890, condição que só se alteraria com a conquista de sua independência no início dos anos 1960.

Entretanto, longe de confinar nossa interpretação das fontes visuais como meras expressões de um certo imaginário colonial europeu sobre o continente africano, acreditamos que o esforço investigativo em torno desses registros imagéticos também é capaz de descortinar novas perspectivas, como podemos notar nas releituras propostas por uma geração de jovens artistas de Uganda a partir da fotografia atribuída à Stanley. Estabelecendo diferentes relações com a imagem fotográfica, tais artistas entrelaçam referências históricas, impressões subjetivas e fragmentos de memórias a fim de explorarem as ambivalências suscitadas pela figura de Mutesa I em seus trabalhos. Dos cadernos de viagem à exposição de arte, as imagens do *kabaka* de Buganda acumulam uma extensa “biografia social” e permanecem gerando pertinentes discussões, estimulando diferentes olhares sobre o passado a partir de indagações do presente.

CAPÍTULO 2

OBSERVAR, DESENHAR E NARRAR: OS REGISTROS VISUAIS
DOS PRIMEIROS MISSIONÁRIOS DA CMS NO PERCURSO
PARA UGANDA



Os primeiros contatos estabelecidos entre os expedicionários europeus e as autoridades políticas de Uganda nas últimas décadas do XIX desencadearam uma série de desdobramentos políticos, alcançando ampla repercussão na imprensa periódica ilustrada da época. A circulação em distintos suportes impressos de descrições textuais acompanhadas de diversas imagens da presença britânica em solo africano contribuiu de maneira singular para a mobilização da opinião pública sobre o assunto, culminando, entre outras medidas, no envio de missionários vinculados à Church Missionary Society (CMS) aos Grandes Lagos africanos, no final da década de 1870.

Na esteira dessas repercussões, as atividades empreendidas pelo primeiro grupo de religiosos anglicanos também resultaram em um expressivo número de narrativas que visavam chamar a atenção de seus leitores para os desafios impostos pela experiência missionária no interior da África Oriental. Ainda que se nortegassem por diretrizes oficiais¹ apregoadas pela CMS, a análise dos registros produzidos pelos missionários que integravam a primeira incursão em Uganda nos fornece indícios de que os relatos comportavam elementos descritivos que, muitas vezes, transcendiam as instruções e os procedimentos iniciais fornecidos pela instituição religiosa.

Embora não figurassem como tarefas centrais exigidas pela CMS durante o início da empreitada evangelizadora, as menções aos usos de imagens e a presença de materiais visuais nas fontes estudadas, revelam-se como elementos frequentes nos documentos examinados. Desse modo, tanto a utilização de imagens bíblicas e de equipamentos capazes de projetá-las na tentativa de viabilizar uma aproximação com as sociedades locais, quanto a intensa utilização de esboços de desenhos feitos em campo e que, posteriormente, serviriam de base para a produção de litografias, evidenciam o contraste entre as instruções oficiais emitidas pela CMS e as ações cotidianas dos missionários.

Ora mobilizada como instrumento descritivo que atuava como uma espécie de extensão das observações feitas em campo, ora empregada como ilustrações que compunham diferentes publicações sobre a campanha missionária no interior da África Oriental, a produção imagética, no contexto mencionado, configurou-se como um dos muitos mecanismos de representação de uma dada realidade que os missionários tencionavam traduzir em seus relatos.

¹ Conforme observamos nas instruções contidas em: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Victoria Nyanza Mission: Instructions Delivered by the Committee of the Church Missionary Society to the Members of the Mission Party Proceeding to the Victoria Nyanza*. Londres: Church Missionary House, 1876.

Partindo desses pressupostos, almejamos, ao longo deste capítulo, compreender como a produção de imagens operou como peça indispensável na difusão de narrativas sobre a experiência da CMS no leste do continente africano. Com o intuito de avançar nessas questões, nos debruçaremos sobre uma gama variada de fontes, composta tanto por materiais não publicados, como cadernos, cartas, esboços e álbuns de aquarelas pertencentes a membros do primeiro grupo missionário enviado à Uganda, como por publicações, como o livro *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*,² de Thomas O'Neill (1836–1877) e George Shergold Smith (1846–1877), datado de 1878. Alguns números da revista *The Gleaner*, editados no mesmo período, também servirão de apoio à nossa análise.

2.1. De avanços, recuos e negociações: a incursão da “Victoria Nyanza Mission” ao território dos Grandes Lagos africanos

Antes de nos aprofundarmos nas discussões sobre o papel da visualidade na construção das práticas e das narrativas missionárias, torna-se imprescindível tecermos breves considerações sobre os aspectos gerais referentes à formação e ao envio do primeiro grupo de religiosos da CMS à Uganda. Logo após o apelo público redigido por Henry Morton Stanley (1841–1904) ser publicado no *Daily Telegraph* em 15 de novembro de 1875, membros da CMS montaram um comitê especial para discutir e sistematizar ações direcionadas para a organização de uma missão que atuaria no Grandes Lagos africanos.³ Diante das reverberações da iniciativa em jornais e revistas, muitos voluntários se propuseram a integrar a primeira ação missionária destinada à região do lago “Victoria Nyanza”,⁴ a começar pelo tenente aposentado George Shergold Smith, figura que já havia estado na África a serviço da marinha inglesa, atuando inclusive durante a campanha militar contra os povos ashanti, na África Ocidental, entre 1873 e 1874.⁵ Além de Shergold Smith, que ocupou a posição de líder oficial da empreitada religiosa,

² O'NEILL, Thomas; SMITH, Shergold. *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*. Londres: Church Missionary House, 1878.

³ MATSON, A. T. “The Instructions Issued in 1876 and 1878 to the Pioneer C.M.S. Parties to Karagwe and Uganda (Part I)”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 3, 1981, pp. 192–237, p. 192.

⁴ Como afirma Chrétien, a toponímia dos lagos da região é extensa e recebeu variados nomes ao longo do tempo. Nyanza é a denominação em swahili do lago que, após ter sido “descoberto” pelos expedicionários, foi batizado de Vitória, em homenagem à rainha de mesmo nome. Já os lagos identificados pelas comunidades que habitavam suas margens como Rwitanzige ou Rwicanzige, Rweru e Masyoro, foram batizados, respectivamente, de Albert, Edward e George, rendendo outras homenagens aos membros da família real. Tais designações explicitam a dimensão imperial presente na apropriação e nomeação de distintos territórios não europeus. CHRÉTIEN, Jean-Pierre. *The Great Lakes of Africa: Two Thousand Years of History*. Nova Iorque: New Zone, 2003, p. 361.

⁵ Para um panorama sintético sobre os conflitos entre agentes britânicos e o império ashanti entre o final do XIX e as primeiras décadas do XX, ver: GUEYE, M'Baye; BOAHEN, Albert Adu. “Iniciativas e resistência africanas

o primeiro grupo missionário que integraria a chamada “Victoria Nyanza Mission”⁶ também contou com a participação do engenheiro mecânico Alexander Murdoch Mackay (1849–1890),⁷ do reverendo Charles Thomas Wilson (1852–1917), do engenheiro e arquiteto Thomas O’Neill, e dos artesãos George James Clark (1848–1900) e William Muir Robertson (1836–?).⁸ Vale acrescentar que o grupo também teve a presença de John Smith (1853–1877), médico e amigo de Alexander Mackay e James Robertson (1843–1876), construtor e agricultor que, mesmo não tendo sido aceito oficialmente para integrar a missão, optou por acompanhar o grupo de maneira autônoma.⁹

Composta por membros que detinham formações e ocupações muito diversas — clérigo, médico, arquiteto, engenheiros e artesãos — o perfil dos missionários selecionados ia ao encontro de algumas recomendações feitas por Henry Morton Stanley e por Henry Bartle Frere (1815–1884).¹⁰ Stanley e Frere defendiam que o êxito da empreitada religiosa na África dependia do recrutamento de indivíduos que possuíssem habilidades variadas consideradas fundamentais para assegurar a permanência e a manutenção das missões em terras africanas. Apesar de não possuírem vínculos diretos com a CMS, figuras como Stanley e Frere serviram, muitas vezes, como balizas importantes para a conformação da empreitada religiosa na região. Nessa perspectiva, as imbricações entre certas ideias e linguagens associadas às esferas da atividade expedicionária, da administração imperial e das ações missionárias, nos permitem reconhecer interseções entre projetos que, por meio de diferentes mecanismos, visavam garantir a influência britânica no interior da África Oriental.

na África ocidental, 1880–1914”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História geral da África. África sob dominação colonial, 1880–1935 (vol. VII)*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 129–167, pp. 147–149.

⁶ De acordo com Eugene Stock, a missão empreendida pela CMS recebeu inicialmente a denominação de “Victoria Nyanza Mission” e não “Uganda Mission”, devido aos conselhos de James Augustus Grant. Segundo o expedicionário, em vista das constantes oscilações do caráter de Mutesa I, tornava-se mais seguro iniciar as atividades missionárias no reino de Karagwe, a oeste do lago Victoria Nyanza, território em que ele e Speke haviam travado contato com o soberano Rumanika. Na perspectiva dos expedicionários, as populações de Karagwe forneceriam um maior apoio à fixação dos missionários em um primeiro momento. STOCK, Eugene. *The History of the Church Missionary Society: Its Environment, its Men and its Work* (vol.III). Londres: Church Missionary Society, 1899, p. 97.

⁷ Figura que permaneceu em Uganda entre as décadas de 1870 e 1890, a trajetória de Mackay foi tema de um grande número de publicações entre o final do XIX e o início do XX. Ao longo do próximo capítulo, pretendemos examinar mais detalhadamente algumas obras que abordaram seu percurso.

⁸ Breves notas biográficas sobre os nomes citados podem ser consultadas em: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of Missionaries – Clerical, Lay & Female and Native Clergy From 1804 to 1904 (I–II)*. Londres: Church Missionary Society (printed for private circulation), 1895, pp. 170–171.

⁹ STOCK, *op. cit.*, p. 98.

¹⁰ Figura de relevo no quadro da política imperial britânica do XIX, Frere atuou como administrador colonial britânico na Índia (1862–1867) e na África do Sul (1877–1880). FRERE, Henry Bartle. *Eastern Africa as a Field for Missionary Labour*. Londres: John Murray, 1874, pp. 75–85.

É importante sublinhar que a dinâmica da “Victoria Nyanza Mission” deveria se pautar nas orientações contidas no manual *The Victoria Nyanza Mission: Instructions Delivered by the Committee of the Church Missionary Society to the Members of the Mission Party Proceeding to the Victoria Nyanza*, documento impresso e distribuído aos membros da missão em 1876.¹¹ Congregando informações provenientes de viajantes que haviam circulado pela região na década anterior, e de membros especiais da instituição religiosa, o conteúdo das instruções explicitava, mais uma vez, as frequentes aproximações entre os saberes advindos das experiências expedicionárias e o projeto evangelizador sustentado pela CMS.

No dia 17 de abril de 1876, oito missionários ligados à CMS partiram da Inglaterra, mais especificamente de Southampton, com destino à costa oriental da África, alcançando a ilha de Zanzibar no dia 30 de maio do mesmo ano. Inicialmente, o processo de deslocamento desse primeiro grupo deveria obedecer ao seguinte roteiro: após alcançar Mombaça, no litoral do atual Kenya, os missionários precisavam aguardar novas instruções para avançarem rumo ao interior, além de Usagara (região que pertence atualmente à Tanzânia), a fim de que uma estação intermediária fosse estabelecida na região. Para tanto, a bordo do barco a vapor *Daisy*, Shergold Smith empreendeu vários estudos e testes das condições de navegabilidade dos rios Wami, Kingani e Rufiji. Diante das dificuldades encontradas no deslocamento pela via fluvial, o trânsito por vias terrestres revelou-se como a alternativa mais prudente, demonstrando como os planos iniciais contidos nas instruções foram reconfigurados a partir das condições observadas *in loco* pelos missionários. A movimentação do grupo nessa primeira etapa se deu a partir da instalação de alguns missionários que se subdividiram¹² em determinadas localidades, como a região de Mpwapwa (atual Tanzânia), na intenção de constituírem bases de apoio e comunicação entre a costa litorânea e o interior do território, viabilizando o posterior deslocamento para as demais regiões.

Sobre os diversos preparativos que viabilizaram a circulação dos missionários pela zona interlacustre da África Oriental, chamamos a atenção para as redes de interdependência travadas entre os representantes da CMS e as populações locais. Da necessidade de arremeter

¹¹ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Victoria Nyanza Mission...*, *op. cit.*

¹² Chefiadas por Clark e O’Neill, a primeira divisão do grupo se instalou na região de Mpwapwa, a 200 milhas da costa. Sob a liderança de C.T. Wilson, o segundo grupo foi constituído por Mackay, Shergold Smith e John Smith. Em Mpwapwa, foram definidas duas caravanas rumo à região de Unyanyembe: a primeira constituída por O’Neill e C.T. Wilson e, a segunda, por Shergold Smith, John Smith e Mackay. *Idem*, *Proceedings of the Church Missionary Society*. Londres: Church Missionary House, 1876, p. 45.

carregadores¹³ para o transporte de artigos indispensáveis para a missão, ao recrutamento de intérpretes e guias experientes¹⁴ que estivessem dispostos a acompanhar a expedição, a documentação examinada é permeada por referências a essas negociações. O pagamento de determinados tributos para as autoridades africanas a fim de obter autorização para a passagem em determinados espaços também se revelava como uma prática bastante comum no âmbito desses acordos, como podemos verificar em um fragmento da carta de Shergold Smith publicada em setembro de 1876, nas páginas do periódico *The Church Missionary Gleaner*: “Na última aldeia perto da qual paramos, Bomauni, o chefe Gululiausi, tornou-se muito exigente e queria um hongo [pedágio ou tributo] no valor de três escravos — cerca de quarenta dólares”.¹⁵

A leitura das cartas dos membros da “Victoria Nyanza Mission” nos indica que tanto as recomendações advindas de viajantes que haviam circulado pela zona interlacustre da África Oriental, quanto as negociações e os acordos cotidianos estabelecidos com agentes árabes e lideranças políticas locais, configuraram-se como fatores essenciais para viabilizar a movimentação missionária em terras africanas. Ainda assim, uma série de contratemplos se interpuseram frente ao avanço dos representantes da CMS pelo interior do território, como os frequentes problemas de saúde, principalmente febres e disenterias, que acometiam os membros da missão e, muitas vezes, impossibilitavam o prosseguimento da viagem por longas semanas. Entre avanços e recuos que marcaram as fases iniciais da “Victoria Nyanza Mission”, Charles Thomas Wilson e George Shergold Smith foram os primeiros missionários do grupo a acessarem Rubaga, a capital do reino de Buganda, em junho de 1877.¹⁶ Entretanto, com o assassinato de Shergold Smith poucos meses depois, Wilson permaneceu sozinho em Buganda por cerca de um ano, até a chegada de Alexander Mackay na corte do *kabaka* Mutesa I.

¹³ De acordo com os relatos, foram mobilizados cerca de 400 carregadores (referidos na documentação, muitas vezes, como “pagaazi”) para o transporte das cargas da expedição. *Idem*, “The Nyanza Expedition”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, janeiro de 1877, p. 2.

¹⁴ Como foi o caso do guia de origem árabe identificado, na documentação, como “Bombay” que antes de acompanhar os missionários em Zanzibar, havia atuado como guia das viagens de Speke, Grant e Cameron. *Idem*, “Letters from the Nyanza Mission Party”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, setembro de 1876, p. 103.

¹⁵ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “At the last village near which we stopped, Bomauni, the chief Gululiausi by name, became very exacting, and wanted a hongo [toll or tribute] of the value of the three slaves — about forty dollars”. “From Lieut. G. Shergold Smith, Zanzibar, 26th June”. *Ibidem*, p. 104. Sobre as exigências de pagamento do “hongo” e as tensões derivadas dessa prática, ver também o relato de Tomas O’Neill: “In Ugogo we commenced paying hongo, and before we left it we had to pay to eight kings, each of whom delayed us two or three days before we could arrange what was to be given”. O’NEILL, Thomas; SMITH, Shergold. *Sketches of African Scenery...*, *op. cit.*, p.10.

¹⁶ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society for Africa and the East (1877–1878)*. Londres: Church Missionary House, p. 54.

Sobre a produção historiográfica acerca da inserção dos primeiros representantes da CMS na região dos Grandes Lagos africanos no final do século XIX, sabemos que grande parte dos estudos enfocou, sob diferentes prismas, as atuações desses missionários dentro de uma agenda mais robusta do processo de expansão imperial e da implantação das políticas coloniais.¹⁷ Entretanto, é possível notar certas lacunas com relação à abordagem sobre as estratégias e recursos empregados na construção das narrativas, especialmente no que tange ao estatuto da visualidade nesses relatos. É sobre esse tema que pretendemos discorrer nas páginas seguintes.

2.2. Inimigos ou aliados dos “mensageiros da paz”? Ambivalências nos usos das imagens e equipamentos ópticos nas instruções da CMS

Longe de se apresentar como expressão autônoma ou como capacidade restrita meramente a aspectos biológicos, o ato de olhar revela-se como prática social perpassada por condicionantes históricos e subjetividades. Como sintetiza Jonathan Crary: “A visão e seus efeitos são inseparáveis das possibilidades de um sujeito observador, que é a um só tempo produto histórico e lugar de certas práticas, técnicas, instituições e procedimentos de subjetivação”.¹⁸ Nas últimas décadas, autores como Anne McClintock,¹⁹ Annie Coombes²⁰ e James Ryan²¹ têm destacado a centralidade do olhar — bem como dos aparatos que viabilizam o seu exercício, aliado aos produtos resultantes desta prática — na arquitetura ideológica do imperialismo e do colonialismo britânico. Na trilha desses estudos, interessa-nos investigar como a visão foi instrumentalizada como ferramenta indispensável para a construção de um determinado léxico visual das atividades encabeçadas pela CMS em Uganda. O contato com o conjunto de relatos produzidos principalmente por Shergold Smith, Charles Thomas Wilson e Thomas O’Neill nos auxilia a problematizar como a visualidade — constituída pelas redes que

¹⁷ Para trabalhos recentes que percorrem esta trilha analítica sem perder de vista as nuances e as ambivalências existentes nessas dinâmicas, consultar, entre outros: PORTER, Andrew (ed.). *The Imperial Horizons of British Protestant Missions, 1880–1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans publishing company, 2003; *idem*, *Religion versus Empire?: British Protestant Missionaries and Overseas Expansion, 1700–1914*. Manchester: Manchester University Press, 2004 e ROBERT, Dana (ed.). *Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706–1914*. Michigan: William B. Eerdmans, 2008.

¹⁸ CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 15.

¹⁹ McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

²⁰ COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: Museums, Material Culture, and Popular Imagination in Late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994.

²¹ RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.

entrelaçam as dimensões do visual, do visível e da visão, conforme aponta Ulpiano de Meneses²² — apresenta-se como um dos elementos estruturantes nos quais se alicerçaram as descrições presentes nos escritos missionários analisados por este trabalho.

Conforme salientamos anteriormente, a visão, considerada um dos principais recursos de apreensão do espaço, revela-se como prática indissociável da experiência daquele que viaja e se dispõe a relatar suas observações. De maneira geral, não seria incorreto afirmar que, durante a passagem do século XVIII para o XIX, a associação entre “ver” e “conhecer” passou a adquirir um estatuto diferenciado no campo da literatura de viagem. Intensificada a partir do século XVIII com o advento da História Natural,²³ a preocupação em sistematizar e categorizar aspectos da fauna, da flora e de grupos humanos que habitavam territórios até então pouco explorados tornou-se cada vez mais frequente.

Como apontam os trabalhos de Luciana Martins²⁴ e Amilcar Torrão Filho,²⁵ é nesse contexto que se torna possível reconhecer uma espécie de educação da visão, um processo de profissionalização do olhar que será pautado por determinadas convenções, técnicas, métodos e instrumentos. Principalmente ao longo do século XIX, notamos uma profusão de guias e manuais direcionados aos viajantes que visavam fornecer instruções sobre os diversos modos de ver, como podemos verificar, por exemplo, em *What to Observe; or the Traveller's Remembrance*²⁶ (1845) de Julian Jackson e *Hints to Travellers* (1854),²⁷ elaborado por Henry Raper e Robert FitzRoy e publicado pela Royal Geographical Society.²⁸ Para além das especificidades contidas nas duas publicações, questões como “de que maneira observar?” e “como explorar?” evidenciam as articulações entre o lugar da visão na construção e na difusão

²² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, pp. 11–36, pp. 30–31, 2003.

²³ Sobre o peso da História Natural nesse processo, Mary Louise Pratt destaca dois eventos: o ano da publicação do *Sistema da Natureza* (1735), de Carl Linné, o qual estabelecia um sistema classificatório que visava categorizar as formas vegetais do planeta e a viagem de La Condamine, conhecida como a primeira expedição científica da Europa com o intuito de determinar o formato da Terra. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999, p. 42.

²⁴ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800–1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, pp. 9–19.

²⁵ TORRÃO FILHO, Amilcar. “Imago Mundi: as instruções de viagem como educação do olhar e revelação do mundo, séculos XVIII e XIX”. *História*, v. 34, n. 2, p. 286–309, 2015.

²⁶ JACKSON, Julian R. *What to Observe; Or the Traveller's Remembrancer*. Londres: Madden and Malcolm, 1845.

²⁷ RAPER, Henry; FITZROY, Robert. “Hints to Travelers”. *The Journal of the Royal Geographical Society of London*, vol. 24, 1854, pp. 328–358. Segundo Felix Driver, outras sete edições do manual foram publicadas entre 1865 e 1901. DRIVER, Felix. “Scientific Exploration and the Construction of Geographical Knowledge: *Hints to Travelers*”. *Finisterra*, XXXIII, nº 65, 1998, pp. 21–30, p. 25.

²⁸ HENES, Mary; MURRAY, Brian H. (orgs). *Travel Writing, Visual Culture, and Form, 1760–1900*. Basingstoke/Londres: Palgrave Macmillan, 2016, p. 6.

de um determinado conhecimento, muito atrelado às noções de geografia e cartografia,²⁹ voltado para leitores que tivessem acesso a esses materiais — fossem eles viajantes ou não.

A ressonância social desses manuais nos ajuda a construir uma percepção mais apurada acerca do lugar das referências visuais presentes na literatura missionária britânica editada no período analisado. A viagem empreendida pela London Missionary Society (LMS) à região do Zambeze (África Central), liderada por David Livingstone (1813–1873) em 1858, nos parece um tanto quanto exemplar nesse sentido, por destacar certas tensões presentes no processo de registro visual acerca dos territórios africanos acessados ao longo da expedição. A bibliografia especializada no tema³⁰ nos dá conta das distintas expectativas manifestadas por Charles Livingstone (1821–1873) e John Kirk (1832–1922) sobre as atividades fotográficas desempenhadas durante o trajeto e Thomas Baines (1820–1875), artista profissional que possuía grande experiência em viagens de exploração na Austrália e na África do Sul, na composição do repertório visual que serviu de base para as litogravuras que ilustram *Narrative of an Expedition to the Zambesi and its Tributaries; and of the Discovery of the Lakes Shirwa and Nyassa (1858–1864)*, publicado em 1866. A preocupação em produzir um material imagético ao longo da missão chefiada por Livingstone nos auxilia a perceber como as discussões sobre a visualidade tráfegaram e foram apropriadas em diferentes gêneros literários.

É à luz desse panorama mais vasto, no qual a visão passou a desempenhar um papel de projeção na sociedade contemporânea, que o exame das “instruções” elaboradas pelo comitê especial da CMS nos permite identificar quais seriam as diretrizes previstas para o trabalho de observação empreendido pelos missionários ao longo da incursão pelo território. É curioso notar que embora tais orientações não constituíssem um tópico ou uma recomendação específica dedicada ao lugar da produção de uma documentação visual por parte dos religiosos da CMS em Uganda, muitos são os elementos que nos possibilitam aferir como as práticas associadas à visualidade foram contempladas durante a “Victoria Nyanza Mission”.

A leitura das “instruções” nos permite entrever, por exemplo, a menção aos diferentes aparatos visuais que pretendiam ser instrumentalizados como artifícios para a evangelização das populações locais. De acordo com as orientações fornecidas a Charles Thomas Wilson,

²⁹ KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009, p. 35.

³⁰ MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996; KOIVUNEN, Leila. “Visualizing Africa – Complexities of Illustrating David Livingstone’s Missionary Travels”. *The Papers of the Nordic Conference on the History of Ideas*, vol. I. Helsinki: University of Helsinki, 2001, pp.1–12 e THOMPSON, T. Jack. *Light on Darkness? Missionary Photography of Africa in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. Michigan: Eerdmans, 2012, pp. 56–97.

John Smith, Thomas O'Neill, Alexander Mackay e James Robertson a respeito da prioridade de artigos que deveriam ser transportados para o estabelecimento da missão:

Para que o início e o progresso da segunda divisão [do grupo missionário] não sejam indevidamente retardados, o comitê apressa fortemente a sabedoria de deixar para trás em Zanzibar ou Mombasa coisas que não são necessárias ao início da Missão (...). Mas nenhum dano resultará, e pode mesmo haver benefício, se tal medida for considerada necessária, se coisas como a lanterna mágica, aparelhos fotográficos, forem em primeira instância deixados para trás. Será melhor que os membros da missão primeiro saibam seu verdadeiro caráter de simples mensageiros do evangelho. Será melhor que eles, em primeira instância, tenham o mínimo possível para distrair sua atenção da aquisição da linguagem e das coisas que são mais necessárias.³¹

A passagem acima parece iluminar alguns aspectos relacionados ao campo da visualidade no âmbito do programa evangelizador prezado inicialmente pelo comitê da CMS. Como é possível notar, ainda que a lanterna mágica e os aparelhos fotográficos tivessem sido previstos entre os aparatos materiais da missão, frente às dificuldades envolvidas em transportar os objetos considerados imprescindíveis para a empreitada religiosa, o uso de tais equipamentos acabou por ser desencorajado em um primeiro momento. Isso porque, segundo as orientações, a mobilização desses itens poderia desviar a atenção dos missionários que, para melhor atuarem como “mensageiros do evangelho”, deveriam se ater às tarefas consideradas mais urgentes no processo de conversão ao cristianismo, como o aprendizado das línguas locais, como o luganda, por exemplo.³²

Sem atestar uma incompatibilidade entre a dinâmica do trabalho missionário e os usos dos recursos visuais nesse contexto, as recomendações presentes nas “instruções” carregam uma espécie de ambivalência no que diz respeito ao papel da imagem e dos aparatos ligados à

³¹ Tradução e adaptação minha do original: “In order that the start and progress of the second division may not be unduly retarded, the committee would strongly urge the wisdom of leaving behind at Zanzibar or Mombasa such things as are not necessary at the commencement of the Mission (...). But no harm will result, but even advantage may follow, if such a course should be found necessary, by such things as the magic lantern, photographic apparatus, being in the first instance left behind. It will be just as well that the members of the mission party should be first know in their true character of simple messengers of the gospel. It will be just as well that they should, in the first instance, have as little as possible to distract their attention from the acquisition of the language and the things that are more necessary”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Victoria Nyanza Mission: Instructions...*, *op.cit.*, pp. 13–14.

³² Entre os primeiros esforços que podemos verificar nesse campo está o trabalho de Charles Thomas Wilson na produção de uma das primeiras gramáticas e vocabulário na língua luganda. Conferir as anotações presentes no fundo documental que reúne miscelânea de materiais não oficiais do missionário, como aquarelas, desenhos, correspondências e anotações: CMS/ACC364. Para apontamentos sobre as contribuições de outros missionários como Johann Krapf e Edward Steere que atuaram na África Oriental e que se dedicaram ao estudo e à tradução da bíblia para as línguas locais, como o swahili, ver: PAWLIKOVÁ-VILHANOVÁ, Viera. “Biblical Translations of Early Missionaries in East and Central Africa: Translations into Luganda”. *Asian and African Studies*, vol.15, nº 2, 2006, pp. 198–210.

sua reprodução durante a primeira fase da “Victoria Nyanza Mission”. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que são mencionados, evidenciando, em certa medida, o interesse do comitê acerca das potencialidades da lanterna mágica e dos aparelhos fotográficos no âmbito do processo evangelizador, os usos dos equipamentos visuais pareciam representar um risco à própria natureza religiosa da missão. Ainda sobre essa questão, é interessante notar como as “instruções” buscavam constantemente reforçar as especificidades do “caráter missionário da expedição”, visando estabelecer uma distinção entre os demais viajantes que circulavam pela África. De acordo com o primeiro tópico acerca das direções gerais destinadas ao grupo da “Victoria Nyanza Mission”:

É da primeira importância que todo membro do grupo missionário deva procurar sempre ter em mente e manifestar distintamente a todos ao seu redor o caráter missionário da expedição — pois não partem como exploradores, viajantes ou como meros colonos, mas como servos de Deus, mensageiros da paz, testemunhas de Cristo.³³

Conforme havíamos pontuado, apesar das “instruções” reunirem informações provenientes não só de personagens religiosos, mas também de expedicionários, é interessante reparar como há uma tentativa, ao menos no plano do discurso, de demarcar fronteiras nítidas entre os distintos propósitos das viagens, ainda que, na prática, houvesse um intenso intercâmbio de informações entre viajantes religiosos e leigos ao longo das incursões pelos territórios.³⁴ Nesse sentido, podemos aventar que as recomendações sobre a manipulação de equipamentos direcionados ao registro da realidade apreendida (como o aparelho fotográfico), bem como as atividades voltadas para o reconhecimento do território e dos recursos naturais e humanos das regiões atravessadas, revelava-se, ao menos na esfera retórica, como um dos fatores de diferenciação entre as chamadas expedições de exploração e as missões. Entretanto, se no campo do discurso observamos um esforço voltado para a delimitação de critérios que distinguíssem a natureza dessas viagens, muitas vezes o cotidiano das missões demonstrava

³³ Tradução e adaptação minha do original: “It is of the first importance that every member of the Mission party should seek ever to bear in mind and to make manifest to all around the distinctly Missionary character of the expedition — that it is not as explorers as they go forth, or as travellers, or as mere settlers, but as servants of God, messengers of peace, witnesses for Christ.” CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Victoria Nyanza Mission: Instructions...*, *op.cit.*, p. 19.

³⁴ A partir da análise das trocas de correspondências entre a Royal Geographical Society, expedicionários e missionários que transitaram por zonas da África Centro-Oriental, Roy Bridges identifica um fenômeno de confluência entre os saberes produzidos por distintos agentes. Vale lembrar que umas das primeiras notícias veiculadas sobre o Monte Kilimanjaro (atual Tanzânia) se deram a partir das vinculações entre missionários e expedicionários. Ainda segundo Bridges, o mapa produzido pelos religiosos Rebmann e Erhardt foi apresentado à Royal Geographical Society e serviu de base para a expedição de Burton e Speke à região. BRIDGES, Roy C. “Missionaries, Geography, and Imperialism in East Africa, c. 1844–1890”. *Position Paper*, nº 75, 1998, pp. 1–23.

uma dinâmica muito mais porosa no que diz respeito a essas intenções. Cabe lembrar que a ausência, em um primeiro momento, de aparatos fotográficos na missão foi sanada alguns anos mais tarde, em 1882, com a compra de alguns itens dessa natureza provenientes da missão católica dos Padres Brancos,³⁵ ordem que havia se estabelecido na região em 1879. No entanto, as primeiras fotografias tiradas por missionários pertencentes à CMS foram enviadas à Inglaterra somente em 1892.³⁶ Curiosamente, nesse mesmo ano, recomendações a respeito das potencialidades advindas dos usos de recursos visuais nas missões empreendidas no exterior foram publicadas na edição de maio do periódico *The Church Missionary Gleaner*:

A experiência em “operar” com uma lanterna é outro item valioso de preparação prática para o Campo Missionário. Em muitos lugares, as imagens estão sendo cada vez mais usadas para tornar os incidentes bíblicos reais para as pessoas e nossos jovens missionários são chamados para serem os expositores. Também vale a pena pensar na fotografia e qualquer habilidade para fazer esboços rápidos a lápis deve ser desenvolvida.³⁷

Recomendada pelo periódico, a utilização de equipamentos como a lanterna mágica e o emprego de técnicas como a fotografia, e até mesmo a habilidade em desenhar, são apontados como conhecimentos preciosos para a preparação das ações de evangelização a serem empreendidas em campo. Assim, em um contexto de disputa pela conversão das almas africanas, a paulatina introdução de aparatos e meios voltados tanto para a exibição de imagens quanto para a captação de registros visuais relacionada às práticas missionárias parecia ir ao encontro da própria necessidade de modernização do conjunto de ferramentas, linguagens e dinâmicas nas quais se estruturavam as missões.

O envio tardio das fotografias feitas em campo após mais de uma década da chegada dos religiosos anglicanos em Uganda não impediu que, ao longo desses anos, diferentes materiais visuais – como esboços de desenhos feitos em campo — fossem arregimentados para estampar as páginas das narrativas missionárias presentes em diferentes publicações. A partir

³⁵ Também referidos pela bibliografia como “White Fathers” ou “Pères Blancs”, os religiosos que integravam a instituição católica fundada pelo francês Charles Martial Allemand Lavigerie (1825–1892) eram assim referidos devido ao uso de seu hábito branco. Para discussões mais densas sobre a atuação destes missionários na África, conferir, especialmente o quarto capítulo de: MUDIMBE, V.Y. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014, pp. 141–198.

³⁶ MATSON, *op. cit.*, p. 236.

³⁷ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Experience in ‘operating’ with a lantern is another valuable item of practical preparation for the Mission Field. In many places pictures are being increasingly used to make Bible incidents real to the people, and our young missionaries are called upon to be the exhibitors. Photography is also well worth a thought, and any facility for making rapid pencil sketches should be developed”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Home Preparation for Foreign Missionary Work. V - Preparation in things practical”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, n. 221, maio de 1892, pp. 66–67, p. 67.

desses elementos seria equivocado, portanto, restringir nossa análise sobre os papéis da visualidade apenas às “instruções” fornecidas inicialmente ao primeiro grupo da CMS em Uganda. O confronto com outras fontes documentais produzidas no contexto analisado nos possibilita construir uma abordagem mais abrangente acerca dessa questão. O mapeamento dos relatos produzidos pelos primeiros religiosos que acessaram a região dos Grandes Lagos africanos a partir do final da década de 1870 oferece valiosas pistas para dimensionarmos como os registros imagéticos se fizeram presentes tanto nos conjuntos documentais de foro privado quanto em obras publicadas.

2.3. Apropriar-se do território e demarcar a paisagem: as representações visuais de acampamentos, túmulos e bandeiras

O contato com a miscelânea de anotações, esboços e cartas pessoais legadas pelos missionários da CMS nessa primeira etapa de incursão pelo interior da África Oriental nos aponta caminhos para compreendermos como os religiosos muitas vezes lançaram mão de desenhos feitos em campo a fim de descreverem a realidade observada, a partir de critérios definidos pela própria instituição.³⁸ Novamente, mesmo que não houvesse um direcionamento oficial emitido pela diretoria da CMS acerca da necessidade de produzir uma documentação visual específica durante a missão, é curioso notar como tal prática foi, em muitos momentos, incorporada ao cotidiano da “Victoria Nyanza Mission”. É possível fazer esse apontamento a partir da observação do espólio documental pertencente principalmente a George Shergold Smith, Thomas O’Neill e Charles Thomas Wilson. Podemos afirmar que grande parte dos desenhos funcionava como espécies de complementos das anotações feitas *in loco*, perceptível no conjunto de esboços (figuras 1–4)³⁹ feitos por George Shergold Smith, líder da missão.⁴⁰

³⁸ As “instruções” enfatizavam a necessidade de cada religioso manter os registros dos principais eventos ocorridos na missão (especialmente questões climáticas ou doenças contraídas pelos missionários). Detalhes sobre o trabalho e o progresso da atividade missionária não estavam autorizados a serem publicados sem revisão e consentimento do comitê da CMS. *Idem*, *The Victoria Nyanza Mission: Instructions...*, *op.cit.*, pp. 22–23.

³⁹ Respectivamente referenciadas como: CMS/B/OMS/C A6 O22 22B 2/1; CMS/B/OMS/C A6 O22 22B/4; CMS/B/OMS/C A6 O22 22A 79 2/2; CMS/B/OMS/C A6 O22 22A 85 1 /2. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.

⁴⁰ CMS/B/OMS/C A6 O22, 22A (Notes and sketches on customs, buildings, clothes, furniture etc. 1877) e 22B (Eight sketches of the south shore of Lake Victoria 1877). Lieut. George Shergold Smith. O referido fundo documental encontra-se microfilmado e disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).



Figura 1 - Two Natives (Man x Woman)

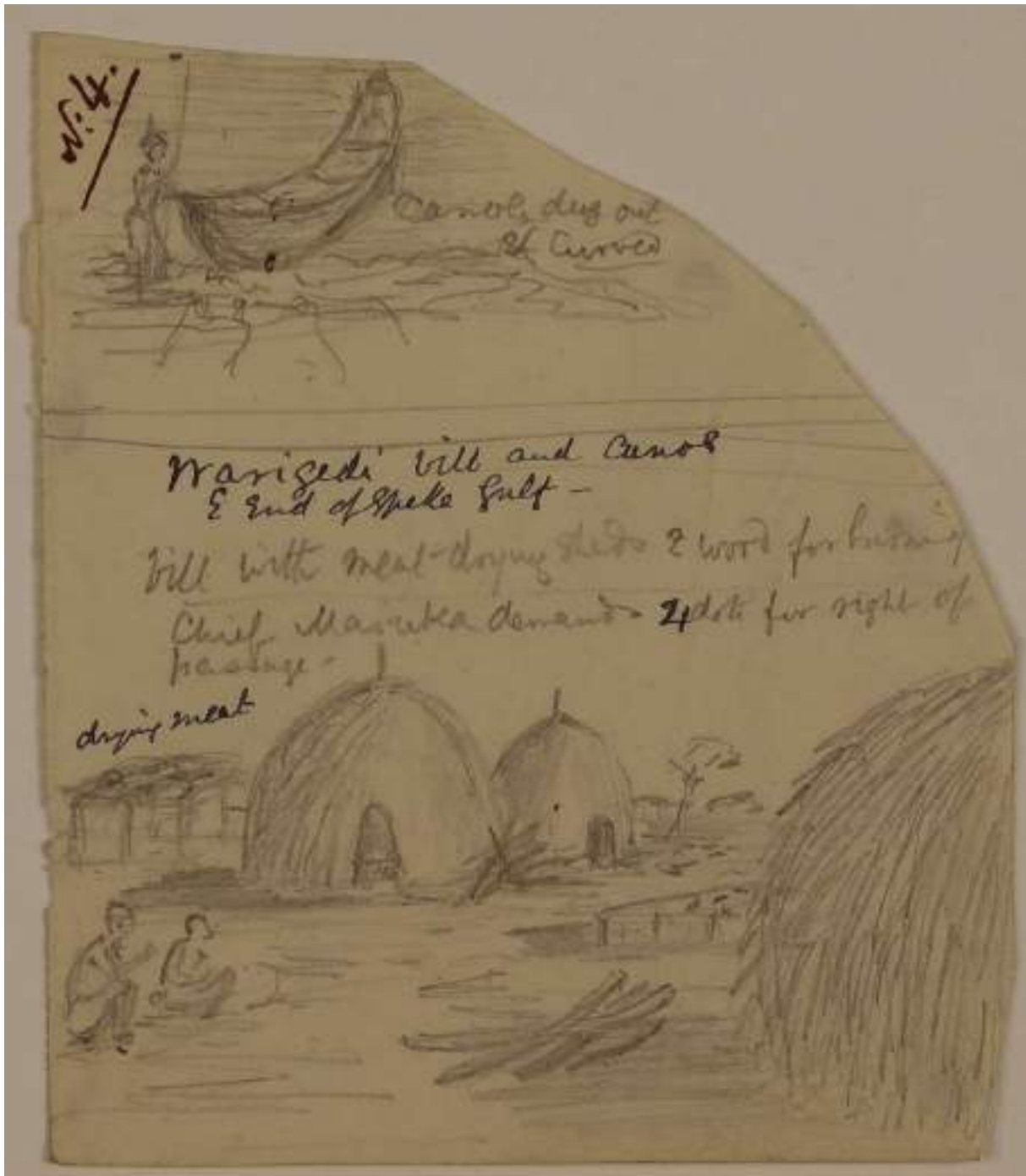


Figura 2 - East End of Speke Gulf. Canoe - Two huts



Figura 3 - The Baragi Hut



Figura 4 - Lukonge's Palace

Entremeando textos e desenhos, os registros de Smith buscavam relatar aspectos que chamavam a atenção do missionário e que poderiam, em certa medida, contribuir para a formação de um primeiro entendimento, ainda que muito incipiente, sobre as paisagens,

habitações e os modos de vida dos grupos sociais encontrados ao longo de seu percurso rumo ao reino de Buganda.

No conjunto dos desenhos analisados, reparamos na tentativa de Smith de representar um homem e uma mulher (figura 1) que habitavam a região de Butimba (atual Tanzânia). De acordo com o que é possível apreender das anotações que acompanham o desenho, Smith busca diferenciá-los a partir de determinados marcadores identitários que adquirem materialidade a partir de intervenções corporais, como o tipo de penteado (homem) e as escarificações (mulher). Na parte superior da figura 2, visualizamos a representação de uma canoa, principal meio de deslocamento fluvial pelo território. No plano inferior do mesmo documento, verificamos esboços de cabanas, pessoas e uma pequena estrutura para o preparo da carne. Os desenhos dividem espaço com informações pontuais sobre a forma de preparo do alimento e a demanda exigida pelo chefe local pela passagem do grupo. Além de cabanas e pessoas, observamos, em destaque na figura 3, a representação de uma vaca que é complementada por uma breve explicação: “as melhores vacas possuem pequenas corcundas e longos chifres”.⁴¹ Já a figura 4 apresenta, segundo a sua descrição, o que seria o “palácio” de Lukonge, soberano de Ukerewe, ilha situada ao sul do Victoria Nyanza. No entanto, é interessante reparar como as informações textuais presentes no esboço de Smith se voltam para a descrição das “cabanas menores”. Tais estruturas, segundo o missionário, serviriam como espécie de celeiros.

Sobre a prática do desenho como recurso na tentativa de decodificar hierarquias políticas e distintos grupos étnico-culturais a partir da observação da cultura material das populações africanas, convém mencionar que essa prática também havia sido frequente entre expedicionários britânicos que circularam pela região, conforme é possível notar, por exemplo, na documentação visual produzida por viajantes como James Augustus Grant e Henry Morton Stanley,⁴² como mencionamos no capítulo anterior.

Apesar de localizarmos esboços que dividem as mesmas páginas com anotações, raras são as passagens em que localizamos menções textuais sobre as condições em que os desenhos e esboços foram produzidos. Nesse sentido, longe de haver uma espécie de teorização ou uma justificativa considerada digna de nota para a elaboração de esboços, notamos que a alusão à produção dos registros visuais nos escritos missionários ocupa uma posição muito lateral nos relatos analisados. Ela aparece como uma atividade quase sempre desempenhada em momentos

⁴¹ Tradução e adaptação da autora do original: “The best cows have very small humps. Long horns”. CMS/B/OMS/C A6 O22 22A 79 2/2.

⁴² KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009, pp. 88–90.

nos quais os religiosos estavam em repouso, e não envolvidos diretamente com o trabalho de evangelização. Em uma das cartas redigidas por Charles Thomas Wilson, ele afirma, de maneira muito sintética, que ao retornar do banho, escrevia ou desenhava.⁴³

De maneira parecida, assim como Shergold Smith lançou mão de alguns recursos visuais a fim de complementar suas anotações, o reverendo Charles Thomas Wilson⁴⁴ também buscou retratar aspectos da realidade ao longo de seu percurso e do tempo de permanência no reino de Buganda, conforme podemos apurar por meio das imagens pertencentes ao álbum⁴⁵ que integra seu espólio documental pessoal. Constituído por dezesseis esboços feitos a lápis e onze aquarelas, as imagens presentes no álbum revelam o predomínio de paisagens naturais e algumas edificações. Na narrativa visual legada por Wilson, as representações privilegiam a estrutura material dos acampamentos e suas cabanas, a extensão dos rios e a navegação das canoas, sobrando pouco espaço para o registro de figuras e ações humanas nesses espaços, diferenciando-se, nesse último aspecto, dos esboços de Smith.

Além dessas constatações mais gerais, ao folharmos o álbum de Charles Thomas Wilson nos deparamos com alguns elementos que nos dão pistas de como o reverendo buscou demarcar, por meio de seus desenhos, a presença britânica nos territórios percorridos. Partindo dessa perspectiva, nos chama a atenção o registro (figura 5)⁴⁶ que Wilson elaborou sobre o lugar de sepultamento do missionário John Smith e de Fred Barker, companheiro de Stanley em sua expedição pela região dos Grandes Lagos.⁴⁷ Na composição, as lápides com a identificação são protegidas por uma cerca de madeira, acompanhada por um mastro com uma bandeira.

⁴³ Tradução e adaptação minha do original: “Returned from bathing, I write or sketch”. WILSON, Charles Thomas. *The Victoria Nyanza Mission: A Brief Account of the Church Missionary Society's Mission to Central Africa with Extracts from the Missionaries' Letters and a New Map*. Londres: Church Missionary House, 1879, p. 40.

⁴⁴ Nascido em Adelaide, Austrália, Charles Thomas Wilson formou-se na Universidade de Oxford em 1874. Após ser ordenado em Collyhurst, Manchester, foi aceito como missionário da CMS em 1876, sendo nomeado em seguida para compor a “Victoria Nyanza Mission”. Em 1880, demitiu-se da CMS por razões de saúde e retomou o seu trabalho como curador e depois como vigário em várias paróquias da Inglaterra antes de ser nomeado membro honorário da Sociedade Geográfica do Cairo. Em 1883, foi aceito para o serviço missionário na Palestina, renunciando à atividade, por motivos familiares, em 1903. Morreu em Clifton em 10 de março de 1917. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of Missionaries – Clerical, Lay & Female and Native Clergy from 1804 to 1904 (I-II)*, part. I, p. 171.

⁴⁵ CMS/ACC364/F1. Material disponível para consulta no arquivo da Church Missionary Society pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

⁴⁶ CMS/ACC364/F1 (Watercolour Graves of John Smith and F.B 1875 at Kagei). Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.

⁴⁷ NEWMAN, James. *Imperial Footprints: Henry Morton Stanley's African Journeys*. Washington: Potomac Books, 2004, p. 115.



Figura 5 - *Graves of John Smith an F. B 1875 at Kagei*

Posicionada no canto superior direito de quem observa a bandeira predominantemente vermelha, verificamos a existência da chamada “Bandeira da União” (ou “Union Jack”) instituída em 1801, fruto da aglutinação das bandeiras da Escócia, Inglaterra e Irlanda do Norte. Prática considerada comum nas bandeiras de diversas colônias britânicas, a inserção dessa identidade visual revelava-se como um dos muitos artifícios que visavam sinalizar publicamente a hegemonia do império britânico em diferentes áreas da Ásia, África e da Oceania. Sobre esse ponto, nos chama a atenção o lugar de centralidade que é conferido à bandeira na aquarela concebida por Wilson. A pesquisa documental possibilitou identificar que a mesma imagem foi também reproduzida mas, dessa vez, com a legenda “Dr. Smith’s grave at Kagei” (figura 6) e no formato de gravura, no primeiro volume de *Uganda and the Egyptian Soudan*⁴⁸ (1882), obra que reúne os relatos de Wilson e Robert William Felkin (1853–1926).

⁴⁸ WILSON, Charles Thomas; FELKIN, Robert William. *Uganda and the Egyptian Soudan* (vol. I). Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1882, p. 95.

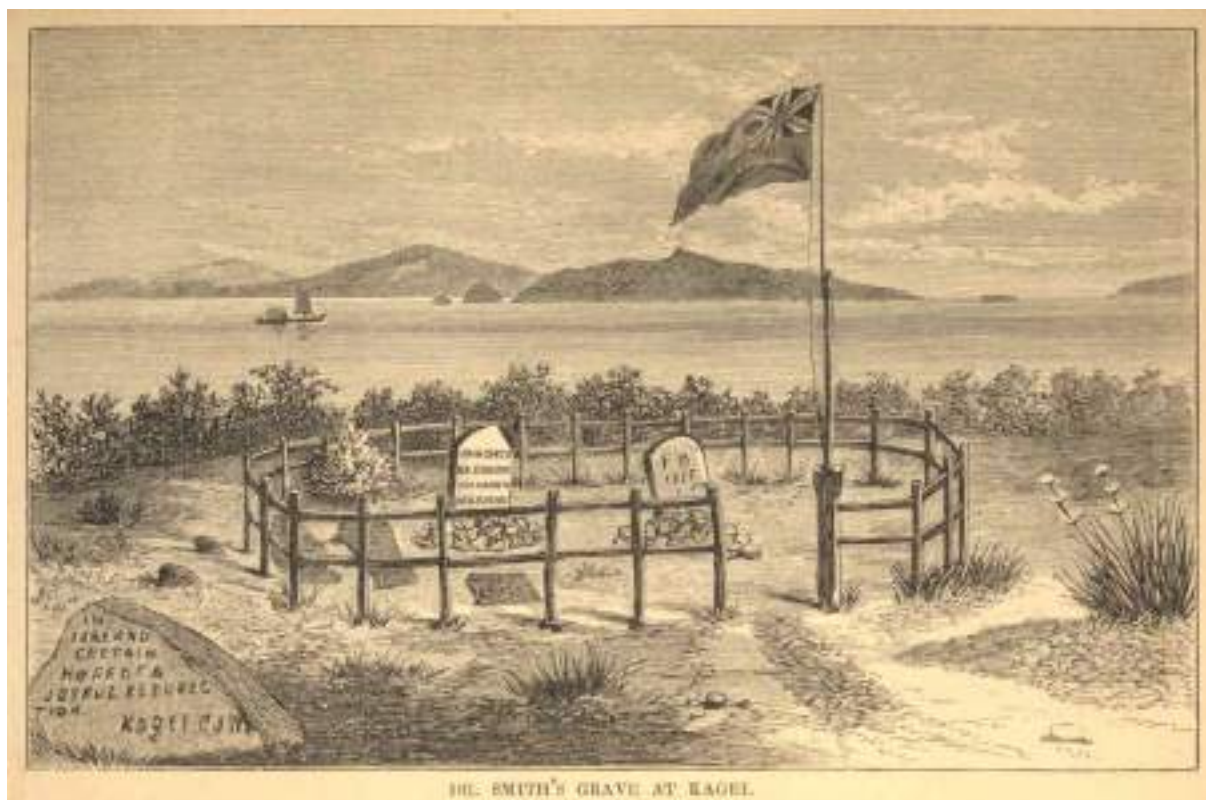


Figura 6 - Dr. Smith's Grave at Kagei

Ainda que a circulação dos primeiros viajantes provenientes da Grã-Bretanha na região dos Grandes Lagos africanos remonte à década de 1860, a incorporação oficial de Uganda enquanto protetorado britânico se deu anos mais tarde, em 1894. Ao interpretarmos a narrativa visual construída por Charles Thomas Wilson à luz dessas balizas temporais acerca do processo de ocupação imperial no território, sugerimos que a incorporação da “Bandeira da União” na composição da cena captada pelo missionário parece, em grande medida, já evidenciar uma concepção imperial sobre o espaço retratado. Amparando-nos nas reflexões de teóricos como Denis Cosgrove e William Mitchell que decuparam as tramas que enredam a construção da paisagem enquanto artefato social,⁴⁹ a análise dessa representação nos permite entender como, ao representar visualmente o panorama apreendido, o missionário mobiliza a paisagem como pano de fundo para a construção de uma narrativa acerca das movimentações britânicas em Uganda.

Dentro do conjunto documental legado por parte do primeiro grupo que integrou a “Victoria Nyanza Mission” também sublinhamos *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*,⁵⁰ de Thomas O’Neill. Publicado em 1878, o material contém textos que

⁴⁹ MITCHELL, W. J. T. (org.). *Landscape and Power*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

⁵⁰ O’NEILL, Thomas; SMITH, Shergold, *op. cit.*

acompanham diversas cromolitografias elaboradas a partir dos desenhos feitos em campo pelo missionário.⁵¹ Intercalando passagens não publicadas de Thomas O'Neill com trechos condensados da publicação *The Victoria Nyanza Mission*,⁵² a obra conjuga tanto descrições sobre os aspectos naturais dos espaços percorridos, quanto menções acerca das interações estabelecidas entre os missionários e as autoridades locais, o grupo de carregadores da expedição e os comerciantes africanos e árabes.

Como podemos depreender por meio do próprio título da publicação (“sketches”), a incorporação de imagens na obra atua como um dos principais elementos que norteiam a atenção dos leitores. O repertório visual que integra o livro é composto por vinte e uma litografias (apenas duas não são coloridas), impressas pela Vincent Brooks Day & Son, famoso ateliê londrino especializado na arte da litografia em cores. Um olhar mais ampliado sobre o referido conjunto nos aponta o predomínio de registros de paisagens. Sobre o material, notamos uma espécie de contraste entre a “monumentalidade” da natureza e a “pequenez” das figuras humanas que povoam as cenas, conforme podemos reparar em muitas das vistas e panoramas presentes na publicação.⁵³ É interessante observar como essa percepção acerca da grandiosidade da natureza aparece em alguns trechos da narrativa textual que acompanham as litografias, fazendo coro a uma tendência discursiva mais ampla de estetização da natureza, tal como Mary Louise Pratt havia identificado em muitos relatos de viagem produzidos durante a era vitoriana.⁵⁴ Em algumas passagens, por exemplo, Thomas O'Neill afirma que, apesar das tentativas em captar e traduzir a riqueza da cena retratada em “View from Camp at Mkundi River” (figura 7),⁵⁵ reconhece sua “(...) incapacidade de fazer justiça a uma cena tão gloriosa”.⁵⁶

⁵¹ Conforme a nota presente na publicação, apenas uma imagem do conjunto foi produzida por Shergold Smith: “These lithographic pictures are from sketches made on the spot by the late Mr. Thomas O'Neill, of the Church Missionary Society's Victoria Nyanza Mission — except the last, which is from a rough pencil sketch by his brother missionary, the late Lieut. G. Shergold Smith”. *Ibidem*, p. 2.

⁵² CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Victoria Nyanza Mission: A Brief Account of the Church Missionary Society's Mission to Central Africa with Extracts from the Missionaries' Letters and a New Map*. Londres: Church Missionary House, 1879.

⁵³ O'NEILL, Thomas; SMITH, Shergold, *op. cit.*, pp. 8–9.

⁵⁴ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999, pp. 339–377.

⁵⁵ O'NEILL, Thomas; SMITH, Shergold, *op. cit.*, pp. 8–9.

⁵⁶ Tradução e adaptação minha do original: “I made a couple of sketches, but felt with regret my inability to do anything like justice to such a glorious scene”. *Ibidem*, p. 7.



Figura 7 - Panoramic View From the CMS Camp, Mkundi River, Usagara Looking West

Ao tecermos comparações entre a estrutura formal das aquarelas elaboradas por Charles Thomas Wilson e as litografias publicadas em *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*, reparamos que a presença de europeus e africanos se faz muito mais evidente nas imagens produzidas por Thomas O'Neill. Quase sempre envolvidas com o trabalho de construção de tendas para os acampamentos, ou no reparo de canoas voltadas para o deslocamento fluvial (figura 8),⁵⁷ ou seja, atividades cotidianas relacionadas ao empreendimento das bases missionárias na região, as representações humanas parecem assumir múltiplas funções aos olhos do leitor. Ao mesmo tempo em que visam complementar as descrições textuais acerca das movimentações britânicas pelo interior africano, também fornecem uma escala que nos permite dimensionar, sob a perspectiva de quem as consome, a extensão do ambiente natural a ser potencialmente ocupado e explorado.

⁵⁷ *Ibidem*, pp. 10–11.



Figura 8 - *Repairing the Daisy at Kagei*

Embora o conjunto imagético exibido em *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza* apresente elementos que conferem uma especificidade ao relato visual construído por Thomas O’Neill, um exame um pouco mais detalhado acerca das litografias nos possibilita traçar alguns pontos de contato com as aquarelas de Charles Thomas Wilson, particularmente no que diz respeito a recorrência de símbolos referentes à demarcação do avanço britânico na porção interlacustre da África Oriental. Assim como no registro visual de Wilson, a lápide do missionário John Smith também ganhou espaço na narrativa imagética de O’Neill (figura 9).⁵⁸ A existência da sepultura do religioso pode ser compreendida como a materialização da memória das dificuldades e dos desafios — ou, na ótica cristã, dos sacrifícios — enfrentados pelos agentes da CMS na implantação de seu programa evangelizador. Sem se configurar como uma singularidade da documentação relativa à CMS, a necessidade de demarcar territorialmente os lugares de sepultamento de agentes europeus estava em compasso com relatos de religiosos ligados a outras sociedades missionárias. Vinculado à London Missionary Society (LMS), David Livingstone havia mencionado que “nunca se espera

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 10–11.

encontrar uma sepultura nem uma pedra de recordação estabelecida em África”.⁵⁹ A circulação de gravuras baseadas na fotografia captada por John Kirk (1832–1922) do túmulo da esposa de David Livingstone, Mary Livingstone (1821–1862), também reforçam a importância que o registro dos túmulos ocupou dentro das publicações de autoria missionária.⁶⁰

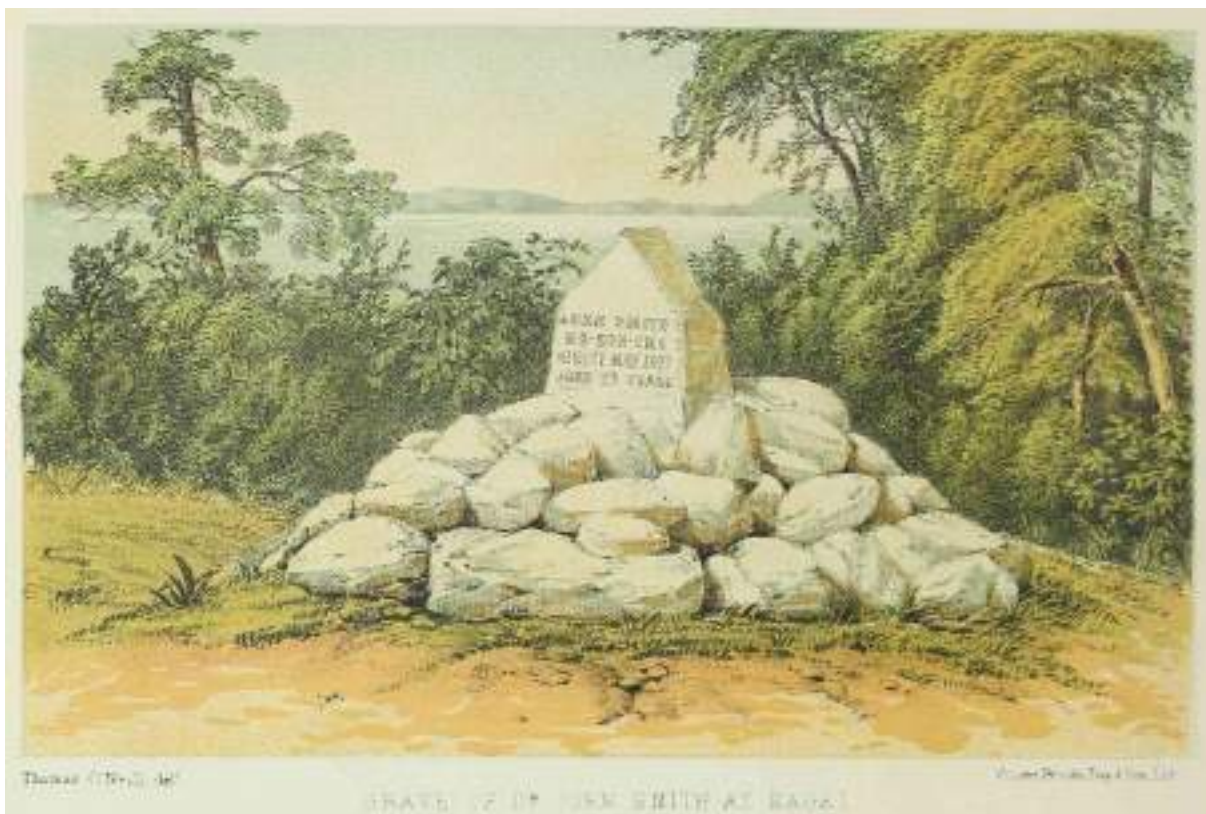


Figura 9 - Grave of Dr. John Smith at Kagei

Marcador visível para outros viajantes que circulavam pelo território, a lápide (pensada como manifestação da prática ocidental cristã de enterrar os mortos) também pode ser interpretada como uma das muitas formas de apropriação europeia sobre os espaços africanos nesse contexto.⁶¹ Elemento visual recorrente no conjunto documental elencado por esta

⁵⁹ Traduzido e adaptado pela autora do original: “One never expects to find a grave nor a stone of remembrance set up in Africa”. LIVINGSTONE, David. *Missionary Travels and Researches in South Africa*. Londres: John Murray, Albemarle Street, 1857, pp. 213–214. Parte do excerto também é citado em: RANGER, Terence. “Taking Hold of the Land: Holy Places and Pilgrimages in Twentieth-Century Zimbabwe”. *Past & Present*, n. 117, (Nov., 1987), pp. 158–194, p. 162.

⁶⁰ Além da fotografia, manuscritos revelam que o próprio David Livingstone havia dado orientações para a composição da gravura do túmulo de Mary Livingstone. Disponível em: <https://www.nls.uk/exhibitions/david-livingstone/mary-livingstones-grave/>. Último acesso em: 15/04/2023.

⁶¹ A historiadora portuguesa Isabel Castro Henriques mobiliza o conceito de marcadores “simbólicos” e “funcionais”, a fim de compreender as tensões entre marcadores africanos e europeus na conformação do espaço angolano. HENRIQUES, Isabel Castro. “A materialidade do simbólico: marcadores territoriais, marcadores identitários angolanos (1880–1950)”. *Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB*. Brasília: UnB, n.º. 1–2, vol. 12, 2004, pp. 9–41.

pesquisa, as representações das lápides dos primeiros religiosos da CMS que morreram durante a “Victoria Nyanza Mission” não se enquadram como casos isolados no âmbito das narrativas europeias sobre o continente africano. Isso porque, muitas são as imagens do túmulo de Mutesa I que foram divulgadas em livros e periódicos ilustrados consultados dentro do escopo temporal delimitado por esta tese. Apresentadas na edição de fevereiro de 1892 do *The Church Missionary Gleaner*, as gravuras “The exterior of Mtesa’s tomb (From a Sketch by Bishop Tucker)”⁶² (figura 10), e “The interior of Mtesa’s Tomb” (From a Sketch by Bishop Tucker)”⁶³ (figura 11) ilustram o artigo “The tomb of King Mtesa”. Entre os tópicos abordados pelo artigo, nos salta aos olhos a passagem em que são estabelecidas comparações entre os túmulos do *kabaka* e de missionários da CMS:

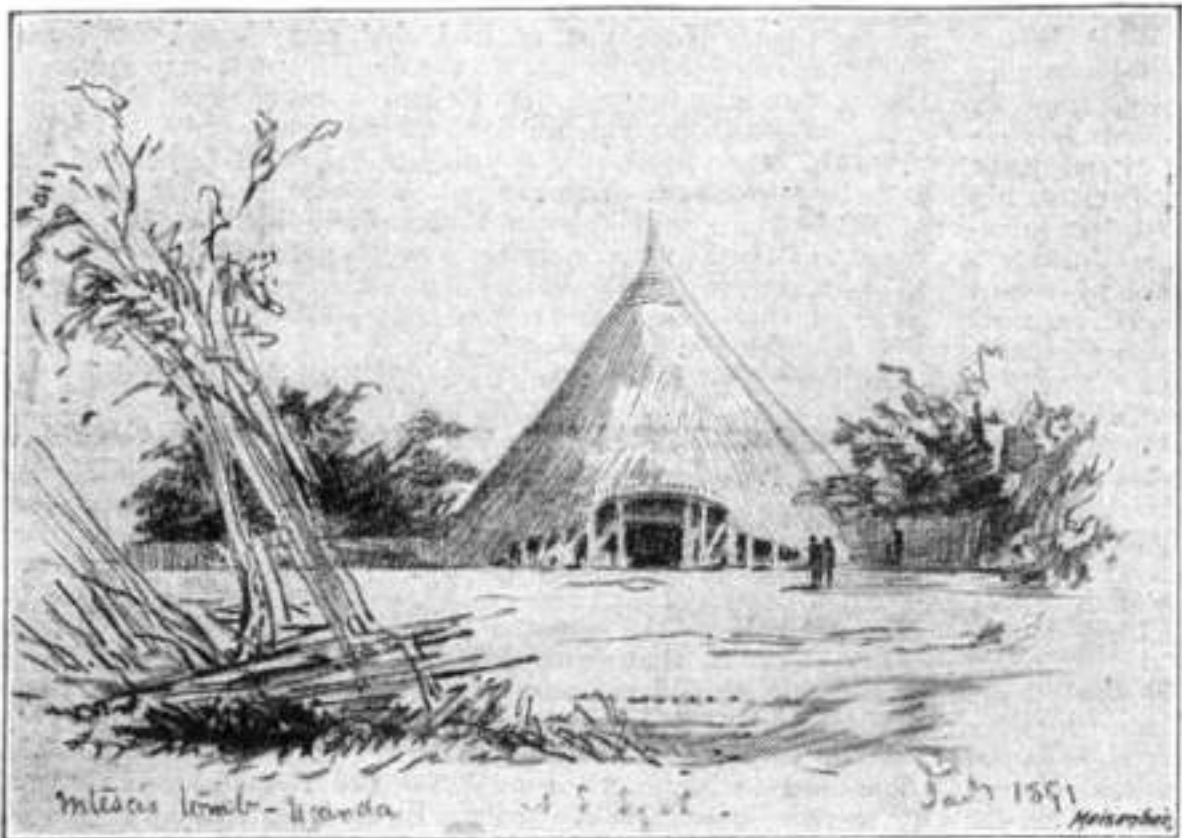
O famoso rei foi de fato sepultado com pompa e ostentação terrena, embora com menos despesas do que havia concedido a sua mãe. Mackay nos diz que £ 15.000 em tecido foram enterrados com Nomasole, enquanto se estima que a tumba de Mtesa tenha cerca de £ 2.000. Como é diferente a sepultura dos missionários falecidos em Usambiro. Não podemos deixar de lembrar as palavras de Mackay a Mtesa, quando lemos que os corpos do bispo Parker e Blackburn foram simplesmente embrulhados em tecido de casca de árvore, não havendo tempo para fazer caixões para eles. Mackay, de fato, tinha um caixão, feito da mesma madeira com que o Kulekiva foi construído e provavelmente Hunt e Dunn foram enterrados da mesma maneira. Mas sobre os monumentos simples e desprezíveis que marcam o lugar de descanso desses que partiram estão gravadas palavras preciosas, palavras que brilham com uma luz do alto, palavras que falam da “certeza e esperança”.⁶⁴

O excerto enfoca os contrastes entre a “pompa e ostentação terrena” com que o *kabaka* Mutesa I e sua mãe (*namasole*) foram enterrados, apontando inclusive uma estimativa das despesas envolvidas em cada sepultamento, segundo Alexander Mackay, em oposição aos “monumentos simples e desprezíveis” que demarcavam os lugares em que missionários da CMS haviam sido enterrados.

⁶² STOCK, Sarah Geraldine. “The Tomb of King Mutesa”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, fev. 1892, n° 218, vol. XIX, pp. 20–21, p. 20.

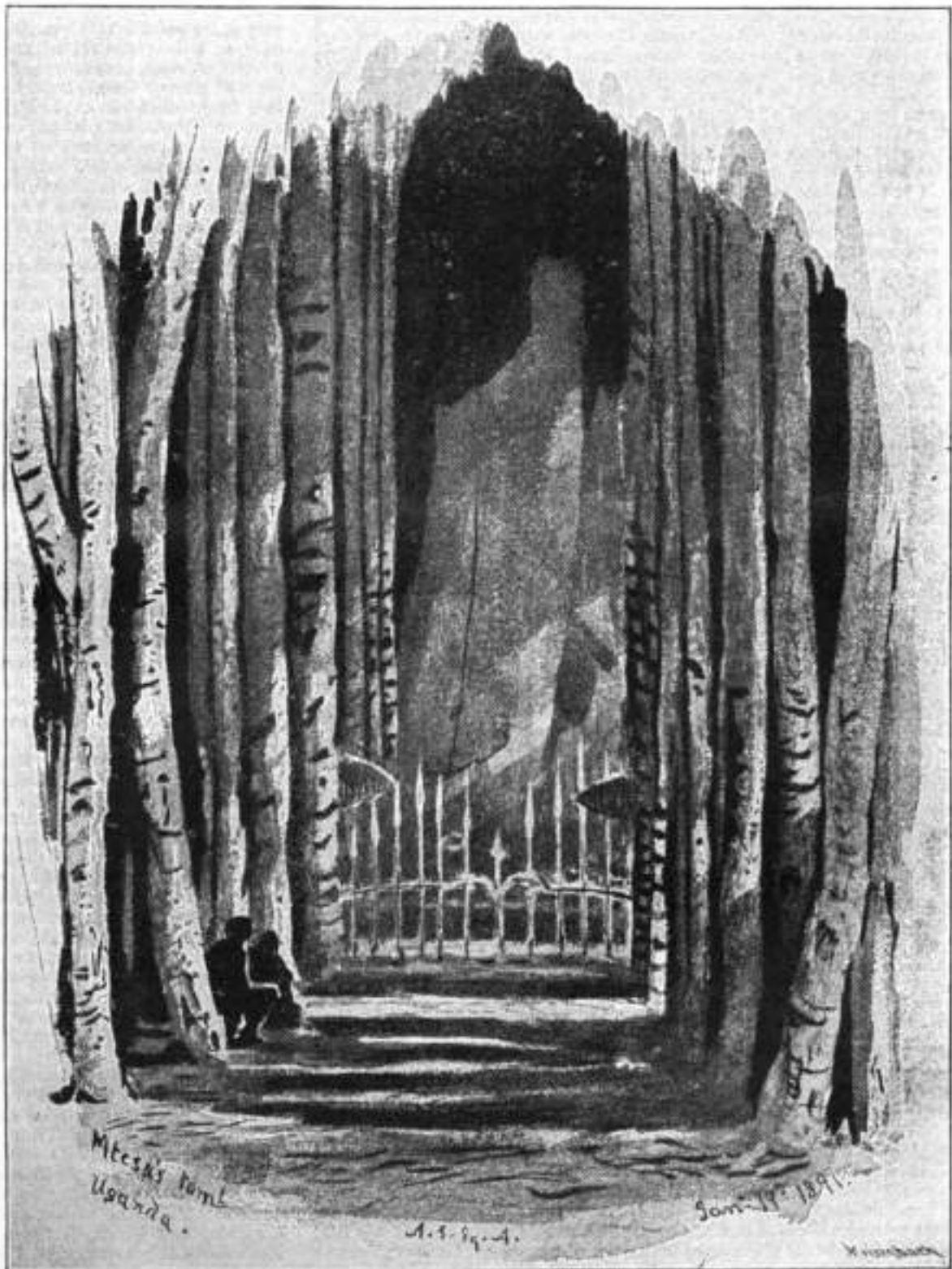
⁶³ *Ibidem*, p. 21.

⁶⁴ Traduzido e adaptado pela autora do original: “The famous king was indeed buried with earthly pomp and show, although with less expenditure than he had bestowed on his mother. Mackay tells us that £15,000 worth of cloth was buried with Nomasole, while it is estimated that Mtesa's tomb holds about £2,000 worth. How different the sepulture of the missionaries who died at Usambiro. We cannot but recall Mackay's words to Mtesa, when we read that the bodies of Bishop Parker and Blackburn were simply wrapped in bark-cloth, there being no time to make coffins for them. Mackay, indeed, had a coffin, made of the same wood of which the Kulekiva was built, and probably Hunt and Dunn were buried in the same manner. But upon the simple, unpretending monuments which mark the resting place of these departed ones are graven precious words, words shining with a light from above, words which tell of the ‘sure and certain hope’”. *Ibidem*, p. 21.



THE EXTERIOR OF MTESA'S TOMB. (From a Sketch by Bishop Tucker.)

Figura 10 - *The Exterior of Mtesa's Tomb (From a Sketch by Bishop Tucker)*



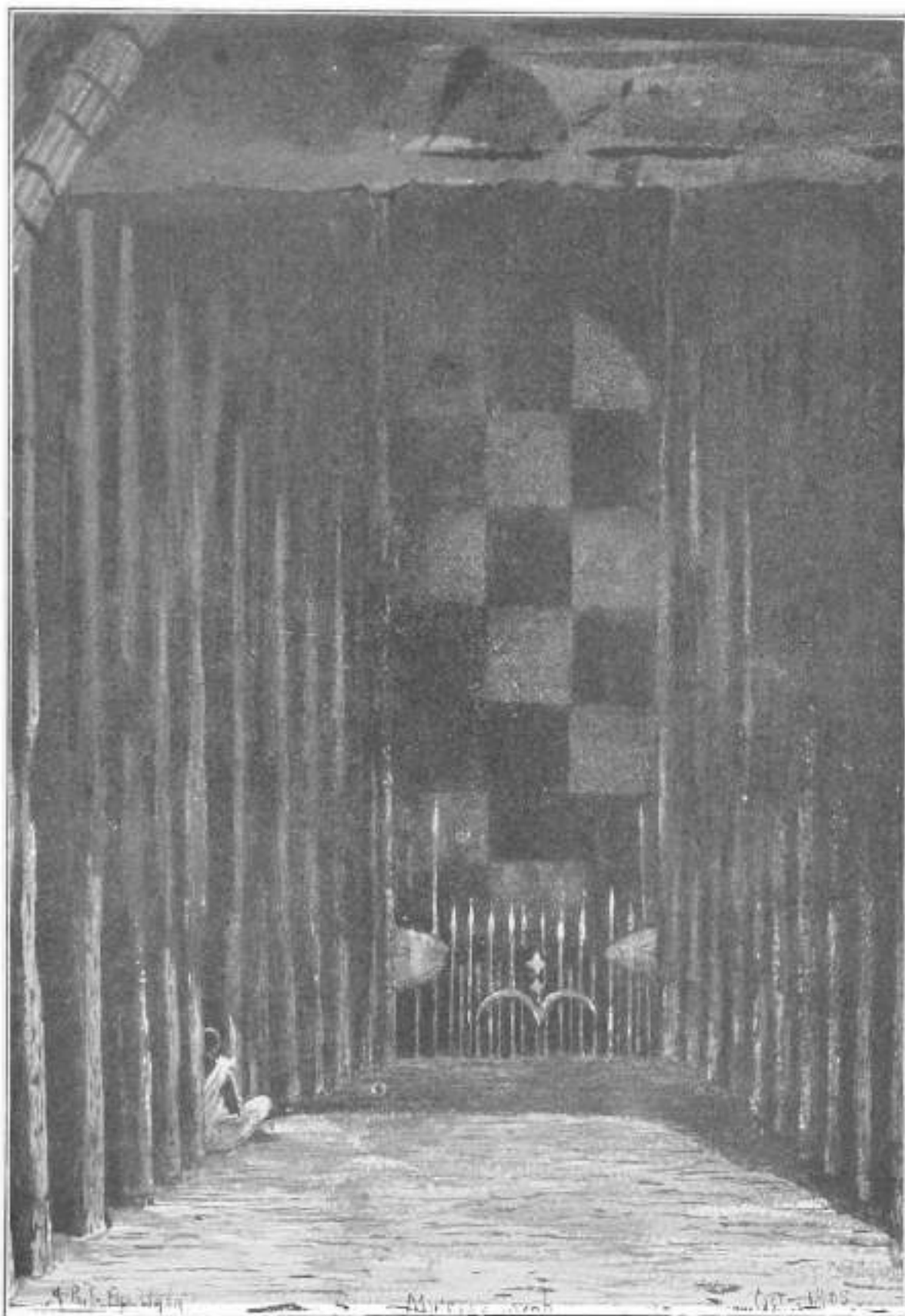
THE INTERIOR OF MTESA'S TOMB. (From a Sketch by Bishop Tucker.)

Figura 11 - *The Interior of Mtesa's Tomb (From a Sketch by Bishop Tucker)*

Também de autoria de Tucker, a representação “Mutesa’s Tomb, Uganda” (figura 12),⁶⁵ integra o primeiro volume de sua obra *Eighteen Years in Uganda and East Africa*. Já em outro registro, a fotografia “Mutesa’s Tomb” (figura 13)⁶⁶ estampa as páginas de *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*, de John Roscoe.

⁶⁵ TUCKER, Alfred R. *Eighteen Years in Uganda and East Africa* (vol. 1). Londres: Edward Arnold, 1908, p. 124.

⁶⁶ ROSCOE, John. *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*. Londres: Macmillan, 1911, p. 120.



MUTESA'S TOMB, UGANDA

Figura 12 - Mutesa's Tomb, Uganda

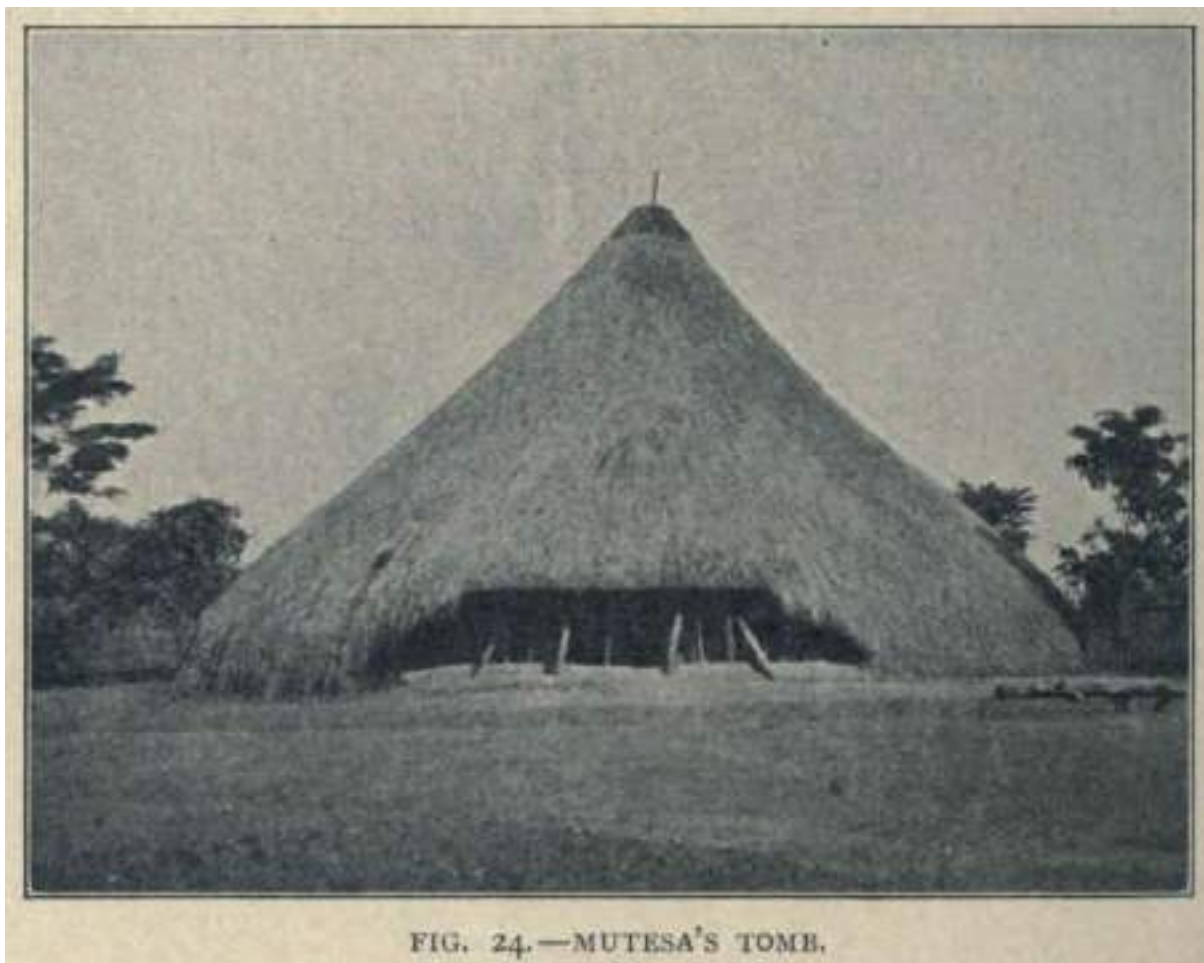


Figura 13 - *Mutesa's Tomb*

Em paralelo com os indícios documentais, estudos demonstram que o interesse por rituais relacionados às práticas de sepultamento e a ênfase dada aos monumentos funerários permeou o imaginário da sociedade vitoriana. Manifestado de diferentes maneiras, tal interesse recebeu e produziu novos significados frente à expansão imperial nos territórios não-europeus, explicitando uma das muitas facetas de tensões presentes nas ocupações dos territórios e de como tais conflitos foram visibilizados. Ao analisar como missionários anglicanos e católicos que atuaram em Makoni, distrito administrativo da Rodésia do Sul (atual Zimbábue), desenvolveram teorias e práticas sobre os processos de apropriação imaginativa da terra, Terence Ranger discute como as sepulturas que seguiam o modelo ocidental e cristão imprimiram uma nova reordenação da topografia dentro de uma arena de disputas pelos usos sagrados do território.⁶⁷

⁶⁷ RANGER, *op. cit.*

Já em “The Sleep of the Brave: Graves as Sites and Signs in the Colonial Eastern Cape”,⁶⁸ capítulo de David Bunn que integra *Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*, o autor escrutina, a partir da correlação estabelecida entre representação e violência, como as sepulturas demarcaram a paisagem na região do Cabo Oriental, na África do Sul, durante o turbulento período de guerras travadas entre colonos britânicos e as populações xhosa na primeira metade do XIX. Bunn discorre sobre a multiplicidade de sentidos simbólicos e sociais que as sepulturas materializaram, de acordo com as peculiaridades dos discursos de missionários, administradores coloniais e militares.

Os trabalhos de Ranger e Bunn convergem ao apontarem o temor de missionários católicos e anglicanos diante do não sepultamento dos corpos e o receio de abandono e esquecimento das sepulturas de figuras que integravam as missões. De outra parte, o interesse pelos rituais e modos de enterrar os mortos por parte das sociedades locais também despertou a atenção de muitos componentes vinculados à instituições religiosas. Para além da dimensão etnográfica⁶⁹ ou da chave de exotismo que tais abordagens poderiam contemplar, tais observações permitiam, de certo modo, aferir, a partir das práticas adotadas, se as populações haviam introjetado (ou não) concepções cristãs no processo de sepultamento e nas formas de manutenção — material e simbólica — da memória daqueles que haviam sido enterrados.⁷⁰

Enfocando recortes temporais e geográficos diferentes, as pesquisas mencionadas nos auxiliam, portanto, a compreender como o destaque conferido às descrições textuais e visuais referentes aos locais de sepultamento (em especial, de religiosos da CMS e do *kabaka* Mutesa I) no espólio documental arrolado integram um segmento mais amplo no âmbito da retórica missionária e revelam distintas concepções sobre como as tensões entre natureza e cultura foram modeladas nas descrições europeias sobre as paisagens africanas.

Ainda no âmbito do debate sobre a ocupação dos territórios africanos por meio do uso de diferentes marcadores materiais e retomando a discussão sobre *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*, verificamos também representações de bandeiras que se destacam na composição da cena retratada. Embora em algumas imagens se torne, em um

⁶⁸ BUNN, David. “The Sleep of the Brave: Graves as Sites and Signs in the Colonial Eastern Cape”. In: LANDAU, Paul; KASPIN, Deborah (orgs.). *Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2002, pp. 56–89.

⁶⁹ Nessa linha, ver os comentários e as fotografias sobre as cerimônias de sepultamentos entre os baganda em: ROSCOE, *The Baganda...*, *op.cit.*, pp. 110–127. A obra e o autor serão analisados mais detalhadamente no capítulo seis do presente trabalho.

⁷⁰ Aqui vale uma menção às oposições e aos contrastes sobre os rituais pagãos e cristãos estabelecidos por meio dos relatos textuais e fotográficos de Charles Hattersley, a partir da visita do jovem *kabaka* Daudi Cwa ao túmulo de seu avô, o *kabaka* Mutesa I, tema que exploraremos no último capítulo desta tese.

primeiro momento, relativamente difícil identificar as cores presentes nesses emblemas, nas litografias intituladas “Panoramic view from the CMS camp, Mkundi River, Usagara looking west” (figura 7) e “Village of Rosako” (figura 14)⁷¹ notamos as bandeiras da Inglaterra (a cruz de São Jorge, referência ao santo patrono do país) e, na litografia “CMS camp in western Ugogo” (figura 15),⁷² a “Union Jack”.



Figura 14 - *Village of Rosako*

⁷¹ O'NEILL, Thomas; SMITH, *op. cit.*, pp. 4–5.

⁷² *Ibidem*, pp. 10–11.



Figura 15 - CMS Camp in Western Ugogo

Da mesma maneira em que os registros visuais sobre os monumentos funerários podem ser concebidos como um dos muitos elementos que almejavam demarcar o território explorado pelos missionários por meio da mobilização de estruturas pertencentes ao universo simbólico cristão, as imagens de bandeiras tremulantes fíncadas próximas às barracas dos acampamentos da CMS também comportam uma carga política e simbólica muito expressiva.

A representação visual desses emblemas transmite, aos leitores da publicação, um fragmento da extensão do poderio imperial britânico na zona oriental do continente africano. Em outras palavras, na constituição de uma paisagem que contempla aspectos naturais e humanos não europeus, a bandeira situa-se como um dos componentes centrais que unificam e, ao mesmo tempo, reordenam os olhares daqueles que apreciam a cena retratada, promovendo uma espécie de justaposição dos espaços e territórios. Nesse sentido, tal composição da paisagem nos permite traçar uma aproximação com as teorias de Edward Said a respeito das tramas que envolvem o imperialismo a partir da complexidade de práticas e experiências que se elaboram por meio de “territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas”.⁷³

Como buscamos demonstrar ao longo deste capítulo, não seria equivocado afirmar que os desenhos que acompanham os apontamentos feitos por Shergold Smith, as aquarelas do

⁷³ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 34-116.

álbum de Charles Thomas Wilson e as litografias elaboradas a partir dos registros de Thomas O'Neill tornam evidentes como as representações visuais construídas por membros do primeiro grupo missionário em Uganda assumiram múltiplas funções na construção de narrativas sobre as atividades empreendidas pela Church Missionary Society na região dos Grandes Lagos no final do século XIX. Mobilizados na tentativa de esquadrihar o território e traduzir, para um campo visual, as primeiras impressões dos religiosos britânicos sobre as áreas percorridas, os registros imagéticos – produzidos em âmbito privado ou direcionados para um público mais amplo – nos auxilia a dimensionar a conformação de um vocabulário visual veiculado por meio de distintas técnicas e suportes materiais.

Trafegando entre a concretude da experiência e os filtros da subjetividade individual, o conjunto iconográfico derivado das observações realizadas em campo por membros do primeiro grupo de religiosos vinculados à CMS em Uganda, nos permite iluminar questões relacionadas à prática da visualidade de uma forma menos circunscrita. Popularizada em diversos manuais ao longo do século XIX, a associação, cada vez mais estreita, entre visão e produção de conhecimento fez-se presente na dinâmica de grande parte das viagens europeias ao continente africano.

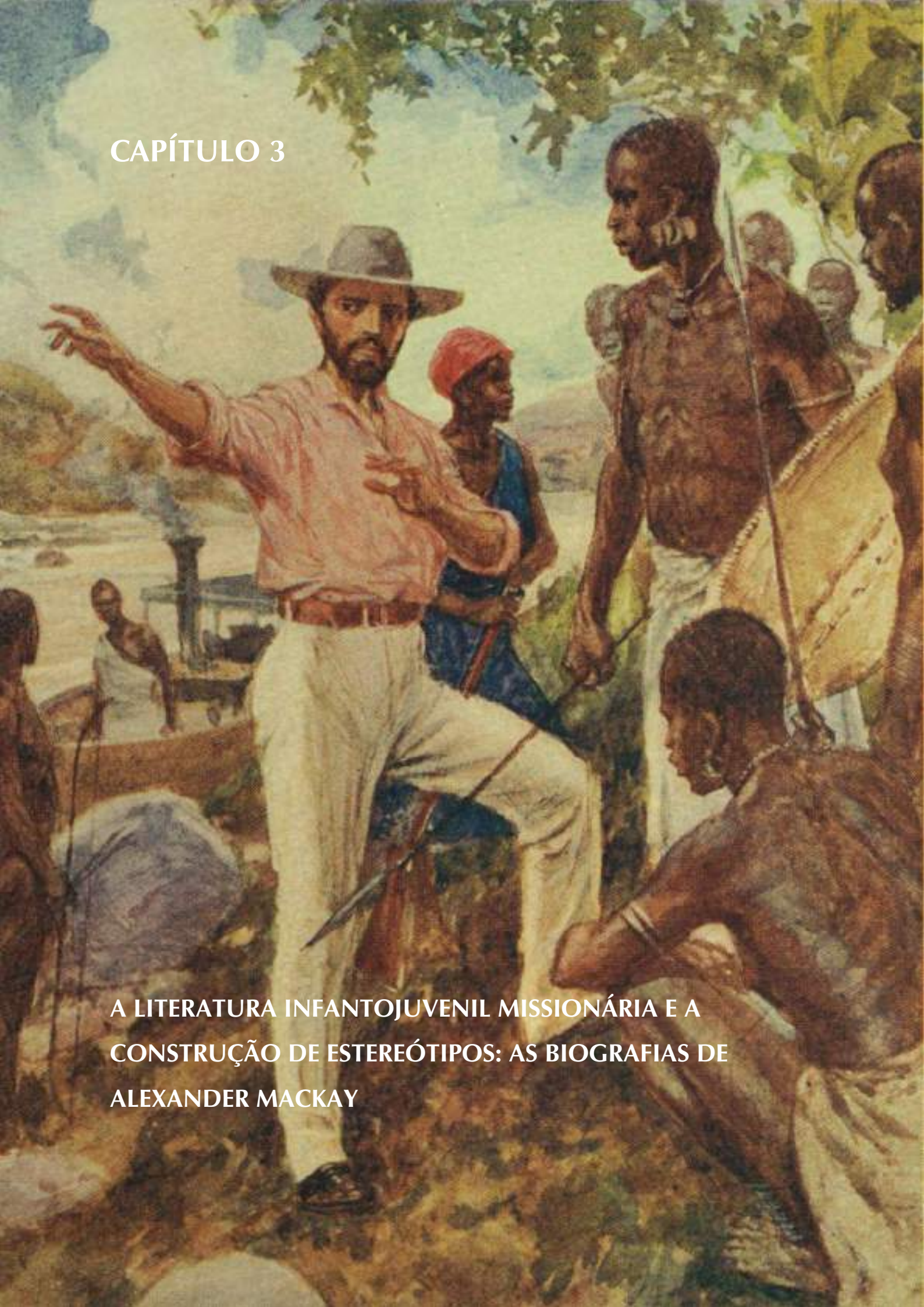
Partindo dessa perspectiva, o exame das “instruções” previstas para a “Victoria Nyanza Mission” nos permite identificar de que maneiras a visualidade foi incorporada no projeto de estabelecimento das bases da CMS em Uganda no final da década de 1870. Nesse contexto, os lugares ocupados pela visão, pelo visível e pelo visual no programa missionário se demonstraram perpassados por ambivalências. Ainda que tenham sido pensados como potenciais mediadores das primeiras aproximações entre os missionários britânicos e as populações locais, o uso de aparatos visuais não foi inicialmente empregado. Como buscamos discutir, a ausência de um direcionamento oficial que estimulasse o registro visual – fosse por meio da fotografia ou do desenho – não impediu, entretanto, que os religiosos anglicanos lançassem mão de esboços e aquarelas com o intuito de retratarem paisagens naturais, populações e aspectos da cultura material observados *in loco*. Assim como a narrativa textual, a produção imagética se pauta no processo de edição daquilo que pretende ser retratado.

Imbuídos de um repertório prévio alicerçado em referências culturais europeias, os missionários buscaram, por meio da constante inserção de elementos visuais como as sepulturas e as bandeiras nas cenas representadas, realçar a presença britânica ao longo das áreas atravessadas. Constituídas através da observação e do reconhecimento geográfico do espaço, as imagens elencadas ao longo deste capítulo revelam a constante apropriação dos espaços africanos, a partir da projeção das ambições imperiais sobre a realidade reinterpretada pelos

traços de Shergold Smith, Charles Thomas Wilson e Thomas O'Neill. Fomentado pela circulação de muitas destas imagens em revistas ilustradas e publicações, a construção de um imaginário imperial se amparou, entre outros fatores, no consumo dessas peças visuais.

CAPÍTULO 3

A LITERATURA INFANTOJUVENIL MISSIONÁRIA E A
CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: AS BIOGRAFIAS DE
ALEXANDER MACKAY



Há algumas décadas, as estreitas conexões entre literatura e imperialismo têm impulsionado uma extensa gama de estudos. Como aponta Edward Said em *Orientalismo* e em *Cultura e Imperialismo*, obras basilares sobre o tema, a constituição de um discurso colonial alicerçou-se em uma complexa trama de registros textuais e visuais que trafegaram por distintos suportes e formatos.¹ Reconhecer as múltiplas instâncias de poder presentes nos campos da linguagem, da cultura e das instituições nos conduz a um cenário fabricado por distintos atores, permeado por disputas, imbricações e redes de interdependência.² Tendo em vista os variados percursos interpretativos passíveis de serem trilhados frente à amplitude deste quadro temático, pretendemos neste quarto capítulo nos debruçar sobre um segmento literário específico dentro da seara das narrativas missionárias: as biografias de personagens religiosos direcionadas ao público infantojuvenil. Sem o intuito de procedermos a uma abordagem exaustiva acerca do volumoso conjunto de materiais dessa natureza produzidos ao longo da passagem do oitocentos para o novecentos, voltaremos as nossas atenções particularmente para abordagem de narrativas biográficas produzidas e difundidas pela Church Missionary Society (CMS). Nossas análises recairão, em especial, nas publicações cuja inserção de recursos visuais desempenhou papel fundamental na construção de discursos sobre as atividades religiosas empreendidas em territórios não-europeus.

A constante mobilização de elementos imagéticos na composição de narrativas que enfocavam a vida de missionários frente aos desafios impostos pela tentativa de evangelização das populações da região dos Grandes Lagos africanos, situa-se como uma janela convidativa para investigarmos de que maneiras o campo da visualidade revela-se como arena privilegiada para o entendimento das construções de imaginários e representações sociais no período estudado. Na perspectiva sustentada por Homi Bhabha, a compreensão do estereótipo no cerne das dinâmicas coloniais está umbilicalmente atrelada à noção de fixidez, que opera a partir da repetição contínua de outros estereótipos, simplificações e ambivalências.³ Ainda segundo o teórico, para um exame das relações coloniais de poder torna-se fundamental o reconhecimento

¹ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 e *Idem, Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

² Organizada por Manuela Ribeiro Sanches, a obra *Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade* apresenta uma relevante seleta de textos produzidos por teóricos de distintas áreas disciplinares que discorrem sobre as construções e as circulações do discurso imperial e colonial e suas múltiplas reverberações no campo epistemológico. SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*. Lisboa: Edições Cotovia, 2005.

³ “O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais”. BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 117.

das práticas envolvidas nos atos de ver e ser visto como componentes de um regime de visibilidade em que formas discursivas de oposições identitárias culturais e raciais se sobrepõem.⁴

Visando iluminar tais questões, selecionamos como eixos condutores *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*,⁵ de autoria de Alexina Mackay Harrison (1853–1939) e *Mackay of the Great Lake*,⁶ de Constance Evelyn Padwick (1866–1968). Editadas entre os últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do início do XX, as referidas obras se centram na trajetória de Alexander Murdoch Mackay (1849–1890), missionário de origem escocesa que integrou o primeiro grupo⁷ enviado pela CMS à Uganda na década de 1870.

Os registros sobre as experiências vividas ao longo de catorze anos no interior da África Oriental renderam um robusto conjunto de cartas redigidas pelo religioso, destinadas tanto para a sede da CMS quanto para seus familiares.⁸ Embora Mackay não tenha sido propriamente autor de nenhuma obra, seu percurso inspirou um considerável número de publicações que foram constantemente reeditadas logo após a sua morte. Amplificada por meio da divulgação seriada em livros e periódicos, a biografia de Mackay alcançou significativa visibilidade frente à opinião pública britânica do período, sendo equiparada apenas, nas palavras do expedicionário Henry Morton Stanley,⁹ à trajetória de David Livingstone (1813–1873),¹⁰ famoso missionário que havia circulado pela África Central e Austral em décadas anteriores.¹¹ Para além das peculiaridades presentes no estilo narrativo dessas publicações, a intensa mobilização de

⁴ *Ibidem*, pp. 118–125.

⁵ HARRISON, Alexina M. *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*. Londres: Hodder and Stoughton, 1892.

⁶ PADWICK, Constance E. *Mackay of the Great Lake*. Londres/Nova Iorque/Toronto/Melbourne/Bombaim: Oxford University Press, 1917.

⁷ Para uma abordagem mais detalhada sobre o perfil e o percurso dos primeiros missionários enviados à Buganda em 1876, retomar o segundo capítulo desta tese.

⁸ Parte do espólio documental de Alexander Mackay relacionado ao seu serviço enquanto religioso vinculado à CMS em Uganda entre 1878 e 1890 pode ser consultado no arquivo da Church Missionary Society, pertencente ao acervo da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham). Para cartas privadas trocadas entre o missionário e seus familiares e a correspondência oficial, verificar o seguinte fundo documental: CMS/ACC72.

⁹ Em carta redigida por Stanley na estação da CMS em Msalala, em 1899, e endereçada ao general do exército britânico Francis de Winton (1835–1901), o expedicionário afirma: “We arrived here on the 28th inst., and found the **modern Livingstone, Mr. A. M. Mackay**, safely and comfortably established at this mission station. I had always admired Mackay. He had never joined in the missionaries’ attacks on me, and every fact I had heard about him indicated that I should find him an able and reliable man”. HARRISON, *op. cit.*, p. 301. Grifos meus. A comparação entre os missionários também é reforçada em outro trecho publicado na obra de Constance Padwick a partir de citações feitas por Stanley em suas obras: “The best missionary since Livingstone’ was Stanley’s verdict on Mackay of the Great Lake”. PADWICK, *op. cit.*, p. 136.

¹⁰ A aproximação entre as biografias de Livingstone e Mackay foi tema da seguinte obra: GREGORY, B. K.; MACDONALD, E. A. *David Livingstone and Alexander Mackay: The Story of Their Lives*. Londres: The Sunday School Union, 1911.

¹¹ PULFORD, Cedric. *Eating Uganda: From Christianity to Conquest*. Londres: Ituri Publications, 1999, p. 182.

recursos visuais nessas obras nos auxilia a compreender as conexões entre literatura, imperialismo e o movimento missionário. Ancorando-se nesses questionamentos mais abrangentes, pretendemos explorar e problematizar, a partir de um exame comparativo entre os entrelaçamentos contidos entre as descrições textuais e as reproduções de gravuras e ilustrações presentes nas obras de Alexina Harrison e de Constance Padwick, o potencial narrativo das imagens que compõem os livros.

Como buscamos debater ao longo deste capítulo, a mobilização de um conjunto de ilustrações na obra *Mackay of the Great Lake* produzidas por Ernest Prater (1864–1950) — artista gráfico britânico que alcançou significativo reconhecimento público por seus trabalhos visuais acerca de campanhas militares, como a Segunda Guerra dos Bôeres (1899 e 1902),¹² — também nos fornece preciosos subsídios para adensarmos o entendimento sobre aspectos relacionados às noções de heroísmo, patriotismo e masculinidade forjadas e personificadas a partir das representações imagéticas de Alexander Mackay.

3.1. Em busca de uma “ficção agradável e fácil”: a imagem do missionário e suas transformações na produção literária britânica

A fim de construirmos um entendimento mais aprofundado a respeito das especificidades das publicações elencadas, torna-se indispensável visualizarmos tais produções no bojo da transição entre o final da Era Vitoriana (1837–1901) e o período Eduardiano (1901–1910). É válido reforçar, entretanto, que embora este recorte histórico esteja comumente associado às seis décadas em que a rainha Vitória governou a Grã-Bretanha e à subida de seu filho ao trono, sua delimitação não pode ser concebida de forma rígida, na medida em que a reverberação e o prolongamento de certas dinâmicas históricas relacionadas aos universos vitoriano e eduardiano não se limitaram a fronteiras temporais e espaciais estáticas.¹³

Como pontuamos no início deste trabalho, o período foi marcado pela intensificação dos processos de urbanização, industrialização e crescimento demográfico na Grã-Bretanha, acompanhado pela acentuada expansão do império ultramarino britânico e a implementação de

¹² Amplamente documentados, os confrontos ocorridos entre 1880 e 1881 e 1899 e 1902, que marcaram a Guerra dos Bôeres — episódio sangrento que incluiu genocídio dos bôeres (pelos britânicos) e a prisão destes em um campo de concentração — deram vazão a uma profusão de material visual que obteve expressiva divulgação em revistas ilustradas, jornais, cartões-postais e livros. Sobre aspectos da iconografia derivada deste conflito, ver, entre outros: GOOCH, John (ed.). *The Boer War: Direction, Experience and Image*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2013; MCDONALD, Ian. *The Boer War in Postcards*. Londres: Sutton Publishing, 1990.

¹³ Nesse sentido, ainda que a obra de Constance Padwick tenha sido publicada em 1917, isto é, alguns anos após o fim da Era Eduardiana, optamos por enquadrá-la nesta grelha analítica, na medida em reconhecemos que este período apresenta uma abrangência que extrapola balizas cronológicas estanques.

políticas imperiais e coloniais em distintas zonas geográficas.¹⁴ No âmbito das práticas culturais, o período analisado situou-se como terreno fértil para proliferação de manifestações artísticas em diversos campos,¹⁵ com especial destaque para a literatura. Longe da pretensão de esgotarmos as discussões em torno das tramas tecidas entre alguns romances no âmbito do imperialismo capitalista colonial, cabe estabelecermos breves apontamentos acerca das características mais gerais da produção literária vitoriana e eduardiana a fim de entendermos com maior profundidade as obras aqui enfocadas.

Representadas por romancistas como Charles Dickens (1812–1870), Thomas Hardy (1840–1928), Oscar Wilde (1854–1900), Charlotte Brontë (1816–1855) e Emily Brontë (1818–1848), escritores que desenvolveram estilos textuais muito distintos, as narrativas literárias publicadas durante a Era Vitoriana, podem ser reconhecidas, ainda assim, por determinados elementos comuns, como indica uma série de abordagens sobre o assunto.¹⁶ Nesse sentido, a questão da desigualdade social, as contradições inerentes aos acelerados progressos nos campos da ciência, da indústria e da tecnologia e as mazelas de uma boa parte da sociedade afetada por estes processos, além das ambiguidades existentes entre a contenção moral, a repressão sexual, a expansão imperial e o culto à vida doméstica se revelam como tópicos recorrentes no repertório literário da época.¹⁷

Na senda de um amplo leque de narrativas oitocentistas britânicas que enfocaram as tensões culturais decorrentes das dinâmicas travadas entre os espaços metropolitanos e coloniais, podemos apontar *As minas do rei Salomão* (1880) e *She* (1887), obras de H. Rider Haggard (1856–1925) e o poema *O fardo do homem branco* (1899), *O livro da selva* (1894) e *O segundo livro da selva* (1895), de Rudyard Kipling (1865–1936).¹⁸ A literatura direcionada para crianças e adolescentes no período integra um universo extremamente vasto.¹⁹ Tal campo foi impulsionado, entre outros fatores, pelos avanços técnicos no setor da impressão ocorridos

¹⁴ Para um elucidativo balanço historiográfico acerca do Período Vitoriano, consultar: PASSETTI, Gabriel. “Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano”: *História* (São Paulo), vol. 35, 2016, pp. 1–24. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221046978003>. Último acesso em: 07/03/2020.

¹⁵ GILMOUR, Robin. *The Victorian Period: The Intellectual and Cultural Context (1830–1890)*. Londres: Routledge, 2014 e WILSON, A. N. *The Victorians*. Londres: Arrow Books, 2002.

¹⁶ Entre as recentes publicações que apresentam um panorama da produção literária vitoriana, destacamos: DAVID, Deirdre (ed.). *The Cambridge Companion to the Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001; MITCHELL, Sally. *Victorian Britain: An Encyclopedia*. Londres: Routledge, 2012, pp. 549–551 e SHEA, Victor; WHITLA, William (eds.). *Victorian Literature: An Anthology*. Oxford: John Wiley & Sons, 2015.

¹⁷ McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

¹⁸ Sobre os vínculos intelectuais travados entre Haggard e Kipling, consultar a troca de cartas entre os autores: COHEN, Morton. *Rudyard Kipling to Rider Haggard: The Record of a Friendship*. Londres: Hutchinson, 1965.

¹⁹ HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

entre o final do XIX e início do XX, atingindo um elevado grau de circulação em um período considerado por muitos autores como a “era de ouro” da produção literária infantil. Nesse cenário, é digno de nota as obras que almejavam captar a atenção desses grupos para os chamados “romances de aventura”,²⁰ tramas que giravam em torno das intervenções europeias em diferentes partes do globo, em especial, nos territórios africanos e asiáticos.

De acordo com Prochaska,²¹ entre o final do oitocentos até o início da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), grande parcela do público infantil, em particular, as crianças do gênero masculino, havia sido exposta a ideias imperiais²² em diferentes ambientes, como escolas,²³ grupos religiosos e associações recreativas. A difusão de publicações em linguagens e formatos diversificados, que abarcavam desde periódicos semanais até livros ilustrados, revelava-se como uma das muitas estratégias que visavam aproximar parte do público infantojuvenil aos projetos e discursos imperiais vigentes naquele contexto.²⁴ É à luz dessa atmosfera cultural que se torna possível compreender os lugares ocupados pelas publicações de Alexina Harrison e Constance Padwick em um quadro histórico mais amplo.

Publicados respectivamente em 1892 e 1917, os livros *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* e *Mackay of the Great Lake* fundamentam-se, conforme explicitado em seus títulos, na biografia de Alexander Mackay. Dada a profusão de publicações dedicadas à vida do missionário,²⁵ a opção pela análise das obras elencadas guiou-se pela possibilidade de observarmos de maneira mais nítida — e dentro do arco temporal delimitado por esta

²⁰ Na definição de John Cooper: “Boys’ adventure and school stories formed a large part of the children’s fiction published in the first decade of the twentieth century (...). War played an important part in many of the stories, be it Afghan, Boer, Carlist, Crimean, Franco-Prussian, Russo-Japanese or Zulu; which reflected the turbulent history of the second half of the nineteenth century. These books were popular with the middle and the upper classes and helped to establish the patriotic and heroic values held by a generation of readers, many of whom would die in the First World War”. COOPER, John. *Children’s Fiction 1900–1950*. Londres: Routledge, 2019, p. 1890.

²¹ PROCHASKA, F. K. “Little Vessels: Children in the Nineteenth-Century English Missionary Movement”. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol. 6, nº 2, 1978, pp.103–118.

²² Ver, no último capítulo deste trabalho, considerações sobre o papel do Colonial Office Visual Instruction Committee (COVIC), que operou entre 1902 até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), na composição de um projeto mais abrangente de instrução visual voltado para cristalizar noções de unidade imperial.

²³ Ainda que não se caracterizasse como um sistema de educação gratuito e obrigatório, a instituição da Lei de Educação Elementar em 1870 (também conhecida como Forster’s Education Act) estabelecia e sistematizava diretrizes para a escolarização de todas as crianças entre 5 e 13 anos na Inglaterra e no País de Gales. Situando-se como um marco no campo educacional, tal medida contribuiu para fomentar o mercado editorial do período.

²⁴ DUNAE, Patrick A. “Boy’s Literature and the Idea of Empire, 1870–1914”. *Victorian Studies*, vol. 24, nº 1, 1980, pp. 105-121, p. 105.

²⁵ A lista de obras dedicadas à vida de Mackay é vasta. Entre as publicações que foram possíveis de mapear e que nos oferecem uma pequena amostra da diversidade de títulos, casas editoriais e datas de publicação, pontuamos: ELLIS, James Joseph. *Alexander Mackay. The Christian Hero of Uganda*. Londres: Pickering & Inglis Lt, 1938; ENOCK, Esthme Ethelind. *Twelve Mighty Missionaries*. Londres: Pickering & Inglis Lt, 1936; LAMBERT, John C. *Missionary Heroes in Africa. True Stories of the Intrepid Bravery and Stirring Adventures of Missionaries with Uncivilised Man, Wild Beasts and the Forces of Nature*. Londres: Seeley, Service & Co. Ltd., 1909.

pesquisa — aspectos que nos possibilitam reconhecer sensíveis transformações nas formas como as atividades empreendidas pela CMS, a partir da trajetória de Mackay, foram abordadas em biografias direcionadas para o público infantojuvenil masculino.²⁶ Assim, buscando traçar um escopo analítico mais alargado que nos permita reconhecer elementos de continuidade e de mudança nessas representações, optamos por concentrar nossas leituras em um livro publicado no final do Período Vitoriano (1837–1901), assim como em uma obra editada no fim da Primeira Guerra Mundial (1914–1918). Somando-se a esses critérios, o fato de ambas as obras terem sido produzidas por mulheres também despontou como um aspecto comum que permeia a produção das narrativas e que não pode ser desconsiderado.²⁷

O acesso a essas duas obras nos permite identificar determinadas similaridades no que tange à seleção dos momentos considerados decisivos no percurso do religioso anglicano. Entre as passagens mais marcantes enfocadas pelas biografias analisadas, destacam-se os episódios que remontam à infância, à decisão tomada, durante a juventude, de não seguir a carreira de engenheiro para abraçar a vida missionária vinculando-se à CMS, às atividades religiosas, empreendidas na fase adulta, durante mais de uma década de permanência ininterrupta no leste africano, até a sua morte. Entretanto, ainda que as narrativas adotem como alicerce comum os principais eventos que marcaram trajetória de Mackay, a leitura comparada entre os dois livros nos possibilita estabelecer alguns pontos de contato e distanciamentos entre os contextos de produção e os discursos textuais e visuais que compõem as publicações.

Estruturada em vinte e dois capítulos, a obra *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* foi escrita por Alexina Mackay Harrison e publicada cerca de dois anos após o falecimento de Mackay. Contrastando com o grande volume de publicações voltadas para a vida de seu irmão, as referências localizadas sobre a autora são extremamente escassas,

²⁶ Ainda que notemos uma maior prevalência de biografias missionárias direcionadas ao público infantojuvenil masculino, convém também demarcarmos a existência de biografias voltadas para a audiência feminina protagonizadas por mulheres que atuaram como missionárias, além de edições que, em seus títulos, anunciavam contemplar ambos os gêneros. Segundo Julie Anne McColl, essa segmentação observada no âmbito da literária missionária contribuía para reforçar, a partir da vida de religiosos e religiosas, determinadas práticas e comportamentos convencionalmente associados às noções de masculinidade e feminilidade. McCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870–1917*. Thesis submitted in accordance with the requirements of the University of Liverpool for the degree of Doctor in Philosophy by Julie Anne McColl. Liverpool: 2017, pp. 199–267.

²⁷ Nas últimas décadas, um número expressivo de investigações buscou problematizar os lugares das categorias de gênero em diferentes esferas das dinâmicas imperiais e coloniais. Dentro dessa vasta trama, muitas abordagens têm lançado luz sobre as participações femininas no campo das atividades missionárias, como podemos verificar nos seguintes estudos: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy (orgs.). *Gendered Missions: Women and Men in Missionary Discourse and Practice*. Michigan: University of Michigan Press, 1999 e LEVINE, Phillipa (org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

limitando-se aos dados relacionados à sua produção literária.²⁸ Sobre esse aspecto, é interessante pontuar que a identidade de Alexina Harrison parece ter se bastado, aos menos para o público que teve acesso à referida publicação, no laço fraternal existente entre a escritora e o biografado, foco de sua narrativa. Além do mais, podemos também conceber que tal vinculação familiar explicitada no título pode ter sido potencialmente pensada como uma estratégia editorial que ambicionava atrair um maior número de leitores, na medida em que a narrativa escrita por alguém que conviveu diretamente com o personagem poderia atuar como um selo de “qualidade” que conferia maior credibilidade às passagens relatadas na publicação.

De acordo com as palavras iniciais do prefácio redigido por J. W. H.,²⁹ o livro foi “(...) escrito especialmente para garotos, na esperança de que o exemplo de Mackay possa levar muitos deles a pensar sobre a África, e devotar suas vidas para sua regeneração moral e espiritual”.³⁰ Propósito anunciado desde a abertura do livro, a narrativa construída por Alexina Harrison ao longo de mais de trezentas páginas confere ao missionário um papel modelar, o qual, por meio da descrição de suas ações, tencionava arregimentar o público leitor para o qual a publicação era direcionada.

Alavancada pela divulgação das narrativas de religiosos como Robert Moffatt (1795–1883) e David Livingstone,³¹ a imagem pública do missionário não permaneceu estática, adquirindo distintas tonalidades a partir da segunda metade do século XIX. Em outras palavras, a figura do missionário talhada nas publicações buscava, muitas vezes, representar a própria corporificação da convergência de comportamentos e práticas que remetiam ao “herói”, capaz de morrer em defesa da nação, e do “mártir”, disposto a sofrer e, no limite, doar sua vida em

²⁸ Além da biografia privilegiada por esta tese, Alexina Mackay Harrison também foi autora de outros títulos: HARRISON, Alexina Mackay. *A. M. Mackay: Pioneer Missionary of the Church Missionary Society to Uganda by his Sister*. Londres: Hodder & Stoughton, 1890; *Idem, A. Mackay Ruthquist: or, Singing the Gospel Among Hindus and Gónds*. Londres: Hodder & Stoughton, 1893.

²⁹ Apesar de nossas buscas, não localizamos informações mais detalhadas sobre a trajetória de J.W.H. O pronome de tratamento utilizado para se referir a Alexina Mackay (“mrs. J.W. Harrison”) em outros títulos, entretanto, permite inferir que o autor do prefácio era marido de Alexina Mackay.

³⁰ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “This book is written especially for boys, in the hope that Mackay’s example may lead many of them to think of Africa, and devote their lives to its moral and spiritual regeneration”. HARRISON, *op. cit.*, s/p.

³¹ Segundo Gareth Griffiths: “By the mid-1870s, then, mission presses have totally elided the secular adventure and mission history forms, even importing actual images and events from the former to cater for the taste of its audience for exciting and stirring images and stories. By the end of the century, the Africa presented in the earlier and more complex journals of missionaries like Moffatt and even Livingstone, the original missionary-explorers, have been indelibly overwritten by the much more explicit imperialism of late Victorian exploration and the discourse of late nineteenth century adventure fiction”. GRIFFITS, Gareth. “Popular Imperial Adventure Fiction and the Discourse of Missionary Texts”. In: SCOTT, Jamie S.; GRIFFITS, Gareth (orgs.). *Mixed Messages: Materiality, Textuality, Missions*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005, pp. 51–66, p. 56.

prol da propagação da fé cristã.³² Partindo dessa perspectiva, é interessante notar como ao longo da leitura de *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*, a constituição do caráter do missionário se pautou na conjunção de valores como coragem, altivez, bravura, inteligência, caridade, bondade e compaixão.³³

É válido frisar que livros que contemplavam a vida de missionários cuja personalidade congregavam os valores mencionados iam ao encontro do esforço que muitas casas editoriais vinculadas às instituições religiosas empregavam no desafio de tentar frear o intenso consumo de publicações consideradas nocivas e degenerativas ao processo de formação do caráter de crianças e jovens. De acordo com Julie Annie McColl, entre as décadas de 1870 e 1910 as biografias missionárias direcionadas aos leitores infantojuvenis oriundos da classe operária, despontavam como uma espécie de antídoto frente aos famosos “Penny Dreadfuls”, publicações de baixo custo que, em linhas gerais, transitavam por enredos que tinham como pano de fundo histórias de crimes, regadas a elementos fantásticos e experiências sobrenaturais.³⁴

Ainda no que se refere ao universo literário constituído entre meados do XIX e as primeiras décadas do XX, convém frisar que determinados romances considerados populares no período — como *Feira das vaidades* (*Vanity Fair*, 1847), de William Makepeace Thackeray (1811–1863), *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë (1816–1855) e *Middlemarch: um estudo da vida provinciana* (*Middlemarch: a Study of Provincial Life*), de George Eliot (1819–1880), pseudônimo de Mary Anne Evans, publicado entre 1871 e 1872 — também não se furtaram a abordar a questão missionária em suas tramas. Sem adentrar as especificidades que marcam as estruturas das obras mencionadas, cabe destacar que o tom antirreligioso caracterizava-se como um dos elementos que permeiam a construção de determinados personagens.

Nessa direção, entre os exemplos mais elucidativos de personagens que se configuraram como epítomes de um discurso crítico às infiltrações do pensamento missionário na cultura e na política britânica oitocentista, mencionamos a senhora Jellyby, uma das muitas personagens criadas por Charles Dickens que integram *A casa soturna* (*Bleak House*). Por meio do entrelaçamento de diversas histórias, o romance, publicado em 1853, tece severas críticas às malhas sociais a partir do sistema judiciário instituído na época. Ao retratar em uma chave satírica a devoção filantrópica que a senhora Jellyby nutria pelos assuntos africanos por meio

³² KEARNEY, Anthony. “The Missionary Hero in Children’s Literature”. *Children’s Literature in Education*, vol. 14, nº 2, 1983, pp. 104–112.

³³ McCOLL, *op. cit.*, pp. 329–355.

³⁴ *Ibidem*, p. 53.

do interesse por uma missão religiosa estabelecida às margens do rio Níger,³⁵ Dickens aborda com ironia as ações das instituições religiosas britânicas do período, escancarando as contradições envolvidas nos discursos sobre a política imperial oitocentista.³⁶ Como sustenta Susan Thorne, a recorrência de personagens literários que, de certa maneira, davam voz a determinadas ideias e práticas ligadas ao movimento protestante evidencia como a temática missionária ecoava no âmbito da narrativa literária vitoriana.³⁷

Diante desse cenário, tornava-se necessário revestir a imagem do missionário com uma roupagem que fosse capaz de se sobrepor às representações calcadas em condutas consideradas acentadamente contraditórias ou negativas.³⁸ A construção do missionário enquanto personagem nesse contexto repousava, portanto, na ideia de que suas ações deveriam ser capazes de personificar valores “morais” e, ao mesmo tempo, “transportar” os leitores para lugares e paisagens consideradas exóticas, não acessíveis ao público europeu. A tentativa de buscar um equilíbrio na confluência de tais características situava-se constantemente no horizonte de preocupações de muitas editoras ligadas às instituições missionárias do período, as quais desejavam imprimir uma função pedagógica a essas obras, sem perder de vista seu potencial atrativo.³⁹ Ao traçar um breve histórico acerca dos principais entraves enfrentados por certas instituições religiosas na tarefa de arregimentar as crianças, Constance Padwick, em seu texto “Children and Missionary Societies in Great Britain” (1917), expressa de forma nítida o papel-chave que as obras literárias deveriam desempenhar no processo de aproximação entre o público infantojuvenil e a atividade missionária:

³⁵ Nas palavras da senhora Jellyby: “O projeto africano ocupa presentemente todo o meu tempo. Obriga-me a manter correspondência com instituições públicas e com particulares ansiosos pelo bem-estar de seus semelhantes por todo o país. Sinto-me feliz por poder dizer que a coisa está progredindo. Esperamos ter, por este tempo, no ano vindouro, de cento e cinquenta a duzentas famílias sadias, cultivando café e educando os naturais de Borriobulagha, na margem esquerda do Níger”. DICKENS, Charles. *A casa soturna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 42.

³⁶ A falta de cuidado com o trabalho doméstico e a não preocupação com a aparência que a referida personagem manifestava em prol da energia dedicada aos temas africanos revela-se, na percepção de alguns estudiosos da obra de Dickens, como uma metáfora mobilizada pelo autor para criticar a grande atenção que a coroa britânica direcionava às questões relacionadas às políticas de expansão imperial e colonial em detrimento da solução de mazelas sociais internas. BRANTLINGER, Patrick. “Race and the Victorian novel”. In: DAVID, Deirdre (ed.). *The Cambridge Companion...*, *op. cit.*, pp. 149–168, p. 155; MOORE, Grace. *Dickens and Empire: Discourses of Class, Race and Colonialism in the Works of Charles Dickens*. Aldershot: Ashgate, 2004.

³⁷ THORNE, Susan. “Missionary-Imperial Feminism”. In: HUBER; LUTKEHAUS (orgs.). *Gendered Missions...* *op. cit.*, pp. 39–66, p. 39.

³⁸ Segundo a avaliação de Constance Padwick: “From Jane Eyre and Bleak House onwards the missionary in fiction has been a sinister or a fatuous figure”. PADWICK, Constance. “Children and Missionary Societies in Great Britain”. *International Review of Missions*, vol. 6, 1917, pp. 561–575, pp. 572–573.

³⁹ Para uma abordagem sobre os usos pedagógicos dos materiais visuais produzidos no âmbito da London Missionary Society (LMS), ver o artigo de: BREWER, Sandy. “From Darkest England to the Hope of the World: Protestant Pedagogy and the Visual Culture of the London Missionary Society”. *Material Religion*, vol. 1, n. 1, pp. 98–124, 2005.

Em um século que teve Charles e Mary Lamb, Jane Taylor, Charles Kingsley, Lewis Carrol, Sra. Molesworth, Horatia Ewing, Ballantyne e Henty, R.L. Stevenson e Rudyard Kipling trabalhando em livros para crianças, não conseguimos capturar a imaginação de nenhum escritor de distinção, exceto apenas C.M. Yonge. De fato, nós, das sociedades missionárias, acordamos tarde para o valor da ficção, tínhamos medo dela como algo menos ou mais que verdade. Muitos dos grandes missionários eram imaginativos em um nível muito elevado, mas encontraram sua expressão em atos poéticos, e não no papel. Somente nos últimos anos as sociedades missionárias produziram uma ficção agradável e fácil, com uma forte tendência missionária; enquanto, com uma ou duas exceções, eles nos últimos cinco anos encantaram as crianças ao incluir histórias em série em suas revistas.⁴⁰

Os apontamentos feitos por Constance Padwick, manifestam a necessidade observada pela escritora em buscar uma maior aproximação entre a produção literária de cariz religioso com obras de autores consagrados e que possuíam uma boa aceitação entre a audiência infantojuvenil. Para isso, na concepção de Padwick, tornava-se imprescindível que os títulos aliassem cada vez mais uma “ficção agradável e fácil” a uma potente “tendência missionária”. Apresentada no final da década de 1910, a visão da escritora e editora nos oferece preciosas pistas para investigarmos de que maneiras, ao longo do tempo, as biografias de Alexander Murdoch Mackay, privilegiadas pelo presente estudo, absorveram ou não elementos que culminaram em uma linguagem que fosse capaz de arrebatá-lo, por meio da articulação entre ficção e a experiência missionária, seus jovens leitores. E, conforme pretendemos demonstrar, como a visualidade, em suas múltiplas dimensões, operou como fator de extrema relevância para a constituição dessas narrativas.

3.2. A visualidade das expedições nas gravuras publicadas em *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*

Prosseguindo na trilha aberta pelas discussões dos capítulos anteriores, vale a pena ressaltar que a narrativa de *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* parece evidenciar o considerável impacto que o acesso aos relatos de viajantes, expedicionários e

⁴⁰ Traduzido e adaptado pela autora do original: “In a century which had its Charles and Mary Lamb, its Jane Taylor, Charles Kingsley, Lewis Carrol, Mrs Molesworth, Horatia Ewing, Ballantyne and Henty, R. L. Stevenson, and Rudyard Kipling at work on books for children, we did not succeed in capturing the imagination of one children’s fiction writer of distinction, save only C. M. Yonge. Indeed we of the missionary societies awoke late to the value of fiction, we were afraid of it as something less or something more than truth. Many of the great missionaries were imaginative to a very high degree, but found their expression in poetic deeds rather than on paper. It is only of late years that the missionary societies have themselves produced pleasant, easy fiction with a very strong missionary bias; while, with one or two exceptions, they have during the last five years delighted the children by including serial stories in their magazines”. *Ibidem*, p. 573.

missionários que haviam circulado pela África provocou na conformação de determinadas projeções e imaginários sobre os territórios e as populações do continente. Sobre esse aspecto, chama a atenção a descrição pormenorizada elaborada por Alexina Harrison acerca do vasto repertório material relacionado às movimentações britânicas nos espaços não-europeus, que compunha o ambiente doméstico no qual o pai do missionário, o reverendo Alexander Mackay (c. 1815–1895), desenvolvia seus trabalhos:

[Havia] Uma profusão de **diários geográficos, blue books,⁴¹ atlas e livros de viagem espalhados pela mesa e pelo chão (...)**. Neste momento, o pastor levantou-se e suspendeu um grande **mapa da África** em um prego no topo de uma das estantes de livros, próximo à janela. Era um mapa de aparência simples (...). Durante este tempo, o continente africano estava oculto, e seus inúmeros povos quase desconhecidos. Os eminentes viajantes Burton, Speke, Baker, Grant, Cameron e Stanley ainda nem sonhavam com as honras que os aguardavam, para não falar de outro escocês, David Livingstone, que estava silenciosamente perseguindo seus trabalhos missionários em Kuruman e Kolobeng. Os eventos, no entanto, começaram a avançar rapidamente, pois em 1º de agosto deste ano (1849) Livingstone avistou o Lago Ngami, que foi o primeiro de uma longa cadeia de descobertas notáveis por aquele celebrado missionário que levou à abertura do **“Continente Negro”** à empresa europeia e aos mensageiros do evangelho da paz. Mas os primeiros exploradores que penetraram no interior a partir da costa leste do continente foram Johann Ludwig Krapf e John Rebmann, missionários pioneiros da Sociedade Missionária da Igreja. Correndo o risco de suas vidas e sofrendo privações incalculáveis — pois eles nem podiam desfrutar do luxo dos bois, como Livingstone fazia — atravessavam países nunca antes visitados por homens civilizados; e **embora seu objetivo fosse simplesmente iniciar o trabalho missionário entre os pagãos, os resultados de suas pesquisas geográficas foram realmente maravilhosos**. A atenção do ministro parecia concentrada nesta terra incógnita da África Oriental; pois, repetindo para si mesmo ‘Lat. 3º 30 'S., long. 37º E.’, prosseguiu, com um **lápiz em uma mão e lupa na outra, anotando algo no mapa**’.⁴²

⁴¹ Importante fonte documental para estudos sobre o imperialismo e o colonialismo britânico, os chamados *Blue Books* eram publicações anuais que reuniam relatórios, referências cartográficas e dados estatísticos produzidos por agentes que pertenciam à administração colonial situados em diferentes regiões do império ultramarino britânico, como Serra Leoa, Costa do Ouro, Basutolândia, Cabo da Boa Esperança, Gâmbia, Kenya, Niassalândia, Rodésia do Norte, Rodésia do Sul, Tanganyika, Uganda e Zanzibar. Optamos por não traduzir o termo por observar que recentes pesquisas historiográficas empreendidas no Brasil que mobilizaram este tipo de documentação empregaram o termo original, como podemos verificar em: SILVA, Angela Fileno da. *Vozes de Lagos: brasileiros em tempos do império britânico*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

⁴² Tradução e adaptação minha do original: “A profusion of **gazetteers, blue-books, atlases, and books of travel** littered the table and floor (...). Presently the minister rose, and suspended a large **map of Africa** from a nail on

Integrando as páginas iniciais do primeiro capítulo do livro, o longo trecho aqui citado expõe, a partir das percepções do reverendo, o que era sabido sobre o continente africano até então. O conhecimento europeu sobre a África era, em larga medida, abastecido pelos relatos de viajantes e expedicionários, como Richard Burton (1821–1890), John Speke (1827–1864), Samuel Baker (1821–1893), James Grant (1827–1892), Verney Cameron (1844–1894) e Henry Stanley (1841–1904), e missionários como David Livingstone, Johann Ludwig Krapf (1810–1881) e John Rebmann (1820–1876). Metáfora mobilizada com recorrência, principalmente a partir das últimas décadas do século XIX, a ideia de um “continente negro”, definição pela qual o território era denominado de maneira constante na literatura do período,⁴³ trazia embutida um amplo repertório de significados intimamente associados à noção de um espaço obscuro, oculto, inexplorado e que, portanto, precisava ser desbravado e ocupado. Ao traçar um sintético panorama da presença europeia na África Central e Oriental até meados do século XIX, o contato com a passagem em destaque nos dá margem para pensar como os projetos relacionados à expansão imperial britânica e as ações missionárias estavam imbricados.⁴⁴

É interessante observar que as informações apresentadas na cena protagonizada pelo pai de Alexander Mackay transcorrem em um dos cômodos da casa em que o missionário biografado cresceu. A panóplia de recursos materiais e visuais que integra o ambiente ocupado pelo reverendo nos confere uma dimensão do modo em que os objetos atuavam como um dos muitos disparadores da construção de determinados imaginários sobre terras e povos

the top of one of the book-cases, in near proximity to the window. A quaint-looking map it was (...). For up to this time the continent of Africa had been, as it were, hidden, and its myriad peoples almost unknown (...). The eminent travellers Burton, Speke, Baker, Grant, Cameron, and Stanley had not yet even dreamed of the honours that awaited them, to say nothing of another Scotchman, David Livingstone, who had been quietly pursuing his missionary labours at Kuruman and Kolobeng. Events, however, had now begun to move apace, for on the 1st of August of this year (1849) Livingstone sighted Lake Ngami, which was the first of a long chain of remarkable discoveries by that celebrate missionary which have led to the opening up of the **‘Dark Continent’** to European enterprise and to the messengers of the Gospel of Peace. But the first explorers who penetrated the interior from the east coast of the continent were Johann Ludwig Krapf, and John Rebmann, pioneer missionaries of the Church Missionary Society. At the risk of their lives, and enduring untold privations — for they could not even enjoy the luxury of oxen, which Livingstone did — they traversed countries never before visited by civilised man; and **although their object was simply to commence missionary labours among the heathen, the results of their geographical researches have been truly wonderful.** The minister’s attention seemed riveted on this terra incognita of Eastern Africa; for, repeating to himself ‘Lat. 3° 30’ S., long. 37° E.,’ he proceeded, with **pencil in one hand and magnifying-glass in the other, to note something on the map**”. HARRISON, *op. cit.*, pp. 2–5. Grifos meus.

⁴³ Para interessantes reflexões sobre o uso de termos que possuem uma carga depreciativa e que foram aplicados para definir o continente africano e suas populações, conferir: BRANTLINGER, Patrick. “Victorians and Africans: The Genealogy of the Myth of the Dark Continent”. *Critical Inquiry*, vol. 12, nº 1, 1985, pp. 166–203 e ACHEBE, Chinua. “O nome difamado da África”. In: *A educação de uma criança sob o protetorado britânico: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 82–99.

⁴⁴ PORTER, Andrew. *Religion versus Empire?: British Protestant Missionaries and Overseas Expansion, 1700–1914*. Manchester: Manchester University Press, 2004 e *Idem* (ed.). *The Imperial Horizons of British Protestant Missions, 1880–1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans publishing company, 2003.

“desconhecidos”. A menção aos “diários geográficos, blue books, atlas e livros de viagem”, isto é, um conjunto de variadas publicações que fazia parte de uma cultura impressa cada vez mais segmentada e disseminada entre os britânicos,⁴⁵ nos indica como esses materiais foram consumidos por boa parte dos leitores, conferindo um caráter portátil ao império.⁴⁶ Interpretados como fontes de informações e alimento para a curiosidade da sociedade metropolitana, tais publicações operavam como um dos principais suportes materiais que mediavam as relações de conhecimento estabelecidas entre o público europeu e os territórios coloniais.⁴⁷ Partindo dessa perspectiva, as primeiras experiências visuais criadas sobre esses espaços foram estimuladas, muitas vezes, pelo uso de aparatos e recursos disponíveis no ambiente doméstico.⁴⁸ Em outras palavras, o desejo de explorar territórios situados além das fronteiras britânicas era inicialmente gestado dentro dos lares das camadas leitoras que tinham contato com este vasto repertório material e visual.⁴⁹

Pensar sobre a conformação da visualidade no período estudado nos conduz a uma constelação de práticas e objetos que se entrecruzavam por meio de múltiplos estímulos visuais. O fenômeno da circulação e apropriação social das imagens nesse contexto articulava diferentes processos e formas de fruição que se retroalimentavam e que abarcavam desde consumo de imagens veiculadas em aparelhos estereoscópicos,⁵⁰ projeções em lanternas mágicas, fotografias reproduzidas em cartões-postais, ilustrações que estampavam páginas de livros, jornais, periódicos e até passeios por galerias de Exposições Universais, por exemplo. Grande parte dos estudos recentes que se debruçaram sobre os processos envolvidos na constituição da visualidade ao longo do século XIX tem sublinhado o quanto as viagens de exploração foram indispensáveis para alargar e tornar o campo da extensão espacial visível, palpável e apropriável.⁵¹

⁴⁵ ROONEY, Paul Raphael; GASPERINI, Anna (orgs.). *Media and Print Culture Consumption in Nineteenth-Century Britain: The Victorian Reading Experience*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.

⁴⁶ PLOTZ, John. *Portable Property: Victorian Culture on the Move*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008.

⁴⁷ MACKENZIE, John. “Empire and Metropolitan Cultures”. In: PORTER, Andrew (org). *The Oxford History of the British Empire – The Nineteenth Century*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1999, pp. 270–293.

⁴⁸ OSBORNE, Peter. *Travelling Light: Photography, Travel and Visual Culture*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 2000, pp. 52–68.

⁴⁹ De acordo com Anne McClintock: “(...) o lar da classe média vitoriana se tornou um espaço para a exibição do espetáculo imperial e para a reinvenção da raça, enquanto as colônias — a África, em particular — se tornavam um espaço para exibir o culto vitoriano da domesticidade e da reinvenção do gênero. A domesticidade denota tanto um espaço (um alinhamento geográfico e arquitetônico) quanto uma relação social de poder”. McCLINTOCK, *op. cit.*, p. 63.

⁵⁰ ADAMS, Gavin. “Um balanço bibliográfico e de fontes da estereoscopia”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. sér. v. 6/7, pp. 207–225, 1998–1999. Editado em 2003.

⁵¹ FLINT, Kate. *The Victorians and the Visual Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 3.

Sobre esse aspecto, é relevante pontuar como a produção do conhecimento geográfico estava profundamente atrelada à estruturação da visualidade no período estudado, como sustenta James Ryan.⁵² Partindo dessa perspectiva, a publicação e a difusão de materiais impressos que continham referências cartográficas contribuiu sobremaneira para popularizar determinadas noções sobre a territorialidade e as dimensões das fronteiras imperiais.⁵³ Ao analisar a produção cartográfica britânica sobre os territórios africanos entre 1880 e 1915 e reconhecer uma coexistência entre mapas elaborados em circuitos oficiais, não-oficiais e populares, Amy Prior assinala o quanto a divulgação de materiais cartográficos, principalmente em jornais, periódicos e suplementos, contribuiu para vulgarizar o saber geográfico entre a população na passagem do oitocentos para o novecentos.⁵⁴

Retomando o trecho de *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*, o destaque conferido ao mapa da África, manuseado e exposto pelo pai do missionário na cena descrita, evidencia como esse tipo de documentação visual se fazia presente no cotidiano de boa parte da camada leitora. O mapa revela-se, portanto, como um suporte físico engenhoso, capaz de “transportar”, em escala reduzida, fragmentos de longínquas fronteiras territoriais para a privacidade do ambiente doméstico.⁵⁵ Ainda de acordo com a cena descrita no excerto, ao ser pendurado acima de uma das estantes de livros, o mapa da África passava a integrar a composição da decoração da sala,⁵⁶ inserindo-se no espaço privado da família e propiciando a experiência da “invenção da África”⁵⁷ no espaço doméstico. Nesse sentido, é interessante refletir acerca das possibilidades de interação que eram proporcionadas por meio do contato travado com o referido material. Distanciando-se de um comportamento passivo diante da representação cartográfica, o reverendo, ao observar algumas coordenadas geográficas, mobiliza um “lápiz em uma mão e lupa na outra, anotando algo no mapa”. Ao acrescentar uma

⁵² RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.

⁵³ Evidenciando as imbricações entre o conhecimento geográfico e o discurso missionário, chamamos a atenção para a publicação de edições específicas da CMS que, por meio da compilação de textos, tabelas e mapas, pretendiam fornecer aos leitores um panorama das atividades missionárias em diversas partes do globo. Publicado pela primeira vez em 1857, a sexta edição de *The Church Missionary Atlas: Maps of the Various Missions of The Church Missionary Society* (1879), continha trinta e um mapas ilustrados.

⁵⁴ PRIOR, Amy. *British Mapping of Africa: Publishing Histories of Imperial Cartography, c. 1880 – c. 1915*. Submitted for PhD The University of Edinburgh: December 2012, pp. 37–62.

⁵⁵ DELLA DORA, Veronica. “Putting the World into a Box: A Geography of Nineteenth-Century ‘Travelling Landscapes’”. *Geografiska. Annaler*, nº 89, série B, vol. 4, pp. 287–306, 2007.

⁵⁶ A respeito da incorporação de representações visuais sobre o continente africano em ambientes privados, conferir também a análise, que integra o capítulo seguinte, sobre a reprodução das aquarelas do bispo Alfred Tucker (1849–1914) comercializadas para decorar espaços domésticos.

⁵⁷ Tomando emprestado o título de uma das obras referenciais do teórico Valentin-Yves Mudimbe: MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013.

informação no material, o pai de Mackay se apropria e interfere, ainda que simbolicamente, do espaço retratado no plano imagético.⁵⁸

Além da menção textual ao mapa, muitas são as referências visuais voltadas para a descrição sobre a porção oriental do continente africano que perpassam a narrativa contida em *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*. Sobre o conjunto de treze ilustrações que compõem os capítulos da obra de Alexina Harrison, notamos uma grande incidência de reproduções de gravuras que visavam captar aspectos da região percorrida pelo missionário vinculado à CMS, como é possível observar nas imagens referentes à travessia do rio Wami (figura 1)⁵⁹ e as cachoeiras Ripon (figura 2)⁶⁰ que ilustram, respectivamente, os capítulos sete e doze da biografia analisada.



Figura 1 - *Bridge Over the Wami*

⁵⁸ Sobre essas múltiplas formas de apropriação, vale lembrar que o mapa, pensado como suporte de projeções e desejos imperiais, configura-se como um dos elementos centrais na trama de *As minas do Rei Salomão*. Nas primeiras páginas do romance, deparamos-nos com a feminização do continente africano a partir da reprodução de um mapa referente ao sul da África que indicaria a rota para as minas de diamante e cujos contornos aludem ao corpo feminino. Para uma análise das correlações entre gênero, raça e classe a partir da representação visual presente na obra de Haggard, conferir, entre outros: McCLINTOCK, *op.cit.*, 15–40.

⁵⁹ HARRISON, *The Story of Mackay...*, *op. cit.*, pp. 77. A gravura também havia sido reproduzida anos antes em outra publicação editada pela Church Missionary Society: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Gleaner Pictorial Album. Containing Pictures of Africa and the Mohammedan Lands of the East*. Londres: Church Missionary House, 1887, p. 43.

⁶⁰ HARRISON, *The Story of Mackay...*, *op. cit.*, pp. 184–185.

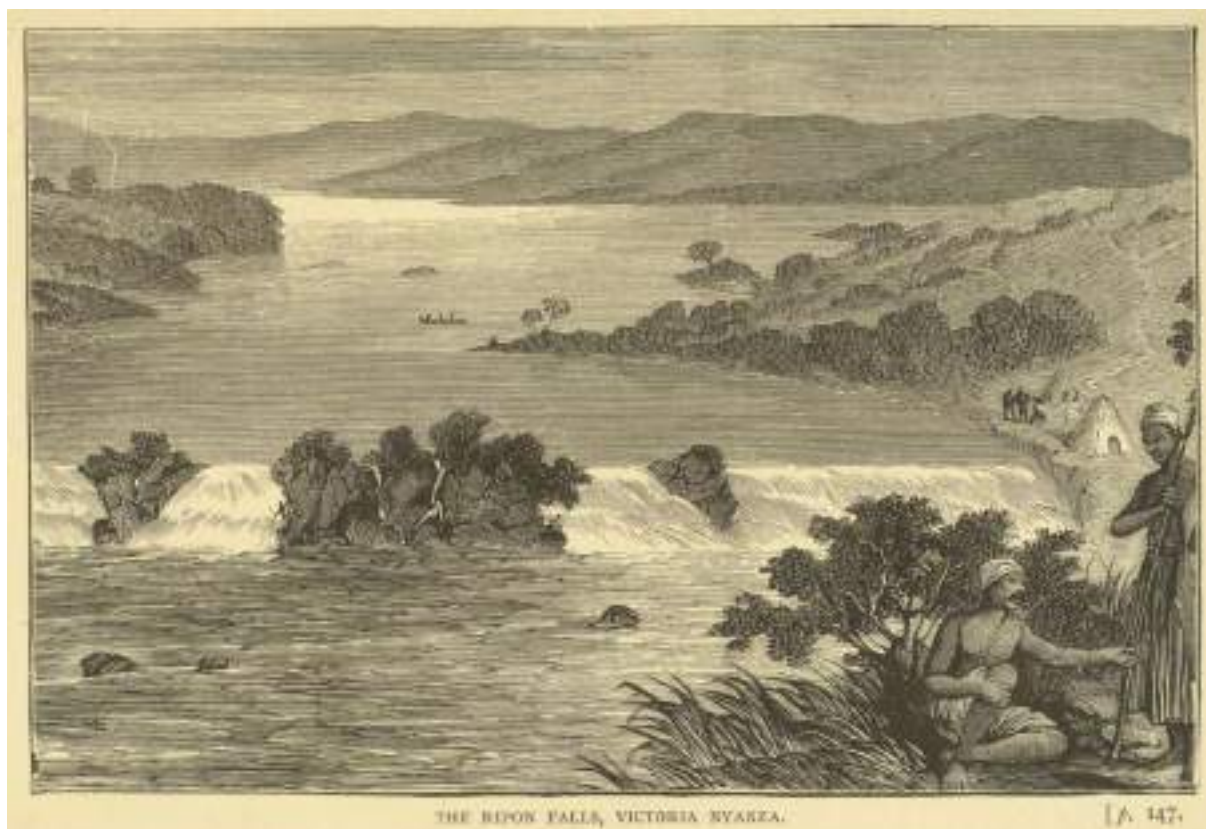


Figura 2 - *The Ripon Falls, Victoria Nyanza*

As duas imagens mobilizadas conferem destaque às paisagens naturais, sobretudo os rios, recursos cujo conhecimento se demonstrava de extrema relevância para aqueles que almejavam avançar pelo território, já que muitos eram os desafios impostos pelas condições de navegabilidade existentes na região. Assunto que, por muito tempo, aguçou a curiosidade e povoou o imaginário da sociedade vitoriana, o desejo de “descobrir” a nascente do Nilo impulsionou diferentes expedições à zona interlacustre da África Oriental. Conforme abordamos no primeiro capítulo, as potencialidades da complexa bacia hidrográfica existente nessa porção do continente africano despertou o interesse de Richard Burton, John Hanning Speke e James Grant que, patrocinados pela Royal Geographical Society, chefiaram diferentes expedições à região com o intuito de encontrar a fonte do rio Nilo.⁶¹

Longe de se configurarem como representações arbitrárias, as gravuras selecionadas para integrarem a publicação revelam o quanto esses registros visuais de paisagens foram, em

⁶¹ Após a primeira expedição à região, ocorrida entre 1856 e 1859, as divergências mantidas entre Speke e Burton com relação à nascente do Nilo deram vazão a uma segunda viagem, desta vez, liderada por Speke e Grant, na qual identificaram o lago Vitória como a fonte do Nilo (hipótese inicialmente sustentada por Speke e rebatida por Burton, o qual defendia ser o lago Tanganyika a fonte do Nilo). SPEKE, John H. *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1863. Para uma versão resumida e adaptada da expedição à linguagem dos periódicos, consultar: *The Illustrated London News*, vol. 43, 04 de julho de 1863, pp. 1, 5, 8, 9, 17, 20, 21, 22 e 23.

grande medida, impulsionados, segundo Leila Koivunen, pelo interesse em apreender as características geográficas da região.⁶² O contraste de escalas entre a extensão da paisagem natural e a representação das figuras humanas também se destaca. Em “Bridge Over the Wami” (figura 1), a densa vegetação que compõe a cena adquire proeminência comparativamente aos seis carregadores africanos que atravessam a ponte. Como podemos reparar, ocupando o primeiro plano da imagem, a espessura da raiz de um dos troncos representados possui significativo destaque, evidenciando, no plano visual, um contraste dimensional e tonal entre a fauna e o grupo humano inserido na cena retratada. De maneira contígua, os dois troncos situados nas margens do rio emolduram a paisagem, conduzindo a visão do leitor a percorrer a extensão do Wami e da vegetação que o cerca.

Considerações semelhantes podem ser tecidas a partir dos elementos visuais presentes na gravura “The Ripon Falls, Victoria Nyanza” (figura 2). Na imagem, somos levados, mais uma vez, a contemplar as dimensões da paisagem natural. Enquanto o olhar do espectador é atraído pela representação da luz solar no último plano para, dali deter-se na linha do horizonte, demarcada pela vastidão do lago e pela cadeia de formações montanhosas ao fundo, os registros das ações humanas se apresentam a partir de pequenas interferências, como a presença de uma embarcação que, no plano médio da imagem, atravessa o volumoso lago, construções situadas na margem direita do lago e dois personagens africanos também posicionados na lateral direita do primeiro plano da gravura analisada.

Percorrendo ainda a rota das imagens que procuravam traduzir para um vocabulário gráfico determinadas referências geográficas, chama-nos também a atenção gravuras que lançavam mão de diferentes artifícios visuais a fim de narrar as diversas etapas que envolviam o processo de deslocamento dos integrantes da primeira missão religiosa empreendida pela CMS à região dos Grandes Lagos africanos.

Distanciando-se, tanto em termos formais, quanto em termos de construções discursivas presentes em “Bridge Over the Wami” (figura 1) e “The Ripon Falls, Victoria Nyanza” (figura 2) — em que aspectos da natureza adquirem um maior vulto frente à presença humana — as gravuras “Mission Caravan Starting For the Victoria Nyanza” (figura 3)⁶³ e “First Mission

⁶² “Arguably, the representation of landscapes was affected, more than anything else, by the pursuit of geographical knowledge. Firstly, it led explorers to value obtaining visual records of landscapes and geographical features. Each time a traveller felt that he had encountered something crucial for the understanding of African geography, he wanted to have a picture of it. Many travellers, especially Thomas Baines, James Augustus Grant and Henry M. Stanley, produced dozens of pictures of landscapes during their journeys”. KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009, p. 78.

⁶³ HARRISON, *The Story of Mackay...*, *op. cit.*, pp. 52–53 e *The Gleaner Pictorial...*, *op. cit.*, p. 41.

Camp Beyond Uyui” (figura 4)⁶⁴ enfatizam a incursão dos agentes britânicos e africanos no percurso rumo ao interior do território. Em outras palavras, se nas duas primeiras ilustrações a natureza parece predominar nas cenas retratadas, nas duas últimas imagens notamos um enfoque para os integrantes da expedição empreendida pela CMS que tencionava alcançar a corte do *kabaka* Mutesa I.

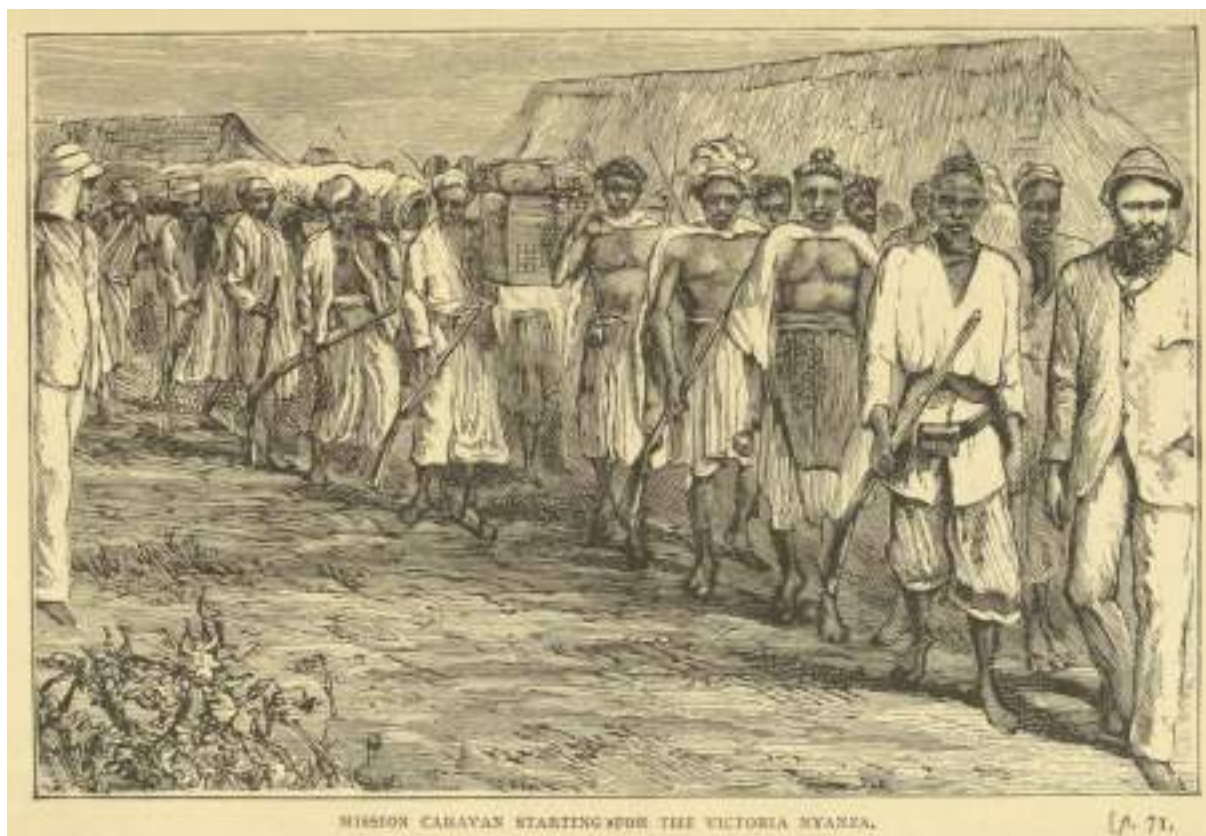


Figura 3 - Mission Caravan Starting for the Victoria Nyanza

⁶⁴ *Ibidem*, pp. 104–105 e *Ibidem*, p. 41.

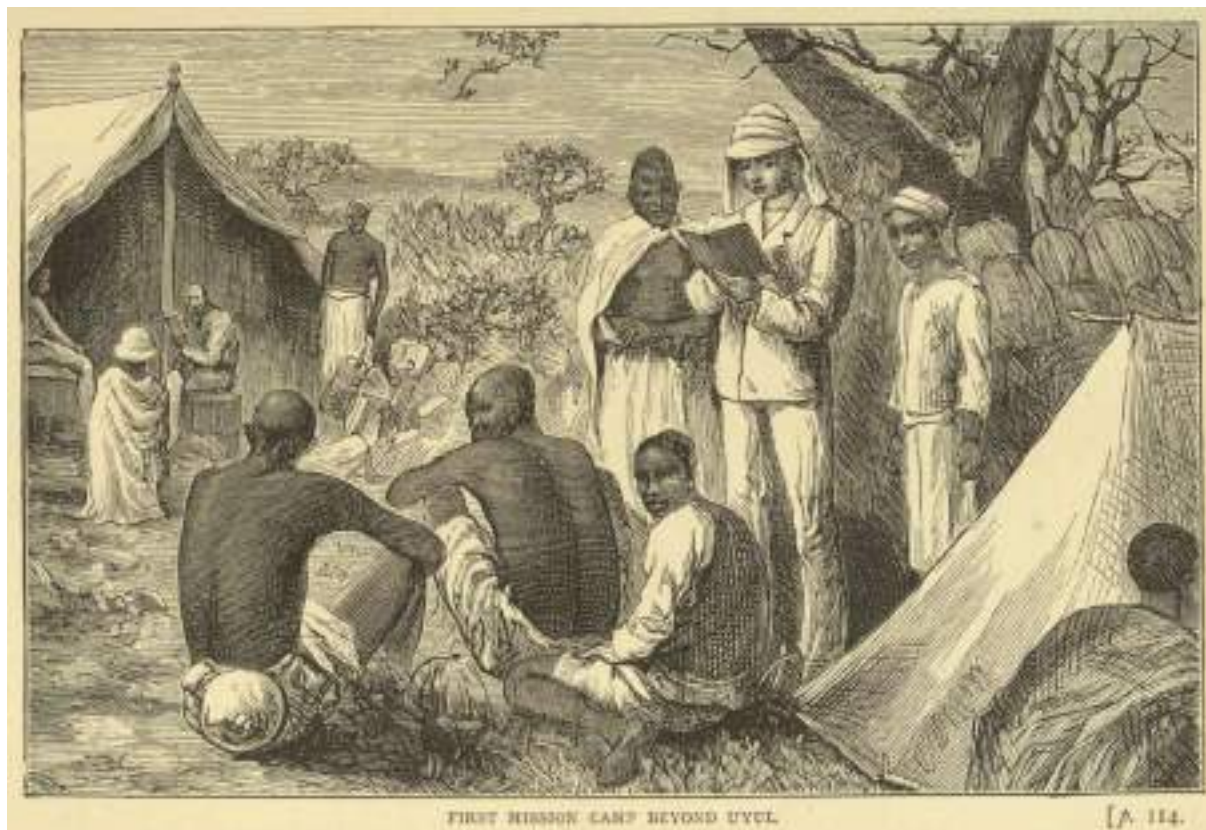


Figura 4 - *First Mission Camp Beyond Uyui*

Ainda que composta majoritariamente por carregadores africanos, agentes indispensáveis que detinham o conhecimento sobre as especificidades dos caminhos a serem percorridos,⁶⁵ a maneira pela qual a expedição é retratada visualmente confere um papel de proeminência aos representantes da CMS. Liderando e observando a caravana (figura 3) ou fazendo anotações no momento de estruturação do primeiro acampamento da missão (figura 4), são os missionários britânicos que figuram no plano central das referidas imagens. Em ambas, o controle visual dos agentes europeus sobre os africanos é sutilmente introduzido. A maneira como os carregadores, na primeira imagem, e os habitantes dos acampamentos, na segunda, são representados permite pensar em uma matriz fotográfica que foi posteriormente decodificada em desenho para o clichê tipográfico ou a pedra litográfica. Eles se mostram cômicos da lente

⁶⁵ Recentemente, a investigação acerca da participação de africanos e a incorporação de seus conhecimentos para o êxito das expedições foi tema de algumas importantes pesquisas historiográficas que procuram dimensionar, por meio de fragmentos biográficos, as presenças africanas, suas respostas, ações e intervenções no âmbito das caravanas e expedições. HEINTZE, Beatrix. *Pioneiros africanos: caravanas de carregadores na África Centro-Occidental (entre 1850 e 1890)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004 e RODRIGUES, Eugénia. “Ciência europeia e exploradores africanos: a viagem de Francisco José de Lacerda e Almeida ao Kazembe”. *Africana Studia: Revista Internacional de Estudos Africanos. Exploração científica em África na época colonial*. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, n. 17, 2º sem./2011, pp. 81–102.

fotográfica que os observa, como um elemento de controle panóptico da situação.⁶⁶ O posicionamento do missionário também assume semelhante função de controle visual. O enquadramento o posiciona no plano médio na extrema esquerda do quadro visual, denotando o ponto de vista que permite maior abrangência do ângulo de visão da longa fila que se movimenta. A construção imagética confere, portanto, um protagonismo à ação europeia no âmbito da expedição rumo ao interior da África Oriental. As ilustrações parecem fazer um convite a uma apropriação de um espaço que vai sendo, página à página, descortinado ao público leitor. A apresentação visual do território se dá a partir da penetração britânica em terras africanas. Operando, quase sempre, como peças visuais complementares à narrativa textual, a inserção de ilustração nos livros apresentava-se como um poderoso artifício que potencializava a apreensão do conteúdo a partir de sua transcrição visual.

O exame atento do conjunto de ilustrações presentes na obra de Alexina Harrison nos permite identificar estreitas semelhanças formais com gravuras anteriormente publicadas em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile* (1863), de John Speke, e no primeiro volume de *Through the Dark continent* (1878), de Henry Morton Stanley. No que tange ao raio de circulação destas representações, é válido mencionar que longe de se circunscrever às narrativas de viagem, parte considerável dos registros visuais produzidos por expedicionários também transitaram por importantes periódicos ilustrados do período, como o *Illustrated London News*.⁶⁷ No âmbito dessas comparações, podemos pontuar as representações visuais das cataratas Ripon, veiculadas nas obras de Speke e Stanley, respectivamente intituladas “The Ripon Falls — The Nile Flowing Out of Victoria Nyanza” (figura 5)⁶⁸ e “View of Ripon Falls From the Uganda Side (From a Photography by the Author)” (figura 6).⁶⁹

⁶⁶ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

⁶⁷ Conferir a gravura intitulada “The Ripon Falls, Uganda — from a drawing of a captain Grant”, publicada em: *The Illustrated London News*, Londres, vol. 43, 04 de julho de 1863, p. 8.

⁶⁸ SPEKE, *Journal of the Discovery...*, *op. cit.*, p. 427.

⁶⁹ STANLEY, *Through the Dark Continent...*, *op. cit.*, p. 300.



Figura 5 - *The Ripon Falls — The Nile Flowing out of Victoria Nyanza*

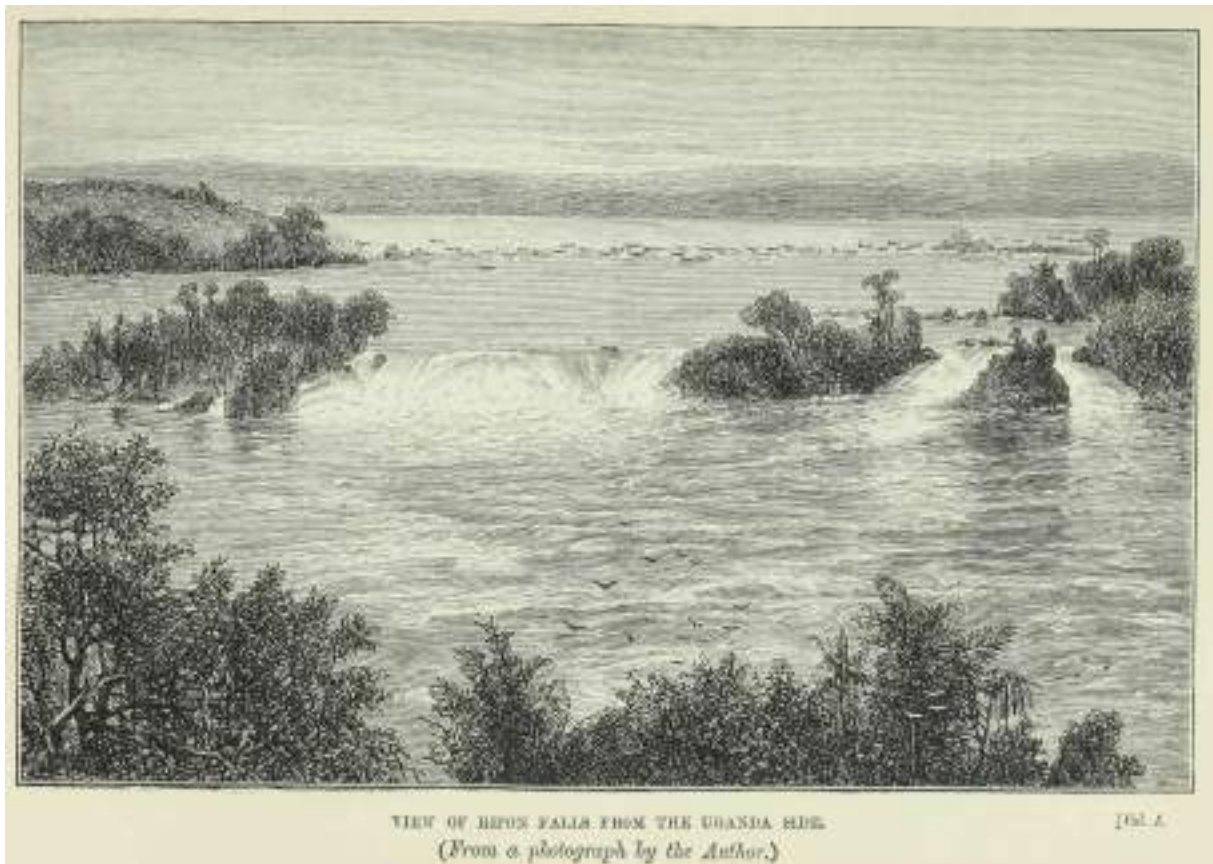


Figura 6 - *View of Ripon Falls From the Uganda Side (From a Photography by the Author)*

Complementando as descrições textuais de John Hanning Speke e Henry Morton Stanley, as gravuras acima foram nitidamente apropriadas pela biografia escrita pela irmã de Mackay. Ao realizarmos um exercício comparativo entre as imagens que figuram nas publicações dos expedicionários, que transitaram por periódicos ilustrados, e a que ilustra a biografia de Mackay, notamos que poucos são os elementos que sinalizam significativas diferenças na composição visual das três gravuras. Conforme os apontamentos já traçados sobre “The Ripon Falls, Victoria Nyanza” (figura 2), a inserção de figuras humanas no primeiro plano da cena pode ser elencada como um dos principais aspectos que diferenciam a composição da paisagem retratada nas três publicações mencionadas. Não denotando uma relação orgânica com o cenário representado, é válido apontar o quanto a inserção dos dois homens se dá de maneira deslocada da imagem. Tal percepção reforça a ideia de que os africanos retratados não integravam inicialmente a cena observada e foram acrescentados depois na gravura reproduzida na biografia. Figuras anônimas que parecem exercer a função de “tipos”, os africanos representados situam-se como elementos que permitem ao espectador ter uma escala da paisagem natural.

Ainda no bojo das pequenas distinções que podem ser notadas entre as representações visuais analisadas, observamos que tanto a ilustração presente na obra de Speke e replicada, com mínimas alterações, na obra de Alexina Harrison, fornecem ao leitor um campo de visão um pouco mais alargado e aprofundado da paisagem, se comparado ao plano da fotografia captada por Stanley e que, posteriormente, serviria de base para a produção da gravura presente no primeiro volume de *Through the Dark Continent*.

Prosseguindo na análise comparativa, além dos aspectos referentes à descrição das paisagens naturais, podemos sinalizar como uma das temáticas recorrentes, tanto no campo da narrativa textual quanto no âmbito das narrativas imagéticas, as representações sobre o território habitado pelos baganda, mais especificamente os lugares relacionados ao exercício do poder político do *kabaka* Mutesa I. De novo, é possível notar que as formas de representar tais espaços compartilham, de uma forma geral, uma gramática visual comum, perceptível no conjunto de gravuras selecionadas que buscaram retratar o “palácio” e a “capital” do “imperador” de Buganda. Conforme sinalizamos em momentos anteriores desta tese,⁷⁰ o emprego de termos que descrevem, a partir de uma ótica monárquica, componentes da estrutura política de Buganda, explicitam o quanto os autores dessas representações estavam imbuídos dos

⁷⁰ Sobre as representações do *kabaka* Mutesa I e os espaços relacionados ao exercício de seu poder político, conferir o primeiro capítulo da presente tese.

referenciais políticos e culturais europeus, transpondo, muitas vezes, hierarquias presentes na sociedade feudal para um contexto imperial e colonial.⁷¹

Na imagem intitulada “View of the King Mtésa’s Palace From My Hut — Uganda” (figura 7),⁷² publicada em *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*, os leitores são convidados a contemplar, sob o ponto de vista do autor posicionado em sua cabana, não apenas o “palácio” de Mutesa de forma isolada, mas o conjunto arquitetônico que compõem o centro nevrálgico do poder político do *kabaka*.



Figura 7 - View of the king Mtésa’s Palace From My Hut — Uganda

A correspondência entre a gravura contida no relato de Speke e a mobilizada para ilustrar as páginas da biografia escrita por Harrison pode ser facilmente apreendida. Mesmo apresentando traços estilísticos distintos, podemos afirmar que poucos são os elementos que demarcam significativas diferenças entre as imagens mencionadas. Na ilustração “Mtesa’s Palace” (figura 8)⁷³ que integra *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*, é digno de nota, entretanto, a presença de um estandarte e uma bandeira posicionados ao lado da

⁷¹ Ver, entre outros: BUNN, David. “The Sleep of the Brave: Graves as Sites and Signs in the Colonial Eastern Cape”. In: LANDAU, Paul; KASPIN, Deborah (orgs.). *Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2002, pp. 56–89, p. 80 e CANNADINE, David. *Ornamentalism: How the British Saw Their Empire*. Londres: Penguin, 2001, p. 9.

⁷² SPEKE, *Journal of the Discovery...*, *op. cit.*, p. 283.

⁷³ HARRISON, *The Story of Mackay...*, *op. cit.*, p. 132.

maior estrutura arquitetônica, a qual inferimos, segundo o conteúdo da legenda, se tratar do “palácio” de Mutesa I.

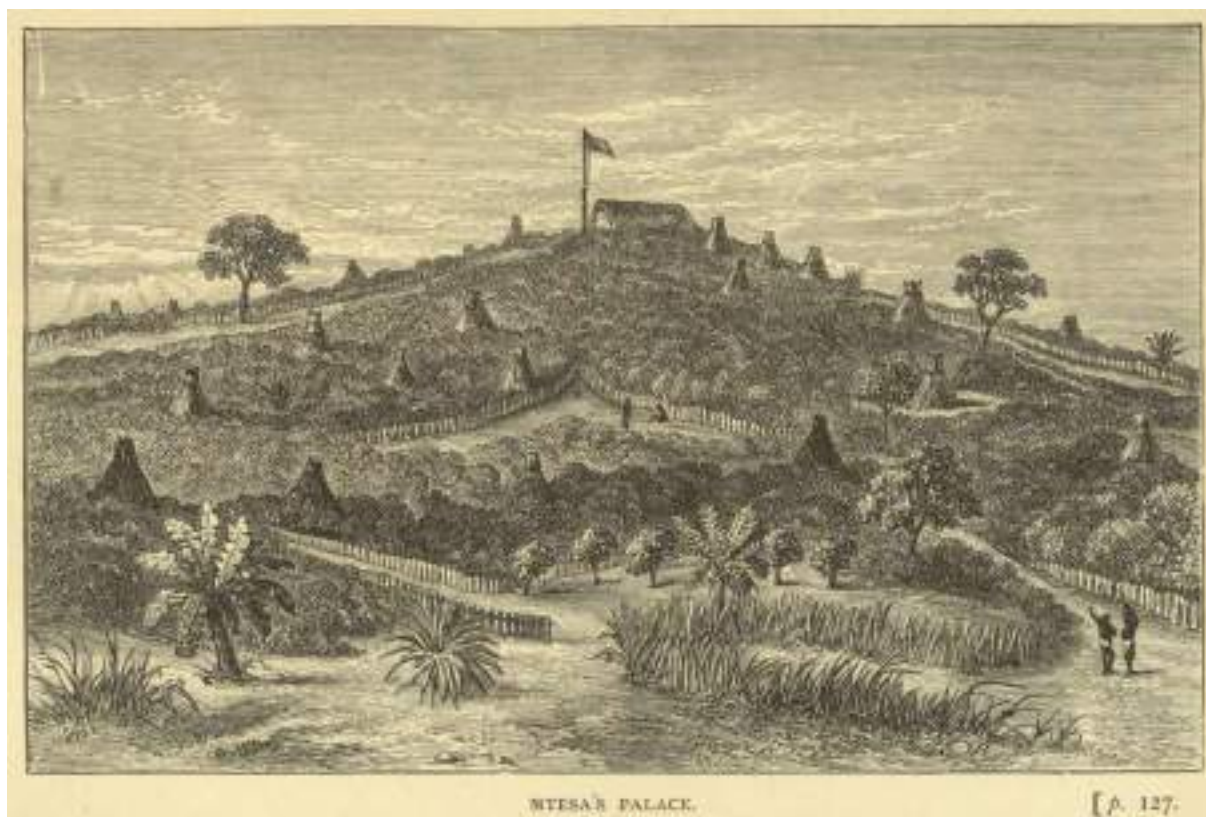


Figura 8 - Mutesa's Palace

Representadas ao longe, mas ocupando um lugar central na gravura, a bandeira e a habitação do *kabaka* estão situadas no ponto mais elevado da paisagem, unificando o olhar do espectador. Ainda que a ilustração não possua um nível de detalhamento que permita identificarmos quais seriam os elementos específicos contidos nesse suporte material, a inserção da bandeira na cena retratada pode ser lida como um dos principais símbolos da presença britânica no território.⁷⁴ Sobre tal aspecto, é interessante reparar como a bandeira também foi contemplada em outras gravuras voltadas para a descrição do espaço relativo à corte de Buganda, como podemos observar nas ilustrações “Rubaga, the New Capital of the Emperor Mutesa” (figura 9)⁷⁵ e “The Capital of Uganda” (figura 10),⁷⁶ publicadas respectivamente no

⁷⁴ A bandeira também aparece com recorrência em outras produções visuais de integrantes do primeiro grupo enviado pela CMS ao reino de Buganda, conforme discutimos no segundo capítulo desta tese.

⁷⁵ STANLEY, *Through the Dark Continent...*, *op. cit.*, p. 393. A mesma imagem também foi reproduzida em: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Gleaner Pictorial...*, *op. cit.*, p. 46.

⁷⁶ HARRISON, *The Story of Mackay...*, *op. cit.*, pp. 210–211. A gravura também foi reproduzida no periódico: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, 1881, p.122.

primeiro volume de *Through the Dark Continent* (1878), de Henry Morton Stanley e *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*, de Alexina Mackay Harrison.

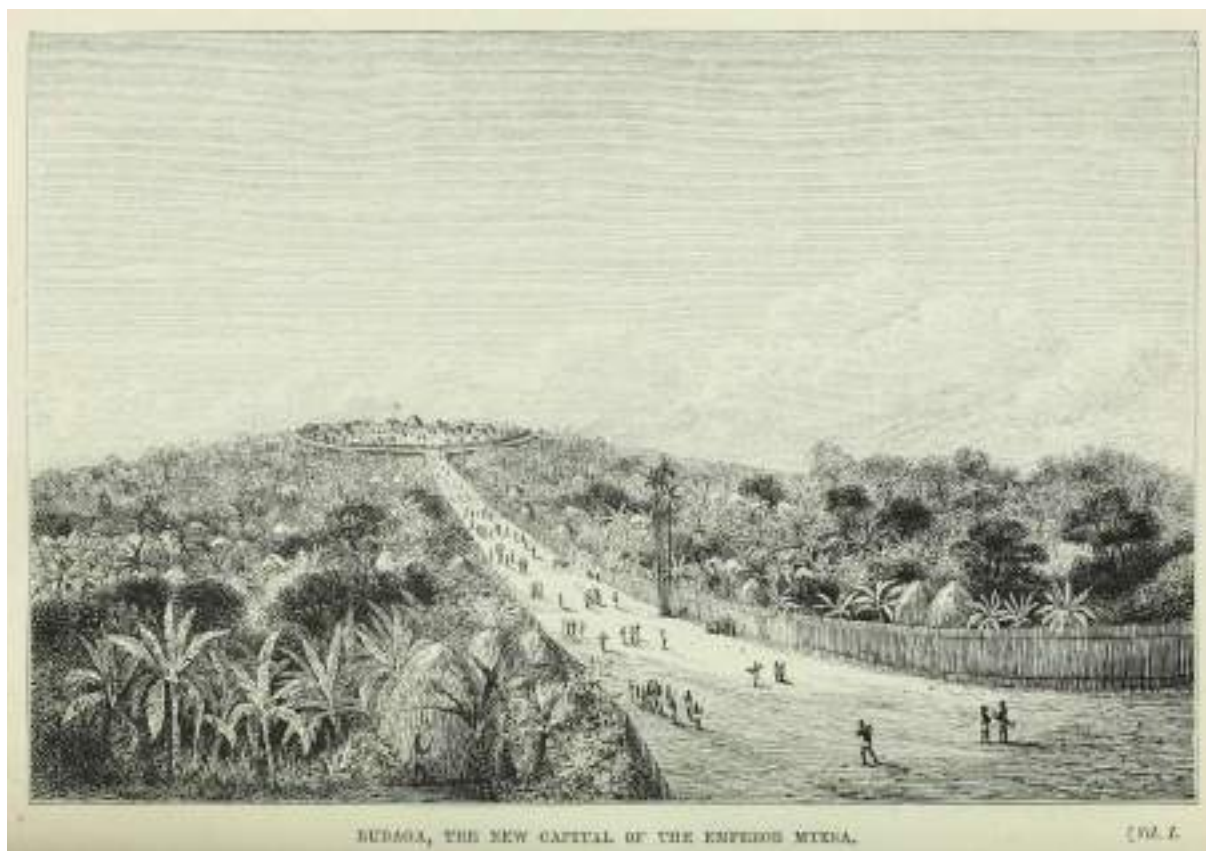
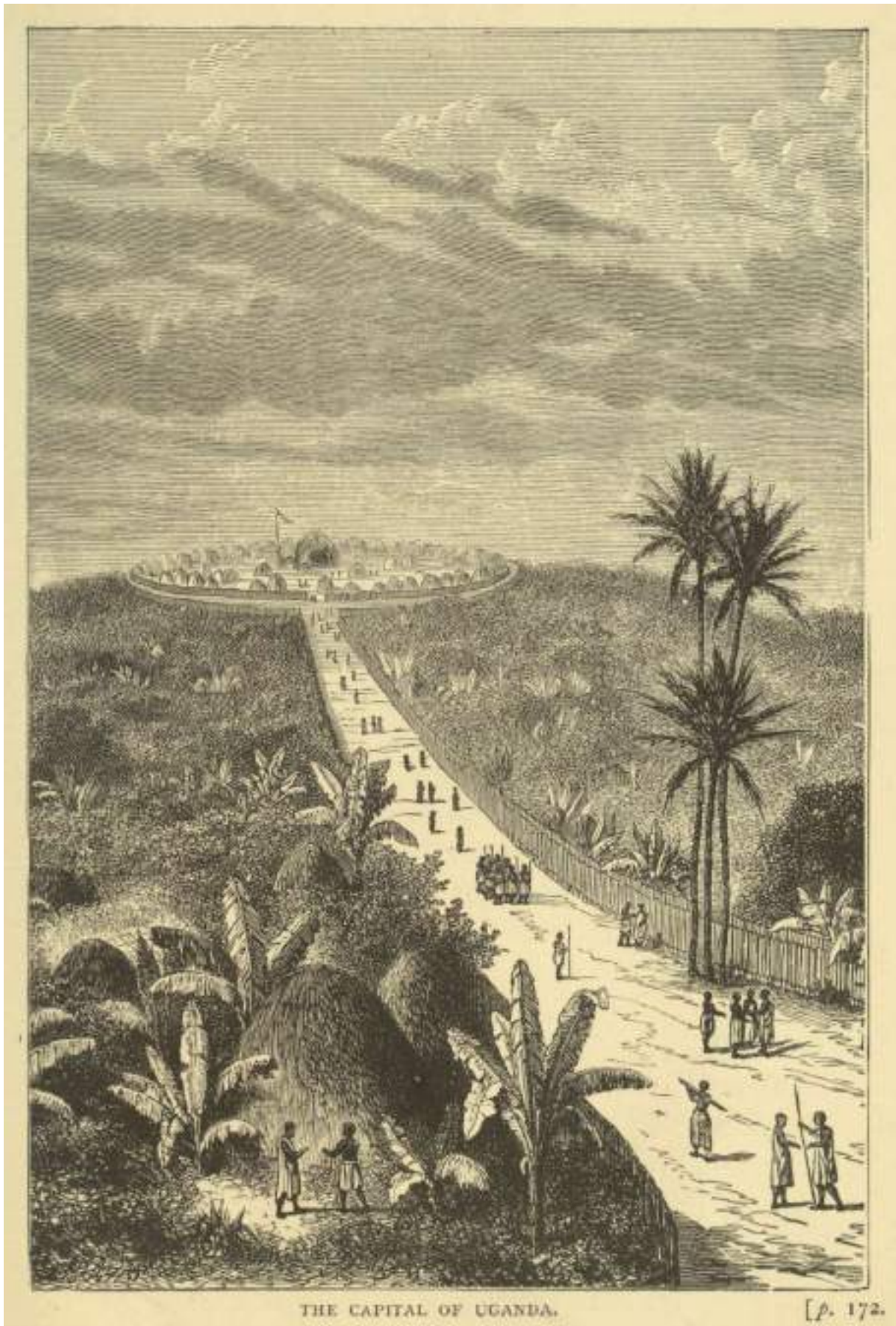


Figura 9 - Rubaga, the New Capital of the Emperor Mutesa



THE CAPITAL OF UGANDA.

[p. 172.]

Figura 10 - *The Capital of Uganda*

Detectadas nas representações visuais de obras publicadas em 1878 e 1892, mas não no livro de Speke editado em 1863, a bandeira ao lado do “palácio” do *kabaka*, em nossa perspectiva, sinaliza, no plano visual, a demarcação da presença britânica no território de Buganda, processo que passou a ocorrer de maneira mais efetiva a partir de 1875, com os primeiros acordos tratados entre Stanley e Mutesa I, mas que só se cristalizaria quando Uganda se tornou oficialmente protetorado britânico, em 27 de agosto de 1894.⁷⁷

Permeando tanto os excertos textuais quanto a seleção de um conjunto de ilustrações que compõem *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* a descrição do território ao leitor, feita principalmente pela apresentação das paisagens naturais acessadas ao longo do trajeto percorrido pelo grupo de carregadores africanos e missionários vinculados à CMS, revela-se como uma das principais tônicas da publicação analisada. Conforme anunciado no título, a história de Alexander Mackay contada para garotos tinha suas bases narrativas muito atreladas aos relatos de expedicionários que precederam a incursão dos primeiros religiosos britânicos ao território dos Grandes Lagos africanos. Isso se torna perceptível tanto nas menções textuais quanto no emprego de ilustrações nitidamente inspiradas em imagens veiculadas nas obras de Speke e Stanley. Dito de outra maneira, embora não livre de tensões e ambivalências, o empreendimento missionário e a exploração colonial do território apresentavam-se como duas faces de uma mesma moeda. Assim, ainda que a obra de 1892 se centre nas atividades evangelizadoras empreendidas por Mackay em Buganda, seu discurso aponta para uma estreita confluência entre as linguagens textuais e imagéticas contidas na literatura de viagem do período, demonstrando o quão borradas eram as fronteiras entre os gêneros literários.⁷⁸

A leitura de *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* nos auxilia a compreender como a referida publicação editada nos últimos anos do século XIX almejava apresentar, por meio da biografia de Alexander Mackay, aspectos mais gerais das atividades religiosas empreendidas pelo primeiro grupo da CMS enviado à Uganda. Apesar do apelo à audiência infantojuvenil anunciado no título e reiterado no prefácio da obra, é notável como a estrutura textual e visual da narrativa em questão ainda permanecia imbuída do modelo discursivo dos relatos de viajantes voltados para o público adulto.

⁷⁷ LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890–1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 258.

⁷⁸ BRIDGES, Roy C. “Missionaries, Geography, and Imperialism in East Africa, c. 1844–1890”. *Position Paper*, nº 75, 1998, pp. 1–23.

3.3. O missionário como herói: as representações de Mackay por Constance Padwick e Ernest Prater

Ao direcionar nossos olhares para *Mackay of the Great Lake* (1917), torna-se possível notar que, embora conserve muitos dos elementos presentes na obra de Harrison, o livro escrito por Constance Padwick agrega novos componentes à narrativa biográfica do missionário. Publicada um pouco antes do final da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), a referida obra confere distintas camadas à apresentação da trajetória do religioso ao público leitor, a começar pelas próprias condições de concepção e produção editorial nas quais a publicação se alicerçou.

Se as informações a respeito de Alexina Mackay Harrison são extremamente escassas e vagas, o mesmo não podemos afirmar acerca da trajetória de Constance Padwick (1886–1968), considerada, juntamente com Basil Mathews, uma das mais prolíficas biógrafas de missionários no período analisado.⁷⁹ Atuando como professora e editora de periódicos infantis no âmbito da CMS a partir de 1909, Padwick continuou desenvolvendo trabalhos literários nessa linha para a instituição até 1916. Vinculada à CMS, o percurso da autora de *Mackay of the Great Lake* também foi marcado por sua circulação por diferentes regiões do Norte da África e do Oriente Médio. Formada em literatura árabe pela Universidade de Londres, além das obras voltadas para o público infantojuvenil, Padwick é reconhecida por seus escritos, traduções e publicações relacionadas ao universo islâmico.⁸⁰

As características que marcam o perfil da autora são de extrema relevância para identificarmos suas reverberações na obra analisada. Nesse sentido, as considerações tecidas pelo historiador Robert Darnton em seu ensaio “O que é a História do livro?”⁸¹ sobre a complexa cadeia que entrelaça diversas etapas e agentes nos processos de composição das publicações tornam-se imprescindíveis para entendermos de maneira menos superficial esses circuitos. Como ressalta Darnton, ao nos debruçarmos sobre os mecanismos de retroalimentação que operam nos modos de produção, circulação e recepção dos livros é preciso não perder de vista que os autores são, antes de tudo, leitores. Interpretados à luz dessas

⁷⁹ McCOLL, *op. cit.*, p. 167.

⁸⁰ Além da obra enfocada neste capítulo, Padwick foi autora de: PADWICK, Constance. *Henry Martyn: Confessor of the Faith*. London: Student Christian Movement, 1923; *Ibidem*, *The Land of Behest: Being An Account of a Congress Held in the Year 1930*. London: Church Missionary Society, 1930; *Ibidem*, *Muslim Devotions; A Study of Prayer-Manuals in Common Use*. London: SPCK, 1961; *Ibidem*, *Temple Gairdner of Cairo*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1929; *Ibidem*, *With Him in His Temptations*. London: Sheldon Press, 1949; *Ibidem*; Trotter, I. Liliás, *The Master of the Impossible: Sayings, for the Most Part in Parable, from the Letters and Journals of Liliás Trotter of Algiers*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1938.

⁸¹ DARNTON, Robert. “O que é a história dos livros?” In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 109–131.

condições, é indispensável problematizar como os autores, também consumidores literários, captaram e filtraram tendências e sensibilidades a partir de seu repertório cultural, atuando, de certa maneira, como vetores de determinados projetos ideológicos que ressoavam em suas obras.

Adotando essa perspectiva, o exame de *Mackay of the Great Lake* ilumina algumas dessas imbricações. Embora possamos reconhecer pontos de contato entre as biografias analisadas, a comparação entre as estruturas narrativas nos possibilita dimensionar como a descrição da vida do missionário adquiriu novos contornos nos escritos de Padwick, especialmente no que diz respeito à maneira como a autora buscou imprimir suas visões sobre educação infantil por meio do percurso biográfico de Alexander Mackay. Ainda que as duas publicações enfocadas neste capítulo sejam voltadas para crianças e adolescentes, podemos notar que este direcionamento se apresenta de maneira mais acentuada na obra de 1917, na medida em que as descrições dos comportamentos e das atitudes do missionário visavam desempenhar um efeito pedagógico em seus leitores.

Nesse sentido, a construção da personalidade de Mackay se alicerça, entre outros fatores, em critérios como o domínio de variados conhecimentos, que transitavam desde os saberes sobre a navegação pelos rios da região até a tradução das línguas locais, como luganda, para o inglês. Para tanto, o missionário mobilizou distintas técnicas e aparatos, a fim de difundir a fé cristã. A narrativa de Padwick discorre como o uso de recursos visuais, como ilustrações projetadas pela lanterna mágica,⁸² por exemplo, serviram como recursos didáticos que viabilizaram a aproximação entre o missionário e Mutesa I:

Às vezes, Mackay dava ao rei uma aula de imagem. Ele tinha algumas lentes consigo e logo fez uma lanterna mágica de uma lata de biscoitos, queimando óleo de mamona, espremido de seu jardim, na lamparina. Uma vez ele levou ao rei um desenho mostrando como o sangue é bombeado pelo coração e circula incessantemente por todos os cantos do corpo humano. Mtesa olhou com muito interesse e começou a ver a maravilha de que era ser um homem.⁸³

⁸² Tecnologia empregada por muitos religiosos em campo, vale lembrar que David Livingstone também fez uso da lanterna mágica a fim de ilustrar passagens bíblicas. De acordo com Jeanne Cannizzo, o aparato servia não apenas como ferramenta de evangelização, mas como demonstração da suposta superioridade da tecnologia europeia: “the oxyhydrogen light of civilization”, segundo o próprio Livingstone. CANNIZZO, Jeanne. “Doctor Livingstone Collects”. In: MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996, pp. 141–168, p. 151.

⁸³ Tradução e adaptação minha do original: “Sometimes Mackay would give the king a picture lesson. He had some lenses with him and soon made a magic lantern from a biscuit tin, burning castor oil, squeezed out of berries from his garden, in the lamp. Once he took the king a drawing showing how the blood is pumped by the heart and circulates ceaselessly through every corner of the human body. Mtesa gazed with much interest, and first began to see the marvel that it was to be a man”. PADWICK, *Mackay of the Great Lake ...*, *op. cit.*, p. 66.

A leitura da passagem acima nos permite reconhecer como Padwick retrata o missionário como o detentor de técnicas e saberes específicos, ou, em outras palavras, um professor que se destacou por aplicar seu conhecimento para instruir e evangelizar as populações africanas com quem travou contato e cuja trajetória deveria inspirar seus leitores. Recorrente na narrativa de Padwick, a exaltação dos conhecimentos técnicos de Mackay, em oposição aos saberes das sociedades locais, se apresenta como espécie de prolongamento de descrições semelhantes verificadas em fontes publicadas em anos anteriores. Em trecho publicado no periódico ilustrado *The Church Missionary Gleaner*, de maio de 1892, o missionário é posicionado como uma figura exemplar por congregar tanto qualidades de “atleta” quanto de “artesão” e por saber canalizar sua formação em engenharia para atividades de “(...) construção, carpintaria, fabricação de tijolos (...)”. Ainda segundo a passagem, uma vez que “(...) trabalhadores nativos precisam de muita supervisão (...)”, o perfil de Mackay era considerado fundamental para garantir o “treinamento” das populações locais para trabalhos como o da impressão gráfica das escrituras bíblicas, por exemplo.⁸⁴ Aqui, novamente, a prática da “supervisão” coloca em cena a vigilância⁸⁵ e o controle visual exercido pelo religioso sobre as tarefas executadas pelos baganda no contexto da missão.

Permeando a estrutura de *Mackay of the Great Lake*, a preocupação com a função pedagógica que a obra deveria exercer é passível de ser apreendida no conjunto das vinte imagens que compõem os capítulos da publicação. Vale sublinhar que, na perspectiva defendida por Padwick, o emprego de imagens em publicações missionárias direcionadas ao público infantojuvenil revelava-se como um valioso artifício didático. Ao discorrer sobre a necessidade de atrair as crianças à produção literária de cunho religioso, a autora critica o uso de “impressionantes xilogravuras” que comportavam uma “mensagem tão pesada quanto seus

⁸⁴ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Again, if it is well for a missionary to have a touch of the athlete, it is also well that he should be somewhat of an artisan. Here, of course, Mackay of Uganda towers above all other illustrations. Not only is engineering skill like his of -use. but knowledge of building, carpentering, brick-making or-such like arts, is sure to turn-to account. Letter after letter from the Mission Field tells of the use of such knowledge, or the pains and penalties which result from the lack of it. Native workmen need much supervision, and direct saving of Mission funds is effected when the missionary in these practical matters ‘knows what he is about.’ Then a practical knowledge of printing has proved useful scores of times, and enabled missionaries so to train unskilled Native workmen as to enable them to issue the Scriptures in distant lands. Many Missions have a small local printing-press, and some experience in type-setting, &c, at homo would make a young missionary able to help from the first. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Home Preparation for Foreign Missionary Work. V - Preparation in things practical”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, n. 221, maio de 1892, pp. 66–67.

⁸⁵ FOUCAULT, *Vigiar e punir...*, op. cit.

títulos”,⁸⁶ características verificadas por Padwick entre as primeiras obras desse segmento. Longe de concebermos texto e imagem de maneira compartimentada, importa-nos pensar como as imagens foram, muitas vezes, instrumentalizadas como recursos que buscavam sintetizar situações ou contextos complexos a leitores que, por diferentes razões, não estavam aptos a interpretar a descrição textual.⁸⁷

Nesse sentido, as seis ilustrações de autoria de Ernest Prater que integram a obra de Padwick nos auxiliam a dimensionar como tais representações visuais não só potencializaram certos discursos, como também acrescentaram novos matizes à narrativa abordada. Conforme anunciamos no início deste capítulo, Prater foi um artista gráfico que possuía considerável visibilidade no início do século XX.⁸⁸ A compreensão menos superficial a respeito da inserção das referidas ilustrações na biografia de Alexander Mackay passa pelo entendimento do percurso do artista e da diversidade dos trabalhos visuais executados por ele. Dos registros visuais elaborados durante o período em que atuou como correspondente durante a segunda Guerra dos Bôeres (1899–1902), aos trabalhos visuais que estamparam distintos títulos — abrangendo desde livros infantis de Robert Michael Ballantyne (1825–1894) e George Alfred Henty (1832–1902)⁸⁹ até biografias de missionários como David Livingstone, John Williams (1796–1839) e James Chalmers (1841–1901)⁹⁰ — a produção visual de Prater transitou por diferentes temas, mas que compartilhavam o mesmo solo.

Diante desses aspectos, a análise sobre o perfil das ilustrações elaboradas pelo artista nos permite identificar como Prater conjugou um vocabulário visual relacionado aos referenciais militares à maneira de representar os missionários. Plasmada no terreno imagético, a aproximação ideológica entre esses dois universos ia ao encontro de uma mentalidade que

⁸⁶ Traduzido e adaptado pela autora do original: “There is a strong family likeness among these squat little books with their amazing woodcuts, and their language is as ponderous as their titles suggest”. PADWICK, “Children and Missionary Societies...”, *op. cit.*, p. 566.

⁸⁷ FANG, Zhihui. “Illustrations, Text, and the Child Reader: What are Pictures in Children’s Storybooks for?”. *Reading Horizons*, vol. 37, nº 2, 1996, pp. 130–142 e LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

⁸⁸ “Ernest Prater as a Londoner of Cornish descent who took up drawing after being in commerce for some years. He served for a period with the 3rd Middlesex Artillery, and specialized in military subjects in the London office when not on campaign. It is difficult to determine his skills as an artist as all his Boer War sketches were redrawn, although the Sphere did say that his pictures were of ‘exceptional merit and would delight the eye of the most exigent master of an art class by their conscientious draughtsmanship’”. HODGSON, Pat. *The War Illustrators*. Londres: Osprey, 1977, p. 183.

⁸⁹ Prater ilustrou as publicações *The Lost Heir* (1899) de Henty e *The Young Fur-Trader* (edição de 1913) de Ballantyne. Sobre os discursos imperiais presentes nas obras de Ballantyne e Henty, conferir os ensaios “Ballantyne’s message of empire”, de Stuart Hannabuss, e “With Henty to Africa”, de Jeffrey Richards publicados em: RICHARDS, Jeffrey (orgs.). *Imperialism and Juvenile Literature*. Manchester: Manchester University Press, 1989, pp. 53–71 e pp. 72–106.

⁹⁰ Entre as biografias missionárias ilustradas por Prater podemos apontar: *The Greatheart of Papua* (1913), *Livingstone the Pathfinder* e *John Williams the Shipbuilder*, ambas de 1915. McCOLL, *op. cit.*, p. 191.

começou a ser gestada e teve seu ápice na Era Vitoriana, mas que ainda ecoava durante as primeiras décadas do século XX. Considerados soldados de cristo, a construção da personalidade dos missionários no âmbito das publicações dedicadas à audiência infantojuvenil buscava equacionar valores do campo religioso com comportamentos atrelados às questões bélicas, sem perder de vista o lugar de herói, a noção de masculinidade e o teor de aventura da trama, como forma de atrair os leitores.

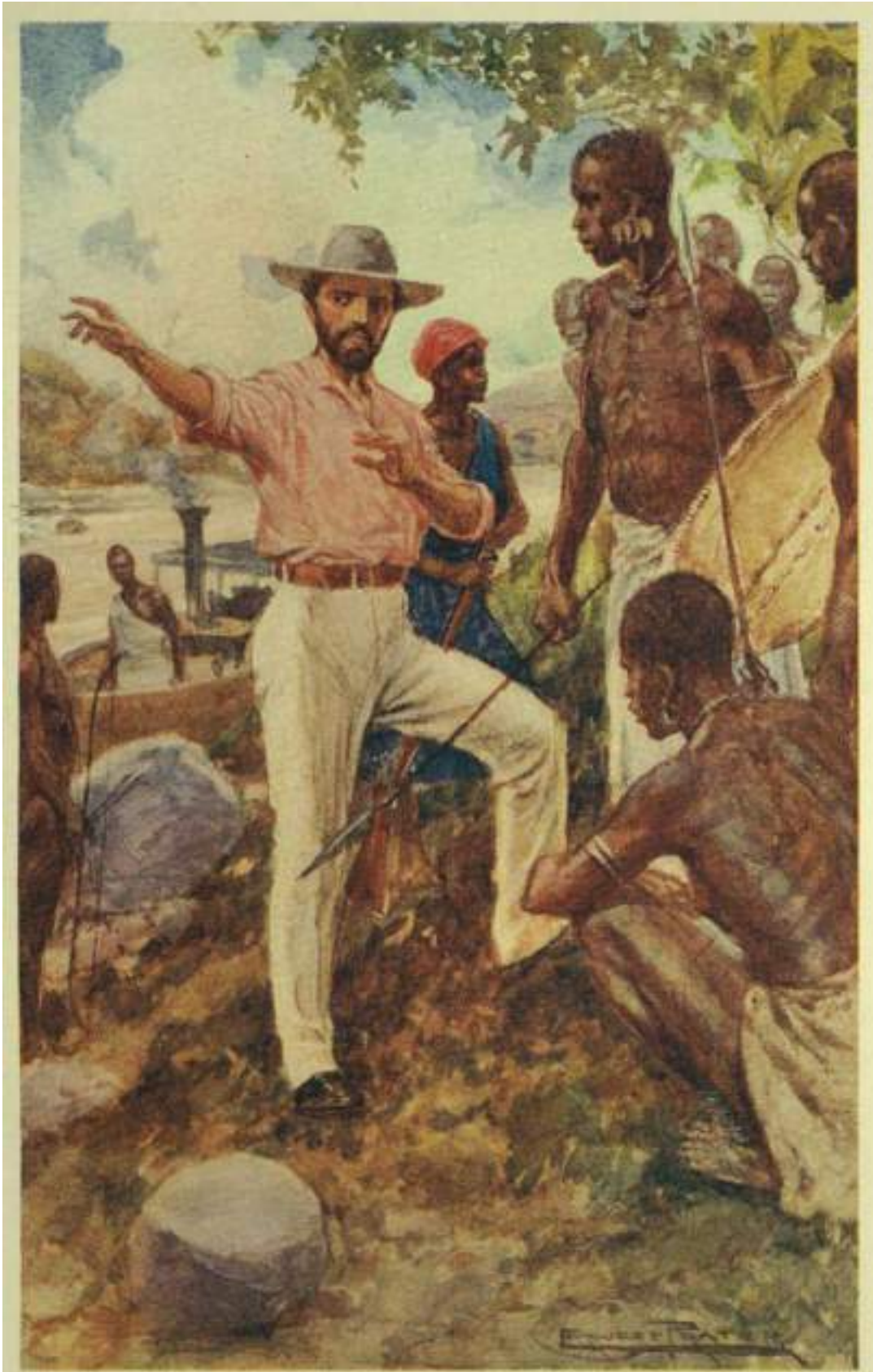
Se em *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* as imagens parecem, muitas vezes, estarem deslocadas da construção da narrativa, na medida em que as gravuras inseridas estão, sob o aspecto formal e temático, muito vinculadas à uma linguagem visual referente à literatura dos viajantes, a leitura de *Mackay of the Great Lake* nos permite identificar outros lugares ocupados pelas imagens. Entretanto, antes de abordarmos de maneira mais detida o repertório visual presente na obra de 1917, cumpre sinalizar que embora o livro escrito por Padwick apresente diferenças substanciais no que diz respeito à incorporação das imagens em sua estrutura narrativa, é interessante também reconhecer certas permanências.

Isso porque, tal como verificamos na biografia de 1892, a presente publicação não deixou de aludir, mesmo que de maneira pontual, ao repertório visual dos expedicionários, perceptível na reprodução da gravura “The Mission Compound at Usambiro”,⁹¹ retirada de *In Darkest Africa*, relato da expedição realizada por Henry Morton Stanley. Além dessa referência que nos permite reconhecer certos pontos de contato com a narrativa de Harrison, a inserção de diferentes mapas também pode ser identificada como uma continuidade da relevância da geografia e do reconhecimento do território dos Grandes Lagos africanos na composição da narrativa.⁹² Sobre esse último aspecto, é indispensável enfatizar que, além de ser expressa nos mapas, a relação da visão como atributo fundamental para a exploração do território se deu a partir de novas linguagens, como notamos na ilustração “The Men Came Down to Gaze at Strange Guests” (figura 11).⁹³

⁹¹ PADWICK, *Mackay of the Great Lake ...*, *op. cit.*, p. 98.

⁹² A obra possui sete representações cartográficas em distintas escalas, algumas acompanhadas por legendas, outras não. *Ibidem*, pp. 9, 13, 27, 32, 38, 51 e 61.

⁹³ *Ibidem*, p. 58.



"The men came down to gaze at the strange guests."

Figura 11 - *The Men Came Down to Gaze at Strange Guests*

Figurando como capa da edição analisada de *Mackay of the Great Lake* e ilustrando o sexto capítulo do livro, a imagem apresenta ao leitor uma cena em que Mackay e um grupo de homens africanos encontram-se às margens do lago Victoria Nyanza. Ocupando posição central na composição, o missionário direciona o seu olhar para algo que o leitor não consegue visualizar. Despertando a curiosidade da população local, Mackay, por sua vez, é observado pelas pessoas ao seu redor. Em suas múltiplas dimensões, a sobreposição de olhares entre as figuras da cena ganha destaque. Como uma das pernas flexionadas, olhando e apontando para o horizonte, a postura corporal⁹⁴ na qual o religioso é retratado confere a impressão de que ele é o detentor do conhecimento sobre o território. Em oposição à postura ativa de Mackay, os demais integrantes o fitam e o escutam, sendo um deles representado agachado próximo aos seus pés. Partindo dessas percepções, os africanos, na ilustração, são representados como meros espectadores frente às ações de Mackay.

Conforme problematizamos em *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*, a construção visual aqui examinada confere não só um protagonismo à presença do missionário britânico em detrimento das demais figuras que integram a cena, como também imprime um tom heroico ao religioso. Sob essa ótica, centro dos olhares africanos, Mackay é quem se apropria visualmente do território, guiando os olhares dos leitores e encarnando, na expressão de Mary Louise Pratt, a postura do “monarca de tudo o que vê”.⁹⁵ Nesse sentido, o discurso presente na ilustração aponta para um abrandamento das tensões e uma diluição da complexidade das interações sociais estabelecidas entre o missionário da CMS e a sociedade baganda. Isso porque, na medida em que o missionário é retratado como aquele que possui a autoridade para observar e transmitir o conhecimento sobre a realidade, sua representação se dá descolada das redes de interdependência mútuas tecidas com as populações locais. Verdadeiros conhecedores não só da geografia, mas também das hierarquias políticas e sociais instauradas em Buganda, a participação de trabalhadores africanos nas condições de carregadores, guias e intérpretes — fundamental para regular a permanência dos agentes externos na região⁹⁶ — é obliterada da imagem.

⁹⁴ Para discussões em torno dos gestos corporais e seus significados simbólicos, políticos, sociais e culturais em diferentes períodos da história, consultar: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. *A Cultural History of Gesture*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.

⁹⁵ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999, pp. 23–38.

⁹⁶ FABIAN, Johannes. *Out of Our Minds: Reason and Madness in the Exploration of Central Africa*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2000, pp. 23–51.

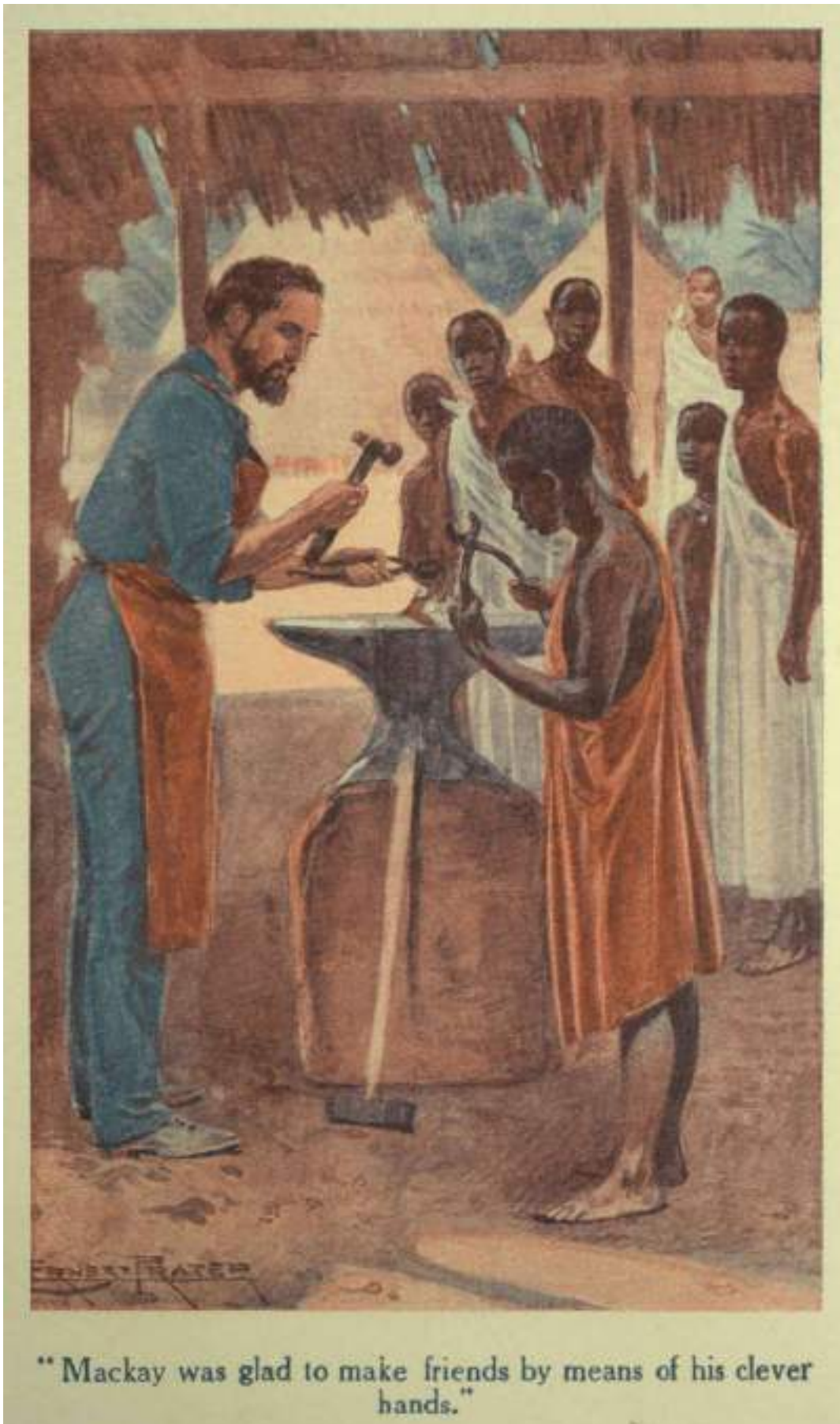
Comparativamente à obra escrita por Alexina Harrison, em *Mackay of the Great Lake*, observamos uma simbiose mais pronunciada entre texto e imagem e uma maior autonomia das representações visuais. Nessa direção, as ilustrações (figura 12)⁹⁷ complementam as ideias sustentadas por Padwick, como podemos reparar na passagem em que há, novamente, o enaltecimento do conhecimento técnico⁹⁸ detido por Mackay frente às demandas das populações africanas, seguida pela representação visual de Prater:

Mtesa e seus chefes ficaram maravilhados por ter um homem faz-tudo e trouxeram seus tesouros quebrados para serem consertados ou suas enxadas para serem afiadas. Mackay estava feliz em fazer amigos por meio de suas mãos hábeis, pois queria ganhar uma plateia para sua mensagem.⁹⁹

⁹⁷ PADWICK, *Mackay of the Great Lake...*, *op. cit.*, p. 66.

⁹⁸ Esta questão também foi debatida por: McCOLL, *op. cit.*, p.126.

⁹⁹ Traduzido e adaptado pela autora a partir do original: “Mtesa and his chiefs were delighted to have a man-of-all-work, and brought their broken treasures to be mended or their hoes to be sharpened. Mackay was glad to make friends by means of his clever hands, for he wanted to win a hearing for his message”. PADWICK, *Mackay of the Great Lake ...*, *op. cit.*, p. 126.



"Mackay was glad to make friends by means of his clever hands."

Figura 12 - *Mackay Was Glad to Make Friends by Means of His Clever Hands*

Por meio da confluência entre texto e imagem, evidenciada pelo exemplo acima, é possível reparar que a construção da personalidade de Mackay não se restringe aos seus saberes e sua competência técnica (“mãos hábeis”), ao domínio da teoria e da prática, mas se fundamenta, sobretudo, no caráter professoral e na postura paciente que Padwick imprime ao religioso da CMS, isto é, na habilidade que o missionário possuía em vetorizar seus conhecimentos para a prática da evangelização.

Em contraste nítido com o tratamento dispensado por Mackay à população local, a representação do *kabaka* Mwanga II (1868–1903) no frontispício da obra, por sua vez, fundamenta-se na reação violenta manifestada pelo soberano diante de Apolo, garoto que havia sido recém-batizado.¹⁰⁰ Ainda que a obra de Padwick não forneça mais detalhes sobre a identidade de Apolo, não seria arbitrário pensar que o personagem poderia ter sido inspirado em Apollo Kaggwa (1869–1927), figura que exerceu a função de *katikiro* (primeiro-ministro) de Buganda entre 1889 e 1926 e desempenhou papel estratégico nas negociações entre representantes da elite política local, a administração colonial e os missionários da CMS.¹⁰¹

Figurando como a primeira imagem que estampa as páginas de *Mackay of the Great Lake*, a ilustração (figura 13)¹⁰² é reveladora de como a produção visual de Ernest Prater se ancorou em interpretações que recaiam em uma antagonização entre os personagens retratados. Expressando visualmente uma carga maniqueísta permeada por estereótipos que visavam justificar políticas imperiais e coloniais, Mackay é representado como um religioso que propaga, de maneira pacífica e habilidosa, o cristianismo em Buganda, em contraposição à hostilidade das autoridades políticas locais personificada, na ilustração examinada, por Mwanga II. O soberano, que subiu ao trono após a morte de seu pai, o *kabaka* Mutesa I, em 1884, passou grande parte de seus anos de formação na missão, tornando-se um *musomi* (“leitor” cristão). Entretanto, de acordo com a interpretação de Richard Reid, tendo passado algum tempo em contato com outros *basomi* (leitores cristãos que estavam sendo preparados para compor a elite de Buganda), Mwanga II chegou à conclusão de que a adesão à religiões, fosse o cristianismo ou o islamismo, era a manifestação interna de uma ameaça externa, ou seja, a interferência indesejada de forças estrangeiras na dinâmica política de Buganda.¹⁰³

¹⁰⁰ “Enraged because a newly-baptized page refused to sin at his bidding, Mwanga turned on a Christian boy named Apolo. ‘Are you a reader?’ he screamed in passion. ‘I read, my lord’. ‘Then I’ll teach you to read’ and Mwanga gashed the boy with his spear, and beat him till he broke the wooden handle over his back”. *Ibidem*, p. 115.

¹⁰¹ Discorreremos com maior atenção sobre a atuação política de Apollo Kaggwa e sua participação na produção de conhecimentos e narrativas sobre Uganda no sexto capítulo desta tese.

¹⁰² Frontispício de: PADWICK, *Mackay of the Great Lake...*, *op. cit.*

¹⁰³ REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 154.



“‘I’ll teach you to read,’ and Mwanga gashed the boy with his spear.”

Figura 13 - *‘I’ll Teach You to Read’ and Mwanga Gashed the Boy With His Spear*

Presente não só nas peças visuais elaboradas por Prater, o desejo de conferir visibilidade aos progressos decorrentes das ações encabeçadas pela CMS foi foco de registros fotográficos recebendo projeção especial na narrativa visual que integra a referida publicação. Sabemos que desde o seu advento, em meados do XIX, a fotografia e seus usos atravessaram inúmeras transformações. Sua reprodução nas publicações esbarrava em limitações materiais que, por um significativo período, dificultaram sua incorporação em larga escala. No entanto, é curioso reparar como mesmo sendo cada vez mais popularizada e consumida em distintos meios na passagem do oitocentos para o novecentos, a fotografia, a princípio, não ocupou um lugar hegemônico dentre a profusão de linguagens e técnicas no campo das representações visuais. Desse modo, no contexto analisado, o emprego das duas fotografias na narrativa visual presente em *Mackay of the Great Lake* também é revelador da continuidade de coexistência dessas múltiplas expressões imagéticas. Apresentadas como provas que buscavam atestar, aos olhos dos leitores, o êxito das ações empreendidas pela CMS em Uganda, as imagens fotográficas das ferramentas e dos recursos (figura 14)¹⁰⁴ mobilizados no processo de conversão, bem como os primeiros resultados obtidos a partir desses contatos (figura 15)¹⁰⁵ serviam, portanto, como materiais que almejavam imprimir veracidade aos relatos. Em outras palavras, a ressonância da prática missionária se ancorava, sobretudo, nas formas de visibilizar e propagar, por meio dos suportes impressos, os feitos da CMS na porção dos Grandes Lagos africanos.

¹⁰⁴ PADWICK, *Mackay of the Great Lake ...*, op. cit., p. 71.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 84.

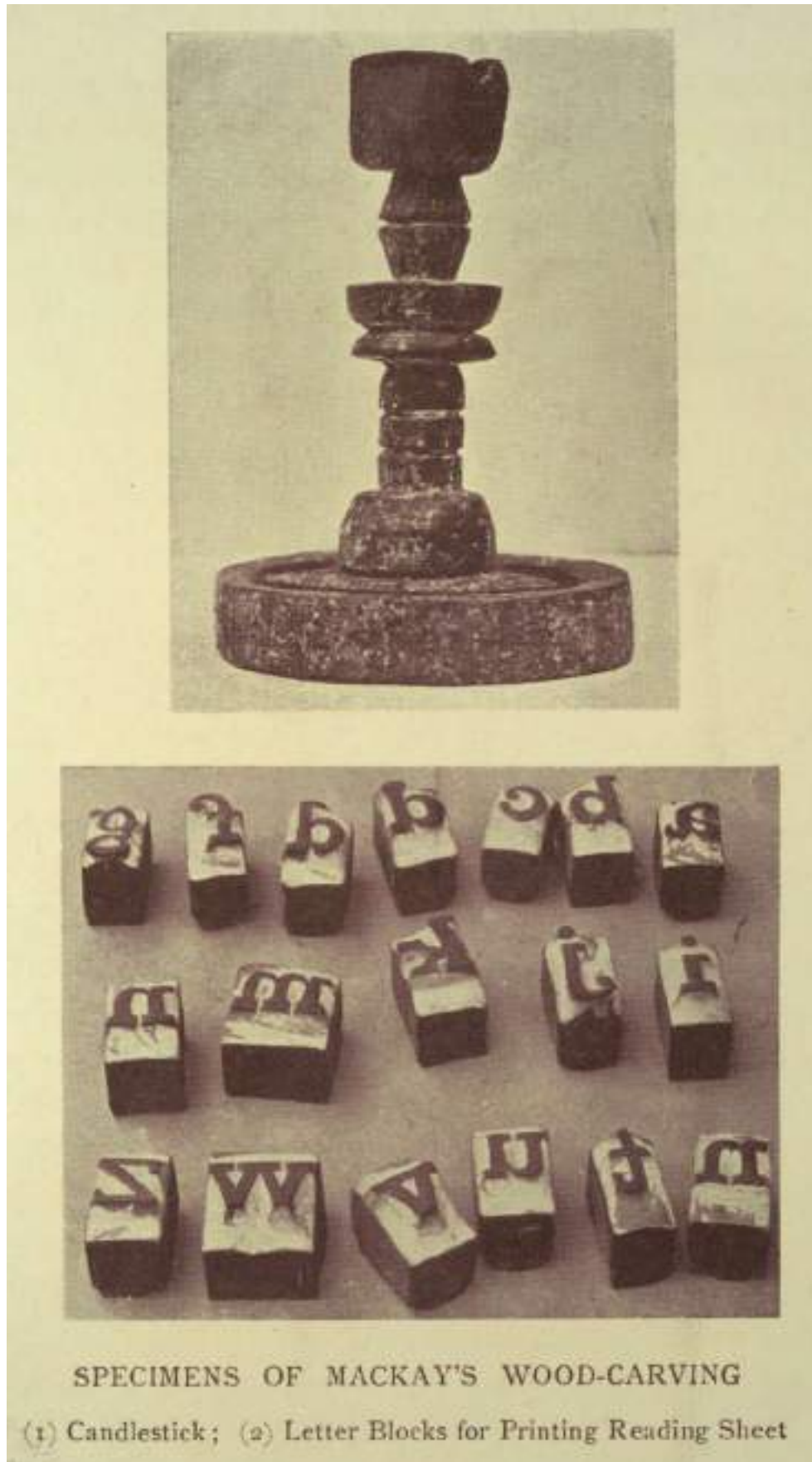


Figura 14 - Specimens of Mackay's Wood-carving. (1) Candlestick; (a) Letter Blocks for Printing Reading Sheet

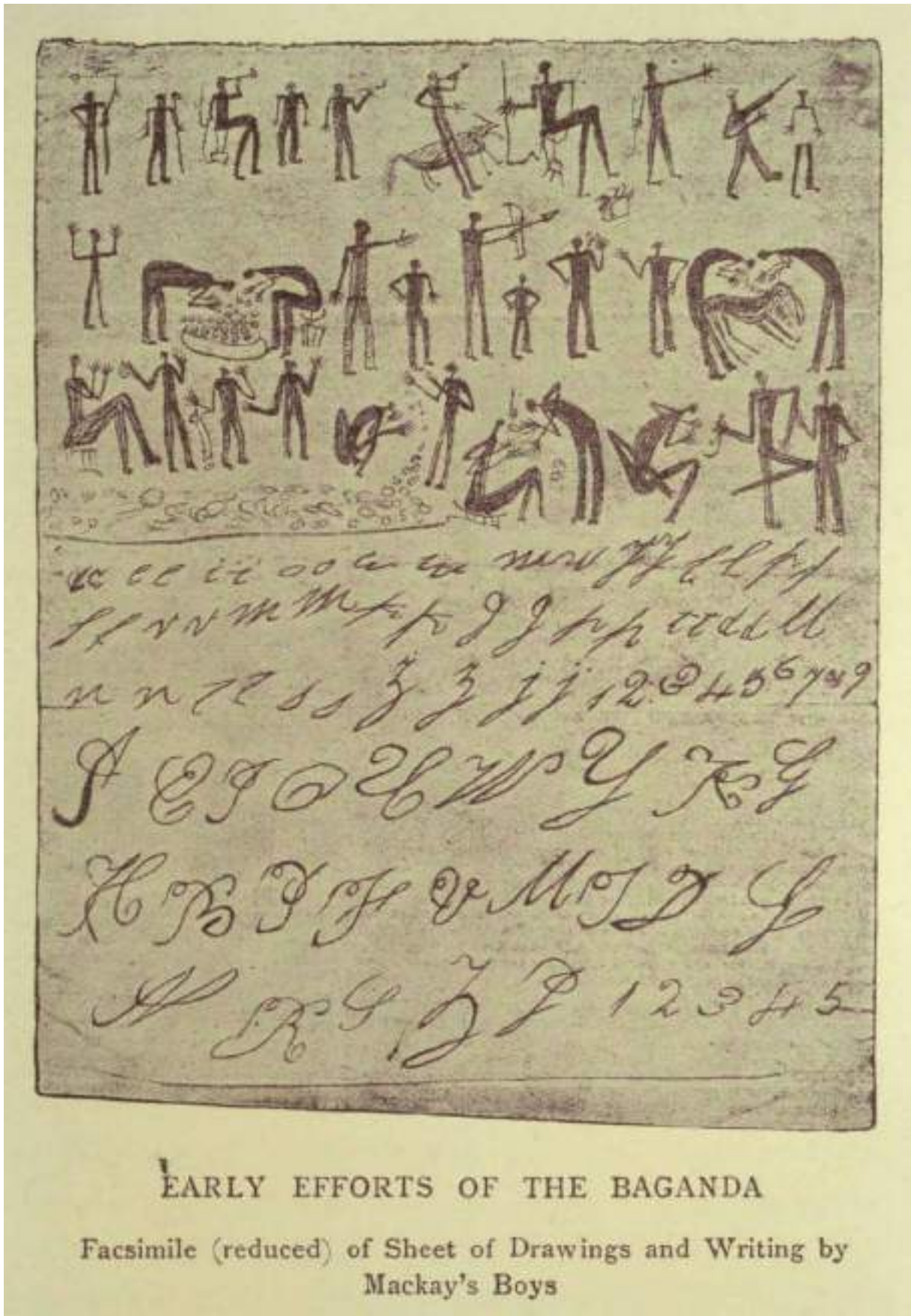


Figura 15 - *Early Efforts of the Baganda*

Retomando as ilustrações elaboradas por Prater, se parte do conjunto de imagens produzido pelo artista visava reforçar as qualidades do caráter engenhoso e, ao mesmo tempo, pedagógico de Mackay na tarefa de conversão, a análise das ilustrações também nos aponta facetas da experiência missionária que pareciam acrescentar nuances a esse perfil. No que diz respeito a esse aspecto, se em alguns trechos da narrativa o contato entre Alexander Mackay e os baganda é retratado textual e visualmente como um processo ausente de tensões e ambivalências, no qual o religioso britânico é focado como protagonista de interações representadas como pacíficas, em outras passagens, nos deparamos com um cenário em que estas relações são abordadas de forma distinta.

Na ilustração intitulada “The Soldiers Snatched Away the White Men’s Stick” (figura 16),¹⁰⁶ que integra o décimo capítulo da obra de Padwick, o leitor é transportado para uma cena em que uma situação de confronto físico é travada entre africanos e europeus. Na imagem que aborda os embates entre três representantes do *kabaka* Mwanga II, Alexander Mackay e outro representante britânico, podemos realçar alguns elementos que nos chamam a atenção, a começar pelo conteúdo expresso na legenda que acompanha a ilustração.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 98.



Figura 16 - *The Soldiers Snatched Away the White Men's Sticks*

De acordo com a legenda, a representação referia-se ao momento em que “soldados arrebatam as bengalas dos homens brancos”. Ao sintetizar uma determinada ideia, vale pontuar que as legendas operam como fragmentos que tendem a nortear e, muitas vezes, condicionar o olhar daqueles que consomem as representações visuais. Partindo do entrelaçamento entre texto e imagem, é relevante atentar que os agentes do ataque são os africanos. Em contrapartida, desarmados, portando apenas bengalas, Mackay e seu acompanhante se defendem das investidas feitas com o uso de lanças e escudos. Outro aspecto que salta aos olhos, é o contraste entre a cor branca da vestimenta do missionário e as roupas de tom avermelhado dos sujeitos baganda. O padrão e a tonalidade da indumentária de Mackay, bem como o estilo do chapéu do outro homem que o acompanha, guardam semelhanças com os uniformes utilizados por muitos expedicionários e administradores coloniais, evocando, no plano visual, uma espécie de correspondência fluída entre essas funções. Assim, em nossa perspectiva, longe de se configurar como aleatória, a escolha das cores acentua a oposição entre tons claros e escuros, estabelecendo conexões com o simbolismo e os significados sociais aos quais essas cores estão relacionadas. Convém lembrar que a cor branca era comumente vista como sinônimo de higiene e limpeza entre os vitorianos.¹⁰⁷ Considerando ainda a frequente associação entre uma concepção de África como o “continente negro”, um espaço “obscuro”, a produção de Prater parece reiterar, em uma dimensão visual, a metáfora do embate entre “luz” e “trevas”, materializado pelos corpos em conflito.¹⁰⁸ Ainda sobre essa temática, as representações de cenas de confrontos travadas entre os distintos atores sociais que circulavam por Buganda entre as décadas de 1870 e 1890 são elucidativas de como tais conflitos foram interpretados por Ernest Prater e Constance Padwick e de como a construção dessas imagens foram fundamentais para reforçar discursos que legitimavam a presença britânica na região.

Na esteira dessas discussões, cabe apontar que se na última ilustração analisada os promotores da violência direcionada ao missionário da CMS são os africanos, na representação visual intitulada “They Opened a Deadly Volley Upon All the Christian Chiefs” (figura 17)¹⁰⁹ os agentes da violência são, por sua vez, os árabes. Na referida ilustração quem abre fogo contra as lideranças africanas convertidas ao cristianismo são os representantes islâmicos.

¹⁰⁷ A partir da análise da propaganda do sabão *Pears* desenvolvida no capítulo “O império do sabonete — racismo mercantil e propaganda imperial”, Anne McClintock elabora uma rica discussão sobre o fetiche vitoriano acerca das roupas brancas e das noções de limpeza e pureza. McCLINTOCK, *op. cit.*, pp. 307–340.

¹⁰⁸ “O racismo tem suas raízes psíquicas profundas no medo do ‘outro’ (associado a um ‘eu’ selvagem e sombrio que foi reprimido) assim como nas fobias em relação à natureza e ao corpo. O par de palavras ‘branco’ e ‘preto’ se presta facilmente para descrever oposições maniqueístas entre bem e mal, espírito e matéria, anjo e demônio”. SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosacnaify, 2006, pp. 50–51.

¹⁰⁹ PADWICK, Mackay of the Great Lake ..., *op. cit.*, p. 130.



Figura 17 - *They Opened a Deadly Volley Upon All the Christian Chiefs*

Conforme sinalizamos em capítulos anteriores, o processo de fixação das primeiras bases da CMS no interior da África Oriental se deu a partir do entrecruzamento de dinâmicas que envolviam múltiplos interesses, alianças e tensões em um cenário político extremamente complexo. A instalação do primeiro grupo missionário anglicano no território teve que lançar mão de um conjunto de estratégias e negociações junto às autoridades locais a fim de garantirem sua permanência na região. A historiografia dedicada ao tema reconhece o período que corresponde à morte do *kabaka* Mutesa I e a subida de Mwangi II (1868–1903) ao trono como um momento marcado pela instabilidade. Frente à presença de mercadores árabes que professavam a fé islâmica e transitavam pelo território desde 1840, e à penetração britânica cada vez mais efetiva na região, Mwangi II estabeleceu sucessivos e oscilantes acordos com o intuito de assegurar a manutenção de seu posto político. Interpretados como aliados em alguns momentos e potenciais inimigos em outros, o *kabaka* empreendeu, em muitos momentos, práticas de controle e repressão aos missionários anglicanos e católicos presentes em Buganda.

As duas ilustrações aqui apresentadas (figuras 16 e 17) procuram, de distintas maneiras, dar a ver ao leitor essas tensões sob o prisma da perspectiva imperial. Sob essa ótica, ao retratar Mackay em uma condição reativa diante de uma situação de confronto a qual, segundo a peça analisada, teria sido provocada por representantes das forças de Mwangi II, a ação missionária é esvaziada de toda carga de violência intrínseca a esse processo. Por sua vez, a difusão do islamismo entre parcela dos habitantes de Buganda era mencionada com recorrência pelos integrantes da primeira missão da CMS à zona interlacustre da África Oriental como um dos principais obstáculos à conversão ao cristianismo. Conforme sustentamos, as figuras que compõem as cenas retratadas por Prater corporificam o discurso colonial de que os agentes da violência eram aqueles que se opunham à presença dos missionários vinculados à CMS em Uganda.

A compreensão acerca do conjunto visual produzido pelo artista para compor *Mackay of the Great Lake* não deve ser concebida de maneira apartada da própria atmosfera ideológica vigente no período de sua publicação, isto é, durante a Primeira Guerra Mundial (1914–1918).¹¹⁰ É importante considerar que, ao produzir tais imagens, Prater se amparou em sua experiência em registrar visualmente conflitos bélicos. Como investigações sobre a produção literária voltada ao público infantojuvenil no período nos revelam, é possível notar um significativo volume de obras que apostava em enredos de aventuras, capitaneados por

¹¹⁰ FLOTHOW, Dorothea. “Popular Children’s Literature and the Memory of the First World War, 1919–1939”. *The Lion and the Unicorn*, n. 31, 2007, pp. 147–161.

personagens — predominantemente do gênero masculino — envolvidos em tramas desenvolvidas em territórios extra-europeus calcadas em conflitos, visões exotizantes e binárias das tensões imperiais e coloniais.¹¹¹

Este capítulo buscou percorrer algumas das muitas interseções entre imperialismo, colonialismo e literatura. As movimentações britânicas em diferentes porções do globo entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX deram vazão a uma gama extremamente segmentada de publicações direcionadas a distintos consumidores. Dentro desse amplo universo, lançamos nossas atenções para *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* e *Mackay of the Great Lake*, obras de cunho missionário voltadas para o público infantojuvenil, particularmente garotos. O estudo comparativo entre as obras de Alexina Harrison e Constance Padwick abre caminhos para explorarmos como a incorporação da noção de visualidade e a mobilização cada vez mais frequente de recursos imagéticos no âmbito dessas publicações desempenharam papéis fundamentais na consolidação de discursos sobre a dinâmica imperial britânica no interior da África Oriental. Como pontuamos, as narrativas tecidas em torno da vida de Alexander Mackay visavam não só conferir publicidade às atividades missionárias empreendidas pela CMS na região dos Grandes Lagos a partir do final da década de 1870 mas, de maneira mais ampliada, apresentar a evangelização como argumento legitimador das intervenções britânicas em solo africano.

Com enfoque para o conjunto de representações visuais que integram as biografias elencadas, a análise das fontes nos permitiu identificar pontos de continuidade e de distanciamento entre as narrativas. A constante menção e mobilização de registros visuais derivados de expedições lideradas por viajantes como Speke e Stanley situam-se como aspectos de relevo em ambas as obras. A inserção de gravuras contendo registros cartográficos e paisagens naturais evidencia, mais uma vez, as estreitas vinculações entre as práticas expedicionárias e o trabalho missionário, especialmente no que tange às formas de apropriação geográfica do espaço e a centralidade da visão nesse processo. Outro aspecto considerado comum entre os repertórios iconográficos examinados refere-se aos modos de representação das populações da África Oriental, retratadas, na maioria das vezes, como coadjuvantes cujos comportamentos oscilavam entre o estado de passividade e a prática da violência frente às movimentações europeias. No cerne dessa interpretação maniqueísta das relações coloniais, as gravuras e ilustrações operavam como poderosos veículos em que concepções binárias (“nós e

¹¹¹ HUGILL, Peter J. “Imperialism and Manliness in Edwardian Boys’ Novels”, *Ecumene*, vol. 6, n.3, 1999, pp. 318–340.

os outros”; “conhecimento e ignorância”; “civilização e barbárie”; “luz e trevas”, “racional e passional”)¹¹² e discursos reducionistas eram condensados e transpostos para o campo da linguagem visual.

Ainda que notemos um esforço direcionado tanto na escrita de Harrison quanto na de Padwick para tornar a biografia do missionário atrativa e palatável aos jovens leitores, é na publicação de 1917 que tal preocupação adquire contornos mais nítidos. Em *Mackay of the Great Lake* observamos como Padwick buscou imprimir um papel pedagógico às ações do missionário. Ao longo da narrativa, Alexander Mackay é representado como aquele que transita pelo domínio de distintos saberes, congregando tanto conhecimentos sobre recursos naturais da região, como também, atuando como portador da capacidade da leitura e da escrita, das técnicas de tipografia e impressão, isto é, saberes considerados imprescindíveis para o processo de conversão das populações locais. Vale lembrar, no entanto, que longe de restringir ao discurso religioso pregado pela CMS, a construção do perfil do biografado estava alinhada a um panorama mais amplo dos códigos comportamentais do período, na medida em que buscou reforçar ideais de masculinidade e heroísmo que perpassavam a sociedade britânica das primeiras décadas do século XX.

¹¹² Sobre as polarizações e dualidades que constituíram o discurso colonial sobre a África, consultar: MUDIMBE, *A Invenção de África...*, op. cit. e *Idem, A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014.

CAPÍTULO 4

O ARTISTA E O APÓSTOLO: IMBRICAÇÕES ENTRE O FAZER ARTÍSTICO E A PRÁTICA MISSIONÁRIA NOS TRABALHOS DE ALFRED TUCKER



Na esteira das discussões empreendidas sobre as dimensões visuais relacionadas ao fenômeno de implantação do domínio britânico em Uganda, este capítulo pretende se debruçar sobre parte do repertório imagético produzido por Alfred Robert Tucker (1849–1914), religioso cuja trajetória demonstra-se profundamente imbricada com o avanço da agenda imperial na porção leste do continente africano. Entre 1890 e 1897, Tucker ocupou a posição de bispo da África Equatorial Oriental, vasta área que abarcava os territórios de Uganda, Tanzânia e Kenya. De 1897 a 1911, atuou como bispo de Uganda. Conforme buscaremos destacar nas próximas páginas, antes de se vincular à Church Missionary Society (CMS), Alfred Tucker havia recebido sólida educação formal e não formal no campo das artes. As imagens produzidas ao longo dos seus anos nos Grandes Lagos africanos tiveram um amplo raio de circulação em periódicos e livros. Elas atuaram, em muitos momentos, como peças visuais consideradas estratégicas na divulgação das ações da CMS em Uganda no contexto de disputa entre poderes políticos locais, missionários católicos, anglicanos, representantes da coroa britânica e do governo alemão. Paralelamente à abordagem sobre a utilização de parte dos registros visuais como veículos de propaganda missionária no interior da África Oriental, um exame mais pormenorizado acerca da produção de Tucker também é capaz de nos revelar como o missionário, ao lançar mão dos referenciais estéticos adquiridos durante seu percurso formativo, mobilizou o fazer artístico como linguagem para expressar suas visões sobre a experiência vivenciada.

Investigar as imagens produzidas pelo bispo nos possibilita, entre outros aspectos, perscrutar os níveis de extroversão desses conjuntos iconográficos, seus trânsitos e apropriações sociais. A partir do entrecruzamento das narrativas visuais e textuais legadas por Tucker, almejamos identificar como a produção do autor expressa, no campo da visualidade, as aproximações e os distanciamentos entre os projetos da CMS e o avanço do domínio britânico na região dos Grandes Lagos Africanos. Pretendemos também verificar como se deram as articulações entre as expectativas pessoais, as convenções artísticas europeias e as experiências da atividade missionária na zona interlacustre da África Oriental, além de problematizar como olhares e subjetividades atravessaram as produções de Tucker. Norteados por essas questões, tencionamos compreender como o exercício de análise ancorado nas representações visuais nos revela a necessidade de abordar tais fontes documentais a partir do reconhecimento de suas múltiplas camadas de significados e ambivalências. Em outras palavras, a interpretação sobre o repertório iconográfico aqui privilegiado adquire tramas mais densas quando nos distanciamos de enfoques binários. Adotando esse viés, não pretendemos lançar um olhar circunscrito para as imagens, incorrendo em abordagens polarizadas, nas quais as

representações visuais ora são concebidas como reflexos de um discurso eurocêntrico, ora como expressões artísticas que congregaram determinadas sensibilidades, destituídas de uma carga colonial. Antes, almejamos apreender a produção de Tucker a partir das mobilidades e ambivalências nas quais se deram as circulações e apropriações de suas obras.

Para explorar esses pontos, este capítulo se fundamenta na análise do conjunto de imagens que circularam em edições da CMS¹ — como o periódico *The Church Missionary Gleaner*² e a obra *Uganda: Its History and its Claim*³ — e os dois volumes de *Eighteen Years in Uganda and East Africa*,⁴ de autoria de Alfred Tucker. O entendimento da produção imagética do religioso nos impõe a necessidade de recuperar aspectos de sua trajetória pessoal e artística anteriores ao seu deslocamento para a África Oriental, a fim de iluminarmos como as conexões entre a formação artística e a prática missionária conformaram os registros visuais produzidos pelo bispo em sua passagem por terras africanas.⁵

Antes de se vincular à CMS, aos trinta e três anos, Alfred Tucker havia trilhado um significativo percurso no campo das artes. Proveniente de uma família de pintores paisagistas, aos quatorze anos de idade, Tucker já havia comercializado sua primeira obra dedicando-se, a partir de 1863, integralmente às atividades de paisagista itinerante. Em 1880, ingressou no curso de Artes da Universidade de Oxford, representando uma fração muito pequena de missionários que possuíam formação acadêmica naquele período.⁶ Suas primeiras aproximações com a vida religiosa se deram entre 1880 e 1882, ainda em Oxford. Durante o tempo de estudos universitários, manteve amizade com John Ruskin (1819–1900), aquarelista e desenhista britânico que se tornou célebre no período vitoriano por seus ensaios críticos sobre arte e

¹ Especialmente, os materiais que integram os fundos documentais: CMS ACC34 Z3 (*Set of Bishop Tucker's sketches, 1908*), CMS ACC725 F5 (*African Sketches or Uganda*) e CMS/Z 47 (*Sketches by Alfred R. Tucker, Bishop of Uganda 1890–1911*) pertencentes à Cadbury Research Library, Universidade de Birmingham.

² Em particular, as edições publicadas no ano de 1892. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, 1892.

³ SMITH, G. Furnes. *Uganda: Its History and its Claim. A Handbook for the Present Crisis*. Londres: Church Missionary Society, 1892.

⁴ TUCKER, Alfred R. *Eighteen Years in Uganda and East Africa*. Londres: Edward Arnold, 1908.

⁵ É interessante pontuar que o reconhecimento público da coexistência entre as facetas artística e religiosa de Alfred Tucker deu vazão a uma série de obras que, já em seus títulos, identificavam tais características, como podemos observar, por exemplo, em: SHEPHERD, Arthur. *Tucker of Uganda: Artist and Apostle (1849–1914)*. Londres: Student Christian Movement, 1929.

⁶ De acordo com Joan Plubell Mattia, Tucker fazia parte de apenas dezessete por cento de missionários pertencentes à CMS naquele período que possuíam diploma universitário. MATTIA, Joan Plubell. *Walking the Rift: Alfred Robert Tucker in East Africa. Idealism and Imperialism (1890–1911)*. Thesis submitted to the Department of Theology, School of Historical Studies, University of Birmingham, 2017, p. 17. Uma pequena lista de missionários vinculados à CMS formados em Oxford pode ser localizada em: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Editorial notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, nº 221, vol. XIX, maio de 1892, p. 66.

arquitetura⁷ e cujos pensamentos inspiraram o movimento “Arts and Crafts”.⁸ Em paralelo à atuação como cura em duas paróquias, entre os anos de 1882 e 1885, e 1885 e 1890, Tucker prosseguiu com sua produção artística,⁹ exibindo algumas pinturas na Royal Academy e em Grosvenor.¹⁰ Em 25 de abril de 1890, foi nomeado pela CMS para substituir James Hannington (1847–1885) e Henry Parker (1852–1888) como terceiro bispo da África Equatorial Oriental, posição que ocupou até 1897.¹¹ Em 14 de maio de 1890, desembarcou em Frere Town, alcançando Uganda meses depois, em 27 de dezembro de 1890.¹²

As interseções entre o projeto evangelizador defendido por Tucker no seio da CMS e os desígnios imperiais e coloniais sustentados pela coroa britânica foram abordadas por diferentes estudiosos nas últimas décadas. De acordo com Donald Low, entre 1888 e 1893, Uganda atravessou uma fase particularmente turbulenta, uma vez em que o encontro da política local com o poder imperial definiu determinadas conjunturas que culminaram no acirramento das tensões sociais.¹³ Ao longo da década de 1890, tanto anglicanos vinculados à CMS quanto católicos representantes da ordem dos Padres Brancos¹⁴ conquistaram um número significativo de convertidos na zona interlacustre do continente africano. A chamada Batalha de Mengo,¹⁵ ocorrida em 1892 e que demarcou a vitória dos protestantes de Buganda sobre os católicos,

⁷ RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

⁸ Em síntese, tal corrente — que teve o crítico de arte William Morris (1834–1896) como um de seus principais expoentes — defendia a relevância dos trabalhos manuais e artesanais no campo das artes e da arquitetura, em contraposição ao trabalho mecânico e em série decorrente do processo de industrialização.

⁹ Curiosamente, a especificidade da trajetória de Tucker nos permite traçar alguns paralelos com a biografia de Vincent Van Gogh (1853–1890). Neto e filho de pastores protestantes, Van Gogh se envolveu com as atividades religiosas, atuando como missionário por um período de sua vida antes de se dedicar totalmente à produção artística. Assim, da mesma maneira que Van Gogh não se afastou plenamente da vida religiosa enquanto produzia as suas obras, Alfred Tucker não abriu mão por completo de ser um artista, direcionando, em muitos momentos, sua habilidade técnica em prol das questões políticas e religiosas nas quais estava inserido. MATTIA, *op. cit.*, p. 18.

¹⁰ *Ibidem*, p. 36.

¹¹ *Ibidem*, p. 17.

¹² CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society*. Londres: Church Missionary House, 1890, p. 58.

¹³ LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890–1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 57.

¹⁴ Escrita em 1893, a obra *L'Ouganda, la mission catholique, et les Agents de la Compagnie anglaise* reúne, sob a perspectiva de Joseph Mercui, religioso pertencente à ordem dos Padres Brancos, preciosas considerações sobre as interações entre a IBEAC (Imperial British East Africa Company), religião e política entre os anos de 1889 e 1893. MERCUI, Joseph. *L'Ouganda, la mission catholique, et les Agents de la Compagnie anglaise*. Paris: Procure des Missions d'Afrique, 1893. Sobre essa ordem missionária, ver também: MUDIMBE, V.Y. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014, pp. 141–198.

¹⁵ UZOIGWE, Godfrey N. “Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África (vol.VII). África sob dominação colonial, 1880–1935*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 21–50, p. 37 e p. 42.

também pode ser reconhecida como um dos principais desdobramentos dos conflitos sociais e políticos, impulsionados pelas interações entre agentes externos e internos.

Segundo Tudor Griffiths, a partir de 1890, Tucker desempenhou papel fundamental em uma série de articulações políticas que culminaram no estabelecimento do protetorado britânico em Uganda no ano de 1894.¹⁶ É preciso salientar que o envolvimento de Tucker em pautas políticas que extrapolavam o âmbito das ações evangelizadoras na África Oriental não deve ser analisado como uma postura isolada entre missionários. Embora houvesse nítidas diretrizes no seio da CMS¹⁷ que reforçassem a necessidade de seus membros não interferirem na dinâmica política local, a historiografia dedicada ao tema tem demonstrado como, em determinadas circunstâncias, muitos missionários vinculados à CMS acabaram por exercer a função de mediadores entre representantes do poder colonial britânico e as lideranças políticas africanas, atuando como engrenagens fundamentais nessas negociações.¹⁸

Nesse sentido, Alfred Tucker fez-se presente na costura de vários acordos e na assinatura de diferentes tratados, a começar pelo firmado entre o *kabaka* Mwanga II (1868–1903) e Frederick Lugard (1858–1945) em 1890, o qual garantiu o estabelecimento da Imperial British East Africa Company (IBEAC) em Uganda, cinco meses após a assinatura do tratado anglo-germânico que confirmava que a região fazia parte do domínio da esfera britânica. Tucker também atuou de maneira ativa no tratado assinado entre Mwanga II e Gerald Portal (1858–1894), côsul-geral britânico em Zanzibar, em 1893 e, tempos depois, no tratado assinado em 1900 entre os líderes políticos de Buganda e Harry Johnston (1858–1927) em nome do governo britânico. Ainda que tenha atuado como mediador na assinatura dos referidos acordos, demonstrando, em muitas circunstâncias, um alinhamento considerável em pautas diretamente afetas ao processo de implantação da agenda colonialista na região, vale a pena ponderar que

¹⁶ GRIFFITHS, Tudor. “Bishop Alfred Tucker and the Establishment of a British Protectorate in Uganda 1890–94”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 31, n° 1, 2001, pp. 92–114.

¹⁷ De acordo com as instruções contidas no documento “Politics and Missions” (1860) formuladas por Henry Venn, secretário da CMS entre 1841 e 1872 e considerado um dos principais teólogos da instituição: “Every missionary is strictly charged to abstain from interfering in the political affairs of the country or place in which he may be situated”. O referido documento foi reproduzido em: KNIGHT, William; VENN JR, Henry; VENN, John. *Memoir of the Rev. H. Venn: the Missionary Secretariat of Henry Venn; Prebendary of St. Paul’s, and Honorary Secretary of the Church Missionary Society*. Londres: Longmans, Green, and Co., 1880, pp. 468–483, p. 470. Discussões acerca das visões de Henry Venn sobre as concepções, princípios e métodos que deveriam nortear as ações da CMS podem ser consultadas em: SHENK, Wilbert. “Henry Venn’s Instructions to Missionaries”. *Missiology, An International Review*, vol. V, n° 4, pp. 467–485, 1977 e *Idem*, “The Missionary and Politics: Henry Venn’s Guidelines”. *Journal of Church and State*, vol. 24, n° 3, pp. 525–534, 1982.

¹⁸ A interferência dos missionários nas decisões políticas não foi um processo exclusivo ocorrido em Uganda, já que a participação desses agentes nas regiões da Costa do Ouro, Nigéria e Niassalândia (atualmente Malawi) revelam o quanto os religiosos da CMS, em muitos outros contextos, desempenharam papel ativo para a fixação da autoridade britânica nesses espaços. GRIFFITHS, *op. cit.*, p. 96.

nem sempre os posicionamentos de Tucker iam ao encontro dos projetos da administração britânica. Na abordagem sustentada por Mattia, o bispo defendeu visões acerca de questões relativas às práticas de trabalho forçado, distribuição de terras, impostos, leis de casamento e políticas de imigração, por exemplo, que colidiram, muitas vezes, com os objetivos coloniais,¹⁹ ilustrando o quanto a conduta missionária estava longe de ser estática ou linear, sendo quase sempre permeada por oscilações e ambivalências. Adotando essa chave interpretativa, interessa-nos compreender como o material, em especial o imagético, elaborado por Tucker pode ser pensado não apenas como fonte documental que nos possibilita entender como algumas concepções nutridas pelo religioso anglicano foram traduzidas no plano visual, como também analisar, a partir dos trânsitos e usos das imagens, como sua produção artística impactou na consolidação de determinadas projeções britânicas sobre Uganda.

Antes de procedermos ao exame do conjunto de esboços para aquarelas referentes à Uganda elaboradas por Tucker, torna-se imprescindível tecermos algumas considerações sobre a técnica, a fim de analisarmos em que medida a opção por esse tipo de produção modelou a narrativa visual construída pelo missionário. Sobre a pintura em aquarela,²⁰ embora muitos críticos convencionalmente identifiquem o período que abarca meados do XVIII até a segunda metade do XIX como a fase em que essa expressão pictórica atingiu seu auge, particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento do gênero de paisagens naturais entre pintores britânicos,²¹ convém lembrar que trata-se de uma prática muito antiga, cujos primeiros registros remontam à Idade Média. Para alcançarmos uma compreensão menos limitada sobre esse gênero de pintura, revela-se necessário recuperarmos alguns aspectos que compõem o panorama artístico da Era Vitoriana (1837–1901).²² Em linhas gerais, o pensamento estético do período pautava-se na ideia de que as manifestações artísticas deveriam absorver descrições do campo da geografia e da antropologia. De acordo com Mattia, esse tipo de perspectiva:

(...) ajudou a levar os artistas a lugares desconhecidos. Os vitorianos tinham uma curiosidade irresistível por cenas estrangeiras, desconhecidas e exóticas. Alguns artistas, como Turner, Lear, Lewis e

¹⁹ MATTIA, *op. cit.*, p. 25.

²⁰ De maneira simplificada, a tinta para a pintura em aquarela é obtida por meio da mistura de pigmentos com um aglutinante, geralmente goma arábica. Após esse preparo, a mistura recebe água e pode ser aplicada em um suporte físico.

²¹ Conferir o catálogo: WILCOX, Scott; NEWALL, Christopher. *Victorian Landscape Watercolors*. Nova Iorque: Hudson Hills Press, 1992.

²² Para considerações sobre o Período Vitoriano, com particular destaque para as suas principais características literárias, consultar o terceiro capítulo desta tese.

Phillip, viajaram muito pintando essas cenas para satisfazer o apetite doméstico vitoriano.²³

Considerada um meio menos dispendioso, portátil e relativamente fácil de produzir em contextos de deslocamento comparativamente a outros métodos de pintura, como a pintura à óleo, a pintura em aquarela foi muito empregada por viajantes e naturalistas que buscavam retratar aspectos da fauna, da flora e das populações que habitavam diferentes territórios. As condições materiais que englobam a predileção por certas técnicas e padrões estéticos — as limitações e as potencialidades de efeitos proporcionadas pelo uso de determinados instrumentos e suportes físicos — bem como as condições sociais em que se deram os processos de produção e reprodução das imagens, revelam-se como fatores que não devem ser negligenciados na análise das fontes elencadas, na medida em que impactam sobremaneira o discurso visual.²⁴ Considerando que a prática do registro visual não constava como um dos objetivos previstos no âmbito das missões empreendidas pela CMS e que, portanto, não deveriam se sobrepor às tarefas religiosas, a opção pela técnica da aquarela apresentou-se como uma alternativa considerada mais viável para a elaboração de representações visuais que enfocaram, principalmente, paisagens, ambientes internos e cenas do cotidiano das missões.

Para além das especificidades contidas nas obras de Tucker, o material visual elaborado pelo autor aponta para uma série de questionamentos acerca das tensões existentes entre a manutenção de certas linguagens artísticas que haviam sido aprendidas na Europa e nas possibilidades de adaptação de determinadas práticas e olhares sobre os cenários extra-europeus.²⁵ Em outras palavras, dado que o gênero da pintura de paisagem em aquarela passou a ser tradicionalmente associado ao domínio visual britânico a partir de meados do XVIII, de que maneira as imagens decorrentes dos contatos estabelecidos entre os missionários da CMS e as populações de Uganda entre o final do oitocentos e início do XX reverberaram na composição de uma determinada concepção imperial de visualidade? E por quais canais esses repertórios iconográficos trafegaram? A produção visual de Tucker nos possibilita rastrear

²³ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “(...) helped to carry artists into unknown places. Victorians had a compelling curiosity for foreign, unknown and exotic scenes. Some artists, such as Turner, Lear, Lewis, and Phillip, travelled widely painting such scenes to satisfy the domestic Victorian appetite”. MATTIA, *op. cit.*, p. 34.

²⁴ EDWARDS, Elizabeth. “Material Beings: Objecthood and Ethnographic Photographs”. *Visual Studies*, vol. 17, n° 1, 2002, pp. 67–75.

²⁵ Para um estudo substancial acerca das tensões e das táticas de negociação envolvidas no desafio de representar visualmente territórios e populações não europeias sob a influência britânica a partir do século XVIII, consultar: TOBIN, Beth Fowkes. *Picturing Imperial Power: Colonial Subjects in Eighteenth-Century British Painting*. Durham/Londres: Duke University Press, 1999. Para o contexto brasileiro, ver: MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800–1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

alguns desses meandros, a começar pela extensa divulgação de reproduções de esboços e estudos para aquarelas em distintas obras editadas pela CMS.

4.1. Os “habilidosos trabalhos em pincel e lápis do Bispo Tucker” e sua circulação em periódicos e obras ilustradas

O mapeamento de publicações que circularam no início da década de 1890 nos fornece uma dimensão dos níveis de apropriações praticados pela instituição religiosa anglicana acerca das imagens produzidas pelo recém-ordenado bispo da África Equatorial Oriental. Embora fossem noticiadas com frequência desde o envio do primeiro grupo missionário aos Grandes Lagos africanos em 1876, as informações sobre a presença da CMS em Uganda adquiriram significativa proeminência no seio editorial da instituição no começo dos anos 1890. Como já sinalizamos, 1892 pode ser considerado um ano-chave para a compreensão da delicada dinâmica política travada na região. Frente às movimentações de atores internos e externos que culminaram em conflitos bélicos envolvendo as decisões políticas do *kabaka* Mwanga II perante a aproximação de católicos, anglicanos, muçulmanos, representantes alemães e da IBEAC, tornava-se essencial arregimentar o apoio da opinião pública para a defesa das ações britânicas em Uganda.

Entremeando trechos de correspondências, artigos e imagens referentes ao assunto, o periódico ilustrado *The Church Missionary Gleaner* atuou como poderosa vitrine das atividades missionárias empreendidas no interior africano no contexto analisado. No artigo intitulado “Uganda”, de novembro de 1892, revela-se evidente o tom de apelo aos leitores diante dos riscos da não continuidade da agenda missionária na região, caso o apoio do governo britânico não se concretizasse após a retirada da Imperial British East Africa Company (IBEAC) do território:

Uganda deu ricos frutos, devemos continuar o trabalho. Fomos para lá sem ajuda política: mas a postura mudou. Estamos comprometidos com a ação da IBEAC, que iniciou os seus trabalhos sob sanção governamental. Essa empresa aceitou a oferta do governo e irá reter os seus agentes em Uganda durante os três meses durante os quais o governo garante a ajuda pecuniária — mas depois disso, o que vai acontecer? A Inglaterra cumprirá sua responsabilidade ou jogará fora seu domínio sobre uma das principais vias navegáveis da África? O bispo Tucker decidirá o que é melhor fazer na África; mas sobre nosso próprio dever aqui, não havia dúvida. A Sociedade [CMS] não conhece

política. Mas todos devemos informar a mente do público sobre as maravilhas que Deus operou.²⁶

O fragmento selecionado joga luz nas ambivalências que pautavam as redes estabelecidas entre a CMS, os representantes das companhias comerciais e os agentes da coroa britânica que visavam garantir sua hegemonia na zona interlacustre do continente africano. Na ótica do artigo, as sementes inicialmente plantadas pela CMS em Uganda “sem ajuda política”, deram “ricos frutos”. Adotando a metáfora, o trabalho de colheita dependia, por sua vez, de recursos que extrapolavam os esforços empreendidos pela CMS. No entanto, é interessante observar, de acordo com a argumentação apresentada na passagem, que o aporte financeiro e a proteção do governo britânico seriam não só benéficos para a tarefa de evangelização empreendida pela CMS, como também ofereciam vantagens políticas e econômicas aos envolvidos com a causa. Nesse sentido, caso a coroa britânica se eximisse da responsabilidade de garantir os meios para que a missão prosseguisse, estaria negligenciando seu “domínio sobre uma das principais vias navegáveis da África”.

Assim, ainda que o excerto procure desvincular o início da presença missionária em Uganda da esfera política, apontando para uma espécie de clivagem entre as ações com propósitos religiosos e os interesses considerados mundanos, é possível identificar como a fluidez das circunstâncias podia gerar “mudanças de posturas”, legitimando publicamente as aproximações da CMS com o universo da política e da economia. Se, de acordo com o excerto, caberia ao bispo Tucker decidir sobre o que seria “melhor fazer na África” diante desse complexo cenário, a constante mobilização de seus relatos textuais e visuais em materiais impressos operava como reforço dessas decisões.

É interessante reparar como, meses antes da publicação do trecho analisado, o periódico já chamava a atenção dos leitores para os registros visuais produzidos pelo bispo. De acordo com a nota editorial da edição de janeiro de 1892 do *The Church Missionary Gleaner*:

Neste mês, nossas imagens são dos habilidosos trabalhos em pincel e lápis do Bispo Tucker. Nos últimos anos, temos enviado numerosas cartas e notícias sobre [o lago] Victoria Nyanza, mas nossas ilustrações

²⁶ Tradução e adaptação da autora do original: “Uganda has borne rich fruit, we must carry on the work. We went there without political help: but the position has changed. We are compromised by the action of the I.B.E.A. Company, which began its work under Government sanction. That Company has accepted the offer of the Government, and will retain its agents in Uganda for the three months during which the Government guarantee pecuniary aid — but after that, what will happen? Will England abide by her responsibility, or will she throw away her hold on one of the principal water-ways of Africa? Bishop Tucker would decide what was best to be done in Africa; but about our own duty here there was no doubt. The Society knows no politics. But we are all bound to inform the public mind about the wonders which God has wrought”. SUTTON, Henry. “Uganda”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, nov. 1892, nº 227, vol. XIX, pp. 162–163, p. 163.

têm sido necessariamente muito escassas. Agora, para fazer o equilíbrio certo, apresentamos os esboços do bispo sobre lugares que nossos leitores leram repetidamente e preenchemos as páginas intermediárias com notícias recentes de outras missões.²⁷

O trecho acima elucidado como os trabalhos visuais elaborados em campo pelo bispo foram considerados registros relevantes no desafio de informar a opinião pública sobre o andamento da incursão missionária pela região interlacustre da África Oriental. Desse modo, é por meio da divulgação dos esboços de Tucker sobre determinados territórios — inicialmente acessados pelos leitores por meio de cartas e notícias publicadas no periódico — que as descrições sobre as ações empreendidas pela CMS nos Grandes Lagos alcançariam um “equilíbrio”, apontando para a noção de intertextualidade tecida entre textos e imagens. Nessa perspectiva, as imagens acabavam por complementar, ainda que não simultaneamente, a narrativa textual sobre a presença missionária em Uganda exercendo, por sua vez, um papel pedagógico aos leitores do *The Church Missionary Gleaner*.

A partir da triagem dos números publicados mensalmente no início da década de 1890, podemos identificar o predomínio de esboços de paisagens naturais e de edificações missionárias erigidas em distintos pontos da costa do Lago Victoria Nyanza. De acordo com os textos que acompanham as imagens, grande parte dos registros visuais continham um caráter documental e foram feitos por Tucker ao longo de seus deslocamentos pelo território.²⁸ Além da possibilidade de fruição por meio das páginas do *The Church Missionary Gleaner*, as reproduções das imagens elaboradas pelo bispo também poderiam ocupar outros espaços. Direcionados aos leitores “especialmente interessados em África Oriental”, alguns esboços divulgados no periódico foram reimpressos em papel especial e, segundo a sugestão do *The Church Missionary Gleaner*, poderiam compor a decoração da sala ou servir de presentes em datas comemorativas.²⁹ O conteúdo do anúncio explicita o quanto a produção de Tucker estava alinhada a um fenômeno mais amplo que abarcava a expressiva segmentação de representações

²⁷ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “This month our pictures are the work of Bishop Tucker’s skilful brush and pencil. During recent years we have given numerous letters and items of news from the Victoria Nyanza, but our illustrations have of necessity been very scanty. Now, to make the balance right, we give the Bishop’s sketches of places which our readers have read of again and again, and fill in the intermediate pages with recent news from other Missions”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Editorial Notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 1–2, p. 2.

²⁸ Em muitos trechos, os textos do periódico fornecem ao leitor o contexto de produção das imagens, como é possível verificar na descrição que acompanha o esboço “The mission station at Usambiro (From a sketch by bishop Tucker)”: “The Bishop took the sketch sitting at the door of the room in which Mackay died”. STOCK, Sarah Geraldine. “The Mission House at Usambiro”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, p. 9.

²⁹ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Editorial notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, abr. 1892, n° 220, vol. XIX, pp. 49–50, p. 50.

sobre o continente africano, seus trânsitos por variados circuitos e o seu consumo entre diferentes públicos. Assunto explorado em outros momentos desta tese, a noção vitoriana de domesticidade se calcou em muitos artifícios e recursos materiais e ideológicos canalizados para que o público metropolitano fosse capaz de se sentir “em casa com o império”,³⁰ como sintetiza o título da coletânea organizada por Catherine Hall e Sonya Rose. A incorporação de uma diversificada gama de imagens e objetos no ambiente doméstico que atuavam como suportes na mediação entre o público metropolitano e os territórios não-europeus, revelou-se como uma prática cultural muito disseminada entre os vitorianos, evidenciando os vínculos entre imperialismo, colonialismo e domesticidade, como sustenta Anne McClintock.³¹ Estetizada em uma miríade de artefatos e imagens disponíveis para decorarem ambientes internos, as invenções em torno da ideia de África tornavam-se tangíveis e acessíveis para variadas camadas sociais. O consumo de extensos territórios sintetizados em paisagens palatáveis ao gosto europeu e formatadas em pequenos quadros, permitia aos sujeitos se sentirem pertencentes ao império britânico. Considerado um recurso que visava aproximar o objeto de seu público, tornando-o, de certa maneira, familiar aos seus espectadores, a representação miniaturizada³² de uma dada realidade também se pretendia uma maneira de controle e de normatização, levando para a esfera do privado, àquilo que se acreditava ter posse.

Voltando nossas atenções para a análise do conjunto visual elencado, duas imagens, em particular, se sobressaem por terem circulado em diversas publicações. Ilustrando, pela primeira vez, as páginas do *The Church Missionary Gleaner*,³³ as representações visuais sobre a tempestade à bordo de uma embarcação no lago Victoria Nyanza (figura 1) e as sepulturas dos missionários em Usambiro, situadas na margem sul do lago (figura 2), figuraram, com diferentes legendas, nas obras *Uganda: Its History and its Claim*³⁴ e *The Church Missionary*

³⁰ HALL, Catherine; ROSE, Sonya (eds.). *At Home with the Empire. Metropolitan Culture and the Imperial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

³¹ “Ao explorar os intrincados filamentos entre imperialismo, domesticidade e dinheiro, sugiro que o *marketing* de massas do império como sistema global estava casado com a reinvenção ocidental da domesticidade, de tal forma que o imperialismo não pode ser entendido sem uma teoria do espaço doméstico e de sua relação com o mercado”. McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 39.

³² STEWART, Susan. *On Longing: Narratives of Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection*. Durham/Londres: Duke University Press, 1993, pp. 54–60.

³³ As imagens “The Storm on the Lake” e “God’s Acre at Usambiro (From a Sketch by Bishop Tucker)” foram respectivamente reproduzidas em: STOCK, Sarah Geraldine. “A Float on the Victoria Nyanza”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 4–6, p. 5 e *Idem*, “God’s Acre at Usambiro”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 8–9, p. 8.

³⁴ SMITH, *Uganda: Its History and its Claim...*, *op. cit.*, p. 36 e p. 54.

Society's East Africa Missions.³⁵ A replicação dessas imagens nos ajuda a dimensionar como a instituição religiosa instrumentalizou os conhecimentos artísticos de Alfred Tucker como recursos para a difusão das atividades missionárias na África Oriental em distintos veículos impressos.



Figura 1 - *The Storm on the Lake*

³⁵ STOCK, Sarah Geraldine. "Notes of Bishop Tucker Sketches". In: FOX, Henry Elliott. *The Church Missionary Society's East Africa Missions. Being an introduction to Bishop Tucker's*. No conjunto documental consultado não foram localizadas informações mais precisas sobre a casa editorial e a data de sua publicação. O referido material está identificado como "Set of Bishop Tucker's Sketches (1908)" e compõe o fundo documental CMS/ACC34Z3, pertencente ao acervo da Cadbury Research Library, Universidade de Birmingham.

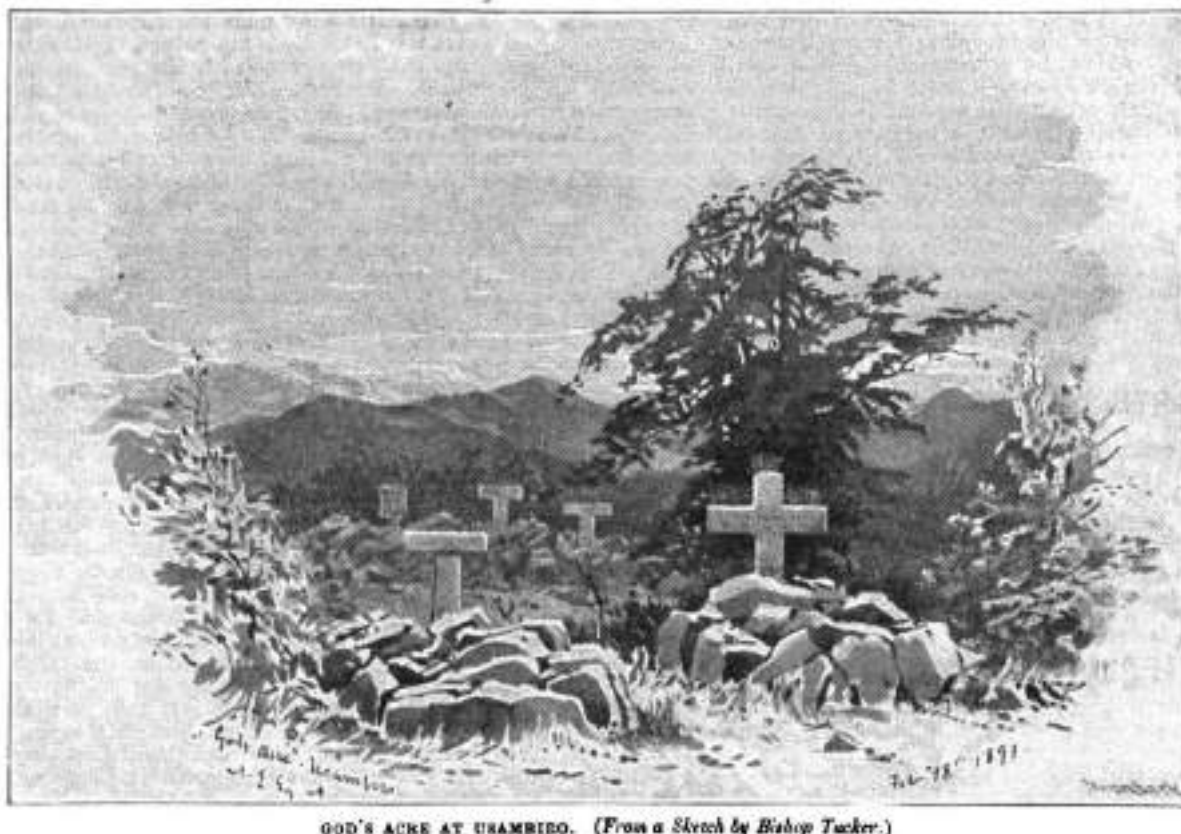


Figura 2 - *God's Acre at Usambiro (From a Sketch by Bishop Tucker)*

Explicitando a intertextualidade presente no diálogo entre texto e imagem, além de reportar ao público os acontecimentos mais recentes na região dos Grandes Lagos africanos, o texto “A Float on the Victoria Nyanza”, de Sarah Stock (1838–1898),³⁶ também informa os leitores sobre as condições de produção de “The Storm on the Lake”. Segundo a descrição que acompanha a imagem, a representação da cena elaborada por Tucker teria sido feita “às pressas a lápis”, no momento em que o grupo de missionários se aproximava da margem do lago Victoria Nyanza. Ainda de acordo com a descrição, a tempestade teria sido acrescentada em um momento posterior, quando o bispo havia alcançado terra firme.³⁷ Analisada de maneira menos circunscrita, a leitura da imagem nos descortina diversas camadas interpretativas. A narrativa constituída a partir da confluência entre a descrição de Sarah Stock e o esboço produzido por Alfred Tucker opera, em uma primeira instância, como registro da conturbada

³⁶ Autora de uma extensa lista de obras direcionadas para a divulgação das atividades da CMS, Sarah Geraldine Stock colaborou por mais de vinte anos com o *The Church Missionary Gleaner*. Para uma breve nota biográfica sobre a autora, conferir: BATTERSBY, Maud C. “Miss S.G. Stock”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, nº 298, vol. XXV, out. 1898, p. 157.

³⁷ Tradução e adaptação do original: “The sketch shows the storm on the lake. It was made hastily in pencil after the escape of the party, as they were drawing towards shore. (...) After landing, the Bishop completed his sketch by putting in the effect of the storm”. STOCK, Sarah Geraldina. “A Float on the Victoria Nyanza”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, nº 217, vol. XIX, pp. 4–6, p. 6.

viagem enfrentada pelo grupo de missionários. Inserida após a travessia, a tempestade que integra a paisagem imprime um tom de dramaticidade ao momento, sinalizando ao leitor como tal representação — longe de ser apreendida como um reflexo imediato do real — condensava, em um mesmo plano visual, fragmentos de distintas temporalidades. Entre as águas revoltas do lago Victoria Nyanza e as densas nuvens que anunciam a intempérie, a linha do horizonte é revelada aos consumidores da imagem, convidados a compartilharem o mesmo ângulo de visão do bispo Tucker, produtor da imagem.

Somando-se aos elementos apontados, é preciso levar em conta o peso do repertório artístico formado por Alfred Tucker em seu ambiente familiar e durante seus estudos na Universidade de Oxford. Nesse sentido, vale mencionar que, dentro da iconografia ligada ao movimento romântico do XIX, o tema da tempestade adquiriu significativa projeção na obra de diferentes artistas, tornando-se bem conhecido pelo público.³⁸ Convém frisar que no imaginário popular as representações de tempestades marítimas estavam associadas há séculos à sensação de temor e fragilidade humana diante dos fenômenos da natureza.³⁹ No âmbito do pensamento romântico, as tempestades também simbolizavam o transbordamento da subjetividade do indivíduo.

Na senda dos debates em torno dos complexos eventos políticos que se desenhavam em Uganda, ameaçando a continuidade da agenda missionária na região, a apropriação do potencial icônico evocado pela imagem da tempestade é carregada de outros sentidos. Se na iconografia romântica europeia predominavam tempestades marítimas, na imagem analisada, tal referência pictórica é ressignificada e adaptada para a paisagem lacustre. Mais do que um registro visual sobre a intempérie enfrentada durante a navegação no lago Victoria Nyanza, a representação pode ser tomada como uma alegoria do cenário de instabilidade que punha em xeque o prosseguimento das atividades da CMS na porção leste do continente africano.

Outra imagem que nos permite acessar elementos referentes aos processos de circulação e apropriação dos esboços de Tucker é “God’s Acre at Usambiro (From a Sketch by Bishop Tucker)” (figura 2). O conjunto composto por cinco jazigos de missionários da CMS enviados para Uganda serviu de inspiração para a narrativa visual traçada pelo bispo. A descrição que

³⁸ Como é possível identificar, por exemplo, nas pinturas de J. M. W. Turner, “O naufrágio” (1805), “Naufrágio de um cargueiro” (1810) e “Barco a vapor numa tempestade de neve” (1842); Théodore Géricault, “A balsa da Medusa” (1818–1819); Eugène Delacroix, “Cristo no mar da Galiléia” (1854) e Victor Hugo, “Meu destino” (1857). EITNER, Lorenz. “The Open Window and the Storm-Tossed Boat: An Essay in the Iconography of Romanticism”. *The Art Bulletin*, nº 37, vol. 4, 1955, pp. 281–290, p. 282 e p. 289.

³⁹ Para uma compilação de narrativas produzidas em diferentes períodos históricos que versaram sobre o medo do mar e das tempestades marítimas, consultar: DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300–1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 54–70.

acompanha a imagem procura ambientar os leitores por meio de referências espaciais e temporais centradas na presença da CMS nos Grandes Lagos africanos:

O local onde essas cinco sepulturas são colocadas parece ser uma pequena joia no meio de uma região desinteressante. À esquerda do esboço desenhado pelo Bispo Tucker está o Lago; à direita estão as instalações da Missão, a cerca de cento e oitenta metros de distância. O cemitério está rodeado, diz-nos o Bispo, por uma cerca viva, uma sebe de euphorbia, provavelmente plantada pelo próprio Mackay. Montes de pedras são colocados ao redor dos túmulos para afastar os animais selvagens — hienas e leopardos, especialmente os primeiros. A grande cruz mostra o túmulo do Bispo Parker, próximo ao de Blackburn. Atrás, à esquerda, um escudo marca o local de descanso de Mackay. Próximo a este está o túmulo de Hunt e depois o de Dunn. Olhando para esta imagem, nossos pensamentos voltam para a imagem de outro túmulo — um solitário — que apareceu no *Gleaner* em maio de 1878. Um monte de pedras semelhante aos do esboço circunda a pedra memorial que nos diz que aqui repousam os restos mortais do Dr. John Smith, um dos cinco primeiros que partiram para o Lago e que foram os pioneiros da Missão. O esboço desta sepultura foi feito pelo Sr. Thomas O’Neill, que, com o Tenente George Shergold Smith, foi morto, poucos meses depois, na ilha de Ukerewe.⁴⁰

Considerado, na perspectiva de Sarah Stock, um local “desinteressante”, o território passou a adquirir um status de importância a partir da inserção dos túmulos de Parker, Blackburn, Mackay, Hunt e Dunn na paisagem. Ainda que singelas e improvisadas, se comparadas ao túmulo do *kabaka* Mutesa I,⁴¹ as lápides tornavam tangível o histórico do programa missionário na região. Duplamente visível — tanto para aqueles que estavam em solo africano, quanto para aqueles que acessavam o território remotamente, pelas páginas dos impressos — o pequeno cemitério situado em Usambiro buscava garantir a perpetuação da memória dos agentes da CMS em Uganda. Memória esta que, como o excerto nos permite

⁴⁰ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “The spot where these five graves are placed appears to be a little gem in the midst of an otherwise uninteresting region. To the left of the sketch drawn by Bishop Tucker is the Lake; to the right are the Mission premises, about two hundred yards distant. The graveyard is surrounded, the Bishop tells us, by a living fence, a hedge of euphorbia, probably planted by Mackay himself. Cairns are placed around the graves to keep off the wild beasts — hyenas and leopards, especially the former. The large cross shows the tomb of Bishop Parker, next to that of Blackburn. Behind, to the left, a shield marks the resting-place of Mackay. Next to this is the grave of Hunt, and then that of Dunn. Gazing on this picture, our thoughts go back to the picture of another grave — a solitary one — which appeared in the *Gleaner* for May, 1878. A similar cairn to those in the sketch encircles the memorial stone which tells us that here rest the mortal remains of Dr. John Smith, one of the party of five who first started for the Lake, and who were the pioneers of the Mission. The sketch of this grave was made by Mr. Thomas O’Neill, who, with Lieutenant George Shergold Smith, was killed, not many months later, on the island of Ukerewe”. STOCK, Sarah Geraldine. “God’s Acre at Usambiro”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 8–9, p. 9.

⁴¹ Conferir, por exemplo, a comparação feita pela mesma autora na edição de fevereiro de 1892 do *The Church Missionary Gleaner*, analisada no segundo capítulo desta tese.

inferir a partir da menção à imagem da sepultura de John Smith, publicada anos antes, em 1878, ia se adensando, por meio de um extenso acervo visual que abastecia com frequência as edições do periódico.⁴²

Além de demonstrarem ao público metropolitano que os religiosos que morreram em missão tiveram um sepultamento considerado digno, seguindo os ritos cristãos, as imagens das lápides buscavam atestar os sacrifícios dos religiosos britânicos no continente africano, cristalizando, no plano visual, a concepção do continente como o “túmulo do homem branco”,⁴³ devido aos elevados índices de mortalidade de europeus na África. Sob a ótica cristã, longe de serem consideradas em vão, as mortes demarcariam apenas o fim da vida terrena, não impedindo a continuidade de um objetivo maior, a propagação da fé religiosa: simbolicamente, os corpos “fertilizariam” a terra e renderiam “frutos”. Ao longo do percurso trilhado por esta pesquisa, o contato com diversas fontes e com a bibliografia especializada no tema,⁴⁴ nos autoriza afirmar que as representações imagéticas de sepulturas de religiosos faziam parte de um léxico visual empregado com recorrência na tarefa de descrever os desafios da presença missionária europeia na África.⁴⁵ Juntamente com outros marcadores acrescentados na paisagem, a cruz, considerada um dos ícones máximos do cristianismo na cultura ocidental, operava como uma das muitas maneiras de demarcação visual do território e ocupação efetiva da terra.⁴⁶

Apresentadas primeiramente aos leitores do *The Church Missionary Gleaner*, as representações da tempestade no lago Victoria Nyanza e do cemitério em Usambiro estamparam, meses depois, as páginas de *Uganda: Its History and its Claim*, publicação anunciada pelo periódico como um “manual para a crise atual” que narrava “de forma popular a história da região e da missão”. Profusamente ilustrada, a obra apresentava aos leitores um breve histórico da presença da CMS em Uganda e fazia um apelo ao público diante das tensões

⁴² JENKINS, Paul. “An Illustrated Look Back Over the First Ninety Years of the Church Missionary Society”. *Adam Matthew Digital*, 2016, pp. 1–16.

⁴³ O historiador Philip Curtin problematiza as reverberações desse estereótipo a partir de estatísticas e narrativas de viajantes britânicos que se deslocaram para a costa da África Ocidental em meados do XVIII. CURTIN, Philip D. “‘The White Man’s Grave’: Image and Reality, 1780–1850”. *Journal of British Studies*, vol. 1, n° 1, nov. 1961, pp. 94–110 e *Idem*, “The End of the ‘White Man’s Grave’? Nineteenth-Century Mortality in West Africa”. *The Journal of Interdisciplinary History*, vol. 21, n°1, 1990, pp. 63–88.

⁴⁴ Conferir o capítulo dois do presente trabalho.

⁴⁵ Ver, por exemplo, as considerações tecidas por Koivunen e Thompson acerca da circulação da fotografia do túmulo de Mary Moffat Livingstone (1821–1862), esposa de David Livingstone, aos pés de um baobá, na região do Zambeze, captada por John Kirk em 1862. KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009, pp. 76–77. THOMPSON, T. Jack. *Light on Darkness? Missionary Photography of Africa in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. Michigan: Eerdmans, 2012, p. 87.

⁴⁶ BROWN, Claire. “Belonging in the Land: Land, Landscape, and Image in Southern African Missionary Encounters, ca. 1840–1915”. *Mission Studies*, n° 35, 2018, pp. 31–56, p. 50.

políticas ocorridas em 1892. Ainda segundo a propaganda feita pelo *The Church Missionary Gleaner*, as gravuras que ilustravam a obra foram feitas por um “artista de primeira linha”, enfatizando o lugar de destaque que as imagens desempenhavam na obra.⁴⁷

As representações “A Storm at the Lake” e “Graves at Usambiro” adquiriram significativo protagonismo entre o conjunto de imagens divulgadas em *Uganda: Its History and its Claim*, ocupando páginas inteiras dos capítulos “Storms Signals”⁴⁸ e “Preces ecclesiae; or, call to pray”.⁴⁹ Novamente, notamos como o tema da tempestade, presente no plano visual e textual, é recuperado como metáfora para as tensões que colocavam em risco a presença da CMS, caso o governo britânico não assumisse o domínio da região após a retirada dos agentes da IBEAC. Compondo um discurso semelhante ao divulgado nas páginas do *The Church Missionary Gleaner*, a imagem das sepulturas dos missionários figura como última ilustração da obra, reiterando os esforços dispensados pela CMS, desde a década de 1870, para garantir a influência britânica no território. Por fim, ainda no universo de circulação das imagens de Tucker, vale mencionarmos o material *The Church Missionary Society’s East Africa Missions* que continha comentários feitos por Sarah Stock sobre os esboços de Tucker.

Como sustentamos ao longo deste trabalho, a visualidade desempenhou papel fundamental na consolidação da dinâmica colonial travada entre a coroa britânica e as lideranças políticas que habitavam Buganda. Os múltiplos circuitos pelos quais as imagens produzidas por Tucker transitaram nos possibilita apreender como a construção de uma visualidade sobre tal dinâmica se alicerçou, entre outros fatores, não apenas na intensa capilaridade desse repertório imagético entre diversas publicações, mas no potencial instrutivo que tais imagens poderiam desempenhar entre os consumidores desses suportes impressos.

4.2. O pitoresco nas paisagens de *Eighteen Years in Uganda and East Africa*

Prosseguindo na análise da produção de Tucker, convém sublinhar que se o acesso aos periódicos e livros ilustrados publicados no início de sua atuação como bispo da África Equatorial Oriental descortina os diferentes usos e níveis de circulação das imagens produzidas *in loco*, a leitura de *Eighteen Years in Uganda and East Africa* fornece elementos preciosos para compreender como Tucker mobilizou seu repertório artístico e seus trabalhos visuais na composição de uma obra de sua própria autoria. Publicada em 1908 em dois volumes, a

⁴⁷ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Editorial notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, nov. 1892, n° 227, vol. XIX, pp. 161–162, p. 161.

⁴⁸ SMITH, *Uganda: Its History and its Claim...*, *op. cit.*, pp. 35–45.

⁴⁹ *Ibidem*, pp. 53–55.

narrativa apresenta ao leitor um balanço dos anos em que Alfred Tucker transitou pelos territórios da costa leste africana e do interior dos Grandes Lagos.

A escrita de Tucker evidencia como as narrativas, por mais que se pretendessem objetivas e imparciais, eram transpassadas pela subjetividade do autor. Sob esse viés, é interessante reparar como, em diversos trechos, o bispo empregou um vocabulário permeado por referências relacionadas ao universo pictórico para descrever as paisagens observadas, tornando notável a sua bagagem artística pessoal, a qual não deixava de se demonstrar atrelada a uma tendência mais ampla de estetização da paisagem, recurso retórico frequente identificado por Mary Louise Pratt em muitas narrativas de expedicionários vitorianos.⁵⁰ Ao discorrer acerca das impressões iniciais sobre a costa oriental da África, Alfred Tucker lançou mão de metáforas visuais a fim de transmitir aos leitores suas primeiras percepções sobre Mombaça (atual Kenya):

De todas as cidades da costa leste da África, Mombaça é, ao mesmo tempo, a mais pitoresca e a mais interessante (...). É feita por homens de todas as nações, famílias e línguas. Árabes e swahilis, no entanto, predominam. Mas persas, banianos, hindus e cingaleses também são encontrados em números consideráveis. A cena que encontramos à primeira vista é nova e surpreendente. É feita de contrastes — brilhantes, cintilantes, luz do sol, profundas e escuras sombras; vestidos brancos como a neve e tez morena. A multidão de figuras em movimentos rápidos e lentos, dá quase a impressão de uma visão caleidoscópica, mudando continuamente em seus matizes e formas. O antigo forte português é uma das características mais pitorescas e marcantes da vila. As suas paredes maciças, que datam quase da época de Vasco da Gama, falam de forma eloquente dos recursos e do poder de Portugal no século XVI. Eles parecem olhar com desprezo para os barracos de ferro galvanizado, dignificados pelo nome de bangalôs, que ficam sob sua sombra. Líquens e plantas rasteiras adicionam beleza de cor às paredes veneráveis.⁵¹

⁵⁰ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999. pp. 339–377.

⁵¹ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “Of all the towns on the east coast of Africa, Mombasa is at once the most picturesque and the most interesting (...). It is made up of men of all nations and kindreds and tongues. Arabs and Swahilis, however, predominate. But Persians, Banyans, Hindus, and Singalese are also to be met with in no inconsiderable numbers. The scene which meets the eye on landing is both novel and striking. It is one made up of contrasts — bright, glittering, sunlight, and deep, dark shadows; snow-white dresses and dark, swarthy complexions. The ever moving multitude of quick and slow-moving figures, conveys almost the impression of some kaleidoscopic view, continually changing both in its hues and form. The old portuguese fort is one of the most picturesque and striking features of the town. Its massive walls dating almost from the days of Vasco da Gama, speak in eloquent terms of the resources and power of Portugal in the sixteenth century. They seem to look with contempt upon the galvanised iron shanties, dignified by the name of bungalows, which stand beneath their shadow. Lichens and creeping plants add beauty of colour to the venerable walls.” TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, pp. 36–37.

O excerto acima é elucidativo de como o bispo anglicano desenvolveu uma narrativa textual pautada em termos que aludem à arena da visualidade, constituída pelo entrelaçamento de práticas, técnicas e artefatos. A cena descrita confere destaque aos múltiplos estímulos visuais, proporcionados, entre outros fatores, pelos “contrastes” entre as cores, derivados dos efeitos da luminosidade solar citada por Tucker. A adjetivação das cores também procura imprimir uma densidade semântica à descrição, buscando aproximar o leitor da paisagem africana por meio do acréscimo de elementos que remetem a aspectos da natureza e do clima (“vestidos brancos como a neve”), familiares para quem narra a paisagem, “temperando-a com alguns pequeninos pedaços de Inglaterra”, como sinaliza Pratt.⁵² A menção ao conjunto de “figuras em movimentos rápidos e lentos”, que provocam a sensação de uma “visão caleidoscópica” a partir da alternância dos “matizes e formas”, remete às experiências visuais pautadas pela sucessão de imagens, potencializadas pelo advento de uma ampla gama de aparelhos ópticos, como, por exemplo, o caleidoscópio⁵³ e a máquina fotográfica.

De acordo com Jonathan Crary, o estatuto da visão, compreendido como uma construção histórica, ocupou o cerne de estudos que abarcavam interesses científicos, fisiológicos e debates filosóficos.⁵⁴ Adotando esse viés analítico, é interessante notar como a forma empregada por Tucker para descrever a cena, ou seja, a experiência da visualidade apreendida naquele contexto, demonstra-se claramente perpassada pela noção de simultaneidade e pela incorporação de novas tecnologias proporcionadas pelo uso de

⁵² Sobre a estetização da paisagem e o emprego de adjetivos identificados no relato do expedicionário Richard Burton sobre o lago Tanganyika na década de 1860, Mary Louise Pratt discorre: “A paisagem é representada como sendo extremamente rica em substância material e semântica. Tal densidade é alcançada especialmente por meio de um enorme número de modificadores adjetivais — é raro que um substantivo apareça no texto sem ser modificado. Note-se, também, que muitos dos modificadores são derivados de substantivos (como “juncosa” (*sedgy*), “coroadada” (*capped*) ou “similar a morrotes” (*mound-like*)) e assim acrescentam densidade pela introdução de objetos ou materiais adicionais no discurso. Têm interesse particular neste contexto uma série de expressões de cores nominais: “verde *esmeralda*”, “espuma *nevada*”, “montanha cor de *aço*”, “neblina *pérola*”, “cor de *ameixa*”. Ao contrário dos adjetivos puros de cor, estes termos inserem referentes materiais na paisagem, referentes que invariavelmente, do aço à neve, ligam explicitamente a paisagem à cultura nativa do explorador, temperando-a com alguns pequeninos pedaços de Inglaterra”. PRATT, *op. cit.*, pp. 343–344. Itálicos da autora.

⁵³ Ainda que haja registros de que o caleidoscópio fosse utilizado de maneira recreativa desde meados do XVII, seu reconhecimento como aparelho óptico se deu a partir da padronização do formato desenvolvido pelo físico David Brewster (1781–1868) na Inglaterra, na década de 1810. O modelo de caleidoscópio inventado por Brewster possuía um formato tubular que continha pequenos pedaços de vidro com cores variadas e três espelhos que formavam um ângulo entre 45 a 60 graus. Os fragmentos de vidro refletiam-se nos espelhos, cujos reflexos simétricos, provocados pela luz, geravam efeitos visuais coloridos. Conferir tratado sobre o referido dispositivo em: BREWSTER, David. *The Kaleidoscope: Its History, Theory, and Construction with its Application to the Fine and Useful Arts*. Londres: John Murray, 1858.

⁵⁴ CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, pp. 11–32.

equipamentos popularizados ao longo do XIX,⁵⁵ os quais promoveram profundas reconfigurações nas relações tecidas entre o sujeito observador e as maneiras de fruir e representar a realidade.

Ainda sobre a passagem destacada, chama-nos a atenção a recorrência do termo pitoresco para se referir à edificação fortificada que remonta ao período da presença portuguesa na porção leste do continente africano. Longe de se apresentar como um adjetivo aleatório presente no relato de Tucker, o emprego da expressão revela-se profundamente atrelado ao vocabulário relacionado às convenções pictóricas. Vale a pena sublinhar que a representação de cenários e paisagens consideradas pitorescas tornou-se uma das principais categorias no âmbito da produção em aquarela no período analisado.

Em linhas gerais, o conceito de pitoresco adquiriu contornos mais nítidos durante a segunda metade do XVIII e obteve significativa difusão por meio dos escritos de Uvedale Price (1747–1829), Richard Payne Knight (1751–1824) e William Gilpin (1724–1804).⁵⁶ Autor de obras que abarcavam peças religiosas, aquarelas e narrativas de viagem, este último é considerado um dos principais divulgadores dessa concepção estética. Segundo as formulações teóricas do reverendo anglicano presentes em *Três ensaios sobre a beleza pitoresca* (*Three Essays: On Picturesque Beauty; On Picturesque Travel; and on Sketching Landscape*) de 1792, o pitoresco, situado entre a noção de belo e de sublime,⁵⁷ estava atrelado a composições artísticas que buscavam se contrapor ao ideal clássico de beleza, enfatizando, por sua vez, aspectos relacionados às noções de diversidade e irregularidade. Fortemente associada à experiência do deslocamento, a procura por aspectos considerados singulares aos olhos dos viajantes, frente a novas realidades que se descortinavam, deu vazão a uma série de publicações que continham a expressão “viagens pitorescas” em seus títulos.⁵⁸ A atenção dispensada ao

⁵⁵ No esforço de traçar uma espécie de arqueologia da formação do novo modelo de espectador no XIX, Crary recupera, além do caleidoscópio, outros artefatos ópticos inventados no período como o diorama, o fenacistoscópio, o estroboscópio, taumatrópio e o zootrópio. *Ibidem*, pp. 113–116.

⁵⁶ ROSS, Stephanie. “The Picturesque: An Eighteenth-Century Debate”. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, vol. 46, n° 2, 1987, pp. 271–279.

⁵⁷ Tais categorias foram debatidas por Edmund Burke em *Uma investigação filosófica acerca da origem das nossas ideias do sublime e do belo* (*A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful*), tratado publicado pela primeira vez em 1757. De maneira sintética, para Burke, o belo se caracterizava por “(...) ser comparativamente pequeno e de textura lisa, apresentar variação gradual, ter um perfil delicado e possuir cores claras e brilhantes, mas não fortes nem resplandecentes”. Já o sublime estaria relacionado ao “(...) o que age adequadamente para excitar as idéias de dor e perigo, isto é, tudo o que de alguma maneira é terrível ou que se relaciona com objetos terríveis, ou que age de maneira análoga ao terror (...)”. BURKE *apud* DIENER, Pablo. “A viagem pitoresca como categoria estética e a prática de viajantes”. *Revista Porto Arte*, Porto Alegre, v. 15, n° 25, pp. 59–3, 2008, pp. 62–63.

⁵⁸ Entre o vasto catálogo de obras editadas entre os séculos XVIII e XIX que versaram sobre territórios europeus e americanos e que se enquadram nesse gênero, podemos elencar: *Voyage pittoresque, ou descriptions des*

exercício de contemplação de elementos da natureza, da sociedade e da paisagem urbana, com enfoque para os traços interpretados como exóticos ao observador, situava-se como uma orientação fundamental para a conformação dessas narrativas.

Aproximando a discussão sobre o pitoresco ao nosso objeto de análise, é relevante atentarmos para as ressonâncias do conceito no quadro das movimentações britânicas em espaços extra-europeus durante o último quartel do XIX. De acordo com Jeffrey Auerbach, há uma vinculação ideológica muito íntima entre a noção de pitoresco e o imperialismo.⁵⁹ O historiador norte-americano argumenta que mais do que produzir um efeito de diferença aos olhos do observador, o pitoresco atuou como elemento unificante e, ao mesmo tempo, homogeneizador que permitiu condensar, em dimensões visuais, porções muito distintas do império britânico. Seguindo essa linha também discutida por David Cannadine, a tentativa de forjar noções de semelhanças e familiaridade com o intuito de reordenar os territórios estrangeiros, ancorava-se, portanto, muito mais na ideia de “construção de afinidades” do que alteridades.⁶⁰ Como sustenta Auerbach, a construção de uma visualidade alinhada aos princípios da estética pitoresca nesse cenário deve ser compreendida à luz dos trânsitos de artistas dentro e fora da Grã-Bretanha que, longe de transplantarem um modelo pictórico para o além-mar, foram desenvolvendo um repertório iconográfico que articulava convenções artísticas adquiridas previamente com a incorporação de novos elementos captados em campo. Assim, distanciando-se de uma concepção dualista das relações imperiais, na interpretação proposta pelo historiador, o pitoresco pretendia não apenas homogeneizar as regiões do império britânico, mas borrar suas barreiras, diluindo, na esfera do visual, as fronteiras entre os britânicos e seu império, dentro e fora, metrópole e periferia.⁶¹

Ao lado dos aspectos da natureza e de cenas da vida cotidiana, o apreço por monumentos, de preferência em estado de ruína,⁶² configurava-se como um tópico recorrente

royaumes de Naples et de Sicile, do abade de Saint-Non (1781), *Voyage pittoresque des Isles de Sicile, de Malte et de Lipari*, de Jean-Pierre Louis Laurente Hoüel, (publicado entre 1782 e 1787), *Voyage pittoresque et archéologique dans la partie la plus intéressante du Mexique*, de Carl Nebel (1836), *Voyage pittoresque et archéologique dans la province de Yucatán pendant les années 1834 et 1836*, de Jean-Frédéric Waldeck (1838), *Viagem pitoresca através do Brasil*, de Johann Moritz Rugendas, (1827–1835) e *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1834–1839), de Jean-Baptiste Debret. COSTA, Thiago. “Pitoresco, um pensamento de arte”. *Domínios da Imagem*. Londrina, vol. 9, nº 17, pp. 218–236, jan./jun. 2015, p. 220.

⁵⁹ AUERBACH, Jeffrey. “The Picturesque and the Homogenisation of the Empire”. *The British Art Journal*, vol. 1, nº 5, pp. 47–54, 2004.

⁶⁰ CANNADINE, David. *Ornamentalism: How the British Saw Their Empire*. Londres: Penguin, 2001, p. XIX.

⁶¹ AUERBACH, *op. cit.*, p. 51.

⁶² Destaca-se, nesse quadro, a admiração por ruínas do mundo greco-romano. De acordo com a historiadora Cristina Meneguello: “A ruína tem sido o traço de arquitetura com maior poder de evocação do passado, imbuída na origem de sua apreciação da transitoriedade dos poderes terrenos e a debilidade das conquistas humanas. Ao

dentro do repertório temático do pitoresco. Partindo dessas considerações, a afirmação tecida por Alfred Tucker de que “antigo forte português é uma das características mais pitorescas e marcantes da vila” ia ao encontro dessa perspectiva. Materializando o contraste entre passado e presente, é digno de nota a menção à estrutura da edificação, composta por “paredes maciças, que datam quase da época de Vasco da Gama” que se contrapõem aos “barracos de ferro galvanizado” que ocupam o entorno. Sabemos que o emprego do ferro na estrutura dessas habitações estava em sintonia com a propagação desse tipo de material, o qual adquiriu forte protagonismo durante o século XIX na construção de distintas obras arquitetônicas que correspondiam ao estilo industrial, como pontes, ferrovias, edifícios e pavilhões, por exemplo. Convém frisar que na percepção do bispo, a fortificação quinhentista é apresentada como testemunho físico que expressa o “poder” de Portugal em séculos anteriores. Na medida em que o forte, erigido no período moderno, é considerado “eloquente” e olha com “desprezo” para os “bangalôs” construídos em seus arredores, é possível afirmar que Tucker apresenta, nesse contexto, uma visão de valorização do passado, em detrimento do presente. Entretanto, observada à luz da conjuntura política e econômica internacional, ao mesmo tempo em que o bispo exalta a fortaleza como vestígio material que evocava os feitos lusos na costa oriental africana no século XV, tal declaração também parece fixar Portugal em um passado distante. Partindo desse pressuposto, a fala de Tucker parece reservar à nação portuguesa uma condição pretérita se comparada às potências europeias que passaram a disputar sua hegemonia em diferentes pontos do continente africano, especialmente após a Conferência Geográfica de Bruxelas (1876) e as resoluções estabelecidas com a Conferência de Berlim (1884–1885).⁶³ Assim, na configuração do tabuleiro geopolítico das últimas décadas do XIX, composto por novos atores, como a Alemanha, Portugal⁶⁴ já não representava uma ameaça significativa às

menos foi assim que os visitantes entenderam as ruínas de Roma, principalmente com as viagens pitorescas do século XVIII (...). Ao século XIX cabe realizar a resignificação das ruínas, como documento histórico e arquitetônico, constituindo a ideia de locais segregados a serem preservados”. MENEGUELLO, Cristina. *Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008, p. 84.

⁶³ Para uma visão sobre os principais pontos definidos nas citadas conferências, consultar, respectivamente: WESSELING, Henk L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880–1914)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Editora Revan, 2008, pp. 98–101 e BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006, pp. 78–101.

⁶⁴ É indispensável salientar que se as movimentações imperiais portuguesas não ofereciam grandes riscos para a instalação do poder britânico nessa porção específica dos Grandes Lagos africanos, em outras regiões da África Oriental, como em Moçambique, por exemplo, Portugal apostou em uma série de expedições e ações militares a fim de tentar conter as resistências das sociedades locais frente à posse da propriedade da terra. Para pesquisas historiográficas brasileiras desenvolvidas sobre os embates entre agentes portugueses e as populações africanas em Moçambique, no final do XIX, ver, entre outros: SANTOS, Gabriela Aparecida dos. *Reino de Gaza: o desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821–1897)*. São Paulo: Alameda Editorial, 2010 e

forças britânicas em Uganda, principalmente após a assinatura do tratado anglo-português, em 1891, o qual reconhecia a influência lusa em Angola e Moçambique, e definia a esfera de influência britânica na África Central.

Retomando a análise do trecho, outro elemento que evidencia a passagem do tempo é a vegetação que encobre as “paredes veneráveis” do edifício militar. Na perspectiva adotada por Tucker, longe de serem interpretados como sinais de deterioração do forte, os “líquens e plantas rasteiras adicionam beleza de cor” à sua estrutura, sendo interpretados como “ornamentos da natureza”. Esse tipo de pensamento — no qual a beleza residiria justamente nas imperfeições e irregularidades provocadas pela interferência do tempo e pela ação da natureza sobre o objeto — se alinha às concepções estéticas defendidas por John Ruskin, teórico já mencionado com quem Tucker havia estabelecido contato durante o tempo de estudos em Oxford.

Além dos relatos textuais, o contato com os dois volumes de *Eighteen Years in Uganda and East Africa* nos permite identificar como o bispo canalizou suas habilidades artísticas para retratar a edificação militar situada em Mombaça, conforme é possível verificar a partir do conjunto de representações visuais que ilustram as páginas das fontes analisadas.



Figura 3 - *A Bit of the Old Fort, Mombasa*



THE FORT, MOMBASA

Figura 4 - *The Fort, Mombasa*



A BIT OF THE INTERIOR OF THE OLD FORT, MOMBASA

Figura 5 - *A Bit of the Interior of the Old Fort, Mombasa*



Figura 6 - *A Well in the Old Fort, Mombasa*

O repertório visual selecionado entremeia distintos trechos da narrativa de Tucker. As três primeiras figuras (figuras 3–6) reproduzidas integram o volume um de *Eighteen Years in Uganda and East Africa*,⁶⁵ e a figura 4 compõe o segundo tomo do livro.⁶⁶ Os traços de Tucker procuram realçar a diversidade de texturas presentes nos contornos das rochas, nas fendas das paredes da fortificação e nas ondas marítimas em movimento, seguindo as convenções da estética do pitoresco, a qual, como mencionamos, privilegiava efeitos de contraste, pautado no destaque para a aspereza e irregularidade das superfícies.

Retratada a partir de diferentes ângulos externos e internos, a edificação denominada como “antigo forte” é o forte São José. Já o edifício identificado na legenda como “forte” trata-se da fortaleza Jesus de Mombaça.⁶⁷ Erigida entre os anos de “(...) 1593- e 1594 por pedreiros vindos das Índias e por trabalhadores de Melinde, dirigidos por um arquiteto italiano”,⁶⁸ a fortaleza é fruto das tensões entre portugueses e mercadores árabes na tentativa de estabelecer

⁶⁵ TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, p. 16, p. 36 e p. 290.

⁶⁶ *Idem*, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. II, *op. cit.*, p. 62.

⁶⁷ Desde 2011, a fortaleza é reconhecida como Sítio Patrimônio Mundial pela UNESCO. Dados retirados do portal da instituição: <http://whc.unesco.org/en/list/1295/>. Última visita em: 05/02/2021.

⁶⁸ SALIM, A. I. “A costa oriental da África”. In: OGOT, Bethwell Allan (ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII* (Vol. V). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 883–913, p. 898.

o controle de rotas comerciais já existentes que cruzavam o Índico.⁶⁹ Outro resquício material que atesta a presença lusa na região leste do continente africano foi o pilar construído em 1498 para celebrar o tratado estabelecido entre o navegador português e o soberano muçulmano de Melindi (grafado Malindi na língua swahili), representado em “Vasco da Gama’s Pillar, Malindi” (figura 7).⁷⁰



Figura 7 - Vasco da Gama’s Pillar, Malindi

No longo trajeto para Uganda, outra cidade além de Mombaça despertou a atenção do bispo, motivando uma descrição rica em detalhes. Sobre Zanzibar, Alfred Tucker pontua:

O interesse pela beleza e pela novidade da cena que passou por nós como um panorama em movimento, à medida que deslizávamos, fez com que esquecêssemos nossas misérias e esperássemos com alegria a chegada ao nosso destino. Não demorou muito para que essa cidade aparecesse. No início, parecia uma cidade de palácios emergindo do mar — como uma fada em seus tons de branco, azul e dourado. Uma visão mais próxima, porém, dissipou muitas das ilusões que a perspectiva distante evocava. Mas ainda assim, Zanzibar [vista] do mar é, e sempre será — com sua casa branca, seus pitorescos pequenos

⁶⁹ Segundo Diogo Ramada Curto: “Vasco da Gama descobriu esta região em 1498, beneficiando-se dos contatos desde há muito estabelecidos entre Melinde e Calecut (...). Os portugueses reproduziam, assim, as rotas comerciais já estabelecidas no Índico”. CURTO, Diogo Ramada. *Cultura imperial e projetos coloniais (séculos XV a XVIII)*. Campinas: UNICAMP, 2009, p. 88.

⁷⁰ TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, p. 138.

barcos à vela ancorados e o embarque de todas as plataformas e nacionalidades — um cenário de beleza singular e incomparável. (...)

A cidade de Zanzibar é uma maravilha do pitoresco oriental. As suas ruelas estreitas e tortuosas formam um labirinto no qual, a menos que se tenha muito cuidado, logo se perde. Como em Mombasa, também em Zanzibar, hindus, banianos, parses, na verdade, representantes de quase todas as nações sob o sol, lotam as ruas estreitas e os mercados. O árabe em seu “Joho” preto ou vermelho — o swahili em seu “Kanzu” branco — as mulheres ostentando seu “Visuto”, flamejando em todas as cores do arco-íris, formam uma imagem sempre variando em sua luz e tonalidade, e ainda assim, deixa uma impressão definida e quase indelével na mente.⁷¹

Como é possível notar, ainda que Tucker discorra sobre algumas peculiaridades de Zanzibar, a descrição acima apresenta muitos pontos de contato com a estrutura do excerto sobre Mombaça, anteriormente analisado. Mais uma vez, a maneira de narrar a cidade se apresenta profundamente moldada pelas impressões visuais do autor. A percepção sobre a beleza e a novidade da cena, que se descortina como um “panorama em movimento”, evidencia o caráter de mobilidade do olhar do observador em contraposição a uma posição fixa, condição que passou a ser paulatinamente dissolvida com o processo de autonomização da visão. Situando-se como uma das muitas “máquinas de ver” patenteadas no final do XVIII,⁷² mas popularizadas no oitocentos, o panorama tratava-se de uma espécie de caixa óptica de grandes dimensões na qual se projetava imagens de paisagens naturais ou urbanas. Por meio da sobreposição de recursos visuais e sonoros diversos, o panorama buscava fornecer a vista

⁷¹ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “Interest in the beauty and novelty of the scene which swept past us like a moving panorama, as we glided along caused us to forget our miseries, and to look forward with something like cheerfulness to our arrival at our destination. It was not long before that city came into view. At first it seemed like a city of palaces rising out of sea-fairy like in its white, blue and gold tints. A closer view, however, dispelled many of the illusions which the distant prospect conjured up. But still, Zanzibar from the sea is, and always will be — with its white house, its picturesque dhows lying at anchor, and shipping of every rig and nationality — a scene of singular and surpassing beauty (...). The city of Zanzibar is a marvel of oriental picturesqueness. Its narrow and tortuous lanes form a labyrinth in which, unless very careful, you soon get lost. As in Mombasa, so in Zanzibar, Hindus, Banyans, Parsees, in fact, representatives of almost every nation under the sun, crowd the narrow streets and market-places. The Arab in his black or red “Joho” — the Swahili in his white “Kanzu” — the women flaunting in their “Visuto”, flaming in all the colours of the rainbow, form a picture ever varying in its light and shade, and yet one which leaves a definite and almost indelible impression on the mind”. TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, pp. 39–40.

⁷² Segundo Heloisa Barbuy: “Desde os últimos anos do século XVIII e durante todo o século XIX, ao lado dos pequenos instrumentos/brinquedos ópticos de uso individual, algumas invenções de maior porte, destinadas a apresentações coletivas, tornam-se foros de diversão pública. Traziam nomes diversos, tais como cosmoramas, neoramas, dioramas, panoramas... (...). Não por acaso, o sufixo ‘oramo’, de origem grega, significa ‘ver’. Trata-se, de fato, da plena ocorrência de uma revolução visual sem precedentes e que representa transformações profundas nas formas de apreensão — e de concepção — da realidade pelo homem. Um desses inventos é o panorama, patenteado pelo escocês Robert Barker, em 1787”. BARBUY, Heloisa. “Resenha de Bernard Comment. *Le XIXe siècle des panoramas*. Paris: Adam Biro, 1993”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, ser. vol. 2, pp. 321—331, jan./dez. 1994, p. 322.

integral de uma determinada cena à plateia de espectadores que fruía do espetáculo visual, a partir de uma plataforma elevada que ocupava o centro do aparelho óptico.⁷³

Mais à frente, é interessante reparar como Tucker refina suas percepções sobre Zanzibar na medida em que aproxima o seu olhar sobre a cidade. Assim, se à primeira vista os fragmentos das imagens, que se assemelhavam a um “panorama em movimento”, proporcionavam ao bispo a sensação de que Zanzibar era “uma cidade de palácios emergindo do mar”, o encurtamento da distância física entre o narrador e a realidade observada, por sua vez, “dissipou muitas das ilusões que a perspectiva distante evocava”. Dito de outro modo, a descrição elaborada por Alfred Tucker parece fazer coro aos efeitos ilusórios provocados pelo panorama. Nesse sentido, é a própria noção do conjunto, isto é, a visão panorâmica de Zanzibar que, ao nublar os detalhes daquilo que era visto, autorizava o narrador a associar, como em uma ilusão de ótica, a paisagem citadina a uma “fada em seus tons de branco, azul e dourado”.

Ao avançarmos na leitura da passagem, nos deparamos com a declaração de que, sob as lentes de Tucker, Zanzibar se descortinava como uma “maravilha do pitoresco oriental”. Conforme sinalizamos nas páginas anteriores, o termo pitoresco é empregado com recorrência para descrever diferentes aspectos de Mombaça e de Zanzibar visualizados por Tucker. Sobre tal afirmação, acreditamos ser indispensável sublinhar que mais do que uma referência acerca da localização geográfica, a mobilização da palavra oriental revela-se, aqui, impregnada pelas projeções de um imaginário ocidental sobre a ideia do Oriente, como já demonstrou Edward Said.⁷⁴ Ampliando o debate sobre o tema, autores como John Mackenzie também se aprofundaram na análise acerca das apropriações do conceito de Orientalismo nos campos das artes visuais, da arquitetura e da música, revelando como o entrecruzamento entre as referências oriundas das noções de Ocidente e Oriente produziram discursos assimétricos de poder.⁷⁵ Desse modo, assim como o pitoresco pode ser interpretado como uma categoria aglutinadora, a noção de Oriente — e suas ramificações orientalizantes — também operava como uma ideia que

⁷³ Em seu ensaio “Paris, a capital do século XIX”, o teórico Walter Benjamin estabelece distinções sobre o processo de constituição do sujeito urbano moderno a partir das novas formas de apreensão do mundo na ótica do observador de panoramas e na percepção do *flâneur*, figura emblemática retratada nos escritos do poeta Charles Baudelaire. BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX”. In: KOTHE, Flávio (org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985, pp. 31—43.

⁷⁴ “O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’”. Desse modo, uma enorme massa de escritores entre os quais estão poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, ‘mente’, destino e assim por diante”. SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 2012, pp. 13–15.

⁷⁵ MACKENZIE, John. *Orientalism: History, Theory and the Arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

buscava compactar diferentes sistemas sociais e culturais a partir do apagamento de suas singularidades e tensões.

Em outra parte do trecho, um dos alvos da atenção do bispo é a multiplicidade de povos representantes de distintas identidades e culturas que percorriam as ruas de Zanzibar ostentando indumentárias específicas, cujas variedades de cores remetiam a um “arco-íris”, compondo uma “imagem sempre variando em sua luz e tonalidade”. Entretanto, é interessante sinalizar que embora a escrita de Tucker revele um direcionamento do seu olhar para o aspecto cosmopolita não só de Zanzibar,⁷⁶ como também de Mombaça, evidenciado pela circulação de hindus, banuanes, parses, árabes e swahilis, tais presenças sociais não foram tema dos trabalhos pictóricos do missionário publicados em *Eighteen Years in Uganda and East Africa*. Se no plano textual o dinamismo cultural das cidades da costa da África Oriental descritas pelo religioso da CMS ao longo de seu percurso para Uganda é abordado, ao reordenar a realidade no campo pictórico esta efervescência social é eclipsada, dando lugar para representações de espaços urbanos praticamente ausentes de figuras humanas. Apontamento semelhante pode ser feito a respeito da narrativa visual que vai se constituindo durante o deslocamento de Alfred Tucker do litoral para a região dos Grandes Lagos. A análise do conjunto visual produzido ao longo da viagem rumo ao interior do território selecionado para ilustrar o livro, nos possibilita identificar uma notável prevalência de paisagens naturais, com destaque para vista de montes e lagos. Dentro dessa categoria, notamos uma espécie de prolongamento entre certos temas e padrões de representação sobre Uganda que marcaram o repertório iconográfico de viajantes que haviam circulado pelo território desde a década de 1860. Como discutimos no capítulo anterior, presente nas obras de Speke e Stanley, os registros visuais sobre Mengo (figura 8)⁷⁷ e as cataratas Ripon (figura 9)⁷⁸ também não deixaram de ser contemplados na produção de Tucker. Em nossa perspectiva, tais permanências parecem reforçar a ideia de uma linha de continuidade na constituição de uma determinada narrativa visual sobre Uganda, que visava conferir destaque para as potencialidades dos recursos naturais e os espaços de poder político das autoridades africanas. Os trabalhos visuais de Tucker apresentam ao leitor cenas de uma

⁷⁶ Verificar o esboço da vista do porto de Zanzibar intitulada “The town of Zanzibar (from a sketch by Bishop Tucker)” elaborada pelo bispo da varanda de Gerald Portal, cônsul-geral britânico em Zanzibar, publicada no *The Church Missionary Gleaner*. Segundo as informações do periódico: “Zanzibar, a sketch of which (taken from the balcony of the Consul-General’s house by Bishop Tucker) we give on the opposite page, is one of the two great ports on the Eastern African coast, and as such is closely involved in the present stirring questions. Mombasa is the head-quarters of the I.B.E.A. Company, but it is at Zanzibar that Her Majesty’s Consul-General lives. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Our Pictures”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n° 227, vol. XIX, nov. 1892, pp.164–165.

⁷⁷ TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, p. 82.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 222.

África com paisagens naturais estetizadas, ausente de telégrafos, dos barcos a vapor e da estrada de ferro,⁷⁹ estruturas identificadas pelo bispo como expressões do progresso e símbolos de uma “nova era”,⁸⁰ mas não abordados em seus registros visuais.



Figura 8 - Mengo, the Capital of Uganda

⁷⁹ Segundo Tucker, a ferrovia foi essencial para assegurar a posição da Grã-Bretanha no Nilo e em Uganda: “Only a railway could secure to Great Britain that position of strategic importance with respect to the Nile, which, in the providence of God, working through Missionary enterprise, she now occupied in Uganda”. *Ibidem*, p. 298. Em outra passagem, o autor estabelece uma relação entre o advento da estrada de ferro e o fim do tráfico de escravizados: “Then again the Uganda railway has put an end to the lingering life of the slave traffic. In the old days a tusk of ivory meant a slave to carry it to the coast. Now, however, ivory is brought down country by rail. It is cheaper, and therefore pays better. And so once again, through the construction of the Uganda railway and the operation of economic laws, is humanity the gainer.” *Ibidem*, vol. II, p. 291.

⁸⁰ “As we have already seen, the dawning of the new century was for Uganda the dawning of an era of change. The old order of things was passing away. The legislation of 1900 was responsible for much - the break up of the feudal system and the introduction of rent and wages. In 1901 three order silent but irresistible forces commenced to work in the same direction changing almost imperceptibly, but very really, the lives of thousands. I refer to the electric telegraph, steam communication across the Lake, and the Uganda Railway”. *Ibidem*, p. 286.



Figura 9 - Ripon Falls — The Birthplace of the Nile

Ainda que a representação de indivíduos ou de grupos de pessoas não tenha ocupado lugar de primazia entre as imagens que integram os dois volumes de *Eighteen Years in Uganda and East Africa*, chama-nos particularmente a atenção algumas poucas imagens que se enquadram nesta categoria, em especial, as ilustrações “The Queen Mother of Mwangi” (figura 10)⁸¹ e “A Muganda Porter” (figura 11).⁸² Destoando das aparições humanas — muitas vezes reproduzidas em escala diminuta — que acompanham as cenas registradas por Tucker, as duas imagens elencadas são, respectivamente, retratos da *namasole*,⁸³ título de soberana da mãe do *kabaka* Mwangi II, e de um jovem carregador baganda. Como é possível identificar, ainda que pertençam ao mesmo gênero do retrato, as ilustrações mencionadas possuem naturezas e estruturas formais bem distintas. Ocupando o primeiro plano da imagem, a dignatária é representada dentro de um ambiente interno trajando uma vestimenta feita com a pelagem de

⁸¹ *Ibidem*, vol. I, p. 26.

⁸² *Ibidem*, p. 256. Muganda é o singular de baganda.

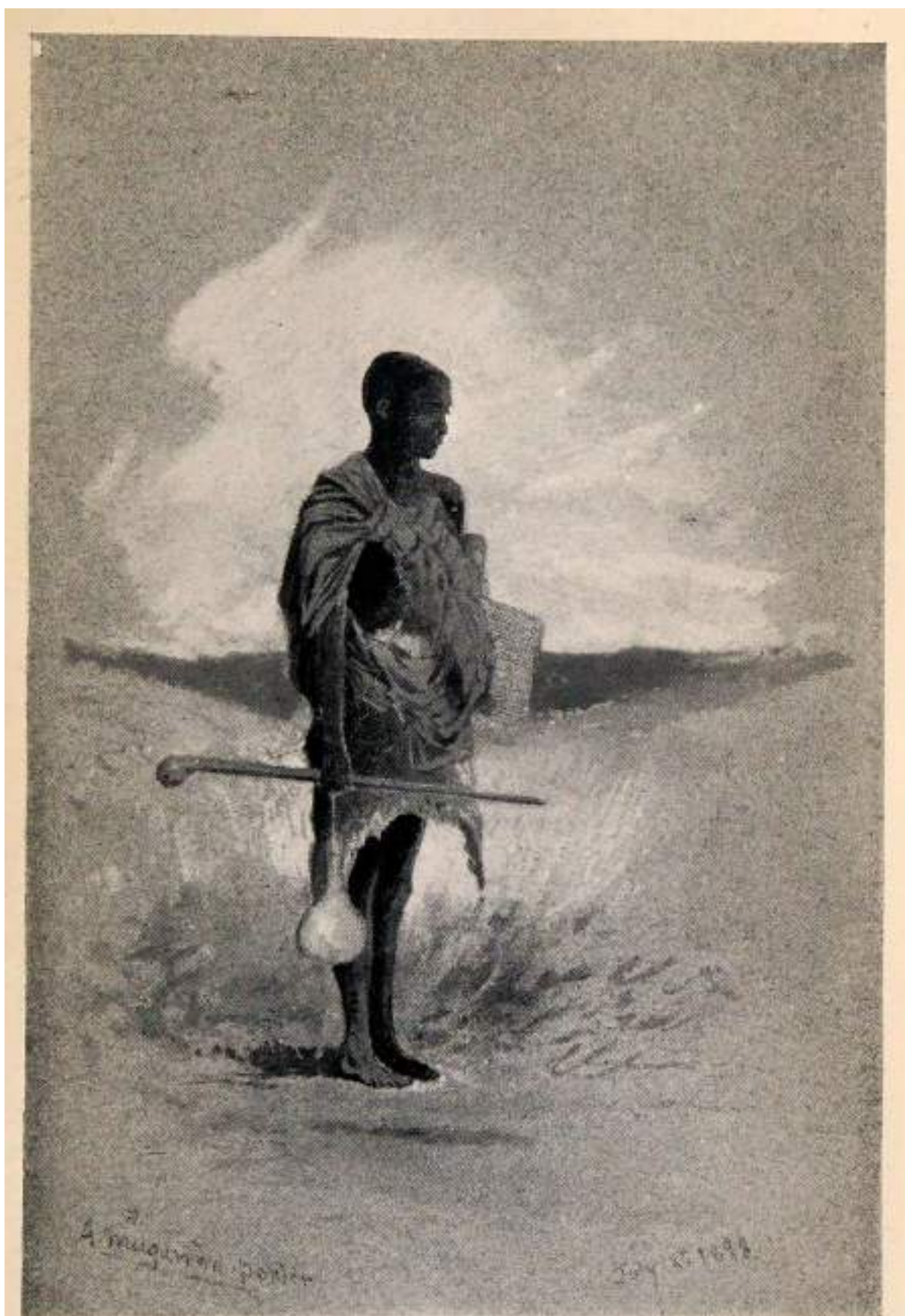
⁸³ Para apontamentos sobre o papel político exercido pelas mulheres que detinham esse título dentro da estrutura de poder na corte de Buganda, ver: SCHILLER, Laurence D. “The Royal Women of Buganda”. *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 23, nº 3, pp. 455–473, 1990.

um felino, símbolo de poder e autoridade, ostentado apenas por lideranças que detinham as mais elevadas posições na hierarquia política.⁸⁴



Figura 10 - *The Queen Mother of Mwanga*

⁸⁴ Sobre a incorporação de insígnias de poder como parte do vocabulário político mobilizado por autoridades em distintas sociedades africanas, consultar, entre outros: SERRANO, Carlos Moreira Henriques. “Poder, símbolos e imaginário social”. *Angola, os símbolos do poder na sociedade tradicional*. Coimbra: Centro de Estudos Africanos. Universidade de Coimbra, 1983, pp. 49–66; MUNANGA, Kabengele; MANZOCHI, Helmy Mansur. “Símbolos, poder e autoridade nas sociedades negros-africanas”. *Dédalo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: MAE/USP, n. 25, 1987, pp. 23–38 e ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. *Comércio, bens de prestígios e insígnias de poder: as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884–1888)*. São Paulo: Intermeios, 2019, pp. 194–217.



A MUGANDA PORTER

Figura 11 - *A Muganda Porter*

Um feixe de luz externo incide sobre o corpo da mãe do *kabaka*, cujo rosto (única feição que é possível de ser visualizada no ambiente), é retratado observando seu interlocutor. A composição da imagem nos possibilita estabelecer um paralelo com o registro fotográfico de Mutesa I e as chefaturas locais, produzido décadas anteriores por Henry Morton Stanley.⁸⁵ Ao posar para Alfred Tucker, pressupomos que a soberana autorizou que sua imagem fosse captada pelo bispo, conferindo visibilidade a uma espécie de acordo entre ambos.

Adotando um padrão visual diferente, “A Muganda Porter” (figura 11) apresenta o retrato de um jovem carregador de origem baganda. Como mencionamos em outros capítulos desta tese, os carregadores desempenharam função indispensável para a manutenção da dinâmica da circulação de europeus pelo território.⁸⁶ Sobre os trabalhadores que acompanhavam a incursão dos missionários por terras africanas, Tucker afirma:

Não era incomum para um missionário ter vinte carregadores pagos e duzentos acompanhantes não pagos. A grande vantagem para o viajante nesse arranjo era que, no caso de um carregador que adoecia, havia vinte homens para ocupar seu lugar. Ou, se o próprio viajante adoeceu, havia sempre carregadores à disposição para o transportar. Os homens que não trabalhavam pagavam sua passagem pelo país vendendo tabaco ou pás de sua própria manufatura, que carregavam com eles. O principal objetivo dos carregadores e seguidores era chegar à costa e transportar uma carga para a qual geralmente bons salários foram pagos.⁸⁷

É válido lembrar que os carregadores foram tema de um número significativo de fotografias, desenhos e gravuras que integram o repertório documental produzido por viajantes

⁸⁵ Para uma discussão mais detalhada sobre a fotografia e as gravuras derivadas desse registro, conferir o primeiro capítulo deste trabalho.

⁸⁶ O artigo de Stephen Rockel demonstra o quão indispensável foram as atuações de carregadores nyamwezi como protagonistas das operações comerciais de longa distância empreendidas na região da Tanzânia entre 1870 e 1880: ROCKEL, Stephen J. “‘Nation of Porters’: The Nyamwezi and the Labour Market in Nineteenth-Century Tanzania”. *The Journal of African History*, vol. 41, n° 2, 2000, pp. 173–195. Já a abordagem de Karin Pallaver retoma a importância da atuação dos nyamwezi na estruturação das caravanas de comércio a partir das narrativas missionárias: PALLAVER, Karin. “Nyamwezi Participation in Nineteenth-Century East African Long-Distance Trade: Some Evidences from Missionary Sources”. *Africa: Rivista trimestrale di studi e documentazione dell’Istituto italiano per l’Africa e l’Oriente*, ano 61, n° 3/4, 2006, pp. 513–531.

⁸⁷ Traduzido e adaptado pela autora a partir do original: “It was no uncommon thing for a missionary to have twenty paid porters and two hundred unpaid followers. The great advantage to the traveller in this arrangement was that on a porter falling sick there were twenty men to take his place. Or, if the traveller fell sick himself, there were always porters at hand to carry him. The men who did no work paid their own way down country by selling tobacco or spades of their own manufacture, which they carried with them. The main object of porters and followers alike was to get to the coast and to carry back a load for which usually good wages were paid”. TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, pp. 132–133.

durante a segunda metade do século XIX.⁸⁸ Em termos formais, ao optar por representar individualmente um jovem carregador, a aquarela produzida por Tucker destoa de boa parte dos registros de grupos de carregadores que eram representados coletivamente. O carregador, que não é identificado na legenda, é apresentado como um exemplar do “tipo” baganda, conferindo um viés etnográfico ao registro visual produzido por Tucker, ainda que o bispo não declare essa intenção.

4.3. Visões sobre arquitetura “nativa” e a formação do clero local

A incidência de imagens publicadas ao longo dos dois volumes de *Eighteen Years in Uganda and East Africa* que abordam o interior de cômodos também nos permite tecer considerações acerca das formas como as interações entre os ambientes internos e externos foram interpretados visualmente pelo autor. Conforme discussões empreendidas anteriormente, a valorização do ambiente doméstico pode ser tomada como um traço cultural marcante entre os vitorianos. Ainda que ocupem posição secundária comparativamente às aquarelas de paisagens naturais, chama-nos a atenção as representações que abordaram cenários internos, em especial os registros de espaços relacionados ao empreendimento missionário. Dentro desse conjunto de imagens, destacam-se as representações de ambientes voltados para as práticas religiosas coletivas, como os interiores de igrejas, abordados em “The Old Cathedral, Uganda - ‘A Forest of Poles’” (figura 12)⁸⁹ e em “The Cathedral of St. Paul, Namirembe” (figura 13).⁹⁰

⁸⁸ Consultar, por exemplo, o rico material visual a respeito dos carregadores publicado em obras historiográficas dedicadas ao tema: SANTOS, Maria Emília Madeira. *Nos caminhos de África: serventia e posse (Angola - século XIX)*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1998, pp. 49–54, pp. 199–229, pp. 277–279 e HEINTZE, Beatrix. *Pioneiros africanos: caravanas de carregadores na África Centro-Occidental (entre 1850 e 1890)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004, pp. 96–97, pp. 128–129.

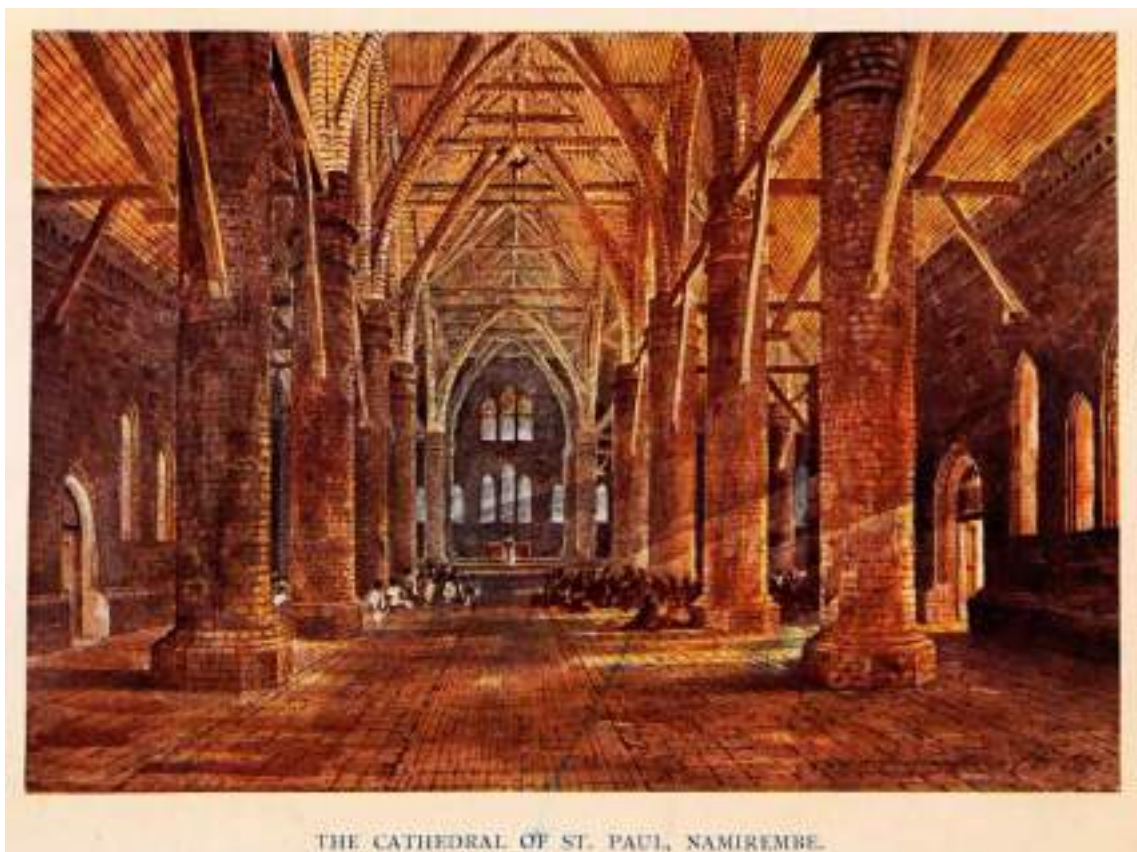
⁸⁹ TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. I, *op. cit.*, p. 226.

⁹⁰ *Ibidem*, vol. II, frontispício.



THE OLD CATHEDRAL, UGANDA—"A FOREST OF POLES"

Figura 12 - *The Old Cathedral, Uganda - 'A Forest of Poles'*



THE CATHEDRAL OF ST. PAUL, NAMIREMBE.

Figura 13 - *The Cathedral of St. Paul, Namirembe*

As representações dos espaços eclesiásticos buscavam comunicar visualmente os leitores sobre os progressos e os desafios presentes no estabelecimento das ações missionárias na porção leste do continente africano. Não restrita à obra de Tucker, a replicação de fotografias que captaram os ambientes internos e externos da catedral de St. Paul, e que figuraram em álbuns fotográficos oficiais (figura 14)⁹¹ e cartões-postais (figura 15)⁹² sobre Uganda ao longo das primeiras décadas do século XX, fornecem um parâmetro do raio de circulação de tais imagens em diferentes suportes físicos, conforme foi possível verificar por meio da pesquisa em diversos fundos documentais relativos à África Oriental que compõem coleções fotográficas pertencentes à Royal Commonwealth Society Library, alocada na Biblioteca da Universidade de Cambridge.

⁹¹ A fotografia compõe o álbum *Uganda (1906–1911)*, encomendado pelo COVIC (Colonial Office Visual Instruction Committee) e integra o fundo documental “Fisher photograph collection” (GBR/0115/RCS/Fisher/Y3045C) pertencente à Royal Commonwealth Society Library, situada na Biblioteca da Universidade de Cambridge. Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library. Para uma abordagem mais detalhada sobre o COVIC e o referido álbum, consultar o último capítulo desta tese.

⁹² “Postcards of Uganda” (GBR/0115/RCS/CMS/Y3045E-F). O fundo documental integra a Royal Commonwealth Society Library, Biblioteca da Universidade de Cambridge. Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library.

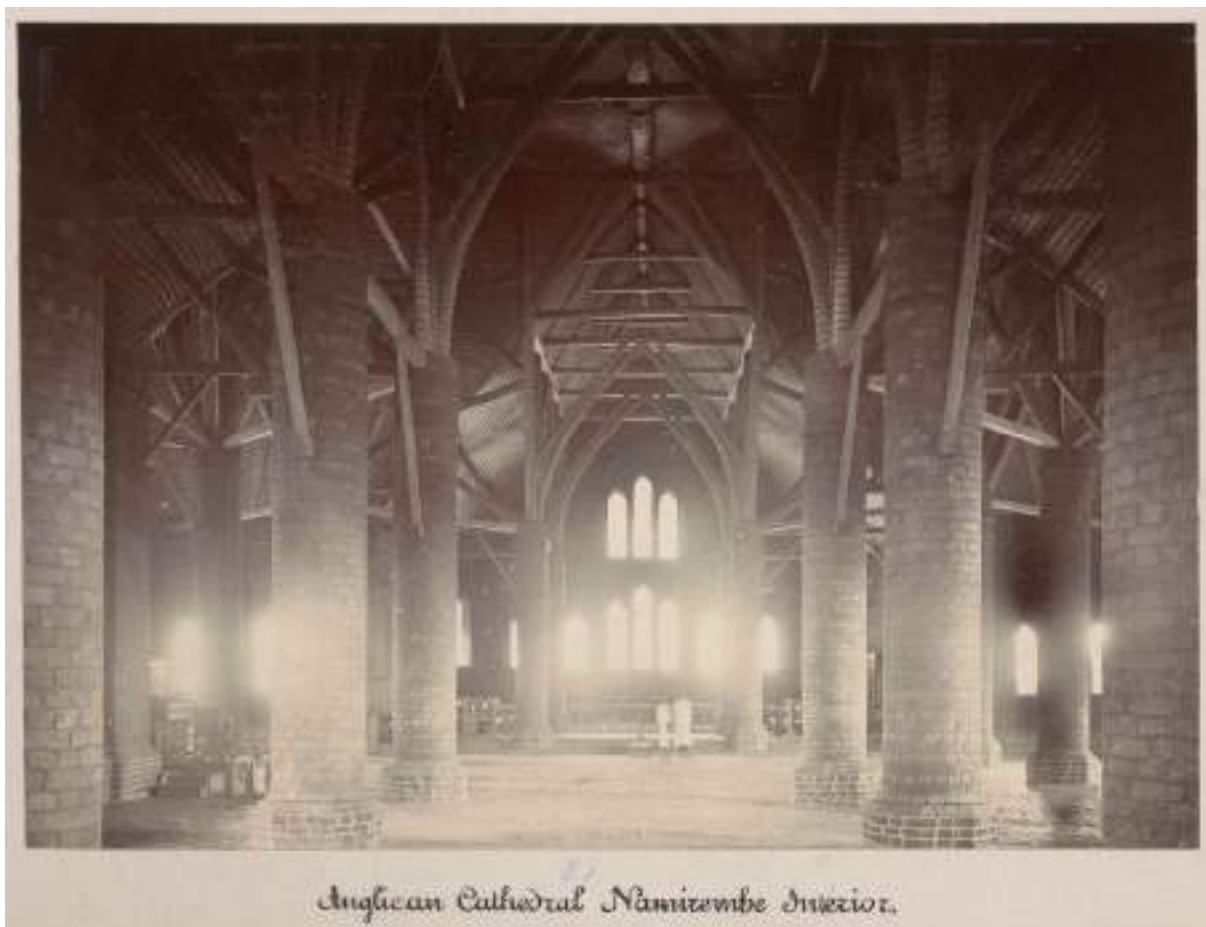


Figura 14 - Anglican Cathedral Namirembe Interior



Figura 15 - The Cathedral of Uganda

Frente às condições de provisoriedade e instabilidade que marcavam o cotidiano das missões, a edificação de lugares permanentes, destinados à prática do culto religioso, era reconhecida como um passo importante no desafio de fomentar o crescimento da comunidade cristã, especialmente em lugares considerados de difícil acesso. Concebidas como espécies de abrigos seguros frente à natureza — classificada pelos europeus, muitas vezes, como hostil — tais edificações sinalizavam a intervenção humana na paisagem natural. Partindo dessa linha interpretativa, as construções voltadas para a realização das atividades de evangelização preenchiam o vasto território a ser ocupado, “pontilhando a paisagem”⁹³ nas palavras de Tucker e, simbolizando, de maneira mais ampla, o êxito da empreitada missionária e do projeto europeu de civilização na África. As imagens da antiga (figura 12) e da nova catedral de St. Paul (figura 13), retratadas nas páginas de *Eighteen Years in Uganda and East Africa*, convidam o espectador a contemplar seus interiores, possibilitando um exercício de comparação entre as diferentes estruturas da edificação da catedral anglicana. Na passagem abaixo, Tucker discorre sobre as condições materiais do primeiro templo localizado em Namirembe, realçando as peculiaridades do antigo edifício religioso, “totalmente nativo”:

Deve-se confessar que em 1901 nossa catedral estava ficando muito degradada. Já estava de pé há alguns anos; mas os materiais com os quais foi construído eram de um tipo muito frágil — madeira, junco e grama. A decadência começou a se instalar antes mesmo de ser concluída. Havia muito o que admirar em tal edifício. A grande floresta de postes que sustentava o telhado era uma característica marcante em sua construção. As vistas ao longo dos corredores e as luzes brilhando em um poste aqui e outro ali eram muito bonitas. Os juncos suaves e amarelos, amarrados com uma fibra marrom-escura em longas linhas horizontais e um rendilhado, eram distintamente pitorescos. Era tudo totalmente nativo; você não poderia imaginar tal edifício em qualquer outro lugar que não na África.⁹⁴

⁹³ “And so it comes to pass that as we journey through the land and see these churches dotting the landscape and crowning this hill and that, our hearts are filled with thankfulness and praise to Him who has so wonderfully blessed the feeble efforts of His missionary servants”. TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. II, *op. cit.*, p. 363.

⁹⁴ Traduzido e adaptado pela autora a partir do original: “It must be confessed that in 1901 our cathedral was getting very dilapidated. It had now been standing some years; but the materials of which it was built were of a very flimsy kind — timber, reeds and grass. Decay began to set in even before it was finished. There was a great deal to admire in such a building. The great forest of poles supporting the roof was a striking feature in its construction. The vistas down the aisles, and the lights glinting on a pole here and another there, were very beautiful. The mellow, yellow reeds, tied together with a dark-brown fibre in long horizontal lines and quaint tracery, were distinctly picturesque. It was all so entirely native; you could not imagine such a building anywhere else than in Africa”. TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. II, *op. cit.*, p. 282.

Prosseguindo em sua descrição, o bispo apresenta um quadro detalhado sobre os tipos de recursos empregados para a construção da catedral, especificando os distintos agentes locais que atuaram como mão-de-obra no processo:

Foi uma visão inspiradora ver longas fileiras de homens indo para os pântanos todos os dias para cavar argila e, então, vê-los subindo a encosta íngreme de Namirembe, com cargas pesadas de argila sobre suas cabeças (...). Mesmo meninos de sete ou oito anos de idade faziam sua parte e carregavam seus fardos de barro para os oleiros. Em seguida, as mulheres foram despedidas com o entusiasmo predominante e foram para as florestas e recolheram lenha para queimar os tijolos. Princesas e esposas de chefes, bem como camponesas, competiam umas com as outras em seu ávido desejo de ajudar a construir para a adoração de Deus uma casa que deveria ser “excessivamente magnífica”.⁹⁵

Revestido de satisfação ao constatar o engajamento de homens, crianças e mulheres no trabalho de edificação da nova catedral de St. Paul, o tom discursivo de Tucker nos permite identificar diferentes manifestações do controle exercido a partir do empreendimento missionário sobre as populações africanas. Sabemos que a exaltação do trabalho como tentativa de normatização e disciplinarização dos sujeitos situa-se como problemática consolidada em diversas pesquisas que se debruçaram sobre o estabelecimento de missões na África. Para Mudimbe, o reordenamento do espaço geográfico da aldeia, a imposição de rotinas diárias, a instauração de uma nova hierarquia social e linguística, entre tantas outras transformações, buscavam corresponder às exigências do progresso e da civilização, provocando a desintegração do espaço africano.⁹⁶

Na narrativa de Tucker, o exercício de controle dos corpos demonstra-se profundamente atrelada à esfera da visualidade. Nas palavras do autor, o trabalho ordenado em “longas fileiras de homens”,⁹⁷ que se deslocavam em busca de recursos para a construção da catedral, proporcionava uma “visão inspiradora” ao bispo. Assim, na intrincada dinâmica estabelecida entre “ver” e ser “visto”, quem detém o privilégio de observar - ou, nos termos de Mirzoeff, o

⁹⁵ Traduzido e adaptado pela autora do original: “It was an inspiring sight to see long strings of men going to the swamps every day to dig clay, and then to see them wending their way up the steep hillside of Namirembe, heavy loads of clay upon their heads (...). Even boys of seven or eight years of age did their share, and carried their little burdens of clay for the brick-makers. Then the women were fired with the prevailing enthusiasm, and went out into the forests and gathered wood for the burning of the bricks. Princesses and wives of chiefs, as well as peasant women, vied with one another in their eager desire to help forward the work of building for the worship of God a house that should be ‘exceeding magnifical’”. *Ibidem*, pp. 283–284.

⁹⁶ MUDIMBE, V. Y. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014, p. 183.

⁹⁷ Considerações semelhantes acerca do controle visual exercido sob a fila de carregadores africanos verificada em gravuras sobre a incursão do primeiro grupo de religiosos vinculados à CMS, bem como fotografias de caravanas comerciais e de expedições de cunho científico podem ser encontradas, respectivamente, nos capítulos três e seis desta tese.

“direito a olhar”⁹⁸ — e fiscalizar o fluxo de pessoas é Alfred Tucker, cabendo aos grupos locais executarem, sob a vigilância do missionário, o árduo trabalho.⁹⁹

Em seu estudo sobre a arquitetura adotada pela CMS em missões realizadas fora da Europa, Emily Turner aponta como a instituição, destoando de um movimento que defendia a retomada das formas góticas nas igrejas a partir de meados do XIX, optou por privilegiar soluções vernaculares para a estruturação dos espaços eclesiásticos.¹⁰⁰ Remetendo ao passado medieval, vale frisar que a retomada do estilo gótico não se restringiu ao universo da arquitetura religiosa, inserindo-se em um fenômeno cultural mais abrangente no campo das artes e da arquitetura leiga.¹⁰¹ Dentro do escopo religioso, a opção pelo estilo estava estreitamente associado aos princípios e valores cristãos. Segundo Turner, o emprego dessa tipologia arquitetônica era vista, por muitos teólogos, como a expressão de uma “identidade inglesa”.¹⁰² Na contramão dessa perspectiva, a CMS defendia que a adoção do modelo estrangeiro poderia dificultar a conversão dos grupos locais. Tal posicionamento refletia, de uma maneira mais ampla, a concepção que a CMS sustentava sobre o papel dos agentes locais para a formação de uma igreja nativa, pauta tão defendida por Henry Venn.¹⁰³ Como ressalta Turner, dada a escala global das missões empreendidas pela CMS, ainda que as edificações eclesiásticas não seguissem um padrão arquitetônico homogêneo, em muitas regiões houve a experiência de integração entre técnicas de edificação e de ornamentação tradicionais. Sobre os processos e adaptações construtivas, Tucker explica:

Não se deve imaginar que essas mil igrejas espalhadas por todo o território são grandes construções de pedra ou mesmo de tijolos. A igreja de tijolo ou pedra está sendo gradualmente desenvolvida a partir

⁹⁸ MIRZOEFF, Nicholas. “O direito a olhar”. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, pp. 745–768, nov. 2016.

⁹⁹ Embora o trecho não forneça pormenores sobre as condições em que se deram as observações feitas por Tucker sobre os construtores da catedral, o olhar vigilante do missionário na referida circunstância nos remete ao sistema panóptico proposto Jeremy Bentham no século XVIII e teorizado por Michel Foucault na discussão sobre a emergência de uma sociedade disciplinar, calcada na visibilidade como um dos mecanismos de controle dos corpos. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

¹⁰⁰ TURNER, Emily. “The Church Missionary Society and Architecture in the Mission Field: Evangelical Anglican Perspectives on Church Building Abroad, c. 1850–1900”. *Architectural History*, vol. 58, pp. 197–228, 2016.

¹⁰¹ MENEGUELLO, *op. cit.*

¹⁰² TURNER, *op. cit.*, p. 201.

¹⁰³ Para discussões sobre a formação de uma igreja nativa no seio da CMS, comandada por religiosos locais, ver, entre outros: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “The Organization of Native Churches”. *The Church Missionary Intelligencer*. Londres: Church Missionary House, vol. 5, 1869, pp. 97–106 e WILLIAMS, C. Peter. “The Church Missionary Society and the Indigenous Church in the Second Half of the Nineteenth Century: the Defense and Destruction of the Venn Ideals”. In: ROBERT, Dana L (ed.). *Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706–1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans publishing company, 2008, pp. 86–111.

da estrutura de junco ou pau-a-pique, que é facilmente construída e reparada. Há dez anos, todas as igrejas do país eram construídas com madeira e junco com cobertura de grama. Hoje nos regozijamos com a conclusão da catedral de tijolos em Namirembe e a construção de estruturas de tijolos semelhantes; de dimensões menores, no entanto, em Toro, Nkole, Hoima, Gayaza e outros lugares; enquanto grandes e substanciais igrejas construídas de pau-a-pique, com pesada estrutura de madeira, estão substituindo a menos substancial igreja de junco nas partes mais afastadas do país. Há um fato a ser cuidadosamente e felizmente tido em conta em relação a essas mil igrejas em Uganda: elas foram construídas e estão sendo reparadas pelos próprios nativos e com seus próprios recursos.¹⁰⁴

Somando-se aos aspectos pontuados, um olhar menos apressado sobre duas representações da residência de Tucker, em Namirembe, também nos possibilita traçar algumas reflexões em torno dos significados que estes registros visuais poderiam comportar. Evidente nas imagens “The Bishop’s House, Namirembe” (figura 16)¹⁰⁵ e “Looking out From the Bishop’s Study, Uganda” (figura 17),¹⁰⁶ o contraste entre ambiente interno e externo também pode ser interpretado como uma metáfora sobre a própria ambivalência que permeava a identidade missionária, a condição de “pertencer” e, ao mesmo tempo, “não pertencer”. Nesse sentido, é interessante notar como a construção das imagens elencadas apresentam um ângulo de visão que se posiciona em uma zona intermediária, na fronteira entre o “dentro” e o “fora”.

¹⁰⁴ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “It must not be imagined that these thousand churches scattered throughout the land are substantial stone or even brick buildings. The brick or stone church is being gradually evolved out of the reed or wattle and daub structure, which is so easily built and as easily repaired. Ten years ago every church in the country was built of timber and reeds with a grass thatch. Today we rejoice in the completion of the brick cathedral on Namirembe, and the up-rearing of similar brick structures; of smaller dimensions, however, in Toro, Nkole, Hoima, Gayaza, and other places; whilst large and substantial churches built of wattle and daub, with heavy timber frame-work, are replacing the less substantial reed church in the more out of the way parts of the country. There is one fact to be carefully and thankfully borne in mind in relation to these thousand churches in Uganda, and that is that they have been built and are being repaired by the natives themselves, and from their own resources”. TUCKER, *Eighteen Years in Uganda...*, vol. II, *op. cit.*, p. 362.

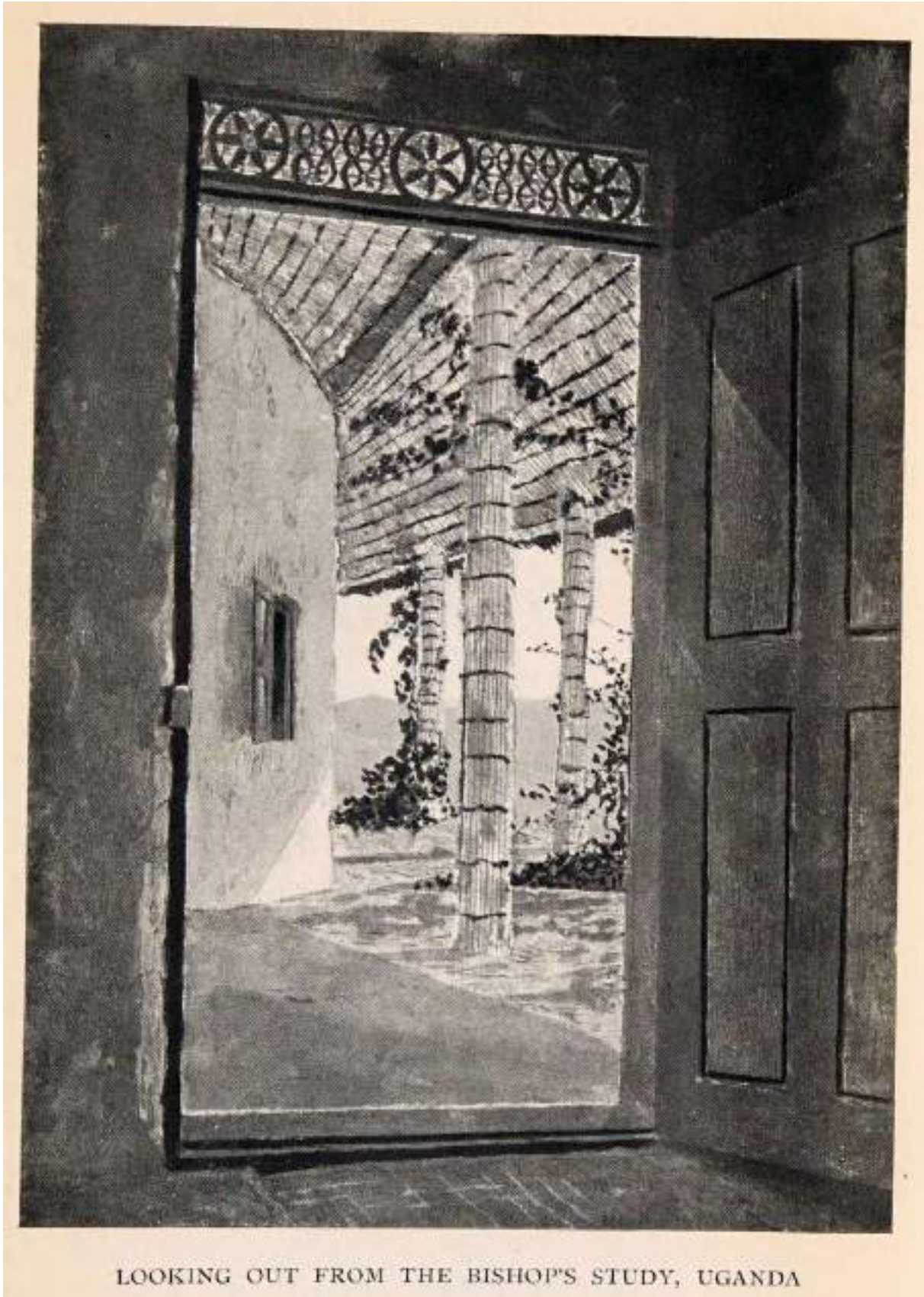
¹⁰⁵ *Ibidem*, vol. I, p. 296.

¹⁰⁶ *Ibidem*, vol. II, p. 116.



THE BISHOP'S HOUSE, NAMIREMBE.

Figura 16 - *The Bishop's House, Namirembe*



LOOKING OUT FROM THE BISHOP'S STUDY, UGANDA

Figura 17 - Looking out From the Bishop's Study, Uganda

A respeito do tema, vale recuperar as reflexões tecidas pelo historiador da arte Hans Belting sobre como as categorias de representação e do olhar não se constituem como experiências universais. Segundo Belting:

A oposição entre interior e exterior constitui propriamente uma lei fundamental da história da imagem ocidental. O mundo é um mundo a ser visto e se abre ao olhar por detrás de uma janela simbólica (...). Somente alguém que se encontre à janela ou diante de uma porta é capaz de “ver através” (*durchschauen*). A janela permite ao espectador estar presente “aqui”, com seu corpo e, ao mesmo tempo, de modo incorpóreo, entregar-se ao “ali”, a lugares que somente o olhar pode alcançar.¹⁰⁷

De dentro das dependências da residência do bispo, o observador é convidado a mirar o cenário externo, compartilhando do mesmo ponto de vista de Alfred Tucker. Em particular, em “The Bishop’s House, Namirembe” (figura 16), é possível identificar como a varanda, espaço de comunicação entre a área externa e a habitação de Tucker, ocupa o centro do registro visual examinado. A análise dessas representações também nos permite reconhecer uma espécie de confluência entre os elementos que constituem esses ambientes. Como sinalizamos nas páginas anteriores, a apropriação de recursos, técnicas e saberes locais, fundamentais para a fixação das bases materiais missionárias na região, revela-se aparente na estrutura do teto e dos pilares de junco que sustentam a casa. Sobre esse aspecto, chama-nos a atenção o contraste estabelecido entre os componentes arquitetônicos que disputam o olhar do espectador no primeiro plano da imagem. Tal como um quadro, a abertura da porta confere um efeito de moldura para a vista externa, a qual é preenchida pelos três pilares cobertos por uma ligeira vegetação, no centro da imagem.

De acordo com a nossa hipótese, a imagem apresenta o ponto de vista daquele que se encontra dentro da casa, isto é, do refúgio, mas que, ao mesmo tempo, projeta seu olhar para o mundo externo. O mundo externo, por sua vez, é epitomizado pelos pilares feitos com as matérias-primas locais que sustentam a casa. Ao explorar as coleções de fotografias públicas e privadas produzidas por missionários entre o final do XIX e o início do XX na África, Christraud Geary aponta para a recorrência de registros voltados para o trabalho de edificação de espaços religiosos. Para Geary, o enfoque dado para as descrições de construções erigidas com recursos considerados incomuns para os europeus e sob circunstâncias adversas iam ao encontro de uma narrativa que frisava a capacidade de adaptação dos missionários frente às

¹⁰⁷ BELTING, Hans. “A janela e o muxarabi: uma história do olhar entre Oriente e Ocidente”. In: ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pp. 115–137.

dificuldades enfrentadas em solo africano.¹⁰⁸ Desse modo, se compreendermos a representação visual elaborada por Tucker sob o viés de uma possível analogia entre missão e construção, o destaque conferido para os elementos locais que integram as estruturas parecem aludir à própria concepção que o religioso tinha sobre a importância da formação de uma igreja nativa,¹⁰⁹ composta por clérigos africanos. Partindo dessa interpretação, os religiosos locais seriam os principais “pilares” que sustentariam a “casa”, isto é, o projeto de evangelização empreendido pela CMS no interior da África Oriental.

Outro ponto digno de nota é a representação da natureza e sua interação com a habitação de Tucker. A visão da varanda contida em “The Bishop’s House, Namirembe” (figura 16) fornece ao leitor da imagem uma dimensão da convivência entre as árvores, situadas mais ao longe no terreno, e a vegetação que circunda as bordas da varanda. Expressão de uma natureza mais apaziguada, os ramos vegetais que extrapolam o contorno e avançam a varanda receberam um destaque tonal na representação. A confluência entre natureza e cultura parece ser mimetizada no enlace entre a vegetação e as estruturas da casa.

O estudo sobre o painel político e social desenhado em Uganda entre as décadas de 1890 e 1910 põe em relevo um conjunto ativo de atores e instituições, a partir de seus múltiplos níveis de interação. Perpassada por embates e negociações, as redes tecidas entre representantes europeus, como missionários da CMS, agentes da IBEAC, e as populações locais, composta por autoridades africanas, árabes e lideranças muçulmanas traz à tona as especificidades e as ambivalências que pautaram a configuração política do território no contexto investigado. Frente às complexidades desse cenário, acreditamos que explorar o percurso trilhado por Alfred Tucker ao longo de sua atuação como bispo da África Oriental contribui para dimensionar não só o peso da visualidade na constituição das narrativas sobre a presença britânica em Uganda, como também, de uma maneira mais ampla, reconhecer a formação de um sujeito observador moldado pelos novos “modos de olhar” relatados por Tucker.

Como buscamos demonstrar ao longo do capítulo, por meio da análise dos entrelaçamentos estabelecidos entre as descrições textuais e visuais legadas pelo artista e

¹⁰⁸ GEARY, Christraud M. “Missionary Photography: Private and Public Readings”. *African Arts*, vol. 24, nº 4, 1991, pp. 48–59/98–100, p. 53. Em *Uganda by Pen and Camera* (1906), uma das obras de Charles Hattersley analisadas no último capítulo desta tese, a questão das edificações construídas por missionários e pelas populações locais é tema de uma das muitas fotografias reproduzidas na obra. Composta por três imagens, a ilustração intitulada “House-building by missionaries and natives (1. Building 2. Carpentering 3. Thatching)” é acompanhada do texto: “Many missionaries have to do the greater part of the carpentering for their homes, and our illustration shows one of them so employed. It is possible, sometimes, but not always, to get native help”. HATTERSLEY, Charles W. *Uganda by Pen and Camera*. Londres: The Religious Tract Society, 1906, pp. 32–33.

¹⁰⁹ Tucker criou o Sínodo da Igreja Anglicana Nativa em 1909. LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 263.

missionário na passagem do oitocentos para o novecentos, tornou-se possível verificar o quanto as habilidades artísticas de Tucker foram socialmente apropriadas, transitando por diversas publicações ilustradas. A intensa circulação de textos e de esboços elaborados em campo pelo bispo nos permite compreender como sua produção foi mobilizada como peça visual para reforçar um discurso de defesa da continuidade das atividades empreendidas pela CMS na região dos Grandes Lagos africanos. Apoiando-se em um vocabulário visual muitas vezes reconhecido pelo público, a replicação dos esboços de Tucker em diferentes meios desempenhava um papel pedagógico aos leitores que, pelas páginas das publicações ilustradas ou pelas impressões especiais voltadas para a decoração dos ambientes domésticos, acompanhavam os avanços e os recuos da presença britânica em Uganda. Por meio dos recursos e possibilidades de fruição visual que visavam gerar um efeito de aproximação entre os leitores, tais registros operaram como uma via de acesso a territórios distantes e a populações desconhecidas. Como vimos, a formação da visualidade decorrente dessas interações foi constantemente abastecida por um vasto arquivo imagético experienciado pelo advento de artefatos ópticos.

Aos olhos de Tucker, a zona interlacustre da África Oriental foi retratada predominantemente como uma região composta por paisagens aprazíveis que, longe de serem abordadas como um ambiente hostil, revelavam-se como território convidativo, com vastos espaços ainda passíveis de serem ocupados. Lançando mão de suas habilidades técnicas, a região dos Grandes Lagos, em particular Uganda, foi estetizada nos traços de Tucker. Assim, no formato dessa narrativa visual, as tensões e os conflitos de cunho social e político decorrentes dos contatos travados entre os agentes europeus, africanos e asiáticos, bem como a ferrovia e o telégrafo, marcas do “progresso” e da “civilização”, não foram alvo direto dos registros visuais do bispo.

Na trilha do repertório visual construído por Alfred Tucker, o contato com as imagens selecionadas para compor os dois volumes de *Eighteen Years in Uganda and East Africa* evidencia a predileção do autor pelo registro das paisagens naturais e exemplares arquitetônicos, em especial os relacionados às ações missionárias na região, em detrimento da representação de cenas urbanas e de figuras humanas. Partindo dessas percepções, podemos inferir que a narrativa visual construída por Alfred Tucker carrega tanto as especificidades das marcas de sua formação como pintor paisagista alinhado ao pensamento estético vitoriano como também, a partir da permanência de determinadas temáticas enfocadas em sua produção, apresenta notáveis pontos de continuidade com os primeiros registros visuais legados pelos expedicionários britânicos que acessaram Buganda a partir da década de 1860.

CAPÍTULO 5

**“AS IMAGENS CONTINUAM FAZENDO O SEU TRABALHO”:
AS CARTAS E AS AQUARELAS DE ANNIE ALLEN**



Este capítulo pretende se debruçar sobre os registros textuais e visuais legados por Annie Emma Allen (1853–1942), figura que atuou como missionária-honorária vinculada à Church Missionary Society (CMS) ao longo de mais de duas décadas. Entre 1900 e 1925, Allen transitou por distintos territórios de Uganda, engajando-se principalmente em atividades direcionadas à evangelização de crianças, jovens e mulheres. Ainda que tenha permanecido um período significativo no interior da África Oriental, atuando em hospitais e escolas e produzindo narrativas sobre suas experiências, estudos sobre a trajetória de Allen são escassos, comparativamente às abordagens sobre o percurso de outros missionários que atuaram na mesma região no início do século XX. Considerada essencial para a continuidade das missões empreendidas pela CMS, a participação de mulheres no projeto evangelizador tem instigado uma série de pesquisas norteadas pelo interesse em compreender as interseções estabelecidas entre as categorias de gênero, raça, classe e seus nexos com o imperialismo e o colonialismo.¹

Privilegiando um conjunto de fontes documentais até o momento não publicadas, composto maciçamente por cartas pessoais datilografadas² e por um álbum de aquarelas,³ os relatos elaborados pela missionária descortinam uma variedade de enfoques investigativos. Longe da pretensão de esgotar o tema, almejamos discutir como a narrativa de Allen pode ser compreendida como plataforma de observação para entender aspectos presentes nas imbricações estabelecidas entre colonialismo, domesticidade e gênero no contexto do empreendimento missionário britânico em Uganda e de como a visualidade operou como fio componente dessas tramas. Na senda das reflexões em torno das interações estabelecidas entre missionárias da CMS e a população feminina local, convém ressaltar como tais contatos foram fundamentais para reconfigurar determinadas práticas, identidades e discursos sobre as posições e as funções sociais desempenhadas pelas mulheres europeias e africanas no cotidiano das

¹ Segundo Patricia Grimshaw: “Female missionaries’ lives were usually left to the apologetic faithful. Scholars who have in recent decades conflated the specificities of missionary women within considerations of gender and colonialism have inspired revisionist studies from historians who similarly place missions at the intersection of post-colonial and feminist questions”. GRIMSHAW, Patricia. “Faith, missionary life, and the family”. In: LEVINE, Phillipa (org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 260–280, p. 262.

² Em especial, os materiais contidos nos seguintes fundos documentais: *Annie Emma Allen, 1900-1903* (CMS/G/Y/A7/1/6) e *Letters sent home to Wales by Annie Emma Allen writing from Uganda, 1899-1914* (CMS/Z38). As fontes integram o arquivo da Church Missionary Society alocados na Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham).

³ Neste capítulo, conferiremos particular atenção ao álbum que corresponde ao período em que a missionária permaneceu em Uganda (especialmente nas regiões de Gayaza, Buganda, entre 1900 e 1905, e em Kabarole, Toro, entre 1907 e 1926). O material (CMS/ACC321) foi digitalizado em alta resolução pela equipe da Cadbury Research Library (Universidade de Birmingham) em 2015. Para o conjunto documental contendo 66 aquarelas referentes ao percurso realizado da Grã-Bretanha ao lago Vitória em 1900, conferir o álbum alocado na Royal Commonwealth Society Library (Universidade de Cambridge) sob o registro RCMS/158.

missões.⁴ Partindo desses apontamentos, sustentamos que o olhar para as narrativas de Allen não deve se apresentar descolado do caráter transformador desses encontros culturais perpassados por assimetrias, violências e negociações.⁵

Dentro desse escopo mais extenso, a análise da produção visual elaborada em campo pela missionária ao longo de mais de vinte anos desponta como uma questão de significativa relevância, uma vez que nos possibilita acessar e compreender o material como uma narrativa constituída por um ponto de vista feminino em um universo de discursos e representações imperiais e coloniais marcado pela hegemonia masculina. Reconhecer, por sua vez, a existência de um “olhar feminino” impõe a necessidade de nos distanciarmos de interpretações essencialistas e monolíticas a respeito do conceito de gênero. Assim, longe de se configurar como categoria unitária e atemporal, a perspectiva de gênero, tal como já teorizaram Joan Scott,⁶ Judith Butler, Elizabeth Weed⁷ e Oyèrónké Oyèwùmí⁸ possibilita escancarar a fragmentação das múltiplas experiências femininas que se deram em distintos recortes históricos e sociais:

Para compreender o gênero, não podemos questionar a sua ontologia. Não é possível saber o que gênero “é” fora da forma como ele é produzido e mobilizado; e, além disso, não é possível saber se gênero é uma categoria útil de análise a menos que possamos primeiro entender os propósitos para os quais ele é empregado, a política mais ampla que ele apóia e ajuda a produzir e as repercussões geopolíticas de sua circulação.⁹

⁴ Sobre tal aspecto, torna-se indispensável não perder de vista os lugares ocupados pelas mulheres no complexo arranjo social das populações baganda e de como essas hierarquias foram interpretadas e representadas nos relatos europeus. Para abordagens a respeito desses temas, verificar, respectivamente: HANSON, Holly. “Queen Mothers and Good Government in Buganda: The Loss of Women’s Political Power in Nineteenth-Century East Africa”. In: ALLMAN, Jean; GEIGER, Susan; MUSISI, Nakaniyke (eds.). *Women in African Colonial Histories*. Bloomington: Indiana University Press, 2002, pp. 219–236 e MUSISI, Nakaniyke. “The Politics of Perception or Perception as Politics? Colonial and Missionary Representations of Baganda Women, 1900–1945”. In: *Idem*, pp. 95–115.

⁵ BANTEBYA KYOMUHENDO, Grace; MCINTOSH, Marjorie Keniston. *Women, Work & Domestic Virtue in Uganda, 1900–2003*. Oxford/Athens/Kampala: James Curry, Ohio University Press, Fountain Publishers, 2006.

⁶ SCOTT, Joan W. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. *The American Historical Review*, vol. 91, n° 5, dez. 1986, pp. 1053–1075.

⁷ BUTLER, Judith; WEED, Elizabeth. (orgs.). *The Question of Gender: Joan W. Scott’s Critical Feminism*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 2011.

⁸ OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. “O fardo da mulher branca: mulheres africanas no discurso ocidental feminista”. *Problemata – Revista Internacional de Filosofia*, vol. 11, n. 2, 2020, pp. 145-167. Tradução de Aline Matos da Rocha e *Idem*, *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

⁹ Traduzido e adaptado pela autora do original: “To understand gender, we cannot pose the question of its ontology. It is not possible to know whether gender is a useful category of analysis unless we can first understand the purposes for which it is deployed, the broader politics it supports and helps to produce, and the geopolitical

Sabemos que a predominância masculina nos registros documentais contrasta com um número expressivo de mulheres que circularam por diferentes territórios do continente africano entre o final do XIX e início do XX.¹⁰ É preciso frisar que embora algumas figuras femininas tenham se notabilizado por seus relatos sobre a África, como é o caso, por exemplo, de Lucie Duff Gordon (1821–1869) e Mary Henrietta Kingsley (1862–1900),¹¹ respectivamente autoras de *Letters from Egypt, 1863–1865* (1865) e *Travels in West Africa* (1897), boa parte dos apontamentos e do conhecimento constituído por mulheres nesse cenário permaneceu eclipsado, sem obter grande reconhecimento público no período de suas produções.

Considerando a gama significativa de pesquisas empreendidas nas últimas décadas acerca dos entrecruzamentos entre gênero e literatura de viagem,¹² a historiografia tem se atentado para lançar luz em diferentes trajetórias femininas que se deram em contextos imperiais e coloniais. Diferentes abordagens têm realçado a diversidade de produções decorrentes de experiências que extrapolaram as fronteiras do registro textual e transitaram pela linguagem da fotografia, do colecionismo e das artes plásticas.¹³ Na esteira dessas indagações, também consideramos pertinente problematizar os usos, os significados e as formas de acesso dos espólios documentais legados por figuras femininas nos arquivos.¹⁴ Para Achille Mbembe, os arquivos são práticas de poder e se constituem como lugares em que o poder acontece e se perpetua.¹⁵ Realidade identificada e cada vez mais contestada, o processo de silenciamento das

repercussions of its circulation”. BUTLER, Judith; WEED, Elizabeth. (orgs.). *The Question of Gender...*, op. cit., p. 3.

¹⁰ JONES, Rebecca. “African Travel Writing”. DAS, Nandini; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge History of Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, pp. 288–289.

¹¹ Para análises sobre as ambivalências presentes nos escritos de Mary Kingsley, consultar, entre outros, os trabalhos referenciais de: MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women’s Travel Writing and Colonialism*. Londres: Routledge, 1991; BLUNT, Alison. *Travel, Gender, and Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*. Nova Iorque/Londres: Guilford Press, 1994 e FRANEY, Laura. *Victorian Travel Writing and Imperial Violence: British Writing on Africa, 1855–1902*. Nova Iorque: Palgrave, 2003, pp. 158–169.

¹² BLUNT, Alison; ROSE, Gillian (eds.). *Writing Women and Space: Colonial and Postcolonial Geographies*. Londres/Nova Iorque: Guilford Press, 1994; BASSNETT, Susan. “Travel Writing and Gender”. HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 225-241; THOMPSON, Carl. “Nineteenth-Century Travel Writing”. DAS, Nandini; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge History of Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, pp. 108-124. Na produção historiográfica brasileira, merecem destaques os trabalhos de: FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008 e JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa* (vol.II). São Paulo: Editora Humanitas, 2011.

¹³ DIAS, Rose; SMITH, Kate (eds.). *British Women and Cultural Practices of Empire, 1770–1940*. Nova Iorque/Londres: Bloomsbury, 2019.

¹⁴ BUSS, Helen M.; KADAR, Marlene (eds.). *Working in Women’s Archives: Researching Women’s Private Literature and Archival Documents*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2001.

¹⁵ MBEMBE, Achille. “The Power of the Archive and its Limits”. In: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REID, Graeme; SALEH, Razia (orgs.). *Refiguring the Archive*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002, pp. 19–26.

vozes femininas em acervos de pesquisa colaborou para endossar o desnível de visibilidade entre os espólios documentais produzidos por homens e mulheres alocados nessas instituições, como aponta Antoinette Burton em sua investigação sobre a disparidade entre gêneros observada no acesso às fontes e na configuração de arquivos coloniais.¹⁶

Nesse sentido, o reconhecimento das cartas e das aquarelas produzidas por Allen contribui para trazer à tona não só as especificidades presentes nas descrições legadas pela missionária, como também ilumina pontos de convergência e de distanciamentos verificados a partir da comparação com a produção de outros missionários enfocados por esta pesquisa, como Charles Thomas Wilson (1852–1917)¹⁷ e o bispo Alfred Tucker (1849–1914).¹⁸ Sabemos que as trajetórias de Wilson, Tucker e Allen carregam diferenças em diversos planos, principalmente no que diz respeito às suas formações antes de se voluntariarem na CMS, e às posições hierárquicas e funções desempenhadas no âmbito da instituição religiosa. Ainda assim, o exercício comparativo fundamentado na relação estabelecida pelos autores com a prática da pintura em aquarela nos auxilia a entender como registro visual foi incorporado pelos missionários como atividade inserida em seus cotidianos.

As análises empreendidas nos capítulos anteriores, evidenciam como o reconhecimento do território e das populações da África Oriental por parte dos integrantes do primeiro grupo enviado pela CMS com destino à Buganda se ancorou na produção de uma extensa documentação visual, alimentada principalmente por esboços, gravuras e aquarelas. Ao avançarmos algumas décadas, notamos que se boa parte da produção visual elaborada por Tucker enquanto atuou como bispo da CMS na África Equatorial Oriental e em Uganda a partir dos anos 1890 foi instrumentalizada para sensibilizar a opinião pública, as aquarelas pintadas por Allen possuíram um caráter mais privado e tiveram um raio de circulação muito mais modesto. Desse modo, os níveis de visibilidade conferidos a esses materiais por meio de suas reproduções em periódicos ilustrados e outros suportes impressos também despontam como questão a ser explorada.¹⁹

¹⁶ BURTON, Antoinette. “Archive Stories: Gender in the Making of Imperial and Colonial Histories”. In: LEVINE, Phillipa (ed.). *Gender and Empire...*, *op. cit.*, pp. 281–293. Agradeço profundamente à Ivana Frlan, arquivista da Cadbury Research Library, que me chamou a atenção para essas questões ao apresentar o fundo documental de Annie Allen.

¹⁷ Consultar o segundo capítulo deste trabalho.

¹⁸ Conferir o quarto capítulo desta tese.

¹⁹ Tal circulação pode ser aferida a partir da divulgação de algumas aquarelas de Allen que ilustram artigos publicados em: GLASS, Annie B. “The Uganda Railway and Beyond”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n° 319, vol. XXVII, jul. 1900, pp. 99–101.

Ainda sob o prisma da visualidade, também pretendemos investigar como a missionária lançou mão de diferentes recursos e dispositivos visuais na tentativa de evangelizar os grupos locais. A partir dos relatos de Annie Allen, torna-se possível entrever o quanto as imagens foram, em muitas circunstâncias, apropriadas pela prática missionária como ferramentas que desempenhavam uma função pedagógica na aproximação entre os religiosos e as sociedades africanas, explicitando a dimensão visual do processo de evangelização.²⁰

Antes de voltarmos nossas atenções para uma análise mais pormenorizada do espólio documental legado por Annie Allen, faz-se necessário compreender seu percurso dentro de um movimento mais amplo de participação de mulheres nas ações missionárias empreendidas em territórios para além das fronteiras europeias, e de como as presenças femininas desempenharam papel-chave na conformação da “missão civilizadora” nos espaços coloniais. Para Patricia Grimshaw, a orientação predominantemente masculina que regia as organizações missionárias até o século XVIII atravessou mudanças significativas ao longo do século XIX.²¹ Tais reconfigurações foram impulsionadas, em grande medida, por notícias de que religiosos da London Missionary Society (LMS) e da CMS haviam desposado mulheres “pagãs” das ilhas da Polinésia e da Nova Zelândia.²² Uma vez que uniões dessa natureza provocaram receio nos corpos dirigentes da LMS e da CMS e passaram a ser interpretadas como um perigoso desvio no estabelecimento das missões nesses territórios, o envio de missionários casados acompanhados por suas esposas passou a ser adotado com maior frequência a partir da década de 1850.²³ De acordo com Elizabeth Prevost, antes da década de 1860, a aceitação de mulheres para atuarem como missionárias em instituições religiosas de matriz protestante estava restrita às esposas e parentes de missionários do sexo masculino e limitava-se ao trabalho religioso não oficial e não remunerado.²⁴

²⁰ Os trabalhos de David Morgan são fundamentais para a compreensão da formação de uma cultura visual protestante e de suas apropriações no âmbito do trabalho missionário. MORGAN, David. *Protestants and Pictures: Religion, Visual Culture, and the Age of American Mass Production*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, 1999 e *Idem, The Sacred Gaze: Religious Visual Culture in Theory and Practice*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.

²¹ GRIMSHAW, *op.cit.*, p. 265.

²² Particularmente sobre a presença de religiosos da CMS na missão estabelecida em Bay of Islands (Nova Zelândia) e as relações tecidas com as populações de origem maori a partir das primeiras décadas do XIX, consultar: SALESA, Damon Ieremia. *Racial Crossings: Race, Intermarriage, and the Victorian British Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2011, pp. 75–82.

²³ BEIDELMAN, T.O. “Altruism and Domesticity: Images of Missionizing Women among the Church Missionary Society in Nineteenth-Century East Africa”. In: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy (orgs.). *Gendered Missions: Women and Men in Missionary Discourse and Practice*. Michigan: University of Michigan Press, 1999, pp. 113–143, p. 115.

²⁴ PREVOST, Elizabeth. *The Communion of Women: Missions and Gender in Colonial Africa and the British Metropole*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 3.

Ao investigar a dinâmica das participações femininas nas estações missionárias estabelecidas pela CMS em Ukaguru (atual Tanzânia) entre 1876 e 1914, Beidelman informa que as notícias das mortes da esposa e da filha do reverendo Johann Ludwig Krapf (1810–1881),²⁵ logo após desembarcarem na costa da África Oriental em 1844, nortearam as recomendações da instituição para que os religiosos não fossem acompanhados por membros familiares até que fossem construídas estradas e estações missionárias consideradas seguras.²⁶

Respondendo aos apelos do bispo Alfred Tucker, o primeiro grupo contendo cinco missionárias²⁷ vinculadas à CMS com destino à Uganda, partiu da Grã-Bretanha em maio de 1895, alcançando Mombaça em julho do mesmo ano.²⁸ Cabe destacar que a chegada do grupo é considerada relativamente tardia, se comparada ao início da presença missionária feminina em outras regiões da África Oriental iniciada na década de 1880.²⁹ Ocorrida pouco tempo depois de Uganda se tornar protetorado britânico, a aprovação dada pela CMS para o início das ações realizadas em campo por missionárias só se deu após a região apresentar infraestrutura minimamente adequada e ser considerada segura, em termos políticos e sociais, para as mulheres estrangeiras.

Mesmo tendo se iniciado após dezoito anos da chegada dos primeiros religiosos em Uganda, é indispensável sublinhar que a participação cada vez mais crescente³⁰ e expressiva de

²⁵ Missionário de origem germânica, Krapf é considerado um dos religiosos pioneiros à serviço da CMS na África Oriental. Juntamente com Johannes Rebmann (1820–1876) tornou-se famoso por ter sido o primeiro europeu a noticiar a “descoberta” dos montes Kilimanjaro e Kenya entre 1848 e 1849. Os percursos de Krapf e Rebmann ilustram as estreitas conexões entre as ações de missionários e expedicionários na exploração do território, conforme apontamos no primeiro capítulo desta tese a partir da análise das fontes e dos trabalhos de Roy Bridges. BRIDGES, Roy. “The Historical Role of British Explorers in East Africa, *Terrae Incognitae*, vol. 14, nº 1, 1982, pp.1-21; *Idem*, “Nineteenth-Century East African Travel Records with an Appendix on ‘Armchair Geographers’ and Cartography”. *Paideuma: Mitteilungen zur Kulturkunde, European Sources for Sub-Saharan Africa Before 1900: Use and Abuse*, vol. 33, 1987, pp. 179-196 e *Idem*, “Missionaries, Geography, and Imperialism in East Africa, c. 1844-1890”. *Position Paper*, nº 75, 1998, pp. 1–23.

²⁶ BEIDELMAN, *op. cit.*, pp. 118–119.

²⁷ Segundo os registros fornecidos pelos *Proceedings of the Church Missionary Society*, as missionárias eram: Edith Markham Furley, Mary Susannah Thomsett, Eliza Louisa Pilgrim, Eleanor Elizabeth Browne e Jane Elizabeth Chadwick. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society (1895–1896)*. Londres: Church Missionary House, 1896, p. xxiii e p. 91.

²⁸ SIMPSON, Donald. “Missions and the Magic Lantern”. *International Bulletin of Missionary Research*, vol. 21, nº 1, 1997, pp. 13–15, p. 13. O artigo contém duas reproduções fotográficas do mencionado grupo no momento da partida da Inglaterra e da chegada em Mombaça. Segundo Simpson, tais imagens foram consumidas pelo público principalmente por meio de sua exibição em lanternas mágicas.

²⁹ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society (1880–1881)*. Londres: Church Missionary House, 1881, p. 38 e BEIDELMAN, *op. cit.*, p. 123.

³⁰ De acordo com Jayne Reagan, em 1905, as mulheres já representavam 28% entre o contingente da CMS servindo em Uganda. Entre 1895 e 1905, 44% de todos os novos missionários que chegaram a Uganda eram mulheres. No entanto, uma vez que não era recorrente contabilizar as esposas que acompanhavam os missionários, é possível que a presença de mulheres missionárias em Uganda tenha alcançado um número ainda maior do que o oficialmente contabilizado. REGAN, Jayne. “Gender, Empire and the Church Missionary Society in British Uganda, 1895–1930”. *The ANU Undergraduate Research Journal*, vol. 4, Canberra, 2012, pp. 103–117, p. 110.

missionárias na porção interlacustre da África Oriental demarcou um processo de “feminização” das ações encabeçadas pela CMS na região. Fosse na condição de esposas que acompanhavam seus cônjuges, ou na condição de missionárias solteiras e viúvas que gozavam de maior autonomia, a presença de mulheres nas missões ia ao encontro da necessidade de reforçar determinados padrões de comportamento associados à noção de civilização apregoada pelo discurso imperial e colonial.

Se por um lado a retórica articulada à expansão imperial manteve-se predominantemente atrelada à exaltação dos “esforços” masculinos, canalizados para “desbravar” novas fronteiras, quase sempre sob o prisma de narrativas aventurescas e heroicas,³¹ por outro, o êxito do projeto colonial dependia da fixação e da manutenção de uma ordem social que visava ser constituída nas diferentes frações do império. Longe de atuarem como meras extensões do trabalho de evangelização desempenhado por religiosos do sexo masculino, a atuação de mulheres no campo missionário foi fundamental não só para a difusão do cristianismo entre as populações não europeias, como também para a estruturação de instituições e equipamentos considerados pilares para a implantação do sistema colonial.

Diante das resistências locais enfrentadas nas tentativas de imposição de um paradigma civilizacional europeu, o ideal da família cristã operava como um poderoso núcleo modelar que buscava se contrapor às práticas sociais e culturais das populações africanas, como os arranjos familiares tradicionais pautados em uniões poligâmicas, por exemplo.³² É importante sublinhar que muitos estudos produzidos nas últimas décadas sobre as inter-relações entre gênero, colonialismo e projeto evangelizador destacam a existência de um relativo grau de independência e autonomia feminina na experiência missionária ocorrida em territórios não metropolitanos, se comparada ao trabalho missionário realizado na Grã-Bretanha.³³

No entanto, mesmo que tenham se deparado com condições e padrões sociais considerados menos rígidos — o que, em muitas circunstâncias, fornecia margens para o exercício de uma certa autonomia feminina nesses espaços, especialmente no caso de mulheres solteiras ou viúvas — convém sinalizar que suas ações permaneciam muito atreladas à funções culturalmente relacionadas às esferas da maternidade, da vida doméstica e da promoção de

³¹ Tal como abordamos no capítulo três por meio da análise das representações da trajetória de Alexander Mackay em obras literárias voltadas para o público infantojuvenil.

³² Na visão da teórica nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí: “Conforme previsto pelos missionários, o sistema familiar africano deveria ser alvo de reformas e, por sua vez, ser o veículo para a ‘civilização’ dessas sociedades. Um missionário na Iorubalândia revela esse viés quando pergunta: ‘É apropriado aplicar o nome sagrado de um lar a uma habitação ocupada por dois a seis ou uma dúzia de homens, cada um, talvez, com uma pluralidade de esposas?’”. OYÈWÙMÍ, *op.cit.*, p. 195.

³³ BEIDELMAN, *op. cit.*

valores que garantissem uma noção de “superioridade moral” na comunidade. Desse modo, além do trabalho de evangelização, as mulheres ocuparam papéis basilares para o funcionamento de escolas, internatos, dispensários e hospitais, instituições pensadas como uma das principais vias de consolidação do discurso civilizatório dentro do embate colonial.³⁴

Especificamente no quadro das atividades missionárias empreendidas em Uganda desde o final do século XIX, além de atuar como mecanismo de contenção moral e controle sexual, a constituição de famílias também se situou como um relevante ponto de distinção na disputa pela hegemonia de conversões travada entre religiosos protestantes e católicos. Isso porque, a exigência do celibato entre os sacerdotes católicos vinculados à ordem dos Padres Brancos era vista como um elemento que poderia dificultar a disseminação do cristianismo entre os africanos e, conseqüentemente, a formação de uma “igreja nativa”.³⁵

É à luz desse entendimento mais aprofundado sobre as tensões e ambigüidades em torno das expectativas relacionadas às participações femininas nas atividades empreendidas pela CMS e na consolidação do projeto colonial que se torna possível analisar os relatos produzidos por Annie Allen durante seu tempo de atuação no interior da África Oriental. Integrando um grupo composto por Albert B. Lloyd e sua esposa Mary, Hugh Savile, Annie Glass, Annie Robinson e Ruth Hurditch, Annie Allen aportou em Uganda em 1900.³⁶ As poucas informações biográficas disponíveis sobre Allen nos revelam que a missionária era oriunda de uma família de proprietários rurais da região de Pembroke (oeste do País de Gales) e contava com quarenta e sete anos de idade quando foi aceita pela CMS para compor o grupo missionário destinado à Uganda. Antes de se deslocar para a África Oriental, Allen integrou o Women’s Department in Church Missionary House e atuou como voluntária no trabalho de evangelização e promoção de conforto material voltado para as populações vulneráveis em um abrigo missionário em Londres.³⁷

Categoria instituída entre as décadas de 1880 e 1890, a condição de missionária-honorária, conferida à Allen e a algumas outras religiosas, garantia um maior nível de

³⁴ “Official policy dictated that women’s role in the mission field was domestic, medical and educational - women were responsible not for conversion itself but for the cultural institutions that would solidify conversions: the Christians home, school and clinic”. PREVOST, *op.cit.*, p. 4.

³⁵ BEIDELMAN, *op. cit.*, p. 120.

³⁶ Identificada como prima de B. Allen, missionária atuante no Japão, o nome de Annie Emma Allen é citado na lista dos reforços missionários enviados à Uganda no início do século XX. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society (1899–1900)*. Londres: Church Missionary House, 1900, p. 114. Para a reprodução de uma fotografia de Annie Allen juntamente com um grupo de missionários atuantes na África Oriental, consultar: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “The Mission Field: Uganda”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n° 338, vol. XXIX, fev. 1902, p. 28.

³⁷ DIMOCK, Elizabeth. *Women, Mission and Church in Uganda: Ethnographic Encounters in an Age of Imperialism, 1895–1960s*. Oxon/Nova Iorque: Routledge, 2017, p. 89.

autonomia e autoridade na atuação das pessoas inseridas nesse segmento. Como afirma Elizabeth Dimock, missionárias nessa condição empregavam muitas vezes seus recursos para financiar projetos, melhorar edifícios religiosos, comprar móveis e trazer “convidados” para auxiliarem no trabalho que estava sendo realizado em campo, contrariando, em determinadas circunstâncias, as orientações da CMS, uma vez que gozavam de um status diferenciado dentro da hierarquia da instituição.³⁸

Excetuando as temporadas em que retornou para a Grã-Bretanha para tratar de problemas de saúde entre os anos de 1905 e 1908 e entre 1914 e 1919, ao longo do período em que atuou em Uganda, Annie Allen circulou por diferentes partes do território. Inicialmente, entre 1900 e 1902, trabalhou na estação missionária fixada em Gayaza (Buganda), transferindo-se depois para a missão estabelecida em Kabarole, situada no reino de Toro.³⁹ A interpretação das narrativas produzidas por Allen nos possibilita compreender, a partir de múltiplos caminhos, como a visualidade permeou os relatos da missionária e, ao mesmo tempo, mediou práticas e discursos canalizados para a evangelização em campo das populações que habitavam Uganda, conforme buscaremos discutir nas páginas subsequentes.

5.1. Dos registros feitos em trânsito às aquarelas reproduzidas no *The Gleaner*

Ainda que a construção deste capítulo se debruce com mais vagar na análise das fontes elaboradas por Allen a partir de sua atuação nas estações missionárias situadas em Gayaza e Kabarole, um olhar menos circunscrito sobre o seu deslocamento nos possibilita entender como a prática da pintura em aquarela também foi mobilizada com frequência por Allen ao longo de sua viagem até a região dos Grandes Lagos africanos, reiterando o lugar de destaque da esfera visual como recurso descritivo. Considerando esse aspecto, torna-se interessante discorrer sobre quais elementos presentes nas paisagens observadas foram considerados dignos de nota pela missionária em seus registros. O trajeto iniciado entre janeiro e março de 1900 da Grã-Bretanha até a África Oriental deu vazão a mais de sessenta aquarelas reunidas em um álbum.⁴⁰ Os registros visuais feitos pela missionária documentam diferentes etapas da viagem e enfocam,

³⁸ *Ibidem*, p. 178.

³⁹ *Ibidem*, p. 89.

⁴⁰ RCMS/158. Royal Commonwealth Society Library (Universidade de Cambridge).

de uma forma geral, paisagens naturais, cenas de portos e as estruturas dos acampamentos montados durante a travessia terrestre pelo território (figuras 1–3).⁴¹



Figura 1 - Aden, Coal Wharf. Feb 5. 1900



Figura 2 - Molo Camp. 8 March. 1900

⁴¹ Os documentos aqui reproduzidos pertencem ao acervo da Royal Commonwealth Society Library (Universidade de Cambridge) e estão identificados, respectivamente, como: RCMS/158/13, RCMS/158/42 e RCMS/158/62. As imagens também encontram-se disponíveis na página das Coleções Especiais da Biblioteca da mesma instituição: <https://specialcollections-blog.lib.cam.ac.uk/?p=16577>. Último acesso em: 10/08/2021.



Figura 3 - *Second Landing on Lake Victoria*

Com riqueza de detalhes e de diversidade cromática, as aquarelas procuram dar conta dos espaços percorridos, retratando os componentes humanos e os meios de transportes como, por exemplo, o navio à vapor (figura 1) e os barcos (figura 3), elementos considerados indispensáveis para a viabilizar a viagem. O cotidiano dos acampamentos também figurou como um tema focado por Allen na construção de sua narrativa visual. Em “Molo Camp” (figura 2), à frente da tenda de lona estendida ao lado da cabana, destacam-se três mulheres envolvidas com as dinâmicas relacionadas à manutenção das tarefas do acampamento, como podemos deduzir a partir da fumaça que sai da panela, sinalizando, ao espectador, a participação da mão-de-obra local no trabalho de preparação das refeições.

Ainda sobre as aquarelas produzidas ao longo do percurso, chama-nos também a atenção as representações de paisagens que contemplam as marcas da intervenção britânica no território, evidentes em “Railway Camp, Kikuyu Escarpment” (figura 4)⁴² e “Telegraph Station, Uganda Railway” (figura 5).⁴³

⁴² RCMS 158/31. As imagens também encontram-se disponíveis na página das Coleções Especiais da Biblioteca da mesma instituição: <https://specialcollections-blog.lib.cam.ac.uk/?p=16577>. Último acesso em: 10/08/2021.

⁴³ RCMS 158/39. As imagens também encontram-se disponíveis na página das Coleções Especiais da Biblioteca da mesma instituição: <https://specialcollections-blog.lib.cam.ac.uk/?p=16577>. Último acesso em: 10/08/2021.



Figura 4 - *Railway Camp, Kikuyu Escarpment*



Figura 5 - *Telegraph Station, Uganda Railway*

Contrastando com as montanhas de tonalidade azulada, a estrada de ferro e a estação de telégrafo despontam na paisagem como elementos abordados pelos traços de Allen. Em termos de análise comparativa, é interessante pensar como as mencionadas estruturas não figuraram

como alvos de interesse dentro do vasto repertório iconográfico constituído pelo bispo Alfred Tucker, por exemplo, conforme problematizamos no capítulo anterior.

Outro aspecto que consideramos importante investigar diz respeito ao fenômeno de circulação da produção visual de Allen.⁴⁴ Por meio da pesquisa documental empreendida nos arquivos, foi possível verificar que algumas das aquarelas pintadas pela missionária britânica foram reproduzidas nas páginas do periódico *The Church Missionary Gleaner*, em edição publicada em julho de 1900.⁴⁵ Incluindo as já mencionadas “Molo Camp. 8 March. 1900” (figura 2) e “Telegraph Station, Uganda Railway” (figura 5), as nove imagens atribuídas à Annie Allen⁴⁶ que ilustram o artigo de três páginas intitulado “The Uganda Railway and Beyond”, elaborado a partir de fragmentos das cartas da missionária Annie Beatrice Glass (1873–1970), cumprem o papel de dar a conhecer ao leitor algumas características dos lugares percorridos e dos “nativos” com quem o grupo de missionárias com destino à Uganda travou contato. Assim como identificamos em determinadas gravuras de Alfred Tucker que integram artigos do *The Church Missionary Gleaner*⁴⁷ também, nesse caso, a estrutura narrativa do artigo apresenta uma convergência estabelecida entre texto e imagem.

Como o próprio título anuncia, o relato de Glass é perpassado por informações sobre a estrada de ferro que conectava a zona costeira ao interior do território. Detalhes a respeito das dificuldades no campo da engenharia que precisaram ser transpostas para a construção de trechos da ferrovia são mencionados no artigo.⁴⁸ É válido pontuar que mais do que refletirem o

⁴⁴ Ainda que o escopo deste subitem do capítulo se concentre na circulação dos registros imagéticos feitos por Allen nos periódicos ilustrados, vale pontuar que o levantamento de fontes primárias realizado durante o período de investigação no arquivo da CMS em Birmingham também nos possibilitou localizar a publicação de um texto de autoria da missionária no *The Church Missionary Quarterly Token* (1856–1917), periódico de ampla circulação que, segundo Prochaska, chegou a ter uma distribuição de cerca de novecentos mil exemplares apenas na Inglaterra. O artigo de Allen, que adota uma linguagem voltada para um público infantojuvenil, procura discorrer sobre as crianças, em especial, seus hábitos e comportamentos, observados pela religiosa durante seu tempo de atuação em Toro. Embora o texto seja estampado por três gravuras de garotos, não foram localizados dados que nos permitam afirmar que as imagens são de autoria da missionária. ALLEN, Annie Emma. “In the Middle of Africa”. *The Church Missionary Quarterly Token*. Londres: Church Missionary House, n° 191, out.1903, pp. 1–3. Sobre o periódico em questão, ver: PROCHASKA, F. K. “Little Vessels: Children in the Nineteenth-Century English Missionary Movement”. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol. 6, n° 2, 1978, pp. 103–118, p.112.

⁴⁵ GLASS, *op. cit.*, p. 100.

⁴⁶ De acordo com a nota de rodapé que acompanha a legenda da primeira imagem que ilustra o artigo: “The pictures on these pages are direct reproductions of water-colour sketches, made by Miss Allen, a member of the missionary party”. *Ibidem*, pp. 99–101.

⁴⁷ Conforme buscamos discutir no quarto capítulo desta tese.

⁴⁸ “This morning Miss Hurditch, Mr. Savile, Mr. Bailey, and I went to see the engineering in the escarpment. I wish I could describe it properly; it is a most marvellous piece of work. The railroad goes almost sheer down in three immense dips to the wide-spreading plain below. It is worked by immense cables. The escarpment further on will take longer still, the engineer in charge said. He says that this last part is the really difficult, almost stupendous, task, and that he expects it will be four years before the line is finished”. GLASS, *op. cit.*, pp. 99–100.

impacto provocado pelo advento de novos meios de transporte e de comunicação na dinâmica das incursões europeias em diferentes regiões do continente africano a partir do final do oitocentos, a atenção canalizada para a estrada de ferro e para a estação do telégrafo está também intimamente articulada à própria viabilidade da presença do grupo de mulheres missionárias em Uganda, como sinalizamos anteriormente. No entanto, por mais que notemos uma certa prevalência textual e visual acerca da estrada de ferro, as descrições tecidas por Glass e as aquarelas produzidas por Allen não se restringem a esse tópico, abarcando outros temas.

As tentativas de estabelecer comparações entre os territórios percorridos e regiões familiares à narradora, e os trechos dedicados ao encontro com o “outro” africano, corporificado na figura dos carregadores e das populações locais que travaram contato com o grupo missionário durante a travessia, situam-se entre os aspectos que saltam aos olhos dos leitores. Ao discorrer sobre a paisagem observada em Nairobi (Kenya) durante o deslocamento rumo ao acampamento próximo da ferrovia, Glass afirma: “Exceto que as colinas eram mais altas, [o cenário] era muito parecido com as partes mais selvagens da Escócia, só que em vez de abetos [árvores coníferas] havia cactos e outras árvores novas para mim”.⁴⁹ Reparemos que a menção às regiões consideradas como as mais “selvagens da Escócia” é apresentada pela missionária como elemento central que torna possível a aproximação entre as paisagens. Comparações similares prosseguem em outro trecho, quando Glass descreve a chuva e os relâmpagos que eram “muito piores que os da Inglaterra”.⁵⁰ O esforço em traçar associações entre componentes paisagísticos e fenômenos meteorológicos correspondentes a territórios tão distantes e tão distintos, como a Europa Ocidental e a África Oriental, buscava, portanto, aproximar os leitores britânicos por meio de referenciais comuns. Nesse sentido, tais descrições pareciam, muitas vezes, se estruturar a partir da diluição das especificidades das paisagens do leste do continente africano. Em outras palavras, traduzidas pelas lentes da missionária britânica, quando não comportavam o imaginário de uma natureza de caráter “luxuriante”,⁵¹ as paisagens do leste africano eram concebidas como espaços disponíveis e autorizados para que aqueles que as narrassem inscrevessem suas próprias projeções.

⁴⁹ Traduzido e adaptado do original: “Except that the hills were higher, it was very like the wilder parts of Scotland, only instead of firs there were cacti and other trees new to me”. *Ibidem*, p. 99.

⁵⁰ “Just when we were finishing down came the rain again. It pours, and pours, and pours. It is thundering, and the lightning is far worse than in England, but it is curious how little one minds”. *Ibidem*, p. 100.

⁵¹ O adjetivo é empregado por Glass para se referir às plantas trepadeiras observadas durante uma caminhada pela floresta: “The chief one to-day was a nearly three hours’s tramp through a grand African forest—the real sort one pictures to oneself—with great tall trees and luxuriant creepers everywhere and any number of monkeys and parrots”. *Ibidem*, p. 101.

Na esteira da análise do artigo divulgado nas páginas do *The Church Missionary Gleaner*, cabe ainda enfatizar alguns trechos em que Glass volta seus olhares para descrever algumas características das populações locais. Ao discorrer acerca dos carregadores africanos, a autora chama especialmente a atenção para a figura do tocador de instrumento de percussão (figura 6) que integrava a caravana, a qual, segundo Glass, os leitores possivelmente já haviam visto representada em imagens.⁵²



THE CARAVAN DRUMMER.

Figura 6 - *The Caravan Drummer*

⁵² “Most of you must have seen pictures of an African caravan”. *Ibidem*, p. 100.

Mais uma vez, é interessante reparar como as dimensões do visual, do visível e da visão, como postula Ulpiano Meneses⁵³, se revelam como recursos de mediação na comunicação estabelecida entre a autora do relato e seus leitores. Considerações semelhantes podem ser tecidas na passagem em que Glass detalha o momento do encontro do grupo religioso com os “guerreiros massai”:

Eles são companheiros excelentes, fortes, certamente com mais de um metro e oitenta de altura. Eles usam um pedaço de pele sobre um dos ombros e carregam grandes escudos ovais em preto e branco e lanças muito longas e brilhantes, além de arcos e flechas, que você deve ter visto em imagens ou em exposições.⁵⁴

Como a leitura do trecho revela, a descrição construída por Glass sobre os “guerreiros massai” procura combinar características relacionadas a traços comportamentais, físicos, culturais e identitários atribuídos pela missionária aos caçadores pertencentes ao grupo social com quem os representantes da CMS haviam travado contato. Faz-se indispensável sublinhar que a autora do relato parte do pressuposto de que, longe de serem considerados inéditos aos olhos dos interlocutores, os distintos objetos portados pelos massai — pele de felino, escudos, lanças, arcos e flechas — eram, possivelmente, conhecidos pelos leitores por meio de “imagens” e “exposições”. A última afirmação de Glass demonstra particular consonância com determinadas práticas culturais voltadas para o consumo e fruição de textos, objetos e imagens produzidos a partir dos embates imperiais e que contribuíram para moldar imaginários sobre territórios e povos não europeus. Segundo o filósofo Valentin-Yves Mudimbe:

A inclusão de objectos ultramarinos em museus, em “espaços etnográficos” do Ocidente impõe-se como uma necessidade para expor as culturas ultramarinas, apresentá-las à população metropolitana e atrair o interesse de financeiros com capacidade para investir nas colónias. A vocação da etnologia e o colonialismo estão maravilhosamente emaranhados na mesma lógica.⁵⁵

Ao examinar os lugares desempenhados pela visualidade nos entrelaçamentos entre as representações ditas populares e científicas sobre o continente africano entre as décadas de 1890 e 1910, Annie Coombes dimensiona o impacto da exibição de coleções etnográficas em espaços

⁵³ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 11–36.

⁵⁴ Traduzido e adaptado pela autora do original: “They are great strong, fine fellows, certainly over six feet high. They wear a bit of skin over one shoulder and carry large oval black and white shields and very long bright spears and bows and arrows, which you must have seen in pictures or at exhibitions.” GLASS, *op. cit.*, p. 100.

⁵⁵ MUDIMBE, V. Y. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014, p. 91.

museológicos na opinião pública do período, bem como a circulação dessas imagens na imprensa ilustrada.⁵⁶ Segundo a autora, a replicação de exemplares da cultura material de diversas sociedades africanas, impulsionada por distintos meios e suportes, operou como peça fundamental no processo de construção e vulgarização de conhecimentos e estereótipos sobre a África na passagem do XIX para o XX.⁵⁷

Buscando traduzir no campo visual alguns dos aspectos registrados textualmente nos relatos de Glass nos deparamos, na página seguinte à descrição, com a reprodução da imagem intitulada “A Masai Hunter” (figura 7),⁵⁸ assinada com as iniciais de Annie Emma Allen.

⁵⁶ COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: Museums, Material Culture, and Popular Imagination in Late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994, p. 3.

⁵⁷ Em um dos capítulos de sua obra, Coombes direciona seus esforços investigativos para analisar as reverberações da expedição punitiva do Benin em diferentes circuitos, destacando como a construção de uma imagem negativa dessa região da África Ocidental e da “degeneração” de suas populações se ancorou na justaposição de textos e imagens. *Ibidem*, pp. 7–28.

⁵⁸ GLASS, *op. cit.*, p.101



Figura 7 - A Masai Hunter

Das representações de paisagens aos “tipos” locais, as aquarelas de Allen selecionadas para ilustrar “The Uganda Railway and Beyond” condensam cenas referentes ao deslocamento do grupo missionário da CMS da costa da África Oriental até o interior do território no início do século XX. Como sinalizamos em outros momentos desta tese, o registro visual, em suas diferentes modalidades, desempenhou uma função privilegiada nas relações estabelecidas entre o observar e o narrar. O conjunto de aquarelas elencadas até aqui nos permite compreender determinados estilos pictóricos e opções temáticas adotadas por Allen em uma fase marcada pelas primeiras percepções de sua incursão pelo leste africano. Por sua vez, analisar a narrativa visual presente no álbum que abarca os anos de 1900 a 1924, juntamente com as cartas pessoais escritas entre 1899 e 1914, nos possibilita investigar as ressonâncias que o período de circulação entre diferentes estações missionárias e o maior contato com as comunidades locais provocaram em sua produção.

5.2. Entrelaçando suportes e narrativas: o álbum e as cartas de Annie Allen

A interpretação dos registros elaborados por Allen durante seus anos de atuação em Uganda também nos impõe a necessidade de compreender como esses materiais foram acomodados e organizados. Partindo dessa perspectiva, a escolha do álbum como suporte para abrigar as aquarelas situa-se como ponto relevante em nossa análise. Sabemos que a montagem de álbuns constituiu-se como prática cultural e social que atingiu significativos níveis de popularidade a partir de meados do oitocentos, especialmente com o advento da fotografia e com os avanços técnicos nos ramos da impressão e da reprodução das imagens.⁵⁹ Os estudos de casos desenvolvidos por Clare Pettitt⁶⁰ e Renate Dohmen⁶¹ sobre álbuns organizados por mulheres no oitocentos demonstram como esses materiais podem ser compreendidos na interseção entre o relato de viagem, a produção artística e o entretenimento doméstico. Na linha dessa abordagem, a compreensão do álbum intitulado “Uganda: 1900–1924” pauta-se, portanto, no entendimento desse material como um artefato de natureza híbrida, que reúne pinturas, esboços não finalizados e anotações.

⁵⁹ BANN, Stephen (ed.). *Art and the Early Photographic Album*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2011.

⁶⁰ PETTITT, Clare. “Topos, Taxonomy and Travel in Nineteenth-Century Women’s Scrapbooks”. In: HENES, Mary; MURRAY, Brian (orgs.). *Travel Writing, Visual Culture and Form (1760–1900)*. Londres: Palgrave Macmillan: 2016, pp. 21–41.

⁶¹ DOHMEN, Renate. “Material (Re)collections of the ‘Shiny East’: A Late Nineteenth-Century Travel Account by a Young British Woman in India”. *Idem*, pp. 42–64.

Outro aspecto relacionado à materialidade dos documentos diz respeito à opção pela aquarela como meio para os registros visuais. Assim como a produção de álbuns esteve intimamente atrelada às atividades culturalmente associadas ao universo feminino, a técnica da pintura em aquarela também se enquadrava no conjunto de habilidades e instruções considerados condizentes com a formação de mulheres pertencentes às classes sociais mais abastadas, como era o caso de Allen. Como assinala Francina Irwin, desde meados do XVIII, a associação entre essa modalidade de pintura e o gênero feminino repousava, entre outros fatores, na ideia de que, diferentemente das condições que envolviam a pintura à óleo, a aquarela possuía um caráter mais portátil, flexível, com secagem mais rápida das tintas (que, por sua vez, possuíam odores menos fortes).⁶² Ou seja, fatores que permitiriam uma experiência artística considerada, para o pensamento dominante do período, mais propícia para praticantes iniciantes e amadores, em especial, as mulheres.⁶³

Em termos estruturais, o material analisado é composto por cinquenta e duas folhas que reúnem duzentas e cinco aquarelas distribuídas de maneira heterogênea. Ainda que constem no álbum informações relacionadas aos anos e aos lugares pelos quais a missionária transitou,⁶⁴ é interessante reparar que a inserção das imagens no álbum não obedece a uma sequência cronológica. Vale acrescentar que a disposição das imagens — acompanhada por legendas e descrições em algumas folhas — oscila entre, no mínimo, uma e, no máximo, oito pinturas por página. Da mesma forma que as imagens apresentam tamanhos e dimensões variadas, as aquarelas pintadas pela missionária também abrangem tópicos diversificados no que diz respeito aos assuntos retratados, o que nos permite afirmar que as imagens produzidas por Allen não se restringiram a captar temas exclusivamente relacionados à prática da evangelização, abarcando interesses variados que extrapolavam a esfera religiosa.

Ao lançarmos um olhar panorâmico para o álbum, notamos a coexistência de paisagens naturais, especialmente as paisagens lacustres, vistas internas e externas de edificações voltadas para as atividades empreendidas pela CMS, habitações vernaculares e exemplares da cultura

⁶² IRWIN, Francina. “Amusement or Instruction? Watercolour Manuals and the Woman Amateur”. In: ORR, Clarissa Campbell (ed.). *Women in the Victorian Art World*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 1995, pp. 149-166, pp. 149–151.

⁶³ Em *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*, Ana Paula Simioni problematiza, a partir da trajetória de cinco mulheres (pintoras e escultoras) que integraram o panorama artístico brasileiro de finais do XIX até 1922, os debates em torno da condição feminina no campo das belas artes e as noções de amadorismo e profissionalização nesse contexto. SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

⁶⁴ De acordo com as anotações presentes no álbum: “1900: Gayaza; 1901: Kome; 1902: Kabarole. Toro. Mengo. Camps; 1903: Toro; 1904: Ruwenzori. Dispensary Toro; 1908: Kabarole. Toro; 1909: Pygmy forest; 1913: Ruwenzori; 1914: Kabarole; 1922: Namirembe Uganda; 1924: Nabumali. Mt. Elgon”. CMS/ACC321 F1 image17.

material das populações locais, com particular destaque para determinados objetos como instrumentos musicais tradicionais,⁶⁵ cestarias, utensílios feitos de barro, embarcações entre outros. As etapas de cultivo de alguns gêneros agrícolas, a produção de determinados objetos e seus contextos de uso, também foram alvos da atenção de Annie Allen (figuras 8 e 9).⁶⁶

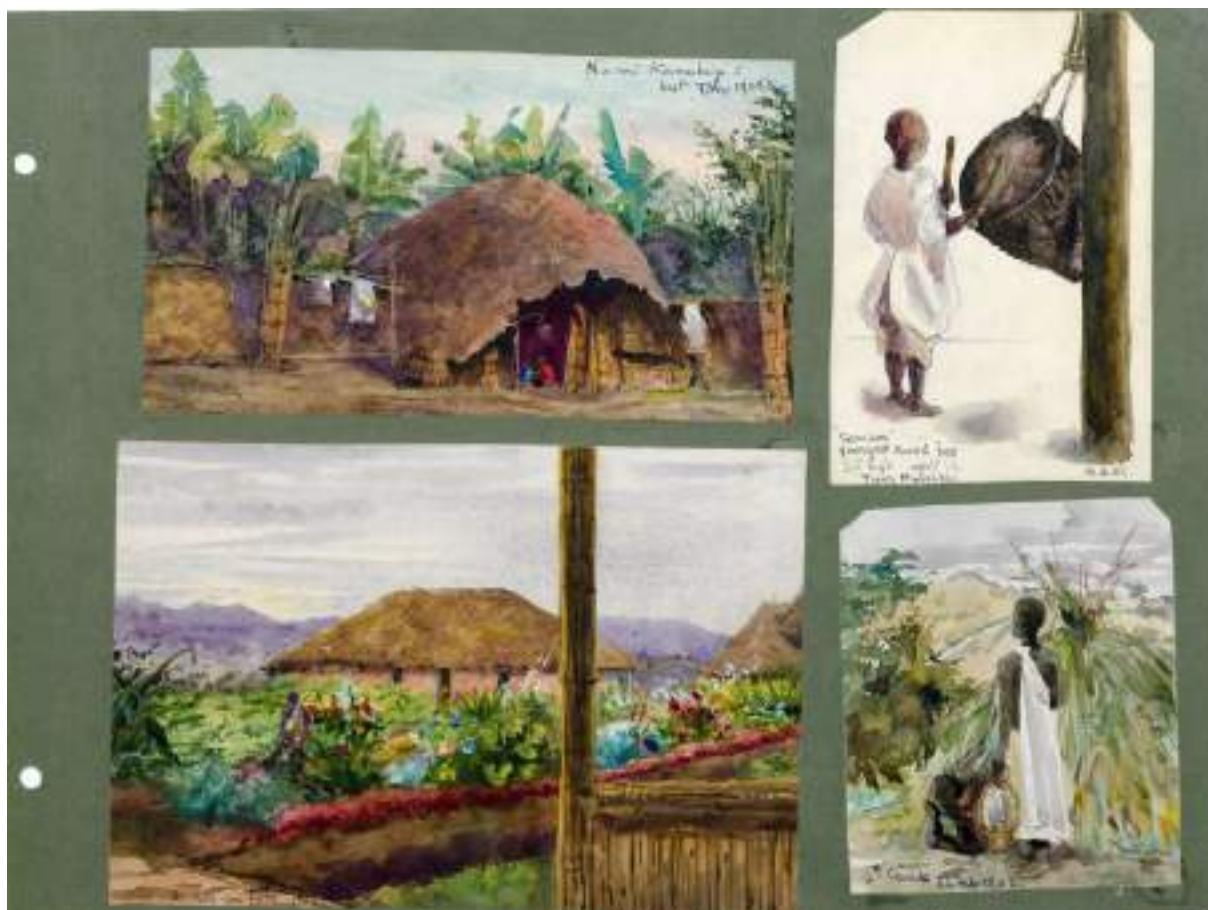


Figura 8 - Conjunto de aquarelas que compõe uma das folhas do álbum

⁶⁵ É importante mencionar que o lugar de destaque conferido aos instrumentos de percussão no âmbito da construção de uma narrativa visual sobre as práticas culturais e sociais das populações africanas não se revela circunscrito à produção visual de Allen, podendo ser identificado em registros fotográficos feitos por outros missionários, como Charles Hattersley (1866–1934) e John Roscoe (1861–1932), e que circularam amplamente em cartões-postais, periódicos e publicações, conforme abordaremos no capítulo seguinte.

⁶⁶ Respectivamente registradas como CMS/ACC321 F1 image26 e CMS/ACC321 F1 image43. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.

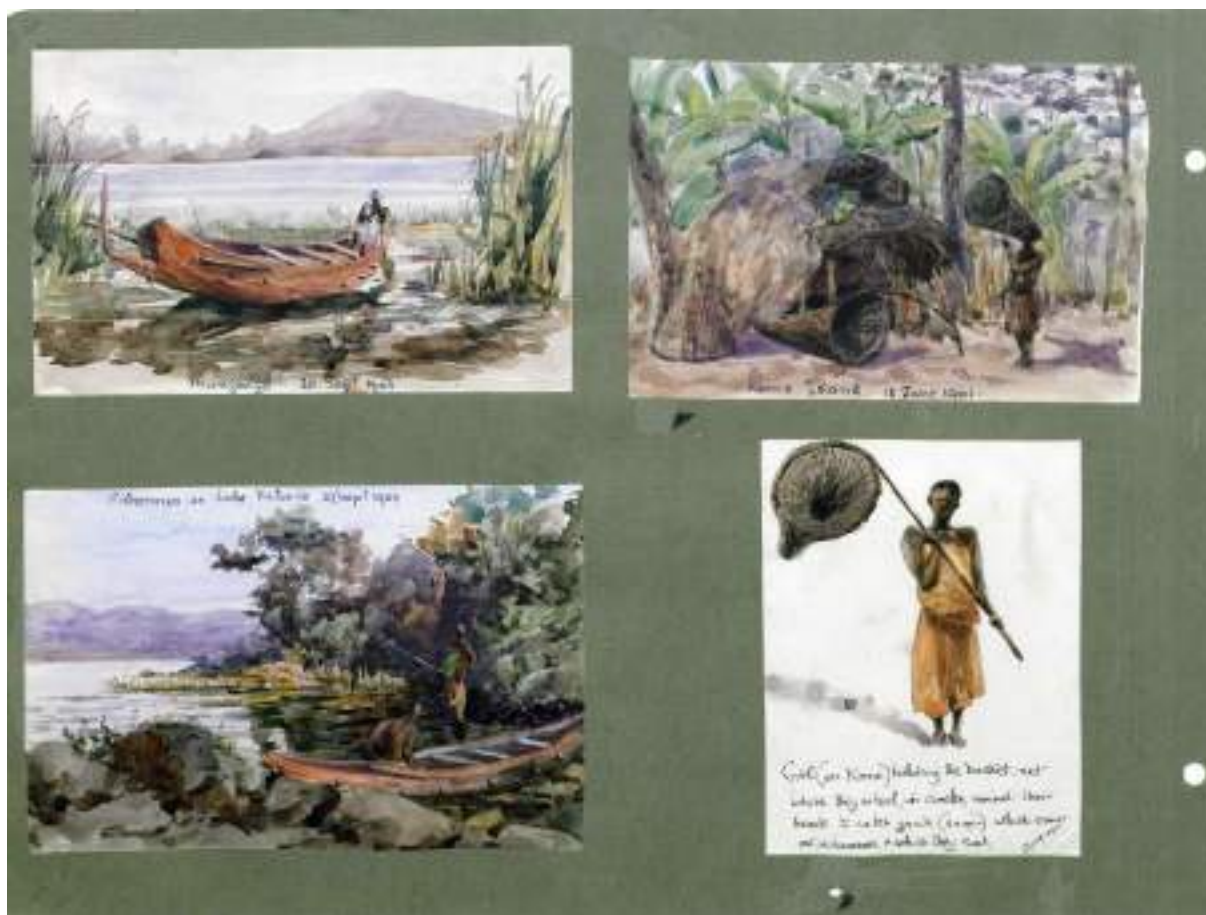


Figura 9 - Conjunto de aquarelas que compõe uma das folhas do álbum

Sem perder de vista as especificidades e as marcas autorais de Allen, a análise de suas aquarelas não deve prescindir de uma abordagem mais ampliada, na qual a noção de visualidade só pode ser apreendida por meio das imbricações entre fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. Isso porque, não seria equivocado afirmar que a miscelânea de temas retratados pela missionária parece se conectar a uma tendência mais geral verificada na trajetória de muitos viajantes que lançavam mão de distintos meios e ferramentas para documentar visualmente os diversos aspectos que integravam a realidade.⁶⁷ Ainda que a prática da representação visual tenha figurado como um recurso mobilizado por viajantes ao longo de diferentes períodos da História, o conjunto de transformações técnicas no campo da produção e reprodução de imagens — que ganhou fôlego a partir da segunda metade do XIX — somado ao avanço dos projetos imperiais europeus em diferentes partes do globo e a consolidação do racismo científico,

⁶⁷ Entre os muitos exemplos que poderíamos citar, a produção visual decorrente das incursões empreendidas pelo missionário David Livingstone, vinculado à London Missionary Society (LMS), por distintas regiões da África Central e Austral durante a segunda metade do oitocentos, é elucidativa do anseio em catalogar, por meio de fotografias, desenhos e pinturas que continham um forte viés etnográfico, diversos aspectos ligados à dinâmica social dos grupos africanos contatados. MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996 e KOIVUNEN, Leila. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009.

imprimiram novos matizes à prática do registro imagético entre expedicionários, religiosos, comerciantes e agentes coloniais.⁶⁸

Como anunciamos no início deste capítulo, a mobilização do conjunto de epístolas⁶⁹ escritas pela missionária durante as duas primeiras décadas do século XX contribui para lançar luz sobre aspectos que possibilitam uma melhor apreensão do discurso visual presente no álbum. Além de conter ricos detalhes sobre o cotidiano das estações missionárias nas quais Allen atuou, as cartas constituem-se como um material substancial. Elas permitem reconhecer como a missionária lançou mão da prática da escrita não só para informar e moralizar seus interlocutores na Europa sobre a empreitada missionária, mas também como artifício para angariar apoio e doações à causa sustentada pela CMS em Uganda.⁷⁰ Observar a trajetória de Allen sob esse ângulo nos possibilita verificar as conexões e os trâfegos estabelecidos entre o trabalho filantrópico desempenhado por grupos femininos nos espaços metropolitanos e coloniais na virada do oitocentos para o novecentos.⁷¹

Ao cotejarmos a análise do álbum com a leitura das cartas, é possível notar como as descrições tecidas por Allen são atravessadas por menções ao universo da visualidade em diferentes níveis, a começar pelo uso frequente de ilustrações de personagens e de passagens da Bíblia como um dos muitos recursos instrumentalizados frente aos desafios envolvidos no processo de conversão das populações locais.⁷² Ainda que a mobilização de elementos

⁶⁸ RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.

⁶⁹ Com base nos dados fornecidos pelo arquivo da CMS (Cadbury Research Library, Universidade de Birmingham), sinalizamos que a data em que as cartas de Annie Allen foram reunidas como uma coleção não é mencionada. Os documentos foram mantidos na ordem em que foram encontrados, buscando corresponder às listas escritas à lápis no verso dos envelopes remanescentes em uma folha de papel impressa com o timbre para a casa da família da missionária em Clirhiw, Pembrokeshire, e endossada em lápis: “Da Srta. A. E. Allen”. Informações retiradas de: <http://calmview.bham.ac.uk/Record.aspx?src=CalmView.Catalog&id=XCMS%2fZ%2f38&pos=5>. Último acesso em: 23/11/2021.

⁷⁰ Segundo Elizabeth Dimock: “She [Annie Allen] raised funds for her projects through ‘Round Robin’ letters sent to supporters. One of her sisters coordinated the parcel sending (clothes and cut-out cloth for sewing in particular) and fundraising at home, all of which bypassed the London office of CMS. There is little written by her in CMS journals. Miss Allen orchestrated her supporters in a direct way, giving a performance through her letters that we can read and interpret”. DIMOCK, *op. cit.*, p. 89.

⁷¹ PROCHASKA, F. K. *Women and Philanthropy in Nineteenth-century England*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

⁷² Alguns trechos que denotam a relevância do tema dentro das práticas de evangelização também foram reproduzidos nas páginas dos *Proceedings* (1900–1901). Ao relatar algumas dificuldades enfrentadas no trabalho missionário realizado em Gayaza, Allen menciona: “I am trying to visit their homes of all the scholars, but this, again, is no easy matter, as the huts are all so alike, and they lie buried away in the banana plantations; so I get one of the school-children nearly every afternoon to conduct me to his or her home, and, when there, Bible pictures are again an enormous help; the people very much enjoy looking at them and having them explained, and the neighbours flock round when they see the picture-book. Many are the happy visits we have paid together in this way, the scholar going on ahead along the narrow path to lead the way, and then thoroughly entering into the picture show at the end”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Uganda”. *Proceedings of the Church Missionary Society (1900–1901)*. Londres: Church Missionary House, 1901, pp. 130–150, p. 141.

imagéticos como parte da estratégia voltada para a conversão esteja longe de se constituir como uma prática específica do contexto focado, tal como nos demonstra as investigações empreendidas por David Morgan,⁷³ a recorrente menção ao uso de imagens e símbolos religiosos desponta como um tema de destaque na documentação arrolada.

É válido lembrar que na quase sempre turbulenta relação estabelecida entre os Padres Brancos e os missionários vinculados à CMS em Uganda, as constantes comparações entre os métodos e os recursos empregados na prática da evangelização também se refletiam nas formas como católicos e protestantes lançavam mão de seus repertórios materiais e imagéticos como instrumentos de conversão.⁷⁴ Partindo dessa perspectiva, os escritos e as aquarelas da missionária apontam para o emprego de um extenso repertório imagético aplicado em variados ambientes e contextos.

Da oferta de ilustrações de figuras do antigo testamento para um grupo de garotos,⁷⁵ à utilização de um “portfólio”⁷⁶ com imagens bíblicas mobilizado para captar o interesse dos povos locais, as imagens seguiam “fazendo o seu trabalho”,⁷⁷ nas palavras de Allen. As descrições evidenciam como as representações visuais que veiculavam um conteúdo cristão poderiam ser pensadas como poderosas aliadas no trabalho de evangelização executado por Annie Allen, o qual não se restringia aos dispensários e internatos em que atuou, abarcando, em alguns momentos, espaços privados, conforme verificamos na passagem abaixo:

Tenho aqui em meu quarto três grandes imagens das Escrituras; uma de São Pedro submerso, uma do Senhor Jesus lavando os pés dos discípulos e uma de Samuel dizendo ‘Fala Senhor para Teu Servo que ouve’. Uma de nossas meninas negras me tocou no ombro, outro dia, e apontando para a imagem perguntou o que significava. Por um momento, pensei “o que devo dizer?” pois não sabia o suficiente para

⁷³ MORGAN, *Protestants and Pictures...*, *op. cit.*, e *Idem*, *The Sacred Gaze...*, *op. cit.*

⁷⁴ Na disputa pela hegemonia das conversões, até mesmo o relato sobre o ataque feito a uma caravana que transportava os pertences de religiosos católicos congregava um teor crítico a respeito do uso dos símbolos cristãos, a partir do contrastes entre as missões da “Igreja da Inglaterra” e da “Igreja de Roma”. De acordo com o bispo Alfred Tucker: “These crucifixes and images were evidently the property of the Roman Catholic Mission under Bishop Hanlon, which is some three or four weeks in front of us on the road (...). Certainly the sight at the devastated encampment was a striking object-lesson as to the methods of the two Missions - the Church of England and the Church of Rome. Here, copies of God’s Word, expositions of Christian teaching; there, plaster images and scraps of pictures of impossible saints”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Eastern Equatorial Africa Mission”. *Proceedings of the Church Missionary Society (1895–1896)*. Londres: Church Missionary House, 1896, pp. 91-98, p. 94.

⁷⁵ CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to September 28 1902*. “15 February, 1902”, p. 55.

⁷⁶ *Ibidem*, “3 rd. Camp, Bujongolo, 21 February, 1902”, p. 59.

⁷⁷ *Ibidem*, “On Lake Victoria Nyanza, 22 September, 1901”, p. 48.

explicar, mas de repente, pensei em encontrar a história na Bíblia e lê-la em voz alta. Isso eu fiz rapidamente.⁷⁸

Em algumas aquarelas identificamos a presença de objetos e símbolos religiosos que compunham o escritório da CMS em Nabumali, por exemplo (figura 10),⁷⁹ explicitando o quanto as ações missionárias empreendidas em campo estavam alicerçadas em uma iconosfera⁸⁰ abastecida, inicialmente, por um repertório visual de matriz europeia e cristã, mas que, com o decorrer do tempo, passou a incorporar referências imagéticas derivadas das experiências coloniais, sem, no entanto, se descolar de uma perspectiva visual eurocêntrica.



Figura 10 - *The Office CMS. Nabumali 12x8ft. 13 May 1924*

⁷⁸ Tradução e adaptação da autora a partir do original: “I have in my bedroom here three large Scripture pictures; one of St. Peter sinking, one of the Lord Jesus washing the disciples feet, and one of Samuel saying ‘Speak Lord for Thy Servant heareth. One of our black girls touched me on the shoulder, the other day, and pointing to the picture asked what it meant. For a moment I thought ‘what shall I say?’ for I did not know enough to explain, but suddenly, I thought of finding the story in the Bible and reading it out. This I quickly did”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902.* “Gayaza, 30 September, 1900”, p. 25.

⁷⁹ CMS/ACC321 F1 image53. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.

⁸⁰ Na acepção de Ulpiano Meneses, o conceito de iconosfera compreenderia, de maneira sintética, “o conjunto de imagens que, num dado contexto, está socialmente acessível”. MENESES, *op. cit.*, p. 15.

Descritos verbal e visualmente nos relatos legados por Allen, a presença de símbolos religiosos nos ambientes relacionados às atividades de evangelização empregadas pela CMS não deixou de ser destacada em outras narrativas, como podemos atestar por meio da fotografia reproduzida na obra *The Wonderful Story of Uganda* (1904),⁸¹ de Joseph Mullins (figura 11). De acordo com a legenda da imagem, trata-se de Annie Allen junto com um grupo de quatro jovens (apenas um deles, Simei Kasaja, é identificado) que, concentrados, escrevem sob a aparente supervisão da missionária. Acima dos garotos, observamos uma representação visual pregada na parede que, embora não tenhamos uma visão mais detalhada, aparenta retratar uma cena religiosa por conta dos tipos de vestimentas e das posturas das figuras que compõem a imagem. Em um cômodo de aparência austera, com poucos objetos para além da mesa, livros, cadernos e demais materiais para a escrita, a imagem fixada na parede parece se destacar no ambiente e no enquadramento da cena fotografada, ilustrando a relevância da exposição de determinados recursos visuais e de seu potencial pedagógico.



Figura 11 - *A Writing-class, Mengo*

⁸¹ MULLINS, Joseph D. *The Wonderful Story of Uganda*. Londres: Church Missionary Society, 1904, p. 81. Não foi possível identificar a autoria da fotografia.

A atuação de Allen deve ser observada de forma atrelada a um movimento mais amplo, que correspondia à construção de uma visualidade direcionada à conversão religiosa das populações pertencentes a diferentes partes do império britânico e relacionada à defesa da presença europeia nesses espaços. Ao investigar os fenômenos de produção, circulação e recepção social da obra “The Hope of the World”, do artista Harold Copping (1863–1932), encomendada pela LMS em 1915, Sandy Brewer discute como a difusão de uma visualidade, aliada à uma pedagogia de viés protestante, foi decisiva para alimentar imaginários e angariar o apoio da opinião pública sobre as ações empreendidas pelas sociedades missionárias dentro e fora da Europa.⁸²

Paralelamente a esse tipo de uso das imagens, em outras passagens podemos identificar como a missionária recorreu à prática do registro visual de pessoas e paisagens como uma espécie de complementação à narrativa textual:

A região pela qual passamos vindo para cá era linda. Era muito menos tropical e selvagem e, portanto, achei muito mais adorável do que eu esperava. **Tentei fazer o máximo de pequenos esboços que pude para mandar para casa para dar às minhas irmãs uma ideia de como tudo isso se parece.** De alguma forma, imagina-se que na África Central o céu deve ser verde e as árvores escarlates, etc., ao passo que, em muitos aspectos, tudo se parece muito com o nosso lar. Os mesmos céus cinzentos e opacos e as manhãs enevoadas, quase brancas, e a voz do pombo da floresta, e dos pardais, e os alvéolos da floresta [espécie de pássaro], todos me lembram muito da minha terra natal.⁸³

A leitura do excerto demonstra como o hábito de elaborar esboços e enviar para familiares que estavam na Grã-Bretanha a fim de fornecer “uma ideia de como tudo isso se parece” se revelava como prática relativamente frequente entre as atividades cotidianas desenvolvidas por Annie Allen no âmbito das missões. De maneira mais abrangente, as tentativas de estabelecer comparações entre certos aspectos da natureza presentes em sua “terra natal” e os territórios percorridos nas regiões de Mengo, Gayaza e Kabarole perpassam os escritos de Allen. Ao elencar alguns elementos da paisagem britânica como matriz de

⁸² BREWER, Sandy. “From Darkest England to the Hope of the World: Protestant Pedagogy and the Visual Culture of the London Missionary Society”. *Material religion*, vol. 1, n° 1, pp. 98–124, 2005.

⁸³ Tradução e adaptação minha do original: “The country through which we passed coming here was beautiful. It was far less tropical and jungle-y, and therefore I thought far more lovely, than I expect it to be. **I tried to do as many small sketches as I could, to send home to give my sisters some idea of what it all look like.** Somehow one fancies that in Central Africa the sky must be green and the trees scarlet, etc. whereas in many ways, it is all very like home. The same dull grey skies and misty, almost white foggy mornings, and the voice of the wood pigeon, and the sparrows, and water wag-tails, all remind me very much of my native land”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902*, “Gayaza, 20 june, 1900”, pp. 27–31, pp. 27–28. Grifos meus.

referência, a religiosa buscava traçar determinadas aproximações entre características da fauna e da flora observadas em Uganda com aquilo que era considerado familiar ou que guardasse semelhança aos seus olhos, tal como verificamos anteriormente no artigo de Annie Beatrice Glass. De acordo com o relato, quanto menos “tropical e selvagem”, mais “adorável”.

Os contrastes entre as marcas daquilo que Allen identificava como expressões da civilização e da superioridade europeia adquirem contornos ainda mais nítidos em outras passagens em que a missionária discorre sobre os modos de vida das populações locais. Ao relatar suas impressões sobre o cotidiano em Gayaza, em carta escrita no início do século XX, Allen afirma:

Viver aqui é exatamente como viver há cerca de 1900 anos — na época dos apóstolos. Ninguém tem pressa. Nenhuma postagem, exceto quinzenal. Sem jornais. Sem trânsito. Sem livros. Apenas a Bíblia. Livro de oração, livro de hinos e os serviços da Igreja parecem o grande acontecimento do dia.⁸⁴

Na percepção da religiosa, as condições de vida observadas em Uganda eram equivalentes ao período em que os primeiros apóstolos viveram, ou seja, na Antiguidade. Para Allen, a relação das comunidades locais estabelecida com o tempo (“ninguém tem pressa”) e a ausência de regularidade nos meios de comunicação e de transporte que operavam na região, despontavam como fatores que *autorizavam* a missionária a realizar tais comparações. Ao adotar um referencial que remonta aos primórdios do cristianismo, Allen recorre a uma elipse temporal que desconsidera o impacto das transformações, rupturas e tensões promovidas por agentes internos e externos desde a formação política do território dos Grandes Lagos africanos no século XVIII e que se acirraram no final do oitocentos. Assim, no discurso construído por Allen, Uganda, blindada das interferências políticas e dos signos associados ao paradigma civilizacional europeu, representaria um terreno fértil para a continuidade do projeto defendido pela CMS sob o protagonismo dos agentes britânicos.

Em outras passagens das cartas escritas por Allen, é possível verificar como a missionária recorreu ao binômio “civilização” e “primitivismo” para retratar suas impressões sobre os territórios percorridos. “Uganda é uma estranha mistura de ultra primitivismo e civilização avançada”, sintetiza Allen ao contrastar a permanência de certas estruturas

⁸⁴ Tradução e adaptação minha do original: “Living here feel to me exactly like living about 1900 years ago — in the Apostles’ time. No one hurries. No post, except fortnightly. No newspapers. No traffic. No books. Only the Bible. Prayer book, hymn book, and the services at the Church seem the great event in the day”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902*, “Gayaza, 20 June, 1900”, pp. 27–31, p. 31.

construtivas (“chão de lama e palha”) que coexistiam com “campainhas elétricas”, “telefones” e “máquinas de escrever”,⁸⁵ aparelhos que congregavam os avanços tecnológicos da época e que estavam ligados à ideia de progresso e às concepções de conforto no ambiente doméstico burguês.

Ainda no campo das comparações estabelecidas pela religiosa, vale a pena sublinhar como em muitos momentos Allen recupera elementos associados à vida urbana e à noção de domesticidade a fim de demarcar diferenças entre as populações locais e os representantes da CMS em Uganda, como podemos identificar em carta de 22 de setembro de 1901, na qual Allen descreve os baganda:

(...) estamos vivendo entre um povo que não sabe nada sobre tantas coisas que conhecemos e cuidamos em casa, como belas flores, estufas, vinhedos, jardins, música, serviços da Catedral, quadros, livros, cavalos, carruagens, poesia, bordado, escultura, edifícios públicos, estatutos. E muitas outras coisas que eu poderia acrescentar à lista de coisas que gostamos e apreciamos em casa; e os Baganda não sabem nada sobre eles, e não têm palavras para expressá-los. Eles não sabem nada sobre flores. Eles só conhecem as bananas que cultivam até a porta de suas cabanas. Quanto à música, o máximo que sabem é cantar canções estranhas de barcos selvagens e tocar melodias muito primitivas em flautas e harpas nativas. Quanto às fotos, eles nunca viram uma gravura comum antes da chegada dos europeus ao país. Com relação ao livro, eles nunca viram nenhum, exceto suas Bíblias e livros de oração e hinos, e eles acham que todos os livros na Inglaterra, ou melhor, na Europa, são Bíblias ou livros sobre a Bíblia. E depois o bordado — o máximo que sabem fazer é costurar tiras de tecido de casca de árvore com grama fina. E, claro, quanto a prédios públicos e afins, eles não têm conhecimento. Até agora, suas casas eram simplesmente cabanas baixas e escuras de capim sem ventilação.⁸⁶

⁸⁵ Tradução e adaptação minha do original: “Uganda is a strange mixture of ultra primitiveness, and advanced civilization, although we have mud floors and grass thatch, and no windows, etc. Still there are electric bells in some of the missionaries’ houses, the telephone is quite a common thing here; also the chiefs have typewriters”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902*, “Uganda, 17 February, 1901”, p. 37.

⁸⁶ Tradução e adaptação minha do original: “(...) we are living among a people who know nothing at all about so very many things we know and care for at home, such as beautiful flowers, greenhouses, vineries, gardens, music, Cathedral services, pictures, books, horses, carriages, poetry, needlework, sculpture, public buildings, statutes. And many others things I could add to the list of things that we enjoy and appreciate at home; and the Baganda do not know anything about them, and have no words to express them. They know nothing about flowers. They only know about bananas which they cultivate right up to the doors of their huts. As to music, the most they know is how to sing weird wild boat songs, and to play very primitive tunes on native reed-pipes and hand-harps. As to pictures, they never saw even a common print before the Europeans came into the country. With regards to book they never saw any except their Bibles and Prayer and hymns books, and they think the all the books in England, or rather Europe are either Bibles or books about the Bible. And then the needlework — the most they know how to do is to sew a strips of bark cloth together with fine grass. And, of course, as to public buildings and such like, they have no knowledge for. Hitherto their homes have been simply low dark unventilated grass huts”. CMSZ38.

A leitura da descrição elaborada por Allen evidencia a perspectiva da missionária acerca dos baganda a partir de uma série de oposições e hierarquizações que vão sendo descortinadas em seu texto. Aos olhos da autora, a capacidade de produzir conhecimento e ter habilidade para expressá-lo estava intimamente condicionada ao quão próximo se poderia estar daquilo que Allen elencava como “coisas” conhecidas e apreciadas em seu território de origem. Sob a ótica imperial e colonial, os baganda “não sabiam nada”, na medida em que estavam apartados do contato com as “(...) belas flores, estufas, vinhedos, jardins, música, serviços da Catedral, quadros, livros, cavalos, carruagens, poesia, bordado, escultura, edifícios públicos, estatutos”.

Prosseguindo na análise do excerto, é curioso notar como as manifestações da natureza, em estado controlado, se destacam entre itens pontuados pela missionária como componentes que integravam a vida metropolitana.⁸⁷ Assim, no escalonamento de técnicas e saberes apresentado por Allen, os baganda “nada sabiam” sobre o cuidado com as flores.⁸⁸ Para a missionária, o conhecimento das populações locais sobre o ambiente em que viviam limitava-se ao cultivo das plantações de bananas. A relevância desse tipo de cultivo, desconsiderada na descrição de Allen, diz respeito à manutenção do equilíbrio de uma cadeia mais complexa calcada em fatores ambientais, alimentares, simbólicos e econômicos que garantia a sobrevivência das populações baganda, como demonstra Elikia M’Bokolo.⁸⁹

Além das formas de intervenção na paisagem natural, outros aspectos são levantados pela religiosa com o intuito de justificar a inferioridade cultural dos baganda. Dos instrumentos musicais e melodias “primitivas” entoadas em “canoas selvagens”, ao desconhecimento sobre

The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902, “On Lake Victoria Nyanza, 22 September, 1901”, pp. 46–48, p. 46.

⁸⁷ Ao observarmos as aquarelas do álbum, é possível notar como Allen buscou expressar seu apreço pelas flores e jardins na composição das paisagens naturais e dos ambientes internos retratados em suas pinturas.

⁸⁸ Nesse ponto, cabe mencionarmos o lugar de destaque dos estudos botânicos devotados não apenas para a conformação do paisagismo ornamental britânico, mas também, a partir das suas vinculações com o imperialismo, comprometido com o desenvolvimento de uma economia colonial. Aberto ao público em 1840, o Kew Gardens, conjunto de jardins situado em Londres, pode ser citado como um dos exemplos paradigmáticos de um centro em que além da aclimação de diferentes espécies para a inserção nos espaços urbanos, impulsionava o intercâmbio de plantas e sementes com o intuito de dinamizar o comércio colonial. BROCKWAY, Lucile H. “Science and Colonial Expansion: the Role of the British Royal Botanic Gardens”, *American Ethnologist*, vol. 6, nº 6, 1979, pp. 449–465.

⁸⁹ “Fácil de cuidar, proporcionando rendimentos elevados com um reduzido investimento em trabalho, pelo que dava aos produtores a possibilidade de se dedicarem paralelamente a outras actividades, a bananeira (de que hoje há mais de cinquenta variedades no Buganda) fornecia uma gama muito extensa de produtos que correspondiam a todas as necessidades alimentares, sociais e simbólicas da sociedade ganda: *matoke* (bananas de cozer), *gonja* (bananas de assar), *mbide* (bananas de cerveja) e *menvu* (bananas-fruta). Uma família conseguia viver com um hectare de bananeiras que, bem tratado, dava produtos durante vinte anos. Instalada à roda da casa, a *kijanba* (bananal), apresentava além disso a vantagem de gerar um meio ecológico especial que dispensava o estrume animal, graças à acumulação dos restos da cozinha, às folhas caídas das bananeiras e às ervas silvestres, tudo criando um microclima propício a uma diversidade de culturas”. M’BOKOLO, Elikia (org.). *África negra. História e civilizações. Do século XIX aos nossos dias* (tomo II). Lisboa: Edições Colibri, 2011, p. 35.

cultura impressa e a prática de trabalhos manuais, como o bordado, a missionária mobiliza adjetivos para desqualificar os grupos sociais abordados, construindo, portanto, uma imagem de inaptidão dos africanos. Diante desse cenário, tornava-se imprescindível tutelar as populações que “nada sabiam”, legitimando, desse modo, a retórica imperial e colonial assentada na ideia de superioridade intelectual, moral e racial dos europeus frente à subalternidade dos africanos.⁹⁰

5.3. Entre lanças, leques e hospitais: recriando visualidades em torno de espaços públicos e privados

A análise conjunta das cartas e aquarelas produzidas por Allen nos permite averiguar, por meio de pontos de continuidade e rupturas, como a religiosa utilizou a dimensão visual como um dos suportes para comunicar a sua visão de mundo. Marcante nos relatos escritos, a valorização de determinados objetos, hábitos e práticas associados à vida doméstica também despontaram como temas recorrentes em suas pinturas. Ao nos debruçarmos sobre algumas representações de ambientes internos que integram o álbum, nosso olhar é direcionado para a diversidade de objetos que compõem os cômodos representados.

Nas paredes do ambiente retratado na aquarela “Gayaza 21 May 1900” (figura 12)⁹¹ notamos que os quadros afixados dividem espaço com objetos de formato circular, aparentemente feitos de fibra vegetal. Abaixo, notamos exemplares de instrumentos musicais tradicionais de cordas, que aparentam ser o *ndongo*⁹² e a *nganga*,⁹³ potes e jarros feitos de barro, lanças, leques e um escudo. Ocupando posição central na imagem, o tecido vermelho que recobre uma estrutura próxima à parede contrasta com a toalha verde de mesa, na qual estão apoiados um vaso de flores e um livro, e com a pele de felino estendida no encosto da cadeira

⁹⁰ Evidenciado no trecho analisado, o não reconhecimento a respeito do saber das populações locais, articulado, muitas vezes, a comentários de cunho racial, permeia diferentes registros feitos por Allen, como podemos notar na passagem em que a missionária se queixa de que as pessoas em Uganda “não tinham ideia de geografia”: “The people here have no idea of geography, and some of them asked, the other day, whether the Queen lives in the same city with the Pope. I sometimes wonder what our Queen would think if she could see some of her little namesakes out here. One I saw on Wednesday had nothing on but a circlet round her waist, and was as black as soot, with a fuzzy head”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to September 28 1902*, “Mengo, 24 August, 1900”, pp. 33–34, p.34.

⁹¹ CMS ACC321 F1image 31. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.

⁹² A identificação do instrumento representado na aquarela se amparou nas descrições e nos registros fotográficos de instrumentos musicais pesquisados por: KAFUMBE, Damascus. *The Kabaka's Royal Musicians of Buganda Uganda: Their Role and Significance during Ssekabaka Sir Edward Frederick Muteesa II's Reign (1939–1966)*. A Thesis submitted to the College of Music in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Music, Florida, 2006, p. 87.

⁹³ *Ibidem*, p. 88.

de madeira. Ainda que contenha uma diversidade menor de objetos em cena, verificamos uma disposição visual semelhante na aquarela datada de 1902 sobre o interior de uma sala de espera em Toro (figura 13).⁹⁴



Figura 12 - *Gayaza 21 May 1900*

⁹⁴ CMS ACC321 F1image 21. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.



Figura 13 - 1902 Interior of Our Sitting Room. Kabarole Toro. 4 Aug 1902

É digno de nota, em ambas as aquarelas, a presença de estruturas que se assemelham às lareiras. Considerada o “centro espiritual e intelectual da família”,⁹⁵ a lareira era o elemento de destaque na composição dos lares vitorianos burgueses. Na pintura de Allen, recoberta por tecidos, a mencionada estrutura parece se distanciar do objetivo primordial que desempenhava nas casas europeias, o de aquecer o ambiente doméstico. No entanto, ainda que não tenhamos indícios documentais para afirmar que as casas missionárias pertencentes à CMS em Uganda tivessem lareiras, é interessante reparar na correspondência visual que é estabelecida a partir das aquarelas de Allen. Se a estrutura representada pela religiosa possivelmente não cumpria a principal função exercida nas residências vitorianas, o uso de seu console como espaço destinado à exposição de distintos objetos decorativos parece, no entanto, desempenhar função semelhante ao que era observado no interior dos ambientes domésticos burgueses. De acordo com Esme Cleall, “os missionários usaram o espaço físico da casa para preservar uma identidade europeia na África, projetada para trabalhar contra os efeitos corruptores que o meio ambiente temia exercer sobre ela”.⁹⁶ Nesse sentido, dentro das hipóteses traçadas em nossa

⁹⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 299.

⁹⁶ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Missionaries used the physical space of the home to preserve a European identity in Africa, designed to work against the corrupting effects the environment was feared to exert upon it”. CLEALL, Esme. “Far-Flung Families and Transient Domesticity: Missionary Households in Metropole and Colony”. *Victorian Review*, vol. 39, nº 2, pp. 163–179, p. 168, 2013.

investigação, mesmo que os cômodos retratados visualmente pela religiosa estivessem povoados por objetos africanos, ao tentar, de certo modo, recriar a atmosfera doméstica britânica nas casas missionárias situadas em Uganda, Allen buscou, por meio de suas aquarelas, formas para criar um efeito de ancoragem.⁹⁷ Recorrendo a outras palavras, de maneira semelhante aos relatos sobre paisagens naturais, nos quais a missionária visava estabelecer pontos de aproximação com elementos da paisagem britânica, as pinturas acerca do cenário doméstico que compõem o álbum também evocavam, ao espectador uma sensação de familiaridade.

Além das duas imagens aqui apresentadas, entre as aquarelas que procuram enfatizar a cultura material inserida no universo das casas habitadas por Allen, chama-nos a atenção, em particular, a pintura intitulada “Flower Table & Spear” (figura 14).⁹⁸ Se as duas produções analisadas anteriormente procuram dar conta de uma miscelânea de objetos agrupados, a aquarela em questão nos fornece a impressão de ser fruto de um cenário organizado intencionalmente para ser registrado. Conforme anuncia o seu título, a pintura se concentra na representação de uma mesa com vasos de flores, tendo um conjunto de lanças, arcos e flechas em segundo plano. Além desses itens que ocupam a porção central da imagem, notamos, no canto direito da aquarela, a presença de dois quadros (cujas representações são de paisagens naturais), acima de um cesto confeccionado com fibra vegetal.

⁹⁷ Empregamos o conceito de ancoragem a partir das formulações de Serge Moscovici a respeito da constituição das representações sociais. Para o autor, o fenômeno da ancoragem estaria relacionado ao processo de transformação de um elemento considerado exótico e perturbador em algo palatável e familiar. MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁹⁸ CMS ACC321 F1 image 21. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.



Figura 14 - *Flower Table & Spear. Corner Mission House. Toro 12.05.02*

A partir da justaposição de distintos objetos, é interessante reparar como a composição da imagem dialoga com a tradição do gênero de pintura de natureza morta. Sobre a cultura material captada por Allen na cena, embora a análise da fonte possa sugerir, à primeira vista, uma espécie de coexistência entre os objetos expostos — e, sobretudo, das práticas culturais e

sociais que os seus usos agenciam — é fundamental atentarmos para a forma como o repertório material que compõe a imagem também é capaz de engendrar outras camadas de significados. Assim, ao mirarmos a aquarela à luz do discurso presente nos registros textuais da missionária, podemos reconhecer, dessa vez, no campo da linguagem visual, a tensão entre os elementos relacionados, na perspectiva de Allen, à noção de civilidade/domesticidade (isto é, arranjos florais e pinturas), e alguns exemplares da cultura material produzidos pelas populações locais (como as lanças, arcos, flechas e o cesto). Nessa configuração, o binarismo presente nas concepções eurocêntricas em torno das ideias de “civilização” e de “primitivismo” parece se materializar por meio da oposição entre os objetos expostos na casa missionária. Somando-se a essa possibilidade interpretativa, há que se considerar, sob a ótica da construção histórica dos papéis de gênero, que as flores simbolizariam a “delicadeza” feminina, frente à “força” masculina, representada pelos artefatos utilizados para funções bélicas e de caça.

Vale frisar que a atenção dispensada pela missionária acerca dos objetos produzidos pelos diferentes grupos que habitavam as regiões de Gayaza, Mengo e Toro também foi contemplada em suas narrativas textuais. Em carta redigida à bordo de um navio a caminho de Gayaza, datada de 8 de fevereiro de 1900, a missionária menciona a sua alegria em saber que havia uma olaria em Mengo, e que itens como potes, jarros e panelas estavam disponíveis, acrescentando que os “nativos” também faziam “excelentes cestas”.⁹⁹ Evidente nos registros textuais e visuais, o interesse pelo trabalho manual parece não apenas ir ao encontro das predileções pessoais da religiosa, como também estar alinhado, de forma mais abrangente, ao programa de ensino e evangelização voltado para crianças, jovens e mulheres, no qual o trabalho produtivo, alicerçado na disciplina e no controle dos corpos, desempenhavam papéis fundamentais nas interações tecidas entre os representantes da CMS e as populações africanas.

Em uma escala mais ampliada, é indispensável mencionarmos as confluências de interesses, no âmbito da economia colonial, entre exploração dos recursos naturais da região e os produtos derivados dos trabalhos manuais executados pelos indivíduos que atuavam nos espaços administrados pela CMS em Uganda. Com o apoio de Kasagama, *mukama* (rei) de Bunyoro, e da administração colonial, personificada na figura do comissário especial Harry Johnston (1858–1927), Annie Allen engajou-se em fomentar a produção têxtil, a partir da instalação de teares no internato da CMS, localizado próximo do palácio do *mukama*. Os

⁹⁹ Tradução e adaptação minha do original: “Fancy my joy at discovering that there is a pottery in Mengo itself and pitchers to be had, and pans and pots for asking. Also the natives make excellent baskets”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902, “On board the B.I Ship Canara. 8 february 1900”*, pp. 5–9, p. 7.

equipamentos seriam destinados ao processamento de algodão, um dos principais e mais lucrativos gêneros fornecidos pelo protetorado de Uganda para a exportação no início do século XX. Tal iniciativa, que contou com a participação ativa de Allen, demonstra os níveis de interpenetração entre os projetos missionários e a economia colonial.¹⁰⁰ A leitura do espólio documental da religiosa britânica, realizada conjuntamente com outras fontes documentais elaboradas no mesmo período, nos possibilita entender como os produtos coloniais figuraram como um dos principais temas abordados nos registros fotográficos sobre Uganda,¹⁰¹ integrando-se a uma constelação de imagens, como podemos notar em diferentes registros que circularam nas primeiras décadas do século XX. Ao lado do cultivo do café, da borracha e do cacau, a produção de algodão ganhou destaque em uma série de cartões-postais,¹⁰² como visualizamos nas imagens abaixo intituladas “Cotton Buying at the Market Store. Uganda” (figura 15)¹⁰³ e “Rolling in Wealth. Uganda Cotton” (figura 16).¹⁰⁴

¹⁰⁰ DIMOCK, *op. cit.*, p. 93.

¹⁰¹ “Postcards of Uganda” (GBR/0115/RCS/CMS/Y3045E-F); “Fisher photograph collection” (GBR/0115/RCS/Fisher/Y3045C) e “Miscellaneous Photographs of Uganda”(GBR/0115/RCS/CMS/Y3045O).

¹⁰² As duas imagens aqui reproduzidas fazem parte da série “Uganda Protectorate”. Segundo a descrição da série: “Uganda is the foremost cotton producing country among the new cotton fields of the Empire, and the production is rapidly expanding. The cotton is of a high quality”. Os cartões-postais foram impressos pela casa Raphael Tuck & Sons, Ltd., que, de acordo com a propaganda contida no envelope consultado eram: “The pioneers of picture postcards. Used by royalty society and the great public”. “Postcards of Uganda”, GBR/0115/RCS/CMS/Y3045E-F, Royal Commonwealth Society Library (Universidade de Cambridge). Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library.

¹⁰³ No verso do cartão-postal consta o seguinte texto: “Taking the year’s cotton crop to the nearest market is a time of great excitement to the peasant grower. He receives the value in cash, which he at once proceeds to spend on cotton cloths or a bicycle. “Tuck’s Post Card. Raphael Tuck & Sons, Ltd., London, déc. 1920. “Postcards of Uganda”, GBR/0115/RCS/CMS/Y3045E-F, Royal Commonwealth Society Library (Universidade de Cambridge). Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library. Para reproduções de cartões-postais referentes a diferentes temas impressos pela Raphael Tuck & Sons, consultar, respectivamente, os sites do Museu Britânico e da Biblioteca Newberry: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG77171> e <https://publications.newberry.org/tuck/#/>. Últimos acessos em: 23/02/2022.

¹⁰⁴ A imagem, carregada de tom pejorativo e jocoso, é ainda complementada pela irônica pergunta no verso do cartão-postal: “This native of Uganda evidently feels the cold?”. Tuck’s Post Card. Raphael Tuck & Sons, Ltd., London, déc. 1920. “Postcards of Uganda”, GBR/0115/RCS/CMS/Y3045E-F, Royal Commonwealth Society Library (Universidade de Cambridge). Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library.



Figura 15 - *Cotton Buying at the Market Store. Uganda*



Figura 16 - *Rolling in Wealth. Uganda Cotton*

Retornando nossos olhares para o conjunto documental legado por Annie Allen, cumpre realçar que a produção de desenhos e aquarelas dividia, em muitos momentos, espaço com as

tarefas educativas e religiosas exercidas por Allen. Nesse sentido, é curioso reparar como os hospitais, dispensários, escolas e internatos — ambientes diretamente associados à presença da CMS em Uganda e, de uma forma mais alargada, às movimentações britânicas no território — figuram no álbum analisado. As formas de representar esses espaços ao longo do álbum, a partir de distintos pontos de vistas, como podemos notar nas aquarelas que versaram sobre o hospital da CMS situado em Toro,¹⁰⁵ revelam-se dignos de nota (figuras 17 e 18).¹⁰⁶



Figura 17 - Toro Hospital. 1904

¹⁰⁵ Data de 1897 a fundação do primeiro hospital administrado pela CMS, sob a égide de Albert Cook (1870-1951), na região de Mengo. Iniciativa também encampada pela CMS, poucos anos depois, em 1903, sob a liderança do médico Ashton Bond, foi erigido o primeiro hospital rural em Toro. Para uma compilação abrangente de artigos sobre as implicações em torno das missões médicas cristãs e suas reverberações sociais na Ásia e na África entre os séculos XIX e XX, conferir: HARDIMAN, David (ed.). *Healing Bodies, Saving Souls: Medical Missions in Asia and Africa*. Amsterdã/Nova York: Rodopi, 2006. Sobre a rede de colaborações mantidas entre médicos vinculados à CMS e o serviço de saúde subordinado à administração colonial no começo do XX em Uganda, consultar: PRINGLE, Yolana. “Crossing the Divide: Medical Missionaries and Government Service in Uganda, 1897–1940”. In: GREENWOOD, Anna (ed.). *Beyond the State: the Colonial Medical Service in British Africa*. Manchester: Manchester University Press, 2016, pp. 19–38.

¹⁰⁶ CMS/ACC321 F1 image27. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.



Figura 18 - 1903. Toro. Hospital-boy

Mais uma vez, em termos comparativos, ao lançarmos nossos olhares para a gama de publicações, fotografias e cartões-postais que circularam sobre a África Oriental na passagem do XIX para o XX, é relevante pontuarmos como a produção de Allen demonstrava estar alinhada às temáticas representadas de maneira mais proeminente nesses tipos de suportes.¹⁰⁷ No escopo das representações visuais de diferentes edificações relacionadas à administração colonial em Uganda, os hospitais obtiveram significativa projeção.¹⁰⁸ Publicado em 1911, o relatório anual sobre o hospital de Toro¹⁰⁹ apresenta um balanço da instituição por meio de dados e informações provenientes de textos e imagens. Entre os registros fotográficos que integram a publicação oficial, a fotografia, que recebeu a legenda “Temporary Dispensary (Built of Wattle and Daub)” (figura 19),¹¹⁰ guarda semelhanças com a pintura feita por Allen sobre as instalações hospitalares em anos anteriores.

¹⁰⁷ GEARY, Christraud M.; WEBB, Virginia-Lee (orgs.). *Delivering Views: Distant Cultures in Early Postcards*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1998; VOKES, Richard. “Reflections on a Complex (and Cosmopolitan) Archive: Postcards and Photography in Early Colonial Uganda, c.1904–1928”. *History and Anthropology*, vol. 21, nº 4, 2010, pp. 375–409.

¹⁰⁸ A extensa produção fotográfica sobre as instituições hospitalares e seus serviços, bem como sua vasta apropriação em relatórios médicos e publicações que se pretendiam científicas, revelou-se como prática recorrente na primeira metade do século XX em diversos territórios que estavam sob distintas administrações e domínios coloniais, como podemos atestar por meio da leitura de: FLORES, Teresa Mendes. “A preto e branco: folheando os relatórios médicos da Diamang”. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 223–242.

¹⁰⁹ COOK, J. Howard. *9th Annual Report of Toro Medical Mission*. Torquay, C. Bendle, St. Mary Church Printing Works, 1911.

¹¹⁰ *Ibidem*, op. cit., p. 14.

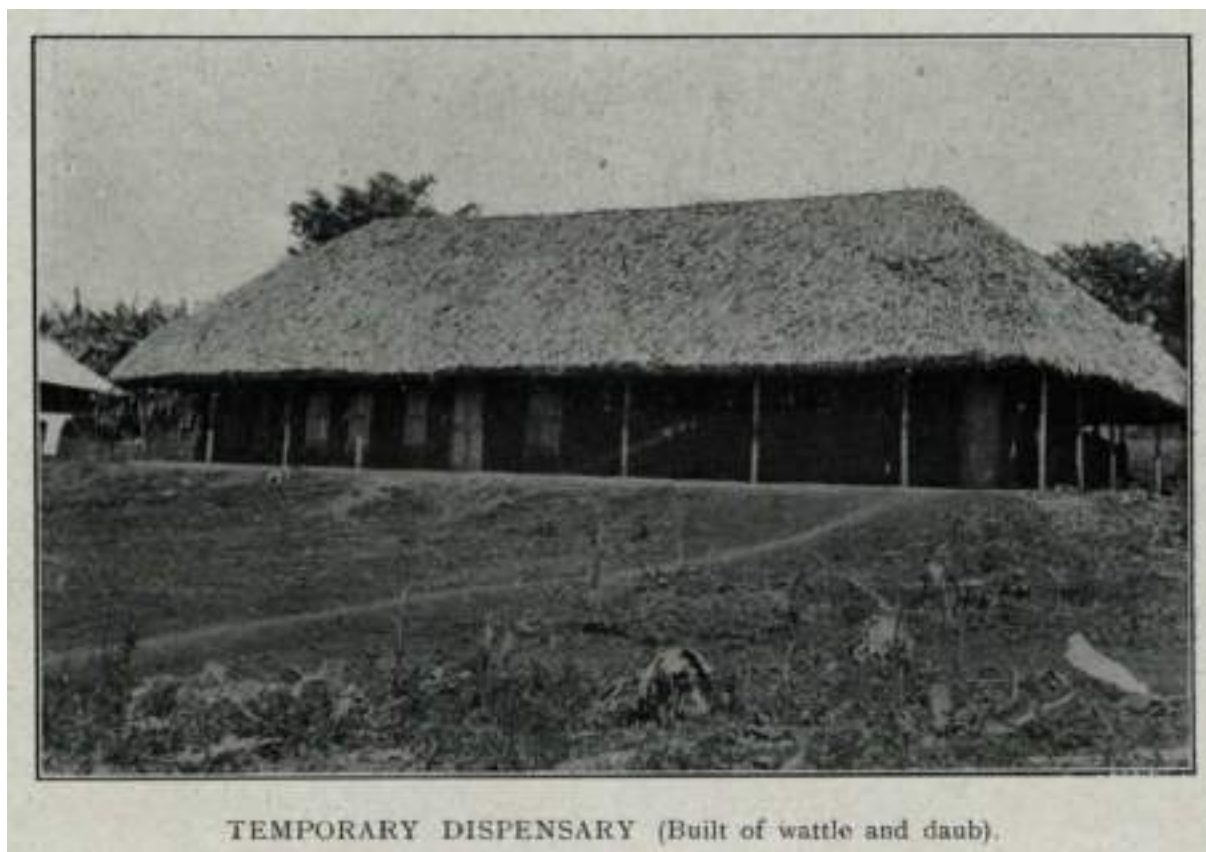


Figura 19 - *Temporary Dispensary (Built of Wattle and Daub)*

Acreditamos que essas convergências nos permitem recompor, a partir de certos fragmentos, os processos implicados na construção de uma visualidade compartilhada. Ao tecermos essa afirmação não estamos sustentando, obviamente, que a constituição dessa visualidade se deu de forma homogênea, ausente de tensões, justaposições e especificidades. Embora as pinturas de Allen sobre o hospital em Toro revelem certas peculiaridades, como o destaque para as flores silvestres em meio a vegetação mais densa e a presença de pessoas que parecem ter posado intencionalmente para serem retratadas — marcas que puderam ser identificadas a partir da análise do conjunto presente no álbum — reconhecemos a existência de certos denominadores comuns nos quais se alicerçaram essas representações.

Em uma das aquarelas produzidas em Toro, datada de 11 de janeiro de 1904, observamos quatro jovens sentados e enfileirados (figura 20).¹¹¹ De acordo com a legenda que acompanha a imagem, “na ausência do médico, os meninos do hospital recorrem ao trabalho de bordado”.¹¹² Sem observar a autora do registro, o olhar compenetrado das pessoas retratadas volta-se para a atividade manual executada nas dependências do hospital.

¹¹¹ CMS/ACC321 image20. Cadbury Research Library: Special Collections, University of Birmingham.

¹¹² Tradução e adaptação minha do original: “in the doctor’s absence the hospital boys turn to a do needle-work”. *Ibidem*.



Figura 20 - *In the Doctor's Absence the Hospital Boys Turn to a Do Needle-work. 11-01-04. Toro*

É interessante verificar como a atenção dispensada à tarefa aparece como elemento que permeia a construção visual e se coloca como “um objeto relacionado à organização e ao controle concreto da educação e do trabalho”,¹¹³ segundo Jonathan Crary. Ao discorrer sobre como a noção moderna de atenção pode ser lida como um sinal de reconfiguração dos mecanismos disciplinares até então relacionados ao modelo panóptico, tão bem teorizado por Michel Foucault, sobre o lugar do sujeito como objeto da atenção e da vigilância no âmbito das instituições disciplinares, Crary pontua:

No início do século XX, o sujeito atento é parte de uma *internalização* dos imperativos disciplinares por meio da qual os indivíduos são responsabilizados de forma mais direta por seu próprio uso eficiente e proveitoso em diversas situações sociais. As tentativas do final do século XIX de determinar os limites de uma atenção “normativa” com certeza fizeram parte dessa transformação.¹¹⁴

¹¹³ CRARY, Jonathan. *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 99.

¹¹⁴ *Ibidem*. Itálico do original.

Em consonância com a afirmação de Crary, a imagem dos corpos enfileirados e com as atenções voltadas para a prática do bordado fornece ao espectador a sensação de introjeção da disciplina por parte dos sujeitos representados. Tal sensação parece se fortalecer à medida em que as informações contidas na legenda da aquarela dão a entender que os trabalhos manuais estavam sendo possivelmente executados em um momento em que os garotos aguardavam a presença do médico. De acordo com essa possibilidade de interpretação, embora a ação transcorra em um hospital, isto é, em uma instituição historicamente alicerçada na ideia de controle e vigilância dos corpos, são os próprios indivíduos representados por Allen que canalizam o tempo de espera (que também poderia ser o do ócio) de forma “útil”, ou seja, para a realização de um tipo específico de trabalho.

Ainda no que diz respeito aos relatos sobre a atuação da missionária nos hospitais construídos e administrados pela CMS em Uganda, acompanhar as narrativas de Allen nos auxilia a entender o quão maleáveis eram as fronteiras estabelecidas nesses ambientes entre as dimensões do trabalho, da assistência médica e da pregação religiosa. Para garantir o funcionamento destas instituições, tornava-se indispensável a formação de mão-de-obra local que atuasse nesses espaços. Em correspondência datada de 4 de agosto de 1901, Allen dedica uma longa passagem sobre o treinamento de enfermeiras “nativas” em Mengo:

A senhorita Rachel lhe disse que acabamos de começar a treinar mulheres nativas como enfermeiras? É a primeira vez que algo assim é tentado aqui, e é muito novo para uma mulher nativa ser incumbida de um trabalho tão importante. Até agora, temos apenas uma mulher em treinamento, mas esperamos em breve definir outra. O nome dela é Rachel (...). Ela não é uma beleza de se ver com lábios muito grossos, uma boca grande e uma penugem de cabelos crespos, e sua pele é tão preta quanto suas botas. Mas ela é uma menina muito boa e sempre que é corrigida exibe uma bela fileira de dentes brancos e brilhantes e nunca parece zangada.¹¹⁵

De forma semelhante a outras passagens analisadas, salta aos olhos como a narrativa contida no trecho é atravessada por um forte componente racial. Ao sustentar que era algo “muito novo” as mulheres “nativas” desempenharem um trabalho tão “importante”, Allen, mais

¹¹⁵ Tradução e adaptação da autora do original: “Did Miss Rachel tell you that we have just started training native woman as nurses? It is the first time such a thing has been tried out here, and it is very new for a native woman to be intrusted with such important work. So far we have a only got one woman in training but hope soon to set another. Her name is Rachel (...). She is not a beauty to look at having very thick lips, a big mouth, and a fuzz of wiry hair, and her skin is as black as your boots. But she is a very good girl and whenever she is corrected she exhibits a fine row of shining white teeth and never looks cross”. CMSZ38. *The Journals of Miss A. E. Allen, Uganda. From June 1899 to October 1914. First section: From June 1899 to september 28 1902, “Mengo, 4 August 1901”*, pp. 42–44, p. 43.

uma vez, imprime uma visão eurocêntrica sobre as sociedades locais, desconsiderando a complexidade e a relevância das atuações femininas nas relações de trabalho estabelecidas entre os baganda.¹¹⁶ Mais à frente, a descrição sobre Rachel, a enfermeira “nativa”, se revela condicionada por um pensamento racializante.

Para Allen, *apesar* de Rachel possuir características físicas que são apontadas de maneira racista, caricatural e hiperbólica pela missionária (“lábios muito grossos, uma boca grande e uma penugem de cabelos crespos, e sua pele é tão preta quanto suas botas”), tratava-se de uma “boa menina”, pois não se queixava de ser “corrigida”. Em outras palavras, para a religiosa britânica, *apesar* de ser uma mulher africana, Rachel poderia se tornar uma enfermeira, uma vez que seu temperamento não se opunha ao de Allen, no contexto mencionado. Na perspectiva adotada por este trabalho, a passagem elucida como as tramas tecidas em torno das concepções de gênero e raça contribuíram para nutrir práticas e discursos que legitimavam o projeto colonial britânico em Uganda.

Adotando como eixo condutor as narrativas textuais e visuais produzidas por Annie Allen durante seus anos de atuação como missionária da CMS em Uganda, as reflexões construídas neste capítulo buscaram jogar luz em aspectos que consideramos de extrema relevância para o entendimento das interações estabelecidas entre missionárias e as sociedades locais que habitavam essa porção dos Grandes Lagos africanos. Como sublinhamos, ainda que a produção historiográfica mais recente sobre o tema tenha voltado suas atenções para uma compreensão mais refinada sobre as participações femininas na implantação e consolidação do colonialismo nos territórios não europeus, ainda é possível verificar uma acentuada assimetria nas abordagens sobre as fontes documentais legadas por personagens masculinos e femininos. Considerando essas questões, a trajetória de Annie Allen nos permitiu investigar como a missionária instrumentalizou o repertório visual de variadas maneiras durante as quase duas décadas em que circulou pelo interior da África Oriental.

Longe de se configurar como uma interpretação conflitante, o reconhecimento dos traços autorais de Allen presentes em suas aquarelas também nos revelou como a seleção de determinados temas e as formas de representação integrava uma iconosfera permeada por referências compartilhadas que buscavam evocar os êxitos da implantação do paradigma da civilizacional europeu em solo africano. Plasmados nas fotografias, em cartões-postais de ampla circulação ou nas aquarelas de Allen, o hospital, a escola, as dependências da CMS e o comércio de matérias-primas voltado para a economia colonial visavam simbolizar os

¹¹⁶ HANSON, *op. cit* e MUSISI, *op. cit*.

progressos da presença britânica no interior da África Oriental. Da mobilização de imagens bíblicas direcionadas para a evangelização dos grupos que frequentavam as estações missionárias, ao uso da pintura em aquarela como complemento descritivo dos textos sobre a realidade observada (tanto dos cenários domésticos, quanto das paisagens naturais), a análise conjugada das cartas e das aquarelas nos permitiu reconhecer como Allen transitou e se apropriou da visualidade como recurso para narrar suas experiências em Uganda.

CAPÍTULO 6

A ITINERÂNCIA DE REPERTÓRIOS FOTOGRÁFICOS NAS
OBRAS DE CHARLES HATTERSLEY E JOHN ROSCOE



Este capítulo pretende se debruçar sobre o conjunto de fotografias que integra as publicações de Charles Hattersley (1866–1934) e John Roscoe (1861–1932), religiosos vinculados à Church Missionary Society (CMS) e que atuaram em Uganda entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. De acordo com a bibliografia dedicada ao tema, durante os anos de permanência dessas duas figuras na África Oriental, Hattersley se notabilizou pelas atividades empreendidas no âmbito da implementação de um sistema educacional para crianças, e Roscoe pela recolha de objetos e relatos que, beneficiados pela parceria intelectual travada com o antropólogo James Frazer (1854–1941), deram embasamento a estudos considerados por muitos como os primeiros trabalhos de cunho etnográfico sobre os baganda. Trafegando por rotas ligeiramente distintas no que diz respeito aos métodos empregados no trabalho de evangelização, o uso da linguagem visual, sustentada por um repertório fotográfico pensado como canal privilegiado para a publicização da presença britânica no interior do leste africano e das ações da CMS em Uganda, pode ser identificado como um dos principais pontos de convergência entre as narrativas de Hattersley e Roscoe.

Os vínculos tecidos entre os dois missionários e os membros das elites locais africanas, em especial as de Buganda, não apenas viabilizaram a coleta de exemplares da cultura material para a composição de acervos em museus britânicos,¹ dando vazão a uma extensa série de textos e imagens sobre aspectos do território e de seus grupos sociais, como também foram imprescindíveis para consolidar o estabelecimento de alianças e pactos políticos entre os agentes envolvidos. Comparativamente às demais formações políticas que compunham a região dos Grandes Lagos africanos, como os reinos de Ankole, Bunyoro e Toro, Buganda, no início do século XX passou a gozar de um estatuto diferenciado dentro da estrutura colonial que se delineava desde as últimas décadas do século XIX, sendo reconhecido pelo governo britânico como uma monarquia que detinha um certo nível de autonomia no início do novecentos. As negociações e tratativas políticas entre os representantes da administração colonial britânica e as lideranças de Buganda convertidas ao cristianismo culminaram na assinatura do chamado “Acordo de Uganda” (Uganda Agreement), em 1900.² Por meio deste acordo, a coroa britânica reconhecia as instituições de governo tradicionais de Buganda em troca do cumprimento das

¹ HAND, Rachel. “Brass Necklet, Uganda”. In: JACOBS, Karen; KNOWLES, Chantal; WINGFIELD, Chris (eds.). *Trophies, Relics and Curios? Missionary Heritage from Africa and Pacific*. Leiden: Sidestone Press, 2015, pp. 75-77; BENNETT, Alison. “Diplomatic Gifts: Rethinking Colonial Politics in Uganda Through Objects”. *History in Africa*, n. 45, pp. 1–28, 2018 e *Idem*. *Material Cultures of Imperialism in Eastern Africa, c.1870–1920: A Study of Ethnographic Collecting and Display*. Thesis submitted for the degree of PhD, University College London (UCL), 2019.

² REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 159.

leis e regulamentos instituídos pelo governo britânico e da cooperação na organização e administração do referido protetorado de Uganda.³

A produção de imagens que retratavam as autoridades políticas locais nesse período foi amplamente mobilizada para ilustrar diferentes publicações voltadas para propósitos específicos. Essas representações, e sobretudo as condições sociais que permitiram que esses registros se materializassem, elucidam o caráter agenciador do ato fotográfico. Sem postular uma linearidade, mas estabelecendo uma ponte com as discussões apresentadas no começo desta tese em torno dos primeiros registros visuais do *kabaka* Mutesa I (c.1835–1884) e sua corte na década de 1870, as imagens que compõem as obras de Hattersley e Roscoe evidenciam o papel central da prática fotográfica no contato entre os missionários da CMS e as populações de Uganda e, de forma mais alargada, na composição de uma visualidade resultante das colaborações e fricções sociais entre europeus e africanos.

As fotografias reproduzidas nas obras *Uganda by Pen and Camera* (1906),⁴ *The Baganda at Home* (1908),⁵ de autoria de Hattersley, e *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs* (1911),⁶ *The Northern Bantu An Account of Some Central African Tribes of the Uganda Protectorate* (1915),⁷ *Twenty-five Years in East Africa* (1921)⁸ e *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition* (1922),⁹ de Roscoe, iluminam uma cadeia mais ampla referente à estruturação de um repertório visual constituído pela circulação e pela apropriação de diferentes imagens produzidas e consumidas por diversos atores sociais. Como buscaremos destrinchar ao longo das próximas páginas, a análise desses registros nos convida a relativizar definições cristalizadas sobre a vasta produção fotográfica missionária da época estudada.¹⁰ Isso porque, na perspectiva adotada por esta pesquisa, as publicações aqui privilegiadas abrem caminhos para reconhecermos como as narrativas missionárias não apenas incorporaram discussões do âmbito da antropologia vigente no

³ LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890-1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 5 e p. 299.

⁴ HATTERSLEY, Charles W. *Uganda by Pen and Camera*. Londres: The Religious Tract Society, 1906.

⁵ *Idem*. *The Baganda at Home*. Londres: The Religious Tract Society, 1908.

⁶ ROSCOE, John. *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*. Londres: Macmillan, 1911.

⁷ *Idem*. *The Northern Bantu*. Cambridge: Cambridge University Press, 1915.

⁸ *Idem*. *Twenty-five Years in East Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

⁹ *Idem*. *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition*. Cassell and Company Limited: Londres, Nova Iorque, Toronto and Melbourne, 1922.

¹⁰ MAXWELL, David. “Photography and the Religious Encounter: Ambiguity and Aesthetics in Missionary Representations of the Luba of South East Belgian Congo”, *Comparative Studies in Society and History*, n. 53, vol. 1, 2011, pp. 38–74.

período,¹¹ por exemplo, como desempenharam papel fundamental na construção e na difusão de um conhecimento sobre Uganda, evidenciando as interlocuções entre esses campos. Na trilha dos estudos que concebem as imagens como portadoras de biografias sociais,¹² também pretendemos debater o trânsito de determinadas fotografias captadas pelas lentes missionárias que alimentaram os álbuns oficiais encomendados pelo governo metropolitano, bem como abasteceram o comércio de cartões-postais sobre os protetorados que compunham o vasto império britânico. Esses circuitos imprimem múltiplas camadas de significados ao conjunto de imagens analisadas.

Adensando o arcabouço teórico-metodológico que norteia esta tese, a noção de “ecossistema visual”, termo empregado por Elizabeth Edwards em diferentes textos,¹³ também permeia nossas reflexões. Para Edwards e Lien:

um ecossistema pode ser definido aqui como aquele conjunto finamente equilibrado, mas vital de interconexões, dependências, benefícios e ameaças, que sustentam um ambiente particular expresso através de práticas, materialidades, hierarquias e valores.¹⁴

De acordo com essa concepção, as fotografias atuam como elementos cruciais para a manutenção do “ecossistema visual” existente em museus e arquivos. Buscando aproximar tais pressupostos ao percurso investigativo trilhado por esta pesquisa, a noção de “ecossistema visual” pode ser aplicada como ferramenta de análise para o conjunto documental abordado, uma vez que se faz indispensável reconhecer as imagens fotográficas não de maneira estática e compartimentada, mas a partir de suas interações com outros componentes em distintos ambientes. Em outras palavras, navegando pela metáfora utilizada por Edwards, dentro do complexo e delicado equilíbrio estabelecido entre a “fauna” e a “flora” que rege o “ecossistema

¹¹ HARRIES, Patrick; MAXWELL, David (eds.). *The Spiritual in the Secular: Missionaries and Knowledge about Africa*. Michigan/Cambridge: B. Eerdmans Publishing, 2012.

¹² EDWARDS, Elizabeth. *Anthropology and Photography, 1860–1920*. New Haven: Yale University Press, 1992; *idem*, “Material Beings: Objecthood and Ethnographic Photographs”. *Visual Studies*, vol. 17, n.º. 1, 2002, pp. 67–75; *idem*, *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums*. Nova York: Berg, 2001 e *idem*; HART, Janice (orgs.). *Photographs, Objects, Histories: on the Materiality of Images*. Londres: Routledge, 2004.

¹³ Consultar entre outros: EDWARDS, Elizabeth; LIEN, Sigrid. “Museums and the work of photographs”. In: *Idem* (eds.). *Uncertain Images: Museums and the Work of Photographs*. Farnham: Ashgate Publishing, 2014, p. 3-17 e EDWARDS, Elizabeth. “Thoughts on the ‘Non-Collections’ of the Archival Ecosystem”. In: BÄRNIGHAUSEN, Julia; CARAFFA, Constanza; KLAMM, Stefanie; SCHNEIDER, Franka; WODTKE, Petra (eds.). *Photo-Objects: On the Materiality of Photographs and Photo Archives in the Humanities and Sciences*. Berlin: Max-Planck-Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften, 2019, pp. 67–82.

¹⁴ Traduzido e adaptado pela autora a partir do original: “An ecosystem can be defined here as that finely balanced yet vital set of interconnections, dependencies, benefits and threats, which sustain a particular environment expressed through practices, materialities, hierarchies and values”. EDWARDS, Elizabeth; LIEN, Sigrid, *op.cit.*, p. 4.

visual”, as fotografias atuariam como um dos muitos organismos que operam por meio de uma rede de interdependências com outras formas de registros, suportes, práticas e instituições.

Imbuídos dessas percepções acerca da natureza multidimensional da visualidade, importa-nos também reconhecer o caráter performático da imagem fotográfica, para tomar emprestado mais uma vez alguns dos preceitos de Elizabeth Edwards. Em artigo sobre o conjunto de fotografias captadas durante as expedições da Marinha britânica no Pacífico nas últimas décadas do oitocentos, a autora discorre sobre como as imagens contém qualidades performativas e podem ser lidas enquanto dispositivos heurísticos.¹⁵ Ao se debruçar acerca das representações feitas sobre o líder samoano Mauga de Tutuila a bordo do HSM Miranda em 1883, Edwards discute como a relação da fotografia com a performance da história pode evocar “pontos de intersecção e fratura”.¹⁶

Enfocando recortes temporais e geográficos distintos dos abordados por Edwards, os apontamentos feitos pela pesquisadora Teresa Flores a partir do estudo de relatórios médicos da Diamang (Companhia de Diamantes de Angola) no ano de 1967 durante a experiência colonial portuguesa na África Centro-Occidental, também iluminam alguns aspectos sobre o potencial heurístico das imagens:

De maneira semelhante, acreditamos que as reproduções de fotografias que estampam as publicações de Charles Hattersley e John Roscoe nos ajudam a compreender, entre outras coisas, a conformação de uma epistemologia calcada no discurso de assimetria que estrutura as relações coloniais. Entretanto, essa interpretação não se encerra aí, já que a fotografia também é dotada da teatralidade de corpos e de códigos gestuais que, muitas vezes, provocam, desafiam e contestam as narrativas lineares e generalizantes.

Antes de enveredarmos pelas obras de Hattersley e Roscoe a fim de compreendermos suas especificidades, cabe dedicarmos algumas linhas sobre as investigações acerca do desenvolvimento das experiências fotográficas no continente africano, em especial, entre a segunda metade do XIX e as primeiras décadas do XX. É sabido que a consolidação de um campo de estudos sobre o tema tem, ao longo das últimas décadas, se beneficiado de abordagens menos engessadas em torno das práticas que envolveram a produção e a reprodução de fotografias. Nesse sentido, como buscamos discutir nos capítulos anteriores, a conformação de uma visualidade que se deu a partir das primeiras incursões de expedicionários,

¹⁵ EDWARDS, Elizabeth. “A fotografia e a performance da história”. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*. Uberlândia, v. 23, n. 42, pp. 27–47, jan/jun. 2021. Apresentação de Iara Lis Schiavinatto e tradução de Lucas Manuel Mazuquieri Reis.

¹⁶ *Ibidem*, p. 46.

administradores, comerciantes e missionários na África e das interações sociais, políticas, culturais e econômicas travadas entre as populações locais deve ser examinada à luz da circulação de pessoas e da adaptação e apropriação de técnicas e suportes materiais.

Em “An Outline History of Photography in Africa to ca. 1940”,¹⁷ um dos artigos considerados pioneiros por sublinhar a importância da fotografia como fonte documental para o estudo da História da África e apresentar uma valiosa compilação de dados e referências sobre o tema, David Killingray e Andrew Roberts, apontam que a chegada dos primeiros fotógrafos no continente africano, mais precisamente no Egito, se deu logo em seguida do daguerreótipo ser patenteado na França, em 1839.¹⁸ Poucos meses depois, em 1840, o capitão naval Louis Édouard Bouet-Willamez (1808–1871) levou o aparelho de daguerreótipo durante sua viagem de reconhecimento pela costa da África Ocidental, com o intuito de captar imagens do Forte de São Jorge, em Elmina, Gana.¹⁹ É interessante notar que até meados do oitocentos as primeiras atividades fotográficas na África se concentravam em territórios situados próximos às faixas do litoral Atlântico. A disseminação de estúdios fotográficos nesses espaços se deu de maneira heterogênea ao longo do tempo e adquiriu feições peculiares de acordo com as comunicações mantidas entre as distintas porções geográficas do continente e de suas conexões com o comércio internacional.²⁰

Já a penetração da fotografia no chamado “hinterland” adquiriu maior fôlego durante a segunda metade do XIX, impulsionada pelas incursões de viajantes provenientes de diferentes potências europeias ao interior da África.²¹ Nesse contexto, muitas expedições que possuíam objetivos políticos, econômicos e científicos passaram a lançar mão desse recurso como registro documental. Apesar de uma série de limitações que abarcavam desde as dificuldades em transportar os materiais indispensáveis para assegurar o êxito da expedição durante o longo tempo de travessia, até as condições climáticas consideradas adversas para garantir a

¹⁷ KILLINGRAY, David; ROBERTS, Andrew. “An Outline History of Photography in Africa to ca. 1940”. *History in Africa*, vol. 16, 1989, pp. 197–208.

¹⁸ As vistas de paisagens egípcias, especialmente as que retrataram pirâmides, povoaram as páginas de diversos álbuns fotográficos afinados a uma estética orientalista. *Ibidem*, p. 198.

¹⁹ SCHNEIDER, Jürg. “Demand and Supply: Francis W. Joaque, an Early African Photographer in an Emerging Market”. *Visual Anthropology*, vol. 27, nº 4, 2014, pp. 316–338, p. 317.

²⁰ KILLINGRAY; ROBERTS, *op. cit.*, pp. 198–199.

²¹ GEARY, Christraud M. *In and Out of Focus: Images from Central Africa, 1885–1960*. Washington, DC: National Museum of African Arts, Smithsonian Institution, 2002.

conservação dos insumos necessários para viabilizar a imagem fotográfica, a fotografia passou, cada vez mais, a ser mobilizada como uma espécie de complementação dos relatos textuais.²²

Ao trazerem à tona novas possibilidades investigativas, pesquisadores têm se distanciado de interpretações unidirecionais, buscando compreender o florescimento da fotografia nos distintos territórios africanos, a partir do entrecruzamento de saberes e aparatos. Na linha desse movimento voltado para a ampliação dos entendimentos acerca dos registros fotográficos e de seu caráter interdisciplinar, é possível notar o interesse cada vez mais crescente na trajetória da primeira geração de fotógrafos afro-americanos, como Augustus Washington (1820/21–1875),²³ e africanos, como Frederick Grant (s.d), Gerhardt Lutterodt (c.1850–?), John Parkes Decker (c.1850– c.1890) e Francis W. Joaque (c.1845–1900) e seus papéis na constituição de estúdios locais e itinerantes.²⁴ Para Jürg Schneider, as múltiplas formas de inserção deste repertório visual em um circuito mais ampliado da dinâmica de produção e recepção social das imagens contribuíram para a composição de uma “paisagem visual atlântica”, conforme sustenta o autor.²⁵

A discussão acerca do desmembramento e esvaziamento de acervos fotográficos africanos para abastecer arquivos públicos e particulares situados principalmente nos Estados Unidos e em países da Europa, também desponta como tema que tem chamado a atenção de pesquisadores que visam problematizar a assimetria entre as instituições de preservação e memória e os desafios nos processos de digitalização e extroversão desses espólios documentais.²⁶

²² Particularmente sobre as expedições empreendidas em Angola no final do XIX e que produziram documentação fotográfica, conferir, entre outros, os estudos de: HEINTZE, Beatrix. “‘In pursuit of a chameleon’: early ethnographic photography from Angola in context”. *History in Africa*, vol. 17, pp. 131–156, 1990; DIAS, Jill. “Photographic sources for the History of portuguese-speaking Africa, 1870–1914”. *History in Africa*, vol. 18, pp. 67–82, 1991 e ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. *Comércio, bens de prestígio e insígnias de poder: as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884–1888)*. São Paulo: Editora Intermeios/FAPESP, 2019, pp. 81–96. Para abordagens mais recentes, englobando arcos temporais e geográficos mais abrangentes dentro do território africano sob colonização portuguesa, consultar: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Editora Almedina, 2014.

²³ SHUMARD, Ann M. *A Durable Memento: Portraits by Augustus Washington, African American Daguerreotypist*. Washington DC: National Portrait Gallery, Smithsonian Institution, 1999. Dados biográficos e imagens também disponíveis em: <https://npg.si.edu/exh/awash/awintro.htm>. Último acesso em: 07/06/2022.

²⁴ SCHNEIDER, Jürg. “The Topography of the Early History of African Photography”. *History of Photography*, vol. 34, nº 2, 2010, pp. 134–146, p. 136 e *idem*, “Demand and Supply...”, *op. cit.*

²⁵ *Idem*, “African Photography in the Atlantic Visualscape Moving Photographers - Circulating Images”. In: HELFF, Sissy; MICHELS, Stefanie (eds.). *Global Photographies. Memory – History – Archives*. Bielefeld: Verlag, 2018, pp. 19–38.

²⁶ Em artigo sobre o processo de pulverização de coleções fotográficas, em especial as provenientes da África Ocidental, fenômeno intensificado durante da década de 1990, Erin Haney e Jürg Schneider debatem como a demanda do mercado internacional por materiais africanos expandiu-se substancialmente por meio da aquisição

Dentro dos novos enfoques que procuram confrontar narrativas eurocêntricas e desnaturalizar a carga colonial em torno da história da fotografia e sua difusão em solo africano, podemos destacar os trabalhos de Jack Thompson,²⁷ Paul Jenkins,²⁸ Christraud Geary²⁹ e Richard Vokes.³⁰ Esses autores têm empreendido esforços na pesquisa em arquivos públicos e privados a fim de explorarem a produção fotográfica derivada dos contatos entre missionários e as populações africanas. É válido sublinhar que tais pesquisas se amparam na ideia de que o desenvolvimento da prática e das representações fotográficas, ainda que passassem a ocupar paulatinamente uma posição hegemônica dentro da economia visual do período estudado, não deixou de coexistir com um conjunto mais vasto de técnicas, referências e registros visuais que se infiltravam mutuamente por diferentes meios.³¹

De acordo com Thompson, os primeiros missionários de que temos notícias a produzirem registros fotográficos no continente africano foram William Ellis (1794–1872) e Daniel West (1815–1857).³² Munido do treinamento técnico fornecido em Londres por Roger Fenton³³ (1819–1869), que se tornou célebre por atuar como fotógrafo durante a Guerra da Crimeia (1853–1856), o reverendo britânico ligado à London Missionary Society (LMS) lançou mão desse recurso durante as três viagens que fez para a ilha de Madagascar durante a década

de arquivos familiares e de estúdio particulares ofertados na Europa. HANEY, Erin; SCHNEIDER, Jürg. “Beyond the ‘African’ Archive Paradigm”. *Visual Anthropology*, vol. 27, nº 4, 2014, pp. 307–315.

²⁷ THOMPSON, T. Jack. “Images of Africa: Missionary Photography in the Nineteenth Century: an Introduction”. *OCCASIONAL PAPER*. Centre of African Studies University of Copenhagen, 2004, pp. 1–24 e *Idem*, *Light on Darkness? Missionary Photography of Africa in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. Michigan: Eerdmans, 2012.

²⁸ JENKINS, Paul. “An Illustrated Look Back Over the First Ninety Years of the Church Missionary Society”. *Adam Matthew Digital*, 2016, pp. 1–16; *Idem*, “Much More Than Illustrations of What We Already Know: Experiences in the Rediscovery of Mission Photography”. *International Bulletin of Missionary Research*, 2002, vol. 26, nº 4, pp. 157–162; *Idem*, “The earliest generation of missionary photographers in West Africa: The portrayal of indigenous people and culture”. *Visual Anthropology*, vol. 7, nº 2, 1994, pp. 115–145.

²⁹ GEARY, Christraud M. “Missionary Photography: Private and Public Readings”. *African Arts*, vol. 24, nº 4, 1991, pp. 48–59/98–100; *Idem*, “Nineteenth-century images of the Mangbetu”. KEIM, Curtis; SCHILDKROUT, Enid (orgs.). *The Scramble for Art in Central Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 133–168.

³⁰ VOKES, Richard. “Reflections on a Complex (and Cosmopolitan) Archive: Postcards and Photography in Early Colonial Uganda, c.1904–1928”. *History and Anthropology*, vol. 21, nº 4, 2010, pp. 375–409, *Idem* (org.). *Photography in Africa: Ethnographic Perspectives*. Londres, Rochester/Nova Iorque: James Currey, 2012 e *Idem*, “Photography, Exhibitions and Embodied Futures in Colonial Uganda, 1908–1960”. *Visual Studies*, vol. 33, nº 1, 2018, pp. 11–27.

³¹ Como demonstram os trabalhos de: BANN, Stephen. *Parallel Lines: Printmakers, Painters and Photographers in Nineteenth Century France*. New Haven/Londres: Yale university press, 2001 e *idem* (ed.). *Art and the Early Photographic Album*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2011.

³² THOMPSON, *Light on Darkness?..., op. cit.*, pp. 38–50.

³³ “Más conocido por su reportaje de la Guerra de Crimea, Fenton fue también el primer fotógrafo empleado por un museo ya que el British Museum lo contrató entre 1853 y 1859. Durante ese período Fenton realizó miles de fotografías de las piezas de las diferentes colecciones con el propósito de confeccionar repertorios de fichas gráficas. Entre las más conocidas se encontraban algunas imágenes de anatomía comparada; otras reproducían réplicas de esculturas clásicas”. FONTECUBERTA, Joan. “La fotografía (con)tra el Museo”. In: *DOSSIE La fotografía y el Museo*. Revista de Los Museos de Andalucía. Año IV, n. 9, Febrero, 2008, pp. 10–15, p. 13.

de 1850.³⁴ Também no mesmo período, mas do outro lado do continente, na missão metodista fixada em Gana, na África Ocidental, o pastor Daniel West mobilizou a máquina de daguerreótipo para produzir imagens das atividades religiosas empreendidas.³⁵

Ainda que a menção aos trabalhos de Ellis e West, considerados pioneiros no uso da fotografia como ferramenta documental durante suas atividades religiosas, se revele importante para compreendermos de maneira mais aprofundada as primeiras contribuições dos missionários na composição de um repertório imagético sobre a África, serão as narrativas da viagem liderada por David Livingstone à serviço da LMS em 1858 pela região do Zambeze, na África Central, que atuarão como peça-chave no discurso visual sobre a presença europeia no continente africano. O material visual composto pelas fotografias de Charles Livingstone (1821–1873) e John Kirk (1832–1922) e pelos desenhos e pinturas de Thomas Baines (1820–1875), legados pela viagem liderada pelo missionário escocês, exerceceu papel singular na construção de uma determinada iconografia sobre os territórios africanos e suas populações.³⁶ Somando-se aos exemplos aqui citados, a leitura de trabalhos dedicados ao estudo da utilização da fotografia por agentes missionários, em contextos coloniais e não coloniais, que se deram em distintos espaços geográficos, descortina múltiplas experiências a serem investigadas.³⁷ Nessa chave, o manejo da câmera fotográfica por parte da missionária britânica batista Alice Harris (1870–1970) no início do século XX como meio de denúncia das violências cometidas contra as populações centro-africanas durante a presença belga no Estado Livre do Congo

³⁴ Os relatos de William Ellis sobre a experiência em Madagascar foram publicados em: ELLIS, William. *Three Visits to Madagascar During the Years 1853–1854–1856. Including a Journey to the Capital; with Notices of the Natural History of the Country and of the Present Civilization of the People*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1859. Para o acesso a reprodução de uma das fotografias atribuídas ao reverendo britânico, consultar a página do Metropolitan Museu: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/513805?sortBy=Relevance&where=Africa&ft=William+Ellis&offset=0&rpp=40&pos=1>. Último acesso em: 11/06/2022.

³⁵ JENKINS, “The Earliest Generation...”, *op. cit.*

³⁶ MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996; KOIVUNEN, Leila. “Visualizing Africa – Complexities of Illustrating David Livingstone’s Missionary Travels”. *The Papers of the Nordic Conference on the History of Ideas*, vol. I. Helsinki: University of Helsinki, 2001, pp.1–12.

³⁷ Para abordagens que enfocam os meandros da produção e da reprodução de imagens e o papel da cultura visual em missões protestantes empreendidas em distintas porções do continente americano, consultar: MORGAN, David. *Protestants and Pictures: Religion, Visual Culture, and the Age of American Mass Production*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, 1999 e LONG, Kathryn T. “Cameras ‘Never Lie’”: The Role of Photography in Telling the Story of American Evangelical Missions. *Church History*, vol. 72, n.º. 4, 2003, pp. 820–851.

(1885–1908), por exemplo, obteve grande repercussão perante a opinião pública, inaugurando, para alguns autores, a prática da fotografia humanitária.³⁸

Longe da pretensão de decupar o tema do desenvolvimento das práticas fotográficas em diferentes regiões do continente africano a partir de meados do século XIX, o sintético panorama que apresentamos até aqui permite observar o material visual de Hattersley e Roscoe à luz de suas convergências e singularidades inseridos em uma trama visual mais abrangente. É sobre esses pontos de contatos e distanciamentos entre as fotografias mobilizadas pelos dois missionários em suas obras que pretendemos discorrer ao longo das futuras páginas.

6.1. Fragmentos de um “ecossistema visual”: fotografias, álbuns e cartões-postais de um protetorado britânico no leste da África

Foco deste capítulo, o entendimento do conjunto de fotografias reproduzidas nas páginas dos já citados *Uganda by Pen and Camera* (1906) e *The Baganda at Home* (1908), de Hattersley, e *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs* (1911), *The Northern Bantu* (1915), *Twenty-five Years in East Africa* (1921) e *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition* (1922), de autoria de Roscoe, nos convida a observar uma malha de visualidade que foi paulatinamente tecida por muitas mãos ao longo do tempo. Fartamente ilustradas, é certo que uma investigação centrada no volumoso repertório visual que integra as publicações de Hattersley e Roscoe aqui arroladas extrapolaria o escopo delimitado por este capítulo. Diante do desafio de abordar, em sua totalidade, o extenso material fotográfico mobilizado pelos missionários em suas obras, optamos por lançar um olhar mais circunscrito, sob o ponto de vista quantitativo e formal, e um pouco mais alargado sob o viés da circulação e da apropriação das imagens. Em outras palavras, embora façamos, nos próximos subcapítulos, considerações de caráter mais geral sobre o perfil das imagens que estampam as narrativas de Hattersley e Roscoe — nos atendo aos pontos que consideramos mais representativos para a compreensão dos usos das imagens nas obras examinadas — nesta seção, nossas reflexões recairão com maior afinco sobre as fotografias que foram reproduzidas em uma série de cartões-postais e figuraram em outros meios, como no álbum específico sobre Uganda encomendado pelo Comitê de Instrução Visual do Escritório

³⁸ Ver, entre outros: THOMPSON, *Light on Darkness? ...*, *op. cit.*, pp. 165-206; TWOMEY, Christina. “Framing Atrocity: Photography and Humanitarianism”. *History of Photography*, vol.36, nº 3, 2012, pp. 255–264; GRANT, Kevin. “Atrocity Photographs in the Congo Reform Campaign”. In: FEHRENBACH, Heide; RODOGNO, Davide (eds.). *Humanitarian Photography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, pp. 64–88 e JERÓNIMO, Miguel Bandeira. “As provas da ‘civilização’: fotografia, colonialismo e direitos humanos”. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão...*, *op. cit.*, pp. 387–398.

Colonial (COVIC),³⁹ datado entre 1906 e 1911. Por meio do caráter rizomático dos registros fotográficos e de suas apropriações em diferentes suportes, buscaremos problematizar como a iconografia derivada das atividades encampadas por missionários da CMS contribuiu para a constituição de uma visualidade sobre Uganda na passagem do século XIX para o XX.

Como sinalizamos em outras passagens desta tese, os primeiros registros fotográficos dos quais temos documentado sobre o chamado reino de Buganda em 1875 derivam da expedição liderada por Henry Morton Stanley (1841–1904) rumo ao interior do continente africano. Poucos anos depois, o viajante de origem austríaca Richard Buchta (1845–1894) em suas incursões pelo Alto Nilo, capitaneadas pelo expedicionário italiano Romolo Gessi (1831–1881) entre 1878 e 1880, também lançou mão da fotografia para retratar alguns grupos sociais, em especial os acholi, lango e banyoro, que habitavam os territórios que atualmente correspondem ao Sudão do Sul e ao norte de Uganda.⁴⁰

Vale mencionar que Charles Thomas Wilson e Robert William Felkin, ambos religiosos vinculados à CMS, não só travaram contato pessoal com Buchta em algumas das incursões feitas pela região, como também mobilizaram algumas gravuras baseadas nas fotografias tiradas pelo viajante austríaco na narrativa *Uganda and the Egyptian Soudan* (1882), publicada em dois volumes.⁴¹ Essas múltiplas circulações e apropriações de repertórios iconográficos entre expedicionários e missionários que circularam por distintos pontos do continente africano estão longe de se configurarem como um caso isolado. Elas explicitam como a produção e a difusão de determinados conhecimentos sobre Uganda e suas populações se amparou, entre outros fatores, na conformação de uma visualidade compartilhada que, embora apresentasse especificidades, possuía muitos denominadores comuns.

Sem desconsiderar o peso das referidas expedições que deram vazão às primeiras documentações fotográficas sobre o território estudado, será após algumas décadas, na virada do XIX para o XX, que haverá uma profusão de imagens fotográficas sobre Uganda e outras

³⁹ *Uganda (1906–1911) - Fisher photograph collection* (RCS/Fisher/Y3045C). Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library.

⁴⁰ Segundo Christopher Morton, as fotografias de Buchta serviram de base para a elaboração de muitas gravuras sobre as paisagens e as populações da região que ilustraram as narrativas de diversos expedicionários durante o período, desempenhando um papel crucial na construção de um repertório visual sobre o continente africano a partir do último quartel do século XIX. MORTON, Christopher. “Richard Buchta and the Visual Representation of Equatoria in the Later Nineteenth Century”. In: MORTON, Christopher; NEWBURY, Darren (eds.). *The African Photographic Archive: Research and Curatorial Strategies*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2020, pp. 19–38.

⁴¹ As gravuras que estampam as páginas da publicação de Wilson e Felkin elaboradas a partir das fotografias creditadas à Buchta podem ser encontradas em: WILSON, Charles Thomas; FELKIN, Robert William. *Uganda and the Egyptian Soudan* (vol. I). Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1882, pp. 317 e *Ibidem* (vol. II), pp. 53, 67, 76, 82, 101, 139 e 195.

porções dos Grandes Lagos africanos. Cabe frisar que o aumento de registros visuais nesse contexto, esteve profundamente relacionado à construção da chamada “Uganda railway”, linha férrea que conectava Mombaça (litoral) até Kisumu, às margens do lago Victoria Nyanza, no interior. Iniciadas em princípio dos anos 1890, as obras congregaram engenheiros, entre tantos outros profissionais que, como J.W Pringle e William Young, lançaram mão da fotografia como recurso com o intuito de esquadrinhar o território por onde a estrada de ferro avançava. Beneficiada pela ampliação das redes de comunicação entre a zona litorânea e o interior, a circulação crescente de funcionários da administração colonial, trabalhadores da ferrovia, viajantes e missionários, provenientes de diferentes lugares e que portavam equipamentos fotográficos, contribuiu para engrossar o volume de imagens captadas sobre o protetorado britânico. A constituição dos primeiros estúdios fotográficos em algumas áreas urbanas de Uganda apresenta-se intimamente associada a esse processo. Isso porque, embora a abertura de estúdios situados em Zanzibar e em Mombaça, na costa índica da África Oriental, remonte à década de 1860, data de 1904 que Alfred Lobo, ex-ferroviário de origem goesa, inaugurou o primeiro estúdio fotográfico na cidade de Entebbe, o qual foi, posteriormente, transferido para Kampala.⁴²

Convém ressaltar que esse movimento que se dá na esteira da popularização da prática fotográfica e da ampliação em escala internacional da circulação e do consumo imagético, também parece se alinhar a uma série de transformações políticas ocorridas em Uganda a partir de 1890 e acentuadas em 1894, quando o território se tornou protetorado britânico. Não seria equivocado afirmar que há uma estreita correlação entre o processo de recrudescimento do controle colonial na região e o aumento da documentação fotográfica produzida no período sobre o território. Na pesquisa realizada em arquivo sobre uma coleção composta por duzentos e oitenta e cinco cartões-postais que retratam Uganda entre 1904 e 1928, Richard Vokes demonstra que além de se configurarem como um relevante corpo de evidência visual sobre o impacto gerado nas dinâmicas rural e urbana de Uganda como protetorado britânico, o conjunto dessas imagens (e algumas das legendas que a acompanham) também nos permite reconhecer quais foram as operações e as estratégias no âmbito da visualidade que permitiram que Uganda fosse inserida em imaginário mais abrangente do império britânico.⁴³

⁴² VOKES, “Reflections on a Complex...”, *op.cit.*, p. 379.

⁴³ *Ibidem*, p. 384.

As reflexões tecidas pelo antropólogo a partir do estudo da referida coleção de cartões-postais e de suas imbricações com álbuns fotográficos pertencentes ao acervo⁴⁴ da Royal Commonwealth Society (RCS),⁴⁵ conjunto documental o qual também tivemos a oportunidade de consultar durante o período de pesquisa empreendido na biblioteca da Universidade de Cambridge,⁴⁶ iluminam componentes considerados essenciais para mapearmos algumas ramificações desse “ecossistema visual”. Norteados pela busca por referências à fotografias que retratavam Uganda, o contato com variados espólios documentais permitiu detectar a regularidade de certos temas e padrões, nos conduzindo a uma constelação de imagens que, muitas vezes, se entrelaçam. Provenientes de diferentes autores, esses registros fotográficos, no entanto, não podem ser concebidos de forma desvincilhada de uma visualidade atravessada pelo pensamento colonial.

O esforço em produzir uma espécie de geografia visual do império britânico, como bem define James Ryan em *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*,⁴⁷ pode ser notada no ambicioso projeto de documentar visualmente suas distintas frações. O já mencionado álbum *Uganda*, encomendado pelo COVIC, constituía-se como parte desse programa mais extenso de instrução visual voltado para forjar noções de identidade, cidadania e unidade imperial. De acordo com Ryan, o COVIC funcionou entre 1902 até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e envolveu figuras como Joseph Chamberlain (1836–1914), Michael Sadler (1861–1943), Charles Lucas e Halford Mackinder (1861–1947) (este último, havia participado da expedição ao Monte Kenya e era grande defensor de uma perspectiva imperial na disciplina da geografia). O programa articulou um amplo esquema de exposições de lanternas-slides e textos ilustrados voltados para crianças da Grã-Bretanha e para as crianças de outras partes do império sobre a “Pátria mãe”.⁴⁸

⁴⁴ De acordo com as referências apontadas por Vokes, as fontes examinadas integram os seguintes espólios documentais: RCS/Fisher/Y3045C e RCS/Y3011D. *Ibidem*, pp. 406–407.

⁴⁵ “Criada em 1868 com a designação de Colonial Society, a Royal Commonwealth Society foi fundada com a pretensão de criar um espaço dedicado exclusivamente ao estudo e dedicação de assuntos coloniais Britânicos. Ao longo dos anos a sociedade adquiriu documentação oficial, correspondência, publicações, fotografias e filmes entre outros materiais relacionados tanto com o Império Britânico como com impérios rivais (...)”. SANTANA, Noeme. “Olhares britânicos: visualizar Lourenço Marques na ótica de *J and M Lazarus, 1899–1908*”. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão...*, *op. cit.*, pp. 211–222, p. 211.

⁴⁶ Os fundos documentais consultados foram: *Miscellaneous Photographs of Uganda* (GBR/0115/Y3045O); *Papers of the COVIC* (GBR/0115/RCMS10/2); *Photographs of Uganda* (GBR/0115/Y3045F); *Postcard Collection* (PC Uganda); *Reverend Ernest Millar Collection* (GBR/0115/Y3045L); *Spooner Album of Uganda* (GBR/0115/Y3045D) e *Uganda (1906–1911) - Fisher photograph collection* (RCS/Fisher/Y3045C).

⁴⁷ RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 186.

Para captar, por meio da fotografia, os diferentes territórios que compunham o império britânico foi indicado Alfred Hugh Fisher (1867–1945). Nome associado ao jornal *Illustrated London News*, Fisher era reconhecido por ser uma espécie de “fotógrafo-artista”, por dominar técnicas do universo da pintura, da gravura e da ilustração.⁴⁹ Segundo James Ryan, uma das sugestões oficiais emitidas pelo COVIC a Fisher dizia respeito à necessidade da fotografia identificar e representar “as características nativas do país e suas pessoas acrescentadas de características derivadas do domínio britânico”.⁵⁰ Entre os anos de 1907 a 1910, Fisher viajou por distintas partes do império britânico, produzindo mais de quatro mil fotografias, bem como esboços e pinturas à óleo. No entanto, uma série de dificuldades de ordem financeira e logística comprometeram a proposta original de documentar visualmente todas as regiões do império britânico, fazendo com que a chamada África Oriental Britânica e o Caribe, por exemplo, não fossem contemplados pela viagem fotográfica de Fisher. Diante dessa situação, Halford Mackinder solicitou às autoridades da administração colonial das regiões que não foram visitadas que enviassem materiais fotográficos para o COVIC. É nesse contexto que o álbum *Uganda* foi elaborado. Possivelmente organizadas por Frederick Jackson (1860–1929), governador do protetorado de Uganda entre 1911 e 1918, as fotografias que integram o conjunto foram fornecidas por onze pessoas, listadas na primeira página do álbum.⁵¹ Além de Charles Hattersley, os nomes elencados refletem a diversidade de origens e trajetórias dos colaboradores do álbum, como podemos verificar em alguns exemplos, como Frederick Knowles, que alcançou um elevado posto na administração colonial. Já C.C Gowdy, maquinista, foi descrito por seu caráter “inescrupuloso” e “mentiroso”. Em contrapartida, John Sturrock destacou-se por atuar como tutor particular do *kabaka* Daudi Cwa (1896–1939). Walter Russel, que havia trabalhado como sinaleiro em Londres, foi descrito como alguém que, apesar da pouca instrução era um “sujeito extremamente bom”. Em linhas gerais, os percursos dos nomes citados ilustram o caráter heterogêneo da comunidade de europeus que habitavam Uganda no início do século XX⁵² e de como essas distintas experiências moldaram o olhar daqueles que manipularam os equipamentos fotográficos para captarem determinadas imagens.

⁴⁹ Para consultar algumas das produções artísticas de Fisher, conferir o acervo pertencente ao Museu Britânico: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/BIOG27296>. Último acesso em: 26/09/2022.

⁵⁰ RYAN, *op. cit.*, p.190.

⁵¹ “Photographs for this album have been furnished by: Mr. H. Batley; Mr. L. E. Caine; Mr. C.C. Gowdey; Mr. C.W. Hattersley; Captain Hutchinson; Mr. F.A. Knowles; Mr. A. McClure; Mr. Alison Russell; Mr. J.C.R. Sturrock; M.F. Spire; Mr. A. E. Weatherhead”. *Uganda (1906-1911) - Fisher photograph collection* (RCS/Fisher/Y3045C).

⁵² VOKES, “Reflections on a Complex...”, *op.cit.*, p. 389.

Uma mirada panorâmica sobre o álbum encomendado pelo COVIC revela o quanto a sua composição buscou corresponder às expectativas sintonizadas com o projeto de construção de um discurso visual alicerçado na ideia de unidade do império britânico. O contato com o material, acrescido das reflexões tecidas por Vokes,⁵³ nos permitiu identificar uma determinada linha narrativa a partir dos temas abordados pelo conjunto das cento e cinquenta e cinco fotografias. Ao folhear as páginas de *Uganda*, nos deparamos com representações que buscavam demarcar, nas paisagens, a presença de expressões ligadas às noções de civilização e de progresso europeu (meios de transporte, como o trem, o navio a vapor, bicicletas e automóveis, bem como a infraestrutura necessária para a circulação desses bens, como ferrovias, pontes, portos e estradas) além de práticas, símbolos e objetos associados ao universo cultural britânico (como cenas que retratam o clube de golfe, a quadra de tênis em Entebbe e o time de futebol de Kampala, por exemplo). Tais representações procuravam evocar no interlocutor uma sensação de cosmopolitismo,⁵⁴ na medida em que buscavam fixar, em uma dimensão visual, o protetorado de Uganda como parte integrante de um território imperial mais amplo. De outra parte, modelados pela chave do exotismo, o registro de paisagens, grupos sociais, exemplares da cultura material (em uso ou deslocado de seu contexto original) e práticas culturais tradicionais das populações africanas operavam como uma espécie de contraponto à gradual incorporação dos novos hábitos europeus.

As consultas realizadas em arquivos, conjugadas com o acesso à pesquisas recentes que se debruçaram sobre a ampla produção imagética acerca de Uganda na passagem do XIX para o XX, tornaram nítidos os desafios envolvidos na identificação das fotografias que integram o álbum *Uganda*. A leitura entrecruzada entre as publicações enfocadas neste capítulo e o trabalho de pesquisa nos possibilitaram reconhecer ao menos onze imagens que constam nas obras *Uganda by Pen and Camera* e *The Baganda at Home*, de Charles Hattersley. Refletir sobre as ocorrências, os trânsitos e os usos dessas imagens em distintos suportes para a composição de determinadas narrativas sobre Uganda nos auxiliam a compreender como certas representações contribuíram para a conformação de um arquivo visual europeu sobre a África Oriental e suas populações, como veremos adiante a partir de algumas imagens selecionadas captadas por Hattersley.

Inicialmente é interessante reparar como um número significativo de fotografias parece recuperar e atualizar alguns temas que integram, desde a segunda metade do XIX, o repertório

⁵³ *Ibidem*, pp. 384-389.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 394.

iconográfico que foi sendo gestado a partir da difusão de narrativas de viagens pelo interior do continente, conforme tivemos a oportunidade de examinar em capítulos anteriores.⁵⁵ Essa percepção se acentua quando nos deparamos com a fotografia que retrata a passagem de uma caravana de carregadores de marfim provenientes do Congo (figura 1)⁵⁶ e outro grupo de trabalhadores africanos enfileirados que transportam armas e suprimentos à serviço de uma expedição científica (figura 2).⁵⁷ Em ambas as representações, o controle e a vigilância dos corpos⁵⁸ que se deslocam em função dos trabalhos físicos executados sob a supervisão dos olhares europeus se destacam como elementos que unificam a atenção dos leitores, evidenciando as conexões entre visualidade, colonialismo e violência.⁵⁹



Figura 1 - An Ivory Caravan

⁵⁵ Referimo-nos, em especial, à gravura intitulada “Mission caravan starting for the Victoria Nyanza”, publicada em *The Gleaner Pictorial Album* (1887) e em *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister* (1892). Analisada no capítulo três, a gravura, que data do final do XIX, guarda estreitas semelhanças formais com a fotografia “A Surveying Expedition” (figura 2).

⁵⁶ *Uganda (1906-1911) - Fisher photograph collection* (RCS/Y3045C/36). Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library. Também publicada em: HATTERSLEY, *The Baganda at Home...*, *op.cit.*, p. 107.

⁵⁷ *Idem*, RCS/Y3045C/16. Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library. Também publicada em: HATTERSLEY, *The Baganda at Home...*, *op.cit.*, p. 32.

⁵⁸ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2007.

⁵⁹ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.



Figura 2 - Survey Caravan

Em compasso com o pensamento que evocava a ideia de civilização, a câmera de Hattersley não deixou de explorar os contrastes entre as práticas dos povos baganda classificadas, aos olhos eurocêntricos, como primitivas e arcaicas, como a tradição de produzir tecidos a partir da casca da árvore de Mutuba⁶⁰ e a noção de progresso e modernização ocidental, expressa pela imagem interna da fábrica de beneficiamento de algodão, um dos principais e mais lucrativos produtos exportados pelo protetorado no período. Dispostas em sequência em uma das páginas do álbum *Uganda* (figura 3),⁶¹ as três imagens parecem emular essas oposições, fortalecendo uma perspectiva evolucionista acerca dos modos de manufaturar a fibra vegetal proveniente da Mutuba e a fábrica de beneficiamento do algodão.

⁶⁰ Para um estudo sobre os significados culturais envolvidos na produção e nos usos do tecido feito a partir da fibra vegetal da Mutuba, conferir, entre outros: NAKAZIBWE, Venny M. *Bark-cloth of the Baganda People of Southern Uganda: A Record of Continuity and Change from the Late Eighteenth Century to the Early Twenty-first Century*. A Thesis Submitted to Middlesex University In Partial Fulfilment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy, 2005.

⁶¹ *Uganda (1906-1911) - Fisher photograph collection* (RCS/Y3045C/32-34). Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library. As imagens também estão presentes em: HATTERSLEY, *Uganda by Pen...*, *op. cit.*, p. 113 e *Idem, The Baganda at Home...*, *op. cit.*, p. 68.



DN 149

Uganda Co. Ltd. Part of Cotton Ginnery



Prizing Bark off Mutuba Tree.



DN 142

Beating out Barkcloth.

Figura 3 - Uganda Co. Ltd. Part of Cotton Ginnery; Prizing Bark off Mutuba Tree; Beating out Barkcloth

Constituído por imagens oriundas de diversas fontes que, por sua vez, foram replicadas em diferentes suportes, os álbuns de fotografias e os cartões-postais revelam-se como portas de entrada para acessarmos como os registros visuais captados pelas lentes de missionários vinculados à CMS, transitaram por diferentes meios e ajudaram a irrigar o imaginário social sobre Uganda. O conjunto de imagens abordadas ao longo desta seção nos permite também identificar como as fotografias evidenciam como o modo de operação visual do processo de implantação da dominação colonial se assentou no recurso do contraste. Os equipamentos e maquinários, fundamentais para a extração e beneficiamento das matérias-primas, a exploração da mão de obra em fábricas de manufaturas fundamentada na ideia de subordinação política e social das populações baganda, são apresentados por meio do contraste com a natureza. Tal contraste, por sua vez, se ancora ideologicamente na ideia de progresso, que coloca a natureza como território a ser explorado e transformado, dentro de uma perspectiva de objetificação e de potencial produtividade que regulariam as intervenções humanas nos ambientes naturais. Nesse sentido, retomando mais uma vez o conceito de “ecossistema visual”, aplicado às imagens produzidas em contexto de relações coloniais, as fotografias captadas por Hattersley são partes integrantes de um sistema mais amplo de pensamento, no qual, muitas vezes seus significados podem ser apreendidos pelo espectador não apenas pela realidade representada pela fotografia, mas sobretudo por elementos subjacentes à própria composição da imagem.

6.2. O missionário, o *kabaka* e o *katikiro*: fotografias das elites políticas de Buganda, seus espaços e objetos de poder

Antes de ser aceito pela CMS em fevereiro de 1897, aos trinta e um anos de idade, e partir em missão para Uganda em setembro do mesmo ano, alcançando Mengo, território próximo à capital Kampala, em fevereiro de 1898,⁶² após vinte e seis dias de sua partida de Londres, Charles Hattersley foi gerente de uma cutelaria na cidade de Sheffield, na Inglaterra.⁶³ Inicialmente, o missionário havia sido designado para colaborar com o arqui-diácono Robert Walker (1857–1939) nas atividades mais diretamente relacionadas à supervisão de lojas e à venda de livros religiosos. No entanto, a pedido do bispo Alfred Tucker, Charles Hattersley passou a se dedicar ao trabalho de implementação do sistema de educação primária na região. Tempos depois, com o apoio das lideranças políticas do reino de Buganda, incluindo o *katikiro*

⁶² CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society* (1897–1898). Londres: Church Missionary House, 1898, p. 126.

⁶³ *Idem*, *Register of missionaries – clerical, lay & female and native clergy from 1804 to 1904 (I-II)*, part. I, p. 380.

(primeiro-ministro) Apollo Kaggwa,⁶⁴ o interesse do religioso se concentrou na educação dos filhos das elites locais, tornando-se o diretor fundador do Mengo High School em 1905, o primeiro colégio a ser construído de acordo com o modelo britânico.⁶⁵ Nesse ponto, vale frisar que o direcionamento de esforços voltados para a construção de escolas que abrigassem, em especial, crianças e jovens, foi alçada a uma posição de prioridade entre as diretrizes da CMS em Uganda. A consulta aos volumes dos *Proceedings*, apresenta dados reveladores da expansão das escolas e internatos no território durante o início do século XX. Segundo informações que constam nas páginas do *Proceedings* referente aos anos de 1901 e 1902:

O tempo do Sr. C. W. Hattersley foi quase totalmente ocupado pela *Escola dos Garotos*, que aumentou muito durante o ano em tamanho e importância, de uma média de cerca de 240 alunos no final de 1900, para 500 no final de 1901. A carta que o Bispo [Alfred Tucker] escreveu sobre o tema da educação aos chefes e aos pais cristãos no início de 1901 (...) levou muitos a enviarem os seus filhos, e alguns dos pais até frequentaram a escola. O Katikiro [Apollo Kaggwa] interessou-se especialmente muito pelo assunto, e não só enviou os seus próprios filhos e os rapazes que estavam no seu recinto, mas frequentemente trouxe chefes para o Sr. Hattersley intimando-os de que ele desejava que eles aprendessem a escrever.⁶⁶

Direcionada, em um primeiro momento, às crianças e jovens do gênero masculino, a educação de meninas e mulheres passou a contar com um número mais expressivo de escolas e internatos destinados a esse público no início dos novecentos.⁶⁷ Tal processo ganhou maior

⁶⁴ “Few things were remarkable at Mengo than the rapid growth of the Educational Work, which was fostered by the care of the Katikiro, who sent a number of his children and retainers to the schools. The majority of the young people came willingly, but there was at least one exception, for the Katikiro had occasion one day to ask Mr. C. W. Hattersley to give his son five strokes with a stick if he did not conduct himself well. Happily it was not found necessary to introduce corporal punishment. The school for boys had an average attendance of nearly 150, and the progress made by the seniors, among whom some of the chiefs were included, was very striking”. *Idem, Proceedings of the Church Missionary Society* (1899–1900). Londres: Church Missionary House, 1900, p. 122.

⁶⁵ LEFEBVRE, Elisabeth Erin. “*What Was Best for a White Child Need not be the Same for a Dark Child*”: *Producing the ‘Educated African Child’ in Colonial Uganda’s Schools, 1877–1963*. A Dissertation Submitted to the Faculty of University of Minnesota, 2016, p. 133.

⁶⁶ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Mr. C. W. Hattersley's time was almost wholly taken up with the *Boys’ School*, which increased greatly during the year in size and importance, from an average attendance of about 240 at the close of 1900, to 500 at the end of 1901. The letter which the Bishop wrote on the subject of education to the chiefs and to Christian parents at the beginning of 1901 (...) led many to send their children, and some of the parents even attended school themselves. The Katikiro interested himself very specially in the matter, and not only sent his own children and the lads in his enclosure, but frequently brought chiefs to Mr. Hattersley intimating that he wished them to learn to write”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society* (1901–1902). Londres: Church Missionary House, 1902, p. 127. Grifos do original.

⁶⁷ Os *Proceedings* trazem muitas menções à instituição de colégios e internatos masculinos e femininos e de suas dinâmicas de funcionamento durante a primeira década do século XX. Para descrições sobre as atuações de Hattersley no colégio para meninos e da missionária E. M. Brewer no colégio para as meninas em 1904 e informações a respeito do internato para meninas aberto em Gayaza sob os cuidados de Annie Allen e Emily

visibilidade a partir da mobilização de um contingente cada vez maior de missionárias que chegaram em Uganda a partir de 1895. Como discutimos no capítulo dedicado à análise da produção visual legada por Annie Allen, a atuação de religiosas vinculadas à CMS foi de extrema relevância para impulsionar o desenvolvimento de determinados trabalhos historicamente associados ao universo feminino, principalmente as tarefas relacionadas ao cuidado de crianças, mulheres e idosos, perpetuando, assim, o papel do gênero feminino para a manutenção da ordem social. Pensada como uma das vias de propagação do paradigma civilizacional europeu no continente africano, a instrução da população local, juntamente com a instalação de hospitais,⁶⁸ isto é, de instituições e equipamentos ocidentais, estavam relacionados ao processo de implantação do sistema colonial no território.

Ainda que não tenha recebido nenhuma orientação oficial da CMS para realizar registros visuais durante seu tempo de permanência em Uganda, Hattersley lançou mão de sua habilidade fotográfica para documentar parte de suas experiências enquanto atuou como missionário desta porção interlacustre da África Oriental até 1913, ano em que optou por renunciar seu vínculo com a CMS.⁶⁹ Anos antes de seu desligamento da instituição religiosa, Hattersley dedicou-se à publicação de narrativas⁷⁰ que condensavam não apenas relatos de sua atuação como missionário, mas que se apresentavam entrelaçadas com impressões sobre aspectos da vida cotidiana de Uganda e suas transformações no início do novecentos.

Como o próprio título anuncia, a obra *Uganda by Pen and Camera*, de 1906, busca descrever o território a partir da mobilização dos recursos textuais e imagéticos. Pensadas como os principais instrumentos de registro para a construção de uma linguagem que visava apresentar ao público os primeiros anos de Uganda na condição de protetorado britânico, a

Hattersley, irmã de Charles Hattersley, conferir, respectivamente: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society* (1903–1904). Londres: Church Missionary House, 1904, pp. 107–108 e *Idem*, *Proceedings of the Church Missionary Society* (1904–1905). Londres: Church Missionary House, 1905, p. 99 e p. 103.

⁶⁸ Conferir o capítulo cinco da presente tese.

⁶⁹ Segundo Terry Barringer, o desligamento de Charles Hattersley da instituição religiosa foi motivado por uma série de conflitos de interesses entre o então missionário — que havia se tornado gerente da Mengo Planters Company — e a CMS, além de divergências de perspectivas sobre o ensino na Escola de Mengo. Após alguns anos, Hattersley retornou à Inglaterra e entrou no ramo comercial em Londres. Profundamente impactado por não conseguir sustentar sua família em decorrência da depressão econômica que afetou seus negócios, Hattersley cometeu suicídio. BARRINGER, Terry. “The Drum, the Church, and the Camera: Ham Mukasa and C. W. Hattersley in Uganda”. *International Bulletin of Missionary Research* 20, n° 2, 1996, pp. 66–70, p. 68.

⁷⁰ Além das obras enfocadas neste capítulo, localizamos outras duas publicações de autoria de Charles Hattersley: HATTERSLEY, Charles William. *Erastus, Slave and Prince: a True Story of Uganda*. Londres: Church Missionary Society, 1910 e *Idem*, *An English Boy's Life and Adventure in Uganda*. Londres: The Religious Tract Society, 1912. Este último título se insere no segmento de narrativas de aventuras voltadas para o público infanto-juvenil, tal como discutimos no capítulo três, que versa sobre publicações dessa natureza a partir das biografias de Alexander Mackay.

caneta e a câmera revelam-se, no discurso de Hattersley, como ferramentas que operam, de maneira articulada, na tentativa de traduzir Uganda aos leitores. Embora saibamos que o referido livro não inaugura o emprego de reproduções fotográficas em suas páginas,⁷¹ é interessante chamar a atenção para o lugar de projeção que os registros fotográficos irão desempenhar na narrativa de Hattersley. Vale mencionar que os sensíveis avanços nos métodos e nas técnicas de impressão e reprodução de imagens, especialmente com o advento da fotogravura, viabilizaram a popularização, em uma escala muito mais ampliada, de publicações que comportavam reproduções de fotografias em suas páginas.

A qualidade gráfica de *Uganda by Pen and Camera* também foi um ponto destacado no prefácio escrito por Thomas Fowell Victor Buxton (1865–1919):

A imagem dada aqui é precisa e bonita, e posso testemunhar que ela também é fiel e verdadeira. Tive o privilégio, no ano anterior, de fazer uma visita à Uganda; e é agradável, ao virar as páginas dos capítulos do Sr. Hattersley, ter inúmeros incidentes da viagem e detalhes da vida nativa lembrados por suas descrições, e pelas excelentes fotografias com as quais são ilustrados.⁷²

Situadas já nas primeiras páginas de *Uganda by Pen and Camera*, as palavras de Victor Buxton, figura que havia circulado por distintas localidades da África Ocidental e Oriental,⁷³ almejam imprimir um viés de validação ao material visual que ilustra o livro. É interessante reparar como a afirmação de Buxton sobre o ato de folhear a publicação traz à tona lembranças derivadas da experiência do autor do prefácio em Uganda. Suporte de memória para Buxton, e possivelmente para outros sujeitos que haviam transitado por essa zona da África Oriental, as considerações de Buxton também pareciam ter a função de estimular o imaginário dos leitores que não haviam pisado em Uganda.

⁷¹ Especificamente a respeito das publicações sobre Uganda editadas no começo do século XX que contém ilustrações e reproduções de fotografias e que antecedem as obras de Hattersley, chamamos a atenção para os dois volumes de *The Uganda Protectorate*, de Harry Hamilton Johnston (1858–1927). JOHNSTON, Harry Hamilton. *The Uganda Protectorate. An Attempt to Give Some Description of the Physical Geography. Botany, Zoology, Anthropology, Languages and History of the Territories under British Protection in East Central Africa, Between the Congo Free State and the Rift Valley and Between the First Degree of South Latitude and the Fifth Degree of North Latitude*. Londres: Hutchinson and Co., 1902. Administrador colonial, geógrafo e naturalista, Johnston fez largo uso da fotografia como ferramenta de pesquisa científica a fim de comprovar suas teorias do baixo status cultural e moral da “raça negra”. Entre 1899 e 1901, quando atuou como Comissário Especial do protetorado de Uganda, acumulou uma coleção de quase 1000 fotografias. RYAN, *op. cit.*, p. 158.

⁷² Traduzido e adaptado pela autora a partir do trecho original: “The picture given here is graphic and attractive, and I can bear witness that it is also faithful and true to life. I had the privilege the year before last paying a visit to Uganda; and its pleasant, in turning over the pages of Mr. Hattersley’s chapters, to have innumerable incidents of the journey and details of native life recalled by his descriptions, and by the excellent photographs with which they are illustrated”. BUXTON, “preface”, *Uganda by pen...*, *op. cit.*, p. VI.

⁷³ HARMFORD, Charles F. “Sir T. F. Victor Buxton, Bart”. *Journal of the Royal African Society*, vol. 18, no. 72, 1919, pp. 316–318.

Estruturada em nove capítulos, a publicação reúne trinta e quatro reproduções de fotografias distribuídas em vinte e quatro páginas. Ainda que a maioria verse especialmente sobre os impactos das ações dos missionários no modo de vida das populações baganda, alguns capítulos não se furtam de tecer considerações sobre tópicos que transcendem o escopo religioso, como aspectos do clima, da fauna, flora, do comércio e da estrada de ferro em Uganda, entre outros.⁷⁴

Ainda que possua o mesmo número de capítulos, a obra *The Baganda at Home*, publicada cerca de dois anos depois, abarca noventa e cinco reproduções de fotografias. Além do significativo aumento da quantidade de imagens, é possível observar a ampliação dos temas abordados que buscavam retratar as transformações em Uganda, por meio da constante interação entre texto e imagem. Em meio a múltiplas especulações, é curioso pensar que o título da obra (“Os Baganda em casa”) parece, de certo modo, sintetizar as expectativas que o próprio autor possuía sobre a inserção dos grupos baganda em um território que assistia às profundas mudanças desde que havia sido declarado protetorado britânico, cerca de catorze anos antes da publicação de Hattersley. Ao anunciar que os baganda estavam em “casa”, o missionário evoca a posição de proximidade que havia travado com essa população como uma condição privilegiada do autor que, por sua vez, proporcionava ao leitor um relato sobre “modo de vida” dos baganda.

A expressão selecionada para nomear o livro também nos permite arriscar uma outra chave de interpretação: ao reconhecer Uganda, sob a administração colonial britânica, como o território dos baganda, Hattersley promove uma espécie de convergência entre a situação política do protetorado e a capacidade de adaptação do grupo social ao território a essa nova condição, realçando o contraste com as demais populações que habitavam a região. Presente em diferentes passagens de *The Baganda at Home*, o contraste entre a “superioridade” dos baganda comparativamente aos demais grupos sociais é anunciado nas primeiras páginas do livro: “os viajantes não podem deixar de notar a diferença entre as pessoas no leste e as pessoas nas margens ocidentais do Lago Vitória; mas eles nem sempre indagam sobre o motivo da manifesta superioridade dos Baganda sobre seus vizinhos”.⁷⁵ Em outras palavras, ao afirmar que os baganda estavam em “casa”, Hattersley parece traçar uma espécie de acomodação desse

⁷⁴ Conferir, por exemplo, “Travelling in Uganda”, sexto capítulo da obra. HATTERSLEY, *Uganda by Pen...*, *op. cit.*, pp. 88–102.

⁷⁵ Trecho traduzido e adaptado pela autora a partir do original: “Travellers cannot but notice the difference between the people on the east and the people on the west shores of Lake Victoria; but they do not always inquire as to the reason for the manifest superiority of the Baganda over their neighbours”. HATTERSLEY, *The Baganda at...*, *op. cit.*, p. 2.

grupo específico na nova configuração política de Uganda. Assim, diferentemente de outros grupos sociais que habitavam Ankole, Toro e Bunyoro, sob o controle britânico, os baganda haviam encontrado o seu “lugar”.⁷⁶

Sobre as distintas maneiras de inserção no território, é interessante pensar como o missionário lançou mão de estratégias diversificadas para também construir espaços de aproximação com a comunidade e constituir alianças com as lideranças políticas locais. Entre os artifícios mobilizados, o conhecimento das técnicas fotográficas e sua utilização para representar as autoridades aparecem com grande destaque nos relatos analisados. Nesse sentido, nos chama particularmente a atenção a passagem em que Hattersley discorre sobre o convite em que o *katikiro* Apollo Kagwa fez ao missionário para acompanhar e fotografar a cerimônia em que Daudi Cwa, que havia sido proclamado *kabaka* em 1899 sob a regência de três chefes⁷⁷ (entre eles, Apollo Kagwa), visita o túmulo de seu avô, o *kabaka* Mutesa I. De acordo com o missionário:

Quando o rei Daudi visitou o túmulo de Mtesa, as coisas eram muito diferentes. Longe das pessoas estarem aterrorizadas por serem convidadas a ir, todos estavam ansiosos por conseguir participar. **O Katikiro convidou-me especialmente para ir e fotografar a cerimônia.** O Rei foi escoltado pelos seus principais chefes até o túmulo, e recebido aos sons de percussão e cantos, como é costume. A velha pele de leopardo e de leão usada por Mtesa, cuidadosamente preservada, foi espalhada sobre e perto do assento do jovem Rei. As velhas bengalas, a arma, lanças e escudos estavam à vista. O Rei foi acompanhado até ao seu lugar entre os dois montes, e após a cerimônia, na qual o rei Daudi se interessou muito da mesma forma que qualquer rapaz iria ver um mausoléu erguido em honra do seu pai, **foram tiradas fotografias**, e então foram para o pátio da irmã rainha de Mtesa, Damali, onde, numa tenda, foram servidos chá e bolo aos chefes e europeus, cerveja de banana e cana-de-açúcar servida ao povo comum.⁷⁸

⁷⁶ Vale pontuar que Hattersley não se configura como uma voz isolada no âmbito do pensamento de hierarquização racial predominante no período. HUGHES, Rebecca C. ““Grandfather in the Bones’: Scientific Racism and Anglican Missionaries in Uganda, c. 1900–1930”. *Social Sciences and Missions*, n. 33, pp. 347–378, 2020.

⁷⁷ Além de Kagwa, Zakaria Kisingiri (anglicano) e Stanislaus Mugwanya (católico) assumiram a regência. REID, *op. cit.*, p. 159.

⁷⁸ Traduzido e adaptado pela autora do original: “When King Daudi visited the tomb of Mtesa things were very different. So far from the people being terrified at being asked to go, every one was anxious to gain admittance. The Katikiro especially invited me to go and photograph the ceremony (...). The King was escorted by his leading chiefs into the tomb, and received with drumming and chanting as is customary. The old leopard skin and lion skin used by Mtesa, and carefully preserved, were spread on and near the young King's seat, and the old walking-sticks, and gun, spears, and shield were on view. The King was escorted to his seat between the two mounds, and after the ceremony, in which King Daudi was interested in much the same way as any boy would go to look at a mausoleum erected in honour of his father, photographs were taken, and adjournment was made to the courtyard

A análise do excerto demonstra como a participação de Hattersley — à convite de Apollo Kagwa — durante a cerimônia de visita à sepultura de Mutesa I, espaço considerado sagrado pelos baganda,⁷⁹ estava intimamente atrelada à função de documentar visualmente o evento. Visando demarcar, mais uma vez, um contraponto com o passado, Hattersley afirma que o sentimento de terror manifestado anteriormente pelas pessoas que acompanhavam a cerimônia havia dado lugar à ansiedade em participarem da visita ao túmulo dos *kabakas*. Convém sublinhar que, segundo o relato do missionário, se no passado a cerimônia incorporava práticas pagãs e sacrifícios humanos,⁸⁰ a versão do ritual captada pelas lentes de Hattersley, em 1906, havia sido destituída de tais elementos, adquirindo feições cristãs.⁸¹ Ao prosseguir a narrativa sobre a sua presença na cerimônia, Hattersley fornece mais detalhes sobre as condições em que a fotografia foi arregimentada como instrumento de registro:

Às três e meia da manhã, a percussão real já estava emitindo o sinal para a montagem. Nesta ocasião, eu havia sido convidado a subir mais cedo e tirar uma fotografia, e havia pensado que cedo poderia significar talvez sete ou oito horas. Antes das seis, porém, um mensageiro especial do Katikiro chegou em uma bicicleta para dizer que, se eu quisesse ter uma fotografia, eu deveria me apressar, pois o trabalho estava quase concluído, embora o sol nasça às seis horas. Na minha chegada, a cena mais pitoresca saudou os meus olhos. A própria tumba - ou seja, a casa que constitui a tumba - é grande, mas uns dois mil homens devem ter estado no teto da casa, tirando a grama e os canaviais aos quais a grama foi fixada, formando uma cena muito movimentada. Embora muitos estivessem em cima da casa, para cada um que trabalhava devem ter ficado vinte olhando, como geralmente acontece com qualquer obra pública naquele país.⁸²

of Mtesa's queen-sister Damali, where, in a tent, tea and cake were served to chiefs and Europeans, and banana beer and sugar cane served out to the common people". HATTERSLEY, *The Baganda at...*, *op. cit.*, p. 17. Grifos meus.

⁷⁹ Vale pontuar que a relevância cultural, histórica e simbólica do referido espaço extrapola os limites da comunidade baganda: em 2001, os túmulos dos *kabakas* de Buganda, situados em Kasubi (próximo à Kampala), foram reconhecidos e declarados Patrimônio Cultural Mundial. Para acessar o dossiê de candidatura e demais documentos submetidos à UNESCO para o processo de reconhecimento como Sítio do Patrimônio Mundial, consultar: <https://whc.unesco.org/en/list/1022/>. Último acesso em: 02/11/2022.

⁸⁰ O esforço na tentativa de direcionar o olhar do leitor para as “atrocidades” que permeavam as cerimônias em períodos anteriores aos captados pelo missionário, também é acentuado na legenda da fotografia intitulada “Old Tree of Sacrifice Near Suna's Tomb: Bones are Strewed About Everywhere”, que retrata um grupo de garotos ao redor de uma árvore em que eram cometidos “sacrifícios”, próxima do túmulo do *kabaka* Suna, com “ossos espalhados por todos os lados”. É interessante reparar como, nesse caso, a legenda exerce a função de acrescentar uma informação que a imagem, por si só, não é capaz de revelar. HATTERSLEY, *The Baganda at...*, *op. cit.*, p. 27.

⁸¹ BARRINGER, *op. cit.*, p. 68.

⁸² Traduzido e adaptado pela autora do original: “By half-past three in the morning the King's drums were booming the signal for the assembling. I had been asked on this occasion to go up early and take a photograph, and had thought that early might perhaps mean seven or eight o'clock. Before six, however, a special messenger from the

A escolha, planejada e manifestada por Kaggwa a Hattersley, de mobilizar a fotografia como meio de documentar o evento⁸³ também parece elucidar o desejo das elites políticas de Buganda de se demonstrarem conectadas com as práticas, infraestruturas, objetos e símbolos associadas ao processo de modernização ocidental. Nesse sentido, embora o exame das fotografias reproduzidas em *Uganda by Pen and Camera* e *The Baganda at Home* nos permita identificar, em alguns momentos, a presença de um repertório material e visual constituído por objetos da cultura tradicional dos baganda (em especial, insígnias de poder e artefatos religiosos, notável nas figuras 4, 5 e 6),⁸⁴ é interesse reparar no destaque que é conferido à representação de cenários e ambientes contendo objetos associados aos intercâmbios culturais e aos acordos políticos estabelecidos entre as lideranças do reino de Buganda e a administração colonial britânica, como é possível observar na figura 7.⁸⁵

Katikiro arrived on a bicycle to say that, if I wished to have a photograph, I must hurry up, because the work was all but completed, though the sun rises at six o'clock. On my arrival a most picturesque scene greeted my eyes. The tomb itself — that is to say, the house which constitutes the tomb — is a big one, but quite two thousand men must have been on the top of the house, stripping off the grass, and reeds to which the grass was fixed, and a very busy picture they made. Though so many were on the house, for every one working there on there must have been twenty looking on, as is usually the case with any public work in that country". HATTERSLEY, *The Baganda at...*, *op. cit.*, p. 19. Grifos meus.

⁸³ Além dos trechos que compõem a obra do missionário, a menção ao pedido de Kaggwa para que Hattersley fotografasse a cerimônia também é citada de maneira resumida nos *Proceedings* (1906–1907): “The benefits brought to Uganda by the advent of missionaries and the preaching of the Gospel were forcibly illustrated in September, 1906, when the young king, Daudi Chwa, paid his first visit to the tomb of his grandfather, Mtesa, at Kasubi. As the authorities wished to have a record of such events, the Katikiro, Sir Apolo Kagwa, K.C.M.G., requested Mr. C. W. Hattersley to photograph the various scenes of the ceremony. They differed greatly from those of olden days (...)”. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society* (1906–1907). Londres: Church Missionary House, p. 79.

⁸⁴ As três imagens aqui reproduzidas foram publicadas, respectivamente, em: HATTERSLEY, *Uganda by Pen...*, *op. cit.*, p. 50 e *Idem*, *The Baganda at...*, *op. cit.*, p. 24 e p. 18.

⁸⁵ HATTERSLEY, *The Baganda at...*, *op. cit.*, p. 8.

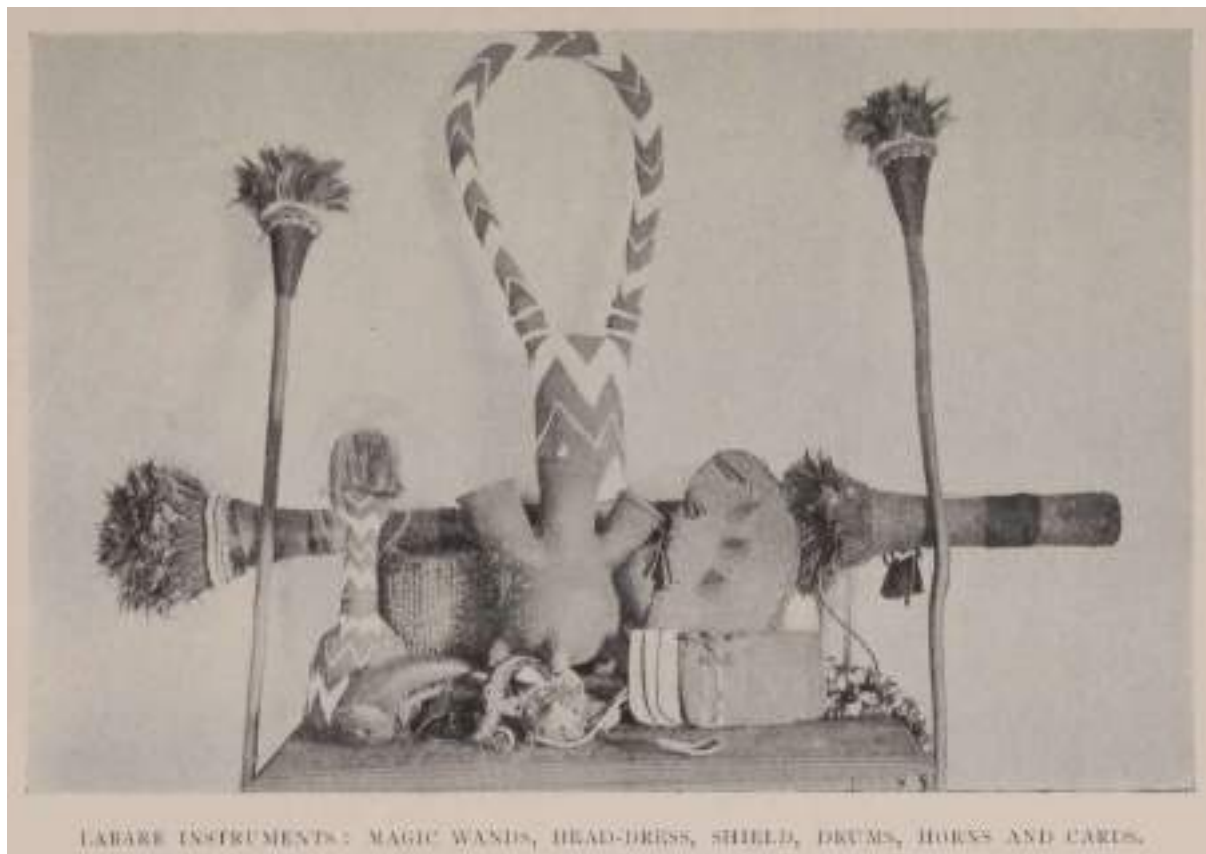
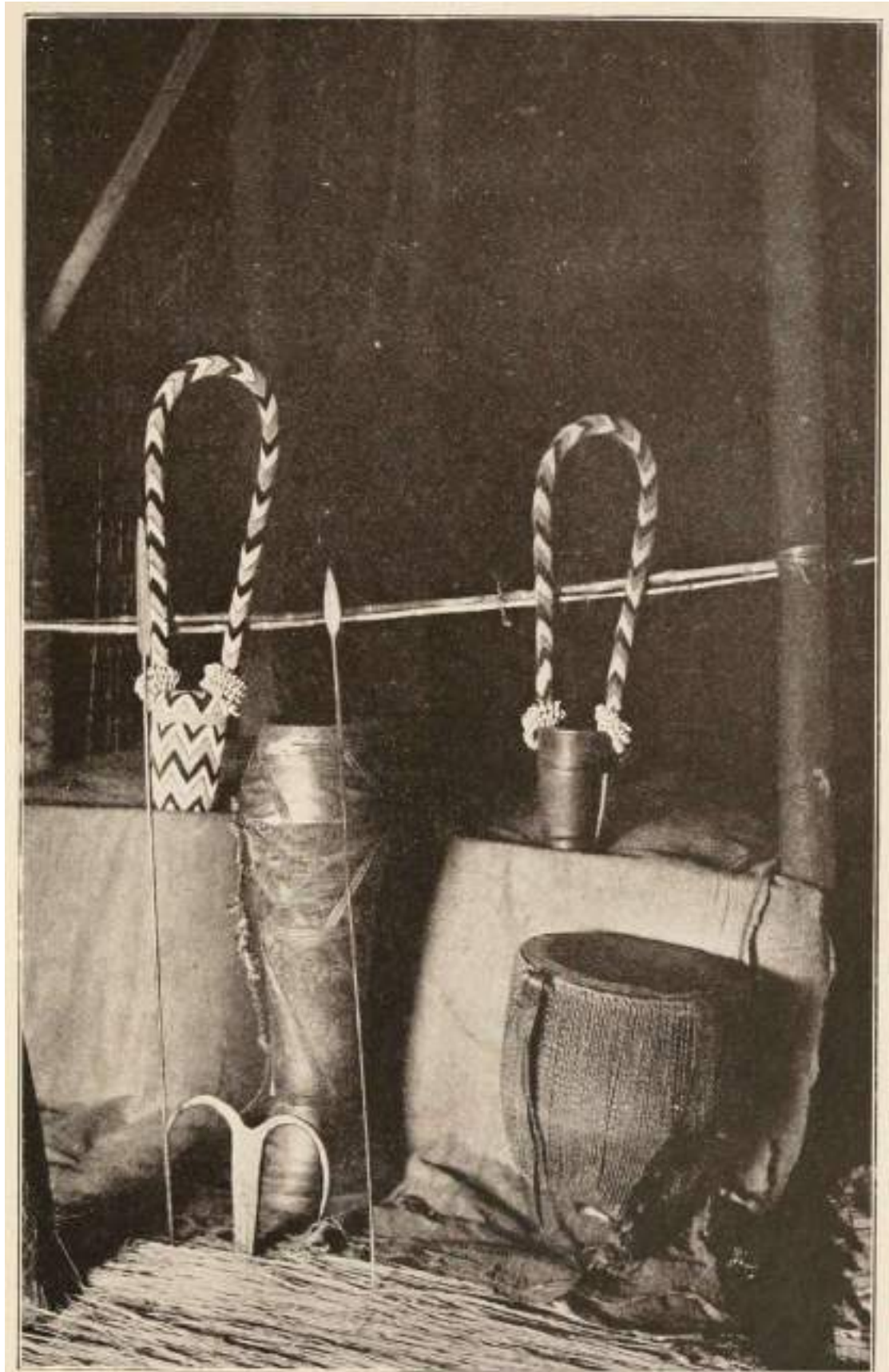


Figura 4 - *Labare instruments: magic wands, head-dress, shield, drums, horns and cards*



SUNA'S TOMB AND BALONGO.

Figura 5 - *Suna's Tomb and Balongo*



KING DAUDI CHWA AT THE TOMB OF HIS GRANDFATHER MTESA.

Figura 6 - King Daudi Chwa at the Tomb of His Grandfather Mtesa



Figura 7 - King's Sitting-room: Notice Portraits of King Edward and Queen Alexandra

Uma mirada rápida em “King’s Sitting-room: Notice Portraits of King Edward and Queen Alexandra” (figura 7) é capaz de nos fornecer alguns elementos que foram acrescentados na imagem, como a cadeira no primeiro plano, as duas luminárias e o cálice que figuram em cima da mesa. A inclusão dessas peças no ambiente representado — comumente associadas ao repertório do mobiliário doméstico burguês — juntamente com os retratos da realeza britânica, itens cuja presença é realçada pela descrição da legenda, são reveladores da tentativa de retratar a aproximação dessas lideranças de Buganda a determinados códigos e posturas ocidentais.⁸⁶ Ainda que a composição da representação visual em questão vise destacar tais referências europeias, chama-nos, em particular, a atenção, alguns aspectos que conferem outras camadas ao ambiente. Em um segundo olhar mais atento, é possível reparar que, dividindo espaço na mesma parede que os quadros do rei Eduardo VII (1841–1910) e da rainha Alexandra (1844–1925), há as extremidades de duas lanças cruzadas. Embora não pareça ter sido prioridade da fotografia enquadrar visualmente determinados símbolos da cultura tradicional no ambiente, a narrativa textual que antecede a publicação da imagem fornece interessantes detalhes sobre a coexistência desses objetos:

Os antepassados do rei Daudi nunca tiveram casas melhores do que as construídas com vegetação e canas, mas Daudi tem uma casa de tijolos com telhado de ferro canelado. Os seus visitantes são recebidos em grande estilo, numa confortável sala de estar decorada com bom gosto, com tapetes, cortinas, castiçais ingleses e quadros, sendo que o quadro do Rei Eduardo VII e da nossa Rainha estavam em evidência. Os ornamentos nativos mais chamativos nas paredes são a “Insígnia da Realeza” no reino do Uganda - um escudo de madeira e cestaria e duas lanças, que de tempos longínquos têm sido passados de mão em mão por todos os reis.⁸⁷

O excerto selecionado descreve a materialidade da sala de estar de Daudi Cwa estruturada na coexistência de um repertório material associada ao espaço doméstico burguês (tapetes, cortinas, candeeiros e quadros) e a objetos, como insígnias de poder (escudo, cestaria

⁸⁶ Em sua introdução à *Uganda’s Katikiro in England*, Simon Gikandi enfatiza como a incorporação da religião anglicana operou como um dos vetores de aproximação entre os dignitários de Buganda com a cultura ocidental. GIKANDI, Simon. “African Subjects and the Colonial Project”. In: MUKASA, Ham. *Uganda’s Katikiro in England by Ham Mukasa with Notes and an Introduction by Simon Gikandi*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 1998, pp. 3–32.

⁸⁷ Trecho traduzido e adaptado pela autora do original: “King Daudi’s forefathers never got beyond houses built of grass and reeds, but Daudi has a brick house with a corrugated iron roof. His visitors are received in the approved style in a comfortable sitting-room tastefully furnished, with carpets, curtains, English lamps and pictures, conspicuous amongst the latter being handsome portraits of King Edward VII and our Queen. The most notable native ornaments on the walls are the ‘Insignia of Royalty’ in the kingdom of Uganda — a wood and basket-work shield and two spears, which have from time immemorial been carried before kings during all their royal progressions”. HATTERSLEY, *The Baganda at...*, op. cit., p. 7.

e duas lanças) que compõem a linguagem do poder político de Buganda.⁸⁸ Novamente, o excerto procura evidenciar a ideia de oposição entre passado e presente, a partir da oposição entre os modos de vida dos *kabakas* que antecederam Daudi Cwa e as condições de habitação do jovem soberano.

Somando-se a esses aspectos analisados, também julgamos digno de nota a posição lateral ocupada pelo monarca no ambiente. Acentuado pelo tipo de enquadramento adotado na composição da fotografia, o isolamento de Daudi Cwa contrasta com a cadeira vazia situada no centro da sala, alocada abaixo da reprodução dos retratos do casal real britânico. Preenhe de sentidos, a imagem nos provoca a pensar sobre quais seriam os lugares a serem ocupados pelo *kabaka* nas relações políticas estabelecidas entre o reino de Buganda e a coroa britânica. Dentro das múltiplas interpretações suscitadas pela fotografia, cabe refletirmos se a cadeira — acrescentada posteriormente à cena original — poderia simbolizar a ideia de um trono vazio, posicionado entre as imagens do rei Eduardo VII e da rainha Alexandra. Nessa direção especulativa, teria Hattersley buscado trazer para o plano visual a ideia de que o *kabaka* estaria apartado das decisões políticas que regiam o protetorado britânico de Uganda? O que determinadas ausências acrescentam nas retóricas visuais? Ainda que não tenhamos provas documentais suficientes que nos autorize apresentar respostas para tais indagações, acreditamos que a análise de “King’s sitting-room: notice portraits of King Edward and Queen Alexandra” (figura 7) pode ser considerada ilustrativa do que apontamos anteriormente sobre o potencial heurístico das imagens.⁸⁹

Se por um lado, o exame das fotografias publicadas em *The Baganda at Home* demonstra-se propício para investigarmos as intencionalidades de Hattersley na construção de uma imagética sobre Uganda, por outro, dentro do escopo adotado por esta pesquisa, torna-se também fundamental discutir e problematizar a incorporação, por parte das lideranças centro-orientais africanas, da fotografia no cotidiano e na representação política do reino de Buganda. Nesse aspecto, o *katikiro* Apollo Kaggwa desponta como personagem elementar para a compreensão dos distintos usos da fotografia no período abordado. O contato com as fontes e com a bibliografia mais recente sobre o tema, nos ajuda a dimensionar o quanto o *katikiro*, que havia ascendido à posição de “primeiro-ministro” do reino de Buganda em 1889, conhecia as potencialidades do registro fotográfico. Segundo Alison Bennett,⁹⁰ durante a sua visita a Londres em 1902, Kaggwa, juntamente com Ham Mukasa (1868–1956), posou para ser

⁸⁸ Conferir o capítulo anterior desta tese.

⁸⁹ EDWARDS, “A fotografia e a performance da história”..., *op. cit.*, p. 31.

⁹⁰ BENNETT, *Material Cultures of Imperialism*..., *op. cit.*, p. 161.

fotografado em um estúdio, despertando o interesse da imprensa britânica em torno de sua figura.⁹¹ Para além desse episódio, elucidativo do interesse do *katikiro* em perpetuar o seu retrato por meio da replicação de sua imagem no formato *carte de visite* e na reprodução desse mesmo registro como frontispício da obra *Uganda's Katikiro in England* (1904)⁹² (figura 8), Kaggwa atuou de maneira significativa no processo de coleta, seleção de objetos e registro imagético de exemplares da cultura material das populações baganda que foram destinados a diferentes acervos de instituições, como o Museu Britânico (Londres), o Museu de Arqueologia e Antropologia (Cambridge) e o Museu Pitt Rivers (Oxford).⁹³

⁹¹ Convém lembrar que a passagem de Kaggwa e Mukasa na Inglaterra não foi a primeira a ocorrer no âmbito do envio de representantes do reino de Buganda à Europa. Em 1879, Sawaddu, Katarubba, Namkaddi foram enviados por Mutesa a Londres para representarem o *kabaka* nas relações diplomáticas tecidas entre o soberano de Buganda e a coroa britânica, personificada pela figura da rainha Vitória (1837–1901). Os representantes políticos enviados pela corte de Mutesa foram fotografados em 1880 no reputado estúdio Elliot & Fry, situado em Baker Street. Além da reprodução da fotografia em cartões-postais, a imagem dos “enviados baganda”, no formato de gravura, circulou por diversas revistas e periódicos ilustrados do período. As fotografias e os cartões-postais (do grupo e individual) integram o fundo documental: “Ugandan envoys to England”. Y3045E. Para notas sobre a visita dos enviados baganda à Londres e exemplos da fotografia do grupo reproduzida como gravura, conferir: CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “The Presentation of King Mtesa’s Envoy to the Queen”. *Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n. 80, vol. 7, 1880, p. 91 e *Idem*, “The Waganda Envoy’s Report to Mtesa”. *Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n. 95, vol. 8, 1881, p. 123 e CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *The Gleaner Pictorial Album. Containing Pictures of Africa and the Mohammedan Lands of the East*. Londres: Church Missionary House, 1887, p. 47.

⁹² De acordo com informações que constam no retrato: “Photo by Bassano, 25, New Bond Street, London”. MUKASA, Ham. *Uganda's Katikiro in England: Being the Official Account of his Visit to the Coronation of his Majesty King Edward VII*. Londres: Hutchinson & Co., 1904. O relato de Ham Mukasa foi traduzido do luganda para o inglês por Ernest Millar, reverendo da CMS.

⁹³ Segundo Rachel Hand, em 1902, Kaggwa doou cerca de dezesseis artefatos para Roscoe que tiveram entrada em 1903 no Museu de Arqueologia e Antropologia de Cambridge. Essa primeira doação foi prosseguida por outra mais robusta, realizada entre 1904 e 1920, composta por setecentos itens provenientes de Uganda. HAND, *op. cit.*, p. 75.



Figura 8 - Ham Mukasa. Apolo Kagwa, the Katikiro Photo by Bassano, 25, New Bond Street, London

Além do retrato de Apollo Kaggwa ao lado de Ham Mukasa produzido em um estúdio londrino, o *katikiro* também foi alvo das lentes de Hattersley em diferentes contextos e situações em Uganda. Figurando nas páginas de *The Baganda at Home*,⁹⁴ também constam no álbum *Uganda* os retratos de Kaggwa ao lado de sua esposa e filhos (figura 9)⁹⁵ e junto de outras figuras políticas (figura 10),⁹⁶ o que nos fornece indícios sobre o raio de circulação dessas representações e os públicos consumidores dessas imagens.



Figura 9 - Apolo Kagwa (Katikiro or Prime Minister), Lady Kagwa and Family

⁹⁴ HATTERSLEY, *The Baganda at...*, *op.cit.*, p. 52 e p. 153.

⁹⁵ *Uganda (1906-1911) - Fisher photograph collection (RCS/Y3045C/22)*. Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library.

⁹⁶ *Idem*, RCS/Y3045C/23. Imagem reproduzida gentilmente com a permissão da Cambridge University Library.

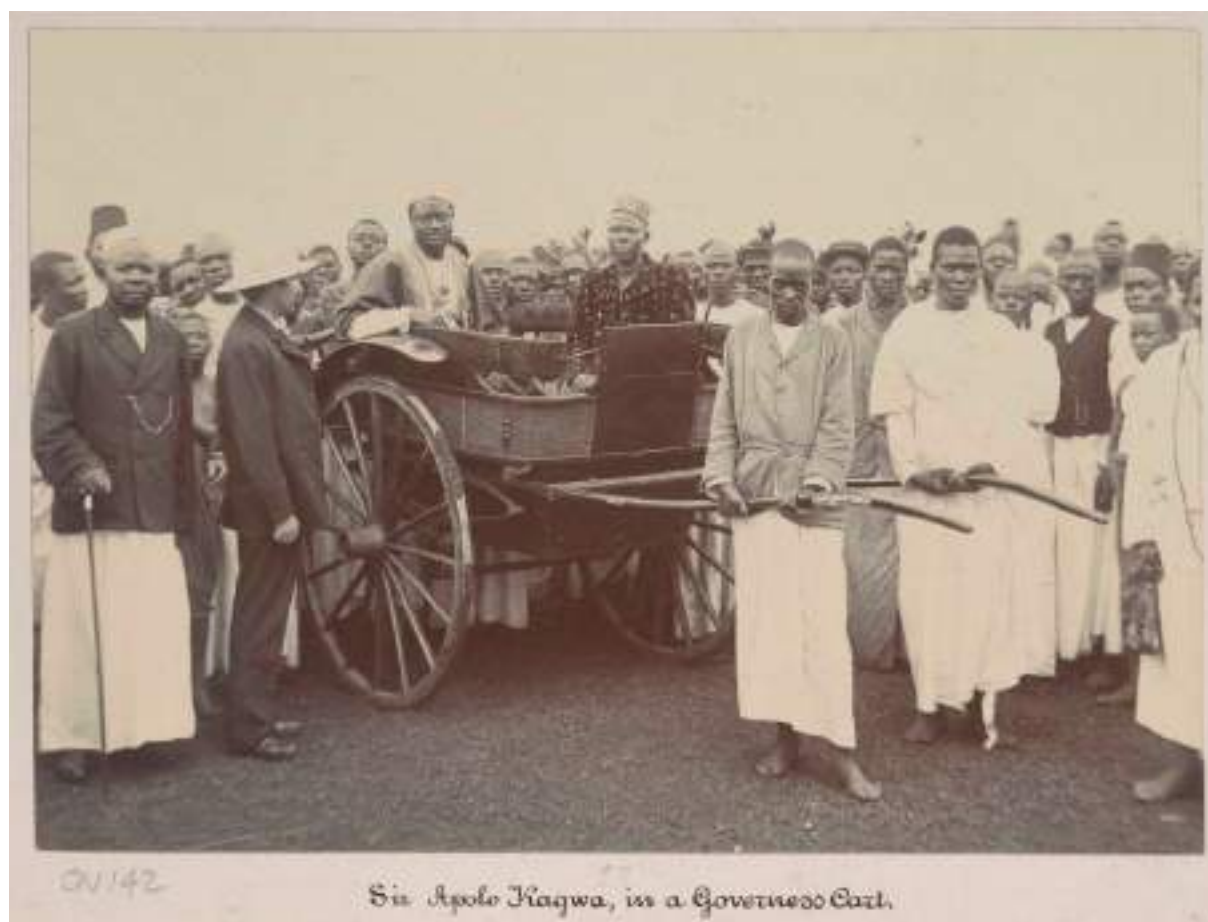


Figura 10 - Sir Apolo Kagwa, in a Governess Cart

A análise das obras de Hattersley nos possibilita reconhecer como a atividade fotográfica praticada pelo missionário foi imprescindível não apenas para a constituição e para a manutenção dos vínculos sociais estabelecidos entre o religioso e as lideranças políticas que governavam o reino de Buganda, como também foi fundamental para a composição de um arquivo visual sobre a porção interlacustre da África Oriental e suas populações durante as primeiras décadas do XX.

Como vimos, ora requisitado pelas próprias lideranças políticas, como Apollo Kagwa, para acompanhar e fotografar determinadas práticas, cerimônias e figuras de autoridade de Buganda, ora produzindo registros visuais que buscavam captar paisagens, grupos humanos e objetos em diferentes contextos, a atuação de Hattersley na construção de um repertório visual constituído a partir de sua permanência na África Oriental ilumina como as imagens atenderam a interesses e propósitos específicos. Das páginas das publicações sobre as atividades missionárias empreendidas pela CMS em Uganda às páginas do álbum encomendado pelo COVIC, as fotografias de Hattersley foram instrumentalizadas por diferentes representantes do poder metropolitano, fossem ligados diretamente à agenda evangelizadora ou não, reforçando

a ideia de uma visualidade heterogênea, permeada por referenciais comuns, mas abastecida pela produção de distintos autores.

6.3. De Buganda à Cambridge: produção e circulação de conhecimentos a partir dos intercâmbios entre Roscoe, Kaggwa e Frazer

Se as fotografias de Hattersley nos fornecem pistas valiosas para rastreamos a conformação de um “ecossistema visual” por meio de redes de interdependência entre distintos elementos, que são capazes de gerar novos significados e narrativas, a análise sobre a produção fotográfica e os usos das imagens feitas por John Roscoe nos permite acrescentar novas camadas à compreensão sobre como os registros visuais foram mobilizados pelos distintos atores sociais envolvidos nas interações estabelecidas entre missionários, administradores coloniais, antropólogos e a elite política do reino de Buganda.

Ao longo das próximas páginas, pretendemos acompanhar o percurso de Roscoe à luz de sua trajetória missionária, das suas aproximações com as discussões antropológicas e do papel conferido ao visual como ferramenta de documentação nas incursões pelo território. Ainda que a relação estabelecida entre Roscoe e Hattersley com o registro fotográfico apresentem pontos de convergência, uma vez que ambos os missionários conferiram um lugar de destaque à fotografia em suas publicações, o contato com o campo da antropologia, pode ser identificado como um componente que demarca uma distinção nas formas como Roscoe instrumentalizou a fotografia.⁹⁷ Sobre esse aspecto, outro ponto que merece destaque é o protagonismo desempenhado por Apollo Kaggwa como mediador no processo de pesquisa de campo, no contato com os informantes e no trabalho de coleta de exemplares da cultura material,⁹⁸ um dos alvos de interesse de Roscoe. Perceptível na leitura das obras de Charles Hattersley, o *katikiro* também teve participação ativa no andamento das atividades empreendidas por Roscoe durante o período em que esteve em Uganda.

De acordo com o livro de registro dos missionários, Roscoe formou-se em engenharia em Liverpool e aos vinte e dois anos vinculou-se à CMS, em 1882.⁹⁹ Sua primeira incursão pela

⁹⁷ CORNWALL-JONES, Hermione. “Historical Photographic Collections: An Untapped Resource?” *Conference Proceedings: Delivering Diversity; Promotion Participation*. Cambridge, 2001, pp. 65–70.

⁹⁸ MICHAUD, Maud. “The Missionary and the Anthropologist: The Intellectual Friendship and Scientific Collaboration of the Reverend John Roscoe (CMS) and James G. Frazer, 1896–1932”. *Studies in World Christianity*, vol. 22, nº 1, 2016, pp. 57–74, p. 62. Para uma abordagem mais centrada na discussão sobre cultura material proveniente da África Oriental em contextos museais entre 1870 e 1920, conferir as já mencionadas investigações de: BENNETT, *op. cit.*, 2018 e 2019.

⁹⁹ CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of missionaries...*, *op. cit.*, part. I, p. 206.

África Oriental ocorreu em 1884, na região de Mamboia (atual Kenya).¹⁰⁰ Por complicações de saúde, retornou à Inglaterra em 1889 integrando-se, pouco tempo depois, no ano de 1891, ao grupo destacado para a Missão de Uganda. A chegada de Roscoe a essa porção interlacustre do continente africano foi marcada por uma série de turbulências e instabilidades políticas que se acentuaram e culminaram na Batalha de Mengo, em 1892.¹⁰¹ Em 1893, Roscoe foi ordenado em Buganda e em 1899 atuou como diretor da Faculdade de Teologia (Mengo), posição que ocupou por dez anos até retornar à Inglaterra, não apenas para tratar de questões de saúde, mas também com o intuito de se dedicar com mais afinco aos trabalhos antropológicos que pretendia desenvolver, em grande medida impulsionado pelo diálogo travado com James Frazer.¹⁰² A pesquisa realizada por Maud Michaud a partir do exame das correspondências trocadas entre Roscoe e Frazer explicita como os intercâmbios e os interesses científicos nutridos por ambos tráfegaram por uma espécie de via de mão dupla. Como demonstra Michaud, seria equivocados reduzirmos a participação de Roscoe apenas como receptor das teorias de Frazer ou limitarmos a comunicação entre ambos a um mero repasse e compilação de dados etnográficos coletados em campo, já que as cartas trocadas revelam um processo mais denso de intervenções e compartilhamento de ideias.

É válido mencionar que a trajetória intelectual de James Frazer entre as décadas de 1880 e 1920 é ilustrativa da própria conformação da antropologia como um campo do conhecimento no referido período. Considerado um dos principais expoentes da antropologia de vertente evolucionista, calcada em uma perspectiva etapista¹⁰³ do desenvolvimento dos distintos grupos humanos e que teve grande projeção entre o final do período vitoriano e eduardiano, Frazer dedicou-se ao conceito de totemismo. Em linhas gerais, o totemismo corresponderia a uma “(...) das formas primevas de desenvolvimento humano, uma solução intelectual para problemas

¹⁰⁰ De acordo com as informações apresentadas nos *Proceedings*, John Roscoe partiu da Inglaterra em 13 de junho de 1884 e aportou em Zanzibar em 01 de agosto de 1884. CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society* (1884–1885). Londres: Church Missionary House, 1885, p. XXVIII.

¹⁰¹ A escalada de conflitos entre missionários protestantes e católicos foi relatada por Roscoe em carta endereçada ao reverendo Stewart Ponsonby, datada de 04 de fevereiro de 1892. CMS/ACC279 C1: *Letter from John Roscoe, CMS missionary, Uganda, 1884–1909, to Rev. Stewart Gordon Ponsonby, Chaplain of Trinity College, Cambridge*.

¹⁰² De acordo com Ray, a coleção de missivas trocadas entre o missionário e o antropólogo é composta por cerca de 140 cartas que Frazer escreveu para John Roscoe e 12 cartas escritas pelo missionário. RAY, B. “James G. Frazer’s Correspondence with John Roscoe, 1907–1924”. *History in Africa*, vol. 11, 1984, p. 397.

¹⁰³ No escopo adotado por Frazer, as três etapas diziam respeito aos estágios da mágica, da ciência e da religião. LARSEN, Timothy. *The Slain God: Anthropologists & the Christian Faith*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 5.

cognitivos colocados por diferentes fenômenos naturais inexplicáveis”.¹⁰⁴ Embora nunca tenha saído da Europa, tornando-se um dos representantes mais emblemáticos da “antropologia de gabinete”, Frazer foi um grande incentivador da etnografia feita em campo,¹⁰⁵ se beneficiando das observações feitas *in loco* por distintos missionários e viajantes, como foi o caso de John Roscoe e Henri-Alexandre Junod (1863–1934).¹⁰⁶ Alicerçado em estudos comparativos entre práticas e manifestações religiosas ditas “primitivas”,¹⁰⁷ em *O ramo dourado* (1890), sua obra mais conhecida, o antropólogo defende a existência de padrões e recorrências na dinâmica de diversas sociedades ao longo do tempo, contribuindo para o fortalecimento de uma noção universalizante e linear da História e do desenvolvimento humano.

O contato com as obras de Roscoe nos possibilita reconhecer como o autor procura demarcar uma distinção entre sua escrita e as demais narrativas sobre os povos baganda, conforme sinaliza no prefácio de *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*, considerado por muitos pesquisadores como o primeiro estudo etnográfico realizado sobre a sociedade baganda. Nas primeiras páginas do livro publicado em 1911 e dedicado a James Frazer, Roscoe afirma:

Neste trabalho, meu objetivo tem sido descrever a vida social e religiosa dos Baganda nos velhos tempos antes de seu país, Uganda, estar sob a influência da Europa. Embora vários livros sobre Uganda tenham surgido durante os últimos anos, dando relatos gerais do país e do povo, escrevi a presente obra sem nenhum sentimento de invasão do campo dos escritores anteriores, pois este volume é compilado a partir de informações que obtive em primeira mão dos próprios nativos a respeito de seus costumes sociais e crenças religiosas. Não fiz, portanto, nenhuma referência a outros livros sobre o assunto. Tendo passado vinte e cinco anos como missionário no coração da África em relações íntimas com os nativos, tive maiores oportunidades de obter algum

¹⁰⁴ ZANINI, Maria Catarina Chitolina. “Totemismo revisitado: perguntas distintas, distintas abordagens”. *Habitus*, Goiânia, vol. 4, n.1, pp. 513–533, pp. 514–515, jan./jun. 2006. Observado por diferentes ângulos, o conceito de totemismo foi também debatido por Émile Durkheim (1858–1917), Sigmund Freud (1856–1939) e Claude Lévi-Strauss (1908–2009).

¹⁰⁵ STOCKING JR, George W. “The Ethnographer’s Magic: Fieldwork in British Anthropology from Taylor to Malinowski. In: *Idem* (ed.). *Observers and Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*. Londres/Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1983, pp. 79–80.

¹⁰⁶ Além de Roscoe, Frazer utilizou os apontamentos feitos pelo missionário protestante de origem suíça Henri-Alexandre Junod (1863–1934) no período em que este atuou na África do Sul. Junod nutriu um grande interesse pelas ciências naturais, tornando-se um grande colecionador de espécies de plantas, insetos e borboletas. HARRIES, Patrick. “Through the eyes of the beholder: H. A. Junod and the notion of primitive”. *Social Dynamics*, n. 19, vol. 1, 1993, pp. 1–10 e *Idem*; MAXWELL, David (orgs.). *The Spiritual in the Secular Missionaries and Knowledge in Africa*. Michigan/Cambridge: Eerdmans, 2012, p. 54.

¹⁰⁷ MICHAUD, *op. cit.*, p. 67.

conhecimento de seu modo de vida e hábitos de pensamento, bem como de conhecer intimamente suas antigas ideias religiosas (...).¹⁰⁸

É interessante notar como o excerto revela a preocupação do missionário em traçar uma descrição do que seria a “vida social e religiosa dos baganda” antes da “influência” europeia em Uganda, a partir de dados e informações obtidos “em primeira mão dos próprios nativos”. Em outras palavras, Roscoe parece fundamentar a legitimidade de seus registros por meio do tempo de permanência e das relações de confiança estabelecidas com a sociedade local, mobilizando essas condições como critérios de distinção de seu trabalho comparativamente a outras narrativas sobre Uganda. Outro aspecto que é relevante pontuar diz respeito ao lugar ocupado pelos estudos antropológicos dentro da agenda missionária de Roscoe. Sabemos que o estímulo ao desenvolvimento de atividades que envolviam o reconhecimento geográfico do território e a exploração científica de seus recursos humanos e naturais se configurou como uma questão delicada no âmbito das diretrizes oficiais apregoadas pela CMS direcionadas aos missionários. Aqui, vale lembrar do conjunto de instruções fornecidas ao primeiro grupo da CMS destinada à chamada “Victoria Nyanza Mission” no final da década de 1870, no qual havia uma preocupação latente de que a conduta dos missionários não deveria se desviar da ação religiosa, uma vez que estudos e investigações de caráter científico — práticas convencionalmente associadas ao universo das viagens de expedição — não deveriam concorrer e, muito menos, ocupar o lugar do trabalho de evangelização.¹⁰⁹ No entanto, a análise das fontes arregimentadas por esta pesquisa põe em relevo a permeabilidade das fronteiras entre as incursões de cunho religioso e as viagens de exploração científica, demonstrando muito mais o intenso compartilhamento de saberes do que uma segmentação rígida entre os campos. Nesse sentido, é curioso reparar como Roscoe, ainda no prefácio de sua primeira obra publicada, afirma que as investigações de caráter antropológico foram produzidas durante os momentos

¹⁰⁸ Traduzido e adaptado pela autora do original: “In this work my aim has been to describe the social and religious life of the Baganda in the old days before their country, Uganda, came under the influence of Europe. Though several books on Uganda have appeared during the past few years, giving general accounts of the country and people, I have written the present work without any feeling of encroaching upon the field of earlier writers, as this volume is compiled from information which I have obtained at first hand from the natives themselves concerning their social customs and religious beliefs. I have therefore made no reference to other books on the subject. Having spent twenty five years as a missionary in the heart of Africa in intimate relations with the natives, I have had greater opportunities for obtaining some knowledge of their mode of life and habits of thought, as well as for becoming intimately acquainted with their old religious ideas (...)”. ROSCOE, *The Baganda...*, *op. cit.*, p. IX.

¹⁰⁹ Conferir a discussão travada sobre o tema no segundo capítulo desta tese.

de “recreação” após “horas de ensino em sala de aula”,¹¹⁰ ou seja, como atividades extra-apostólicas, sem se sobrepor aos trabalhos religiosos.

O acompanhamento da trajetória de Roscoe nos permite dimensionar como o interesse pela pesquisa antropológica foi adquirindo vulto mais substantivo ao longo do tempo. Cerca de dois anos antes da publicação de *The Baganda*, a Universidade de Cambridge concedeu a Roscoe um título honorário de mestrado em reconhecimento por suas contribuições à etnografia de Uganda. Durante esse mesmo período, Roscoe lecionou em várias instituições, como Cambridge, Oxford, Manchester, Royal Institution e o Anthropological Institute. O conhecimento adquirido por Roscoe também foi mobilizado durante a IV Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, em 1910. Como é perceptível, a condição de missionário não impediu que Roscoe circulasse por diversos meios intelectuais. No entanto, sua desvinculação oficial da CMS em 1911, relacionada à problemas de saúde,¹¹¹ contribuiu para que o missionário se engajasse com maior afinco às investigações etnográficas e ampliasse ainda mais seu trânsito por diferentes círculos acadêmicos.

Publicados alguns anos após *The Baganda*, os livros *The Northern Bantu* (1915) e *Twenty-five Years in East Africa* (1921) oferecem indícios do crescente movimento de aproximação de John Roscoe com o universo da antropologia enquanto campo de conhecimento institucionalizado, perceptível pela inclusão editorial de *The Northern Bantu* na série de publicações de estudos antropológicos e etnológicos de Cambridge, por exemplo. Já nas páginas iniciais de *Twenty-five Years in East Africa*, Roscoe afirma que as informações reunidas no livro pretendiam ser uma espécie de “prelúdio” para o desenvolvimento de trabalhos mais “completos e científicos”,¹¹² sinalizando a preocupação do autor em imprimir um tom mais técnico e teórico à narrativa, objetivo que seria alcançado com *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition*, de 1922. Como o próprio título da obra anuncia, o livro condensa as experiências derivadas da expedição etnológica financiada pelo magnata escocês Peter Mackie (1855–1924) e supervisionada pela Royal Society.¹¹³

¹¹⁰ “During the past eighteen years notes have been made and carefully checked as opportunity offered itself, though my life as a C.M.S. Missionary has been a busy one, and anthropological studies have had to be pursued as recreation after hours of teaching in the class-room were ended”. ROSCOE, *The Baganda...*, *op. cit.*, p. X.

¹¹¹ MICHAUD, *op. cit.*, p.62

¹¹² ROSCOE, *Twenty-five years...*, *op. cit.*, p. viii.

¹¹³ *Idem*, *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition*. Cassell and Company Limited: London, New York, Toronto and Melbourne, 1922, p. viii. Registros preliminares da expedição etnológica, acompanhados de reproduções fotográficas, também foram divulgados no Boletim da Royal Society. *Idem*, “Preliminary Report of the Mackie Ethnological Expedition to Central Africa”. *Proceedings of the Royal Society of London (Series B, Containing Papers of a Biological Character)*, vol. 92, no. 645. Londres: Royal Society, 1921, pp. 209–219.

Empreendida após quase dez anos que Roscoe havia partido de Uganda,¹¹⁴ a expedição, realizada entre junho de 1919 e novembro de 1920, foi norteada pela ideia de estudar os pastores dos territórios de Ankole, Bunyoro, Karamojo e Gallas, e visava obter detalhes da antropologia social que fossem de utilidade para a ciência e o governo, especialmente no que diz respeito a costumes que afetariam a posse de terra, herança, casamento e nascimento.

Sobre o título, é interessante notar como o nome selecionado para a obra (“a alma da África Central”) parece trazer uma carga de natureza metafísica, espiritual à narrativa sem se restringir unicamente ao relato das atividades de evangelização empreendidas pela CMS. Segundo Roscoe:

Os objetivos da expedição eram científicos e filantrópicos. Em primeiro lugar, a ciência exige informações com relação às tribos da África Central, cujos velhos hábitos e costumes estão desaparecendo rapidamente sob a crescente enchente da civilização. Para a coleta de tais informações o tempo é agora ou nunca, pois os únicos registros estão na memória do povo, e um tempo muito curto será suficiente para varrê-los para o esquecimento. Em segundo lugar, esperava-se que as informações assim adquiridas pudessem ser de alguma ajuda para aqueles que governam esta parte de nosso Império e, através deles, para as tribos nativas que a habitam. Os povos de tal terra são tão diferentes de nós em seus hábitos de vida e pensavam que, para garantir um governo justo e pacífico, seus governantes deveriam conhecer o suficiente de suas leis e costumes para evitar aqueles erros e injustiças flagrantes que devem necessariamente levar ao descontentamento, amargura e contenda.¹¹⁵

O excerto acima parece explicitar as intenções científicas da expedição que deu vazão à *The Soul of Central Africa. A General Account of The Mackie Ethnological Expedition* no sentido de enfatizar a importância de recolher e registrar “velhos hábitos e costumes que estão desaparecendo rapidamente sob a crescente enchente da civilização”. Assim, na perspectiva adotada por Roscoe para nomear sua narrativa, a ideia de “alma da África Central” estaria muito mais atrelada a uma concepção idealizada e eurocêntrica de autenticidade e essencialismo que permearia as dinâmicas sociais das populações que habitavam Uganda. Sob o risco eminente

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 301.

¹¹⁵ Traduzido e adaptado pela autora do original: “The objects of the expedition were both scientific and philanthropic. In the first place, science requires information with regard to the tribes of Central Africa, whose old habits and customs are fast disappearing under the rising flood of civilization. For the collection of such information the time is now or never, for the only records are in the memories of the people, and a very short time will suffice to sweep them into oblivion. Secondly, it was hoped that the information thus acquired might be of some help to those who rule this part of our Empire and, through them, to the native tribes who inhabit it. The peoples of such a land are so entirely different from us in their habits of life and thought that, in order to secure just and peaceable government, their rulers should know enough of their laws and customs to avoid those flagrant errors and injustices which must of necessity lead to discontent, bitterness, and strife”. *Ibidem*, pp. viii–ix.

de apagamento promovido pelo avanço da “civilização” no território, tornava-se indispensável não apenas coletar as informações, mas sobretudo instrumentalizá-las como recursos para ajudar “aqueles que governam esta parte de nosso Império” a fim de evitar tensões e garantir um “governo justo e pacífico”.

Imbuída de um tom salvacionista, a passagem também torna nítido os elos entre ciência, conhecimento e poder colonial e de como o fazer antropológico operou na comunicação entre esses campos.¹¹⁶ De maneira mais específica, para o recorte adotado por esta pesquisa, faz-se fundamental problematizar como a visualidade, estruturada a partir do entrelaçamento de práticas, recursos e produtos, impactou e foi impactada pela conformação da antropologia enquanto disciplina nascente no final do XIX.¹¹⁷ É sobre essas reverberações, identificadas na produção e nos usos das fotografias na composição dos relatos de Roscoe, que pretendemos discorrer na próxima seção.

6.4. A fotografia como ferramenta da etnografia: os usos dos registros visuais nos relatos de John Roscoe

Na introdução do já citado *Anthropology and Photography: 1860–1920*, trabalho seminal que reúne coletânea de ensaios escritos por distintos pesquisadores que problematizam as interfaces entre esses dois campos, Edwards discorre sobre como a emergência de um discurso científico no processo de conformação da antropologia se amparou na fotografia como ferramenta de registro “objetivo” da realidade observada.¹¹⁸ Remonta do final do oitocentos as primeiras experiências de utilização do registro fotográfico como evidência da pesquisa antropológica, verificadas pelos usos que Franz Boas (1858–1942) fez na década de 1880 na Columbia Britânica e pelo uso da fotografia na expedição ao Estreito de Torres, em 1898, organizada pela Universidade de Cambridge.¹¹⁹ Popularizando-se durante a primeira metade do século XX, as inclusões cada vez mais expressivas da técnica fotográfica em investigações feitas em campo por antropólogos como Bronislaw Malinowski (1884–1942),¹²⁰ Gregory

¹¹⁶ Sobre as implicações do discurso de atemporalidade na antropologia, conferir: FABIAN, Johannes. “O tempo e a escrita sobre o outro”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a “Europa”*. *Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005, pp. 63–100.

¹¹⁷ STOCKING, George W. *Victorian Anthropology*. Nova Iorque: The Free Press, 1987.

¹¹⁸ EDWARDS, *Anthropology and Photography...*, *op. cit.*, pp. 3–17.

¹¹⁹ CAIUBY NOVAES, Sylvia. “A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia”. *Illuminuras*, vol. 13, n. 31. 2012, pp. 11–29, pp. 11–12.

¹²⁰ Segundo artigo de Etienne Samain sobre o papel desempenhado pela fotografia nas obras de Malinowski: “Uma primeira coisa que nos chama a atenção é o uso crescente que Malinowski faz da fotografia. O texto dos

Bateson (1904–1980) e Margaret Mead (1901–1978),¹²¹ apenas para citar alguns exemplos mais canônicos, são elucidativas de como a fotografia foi ao longo do tempo absorvida, de diferentes modos, nos esforços de apreender, documentar, classificar e, posteriormente, analisar os materiais coletados ao longo de suas pesquisas, abrindo caminhos para o que reconhecemos como a área da antropologia visual, expressão que se popularizou após a Segunda Guerra Mundial (1939–1945).¹²²

Alinhando-se à perspectiva de que o trabalho de campo e o contato direto com as sociedades locais confeririam legitimidade aos seus relatos, premissas também reforçadas pelas correspondências trocadas com James Frazer, Roscoe fez um extenso uso das fotografias como material que compõem suas narrativas. Em *The Baganda* (1911), o missionário lançou mão de fotografias produzidas por diferentes figuras, como S.C Tomkins, secretário-chefe do protetorado de Uganda e os religiosos vinculados à CMS, como o reverendo Richard Herbert Leakey (1868–1937), Ernest Millar (1868–1917) e Charles Hattersley.¹²³ Mais uma vez, revela-se como digno de nota a ampla circulação e os múltiplos níveis de apropriação do arquivo visual construído a partir de diversas lentes e que alimentaram distintas obras. Como debatemos em seções anteriores deste capítulo, além de figurar em *Uganda by Pen and Camera* e no álbum *Uganda* (COVIC), a famosa fotografia atribuída a Hattersley que enfoca o preparo da casca da árvore de Mutuba para a fabricação de tecidos (figura 11),¹²⁴ também foi incorporada às páginas da primeira publicação de Roscoe, demonstrando as distintas apropriações sociais dessa imagem.

Argonautas incorpora 65 pranchas (totalizando 75 fotografias). São 92 na *Vida Sexual dos Selvagens* e chegarão a 116 nos *Jardins de Coral*. Um total de 283 fotografias espalhadas ao longo das 1883 páginas dessas três obras complementares”. SAMAIN, Etienne. “‘Ver’ e ‘dizer’ na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, pp. 23–60, jul./set. 1995, p. 32.

¹²¹ Bateson e Mead realizaram trabalho de campo em Bali, entre 1936 e 1939. Durante o período, produziram mais de 25 mil fotografias e 6 mil metros de filme 16mm. Ainda que tenha recebido críticas na época de divulgação das pesquisas pelo forte teor subjetivo da abordagem empreendida em *Balinese Character* (1942), os antropólogos se destacaram pela centralidade, considerada inovadora até então, dos recursos audiovisuais como métodos da pesquisa etnográfica. BECKER, Howard. “Balinese Character: uma análise fotográfica”. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 2, 1996, pp. 137–143 e MENDONÇA, João Martinho de. *Pensando a Visualidade no campo da Antropologia: reflexões e usos da imagem na obra de Margaret Mead*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2005.

¹²² MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, pp. 11–36, p. 17, 2003.

¹²³ ROSCOE, *The Baganda...*, *op.cit.*, pp. xi–xii.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 405.



Figura 11 - Barkcloth-making

De acordo com a nossa perspectiva, a recorrência dessa fotografia parece estar associada ao seu caráter polissêmico e à sua capacidade de atender a distintos interesses, contemplando diversas possibilidades discursivas, a depender do conteúdo de suas legendas e de suas formas de inserção nos suportes por onde circulou. Nesse sentido, seu potencial icônico se fundamentaria na capacidade de sintetizar visualmente, a partir da representação do processo de manufatura de tecidos, tanto quais tipos de recursos naturais e humanos poderiam ser arregimentados no âmbito da economia colonial, quanto — sob a ótica do exotismo e de um pensamento salvacionista acerca da cultura do “outro” — reforçar a necessidade de documentar a prática tradicional, sob o risco de que esse tipo de produção “desaparecesse” frente à passagem do tempo e da implantação do projeto civilizatório no território. Partindo dessa linha de raciocínio, longe de serem excludentes, ambas as leituras podem ser complementares.

Das oitenta e duas imagens que integram *The Baganda*, podemos identificar uma predominância de fotografias que destacam a cultura material (objetos e edificações em sua grande parte), além de paisagens e práticas sociais e culturais dos baganda. Vale mencionar que o tratamento imagético que é conferido ao repertório material que compõe a vida social das populações locais revela-se como algo merecedor de atenção nos livros escritos por Roscoe. Ainda que na publicação constem fotografias que captaram objetos em seus diferentes contextos de uso, é interessante reparar como o missionário optou por utilizar a representação de determinados artefatos a partir de um outro viés. Dispostos de maneira unitária ou em conjunto,

contendo pequenas placas com identificação, apartados da presença humana em um cenário que se pressupõe neutro, estampam as páginas de *The Baganda* vinte e três reproduções fotográficas de exemplares da cultura material dos baganda.

Tal especificidade na forma como instrumentos musicais (figura 12),¹²⁵ utensílios da vida cotidiana (figura 13),¹²⁶ objetos bélicos (figura 14)¹²⁷ e de uso ritual muitas vezes classificados, de maneira genérica, como fetiches,¹²⁸ relíquias e amuletos (figura 15),¹²⁹ que compõem a narrativa de Roscoe, apresenta estreitas conexões com a linguagem pautada na categorização de objetos presente nos acervos e em exposições.

¹²⁵ *Ibidem*, p. 34.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 400.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 407.

¹²⁸ “O termo ‘fetiche’, derivado do português ‘feitiço’, começou a ser utilizado pelos norte-europeus na Costa da Mina no século XVII, designando objetos de culto e deuses africanos. Da palavra ‘fetiche’, derivou, no século XVIII, o termo fetichismo, que no entender dos filósofos iluministas designava o estágio primeiro e mais simples da evolução religiosa humana. Segundo eles, o fetichismo consistia na atribuição de valor social e personalidade a objetos materiais arbitrários e, enquanto tal, estava associado a noções de superstição, irracionalidade, exploração e charlatanismo. No século XIX, a antropologia evolucionista e o colonialismo europeu continuaram a reiterar esses estereótipos simplificadores no imaginário ocidental, assim representando, de forma distorcida e preconceituosa, a religiosidade africana e, de modo geral, a ideia de África”. MOREAU, Daniela; PARÉS, Luis Nicolau (orgs.). *Imagens do Daomé: Edmond Fortier e o colonialismo francês na terra dos voduns (1908–1909)*. São Paulo: Martins Fontes, 2018, p. 55.

¹²⁹ ROSCOE, *The Baganda...*, *op.cit.*, p. 330.

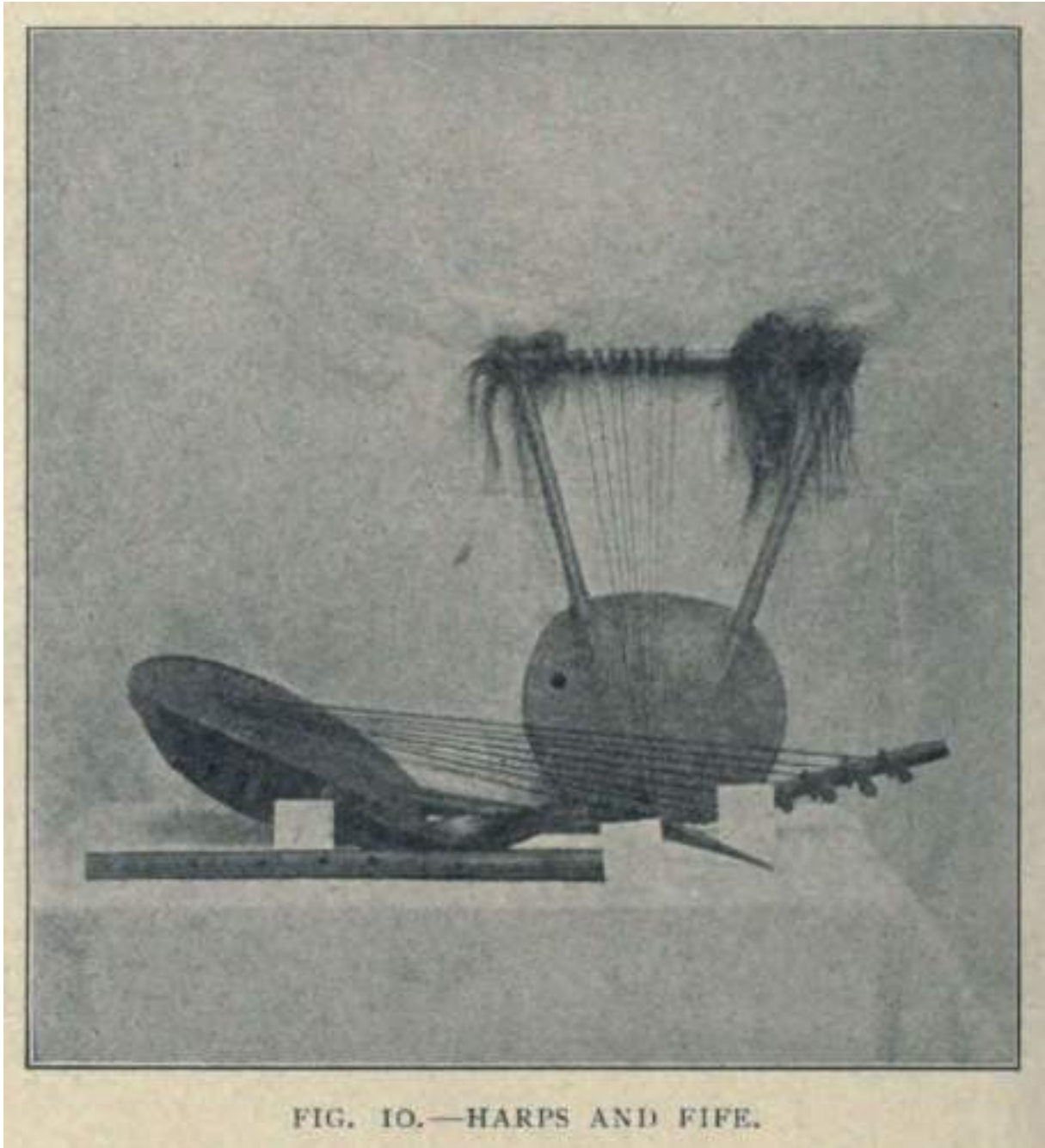


Figura 12 - Harps and Fife



FIG. 68.—SAMPLES OF BAGANDA POTTERY.

Figura 13 - Samples of Baganda Pottery

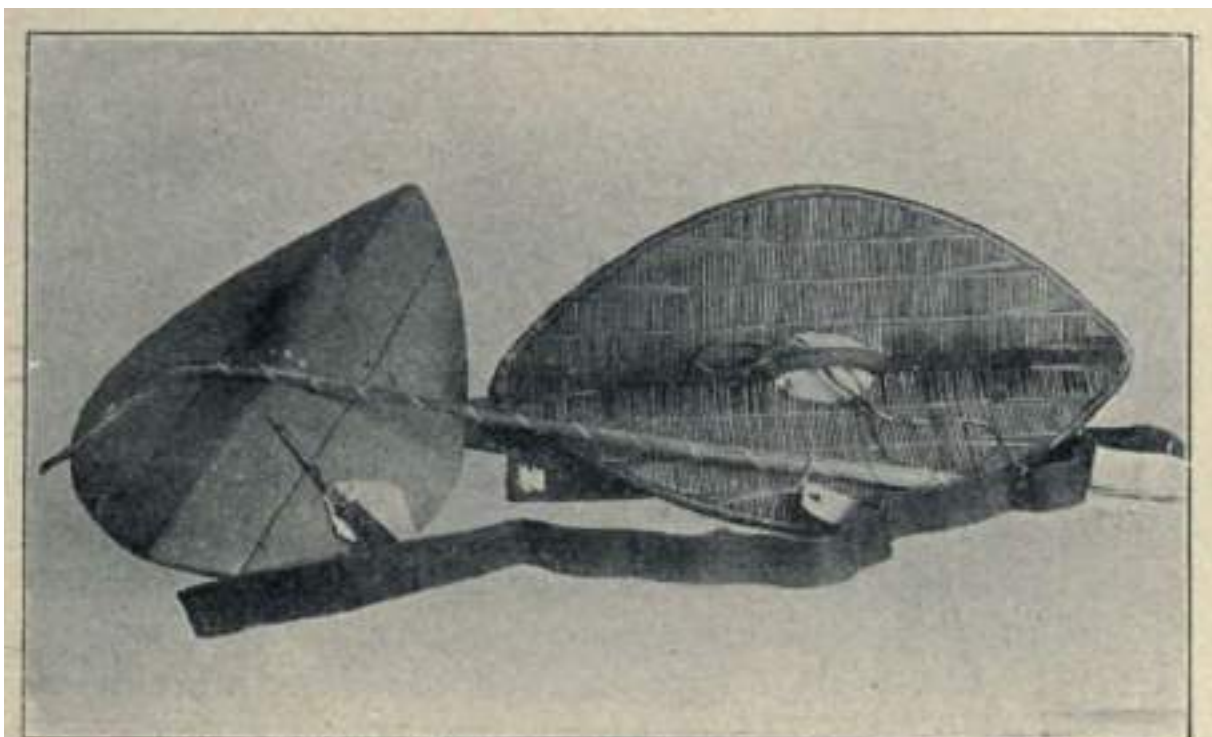


FIG. 70.—BAGANDA SHIELDS, SHOWING ONE IN PROCESS OF MAKING.

Figura 14 - Baganda Shields, Showing one in Process of Making

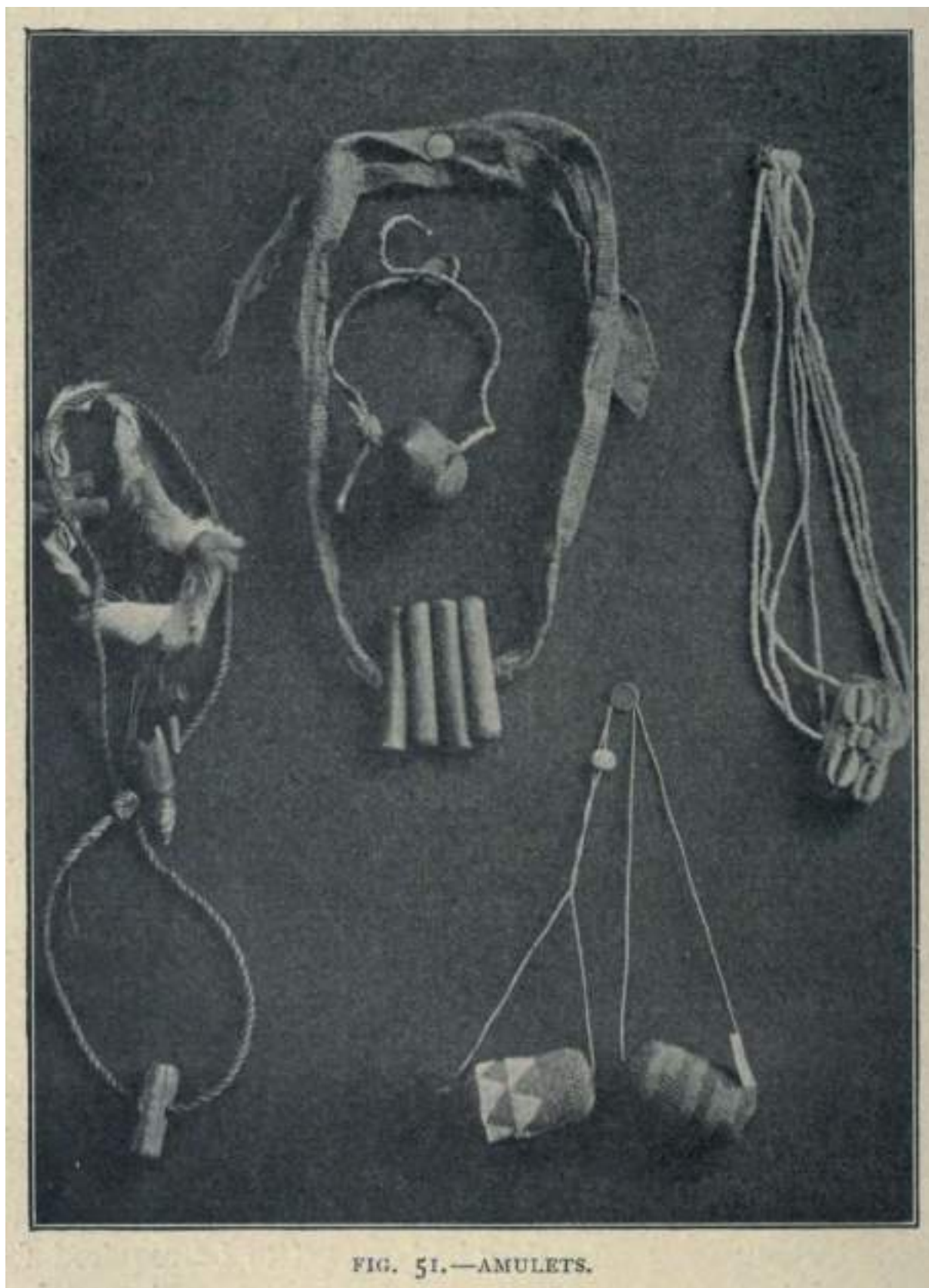


Figura 15 - Amulets

Entre os agradecimentos presentes no prefácio de *The Baganda*, Roscoe menciona o barão Anatole von Hügel que gentilmente o permitiu “(...) fotografar objetos de interesse que

estão agora no Museu de Etnologia, Cambridge”.¹³⁰ Paleontólogo e primeiro curador do referido museu, Anatole von Hügel (1854–1928) trocou correspondências com Roscoe e apoiou financeiramente sua busca por artefatos considerados raros, explicitando como operavam as redes de parcerias e colaborações travadas entre agentes que estavam em campo e as figuras que atuavam em instituições sediadas na Europa.¹³¹ Como já mencionamos, parte significativa das peças coletadas em campo pelo missionário e direcionadas às coleções de museus etnográficos,¹³² em especial, as do Museu de Arqueologia e Antropologia de Cambridge, do Museu Britânico e do Museu Pitt Rivers, foram ofertadas pelo *katikiro* Apollo Kagawa.¹³³

Estabelecendo um comparativo com as duas obras analisadas de Hattersley, notamos uma maior atenção às dimensões e aspectos da vida social que não haviam sido, na ótica de Roscoe, diretamente impactados pela presença britânica no território. Dito de outro modo, se a narrativa textual e visual construída pelo autor de *Uganda by Pen and Camera* e *The Baganda at Home* buscava retratar, sem perder de vista certos aspectos relacionados aos modos de vida tradicional das sociedades locais, as principais transformações promovidas pelas ideias de progresso e civilização advindas da administração colonial e do trabalho de evangelização encampado pela CMS no recém-declarado protetorado de Uganda, Roscoe agrega outros matizes em seu discurso.

Em *The Baganda*, o autor busca “descrever a vida social e religiosa dos Baganda nos velhos tempos antes de seu país, Uganda, estar sob a influência da Europa”.¹³⁴ Tal interesse demonstra-se profundamente alinhado às teorias evolucionistas desenvolvidas por James Frazer. Outro elemento digno de nota que revela a filiação de Roscoe às ideias de Frazer e à produção antropológica vigente no período é a presença de um anexo composto por inúmeras

¹³⁰ “I am indebted to Baron A. von Hügel for kindly permitting me to photograph objects of interest which are now in the Museum of Ethnology, Cambridge”. *Ibidem*, p. xi.

¹³¹ MICHAUD, *op. cit.*, p. 62.

¹³² Nas palavras de Valentin-Yves Mudimbe: “Os museus etnográficos foram o palco da articulação entre a etnologia e o colonialismo. Firmavam-se nas mesmas premissas, que concorriam para o mesmo objectivo, isto é, a conversão dos territórios ultramarinos ao si-mesmo e à imaginação ocidentais (...). Assistiu-se, entretanto, a uma proliferação dos museus etnográficos: 1856, Berlim, criação de uma secção etnográfica no Museu de Antiguidades; 1857, Oslo, criação de um museu de etnografia na Universidade de Oslo; 1866–76 e 1877, organização dos museus de Yale e Harvard Peabody; 1869–74, Nova Iorque, Museu Americano de História Natural; 1878, Paris, Le Trocadéro; 1881, Cambridge, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de Cambridge; 1891, Gotemburgo, Museu de Etnografia; 1893, Chicago, Museu de Etnografia de Field; 1897, Tervuren, Exposição sobre o Congo; 1899, Filadélfia, Museu da Universidade”. MUDIMBE, V. Y. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014, pp. 91–92.

¹³³ Em 2 de novembro de 1961, às vésperas da independência de Uganda, Abubakar Mayanja, ex-aluno da Universidade de Cambridge e então Ministro da Educação de Uganda, solicitou ao vice-reitor da Universidade de Cambridge a devolução das relíquias de Kibuka, deus da guerra. As peças foram restituídas ao Museu de Uganda na condição de empréstimo permanente por ocasião da independência do Estado. BENNETT, *Diplomatic Gifts...*, *op. cit.*, p. 25.

¹³⁴ *Ibidem*, p. IX.

tabelas contendo dados referentes às medições antropométricas feitas em campo com o auxílio de Ernest Millar.¹³⁵ Segundo o missionário, as tabelas são fruto do *Notes and Queries*¹³⁶ do Royal Anthropological Institute, e teriam sido feitas para estabelecer as “(...) medições dos membros de cada clã separadas das restantes, e ainda distinguir as medições de machos e fêmeas no mesmo clã”.¹³⁷ É válido pontuar que dentro do conjunto de imagens analisadas que integram as publicações de John Roscoe, não identificamos nenhuma fotografia que abordasse o processo de medição antropométrica. Muito embora se tratasse de uma prática disseminada entre muitos expedicionários, médicos e administradores coloniais contemporâneos, como podemos observar em fotografia reproduzida em *The Uganda Protectorate* (1902), de Harry Hamilton Johnston, que retrata o naturalista W.G. Doggett envolvido com a “medição de um negro Muamba”.¹³⁸

Se em *The Baganda*, *The Northern Bantu*¹³⁹ e *Twenty-five Years in East Africa* Roscoe recorre às fotografias de um grupo pessoas como Knowles, Tomkins, Leakey, Millar e Hattersley para a constituição de seu relato — evidenciando, mais uma vez, o amplo raio de circulação e de apropriação das fotografias no contexto analisado — em *The Soul of Central Africa*, publicada onze anos depois de seu primeiro livro, Roscoe apresenta uma relação distinta com a prática fotográfica. Como os planos iniciais de contratar um fotógrafo em Kampala para documentar a expedição foram frustrados, uma vez que, de acordo com John Roscoe, apesar de ter localizado àquele que seria o melhor candidato, o pretendente não conseguia manejar a câmera, pois se tratava de um modelo de máquina diferente das quais tinha tido contato,¹⁴⁰ o missionário acabou por realizar os registros visuais ao longo da viagem.

¹³⁵ ROSCOE, *The Baganda...*, *op. cit.*, pp. 493–522.

¹³⁶ Publicado pela primeira vez em 1874 por um comitê nomeado pelo Royal Anthropological Institute, o *Notes and Queries* serviu como uma espécie de manual que visava instruir as investigações derivadas do trabalho de campo de antropólogos amadores e profissionais. MICHAUD, *op. cit.*, p.67

¹³⁷ ROSCOE, *The Baganda...*, *op. cit.*, p. 493.

¹³⁸ JOHNSTON, *The Uganda Protectorate...*, *op. cit.*, p. 249.

¹³⁹ Na obra, em particular, Roscoe afirma que o envio para a Inglaterra do material visual captado em Uganda por parte de alguns conhecidos foi de grande valia, uma vez que a sua câmera pessoal havia quebrado: “For the photographs I am indebted to F. Knowles, Esq., C.M.G., District Commissioner in Uganda, the Revs. H. Brewer, R. H. Leakey, and E. Millar, Miss Brewer and Miss Morris, members of the Church Missionary Society in Uganda. These friends have been at considerable pains to obtain the photographs and to forward them to me in England. My own camera broke down and I could obtain no photographs with it”. ROSCOE, *The Northern Bantu...*, *op. cit.*, p. viii.

¹⁴⁰ Além de uma pessoa que pudesse executar os trabalhos fotográficos, Roscoe buscava um datilógrafo e um botânico para a expedição: “I stayed in Kampala for a time, seeking men to go with me on the expedition as photographer, typist and botanist. After some days I found two or three who professed to be able to type and who, further, claimed to know English. These men were carefully tested, but one after another they had to be dismissed as incompetent. The botanist was both idle and conceited, and was altogether useless. The man whom I tried as photographer was said to be the best of all who applied, and he could not even open the camera, because, as he said, it was a different pattern from what he had used”. *Idem*, *The Soul of...*, *op. cit.*, p. 43.

Não obstante tenha optado por produzir a documentação visual em decorrência do episódio relatado, é interessante observar como Roscoe elevou o exercício fotográfico como uma das suas principais ferramentas de registro documental ao longo da expedição. Em outras palavras, se nas publicações anteriores Roscoe havia atuado de maneira mais significativa como uma espécie de curador, ao selecionar as fotografias de outros autores que foram publicadas em suas narrativas, no livro que discorre sobre a viagem financiada por Peter Mackie sob a supervisão da Royal Society, Roscoe assume uma outra postura diante do desafio de produzir imagens. Embora não contenha um volume extenso de informações detalhadas sobre o contexto da produção fotográfica ao longo da expedição,¹⁴¹ a leitura de *The Soul of Central Africa* apresenta menções pontuais sobre as imagens captadas pelo missionário durante a incursão pelo interior de Uganda.

Na visita à Mbarara, capital do reino de Ankole, Roscoe comenta que visitou com frequência o rei e fotografou a casa em que estão os únicos instrumentos de percussão que o soberano e seu povo possuíam (figura 16).¹⁴²

¹⁴¹ Disponibilizado para consultas online em 2020, o banco de dados de coleções do Museu de Arqueologia e Antropologia de Cambridge possui registros das fotografias atribuídas a Roscoe no contexto da expedição. Os registros aqui analisados podem ser verificados também em: <https://collections.maa.cam.ac.uk/photographs/>. Último acesso em: 10/09/2023.

¹⁴² ROSCOE, *The Soul of...*, *op. cit.*, p. 94.

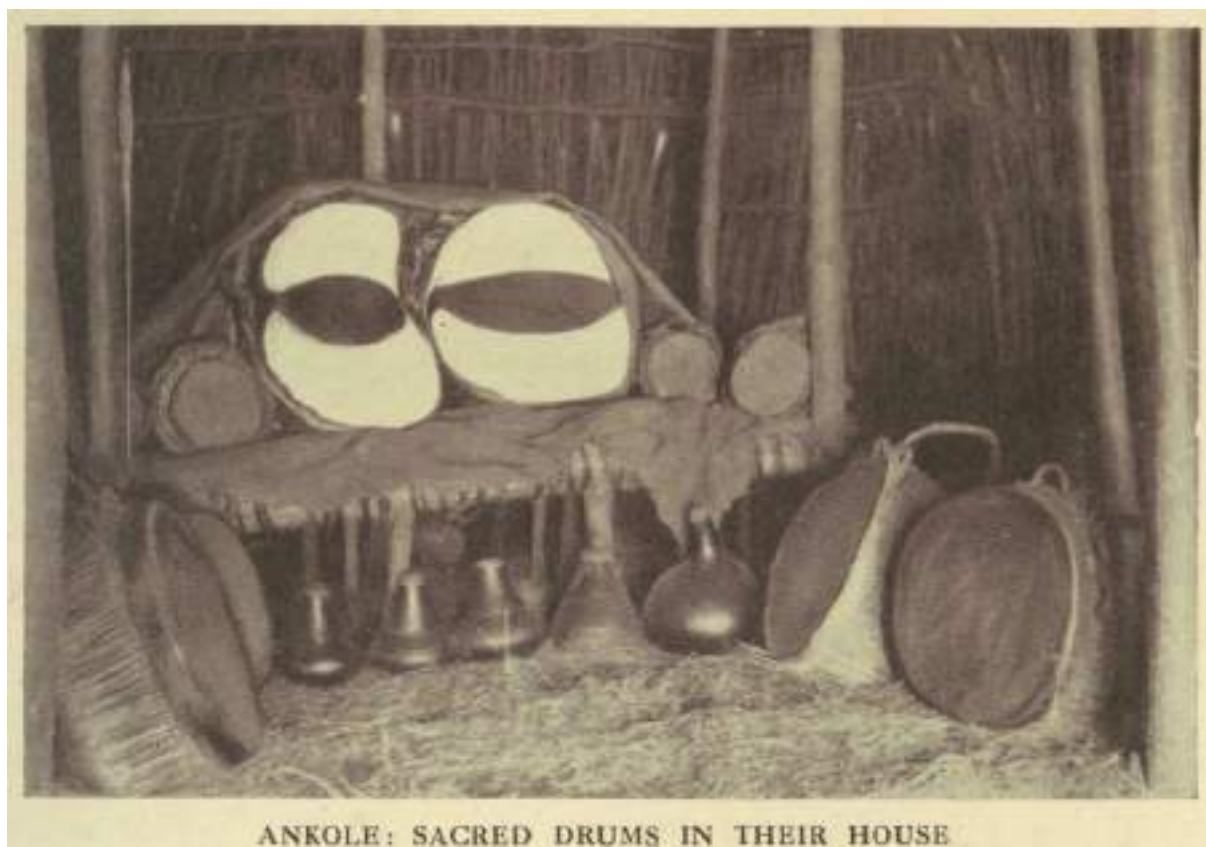


Figura 16 - Ankole: Sacred Drums in Their House

Já em outra passagem na qual discorre sobre a visita a um kraal ainda em Ankole, Roscoe relata como havia sido possível obter “duas ou três” fotografias de mulheres. Apesar do rigor do recolhimento feminino, observado pelo missionário na referida circunstância, Roscoe afirma que uma das mulheres, após seu filho se retirar “(...) permitiu que o seu rosto e ombros fossem expostos para mim para fotografar.”¹⁴³ Em ambas as passagens, o recurso fotográfico é pensado como uma espécie de extensão do trabalho etnográfico, fundamentado no processo de escuta e recolha dos depoimentos orais. Concebida como uma ferramenta necessária para documentar práticas, pessoas e objetos, a fotografia, nesse contexto, também pretendia fornecer ao leitor a comprovação daquilo que, dada a sua raridade e especificidade, apenas Roscoe teria conseguido acessar em sua expedição.

A leitura de *The Soul of Central Africa*, no entanto, coloca em relevo a participação indispensável dos carregadores, cozinheiros, guias e intérpretes africanos cujos conhecimentos foram fundamentais para que o grupo se deslocasse pelo território, conforme é possível verificar no excerto abaixo:

¹⁴³ *Ibidem*, p. 99. Na referida passagem, diferentemente do trecho anterior em que a descrição textual sobre os “instrumentos de percussão sagrados” é, em seguida, complementada por seu registro fotográfico, não foi possível localizar as fotografias das mulheres que Roscoe menciona.

Tendo visto a salina e tirado algumas fotografias, parti para o meu acampamento, e descobri que o caminho levava a um interior muito acidentado; onde havia um caminho que nunca tinha mais do que um pé de largura, e por vezes até que desapareceu, e tive de percorrer as raízes ásperas dos tufos de relva onde era normalmente impossível andar de bicicleta. **Felizmente, eu tinha um guia que conhecia o interior, pois de outra forma não poderia ter encontrado o caminho.**¹⁴⁴

As relações de dependência estabelecidas entre o missionário e os trabalhadores locais foram essenciais para garantir a circulação da expedição pelo interior de Uganda e a infraestrutura necessária para que Roscoe realizasse suas atividades de coleta dos objetos, recolha de relatos das narrativas orais e registros imagéticos, como notamos na fotografia de um dos acampamentos instalados na região de Kigezi (figura 17).¹⁴⁵ Alicerçado pela mão-de-obra africana, responsável pelo preparo das refeições, limpeza e organização dos espaços, o funcionamento desses ambientes fornecia o conforto possível dentro de sua natureza de caráter provisório.

¹⁴⁴ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Having seen the salt-works and taken a few photographs, I set out for my camp, and found that the way led over very rough country; where there was a path it was never more than a foot wide, and at times even that disappeared, and I had to make my way over the rough roots of grass tufts where it was usually impossible to ride a bicycle. Fortunately, I had a guide who knew the country, for otherwise I could not have found the way”. Grifos meus. *Ibidem*, p. 115. Para fotografias de algumas etapas do processo de extração, transporte e comercialização do sal em Bunyoro, conferir: *Ibidem*, pp. 158–162.

¹⁴⁵ “Camp of the expedition of Kigezi”, *Ibidem*, p. 112.

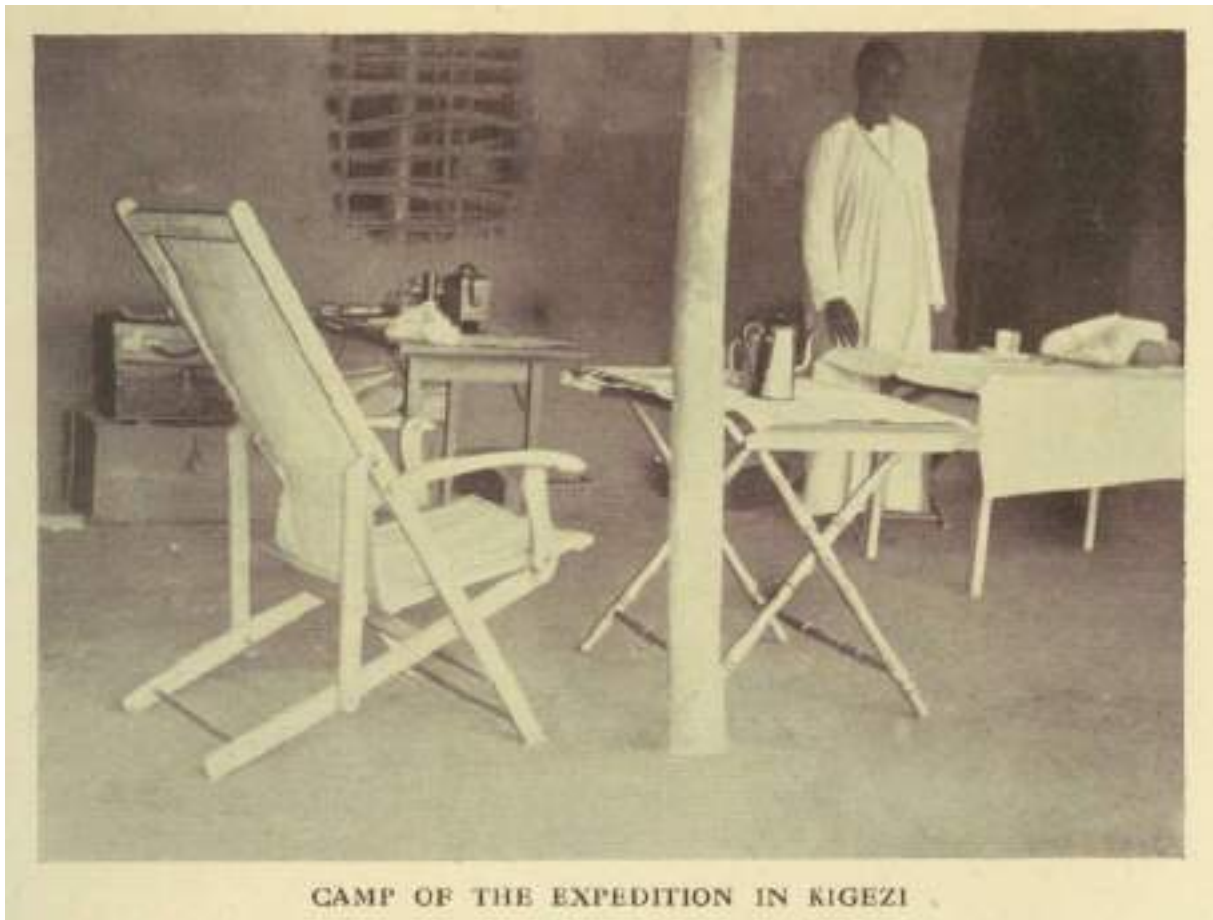


Figura 17 - *Camp of the Expedition of Kigezi*

Entre o material visual que integra *The Soul of Central Africa*, uma das imagens que mais nos chamam a atenção é a fotografia intitulada “Bunyoro: Drums Used at New Moon Ceremonies” (figura 18).¹⁴⁶ Na imagem, visualizamos um conjunto de instrumentos de percussão de diferentes dimensões. Dispostos para serem fotografados em um ambiente externo, os objetos foram posicionados em frente a um painel branco (obedecendo às convenções do registro antropológico), sustentado, em suas extremidades, por dois auxiliares africanos.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 218.



Figura 18 - *Bunyoro: Drums Used at New Moon Ceremonies*

Ainda que a composição visual busque destacar os instrumentos de percussão, posicionados em primeiro plano, não seria exagero afirmar que a atenção do espectador acaba sendo também atraída para os elementos situados atrás dos objetos que, supostamente, deveriam desempenhar uma função de neutralidade à cena retratada. Aqui, as pretensas noções de objetividade e imparcialidade, tão caras ao discurso científico que permeava a produção antropológica do período, parecem se esvaír, dando lugar à presença dos trabalhadores locais, fundamentais não só para viabilizarem o avanço da expedição etnológica pelo território, como também possibilitarem o acesso a determinados objetos e pessoas consideradas importantes para coleta de informações antropológicas almejadas por John Roscoe. Uma outra hipótese possível de ser aventada é a de que a imagem talvez tenha sido pensada para ser, posteriormente, recortada e retrabalhada em negativo. Sabemos que o fundo neutro é um recurso até hoje existente para imagens de objetos em museus, assim como o recurso de recorte que elimina quem segura o painel.

Adotando como pontos de partida os usos das fotografias nas publicações de Charles Hattersley e John Roscoe, figuras que atuaram como missionários vinculados à CMS em Uganda na virada do século XIX para o XX, este capítulo buscou compreender as múltiplas

itinerâncias das imagens, por meio de seus deslocamentos e apropriações observados nos repertórios visuais examinados. Como tencionamos demonstrar a partir do exercício de análise comparativa entre as produções de Hattersley e Roscoe, longe de circunscrever o domínio da técnica fotográfica à representação das atividades de evangelização encampadas pela CMS, as imagens mobilizadas nas obras pesquisadas possuem escopos temáticos mais abrangentes, dificultando uma rígida categorização. A compreensão dos usos das imagens nas publicações dos missionários adquiriu contornos multifacetados quando observada à luz da vasta e diversificada produção visual da época abordada. Nesse sentido, a oportunidade de consultar uma variada gama de fontes documentais, conjuntamente às publicações enfocadas por este capítulo, nos permitiu identificar a coexistência de fotografias captadas em diferentes contextos e por distintos representantes do poder colonial.

Dentro dessa constelação de autores, instituições e consumidores de imagens que integravam parte desse “ecossistema visual”, estruturado em redes locais e transcontinentais, o nome de Charles Hattersley obteve significativa projeção. A recorrência de fotografias de sua autoria na composição do álbum *Uganda*, encomendado pelo governo metropolitano com a intenção de apresentar uma espécie de síntese visual das possessões britânicas em diferentes pontos do globo, é reveladora das migrações de circuito das imagens produzidas por Hattersley e de como determinadas representações, dado seu caráter polissêmico, foram reproduzidas com mais frequência do que outras. Assim, o repertório iconográfico que estampa tanto as páginas de *Uganda by Pen and Camera* e *The Baganda at Home* quanto outros suportes e materiais visuais nos fornece atalhos para dimensionarmos a participação do olhar missionário na construção de uma visualidade que permeou as relações sociais tecidas em Uganda entre agentes da coroa britânica e os poderes políticos locais.

Apresentando pontos de intersecção com parte da narrativa visual elaborada por Hattersley, perceptível pelo agradecimento que Roscoe direciona ao religioso pela incorporação de algumas de suas fotografias em suas obras, especialmente em *The Baganda* e *Twenty-years in East Africa*, o emprego do recurso fotográfico nas publicações de John Roscoe nos permite, no entanto, reconhecer outros matizes no âmbito da produção visual legada por missionários vinculados à CMS. Moldados pela experiência missionária em Uganda e pela parceria intelectual travada com James Frazer, os relatos de Roscoe trafegaram pelas rotas entrecruzadas de sua formação religiosa e de seu interesse pela antropologia, este último revelando-se mais pungente com o passar dos anos, acabando por impulsionar seu desligamento da CMS.

Imbuído do pensamento científico vigente no início do século passado, Roscoe lançou mão da técnica fotográfica como aliada do trabalho etnográfico. A fim de documentar pessoas,

práticas, paisagens e objetos que, de acordo com uma perspectiva salvacionista, seriam “extintos” em decorrência do avanço da “civilização” pelo território, John Roscoe mobilizou a fotografia como instrumento de registro que conferia legitimidade às observações feitas em campo durante a expedição que liderou pelo interior da África Oriental e que foram posteriormente publicadas em *The Soul of Central Africa*.

O entendimento dos processos envolvidos na construção da visualidade em Uganda entre as últimas décadas do oitocentos e as primeiras duas décadas do novecentos, passa, inevitavelmente, pela compreensão da agência das populações locais. As fontes elencadas neste capítulo trouxeram à tona a figura de Apollo Kaggwa. Como vimos, operando como mediador dos contatos estabelecidos entre as lideranças políticas do reino de Buganda e os representantes do governo colonial, o *katikiro* desempenhou papel fundamental na construção das narrativas de Hattersley e Roscoe: auxiliando na curadoria de exemplares da cultura material a serem fotografados e posteriormente enviados para museus na Europa, negociando a presença de missionários interessados em coletar informações obtidas em cerimônias e práticas tradicionais mais restritas ou posando para ser fotografado em diferentes ambientes. Cômico do poder político que emana da representação imagética e de suas circulações, Kaggwa atuou ativamente na produção da documentação textual e visual referente aos primeiros anos de Uganda como protetorado britânico.

Permeada por colaborações e convergências, mas também por nuances e tensões, as especificidades presentes nos discursos visuais de Hattersley e Roscoe, religiosos contemporâneos que atuaram em Uganda praticamente na mesma época, desnudam algumas complexidades diante dos desafios de interpretar as produções, os usos e a circulação das imagens captadas por missionários em contexto colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da convergência entre os campos da História Social e da Cultura Visual, esta tese buscou percorrer os meandros do papel constitutivo da visualidade na estruturação das relações estabelecidas entre missionários britânicos vinculados à Church Missionary Society (CMS) e as populações africanas que habitavam Uganda, em especial, os reinos de Buganda (com particular ênfase), Toro, Ankole e Bunyoro, entre as décadas de 1870 e 1920. Por meio da análise de repertórios visuais, rastreamos a agência de personagens envolvidos em alianças, conflitos e acordos que culminaram na expansão imperial e na implantação do colonialismo europeu no interior da África Oriental, evidenciando os nexos entre visualidade, conhecimento, violência e poder.

Albergando tecnologias, objetos, narrativas, instituições e temporalidades, a visualidade foi mobilizada como esteio conceitual no qual se alicerçaram as considerações que compõem este trabalho. Mais do que sustentar uma espécie de soberania da fonte visual em detrimento de outros registros, as reflexões aqui apresentadas foram guiadas pelo entrecruzamento de diferentes tipologias documentais e pelas imbricações entre as esferas do visual, do visível e da visão.¹ Recusando as potenciais armadilhas de uma análise confinada às imagens ou à atalhos teórico-metodológicos que oferecessem perspectivas apaziguadoras das fontes visuais como meras ilustrações do relato textual, pensamos o campo da visualidade como arena nas quais práticas e discursos operam e emergem.

O desenvolvimento deste trabalho permitiu concluir que muitos são os elos entre a expansão dos impérios coloniais e o desenvolvimento de tecnologias voltadas para os atos de ver e de ser visto.² Dentro do emaranhado de “malhas que os impérios tecem”,³ a segmentação da cultura impressa, o fortalecimento de instituições (como os museus), e a consolidação de determinados campos do conhecimento (como a geografia e a antropologia), também podem ser tomados como fios que compõem essas intrincadas redes. Investigar a documentação gerada a partir dos contatos entre agentes europeus e africanos entre as últimas décadas do XIX e o início do XX, nos permitiu identificar um rico “ecossistema visual”,⁴ conforme defende

¹ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 11–36.

² JAY, Martin; RAMASWAMY, Sumathi (eds.). *Empires of Vision: A Reader*. Durham/Londres: Duke University Press, 2014.

³ Para tomar de empréstimo a expressão que nomeia a publicação organizada por: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anti-coloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.

⁴ EDWARDS, Elizabeth; LIEN, Sigrid. “Museums and the work of photographs”. In: *Idem* (eds.). *Uncertain Images: Museums and the Work of Photographs*. Farnham: Ashgate Publishing, 2014, p. 3–17

Edwards, moldado pela migração de circuitos e interconexões. Constituído por fotografias, gravuras, desenhos, aquarelas, esboços e ilustrações produzidos ao longo de cinco décadas, o “ecossistema visual” contemplado em nosso estudo é perpassado por imagens que transitaram por diversos suportes materiais. Foi por meio das múltiplas itinerâncias⁵ e deslocamentos das imagens, suas apropriações e ressignificações, que se tornou possível apreender aspectos de sua “biografia social”.⁶

Longe de apostar em uma abordagem teleológica sobre os processos que envolvem a construção social da imagem, a estrutura dos capítulos demonstrou a convivência entre distintas técnicas, saberes e suportes relativos à produção, reprodução e circulação das imagens. Ainda que o advento da fotografia a partir de meados do século XIX e sua gradual popularização tenha se tornado com o tempo hegemônica, provocando impactos incontornáveis nos modos de ver e de registrar a realidade, sua incorporação não foi capaz de suplantiar de imediato outras tecnologias e formas de fruição das imagens. Fosse pela precariedade das condições para a captação das fotografias ou pelas limitações técnicas de sua reprodução nas páginas das publicações, em muitas circunstâncias, a fotografia serviu como base para produção de outros tipos de registros textuais e visuais.

A técnica da gravura, aperfeiçoada durante a segunda metade do século XIX, além de permitir uma maior circulação das representações visuais, também possibilitou reconstituir e, em alguns casos, recriar a realidade retratada, a partir de acréscimos e supressões de determinados elementos. Como observamos de maneira mais enfática nos três primeiros capítulos, a adoção desse tipo de prática permitiu, condensar, inserir ou retirar componentes que eram considerados relevantes para seu público consumidor, elucidando o longo processo de edição do repertório visual que abastecia as publicações do período.

As pretensões imperiais miravam espaços a serem ocupados. No material analisado, a ordenação das paisagens se fez por entre operações de adaptação e acomodação visual que buscavam conciliar referenciais estéticos prévios e as singularidades daquilo que era observado *in loco*. As interlocuções entre as descrições e os mapeamentos realizados por expedicionários e por missionários, assim como o intercâmbio de técnicas (entre elas as de registro visual), foi

⁵ Sobre a itinerância como categoria de análise, conferir o recente balanço proposto por: HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves; MARCUSSI, Alexandre Almeida. “Introdução. A história africana a partir dos trânsitos e itinerâncias”. In: *idem* (orgs.). *Ideias e práticas em trânsito. Poderes e resistências em África (séculos XIX–XX)*. São Paulo: Intermeios, 2020, pp. 1–37.

⁶ EDWARDS, Elizabeth; HART, Janice (orgs.). *Photographs, Objects, Histories: on the Materiality of Images*. Londres: Routledge, 2004; APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2010; MILLER, Daniel. *Trechos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2013.

de fundamental relevância para a construção das primeiras documentações visuais sobre Uganda, demonstrando o quão borradas eram as linhas que supostamente dividiam as incursões de natureza religiosa e mundana. A análise documental que embasou as considerações do segundo capítulo revelou que a produção de imagens e o uso de equipamentos voltados para essa finalidade durante a “Victoria Nyanza Mission” foram, a princípio, desencorajados por estarem associados à dinâmica das viagens de exploração comercial ou científica. O receio inicial de que a imagem, e os aparatos ligados à sua produção e reprodução, pudessem ser uma espécie de desvio do programa evangelizador encampado pela CMS foi paulatinamente dissolvido. Com o passar dos anos, as publicações ilustradas, dispositivos ópticos diversos, como a máquina fotográfica e a lanterna mágica, que exibia ilustrações de passagens bíblicas, foram mobilizados como recursos no desafio de cristianização dos grupos africanos.

Tomado como empreendimento hegemonicamente masculino, o projeto de expansão imperial e colonial no ultramar foi abastecido por relatos de viajantes, expedicionários, oficiais da administração colonial, comerciantes e missionários que forjaram imagens de homens “corajosos” e “intrépidos” que se lançaram ao desafio de “desbravar” terras “desconhecidas”. Como discutimos no capítulo três, a feminização do continente africano permeou imaginários ao longo do tempo e contribuiu para cristalizar retóricas e estereótipos⁷ que visavam justificar a imposição do paradigma civilizacional europeu.

Conforme pontuamos na introdução, se o título *Uganda by Pen and Camera* e as fotografias presentes na publicação de Charles Hattersley (1866–1934) foram a porta de entrada para as primeiras reflexões que motivaram a construção do objeto desta tese, as cartas e as aquarelas de Annie Emma Allen (1853–1942) foram as janelas que permitiram acessar a dimensão visual das relações entre missionários europeus e as sociedades africanas à luz de novos ângulos de interpretação. No percurso trilhado por esta tese, por entre camadas do visível e do não visível, o acesso ao espólio documental de Allen também nos permitiu indagar: o que é visibilizado nos arquivos? E o que, de certa maneira, não é? Para quais fundos documentais nossos olhares se voltam? A experiência de pesquisa em arquivos que lidam com fragmentos daquilo que Mudimbe classificou como “acervo colonial”⁸ foi fundamental para historicizar e problematizar a configuração desses espaços de poder.⁹

⁷ BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, pp. 118–125.

⁸ MUDIMBE, V. Y. *A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013, p. 13, 41 e p. 54.

⁹ Nas linhas propostas por: BURTON, Antoinette. “Archive Stories: Gender in the Making of Imperial and Colonial Histories”. In: LEVINE, Phillipa (ed.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp.

Munida dessas reflexões, o contato com as aquarelas e as cartas produzidas por Allen, aliada à bibliografia sobre o tema, trouxe à tona questões sobre a projeção de estudos direcionados para compreensão das atuações femininas no âmbito das missões religiosas. É perceptível que nos últimos anos abordagens tenham mobilizado um refinado arcabouço teórico-metodológico amparado na perspectiva de estudos de gênero¹⁰ para compreender a reconfiguração de identidades, as práticas de violência, resistências e as negociações travadas no bojo das experiências coloniais.¹¹

A documentação legada pela missionária-honorária da CMS abriu frentes para uma compreensão mais alargada sobre as potencialidades do entendimento entrecruzado das fontes textuais e visuais produzidas por mulheres que estavam em contexto missionário, e de como tais registros podem ser interpretados como uma das muitas estratégias que almejavam reforçar a manutenção das atuações femininas nos espaços coloniais. Movida por essas questões, a leitura dos registros de Allen possibilitou colocar em cena escritas de mulheres como Sofia Fahs (1876–1978), Alexina Mackay Harrison (1853–1939), Constance Padwick (1866–1968), Annie Beatrice Glass (1873–1970) e Sarah Geraldine Stock (1838–1898), cujas obras foram abordadas em diferentes capítulos desta tese.

As conexões entre gênero, colonialismo e domesticidade também despontaram como uma das linhas de força deste trabalho. A fim de tornar palatável o conteúdo veiculado ao público consumidor, a estetização, o apaziguamento e a miniaturização de objetos, grupos humanos e paisagens em distintos formatos, foram artifícios empregados com frequência nas narrativas textuais e visuais. A exibição de imagens de territórios e populações não europeias por meio de mapas, gravuras e pinturas adaptadas para decorar ambientes privados, bem como

281–293 e MBEMBE, Achille. “The Power of the Archive and its Limits”. In: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REID, Graeme; SALEH, Razia (orgs). *Refiguring the Archive*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002, pp. 19–26.

¹⁰ Ver, entre outros: SCOTT, Joan W. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. *The American Historical Review*, vol. 91, n° 5, dez. 1986, pp. 1053-1075; BUTLER, Judith; WEED, Elizabeth. (orgs.). *The Question of Gender: Joan W. Scott’s Critical Feminism*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 2011; OYĒWŪMÍ, Oyèrónké. “O fardo da mulher branca: mulheres africanas no discurso ocidental feminista”. *Problemata – Revista Internacional de Filosofia*, vol. 11, n. 2, 2020, pp. 145-167. Tradução de Aline Matos da Rocha e *Idem*, *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

¹¹ GRIMSHAW, Patricia. “Faith, missionary life, and the family”. In: LEVINE, Phillipa (org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 260–280; BANTEBYA KYOMUHENDO, Grace; MCINTOSH, Marjorie Keniston. *Women, Work & Domestic Virtue in Uganda, 1900–2003*. Oxford/Athens/Kampala: James Curry, Ohio University Press, Fountain Publishers, 2006; PREVOST, Elizabeth. *The Communion of Women: Missions and Gender in Colonial Africa and the British Metropole*. Oxford: Oxford University Press, 2010 e DIMOCK, Elizabeth. *Women, Mission and Church in Uganda: Ethnographic Encounters in an Age of Imperialism, 1895–1960s*. Oxon/Nova Iorque: Routledge, 2017.

a prática de colecionar cartões-postais em álbuns, alimentou o culto vitoriano à domesticidade.¹² Essa panóplia de artefatos visuais desempenhou também um papel de instrução e de educação do olhar sobre a extensão do império para a parcela da população metropolitana que nunca havia saído das fronteiras europeias, contribuindo para a conformação de uma “geografia imaginativa”, tal como conceituou Edward Said.¹³

A presença de objetos nos lares metropolitanos que, de certa maneira, comunicavam aspectos das relações coloniais, provocava a sensação de “estar em casa com o império”.¹⁴ Estetizados, destituídos de tensões e violências nas quais se alicerçaram os embates coloniais, imagens e objetos muitas vezes fizeram a mediação entre sociedades que habitavam diferentes partes do império colonial britânico. Já no ambiente das missões encampadas pela CMS em Uganda, conjuntamente com a instituição de práticas e hábitos calcados no modelo civilizacional europeu, sentir-se “em casa com império” implicava a tentativa de reconstituir padrões e noções de conforto associados às estruturas dos lares burgueses, muitas vezes incorporando peças, utensílios e materiais locais para a composição dos ambientes, conforme discutimos nos capítulos quatro e cinco.

Dentro do recorte temático proposto, o desenvolvimento da pesquisa evidenciou que a construção de uma visualidade em âmbito privado não pode ser desassociada de uma iconosfera¹⁵ mais abrangente, que englobava diferentes espaços públicos. Nesse sentido, na esteira dos episódios que integram a vida social dos objetos e das imagens enquanto artefatos, também mencionamos a mobilização de exemplares da cultura material recolhidos durante as aproximações entre os missionários da CMS e as sociedades dos reinos de Buganda, Toro, Ankole e Bunyoro para a composição de acervos de instituições museológicas. Como apresentamos no capítulo seis, a participação de Apollo Kaggwa (1869–1927), *katikiro* de Buganda, foi fundamental para a constituição de uma robusta coleção¹⁶ de objetos provenientes

¹² McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

¹³ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 69–96. O conceito criado por Said em 1978 para discutir o papel do imaginário na fabricação de uma ideia de “Oriente” também é retomado por James Ryan em: RYAN, James R. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997, pp. 20–27.

¹⁴ HALL, Catherine; ROSE, Sonya (eds.). *At Home with the Empire. Metropolitan Culture and the Imperial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

¹⁵ MENESES, *op. cit.*, p. 15.

¹⁶ HAND, Rachel. “Brass Necklet, Uganda”. In: JACOBS, Karen; KNOWLES, Chantal; WINGFIELD, Chris (eds.). *Trophies, Relics and Curios? Missionary Heritage from Africa and Pacific*. Leiden: Sidestone Press, 2015, pp. 75–77; BENNETT, Alison. “Diplomatic Gifts: Rethinking Colonial Politics in Uganda Through Objects”. *History in Africa*, n. 45, pp. 1–28, 2018 e *Idem. Material Cultures of Imperialism in Eastern Africa, c.1870–1920: A Study of Ethnographic Collecting and Display*. Thesis submitted for the degree of PhD, University College London (UCL), 2019.

de distintas regiões de Uganda. A exibição desses objetos em exposições, fossem as de pretensões “universais” ou não, multiplicada por sua ampla divulgação em revistas ilustradas, cartazes e cartões-postais, configurava-se como parte constituinte de uma visualidade mais densa que contribuiu para moldar as percepções do público visitante sobre a África. Norteada pelo discurso de exaltação das ideias de progresso e de civilização ocidentais, as formas de representar o continente africano nas exposições¹⁷ se ancorou em narrativas moduladas por sistemas de comparação, inferiorização e exotização das populações que ocupavam os territórios não europeus.

Na tríade formada pelas camadas do visual, do visível e da visão, esta última dimensão também se demonstrou indispensável para o entendimento das interações entre membros da CMS e as sociedades de Uganda. Como vimos, diversos foram os artifícios visuais empregados na tentativa de efetivar o exercício das práticas de controle, vigilância e dominação no bojo das experiências coloniais. Observado no paulatino domínio de paisagens monumentais em contraponto à escala de representação de figuras humanas que vão se apequenando nas gravuras publicadas no final do XIX ou na presença de indivíduos ou grupos de pessoas que parecem compor cenários semelhantes aos dioramas voltados para a exibição fotográfica do “progresso colonial” a uma ampla audiência nos primeiros decênios do XX, o controle visual dos corpos africanos se manifestou em diferentes passagens deste trabalho. Na recorrência de representações visuais de filas de carregadores em caravanas comerciais ou à serviço das expedições; na vigilância dos trabalhadores na fábrica de beneficiamento de algodão; nas descrições de Tucker sobre a fileira de homens que trabalhavam construção da catedral de Uganda ou na aquarela de Allen que retratou a aparente disciplina de jovens que executavam trabalhos manuais em um hospital em Toro. Prática constituída e, ao mesmo tempo, constituinte do sistema colonial, o “direito a olhar”, tal como teorizado por Mirzoeff¹⁸, foi preponderantemente reservado aos representantes da coroa britânica.

Reconhecemos que, entre as tecnologias visuais exploradas por esta pesquisa, foi a fotografia que alavancou as capacidades de comparação e de classificação do mundo. Esse aspecto foi evidenciado com particular atenção nas considerações sobre as circulações dos repertórios fotográficos nas narrativas de Charles Hattersley e de John Roscoe (1861–1932). A leitura das publicações dos dois missionários permitiu identificar recorrências de determinadas

¹⁷ COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: Museums, Material Culture, and Popular Imagination in Late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994.

¹⁸ MIRZOEFF, Nicholas. “O direito a olhar”. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, pp. 745–768, nov. 2016.

fotografias não apenas entre as obras de Hattersley e Roscoe, como também nas páginas do álbum *Uganda*, encomendado pelo Colonial Office Visual Instruction Committee (COVIC). Tais itinerâncias exemplificam a ideia de “ecossistema visual”, marcada por fenômenos de interdependência e de retroalimentação entre imagens que trafegaram por variados suportes materiais e abasteceram distintas instituições. Se a prática fotográfica foi um recurso auxiliar na produção da documentação visual no contexto das expedições realizadas a partir da década de 1860 pelos Grandes Lagos africanos, nas primeiras décadas do XX ela alçou postos mais elevados. Imbuída pelas ideias de objetividade e neutralidade, a fotografia foi instrumentalizada como ferramenta do trabalho de campo antropológico, como observamos, em especial, nos usos da fotografia durante a expedição etnográfica chefiada por John Roscoe no interior de Uganda nos anos 1919 e 1920.

Ao longo desta tese, almejamos deslindar as muitas reentrâncias e porosidades que permeiam as histórias de formação dos impérios coloniais, por meio das respostas das populações dos territórios disputados e do desenvolvimento das tecnologias visuais. Esmiuçar as formas como as imagens foram agenciadas por diferentes atores sociais evidenciou como a dinâmica de implantação do sistema colonial em Uganda entre o final do XIX e o início do século XX não pode ser reduzida a um processo unitário e homogêneo. Por meio da dimensão visual dos embates coloniais foi possível compreender que a constituição da visualidade não se estruturou de maneira unívoca nos centros metropolitanos e foi irradiada aos espaços coloniais de maneira passiva, ausente de mediações. Nas palavras de Nicholas Thomas: “projetos coloniais são construídos, mal interpretados, adaptados e encenados por atores cujas subjetividades são fraturadas (...)”.¹⁹

A participação das populações baganda, banyoro, batoro e banyankore na construção da visualidade aqui investigada se deu de maneira heterogênea, a partir de intervenções, barganhas, recusas e solicitações que oscilavam de acordo com as movimentações dos grupos sociais que regulavam a conjuntura política de Uganda. Nesse sentido, se os retratos fotográficos de Mutesa I (c.1835–1884), Daudi Cwa (1896–1939) e Apollo Kaggwa podem ser tomados como evidências dos atritos e das pactuações políticas que tiveram como desdobramento a consolidação de Uganda como protetorado britânico em 1894, tais imagens também engendram

¹⁹ Traduzido e adaptado pela autora do original: “Colonial projects are construed, misconstrued, adapted and enacted by actors whose subjectivities are fractured (...)”. THOMAS, Nicholas. *Colonialism's Culture: Anthropology, Travel and Government*. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 60 *apud* RAMASWAMY, Sumathi. “Introduction. The Work of Vision in the Age of European Empires”. In: JAY, Martin; RAMASWAMY, Sumathi (eds.). *Empires of Vision...*, *op. cit.*, pp. 1–22, p. 14.

outros significados. Dentro da pluralidade de sentidos que as imagens podem comportar, aliada à compreensão de que a visualidade construída em contexto do imperialismo colonial não se deu de maneira binária, a interpretação desses retratos, articulada às representações dos lugares sagrados (como os túmulos dos *kabakas*), bens de prestígio e insígnias de poder das elites locais, nos fornece outras chaves de leitura. Tais interpretações se relacionam com os modos como essas lideranças políticas, em particular, as de Buganda, se apropriaram da técnica fotográfica para se fazerem representar, tanto perante os demais reinos do protetorado quanto perante a coroa britânica em um momento de profunda reconfiguração do panorama político de Uganda.

De maneira semelhante, verificamos que parte das fotografias que estampam as narrativas de Hattersley e Roscoe possuem um viés etnográfico e correspondiam aos anseios de instituições e de pesquisadores interessados em formular teorias antropológicas sobre os modos de vida dos baganda, banyoro, batoro e banyankore. Por sua vez, o acesso dos missionários da CMS às cerimônias tradicionais, práticas culturais e objetos que foram alvos desses registros fotográficos contou não só com a participação ativa de Kaggwa (que atuou como mediador dessas aproximações e como espécie de curador da cultura material enviada aos museus), como também dependeu da mão-de-obra africana, detentora dos saberes sobre os territórios percorridos. Operadores do fotográfico e, ao mesmo tempo, mediadores do saber antropológico e da cultura material dos museus, os sujeitos produtores de imagens se revelam imbuídos da noção de massificação conferida pela reprodutibilidade fotográfica e sua fluida mobilidade entre a indústria e a ciência.

Por fim, diante das ideias aqui apresentadas, seria ingênuo concluirmos que as conexões estabelecidas entre colonialismo, visualidade e prática missionária em Uganda entre 1870 e 1920 concorreram para a constituição de um “olhar imperial” ou de uma “visualidade colonial” estanque e monolítica. Embora a análise documental tenha permitido identificar a recorrência de determinados padrões e referenciais visuais que buscavam reiterar as assimetrias e as violências intrínsecas da implantação do colonialismo britânico em Uganda, atestar a existência de um único “modelo” de visualidade aplicável às distintas experiências coloniais seria embarcar em perspectivas dicotômicas, negligenciando a polifonia, as especificidades e o dinamismo dessas relações, tal como explicitamos neste trabalho. Atravessados por toda a sorte de afetos, opressões, subjetividades, silenciamentos e negociações, os agenciamentos das imagens explicitam a gama de complexidades, flutuações, violências e ambivalências que envolveram as relações tecidas entre missionários da CMS e as sociedades da zona interlacustre da África Oriental na passagem do século XIX para o século XX.

FONTES

Arquivos consultados

Church Missionary Society Archives (Birmingham)

CMS/ACC34 Z3: *Set of Bishop Tucker's Sketches (1908)*

CMS/ACC72 F12: *Letter from Mrs. Mackay to Mrs. Harrison (1880).*

CMS/ACC279 C1: *Letter from John Roscoe, CMS Missionary, Uganda, 1884–1909, to Rev. Stewart Gordon Ponsonby, Chaplain of Trinity College, Cambridge.*

CMS/ACC321 F1: *Album of Watercolours (1900–1928).*

CMS/ACC 364 F1: *Watercolours and Pencil Sketches (1876–1880).*

CMS/B/OMS/C A6 L: *Letter Books (1 vol, 1876–1882).*

CMS/B/OMS/C A6 M: *Mission Books (2 vols, 1876–1882).*

CMS/B/OMS/C A6 N: *Nyanza Sub-Committee (1 vol., 1875–1880).*

CMS/B/OMS/C A6 O: *Original Papers (25 documentos, 1876–1880).*

CMS/B/OMS/C A6 O22, 22A/22B: *Smith, Lieut. George Shergold (1876–1877).*

CMS/G/Y/A7/1/6: *Annie Emma Allen (1900–1903).*

CMS Z47: *Sketches by [Alfred R. Tucker, Bishop of Uganda 1890–1911].*

CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Proceedings of the Church Missionary Society.* Londres: Church Missionary House, 1876–1922.

CHURCH MISSIONARY SOCIETY. *Register of Missionaries – Clerical, Lay & Female and Native Clergy from 1804 to 1904 (I–II).* Londres: Church Missionary Society (printed for private circulation), 1895.

_____. *The Victoria Nyanza Mission: A Brief Account of the Church Missionary Society's Mission to Central Africa with Extracts from the Missionaries' Letters and a New Map.* Londres: Church Missionary House, 1879.

_____. *The Victoria Nyanza Mission: Instructions Delivered by the Committee of the Church Missionary Society to the Members of the Mission Party Proceeding to the Victoria Nyanza.* Londres: Church Missionary House, 1876.

Church Missionary Society Photograph Collection (Cambridge)

Africa Miscellanea (RCMS 113/38/3).

Archdeacon R.H. Walker in Uganda, 1900–1901 (GBR/0115/Y3045T).

East Africa: Charles Stokes Collection (GBR/0115/Y30468P).

East Africa & Nigeria: (CMS XXIX; LS 1–17).
Miscellaneous Photographs of Uganda (GBR/0115/Y3045O).
Papers of the COVIC (GBR/0115/RCMS10/2).
Photographs of Uganda (GBR/0115/Y3045F).
Postcard Collection (PC Uganda).
Reverend Ernest Millar Collection (GBR/0115/Y3045L).
Spooner Album of Uganda (GBR/0115/Y3045D).
Uganda (1906–1911) - Fisher photograph collection (RCS/Fisher/Y3045C).
Uganda Mission history (GBR/0115/RCMS 164).

Fontes impressas

ALLEN, Annie Emma. “In the Middle of Africa”. *The Church Missionary Quarterly Token*. Londres: Church Missionary House, n° 191, out.1903, pp. 1–3.

BATTERSBY, Maud C. “Miss S.G. Stock”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, n° 298, vol. XXV, out. 1898.

CHURCH MISSIONARY SOCIETY. “Editorial Notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 1–2.

_____. “Editorial notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, abr. 1892, n°. 220, vol. XIX, pp. 49–50.

_____. “Editorial notes”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, nov. 1892, n° 227, vol. XIX, pp. 161–162.

_____. “Eastern Equatorial Africa Mission”. *Proceedings of the Church Missionary Society (1895–1896)*. Londres: Church Missionary House, 1896, pp. 91–98.

_____. “Home Preparation for Foreign Missionary Work. V - Preparation in things practical”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, n. 221, maio de 1892, pp. 66–67.

_____. “Letters from the Nyanza Mission Party”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, setembro de 1876.

_____. “Our Pictures”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n° 227, vol. XIX, nov. 1892, pp.164–165.

_____. *The Church Missionary Atlas: Maps of the Various Missions of The Church Missionary Society*. Londres: Church Missionary House, 1879.

_____. “The Nyanza Expedition”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, janeiro de 1877.

_____. *Proceedings of the Church Missionary Society (1880–1881)*. Londres: Church Missionary House, 1881.

_____. *Proceedings of the Church Missionary Society (1895–1896)*. Londres: Church Missionary House, 1896.

_____. *Proceedings of the Church Missionary Society (1899–1900)*. Londres: Church Missionary House, 1900.

_____. *The Gleaner Pictorial Album. Containing Pictures of Africa and the Mohammedan Lands of the East*. Londres: Church Missionary House, 1887.

_____. “The Mission Field: Uganda”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n° 338, vol. XXIX, fev. 1902.

_____. “The Organization of Native Churches”. *The Church Missionary Intelligencer*. Londres: Church Missionary House, vol. 5, 1869, pp. 97–106.

_____. “The Presentation of King Mtesa’s Envoy to the Queen”. *Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n. 80, vol. 7, 1880.

_____. “The Waganda Envoy’s Report to Mtesa”. *Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n. 95, vol. 8, 1881.

_____. “Uganda”. *Proceedings of the Church Missionary Society (1900–1901)*. Londres: Church Missionary House, 1901, pp. 130–150.

CHURCHILL, Winston. *My African Journey*. Toronto: William Briggs, 1909.

COOK, J. Howard. *9th Annual Report of Toro Medical Mission*. Torquay, C. Bendle, St. Mary Church Printing Works, 1911.

FAHS, Sophia L. *Uganda’s White Man of Work*. Nova Iorque: Young’s People Missionary Movement, 1907.

FRERE, Henry Bartle. *Eastern Africa as a Field for Missionary Labour*. Londres: John Murray, 1874.

GLASS, Annie B. “The Uganda Railway and Beyond”. *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary Society, n° 319, vol. XXVII, jul. 1900, pp. 99–101.

GRANT, James A. *A Walk Across Africa or Domestic Scenes from my Nile Journey*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1864.

HARRISON, Alexina M. *The Story of Mackay of Uganda Told for Boys by His Sister*. Londres: Hodder and Stoughton, 1892.

HATTERSLEY, Charles W. *Uganda by Pen and Camera*. Londres: The Religious Tract Society, 1906.

_____. *The Baganda at Home*. Londres: The Religious Tract Society, 1908.

JOHNSTON, Harry. *The Uganda Protectorate. An Attempt to Give Some Description of the Physical Geography, Botany, Zoology, Anthropology, Languages and History of the Territories under British Protection in East Central Africa, between the Congo Free State and the Rift Valley and Between the First Degree of South Latitude and the Fifth Degree of North Latitude* (2 vols.). Londres: Hutchinson and Co., 1902.

LIVINGSTONE, David. *Missionary Travels and Researches in South Africa*. Londres: John Murray, Albemarle Street, 1857.

MULLINS, Joseph D. *The Wonderful Story of Uganda*. Londres: Church Missionary Society, 1904.

MUKASA, Ham. *Uganda's Katikiro in England: Being the Official Account of his Visit to the Coronation of his Majesty King Edward VII*. Londres: Hutchinson & Co., 1904.

O'NEILL, Thomas; SMITH, Shergold. *Sketches of African Scenery, from Zanzibar to the Victoria Nyanza*. Londres: Church Missionary House, 1878.

PADWICK, Constance E. *Mackay of the Great Lake*. Londres/Nova Iorque/Toronto/Melbourne/Bombaim: Oxford University Press, 1917.

ROSCOE, John. "Preliminary Report of the Mackie Ethnological Expedition to Central Africa". *Proceedings of the Royal Society of London (Series B, Containing Papers of a Biological Character)*, vol. 92, no. 645. Londres: Royal Society, 1921, pp. 209–219.

_____. *The Baganda: An Account of Their Native Customs and Beliefs*. Londres: Macmillan, 1911.

_____. *The Northern Bantu*. Cambridge: Cambridge University Press, 1915.

_____. *The Soul of Central Africa*. Londres/Nova York/Toronto/Melbourne: Cassell and Company, 1922.

_____. *Twenty-five Years in East Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1921.

SHEPHERD, Arthur P. *Tucker of Uganda: Artist and Apostle, 1849–1914*. Londres: Student Christian Movement, 1929.

SMITH, G. Furnes. *Uganda: Its History and its Claim. A Handbook for the Present Crisis*. Londres: Church Missionary Society, 1892.

SPEKE, John H. *Journal of the Discovery of the Source of the Nile*. Edimburgo/Londres: William Blackwood and sons, 1863.

STANLEY, Henry M. *Through the Dark Continent* (2 vols.) Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1878.

STOCK, Sarah Geraldine. "A Float on the Victoria Nyanza". *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 4–6.

_____. "God's Acre at Usambiro". *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX, pp. 8–9.

_____. "The Mission House at Usambiro". *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, jan. 1892, n° 217, vol. XIX.

_____. "The Tomb of King Mutesa". *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, fev. 1892, n° 218, vol. XIX, pp. 20–21.

SUTTON, Henry. "Uganda". *The Church Missionary Gleaner*. Londres: Church Missionary House, nov. 1892, n° 227, vol. XIX, pp. 162–163.

The Illustrated London News. Londres, vol. 43, 04 de julho de 1863.

TUCKER, Alfred R. *Eighteen Years in Uganda and East Africa*. Londres: Edward Arnold, 1908.

_____. *Toro: Visits to Ruwenzori, "Mountains of the Moon"*. Londres: Church Missionary Society, 1899.

WILSON, Charles Thomas. *The Victoria Nyanza Mission: A Brief Account of the Church Missionary Society's Mission to Central Africa with Extracts from the Missionaries' Letters and a New Map*. Londres: Church Missionary House, 1879.

_____; FELKIN, Robert William. *Uganda and the Egyptian Soudan* (2 vols.). Londres: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1882.

BIBLIOGRAFIA

ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ADAMS, Gavin. “Um balanço bibliográfico e de fontes da estereoscopia”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. sér. v. 6/7, pp. 207–225, 1998–1999. Editado em 2003.

AJAYI, J. F. Ade (org.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880* (vol. VI). Brasília: UNESCO, 2010.

ALAYRAC-FIELDING, Vanessa; DUBOIS, Claire (orgs.). *The Foreignness of Foreigners: Cultural Representations of the Other in the British Isles. (17th–20th Centuries)*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015.

ALMEIDA, Márcia Cristina Pacito Fonseca. *Comércio, bens de prestígio e insígnias de poder: as agências centro-ocidentais africanas nos relatos de viagem de Henrique de Carvalho em sua expedição à Lunda (1884–1888)*. São Paulo: Editora Intermeios/FAPESP, 2019.

AMSELLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (orgs.). *No centro da etnia: etnias, tribalismo e Estado na África*. Petrópolis: Vozes, 2017.

ANDERSON, Catherine. “A Zulu King in Victorian London: Race, Royalty and Imperialist Aesthetics in Late Nineteenth Century Britain”. *Visual Resources*, vol. 24, nº 3, 2008, pp. 299–319.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de (curador). “Para uma história social da reprodução fotomecânica”. *Brasiliiana fotográfica (Biblioteca Nacional)*, 2015, s/p. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=136>.

ANDREWS, M.J. “Cooper, James Davis (1823–1904)”. *Oxford Dictionary of National Biography*: http://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odn_b-9780198614128-e-32552 Último acesso em: 10/04/2018.

APPADURAI, Arjun (org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EdUFF, 2010.

AUERBACH, Jeffrey. “The Picturesque and the Homogenisation of the Empire”. *The British Art Journal*, vol. 1, nº 5, pp. 47–54, 2004.

BANN, Stephen (ed.). *Art and the Early Photographic Album*. New Haven/Londres: Yale University Press, 2011.

_____. *Parallel Lines: Printmakers, Painters and Photographers in Nineteenth Century France*. New Haven/London: Yale university press, 2001.

BANTEBYA KYOMUHENDO, Grace; MCINTOSH, Marjorie Keniston. *Women, Work & Domestic Virtue in Uganda, 1900–2003*. Oxford/Athens/Kampala: James Curry, Ohio University Press, Fountain Publishers, 2006.

BARBUY, Heloisa. “Resenha de Bernard Comment. *Le XIXe siècle des panoramas*. Paris: Adam Biro, 1993”. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, ser. vol. 2, pp. 321–331, jan./dez. 1994.

BARNETT, Clive. “Impure and Worldly Geography: The Africanist Discourse of the Royal Geographical Society, 1831–73”. *Royal Geographical Society*, 1998, pp. 239–251.

BARRINGER, Terry. “*The Drum, the Church, and the Camera: Ham Mukasa and C. W. Hattersley in Uganda*”. *International Bulletin of Missionary Research* 20, n° 2, 1996, pp. 66–70.

_____. “What Mrs Jellyby Might Have Read Missionary Periodicals: A Neglected Source”. *Victorian Periodicals Review*, vol. 37, n° 4, 2004, pp. 46–74.

BASSNETT, Susan. “Travel Writing and Gender”. HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 225–241.

BECKER, Howard. “Balinese Character: uma análise fotográfica”. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n. 2, 1996, pp. 137–143.

BEIDELMAN, T.O. “Altruism and Domesticity: Images of Missionizing Women among the Church Missionary Society in Nineteenth-Century East Africa”. In: HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy (orgs.). *Gendered Missions: Women and Men in Missionary Discourse and Practice*. Michigan: University of Michigan Press, 1999, pp. 113–143.

BELTING, Hans. “A janela e o muxarabi: uma história do olhar entre Oriente e Ocidente”. In: ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, pp. 115–137.

BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX”. In: KOTHE, Flávio (org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.

BENNETT, Alison. “Diplomatic Gifts: Rethinking Colonial Politics in Uganda Through Objects”. *History in Africa*, n. 45, pp. 1–28, 2018.

_____. *Material Cultures of Imperialism in Eastern Africa, c.1870–1920: A Study of Ethnographic Collecting and Display*. Thesis submitted for the degree of PhD, University College London (UCL), 2019.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Para entender uma fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

- BLUNT, Alison. *Travel, Gender, and Imperialism: Mary Kingsley and West Africa*. Nova Iorque/Londres: Guilford Press, 1994.
- _____; ROSE, Gillian (eds.). *Writing Women and Space: Colonial and Postcolonial Geographies*. Londres/Nova Iorque: Guilford Press, 1994.
- BOAHEN, Albert Adu. “Tendências e processos novos na África do século XIX”. In: AJAYI, J. F. Ade (org.). *História geral da África: África do século XIX à década de 1880* (vol. VI). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 47–75.
- BRANTLINGER, Patrick. “Race and the Victorian novel”. In: DAVID, Deirdre (ed.). DAVID, Deirdre (ed.). *The Cambridge Companion to the Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. “Victorians and Africans: The Genealogy of the Myth of the Dark Continent”. *Critical Inquiry*, vol. 12, nº 1, 1985, pp. 166–203.
- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. *A Cultural History of Gesture*. Ithaca: Cornell University Press, 1992.
- BREWER, Sandy. “From Darkest England to the Hope of the World: Protestant Pedagogy and the Visual Culture of the London Missionary Society”. *Material religion*, vol. 1, nº 1, pp. 98–124, 2005.
- BREWSTER, David. *The Kaleidoscope: Its History, Theory, and Construction with its Application to the Fine and Useful Arts*. Londres: John Murray, 1858.
- BRIDGES, Roy. “Images of Exploration in Africa: the Art of James Augustus Grant on the Nile Expedition of 1860–1863”, *Terrae Incognitae*, vol. 38, nº 1, 2006, pp. 55–74.
- _____. “Missionaries, Geography, and Imperialism in East Africa, c. 1844–1890”. *Position Paper*, nº 75, 1998, pp. 1–23.
- _____. “Nineteenth-Century East African Travel Records with an Appendix on ‘Armchair Geographers’ and Cartography”. *Paideuma: Mitteilungen zur Kulturkunde, European Sources for Sub-Saharan Africa Before 1900: Use and Abuse*, vol. 33, 1987, pp. 179–196.
- _____. “The Historical Role of British Explorers in East Africa”, *Terrae Incognitae*, vol. 14, nº 1, 1982, pp.1–21.
- BROCKWAY, Lucile H. “Science and Colonial Expansion: the Role of the British Royal Botanic Gardens”, *American Ethnologist*, vol. 6, nº 6, 1979, pp. 449–465.
- BROWN, Claire. “Belonging in the Land: Land, Landscape, and Image in Southern African Missionary Encounters, ca. 1840–1915”. *Mission Studies*, nº 35, 2018, pp. 31–56.
- BRUNSCHWIG, Henri. *A partilha da África negra*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- BUNN, David. “The Sleep of the Brave: Graves as Sites and Signs in the Colonial Eastern Cape”. In: LANDAU, Paul; KASPIN, Deborah (orgs.). *Images and Empires: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2002, pp. 56–89.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: UNESP, 2017.
- BURTON, Antoinette. “Archive Stories: Gender in the Making of Imperial and Colonial Histories”. In: LEVINE, Phillipa (ed.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- BUSS, Helen M.; KADAR, Marlene (eds.). *Working in Women’s Archives: Researching Women’s Private Literature and Archival Documents*. Waterloo: Wilfrid Laurier University Press, 2001.
- BUTLER, Judith; WEED, Elizabeth. (orgs.). *The Question of Gender: Joan W. Scott’s Critical Feminism*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 2011.
- BYARUHANGA, Christopher. *Bishop Alfred Robert Tucker and the establishment of the African Anglican Church*. Nairobi: WordAlive Publishers, 2008.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. “A Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia”. *Iluminuras*, vol. 13, n. 31. 2012, pp. 11–29.
- CANNADINE, David. *Ornamentalism: How the British Saw Their Empire*. Londres: Penguin, 2001.
- CANNIZZO, Jeanne. “Doctor Livingstone Collects”. In: MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996, pp. 141–168.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz; CARVALHO, Maria Cristina Rabelo de; RODRIGUES, Tânia Francisco. “Fotografia e História: ensaio bibliográfico”. *Anais do Museu Paulista*, vol.2, nº 1, 1994, pp. 253–300.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870–1920*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CHRÉTIEN, Jean-Pierre. *The Great Lakes of Africa: Two Thousand Years of History*. Nova Iorque: New Zone, 2003.
- CLEALL, Esme. “Far-Flung Families and Transient Domesticity: Missionary Households in Metropole and Colony”. *Victorian Review*, vol. 39, nº 2, pp. 163–179, 2013.
- COHEN, Morton. *Rudyard Kipling to Rider Haggard: The Record of a Friendship*. Londres: Hutchinson, 1965.

COOMBES, Annie E. *Reinventing Africa: Museums, Material Culture, and Popular Imagination in Late Victorian and Edwardian England*. New Haven/Londres: Yale University Press, 1994.

COOPER, Frederick. “Conflito e conexão: repensando a História Colonial da África”. *Anos 90*, Porto Alegre, vol. 15, nº. 27, pp. 21–73, jul. 2008.

COOPER, John. *Children’s Fiction 1900–1950*. Londres: Routledge, 2019.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine (org.). *A descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. “O postulado da superioridade branca e da inferioridade negra”. In: FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 748–787.

CORNWALL-JONES, Hermione. “Historical Photographic Collections: An Untapped Resource?” *Conference Proceedings: Delivering Diversity; Promotion Participation*. Cambridge, 2001, pp. 65–70.

COSTA, Thiago. “Pitoresco, um pensamento de arte”. *Domínios da Imagem*. Londrina, vol. 9, nº 17, pp. 218–236, jan./jun. 2015.

COSTA E SILVA, Alberto da. *A manilha e o libambo. A África e a escravidão, 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

_____. *Imagens da África: da Antiguidade ao século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CURTIN, Philip D. “The End of the ‘White Man’s Grave’? Nineteenth-Century Mortality in West Africa”. *The Journal of Interdisciplinary History*, vol. 21, nº1, 1990, pp. 63–88.

_____. “‘The White Man’s Grave’: Image and Reality, 1780–1850”. *Journal of British Studies*, vol. 1, nº 1, nov. 1961, pp. 94–110.

CURTO, Diogo Ramada. *Cultura imperial e projetos coloniais (séculos XV a XVIII)*. Campinas: UNICAMP, 2009.

DAMASCENO, Yuri Wicher. *Conversões e negociações: um estudo dos relatos de missionários protestantes da Church Missionary Society em Uganda-África (1876–1890)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015.

- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DAVID, Deirdre (ed.). *The Cambridge Companion to the Victorian Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- DELGADO, Erika Melek. “As narrativas evangelizadoras da Niger Expedition: uma análise comparativa dos discursos de missionários da expedição britânica ao rio Níger – 1841”. *Transversos*, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 4, 2015, pp. 57–78.
- DELLA DORA, Veronica. “Putting the World into a Box: A Geography of Nineteenth-Century ‘Travelling Landscapes’”. *Geografiska. Annaler*, nº 89, série B, vol. 4, pp. 287–306, 2007.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente (1300–1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DIAS, Rose; SMITH, Kate (eds.). *British Women and Cultural Practices of Empire, 1770–1940*. Nova Iorque/Londres: Bloomsbury, 2019.
- DICKENS, Charles. *A casa soturna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DIENER, Pablo. “A viagem pitoresca como categoria estética e a prática de viajantes”. *Revista Porto Arte*, Porto Alegre, v. 15, nº 25, pp. 59–73, 2008.
- DIMOCK, Elizabeth. *Women, Mission and Church in Uganda: Ethnographic Encounters in an Age of Imperialism, 1895–1960s*. Oxon/Nova Iorque: Routledge, 2017.
- DOHMEN, Renate. “Material (Re)collections of the ‘Shiny East’: A Late Nineteenth-Century Travel Account by a Young British Woman in India”. In: HENES, Mary; MURRAY, Brian (orgs.). *Travel Writing, Visual Culture and Form (1760–1900)*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016, pp. 42–64.
- DUNAE, Patrick A. “Boys’ Literature and the Idea of Empire, 1870–1914”. *Victorian Studies*, vol. 24, nº 1, 1980, pp. 105–121.
- DRIVER, Felix. “Scientific Exploration and the Construction of Geographical Knowledge: *Hints to Travelers*”. *Finisterra*, XXXIII, nº 65, 1998, pp. 21–30.
- EDWARDS, Elizabeth. “A fotografia e a performance da história”. *ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte*. Uberlândia, v. 23, n. 42, pp. 27–47, jan/jun. 2021. Apresentação de Iara Lis Schiavinatto e tradução de Lucas Manuel Mazuquieri Reis.
- _____. (org.). *Anthropology and Photography, 1860–1920*. New Haven: Yale University Press, 1992.
- _____. “Material Beings: Objecthood and Ethnographic Photographs”. *Visual Studies*, vol. 17, nº. 1, 2002, pp. 67–75.
- _____. *Raw Histories: Photographs, Anthropology and Museums*. Nova York: Berg, 2001.

_____. “Thoughts on the ‘Non-Collections’ of the Archival Ecosystem”. In: BÄRNIGHAUSEN, Julia; CARAFFA, Constanza; KLAMM, Stefanie; SCHNEIDER, Franka; WODTKE, Petra (eds.). *Photo-Objects: On the Materiality of Photographs and Photo Archives in the Humanities and Sciences*. Berlin: Max-Planck-Gesellschaft zur Förderung der Wissenschaften, 2019, pp. 67–82.

_____; GOSDEN, Chris; PHILLIPS, Ruth B. (orgs.). *Sensible Objects: Colonialism, Museums and Material Culture* (Wenner-Gren International Symposium Series). Oxford; Nova York: Berg, 2006.

_____; LIEN, Sigrid. (eds.). *Uncertain Images: Museums and the Work of Photographs*. Farnham: Ashgate Publishing, 2014.

_____. “Uncertain Knowledge: Photograph and the Turn-of-the Century Anthropological Document”. In: MITMAN, Gregg; WILDER, Kelley (orgs.). *Documenting the World: Film, Photography, and the Scientific Record*. Chicago/Londres: The University Chicago of Press, 2016, pp. 89–123.

_____; HART, Janice (orgs.). *Photographs, Objects, Histories: on the Materiality of Images*. Londres: Routledge, 2004.

EITNER, Lorenz. “The Open Window and the Storm-Tossed Boat: An Essay in the Iconography of Romanticism”. *The Art Bulletin*, n° 37, vol. 4, 1955, pp. 281–290.

ELLIS, James Joseph. *Alexander Mackay. The Christian Hero of Uganda*. Londres: Pickering & Inglis Lt, 1938.

ELLIS, William. *Three Visits to Madagascar During the Years 1853–1854–1856. Including a Journey to the Capital; with Notices of the Natural History of the Country and of the Present Civilization of the People*. Nova Iorque: Harper & Brothers, 1859.

ENOCK, Esthme Ethelind. *Twelve Mighty Missionaries*. Londres: Pickering & Inglis Lt, 1936.

ETHERINGTON, Norman (org.). *Missions and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

FABIAN, Johannes. *Out of Our Minds: Reason and Madness in the Exploration of Central Africa*. Berkeley/Los Angeles/Londres: University of California Press, 2000.

_____. “O tempo e a escrita sobre o outro”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a “Europa”. Antropologia, Arte, Literatura e História na Pós-Colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005, pp. 63–100.

FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 2008.

FAGE, J.D. *História da África*. Lisboa: Edições 70, 2014.

- FANG, Zhihui. “Illustrations, Text, and the Child Reader: What are Pictures in Children’s Storybooks for?”. *Reading Horizons*, vol. 37, nº 2, 1996, pp. 130–142.
- FARRÉ, Albert. “Reinos y Ejércitos en la Formación de Uganda. El descontrol de la violencia (1877–1986)”. *Cadernos de Estudos Africanos*, vol. 16/17, 2009, pp. 53–70.
- FONTECUBERTA, Joan. “La fotografía (con)tra el Museo”. In: *DOSSIE La fotografía y el Museo*. Revista de Los Museos de Andalucía. Año IV, n. 9, Febrero, 2008, pp. 10–15.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.
- FRANEY, Laura. *Victorian Travel Writing and Imperial Violence: British Writing on Africa, 1855–1902*. Nova Iorque: Palgrave, 2003.
- FLINT, Kate. *The Victorians and the Visual Imagination*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- FLORES, Teresa Mendes. “A preto e branco: folheando os relatórios médicos da Diamang”. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 223–242.
- FLOTHOW, Dorothea. “Popular Children’s Literature and the Memory of the First World War, 1919–1939”. *The Lion and the Unicorn*, n. 31, 2007, pp. 147–161.
- GEARY, Christraud M. *In and Out of Focus: Images from Central Africa, 1885–1960*. Washington, DC: National Museum of African Arts, Smithsonian Institution, 2002.
- _____. “Missionary Photography: Private and Public Readings”. *African Arts*, vol. 24, nº 4, 1991, pp. 48–59/98–100.
- _____. “Nineteenth-century images of the Mangbetu”. KEIM, Curtis; SCHILDKROUT, Enid (orgs.). *The Scramble for Art in Central Africa*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, pp. 133–168.
- _____; WEBB, Virginia-Lee (orgs.). *Delivering Views: Distant Cultures in Early Postcards*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1998.
- GEBARA, Alexsander. *A África de Richard Francis Burton: antropologia, política e livre-comércio, 1861–1865*. São Paulo: Alameda, 2010.
- GEEST, Sjaak Van der. “Anthropologists and Missionaries: Brothers under the Skin”. *Man New Series*, vol.25, nº 4, 1990, pp. 588–601.
- GILMOUR, Robin. *The Victorian Period: The Intellectual and Cultural Context (1830–1890)*. Londres: Routledge, 2014.

- GIKANDI, Simon. "African Subjects and the Colonial Project". In: MUKASA, Ham. *Uganda's Katikiro in England by Ham Mukasa with Notes and an Introduction by Simon Gikandi*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 1998, pp. 3–32.
- GOOCH, John (ed.). *The Boer War: Direction, Experience and Image*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2013.
- GRANT, Kevin. "Atrocity Photographs in the Congo Reform Campaign". In: FEHRENBACH, Heide; RODOGNO, Davide (eds.). *Humanitarian Photography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, pp. 64–88.
- _____. "Christian Critics of Empire: Missionaries, Lantern Lectures, and the Congo Reform Campaign in Britain". *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol. 29, n° 2, pp. 27–58, 2001.
- GREEN, Elliot. "Ethnicity and Nationhood in Precolonial Africa: The Case of Buganda". *Nationalism and Ethnic Politics*, vol.16, 2010, pp. 1–21.
- GRIFFITHS, Antony. *Prints and Printmaking: An Introduction to the History and Techniques*. Londres: The British Museum Press, 2016.
- GRIFFITHS, Tudor. "Bishop Alfred Tucker and the Establishment of a British Protectorate in Uganda 1890–94". *Journal of Religion in Africa*, vol. 31, n° 1, 2001, pp. 92–114.
- GRIFFITS, Gareth. "Popular Imperial Adventure Fiction and the Discourse of Missionary Texts". In: SCOTT, Jamie S.; GRIFFITS, Gareth (orgs.). *Mixed Messages: Materiality, Textuality, Missions*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005, pp. 51–66.
- GRIMSHAW, Patricia; MAY, Andrew (orgs.). *Missionaries, indigenous peoples and cultural exchange*. Eastbourne/Portland: Sussex Academic Press, 2010.
- GRIMSHAW, Patricia. "Faith, missionary life, and the family". In: LEVINE, Phillipa (org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 260–280.
- GUEYE, M'Baye; BOAHEN, Albert Adu. "Iniciativas e resistência africanas na África ocidental, 1880–1914". In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História geral da África. África sob dominação colonial, 1880–1935 (vol. VII)*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 129–167.
- HALL, Catherine; ROSE, Sonya (eds.). *At Home with the Empire. Metropolitan Culture and the Imperial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HAND, Rachel. "Brass Necklet, Uganda". In: JACOBS, Karen; KNOWLES, Chantal; WINGFIELD, Chris (eds.). *Trophies, Relics and Curios? Missionary Heritage from Africa and Pacific*. Leiden: Sidestone Press, 2015, pp. 75–77.
- HANEY, Erin; SCHNEIDER, Jürg. "Beyond the 'African' Archive Paradigm". *Visual Anthropology*, vol. 27, n° 4, 2014, pp. 307–315.

- HANSON, Holly. “Queen Mothers and Good Government in Buganda: The Loss of Women’s Political Power in Nineteenth-Century East Africa”. In: ALLMAN, Jean; GEIGER, Susan; MUSISI, Nakaniyke (eds.). *Women in African Colonial Histories*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.
- HARDIMAN, David (ed.). *Healing Bodies, Saving Souls: Medical Missions in Asia and Africa*. Amsterdã/Nova York: Rodopi, 2006.
- HARFORD, Charles F. “Sir T. F. Victor Buxton, Bart”. *Journal of the Royal African Society*, vol. 18, no. 72, 1919, pp. 316–318.
- HARRIES, Patrick; MAXWELL, David (eds.). *The Spiritual in the Secular: Missionaries and Knowledge about Africa*. Michigan/Cambridge: B. Eerdmans Publishing, 2012.
- HARRIES, Patrick. “Through the Eyes of the Beholder: H. A. Junod and the Notion of Primitive”. *Social Dynamics*, n. 19, vol. 1, 1993, pp. 1–10.
- HARRISON, Alexina Mackay. *A. M. Mackay: Pioneer Missionary of the Church Missionary Society to Uganda by his Sister*. Londres: Hodder & Stoughton, 1890.
- _____. *A. Mackay Ruthquist: or, Singing the Gospel Among Hindus and Góns*. Londres: Hodder & Stoughton, 1893.
- HARTWIG, Gerald W. “Bukerebe, The Church Missionary Society, and East African Politics, 1877–1878”. *African Historical Studies*, vol. 1, n° 2, 1968, pp. 211–232.
- HATTERSLEY, Charles William. *An English Boy’s Life and Adventure in Uganda*. Londres: The Religious Tract Society, 1912.
- _____. *Erastus, Slave and Prince: a True Story of Uganda*. Londres: Church Missionary Society, 1910.
- HEINTZE, Beatrix. *Pioneiros africanos: caravanas de carregadores na África Centro-Occidental (entre 1850 e 1890)*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.
- HENDRIKS, Thomas. “Erotics of Sin: Promiscuity, Polygamy and Homo-Erotics in Missionary Photography from the Congolese Rainforest”. *Visual Anthropology*, vol. 26, n° 4, pp. 355–382, 2014.
- HENES, Mary; MURRAY, Brian H. (orgs). *Travel Writing, Visual Culture, and Form, 1760–1900*. Basingstoke/Londres: Palgrave Macmillan, 2016.
- HENRIQUES, Isabel Castro. “A materialidade do simbólico: marcadores territoriais, marcadores identitários angolanos (1880–1950)”. *Textos de História: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB*. Brasília: UnB, n° 1–2, vol. 12, 2004, pp. 9–41.
- HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

- _____; MARCUSSI, Alexandre Almeida. “Introdução. A história africana a partir dos trânsitos e itinerâncias”. In: HERNANDEZ, Leila Leite; MARCUSSI, Alexandre Almeida (orgs.). *Ideias e práticas em trânsito. Poderes e resistências em África (séculos XIX-XX)*. São Paulo: Intermeios, 2020, pp. 1–37.
- HILL, Kate (org.). *Britain and the Narration of Travel in the Nineteenth Century: Texts, Images, Objects*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2016.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios. 1875–1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HODGSON, Pat. *The War Illustrators*. Londres: Osprey, 1977.
- HUBER, Mary Taylor; LUTKEHAUS, Nancy (orgs.). *Gendered Missions: Women and Men in Missionary Discourse and Practice*. Michigan: University of Michigan Press, 1999.
- HUGHES, Rebecca C. “‘Grandfather in the Bones’: Scientific Racism and Anglican Missionaries in Uganda, c. 1900–1930”. *Social Sciences and Missions*, n. 33, pp. 347–378.
- HUGILL, Peter J. “Imperialism and Manliness in Edwardian Boys’ Novels”, *Ecumene*, vol. 6, n.3, 1999, pp. 318–340.
- HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs.). *The Cambridge Companion to Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HUMPHRIES, Steve. *Victorian Britain Through the Magic Lantern*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1989.
- IRWIN, Francina. “Amusement or Instruction? Watercolour Manuals and the Woman Amateur”. In: ORR, Clarissa Campbell (ed.). *Women in the Victorian Art World*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 1995, pp. 149–166.
- JACKSON, Julian R. *What to Observe; or the Traveller’s Remembrancer*. Londres: Madden and Malcolm, 1845.
- JAY, Martin; RAMASWAMY, Sumathi (eds.). *Empires of Vision: A Reader*. Durham/Londres: Duke University Press, 2014.
- JEAL, Tim. “David Livingstone: a brief biographical account”. In: MACKENZIE, John M. (ed.). *David Livingstone and the Victorian Encounter with Africa*. Londres: National Portrait Gallery Publications, 1996.
- JENKINS, Paul. “An Illustrated Look Back Over the First Ninety Years of the Church Missionary Society”. *Adam Matthew Digital*, 2016, pp. 1–16.
- _____. “Much More Than Illustrations of What We Already Know: Experiences in the Rediscovery of Mission Photography”. *International Bulletin of Missionary Research*, 2002, vol. 26, nº 4, pp. 157–162.

_____. “The earliest generation of missionary photographers in West Africa: The portrayal of indigenous people and culture”. *Visual Anthropology*, vol. 7, nº 2, 1994, pp. 115–145.

JERÓNIMO, Miguel Bandeira. “As provas da ‘civilização’: fotografia, colonialismo e direitos humanos”. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 387–398.

JONES, Rebecca. “African Travel Writing”. DAS, Nandini; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge History of Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa* (vol.II). São Paulo: Editora Humanitas, 2011.

KAFUMBE, Damascus. *The Kabaka's Royal Musicians of Buganda Uganda: Their Role and Significance during Ssekabaka Sir Edward Frederick Muteesa II's Reign (1939–1966)*. A Thesis submitted to the College of Music in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Music, Florida, 2006.

KASOZI, A. B. K. “The Impact of Islam on Ganda Culture, 1844–1894”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 2, 1981, pp. 127–135.

KASSIMIR, Ronald. “The Politics of Popular Catholicism in Uganda”. In: SPEAR, Thomas; KIMAMBO, Isaria (orgs.). *East African Expressions of Christianity*. Oxford/ Dar Es Salaam/Nairobi/Athens: James Currey, Mkuki na Nyota, EAEP, Ohio University Press, 1999, pp. 248–274.

KEARNEY, Anthony. “The Missionary Hero in Children’s Literature”. *Children’s Literature in Education*, vol. 14, nº 2, 1983, pp. 104–112.

KEEN, Rosemary. “Editorial Introduction”. *Church Missionary Society Archive*. Disponível em:

http://www.ampltd.co.uk/digital_guides/church_missionary_society_archive_general/editorial%20introduction%20by%20rosemary%20keen.aspx

KILLINGRAY, David; ROBERTS, Andrew. “An Outline History of Photography in Africa to ca. 1940”. *History in Africa*, vol. 16, 1989, pp. 197–208.

KIWANUKA, M.S.M. *A History of Buganda: From the Foundations of the Kingdom from the Foundation of the Kingdom to 1900*. Londres: Longman: 1971.

_____. *Muteesa of Uganda*. Nairobi: East African Literature Bureau, 1967.

KNAUSS, Paulo. “O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual”. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 8, nº 12, pp. 97–115, 2006.

- KNIGHT, William; VENN JR, Henry; VENN, John. *Memoir of the Rev. H. Venn: the Missionary Secretariat of Henry Venn; Prebendary of St. Paul's, and Honorary Secretary of the Church Missionary Society*. Londres: Longmans, Green, and Co., 1880.
- KOIVUNEN, Leila. "Visualizing Africa – Complexities of Illustrating David Livingstone's Missionary Travels". *The Papers of the Nordic Conference on the History of Ideas, vol. I*. Helsinki: University of Helsinki, 2001, pp.1–12.
- _____. *Visualizing Africa in Nineteenth-Century British Travel Accounts*. Nova York: Routledge, 2009.
- KORIEH, Chima; NJOKU, Raphael Chijioko (orgs.). *Missions, States, and European Expansion in Africa*. Nova Iorque/ Londres: Routledge, 2007.
- KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado. *Zoológicos humanos: gente em exibição na era do imperialismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020.
- LAMBERT, John C. *Missionary Heroes in Africa. True Stories of the Intrepid Bravery and Stirring Adventures of Missionaries with Uncivilised Man, Wild Beasts and the Forces of Nature*. Londres: Seeley, Service & Co. Ltd., 1909.
- LANDAU, Paul S.; KASPIN, Deborah D. (orgs.). *Images and Empire: Visuality in Colonial and Postcolonial Africa*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- LARANJEIRA, Lia Dias. *Mashinamu na Uhuru - arte makonde e história política de Moçambique (1950–1974)*. São Paulo: Intermeios, 2018.
- LARSEN, Timothy. *The Slain God: Anthropologists & the Christian Faith*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- LEFEBVRE, Elisabeth Erin. "What Was Best for a White Child Need not be the Same for a Dark Child": Producing the 'Educated African Child' in Colonial Uganda's Schools, 1877–1963. A Dissertation Submitted to the Faculty of University of Minnesota, 2016.
- LEVINE, Phillipa (org.). *Gender and Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- LINDFORS, Bernth. "Hottentot, Bushman, Kaffir: Taxonomic Tendencies in Nineteenth-Century Racial Iconography". *Nordic Journal of African Studies*, vol. 5, nº 2, 1996, pp. 1–28.
- LONG, Kathryn T. "Cameras 'Never Lie'": The Role of Photography in Telling the Story of American Evangelical Missions. *Church History*, vol. 72, nº. 4, 2003, pp. 820–851.
- LOW, Donald Anthony. *Fabrication of Empire: the British and the Uganda Kingdoms, 1890–1902*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MACDONALD, E. A. *David Livingstone and Alexander Mackay: The Story of Their Lives*. Londres: The Sunday School Union, 1911.

MACKENZIE, John. “Empire and Metropolitan Cultures”. In: PORTER, Andrew (org). *The Oxford History of the British Empire – The Nineteenth Century*. Oxford/Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

_____. *Orientalism: History, Theory and the Arts*. Manchester: Manchester University Press, 1995.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800–1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MATTIA, Joan Plubell. *Walking the Rift: Alfred Robert Tucker in East Africa. Idealism and Imperialism (1890–1911)*. Thesis submitted to the Department of Theology, School of Historical Studies, University of Birmingham, 2007.

MATSON, A.T. “The Instructions Issued in 1876 and 1878 to the Pioneer C.M.S. Parties to Karagwe and Uganda (Part I)”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 12, nº 3, 1981, pp. 192–237.

_____. “The Instructions Issued in 1876 and 1878 to the Pioneer C.M.S. Parties to Karagwe and Uganda (Part II)”. *Journal of Religion in Africa*, vol. 13, nº 1 1982, pp. 25–46.

MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história, interfaces”. *Tempo*, vol. 1, nº 2, 1996, pp. 73–98.

MAUGHAN, Steven. *Mighty England Do Good: Culture, Faith, Empire, and World in the Foreign Missions of the Church of England, 1850–1915*. Michigan/Cambridge: Eerdmans, 2014.

MAXWELL, David. “Photography and the Religious Encounter: Ambiguity and Aesthetics in Missionary Representations of the Luba of South East Belgian Congo”. *Comparative Studies in Society and History*, vol. 53, nº 1, 2011, pp. 38–74.

MBEMBE, Achille. “The Power of the Archive and its Limits”. In: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REID, Graeme; SALEH, Razia (orgs). *Refiguring the Archive*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002, pp. 19–26.

M’BOKOLO, Elikia (org.). *África negra. História e civilizações. Do século XIX aos nossos dias* (tomo II). Lisboa: Edições Colibri, 2011.

McCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

McCOLL, Julie Anne. *Imagining the Missionary Hero: Juvenile Missionary Biographies, c. 1870–1917*. Thesis submitted in accordance with the requirements of the University of Liverpool for the degree of Doctor in Philosophy by Julie Anne McColl. Liverpool: 2017.

MCDONALD, Ian. *The Boer War in Postcards*. Londres: Sutton Publishing, 1990.

- MÉDARD, Henri. *Royaume du Buganda au dix-neuvième siècle*. Paris/Nairobi: Karthala-IFRA Editions, 2007.
- MENDONÇA, João Martinho de. *Pensando a Visualidade no campo da Antropologia: reflexões e usos da imagem na obra de Margaret Mead*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2005.
- MENEGUELLO, Cristina. *Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2008.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 23, nº 45, pp. 11–36, 2003.
- _____. “História e imagem: iconografia/iconologia e além”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, pp. 243–262.
- MERCUI, Joseph. *L’Ouganda, la mission catholique, et les Agents de la Compagnie anglaise*. Paris: Procure des Missions d’Afrique, 1893.
- METZ, Christian. *O Significante imaginário: psicanálise e cinema*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.
- MICHAUD, Maud. “The Missionary and the Anthropologist: The Intellectual Friendship and Scientific Collaboration of the Reverend John Roscoe (CMS) and James G. Frazer, 1896–1932”. *Studies in World Christianity*, vol. 22, nº 1, 2016, pp.57–74.
- MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2013.
- MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women’s Travel Writing and Colonialism*. Londres: Routledge, 1991.
- MIRZOEFF, Nicholas. “O direito a olhar”. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, pp. 745–768, nov. 2016.
- _____. (org.). *The Visual Culture Reader*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1998.
- MITCHELL, Sally. *Victorian Britain: An Encyclopedia*. Londres: Routledge, 2012.
- MITCHELL, W. J. T. (org.). *Landscape and Power*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- _____. *Qué quieren las imágenes? una crítica de la cultura visual*. Buenos Aires: Sans Soleil Ediciones, 2017.
- MOORE, Grace. *Dickens and Empire: Discourses of Class, Race and Colonialism in the Works of Charles Dickens*. Aldershot: Ashgate, 2004.

- MOREAU, Daniela; PARÉS, Luis Nicolau (orgs.). *Imagens do Daomé: Edmond Fortier e o colonialismo francês na terra dos voduns (1908–1909)*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- MORGAN, David. *Protestants and Pictures: Religion, Visual Culture, and the Age of American Mass Production*. Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press, 1999.
- _____. *The Sacred Gaze: Religious Visual Culture in Theory and Practice*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.
- MORTON, Christopher. “Richard Buchta and the Visual Representation of Equatoria in the Later Nineteenth Century”. In: MORTON, Christopher; NEWBURY, Darren (eds.). *The African Photographic Archive: Research and Curatorial Strategies*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2020, pp. 19–38.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MUDIMBE, V. Y. *A ideia de África*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2014.
- _____. *A invenção de África. Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*. Luanda/Mangualde: Edições Pedagogo/Edições Mulemba, 2013.
- MUNANGA, Kabengele; MANZOCHI, Helmy Mansur. “Símbolos, poder e autoridade nas sociedades negros-africanas”. *Dédalo: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: MAE/USP, n. 25, 1987, pp. 23–38.
- MUSISI, Nakaniyke. “The Politics of Perception or Perception as Politics? Colonial and Missionary Representations of Baganda Women, 1900–1945”. In: ALLMAN, Jean; GEIGER, Susan; MUSISI, Nakaniyke (eds.). *Women in African Colonial Histories*. Bloomington: Indiana University Press, 2002.
- MWANZI, Henry. “Iniciativas e resistências africanas na África oriental, 1880–1914”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História geral da África: África sob dominação colonial, 1880–1935* (vol. VII). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 167–190.
- NAKAZIBWE, Venny M. *Bark-cloth of the Baganda People of Southern Uganda: A Record of Continuity and Change from the Late Eighteenth Century to the Early Twenty-first Century*. A Thesis Submitted to Middlesex University In Partial Fulfilment of the Requirements for the Degree of Doctor of Philosophy, 2005.
- NARANJO, Juan (org.). *Fotografia, antropología y colonialismo (1845–2006)*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- NEPOMUCENO, Iamara de Almeida. *Guerra de Massangano: Luísa do Goengue e o Bonga - interações sociais e poder feminino no Vale do Zambeze (1867–1889)*. Dissertação de mestrado

apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

NEUMANN, Roderick. “Churchill and Roosevelt in Africa: performing and writing landscapes of race, empire, and nation”. *Annals of the Association of American Geographers*, vol.103, nº 6, 2013, pp.1371–1388.

NEWMAN, James. *Imperial Footprints: Henry Morton Stanley’s African Journeys*. Washington: Potomac Books, 2004.

NJOKU, Raphael Chijioke. “Catholicism, Protestantism, and Imperial Claims in Kabaka’s Buganda, 1860–1907. In: KORIEH, Chima; NJOKU, Raphael Chijioke (orgs.). *Missions, States, and European Expansion in Africa*. Nova Iorque/ Londres: Routledge, 2007, pp. 53–72.

OLIVER, Roland. *Sir Harry Johnston and the Scramble for Africa*. Londres: Chatto & Windus, 1957.

OSBORNE, Peter. *Travelling Light: Photography, Travel and Visual Culture*. Manchester/Nova Iorque: Manchester University Press, 2000.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

_____. “O fardo da mulher branca: mulheres africanas no discurso ocidental feminista”. *Problemata – Revista Internacional de Filosofia*, vol. 11, n. 2, 2020, pp. 145-167. Tradução de Aline Matos da Rocha.

PADWICK, Constance. “Children and Missionary Societies in Great Britain”. *International Review of Missions*, vol. 6, 1917, pp. 561–575.

_____. *Henry Martyn: Confessor of the Faith*. London: Student Christian Movement, 1923.

_____. *Muslim Devotions; A Study of Prayer-Manuals in Common Use*. London: SPCK, 1961.

_____. *The Land of Behest: Being An Account of a Congress Held in the Year 1930*. London: Church Missionary Society, 1930.

_____. *Temple Gairdner of Cairo*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1929.

_____. *Trotter, I. Liliás, The Master of the Impossible: Sayings, for the Most Part in Parable, from the Letters and Journals of Liliás Trotter of Algiers*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1938.

_____. *With Him in His Temptations*. London: Sheldon Press, 1949.

PALLAVER, Karin. “Nyamwezi Participation in Nineteenth-Century East African Long-Distance Trade: Some Evidences from Missionary Sources”. *Africa: Rivista trimestrale di studi*

e documentazione dell'Istituto italiano per l'Africa e l'Oriente, ano 61, n° 3/4, 2006, pp. 513–531.

PALMBERG, Mai (org.). *Encounter Images in the Meetings Between Africa and Europe*. Uppsala: Nordic Africa Institute, 2001.

PASSETTI, Gabriel. “Os britânicos e seu império: debates e novos campos da historiografia do período vitoriano”: *História* (São Paulo), vol. 35, 2016, pp. 1–24. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221046978003>. Último acesso em: 07/03/2020.

PAWLIKOVÁ-VILHANOVA, Viera. “Biblical Translations of Early Missionaries in East and Central Africa: Translations into Luganda”. *Asian and African Studies*, vol.15, n° 2, 2006, pp. 198–210.

_____. “White fathers, islam and kiswahili in nineteenth-century Uganda”. *Asian and African Studies*, vol. 73, n° 2, 2004, pp. 198–213.

PEARCE, Susan M. (org.). *Interpreting Objects and Collections*. Londres: Routledge, 1994.

PETTITT, Clare. “Topos, Taxonomy and Travel in Nineteenth-Century Women’s Scrapbooks”. In: HENES, Mary; MURRAY, Brian (orgs.). *Travel Writing, Visual Culture and Form (1760–1900)*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016, pp. 21–41.

PLOTZ, John. *Portable Property: Victorian Culture on the Move*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2008.

PORTER, Andrew. “‘Cultural Imperialism’ and Protestant Missionary Enterprise, 1780–1914”. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol.25, n° 3, 1997, pp.367–391.

_____. *Religion versus Empire?: British Protestant Missionaries and Overseas Expansion, 1700–1914*. Manchester: Manchester University Press, 2004.

_____. (ed.). *The Imperial Horizons of British Protestant Missions, 1880–1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans publishing company, 2003.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

PREVOST, Elizabeth. “Contested conversions: missionary women’s religious encounters in early colonial Uganda”. In: GRIMSHAW, Patricia; MAY, Andrew (orgs.). *Missionaries, indigenous peoples and cultural exchange*. Eastbourne/Portland: Sussex Academic Press, 2010, pp. 37–51.

_____. *The Communion of Women: Missions and Gender in Colonial Africa and the British Metropole*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

- PRINGLE, Yolana. "Crossing the Divide: Medical Missionaries and Government Service in Uganda, 1897–1940". In: GREENWOOD, Anna (ed.). *Beyond the State: the Colonial Medical Service in British Africa*. Manchester: Manchester University Press, 2016, pp. 19–38.
- PRIOR, Amy. *British Mapping of Africa: Publishing Histories of Imperial Cartography, c. 1880 – c. 1915*. Submitted for PhD The University of Edinburgh: December 2012.
- PULFORD, Cedric. *Eating Uganda: From Christianity to Conquest*. Londres: Ituri Publications, 1999.
- RAMASWAMY, Sumathi. "Introduction. The Work of Vision in the Age of European Empires". In: JAY, Martin; RAMASWAMY, Sumathi (eds.). *Empires of Vision: A Reader*. Durham/Londres: Duke University Press, 2014, pp. 1–22.
- RANGER, Terence O. "Iniciativas e resistência africanas em face da partilha e da conquista". In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África* (vol. VII). Brasília: UNESCO, 2010, pp. 51–72.
- _____. RANGER, Terence. "Taking Hold of the Land: Holy Places and Pilgrimages in Twentieth-Century Zimbabwe". *Past & Present*, n. 117, (Nov., 1987), pp. 158–194.
- RAPER, Henry; FITZROY, Robert. "Hints to Travelers". *The Journal of the Royal Geographical Society of London*, vol. 24, 1854, pp. 328–358.
- RAY, Benjamin. "James G. Frazer's correspondence with John Roscoe, 1907–1924". *History in Africa*, vol. 11, 1984, p. 397.
- REGAN, Jayne. "Gender, Empire and the Church Missionary Society in British Uganda, 1895–1930". *The ANU Undergraduate Research Journal*, vol. 4, 2012, pp. 103–117.
- REID, Richard. *A History of Modern Uganda*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- _____. "Images of an African Ruler: Kabaka Mutesa of Buganda, ca. 1857–1884", *History in Africa*, vol. 26, 1999, pp. 269–298.
- _____. *Political Power in Pre-colonial Buganda: Economy, Society & Welfare in the Nineteenth Century*. Oxford: James Currey, 2002.
- RICHARDS, Audrey I. "African Kings and Their Royal Relatives". *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. 91, n° 2, 1961, pp. 135–150.
- RICHARDS, Jeffrey (orgs.). *Imperialism and Juvenile Literature*. Manchester: Manchester University Press, 1989.
- ROCKEL, Stephen J. "'Nation of Porters': The Nyamwezi and the Labour Market in Nineteenth-Century Tanzania". *The Journal of African History*, vol. 41, n° 2, 2000, pp. 173–195.

- ROBERT, Dana (ed.). *Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706–1914*. Michigan: William B. Eerdmans, 2008.
- RODRIGUES, Eugénia. “Ciência europeia e exploradores africanos: a viagem de Francisco José de Lacerda e Almeida ao Kazembe”. *Africana Studia: Revista Internacional de Estudos Africanos. Exploração científica em África na época colonial*. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, n. 17, 2º sem./2011, pp. 81–102.
- ROONEY, Paul Raphael; GASPERINI, Anna (orgs.). *Media and Print Culture Consumption in Nineteenth-Century Britain: The Victorian Reading Experience*. Londres: Palgrave Macmillan, 2016.
- ROSS, Stephanie. “The Picturesque: An Eighteenth-Century Debate”. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, vol. 46, n° 2, 1987, pp. 271–279.
- RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- RYAN, James R. *Introdução. Fotografia colonial*. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860–1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 31–42.
- _____. *Picturing Empire: Photography and the Visualization of the British Empire*. Londres: Reaktion Books, 1997.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SALESA, Damon Ieremia. *Racial Crossings: Race, Intermarriage, and the Victorian British Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- SALIM, A. I. “A costa oriental da África”. In: OGOT, Bethwell Allan (ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII (Vol. V)*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 883–913.
- SALVAING, Bernard. *Les missionnaires a la reencontre de l’Afrique au XIX^e siecle*. Paris: L’Harmattan, 1994.
- SAMAIN, Etienne. “‘Ver’ e ‘dizer’ na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, n. 2, pp. 23–60, jul./set. 1995.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Malhas que os impérios tecem. Textos anti-coloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- SANTANA, Noeme. “Olhares britânicos: visualizar Lourenço Marques na ótica de *J and M Lazarus, 1899–1908*”. In: VICENTE, Filipa Lowndes (org.). *O império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)*. Lisboa: Edições 70, 2014, pp. 211–222.

- SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. “A virada e a imagem: história teórica do pictorial/iconic/visual turn e suas implicações para as humanidades”. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 27, 2019, pp. 1–51.
- SANTOS, Gabriela Aparecida dos. *Reino de Gaza: o desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821–1897)*. São Paulo: Alameda Editorial, 2010.
- SANTOS, Luis Frederico Lopes dos. “Entre Deus, a Coroa e os Kabakas: evangelização e colonização inglesas no reino de Buganda, 1885–1900”. In: *Anais eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*. Natal, 2013, pp. 1–12.
- _____. “‘Two Kings of Uganda’: as relações entre a Church Missionary Society e o povo Baganda através do relato do Reverendo Robert Ashe, 1890”. *AFRICANA STUDIA*, nº 23, 2015, Edição do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, pp. 61–67.
- SANTOS, Maria Emília Madeira. *Nos caminhos de África: serventia e posse (Angola - século XIX)*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1998.
- SANTOS, Patricia Teixeira. “Perspectivas sobre o estudo da história missionária na África no século XX”. Comunicação apresentada no âmbito do *XXII Encontro Estadual de História*. ANPUH, SANTOS, 2014.
- SCHIAVINATTO, Iara Lis Franco; COSTA, Eduardo Augusto (orgs.). *Cultura visual e História*. São Paulo: Alameda, 2016.
- SCHILLER, Laurence D. “The Royal Women of Buganda”. *The International Journal of African Historical Studies*, vol. 23, nº 3, pp. 455–473, 1990.
- SCHNEIDER, Jürg. “African Photography in the Atlantic Visualscape Moving Photographers - Circulating Images”. In: HELFF, Sissy; MICHELS, Stefanie (eds.). *Global Photographies. Memory – History – Archives*. Bielefeld: Verlag, 2018, pp. 19–38.
- _____. “Demand and Supply: Francis W. Joaque, an Early African Photographer in an Emerging Market”. *Visual Anthropology*, vol. 27, nº 4, 2014, pp. 316–338.
- _____. “The Topography of the Early History of African Photography”. *History of Photography*, vol. 34, nº 2, 2010, pp. 134–146.
- SCHWARTZ, Vanessa R.; PRZYBLYSKI, Jeannene M. (eds.). *The Nineteenth Century Visual Culture Reader*. Londres/Nova York: Routledge, 2004.
- SCOTT, Joan W. “Gender: A Useful Category of Historical Analysis”. *The American Historical Review*, vol. 91, nº 5, dez. 1986, pp. 1053–1075.
- SERRANO, Carlos Moreira Henriques. “Poder, símbolos e imaginário social”. *Angola, os símbolos do poder na sociedade tradicional*. Coimbra: Centro de Estudos Africanos. Universidade de Coimbra, 1983.

- SHEA, Victor; WHITLA, William (eds.). *Victorian Literature: An Anthology*. Oxford: John Wiley & Sons, 2015.
- SHENK, Wilbert. “Henry Venn’s Instructions to Missionaries”. *Missiology, An International Review*, vol. V, n° 4, pp. 467–485, 1977
- _____. “The Missionary and Politics: Henry Venn’s Guidelines”. *Journal of Church and State*, vol. 24, n° 3, pp. 525–534, 1982.
- SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- SHUMARD, Ann M. *A Durable Memento: Portraits by Augustus Washington, African American Daguerreotypist*. Washington DC: National Portrait Gallery, Smithsonian Institution, 1999.
- SILVA, Angela Fileno da. *Vozes de Lagos: brasileiros em tempos do império britânico*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- SILVA, Lúcia Helena Oliveira. “Religiosidade e colonialismo no protetorado no coração da África (1868–1956)”. Comunicação apresentada no âmbito do *XXII Encontro Estadual de História*. ANPUH, SANTOS, 2014.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.
- SIMPSON, Donald. “Missions and the Magic Lantern”. *International Bulletin of Missionary Research*, vol. 21, n° 1, 1997, pp. 13–15.
- SLENES, Robert. “As provações de um Abraão africano: a nascente nação brasileira na *Viagem alegórica* de Johann Moritz Rugendas”. *Revista de História e Arqueologia da Arte (UNICAMP)*, n° 2, 1995/1996, pp. 271–294.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SPEAKE, Jennifer. *Literature of Travel and Exploration: An Encyclopedia*. Londres/Nova Iorque: Routledge, 2003.
- STEINER, Christopher B. “Travel Engravings and the Construction of the Primitive”. In: BARKAN, Elazar; BUSH, Ronald (orgs.). *Prehistories of the Future: The Primitivist Project and the Culture of Modernism*. Stanford: Stanford University Press, 1995, pp. 202–225.
- STEPAN, Nancy. *The Idea of Race in Science: Great Britain, 1800–1960*. Londres: Macmillan; Hamden, Connecticut: Archon Books, 1982.

- STEVENSON, Michael; GRAHAM-STEWART, Michael (orgs.). *Surviving the lens: photographic studies of South and East African people, 1870–1920*. Vlaeberg, South Africa: Fernwood Press in association with M. Stevenson and M. Graham-Stewart, 2001.
- STEWART, Susan. *On Longing: Narratives of Miniature, the Gigantic, the Souvenir, the Collection*. Durham/Londres: Duke University Press, 1993.
- STOCK, Eugene. “Uganda: the Call and the Response”. *The History of the Church Missionary Society: Its Environment, its Men and its Work* (vol.III). Londres: Church Missionary Society, 1899, pp. 94–112.
- STOCKING, George W. “The Ethnographer’s Magic: Fieldwork in British Anthropology from Taylor to Malinowski. In: STOCKING, George W (ed.). *Observers and Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*. Londres/Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1983.
- _____. *Victorian Anthropology*. Nova Iorque: The Free Press, 1987.
- STOLER, Ann Laura. *Along the Archival Grain: Epistemic Anxieties and Colonial Common Sense*. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2009.
- STRONG, Rowan. *Anglicanism and the British Empire (c. 1700–1850)*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- STULTIENS, Andrea. “How to have a conversation with the past: A letter to Ssekabaka Muteesa I”. Disponível em: <http://www.hipuganda.org/blog/a-letter-to-ssekabaka-muteesa-i-part-i>. Último acesso em: 01/03/2018.
- THOMAS, Nicholas. *Colonialism’s Culture: Anthropology, Travel and Government*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- THOMPSON, Carl. “Nineteenth-Century Travel Writing”. DAS, Nandini; YOUNGS, Tim (eds.). *The Cambridge History of Travel Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, pp. 108–124.
- THOMPSON, T. Jack. “Images of Africa: Missionary Photography in the Nineteenth Century: an Introduction”. *OCCASIONAL PAPER*. Centre of African Studies University of Copenhagen, 2004, pp. 1–24.
- _____. *Light on Darkness? Missionary Photography of Africa in the Nineteenth and Early Twentieth Centuries*. Michigan: Eerdmans, 2012.
- TOBIN, Beth Fowkes. *Picturing Imperial Power: Colonial Subjects in Eighteenth-Century British Painting*. Durham/Londres: Duke University Press, 1999.
- THORNE, Susan. “Missionary-Imperial Feminism”. In: HUBER; LUTKEHAUS (orgs.). *Gendered Missions: Women and Men in Missionary Discourse and Practice*. Michigan: University of Michigan Press, 1999.

TORRÃO FILHO, Amilcar. “Imago Mundi: as instruções de viagem como educação do olhar e revelação do mundo, séculos XVIII e XIX”. *História*, v. 34, n. 2, p. 286–309, 2015.

TUCK, Michael W. “Kabaka Mutesa and venereal disease: an essay on medical history and sources in precolonial Buganda”. *History in Africa*, vol. 30, 2003, pp. 309–325.

TURNER, Emily. “The Church Missionary Society and Architecture in the Mission Field: Evangelical Anglican Perspectives on Church Building Abroad, c. 1850–1900”. *Architectural History*, vol. 58, pp. 197–228, 2016.

TUSAN, Michelle. “Gleaners in the Holy Land: Women and the Missionary Press in Victorian Britain”. *Nineteenth-century gender studies*, vol. 6, n° 2, s/p, 2010.

TWOMEY, Christina. “Framing Atrocity: Photography and Humanitarianism”. *History of Photography*, vol.36, n° 3, 2012, pp. 255–264.

UZOIGWE, Godfrey N. “Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral”. In: BOAHEN, Albert Adu (org.). *História Geral da África (vol.VII). África sob dominação colonial, 1880–1935*. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 21–50.

PROCHASKA, F. K. “Little Vessels: Children in the Nineteenth-Century English Missionary Movement”. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, vol. 6, n° 2, 1978, pp.103–118.

_____. *Women and Philanthropy in Nineteenth-century England*. Oxford: Oxford University Press, 1980.

VOKES, Richard. “Reflections on a Complex (and Cosmopolitan) Archive: Postcards and Photography in Early Colonial Uganda, c.1904–1928”. *History and Anthropology*, vol. 21, n° 4, 2010, pp. 375–409.

_____. (org.). *Photography in Africa: Ethnographic Perspectives*. Londres, Rochester/Nova Iorque: James Currey, 2012.

_____. “Photography, Exhibitions and Embodied Futures in Colonial Uganda, 1908–1960”. *Visual Studies*, vol. 33, n° 1, 2018, pp. 11–27.

YOUNGS, Tim. *Travellers in Africa: British Travelogues, 1850–1900*. Manchester: Manchester University Press, 1994.

WESSELING, Henk L. *Dividir para dominar: a partilha da África (1880–1914)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora Revan, 2008.

WILCOX, Scott; NEWALL, Christopher. *Victorian Landscape Watercolors*. Nova Iorque: Hudson Hills Press, 1992.

WILLIAMS, C. Peter. “The Church Missionary Society and the Indigenous Church in the Second Half of the Nineteenth Century: the Defense and Destruction of the Venn Ideals”. In:

ROBERT, Dana L (ed.). *Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706–1914*. Michigan/Cambridge: William B. Eerdmans publishing company, 2008.

WILSON, A. N. *The Victorians*. Londres: Arrow Books, 2002.

WRIGLEY, Christopher. *Kingship and state: the Buganda dynasty*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. “Totemismo revisitado: perguntas distintas, distintas abordagens”. *Habitus*, Goiânia, vol. 4, n.1, pp. 513–533, pp. 514–515, jan./jun. 2006.

Sites

Andrea Stultiens

<http://www.andreastultiens.nl/>

Church Missionary Society archive

<http://calmview.bham.ac.uk/record.aspx?src=Catalog&id=XCMS>

Church Missionary Society Periodicals – Adam Matthew digital

<http://www.amdigital.co.uk/m-products/product/church-missionary-society-periodicals/>

Church Missionary Society Photograph Collection

<https://janus.lib.cam.ac.uk/db/node.xsp?id=EAD%2FGBR%2F0115%2FCMS>

HIPUganda

<http://www.hipuganda.org/>

Internet Archive

www.archive.org

Metropolitan Museum

<https://www.metmuseum.org/>

Museum of Archeology and Anthropology – Cambridge

<http://maa.cam.ac.uk/>

National Library of Scotland

<https://www.nls.uk/exhibitions/david-livingstone/mary-livingstones-grave/>

National Portrait Gallery

<https://npg.si.edu/exh/awash/awintro.htm>

Newberry Library

<https://www.newberry.org/>

The Royal Museum for Central Africa – Tervuren

<http://www.africamuseum.be/home>

World Heritage List - UNESCO

<https://whc.unesco.org/en/list/>

GLOSSÁRIO

Baganda: população que habita o reino de Buganda

Basomi: “leitores” cristãos; recém convertidos ao cristianismo

Luganda: língua falada pelos baganda

Muganda: singular de baganda

Mukama: título conferido ao soberano (reino de Bunyoro)

Musomi: “leitor” cristão (singular de basomi)

Namasole: título político conferido à mãe do *kabaka*

Ndongo: instrumento musical de oito cordas semelhante à lira

Nganga: harpa de arco

Kabaka: título conferido ao soberano (reino de Buganda)

Katikiro: título equivalente ao de “primeiro-ministro” (reino de Buganda)